

UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO

AS SESSÕES INICIAIS

Livro 8 do Material Seth

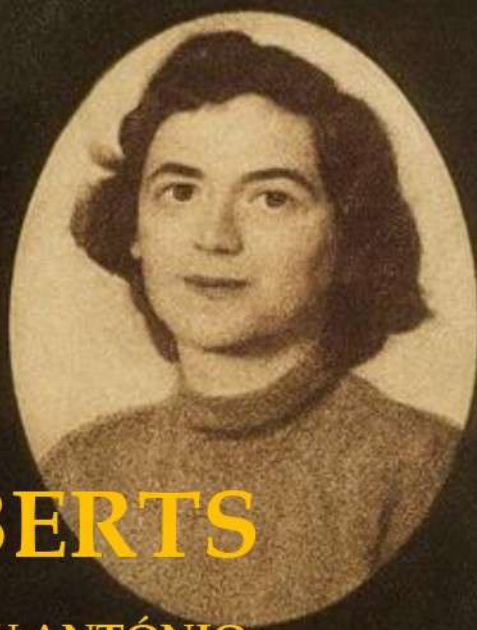
SESSÕES 334-421

12/04/67 - 08/07/68

Por

JANE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO



AS PRIMEIRAS SESSÕES
Livro 8 de “O Material de Seth”
Sessões 334–421
12/04/1967–08/07/1968

© 2014 Laurel Davies Butts
Publicado por New Awareness Network Inc.
New Awareness Network Inc.
Caixa Postal 192
Manhasset, New York 11030

As opiniões e declarações sobre saúde e questões médicas expressas neste livro são do autor e não são necessariamente as do editor, nem por ele endossadas. Tais opiniões e declarações não devem ser tomadas como substituto de consulta a um médico devidamente licenciado.

Design da capa: Michael Goode
Fotografia: Fotos da capa por Rich Conz e Robert F. Butts, Sr.
Edição: Rick Stack
Tipografia: Raymond Todd, Joan Thomas, Michael Goode

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, sem permissão por escrito do editor, exceto por um crítico que possa citar breves trechos numa resenha; nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação, ou transmitida sob qualquer forma ou por quaisquer meios — eletrônicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou outros — sem permissão por escrito do editor.

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso
Seth (Espírito)

As primeiras sessões: volume 8 do Material de Seth / [canalizado] por Jane Roberts; notas de Robert F. Butts.

p. cm.—(Um livro de Seth)

1. Escritos espirituais. 2. Eu — Miscelânea.

I. Roberts, Jane, 1929–1984. II. Butts, Robert F. III. Título.

PREFÁCIO DE ROB BUTTS

Sobre as sessões privadas ou “suprimidas”

6 de julho de 2000. Escrevo com grande emoção, ainda que brevemente, sobre as 16 sessões privadas ou “suprimidas” de Seth, numeradas de 367 a 387, que não estão incluídas neste Volume 8 de *The Early Sessions*. Este é o primeiro conjunto de sessões de comprimento integral a ser omitido em todos os volumes de *The Early Sessions* até agora. Jane realizou apenas cinco sessões “regulares” ou públicas enquanto transmitia este grande conjunto, e essas cinco estão apresentadas no Volume 8.

Durante a maior parte dos seis anos e 510 sessões abrangidos em *The Early Sessions*, de 2 de dezembro de 1963 a 19 de janeiro de 1970, Jane falou por Seth de um modo criativo e, ao mesmo tempo, objetivo. Uma forma que, embora por vezes ainda muito emocional, nos permitiu abarcar esta aventura tão incomum e contínua do modo mais fácil e convencional possível. Incomum? Sim. Sem dúvida que a forma escolhida intuitivamente por ela nos ajudou a aclimatar-nos ao facto, altamente original e criativo, de que Jane estava a aprender a falar, num estado dissociado (ou de transe), por Seth, uma entidade desencarnada que se autodenominava “essência de personalidade-energia”. (Aposto que ainda o faz, 16 dos nossos anos presos ao tempo depois da morte de Jane!) O método de Jane era a sua forma muito individual de desenvolver os seus grandes, e até então conscientemente insuspeitados, poderes.

A minha mulher morreu em setembro de 1984 e, dada a sua relação reencarnacional com Seth, tal como descrita por ele, suspeito fortemente que os dois estejam juntos agora. Em que tipo de relação? Não faço ideia: só posso especular que muitos tipos são possíveis — lembrando sempre que, sim, podem ter escolhido seguir caminhos psíquicos e psicológicos separados.

Em 10 das sessões entre os números 314 e 325, no Volume 7, vemos como, com a necessidade e o consentimento de Jane, Seth estava a alcançar material mais profundo e penetrante, envolvendo as suas vidas consciente e inconsciente. E as minhas também! (Estou agora a rever as provas do Volume 7.) No entanto, nunca chamámos “suprimidas” a essas sessões do Volume 7, e alegra-me confiar que possam ajudar os leitores a obter percepções sobre alguns dos seus próprios desafios. Apreciámos profundamente as percepções e sugestões de Seth acerca dos visíveis e

invisíveis psiquismos de Jane e meus, os desafios que escolhemos criar para nós nas nossas vidas atuais. Com a publicação dos Volumes 7 e 8, gostaria de ouvir os leitores sobre os benefícios que possam ter obtido ao experimentar as ideias de Seth. Os dois volumes serão publicados ao mesmo tempo, em 2001, por Rick Stack, proprietário da New Awareness Network, Inc. O Rick publicou, como é óbvio, os primeiros seis volumes de *The Early Sessions*.

Não que aquelas sessões pessoais do Volume 7 representem o início dos esforços de Seth — sempre com a permissão, e até o incentivo, de Jane e meus — para oferecer a sua compreensão dos nossos desafios. Esse material começou a chegar através da prancha Ouija, sobretudo como dados reencarnacionais, lá atrás na segunda sessão, de 4 de dezembro de 1963. Ver o Volume I de *The Early Sessions*. (Nessa altura, quem falava conosco era apenas um fragmento de personalidade de Seth, chamado Frank Watts. O próprio Seth só nos anunciou a sua presença de forma inequívoca em 8 de dezembro, na quarta sessão. Suprimi alguma da sua informação inicial para nós do Volume I.)

O material pessoal de Seth era surpreendente pela sua clareza inesperada, embora sempre bastante breve. Não insistíamos em detalhes. Como poderíamos? Não sabíamos o suficiente para o fazer, pois, em termos comuns, não tínhamos maneira de antecipar a amplitude e a profundidade do material que Jane e Seth viriam a produzir. Por vezes, nessas primeiras sessões, Seth mencionava um parente ou amigo atual de um de nós — ou de ambos — como estando envolvido no nosso material pessoal. Por vezes, mencionava relações ou heranças reencarnacionais — novamente, de forma breve.

À medida que o material pessoal começou a desenrolar-se, passámos a chamá-lo de material “suprimido”, porque o mantínhamos separado das sessões mais gerais “regulares” ou públicas. Afinal, no sentido convencional, que se deveria fazer com material pessoal, venha de onde vier, senão mantê-lo pessoal? Assim, com o passar dos anos após 1963, passámos a ter dois conjuntos de material de Seth: um público e outro privado. Só após a morte de Jane, em 1984, “arranjei tempo” para compreender que o material de Seth de Jane — o seu grande e apaixonado corpo de trabalho — na realidade não precisava de ser categorizado como público ou privado — que tudo era simplesmente uma única entidade criativa multifacetada.

“Agora”, disse eu mentalmente à minha amada, já partida, com toda a sinceridade, “se tivéssemos a oportunidade de fazer tudo de novo, sugeriria que dispensássemos todas as divisões — que encarássemos o material de Seth como um grande todo, qualquer parte do qual, pública, privada ou intermédia, tem o poder criativo de ajudar não só a nós, mas muitos outros. Que tudo esteja disponível para todos.” Penso que a minha mulher concordaria — depois de primeiro discordar!

De qualquer modo, o material suprimido desde o início está agora prestes a ser publicado. Assim que Rick Stack terminar de publicar *The Early Sessions* (provavelmente com o Volume 9, ao que tudo indica neste momento), planeamos lançar a série *Personal Sessions*. Título efetivo e número de volumes ainda desconhecidos. Orgulha-me estar envolvido neste trabalho com o Rick e a sua mulher, Anne Marie O’Farrell, que é a minha agente literária. O compromisso de longo prazo deles é fundamental.

Durante alguns anos, Jane e eu dedicámos muito trabalho a aprender os processos detalhados em todas aquelas primeiras sessões inéditas, que foram seguidas pela sua série de livros publicados, como *The Seth Material*, *Seth Speaks*, *The Nature of Personal Reality*, e por aí fora. O material suprimido posterior da minha mulher contém até um livro completo e inédito que ela transmitiu só para mim, sobre o artista Rembrandt van Rijn. Página a página, Jane apresentou-me a sua oferta durante o último ano de vida, quando estava hospitalizada. Terei o maior interesse em saber as reações de outros ao livro de Seth sobre aquele indivíduo altamente criativo e mundialmente famoso. Eu já sei que é bom!

E assim continua a unificação de mais facetas do material de Seth. Confio em estar a oferecer indícios suficientemente cativantes, neste ensaio, para manter os leitores interessados em prosseguir o trabalho amoroso de Jane, de Seth e meu. A propósito dessa afirmação, o que resta depois de publicar as sessões suprimidas? Bem, que tal as transcrições, em formato de livro, das aulas de ESP que Jane conduziu de 1967 a 1978? Rick Stack foi um dos seus alunos, indo muitas vezes, com amigos, no percurso semanal de mais de 400 milhas ida e volta, de Nova Iorque até ao nosso apartamento em Elmira, no norte do Estado de Nova Iorque. (E os membros desse grupo tinham de estar de volta à cidade para trabalhar no dia seguinte! Jane e eu costumávamos admirar a resistência deles.) O Rick gravou e produziu muitas cassetes áudio de Jane e Seth a falar nessas aulas; neste momento, está também a produzir um grupo adicional de cassetes.

Depois, há a correspondência comercial e pessoal de Jane; grande parte da sua poesia; os seus diários; a sua autobiografia inacabada; vários romances que escreveu antes de publicar os três livros *Oversoul Seven*; os ensaios posteriores que me ditou, já no hospital, sobre a infância de Seven; a história da sua família, tanto quanto puder ser investigada; uma biografia objetiva das suas vidas física e criativa, incluindo os seus dois casamentos, e as lutas de Jane e minhas para sobreviver antes do advento do material de Seth. E pode haver mais; parece haver sempre mais, como tenho o prazer de notar.

Quanto tempo levaria a publicar todas essas categorias? Não sei quem teria paciência para as ler, mas eu gostaria muito de ver todas elas cá fora, registadas. Parte da Coleção, como lhe chamo, já está disponível na Biblioteca da Universidade de Yale, mas quantos têm tempo para lá ir? Claro que posso sempre dar-me ao luxo do meu desejo secreto e escrever o meu próprio livro sobre a Jane e sobre mim. Tudo o que me faltaria seria o “tempo” para o fazer enquanto supervisiono os projetos já listados. O livro incluiria a arte de Jane, de uma simplicidade bela e de cores brilhantes; também a minha, bastante diferente — especialmente aqueles desenhos e pinturas de e a partir dos meus sonhos, que começaram a florescer à medida que Seth discutia o seu material onírico. Parte desse trabalho está apresentado em *The Early Sessions*. Com toda a modéstia, penso que a minha arte e a sua temática são únicas; que, para cada um de nós, os sonhos são uma fonte original e inesgotável de inspiração e conhecimento.

Mas, no meu próprio livro, também gostaria de escrever sobre o meu segundo casamento. Laurel Lee Davies, natural do Iowa, escreveu-me da Califórnia após a morte de Jane, em setembro de 1984. Ela tinha 29 anos, eu 65. Depois de meses de cartas e telefonemas, encontrámo-nos em Elmira e continuámos a desenvolver a relação intuitiva e amorosa que já tínhamos iniciado. Com as nossas fortes crenças no material de Seth, as nossas idades e diferenças temperamentais não parecem importar assim tanto. A Laurel tem sido uma ajuda maravilhosa para mim em todos os anos em que temos estado juntos, tal como eu tenho procurado ajudá-la. Muitas vezes pensei, e disse-lhe, hesitante, que creio que ela me salvou depois da partida de Jane. E acrescento que eu e a Laurel casámos na nossa casa, na Pinnacle Road, em Elmira, às 21h30 de 31 de dezembro de 1999 — mesmo a tempo do novo milénio.

Entretanto, agradeço a cada leitor por se importar. Agora, se ao menos conseguir pôr em dia, outra vez, a resposta ao correio dos fãs! Sou muito afortunado por as pessoas continuarem a escrever, pois isso mostra que o trabalho de Jane continua vivo. Acolho cada carta e cada encomenda, tal como sei que Jane o faz, e guardo tudo. Oh-oh: aí está outra ideia para um livro — um construído em torno do correio dos fãs, com as devidas autorizações, claro. Hmmm...

Sayre, uma comunidade com cerca de 7500 habitantes, a apenas 20 milhas de Elmira e mesmo do outro lado da fronteira da Pensilvânia, é a minha terra natal. Está repleta de memórias para mim. Jane e eu também passámos aqui os primeiros quatro anos do nosso casamento, antes de nos mudarmos para Elmira, em 1960. Eu e a Laurel comprámos a casa em Sayre, mesmo ao virar da esquina da casa onde cresci, para termos mais espaço de habitação e de trabalho. Agora, cada vez que fazemos a bela viagem até Elmira, é como voltar no tempo — tal como costumava ser quando viajávamos de Elmira para Sayre. E especulo que Jane e Seth observam a Laurel e a mim com muita diversão, agora que manipulamos essa qualidade chamada “tempo” nas nossas idas e vindas entre as duas casas...

Com toda a sinceridade,
Rob

SESSÃO 334

12 DE ABRIL DE 1967

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora. Se pintarem um quadro, a sua qualidade global provém da atmosfera interior do vosso ser.

Da mesma forma, criam a vossa imagem física e o vosso mundo. Se algo nessa imagem física ou mundo precisar de ser mudado, a mudança tem primeiro de ser feita na atmosfera do eu interior.

Pois esta projeção do interior para o exterior é automática.

Compreender os processos envolvidos é de grande benefício. O eu físico parece (sublinhado) reagir a estímulos físicos. Na realidade, claro, está a reagir à sua própria realidade, projetada para fora.

Os objetos no universo físico são apenas símbolos para expressar outras

realidades que existem dentro de domínios privados. O interior será sempre projetado para o exterior dentro do vosso sistema.

Se, por exemplo, receberem uma carta com boas notícias, e reagirem a essa carta com grande entusiasmo, devem compreender que o entusiasmo existiu primeiro, e criou a materialização da carta dentro dos sistemas físicos, através das reações múltiplas e complexas que unem o sistema físico.

Se chegar uma carta irritante e reagirem a ela negativamente, a qualidade negativa precedeu a carta e causou a sua materialização no vosso sistema. Agora, não obrigam alguém a escrever tal carta, percebem. Transmitem os sentimentos negativos, que foram então captados por quem estivesse pronto a recebê-los, para os seus próprios fins.

Não posso enfatizar demasiado que isto é automático. Não quero dizê-lo de forma demasiado simplificada. Nem quero complicá-lo excessivamente.

A intensidade do sentimento interior é o factor dominante aqui. Um sentimento súbito mas intenso de ódio, ressentimento ou medo pode provocar circunstâncias físicas trágicas, por exemplo. Uma exaltação súbita e intensa, contudo, terá o mesmo efeito imediato e literalmente espantoso, mas oposto, no plano físico. Isto é, uma alegria pura, mesmo que de curta duração, pode literalmente mudar o rumo de uma vida.

Entre estes extremos situam-se todas as outras cores e matizes do sentimento interior. Uma variedade de sentimentos pobres ou negativos, contudo, de intensidade relativamente baixa, pode somar-se a um clima emocional geral negativo, que se projeta para o exterior na realidade física.

Estes sentimentos negativos serão traduzidos em termos físicos. De pouco vos serve saber que sintomas físicos ou ambientes físicos inadequados são simbólicos, a menos que percebam que a situação interior pode ser mudada.

Agora parece-vos que uma diferença é feita quando trocam um símbolo físico pobre por um construtivo. A mudança, claro, dá-se antes disso, no eu interior. O ser físico usa simplesmente o sistema físico como um quadro de verificação.

É preciso perceber que as condições físicas não são (sublinhado) permanentes, mas sempre mutáveis. Imaginar o contrário é ficar hipnotizado pelos símbolos físicos. Cada dia deve ser considerado como um novo dia. *O Ruburt* não deve pensar, por exemplo: “Tenho estes

sintomas há tanto tempo.” Isto reforça a ideia de permanência. O dia deve ser visto como um renascimento psíquico.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(O ritmo da Jane tinha acelerado um pouco; os seus olhos abriram-se por vezes, a voz estava normal.)

(Era agora altura de dar os dados sobre os Gallagher, que estão de férias esta semana em Nova Iorque.)

Dêem-nos um momento, por favor. Estas serão impressões sobre os nossos amigos viajantes.

Uma fila de prédios de apartamentos. Está escuro, por isso presumo que seja de noite. Uma visita a um terceiro ou segundo andar. Uma igreja, isto é separado, com decorações que parecem ter forma de aranha. Um vestíbulo em vermelho. Um local subterrâneo onde comem ou bebem, com portadas e uma atmosfera que remete para 1871.

Separado agora, algo relacionado com minas, marinha e uma guerra. Um homem grisalho a contar uma história, com camisola ou camisa vermelha, a falar com o jesuíta. Cerca de 61 anos.

Separado: Uma academia de belas-artes numa zona de igrejas, com um grande edifício federal por perto e uma paragem ou terminal de autocarros. Um livro ou filme sobre espões. Algo emprestado aos nossos amigos ou por eles.

Um fragmento de papel que parece importante. Algo relacionado com peixe, e outra viagem. Não sei aqui: um incidente de escavação ou armadilha numa mina, e um embargo. Um chapéu quase perdido. Hora do chá num sítio que soa como *Abercrombie*. Um quarto quatro andares acima, onde ficam hospedados. Podem fazer uma pausa.

Um encontro de grupo e um especialista. Isto para acompanhar o material dos *Gallagher*.
em *Boston*?”

(A Pat vem visitar-nos brevemente a caminho de casa em Pittsburgh, PA, no sábado, dia 15 de Abril. A 25 de Março gravou a 329ª sessão, com a intenção de passar a gravação à sua turma de honra no liceu. Escreveu-nos desde então a dizer que a gravação foi ouvida. O Seth fez uma excelente palestra para a turma, em duas partes. Ver Volume 7.)

MUITO BEM, COMO EU PREVIRA QUE SERIA

Impressionou vários jovens de uma forma particular. Um rapaz na terceira cadeira de uma fila quase central. Uma rapariga na quarta cadeira de uma das filas mais à direita.

(É domingo, 16 de Abril, enquanto escrevo isto. A Pat visitou-nos no dia 15 e confirmou grande parte dos dados do Seth aqui dados. Ver a minha cópia do mapa que ela desenhou ontem da sua sala de aula. O rapaz na terceira cadeira de uma fila quase central é, segundo a Pat, chamado Dave Lounsbury. A rapariga na quarta cadeira numa fila bem à direita é a Elaine Todd.)

(O Seth também identificou corretamente o lugar do Art Finnegan, a quem se referiu na 329ª sessão: “Há um rapaz na terceira ou quarta cadeira, a contar da frente, na fila da esquerda junto à parede. Ele está na sua última reencarnação dentro deste sistema.”)

Alguém com um nome como Davis, ou que tenha Davis no nome; isto no nome completo.

(Isto corresponderia a Dave Lounsbury.)

Têm mais perguntas?

(“Algum adulto da escola ouviu a gravação além dos alunos?”)

Outros ouviram-na.

(“Na escola?”)

Não foi passada na escola para essas pessoas, creio que dois homens e uma mulher. *H B* pode ser pertinente neste material.

(A Pat não pôde confirmar nada sobre H B. Disse também que duas mulheres estavam na sua turma de honra quando passou a gravação; uma delas era uma professora estagiária de Radcliffe. A Pat também mostrou a gravação a uma amiga sua fora da escola: Ellen Tabb, e ao amigo da Ellen, Adrian, um homem. Isto faz um total de três mulheres e um homem que ouviram as gravações além da Pat, enquanto o Seth menciona dois homens e uma mulher.)

(Também, evidentemente, o Seth não se refere aos dois adultos presentes na aula no dia em que a gravação foi passada. Embora ele afirme que “Outros ouviram-na”, a minha interpretação é que esta referência é à Ellen Tabb e ao Adrian. Esta interpretação resulta em um homem e uma mulher a ouvir a gravação, contra a menção do Seth de dois homens e uma mulher.)

Se tiverem mais perguntas, responderei, ou podem encerrar a sessão.

(“Sobre o que será o próximo livro da *Jane*, depois do livro dos sonhos?”)

O próximo livro será o meu livro.

(“Ela vai mudá-lo da forma como o começou?”)

Sim.

(“Podes dizer de que forma?”)

Não é necessário agora. Um formato alterado, no essencial.

(“Está bem. Suponho que é tudo.”)

Os meus mais calorosos votos para ambos, e uma noite muito afetuosa.

(“Boa noite, Seth.”)

IMPRESSÕES DE SETH SOBRE

A VIAGEM DOS GALLAGHER A NOVA IORQUE

IMPRESSÕES DADAS NA SESSÃO 333 EM 10 DE ABRIL DE 1967

(Seguidas das impressões estão as notas e os comentários dos Gallagher. Revimos o material quando regressara, mas, entretanto, passou algum tempo até terem conseguido analisá-lo em detalhe. Ambos os Gallagher concordaram nas respostas.)

Estas impressões aplicar-se-ão aos nossos amigos, o jesuíta e a amante de gatos.

O quarto: Uma cadeira plástica verde de estilo modernista, com pernas de madeira. Verde-escura. Uma colcha com padrão em relevo, tipo “pontos de vidro” (hobnail). Um aparelho no qual se colocam moedas.

([Os Gallagher:] “Havia uma cadeira modernista verde com pernas de madeira no nosso quarto. Era verde-clara. Havia também uma colcha tipo hobnail na cama. Nenhum aparelho de moedas.”)

O número 202, talvez um endereço ou número de quarto.

([Os Gallagher:] “Que nos lembremos, não. O número do quarto de hotel era 916.”)

Uma banda (“combo”), sul-americana. Conchita.

([Os Gallagher:] “Várias bandas, mas nenhuma sul-americana.”)

Um pergaminho, que não entendo.

([Os Gallagher:] “Não.”)

Um encontro com um conhecido.

([Os Gallagher:] “Sim. O Bill encontrou a Sra. Ed Lagonegro na Oitava Avenida.”)

O número 12, 14 degraus e um relógio circular, muito grande, acima de uma escadaria, com raios a sair dele em dourado, de madeira, de desenho náutico.

([Os Gallagher:] “O número 12 pode ser significativo, pois numa noite o Bill falou muito alto durante o sono, dizendo que tínhamos de ir para a 12th Street. Nenhum de nós se lembra de ter estado na 12th Street, embora estivéssemos na zona.”)

Três amigos e uma história de desastre, embora não muito forte.

([Os Gallagher:] “Não.”)

Algo rachado no quarto em que ficam, talvez um copo ou um espelho. Um pequeno acidente insignificante. Um dedo ligeiramente cortado.

([Os Gallagher:] “Ambos reparámos que a sanita estava rachada, a parte de esmalte.”)

Uma antiguidade de que gostam.

([Os Gallagher:] “Numa loja de antiguidades, eu [a Peg] apontei dois potes antigos muito parecidos com dois que temos e de que gostamos.”)

Uma miscelânea de objetos dispostos em forma de pirâmide.

([Os Gallagher:] “Nada de significativo de que me lembre... pode ser qualquer coisa numa livraria, banca de fruta ou em inúmeras lojas que visitámos.”)

E pessoas vestidas como polícias que não são polícias.

([Os Gallagher:] “Uma das lojas mais interessantes em que parámos foi um tipo de loja ‘Army-Navy’ em Greenwich Village. Esta loja especializava-se em uniformes militares invulgares... casacos que abotoavam de lado, do tipo que possivelmente um polícia do Velho Oeste poderia usar. Jovens experimentavam-nos na loja.” [Nota: Os Gallagher disseram-nos também que a moda na Village é usar tais uniformes.])

Foram para o quarto pouco depois das sete e voltam a sair. Comem num sítio que começa por D. Não é isto: soa como Den-I-ah, no entanto.

([Os Gallagher:] “Não.”)

O jantar fica por \$7,95. O menu tem figuras de sereias ou dançarinas havaianas.

([Os Gallagher:] “Não.”)

Há um balcão comprido e escuro, um estabelecimento comprido e estreito, mesas à esquerda, e demasiadas pessoas para serem servidas, têm de esperar.

([Os Gallagher:] “No East Village parámos num estabelecimento muito interessante, comprido e estreito, com um balcão comprido do lado direito das salas e mesas ao longo do lado esquerdo. Contudo, estava lá muito pouca gente.”)

Uma paragem na 74th Street, e um endereço na 82nd Street.

([A Jane acrescentou:] “A Peg esteve exatamente neste bairro por um motivo específico. Andou na Madison Ave. da 86th até à 74th Street para visitar lojas particulares — uma na 74th — uma poderá ter ficado na 82nd — uma na 86th.”)

DA SESSÃO 334

12 DE ABRIL DE 1967

Uma fila de prédios de apartamentos. Está escuro, por isso presumo que seja de noite. Uma visita a um terceiro ou segundo andar.

(Os Gallagher: “Não.”)

Uma igreja, isto é separado. Com decorações que parecem ter forma de aranha.

(Os Gallagher: “Não. Embora tenhamos passado pela Catedral de St. Patrick.”)

Um vestíbulo em vermelho. Um local subterrâneo onde comem ou bebem, com portadas e uma atmosfera que remete para uma época, 1871.

(Os Gallagher: “Vários sítios poderiam corresponder a essa descrição.”)

Separado agora: Algo relacionado com minas, marinha e uma guerra.

(Os Gallagher: “Sim. Visitámos o Seamen’s Institute [Museum].”)

Um homem de cabelo grisalho a contar uma história. Com camisola ou camisa vermelha, a falar com o jesuíta (*Bill*), cerca de 61 anos.

(Os Gallagher: “Não.”)

Separado: Uma academia de belas-artes numa zona de igrejas, com um grande edifício federal por perto e uma paragem ou terminal de autocarros.

(Os Gallagher: “O Metropolitan, visitámo-lo. Há uma paragem de autocarros em frente, e igrejas na vizinhança. Não nos lembramos de nenhum edifício federal, contudo.”)

Um livro sobre espões.

(Os Gallagher: “O Bill viu vários livros sobre espões em várias livrarias.”)

Algo emprestado aos nossos amigos ou por eles. Um fragmento de papel que parece importante.

(Os Gallagher: “Não.”)

Algo relacionado com peixe e outra viagem.

(Os Gallagher: “Passámos por vários mercados de peixe e reparámos neles.”)

Um incidente de escavação ou armadilha numa mina e um embargo.

(Os Gallagher: “Não.”)

Um chapéu quase perdido... Hora do chá num sítio que soa como Abercrombie. Um quarto quatro andares acima, onde ficam hospedados.

(Os Gallagher: “Não a todos estes.”)

Um encontro de grupo e um especialista.

(A Jane acrescentou: “Sim. No Metropolitan, sozinho, o Bill encontrou um grupo a assistir a uma palestra sobre guerra medieval.”)

SESSÃO 335

17 DE ABRIL DE 1967

(Às 21h00 já estava escuro. Havia uma trovoadas e chuva invulgares mas suaves, que continuaram durante toda a sessão. Os relâmpagos brilhavam em silêncio, seguidos alguns segundos depois por trovões distantes, que pareciam vir de além das montanhas circundantes.)
(Estávamos a ter problemas com o nosso carro, e durante o jantar eu tinha expressado receios de que pudesse estar acabado.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Tens de vigiar as tuas expectativas, Joseph.

Falo em termos muito práticos. As tuas expectativas criam literalmente a tua vida tal como a conheces. A tua atitude em relação ao transporte precisa de um ajuste. Enquanto acreditares firmemente que não podes pagar o tipo de automóvel que queres, isso será literalmente verdade.

As tuas expectativas, por si só, mudarão as tuas circunstâncias materiais. A crença de que podes pagar o tipo de carro de que precisas formará, por si, as circunstâncias que tornarão esse automóvel literalmente possível.

A tua crença contrária corta-te automaticamente o acesso, de tal forma que o clima necessário, o clima psíquico, torna-se uma barreira ao que queres. A crença provocará atrações, nas quais as circunstâncias físicas mudarão. É altamente impraticável acreditar como acreditas, relativamente ao teu carro ou às perspetivas, para outro.

Há muitas distorções no livro da mente universal que o *Ruburt* lê, mas no geral as ideias apresentadas são altamente vantajosas. Não posso sublinhar isto o suficiente: as tuas crenças formam um clima psíquico que, por si, atrai e forma a materialização dessas crenças.

São tornadas materiais através de processos bastante automáticos. Muda as tuas crenças e mudarás as tuas circunstâncias materiais. As tuas crenças atuais sobre finanças e o automóvel estão de facto a impedir-te de melhorares a tua situação financeira. Isto é diretamente causado pelo facto de suspeitares de ideias como estas, benéficas em termos teóricos, mas que consideras impraticáveis na tua realidade.

Pelo contrário, compreender a regra da expectativa é o único passo verdadeiramente prático que podes dar sempre que desejas qualquer mudança nas circunstâncias físicas. Tens de substituir as imagens negativas que tens por imagens positivas. As negativas estão a ser fielmente reproduzidas em termos físicos, e isso dificilmente te beneficia.

Há aqui uma resistência da tua parte, uma resistência ao tipo de material que te estou a dar esta noite. Uma resistência bastante teimosa que tem raízes na tua infância nesta vida. A resistência está a permitir que te enganes a ti próprio em mais do que uma área. Embora estejas um pouco melhor quanto a isto, não houve uma mudança profunda nas tuas atitudes nesta área em particular.

Noutros aspetos, claro, houve mudanças profundas. Pela tua atitude, estás a formar efetivamente uma barreira contra qualquer melhoria financeira significativa. Rejeitas as circunstâncias em que tal melhoria poderia ocorrer automaticamente, por causa do efeito das tuas expectativas.

É evidente que um emprego a tempo inteiro melhoraria a situação financeira, mas não é disso que estou a falar. A tua situação poderia ser melhorada financeiramente mantendo basicamente o mesmo horário de que

agora desfrutas, se — e é um grande se — se expectativas mudadas estivessem a criar o clima psíquico em que o fluxo se daria. Portas abrir-se-iam que nem sabes que existem.

Podes fazer agora uma pausa e eu continuarei.

(21h25. O ritmo da Jane era normal, os olhos abriam-se por vezes, a voz estava melhor do que o habitual, embora não alta. Os relâmpagos continuavam a brilhar.)

Estás preso entre duas atitudes que se combatem uma à outra. Um desejo de austeridade e um desejo por bens materiais. Os dois, trabalhando juntos, poderiam mudar as vossas circunstâncias materiais de formas verdadeiramente espantosas. Quis falar-vos disto, uma vez que o assunto surgiu esta noite.

O nosso clima físico hoje não é o melhor para uma sessão. As correntes elétricas não estão a funcionar a nosso favor; isto é uma circunstância peculiar, incidentalmente, relacionada com uma ionização alterada da superfície do solo, que por vezes ocorre por esta altura do ano. Isto, em ligação com o elevado conteúdo elétrico da atmosfera próxima.

Em vez de um fluxo constante de corrente eletromagnética, em termos gerais, há um bombardeamento bastante errático que afeta assuntos psíquicos como o nosso. Em condições diferentes, uma trovoadela elétrica pode ser benéfica para os nossos propósitos. É a ionização alterada do solo, algo peculiar desta estação, que causa a dificuldade.

Se é um pouco incómodo para mim, é de grande benefício para as coisas que crescem, pois acelera as respostas químicas da vida vegetal. Isto, em combinação com a chuva, percebes.

Vou encerrar a sessão diretamente por esta razão. Teremos a nossa sessão normal na quarta-feira. Se se sentirem enganados, meus amigos, podem, se quiserem, fazer uma breve sessão amanhã. Fica ao vosso critério.

As circunstâncias envolvidas são, no entanto, interessantes, e explicá-las-ei mais claramente na nossa próxima sessão. Têm também um efeito sobre projeções e sonhos, por acaso, e afetam os hábitos das aves. Os meus melhores votos para ambos. Continuará a sessão, mas embora o *Ruburt* não sinta dificuldade do lado dele, eu estou envolvido do meu lado.

Mais uma vez, uma noite muito afetuosa.

(“Boa noite, Seth.”)

(21h43. A Jane disse que não sentiu dificuldade nenhuma. De facto, achou que o Seth estava a comunicar-se muito bem, especialmente quando começou a explicar por que estava com dificuldade. Não notou pausas invulgares no fluxo do material, etc.

(Depois da sessão, a Jane disse que sentia que o Seth ainda estava por perto, o que era invulgar. Sentia que o Seth estava “localizado” mesmo ao lado dela enquanto estava sentada no divã; ou seja, que estava de pé mesmo ao lado e à sua frente. Mas nenhum de nós viu nada de invulgar.

Tanto quanto nos lembramos de imediato, esta é a primeira vez que o Seth faz uma sessão curta pelos motivos acima mencionados.)

SESSÃO 336

19 DE ABRIL DE 1967

(O Bill e a Peggy Gallagher foram testemunhas da sessão.)

(A Jane começou a falar com uma boa voz, mais enfática do que o habitual; os seus olhos abriam-se por vezes, o ritmo era normal.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Boa noite aos nossos amigos.

([Bill:] “Boa noite, Seth.”)

Há bastante tempo que não tenho o prazer da companhia deles, embora tenha estado a observá-los.

([Bill:] “Agradecemos-te isso.”)

Achei Nova Iorque um encontro verdadeiramente vertiginoso, e desejo que no futuro procurem ambientes mais calmos. Agora. Dêem-me um breve momento aqui, e vejamos o que podemos fazer pelo nosso amigo tão fatigado. *(Pausa.)*

(Aqui o Seth refere-se ao Bill, que parte para Syracuse amanhã numa viagem de negócios para o jornal de Elmira.)

O emaranhado em Syracuse não será tão confuso como ele imagina.

Dois homens serão bastante razoáveis. Estas são impressões. Um homem corpulento que ou usa óculos, ou usou, com olhos claros; ou as lentes dos seus óculos são extremamente claras. *(Pausa.)*

O número 12; não sei se isto é uma rua. Dois homens, um pouco mais jovens que o homem corpulento. Agora, por corpulento não quero dizer

monstruoso, mas com excesso de peso. Alguma ligação com uma conta que tem conotações do *Midwest*, ou está ligada ao *Midwest*.

Não tenho a certeza da interpretação física do *Ruburt* aqui do que quero dizer. Terão de deixar o *Midwest* como está. Pode, no entanto, referir-se a algo tão simples como montar a cavalo; mas em ligação com a conta não me refiro, claro, à viagem óbvia.

Um cavaleiro incapaz com corte militar, cabelo acastanhado, precisamente no meio da sua organização. *JC* e uma página final. Uma tentativa de obstrução, embora não em termos políticos. Bastante divertido. Uma tentativa de minimizar ou desviar de um assunto principal aqui, por parte de dois cavaleiros, que parecem oferecer em vez disso um saco de truques. O termo “*formica*” (a minha interpretação fonética). Não sei a que se refere. Um compromisso não agendado será importante, e o ponto fulcral da questão.

Avenida Madison e táticas, e um cavaleiro alto, relativamente bem proporcionado, com uma gravata às riscas. Um encontro inicial aqui. Talvez o nosso amigo o conheça pela primeira vez, ou o veja claramente pela primeira vez.

Toomey ou *Tomey* (a minha interpretação fonética) e 95601. (*Pausa.*) A ligação ao *Midwest* novamente, embora por agora não possa ser mais específico. Um moinho ou *mileogram* (a minha interpretação), Sete, talvez sétimo andar.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(*O Bill não conseguiu dizer muito sobre os dados do Seth. Disse que o Seth descreveu corretamente o homem corpulento de óculos, embora a descrição fosse tão geral que poderia aplicar-se a muitos.*)

Agora. O nosso jesuíta acha as projeções espontâneas bastante benéficas a nível subconsciente, para aliviar a pressão. Literalmente, ele sai de si mesmo. Isto acontece muito mais vezes do que ele imagina. Não utilizou, contudo, a sugestão de forma significativa como auxílio para controlar os seus sintomas.

Disse-te, *Joseph*, que iria falar sobre as alterações magnéticas que me fizeram encerrar rapidamente a nossa última sessão. Agora, como regra, estas condições ocorrem apenas durante esta estação específica. Todos os seres vivos existem, como sabes, para além da forma material. Cada ser vivo tem o que chamariam uma forma astral ou veículo. Isto consiste em realidades eletromagnéticas a operar dentro de frequências específicas.

Nesta estação em particular, os potenciais elétricos estão altamente carregados. O impulso e o potencial das coisas em crescimento criam uma exuberância excessiva, poder-se-ia dizer, saturando a vossa atmosfera e alterando as cargas iônicas tanto do solo como da atmosfera acima.

Há uma preponderância de iões negativos, seguida por um efeito oposto que ocorre com grande rapidez imediatamente após o pôr do sol. Por vezes há uma sobresaturação que equivale a um envelope extra de vibrações atmosféricas. Isto pode persistir, por vezes, até ao amanhecer seguinte.

Fisicamente, têm condições de tempestade, mas para os propósitos das nossas sessões a atmosfera é altamente instável e não fiável. Coloca-me a mim, embora não o *Ruburt*, sob pressão adicional. Estas circunstâncias ocorrem raramente. Podem causar acidentes, dentro do vosso sistema, repentinos e nem sempre vantajosos. Por vezes alterações massivas de humor e exaustão de energias.

Podem ser desastrosas numa personalidade que se projeta, incidentalmente.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(Pausa. Durante o descanso, a Peg disse que as ideias acima encaixam numa teoria de estimacção dela. Recentemente fez um pequeno inquérito informal para descobrir o efeito do tempo nas atividades humanas. Tanto a Peg como o Bill mencionaram um estado caótico no escritório do jornal onde trabalham, embora o Bill tenha dito que isso era apenas resultado da evolução natural de políticas, talvez. A Peg sentiu que a situação se estava a acumular para algum tipo de clímax; falou de pequenos assuntos como limites impostos a chamadas telefónicas pessoais, etc.; várias medidas de economia a serem instituídas; a insatisfação dos empregados.)

Agora achei a pausa muito divertida. As condições de que tenho falado são uma coisa. Quanto ao efeito do tempo sobre os estados de espírito dos indivíduos, isso é outra questão. Pois o tempo é criado por vós, a nível subconsciente. O tempo, em qualquer momento, é uma interpretação física direta da mente coletiva interior. Vocês reagem, de facto, mas já criaram as condições, percebem, e depois reagem a elas de forma psíquica e física.

O estado interior de cada mente individual é projetado para fora. O estado interior causa alterações químicas no corpo físico. Compostos químicos são lançados para a atmosfera. Hormonas são libertadas de variedades específicas. Ocorrem alterações elétricas muito definidas e

únicas na pele, que alteram, em nível de massa, a atmosfera em qualquer unidade de tempo.

Todas estas condições fundem-se para criar o clima peculiar, com as suas inúmeras e constantes mudanças. Estas condições exteriores afetam depois as estruturas físicas individuais e os indivíduos reagem às condições peculiares que eles próprios criaram.

O processo é constante. O tempo provoca atividades psíquicas, até certo ponto assassínios e acidentes. Por outro lado, a atmosfera foi originalmente mental e o tempo origina-se deste nível mental.

Agora. Dêem-nos um momento.

Isto tem a ver com a questão do amante de gatos.

(A Peg Gallagher durante a pausa perguntou-se se o Seth diria o que poderia acontecer no jornal.)

(Os olhos da Jane fecharam-se. A sua voz tornou-se mais lenta. Tinha estado a segurar um copo meio cheio. Agora começou a escorregar-lhe da mão. O Bill Gallagher tirou-lho da mão. Era óbvio que ela estava a entrar num transe mais profundo e continuou a fazê-lo enquanto este material era transmitido.)

Fevereiro e uma mudança de liderança. Um caso virá à tona que chocará muitos. Um caso verdadeiramente lamentável, e uma crise de colapso. Um homem afastado das funções devido a uma situação de saúde grave. E depois da situação de saúde (*gesto*) políticas ou acontecimentos do passado farão sentido, mas haverá um elemento chocante envolvido. Haverá outras pessoas que sairão entretanto, e comportamento autocrático. Será melhor manterem-se afastados de envolvimento. O alcance total destas políticas na sua forma específica não é compreendido pelos superiores do homem. O homem pensa que está a agir em resposta a exigências impostas pelos seus superiores.

(Aqui a voz da Jane tornou-se irregular e por vezes baixa. Fiquei algo alarmado.)

Ele está a comportar-se de forma compulsiva. *(A cabeça da Jane tombou)* As suas atividades provocarão uma situação de quase-(sublinhado) crise no jornal. Ele está a espremer a vida dele simbolicamente e sente a crise emocional *(a voz da Jane soava quase drogada aqui)* para a qual está a ser impelido. Haverá repercussões em casa primeiro, e sinais a aparecerem lá primeiro.

Será melhor fazerem uma pausa.

(Pausa. A Jane teve dificuldade em sair do transe. Os olhos não se abriam, etc. A Peg disse que a parte sobre a atmosfera encaixa perfeitamente e que ela e o Bill já suspeitavam de alguns dos pontos. A Peg diz que H [o homem] acredita mesmo que está a agir em resposta aos seus superiores. A Jane concordou com a minha ideia de que o Seth a colocou num transe mais profundo para permitir que o material viesse à tona [por ser emocional, relacionado com amigos, etc. Depois de cinco ou dez minutos a Jane sentiu-se melhor e fumou um cigarro.]

(Retoma. Os olhos da Jane fechados, cabeça baixa, voz lenta com pausas. Entra agora imediatamente num transe profundo.)

Iremos encerrar a sessão em breve. Haverá uma pista primeiro na situação doméstica, com a qual os nossos amigos podem (sublinhado) estar familiarizados, embora não seja geralmente conhecida, envolvendo uma criança. Feminina. Aproximadamente dois meses antes da crise principal.

Houve outros casos, mantidos em segredo.

(A cabeça da Jane caiu num ângulo estranho, a voz tornou-se mais baixa.)

Alguma situação com drogas, não necessariamente de natureza altamente ilegal, contudo. Um médico e um homem são contidos à força.

(Agora a Jane parecia sussurrar para si própria e depois murmurar as palavras um pouco mais alto, mas tão baixo que tive de me inclinar para ouvir.)

O colapso será emocional, mas mostrará uma natureza física, afetando sintomas circulatórios (*hesitou na palavra*) e o coração, mas isto será secundário.

A situação parecerá súbita. Não acredito que envolva morte. Contudo: uma separação. Então os superiores, que já suspeitavam do comportamento compulsivo do homem, verão a situação real. Haverá um escândalo. A palavra pode não ser a mais adequada, mas será um acontecimento chocante.

(Durante toda esta parte, a Jane articula as palavras e repete-as um pouco mais alto do que um sussurro.)

É melhor encerrarmos a sessão. A natureza chocante aparecerá principalmente no lar. Contudo, algumas reações psicóticas observáveis tornar-se-ão evidentes no (*agora quase a sussurrar*) local de trabalho, envolvendo acessos de raiva de natureza infantil cada vez maior. A sessão está encerrada.

(“Boa noite, Seth.”)

(Sessão terminada.)

(Neste último segmento, a voz da Jane estava extremamente baixa e foi-se apagando quase até desaparecer quando as últimas palavras foram pronunciadas. Estive quase a interromper a sessão. Foi estranho vê-la a sussurrar as palavras para si mesma e depois a tentar torná-las audíveis para nós. Muitas foram repetidas desta forma. A Jane não se sentia particularmente bem antes da sessão. Depois de finalmente sair do transe — o que demorou algum tempo — sentiu-se bem. Sabia vagamente que o copo ia cair, mas depois disso perdeu o contato. Sentiu que o rosto estava diferente de uma forma estranha, que os músculos relaxavam em formas diferentes, mas ninguém notou qualquer mudança. Penso que o Seth a pôs num transe profundo para proteger dela própria com este material tão carregado, tal como não aconteceu com a Barbara quando ele não estava por perto.)

RESULTADOS DA VIAGEM DO BILL GALLAGHER A SYRACUSE

AS SUAS IMPRESSÕES DADAS EM 5 DE MAIO DE 1967

A viagem não será tão confusa como ele imagina.

([Bill Gallagher:] “Não foi tão má como pensei que seria.”)

O número 12.

([Bill Gallagher:] “O número do meu quarto, 552, dá 12.”)

Ligações ao Midwest com a conta.

([Bill Gallagher:] “Nenhuma de que eu saiba.”)

Cavalheiro incapaz com corte militar.

([Bill Gallagher:] “Não.”)

Tentativa de obstrução (filibuster).

([Bill Gallagher:] “Não.”)

Um compromisso não agendado será importante, e o ponto fulcral da questão.

([Bill Gallagher:] “Houve uma reunião não agendada na noite em que cheguei. O representante da agência com quem trato pediu para me ver.”)

Avenida Madison. Tácticas e um cavalheiro que o Bill vê claramente pela primeira vez.

([Bill Gallagher:] “Não.”)

Formica.

([Bill Gallagher:] “Não.”)

SESSÃO 337

26 DE ABRIL DE 1967

(A sessão programada para segunda-feira, 24 de Abril, não foi realizada. A Jane não se sentia bem esta noite e tinha estado cansada na segunda-feira.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora, o nosso amigo raramente tenta bloquear durante uma sessão como fazia no passado. Contudo, depois de uma sessão em que estive em transe profundo, uma parte dele torna-se cautelosa. Foi por isso que não tivemos a nossa última sessão. *(Pausa.)*

Os dados que dei nessa noite eram de facto legítimos. Parece que dois outros homens ficarão envolvidos como resultado dos acontecimentos que mencionei. Haverá uma reorganização e mudanças de pessoal. Haverá algumas mudanças no departamento comercial e, creio, na publicidade. Também uma mudança específica no departamento editorial. Haverá mudanças, entretanto, que afetarão correspondentes que escrevem para o jornal em áreas próximas, e diretivas.

Dêem-nos um momento para outra coisa.

É possível *(pausa longa)* que as mudanças de que o Philip foi informado não ocorram e que, além disso, nunca tenham sido destinadas a ocorrer: que lhe tenham sido ditas por outras razões.

(O John Bradley é chamado Philip pelo Seth. Recentemente disse-nos que o seu território poderia ser alterado, deixando de fora Elmira e passando a incluir uma área de pequenas cidades na Pensilvânia. Como o Seth passa a outro assunto em breve, anoto aqui que o John Bradley e o Bill Gallagher envolveram-se numa discussão animada na noite anterior a esta sessão, sobre o tema da guerra.)

Um homem com cabelo muito escuro a ficar calvo e sobrancelhas escuras que teve ou tem bigode, pertence à família da Pat Norelli. *(Pausa.)*

Agora não podemos fazer mais com o nosso amigo esta noite. Está tudo bem. Ele está bem. Uma pequena nota. O episódio da noite passada foi de certa forma perturbador de forma agressiva. Principalmente por

causa das atitudes interiores dos envolvidos. Simbolicamente, percebem, e por baixo de tudo, ambos os homens mostraram características que, sob outras circunstâncias, poderiam tê-los levado à violência em nome das suas convicções.

Uma crença não deve possuir. Eles estavam psiquicamente a acrescentar às circunstâncias infelizes sobre as quais discutiam, e ambos eram igualmente culpados por essa razão. Uma batalha recriada na mente reforça a explosão psíquica original e a contemplação da guerra ajuda a projetar esse desastre para o futuro. Discutir agressivamente que a guerra é errada é uma estupidez irónica, pois tal indivíduo já exibe essas características que levam à guerra.

É errado pensar que contenção em tais circunstâncias ou discussões é cobardia, embora possa sê-lo, claro. Abster-se de discutir enquanto, ao mesmo tempo, se força deliberadamente pensamentos ou imagens de paz representa uma ação positiva. A intensidade das imagens ou pensamentos pacíficos, infelizmente, raramente iguala a intensidade da amargura, percebem. Pensamentos de reconciliação ou paz fazem, de facto e na prática, a sua parte para destruir as causas da guerra. Uma vez que o *Ruburt* está mais calmo, podem fazer uma pausa e eu continuarei.

(Pausa. O ritmo acelerou à medida que a transmissão prosseguia.)

(Retomar sessão.)

Agora, o *H* do jornal não está a fazer tudo isto inteiramente por conta própria. Através de hábitos pobres, atrai influências negativas de outros e, na verdade, amplifica-as, projetando-as para fora de forma altamente ampliada. Isto consome grande parte da sua energia.

Há aqui uma ligação entre o episódio da noite passada e o clima psicológico carregado emocionalmente por detrás do comportamento manifesto: o comportamento, por exemplo, não foi violento de forma alguma.

(“Sim.”)

Existem áreas profundamente escondidas do comportamento humano muito abaixo da superfície das ações, e são essas que as causam. São trocas psíquicas. Antes do início de qualquer guerra, subconscientemente cada indivíduo sabe não só que uma guerra vai ocorrer, mas também o seu desfecho preciso. As batalhas, como outros atos físicos, existem primeiro no reino mental. Quando este reino é pacífico, não há guerras. Todas as vossas atividades físicas, desde as políticas às económicas e até às mais

insignificantes preocupações individuais, têm origem na existência mental, e o seu resultado é conhecido.

Criar uma existência interior harmoniosa é um ato positivo com efeitos de grande alcance, e não um ato de isolamento. Desejar a paz intensamente é ajudar a alcançá-la. Aceitar a guerra ajuda a prolongar a sua existência física. Estas não são palavras ocas nem são ditas de forma simbólica.

As guerras não são apenas perturbadoras dentro do vosso sistema, mas causam repercussões graves para indivíduos que morrem em combate. O episódio aparentemente pequeno da noite passada apresentou em miniatura as atitudes básicas que estão por trás de atos agressivos.

Há um processo de curto-circuito em que até boas intenções são distorcidas e desviadas para outros fins. Aquilo que é temido é temido com tanta força e sobre o qual se concentra tanta intensidade que é atraído em vez de repellido. A abordagem não deve ser o medo da guerra mas o amor pela paz; não o medo de má saúde mas a concentração na fruição de boa saúde; não o medo da pobreza, mas a concentração nos recursos ilimitados disponíveis na vossa terra.

O desejo atrai mas o medo também atrai. O medo severo é altamente perigoso neste sentido e neste contexto.

Podem fazer uma breve pausa e continuaremos.

(Pausa. O ritmo da Jane foi mais rápido durante esta parte, e os olhos estavam frequentemente abertos.)

(Retomar a sessão.)

O nosso amigo está finalmente a aprender a afastar a concentração dos seus sintomas, e está a perdê-los. A atenção prolonga-os. A concentração intensa mesmo num objeto é útil sempre que se sente incomodado.

Concentração, uma viagem imaginada, qualquer exercício que seja intenso e desviador é benéfico. Agora, para mostrar ao nosso amigo que também posso fazer concessões, vamos encerrar a sessão.

(“Boa noite, Seth.”)

(22h08. Fim da sessão.)

SESSÃO 338

1 DE MAIO DE 1967

(A Jane começou a falar com muitas pausas, algumas bastante longas.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ora bem. O universo físico tal como o veem representa, em todos os seus padrões complexos, os processos internos muito mais vastos e incrivelmente mais complexos que não são físicos.

O ambiente físico imediato do vosso próprio apartamento, por exemplo, é o resultado de processos internos contínuos com os quais não estão familiarizados. A existência, manutenção e aparência desse ambiente dependem de manipulações internas e transferências automáticas que são tão naturais e necessárias à vossa existência física como a respiração.

Cada variação mínima da matéria física que percebem é causada por variações internas mínimas que não percebem. Cada matiz insignificante de cor, mudança de textura, em grau ou tipo, é diretamente causado por diferenças internas correspondentes.

Em muitos aspetos, o próprio corpo físico auxilia nestas transformações, através de interações químicas, alterações em delicados equilíbrios eletromagnéticos, variações de temperatura e através de outros métodos que serão discutidos em breve.

O físico, com a sua complexidade múltipla e espantosa, sugere apenas a verdadeira natureza da realidade interior, contudo, pois toda a realidade interior não pode ser traduzida em termos físicos. O vosso próprio ambiente físico é constantemente cuidado por vós automaticamente.

Reflete constantemente, à sua maneira, a natureza do vosso ambiente interior. Novamente, isto está longe de ser simbólico. Cada mínima alteração da existência psíquica e emocional altera imediatamente a natureza do ambiente físico através de interação instantânea.

Se, por exemplo, às duas horas o vosso apartamento vos parece confortável, acolhedor e pacífico, e vinte minutos depois de repente parece cheio, desconfortável e desarrumado, então vejam que isto não é imaginação. Alteraram as relações existentes dentro do ambiente físico imediato e percebem a mudança fisicamente.

A mudança em si é o reflexo direto de alterações psíquicas e psicológicas internas; mas alteraram efetivamente a natureza do ambiente

físico e a qualidade que o permeia. A influência de outros também está envolvida.

Compreendem agora o que é, ou não é, o espaço em termos físicos. Em termos psíquicos também há algo que pode ser explicado vagamente em termos de relações espaciais, mas que tem a ver com intensidades. Uma forte intensidade de determinada natureza pode dar-vos a sensação de desordem ou falta de espaço. Isto é o mais próximo que posso chegar, neste momento, para vos dizer como este tipo particular de transformação pode ocorrer.

Há obviamente um elemento de cooperação aqui, pois cada consciência viva tem o seu papel a desempenhar na manutenção do ambiente, que por sua vez fornece o seu alimento.

Podem fazer uma breve pausa e continuaremos.

(O ritmo da Jane manteve-se bastante lento, com muitas pausas. Os olhos abriam-se ocasionalmente. A voz estava normal. Retomar no mesmo tom.)

Pensamentos e emoções ativam diretamente a mecânica da matéria física, alteram-na e transformam-na, mantêm-na e também a destroem.

O início do vosso universo físico ocorreu quando energia consciente dirigiu atenção suficiente (*pausa longa*) numa dimensão generalizada, para provocar a formação de propriedades físicas. A criação foi exatamente isso.

A primeira explosão de energia psíquica numa dimensão não generalizada provocou o nascimento de especificidades.

Antes disto, a dimensão generalizada era simplesmente inexistente, um vazio, que a consciência ainda não tinha preenchido. Como a consciência ou ação nunca pode materializar-se totalmente, há literalmente infinitudes de tais áreas inexistentes das quais podem surgir novas dimensões.

A consciência ou ação forma todas as realidades. Aquilo que não é representa apenas uma possibilidade que a consciência pode trazer à vida. (*Pausa longa.*) A consciência formou então de si própria uma nova dimensão, que foi a física. A formação, a explosão de energia, fragmentou a consciência em uma infinidade de partes, cada uma com todas as capacidades contidas na consciência em si.

De si mesma, portanto, e de si própria, a consciência deu à luz a sua nova dimensão de experiência, e depois experienciou o que tinha criado,

estendendo-se ainda mais e, por sua vez, gerando novas possibilidades de desenvolvimento.

A consciência, portanto, cria e mantém-se continuamente, e isto inclui a materialização física, as propriedades da dimensão, e ainda assim, no essencial, não há diferença entre o criador nestes termos e o criado. Nem entre a realidade interior, que forma a matéria física, e os próprios objetos físicos, pois os átomos que são manipulados para formar objetos são, eles próprios, uma parte da consciência, e vivos nesses termos. Eles respondem a diretivas emocionais e psíquicas tal como o corpo físico responde à luz.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(O ritmo da Jane tinha acelerado um pouco até à pausa, mas ainda era lento.)

Tudo isto que falo sobre consciência e ação não significa que a consciência não tenha identidade.

Não poderias apreciar nem compreender, nem eu posso, a natureza da identidade tal como é conhecida no geral. O que sabemos de identidade representa fragmentos e estilhaços que chamamos de nós próprios. Estes são, no entanto, parte da identidade primordial. Os estilhaços possuem individualidade, e tais unidades nunca serão dissolvidas.

Ainda assim, são apenas uma porção da identidade primordial, e sem elas, a identidade primordial não poderia conhecer-se nem agir sobre si mesma nem desenvolver as suas próprias capacidades ou potenciais.

Agora, da mesma forma que a consciência originou a dimensão física, vós, enquanto porções de consciência, continuam a mantê-la e a criá-la de novo. A vossa fonte de energia é essa primeira criação, em que a consciência se focou, onde antes não se tinha focado. Vocês também se conhecem e se desenvolvem através das vossas próprias criações, e criam e mantêm automaticamente o vosso ambiente físico da mesma forma que respiram. A vossa imagem física e o vosso ambiente físico são ambas extensões materializadas do vosso eu interior.

O próprio corpo físico, no entanto, tem muito mais a ver com a manutenção do ambiente do que é percebido, pois usá-lo faz com que o ambiente se torne quase como um segundo corpo, que se estende para fora do primeiro, através do qual expressam as vossas inclinações e características. Surgem complicações intrincadas à medida que elementos ambientais se fundem e se misturam com os de outros. Podem ver aqui a formação de características nacionalistas a nível de massa.

Isto é criação constante. A criação inicial forneceu a energia, a dimensão da possibilidade em si, mas cada partícula de consciência tentará sempre expressar-se dentro de tantas possibilidades quanto possível. O eu interior, portanto, cria o corpo físico e a terra sobre a qual se move.

Vamos encerrar a sessão mas continuar este material na quarta-feira. Os meus mais calorosos votos para ambos. Tenham também em mente que, como indivíduos, estão a criar novas dimensões através das quais a consciência pode conhecer-se, tanto na experiência física como dentro de outros sistemas. Como parte da consciência, outros sistemas não vos estão fechados, mas como organismos físicos, outros sistemas estão-vos fechados.

(“Boa noite, Seth.”)

SESSÃO 339

3 DE MAIO DE 1967

(O Bill e a Peg Gallagher assistiram à sessão.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

E boa noite aos nossos amigos.

([Bill:] “Hum de do.”)

Os nossos melhores votos, como sempre, para o jovial jesuíta.

([Bill:] “Obrigado e o mesmo para ti, Seth.”)

Bem, encontramos um homem idoso com vista fraca e catarata parcial no olho esquerdo, indício de paralisia parcial do lado esquerdo. Um tremor de um distúrbio antigo, afetando o sistema nervoso. O homem de quem o *Ruburt* recebeu a carta. Um distúrbio motor marginal. Uma personalidade desordenada, mas com capacidades psíquicas legítimas, contudo, bastante bem desenvolvidas. Um fervor missionário, uma congregação ou corpo de alunos de aproximadamente 200, mas só de nome — o centro, contudo, com cerca de 26 participantes. De facto, um cavalheiro de muitos talentos. Um homem bem-educado mas incompreendido, cujas tendências infantis agora estão em destaque. Vê mal de um olho.

(O Seth está a falar da carta de Gonzolus, de Indianápolis, Indiana, que recebemos esta semana. O homem idoso e a escola de espiritualismo. Carta em papel timbrado da escola — trémula e difícil de ler. Estrutura frásica simples — infantil. Enviada de Nova Iorque.)

Há uma mulher próxima dele com quem tem uma relação fraternal, e que o ajuda a cuidar das suas necessidades. Ele tem cerca de 54 anos, está de pé, e ainda trabalha à sua maneira, contudo. Uma ligação a *Bombaim* e um envolvimento com trabalho brilhante na juventude. Agora, dêem-nos um momento.

Em ligação com os irmãos e a outra carta. *(Pausa.)* Temperamentos totalmente diferentes, mas muito próximos. Alguns anos de diferença de idades. 54 e 36, ou essa diferença de idades. *(Pausa. Dezoito anos, então.)* *Scrub*. Um talvez extremamente meticuloso. Contido. Não é o que escreveu a carta. O que escreveu a carta é geralmente o menos dominante dos dois. *(Pausa.)* Um pai, um homem muito idoso, ainda vivo num lugar que é estrangeiro ou distante dos irmãos. *(Na Austrália, como soubemos mais tarde.)*

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

Dêem-nos um momento, por favor. Creio que a mãe da família já não vive nos vossos termos. Parece haver um acontecimento desastroso ligado ao passado da família, e relacionado com morte. Talvez nos anos 1930; e uma relação com uma tia. O acontecimento ocorreu num local desconhecido, desconhecido para a vítima ou vítimas, na altura. Algo a ver com um padre ou monge, algo dessa ordem: um membro da família ou confidente.

Ferd, em França, muito aproximadamente em 1831, *Versalhes*. Ele sabe de mim, mas não tem consciência de todos os níveis da sua própria identidade ou personalidade. Uma viagem, na vida francesa, à China.

(Pausa longa.) Um pequeno quintal com limoeiros para os irmãos. Uma casa de estuque cor-de-rosa, dois quartos na parte de trás, não é uma casa nova. Uma peculiaridade no lado esquerdo da casa. Uma escada interior, embora não pareça ser uma casa bifamiliar. *(Pausa.)* Usaram a tábua na cozinha. Há algum espaço entre a casa e a estrutura seguinte à direita. Talvez um lote. Ficam perto da esquina à direita, mas não na esquina.

O edifício à esquerda é mais próximo. Parece ser uma garagem, uma garagem privada, mas não acredito que o seja. Tem um grande desenho quadrado na frente, como uma porta de garagem ou de celeiro grande, ou até de quartel de bombeiros. Não estão longe da água. Não há muitas estruturas entre eles e a água. Relva alta por um tempo, e alguns postes de madeira e arame.

(“Estás no local agora?”)

De certa forma. Dunas de areia, de certo modo. Lá está, mudei de posição. Agora estou de frente para a casa. Diretamente atrás dela, parece não haver estruturas. Parece livre de estruturas até à água. Mas agora para a direita: as direções mudaram agora devido à minha posição. A estrutura da garagem está agora à minha direita, e atrás dela há outras estruturas que descem em direção à água. E além disso, uma zona de dunas, uma praia, a maré está cheia.

(“Que horas são?”)

É início de noite. Há estes postes de madeira bastante finos, mas não redondos (*franze a testa, gesticula*) retangulares no topo, percebem. Talvez à altura da anca, à esquerda da minha posição. A linha costeira não é reta aqui. Algum tipo de efeito de baía, à esquerda. (*Gesticula com a mão direita.*) O terreno é assim, percebem, não reto. O terreno curva e volta a sobressair.

(“O teu ponto de vista é agora de cima?”)

Para a informação da linha costeira, embora se possa ver isto da praia. Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(Isto acabou por ser o fim da sessão. As minhas perguntas não incomodaram a Jane. Até eu perguntar se o Seth estava no local, ela via o que descrevia, mas não claramente [ou o Seth via]. Depois disso, contudo, sentiu-se sem corpo, mudou de posição para responder às minhas perguntas com mais clareza e ter uma visão mais ampla. Não tinha consciência da sala onde se sentava a dar a sessão, mas, claro, ouviu [ou o Seth ouviu] as minhas perguntas e respondeu-lhes. Sentiu que ocorreu uma projeção parcial, não total, já que apenas a visão operava no outro local, em vez de, por exemplo, todos os sentidos. Sentiu-se suspensa no ar, mas capaz de se mover.

(Não tínhamos consultado quaisquer mapas, etc., para localizar Chula Vista, Califórnia [onde vivem os irmãos] antes da sessão, claro. Antes de terminar estas notas, contudo, verificámos e descobrimos que Chula Vista fica de facto perto de uma baía; a costa lá não é reta.)

SESSÃO 340

10 DE MAIO DE 1967

(A sessão programada para segunda-feira, 8 de Maio, não se realizou. 8 de Maio foi o aniversário da Jane e celebrámos em casa dos Gallagher.)

(A Barbara Ingold, que mora no apartamento em frente ao nosso, assistiu a esta sessão.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

([Barbara:] “Boa noite, Seth.”)

Boa noite à nossa amiga. Agora, para a nossa jovem senhora: tens de vigiar as imagens que pintas com a tua imaginação, pois permites à tua imaginação demasiado livre reinado. Se leres o nosso material mais antigo, verás que o teu ambiente e as condições da tua vida em qualquer momento são o resultado direto das tuas próprias expectativas. Formas materializações físicas destas realidades dentro da tua própria mente.

Se imaginares circunstâncias terríveis, má saúde ou solidão desesperada, estas serão automaticamente materializadas, pois esses pensamentos trazem consigo as condições que lhes darão realidade em termos físicos. Se queres ter boa saúde, se queres boa saúde para a criança, então tens de imaginar isto com a mesma intensidade com que, no medo, imaginas o oposto.

Crias muitas das tuas próprias dificuldades, senão todas elas. Isto é verdade para todos os indivíduos. O estado psicológico interior projeta-se para fora, adquirindo realidade física. Isto aplica-se independentemente da natureza desse estado psicológico interior. A forma como isto é feito já foi discutida muitas vezes e está registada no material. Recomendo que o leias. As regras aplicam-se a toda a gente. Podes usá-las em teu benefício e mudar as tuas condições, assim que perceberes quais são as regras.

Não podes escapar às tuas próprias atitudes, pois elas formarão a natureza daquilo que vês. Literalmente, vês o que queres ver, e vês os teus próprios pensamentos, as tuas próprias atitudes emocionais, materializados em forma física. Se mudanças devem ocorrer, terão de ser mudanças físicas e psíquicas. Estas refletir-se-ão no teu ambiente físico. Atitudes negativas, desconfiadas, temerosas ou degradantes em relação a alguém funcionam contra ti mesma e contra os indivíduos envolvidos. Agora, se queres mudar

alguém, muda os teus pensamentos em relação a essa pessoa, e mudanças aparecerão no mundo dos dados sensoriais.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

Agora: tens de compreender, antes de mais nada, que a telepatia opera constantemente a um nível subconsciente. Se esperas continuamente que qualquer indivíduo se comporte de determinada forma, então estás constantemente a enviar-lhe sugestões telepáticas de que ele assim fará. Cada indivíduo reage à sugestão. Assim, segundo as condições específicas existentes no momento, tal indivíduo agirá, até certo ponto, de acordo com as sugestões de massa que recebeu.

Essas sugestões de massa incluem não apenas as que lhe foram dadas por outros, verbal e telepaticamente, mas também as sugestões que ele deu a si mesmo, tanto em estado de vigília como em sonho. Se o indivíduo A está num período de desânimo, então isso deve-se a ele já ter sucumbido a sugestões negativas próprias e alheias. Se agora o vês e pensas que ele parece miserável — ou que é um bêbado incurável — então, de facto, essas sugestões são captadas por ele subconscientemente, mesmo que não tenhas dito uma palavra, e na sua condição já enfraquecida, serão aceites e postas em prática.

Se, por outro lado, pensando nele nas mesmas condições, te deténs e dizes suavemente para ti mesma: “Ele começará a sentir-se melhor agora” — ou “A sua bebedeira é temporária” — e há de facto esperança aqui, então terás dado ajuda, pois as sugestões representarão pelo menos alguma pequena munição telepática para combater a guerra do desânimo.

Há obviamente formas de moldares as tuas próprias condições, protegeres-te das tuas sugestões negativas e das que outros te dão. Deves apagar imediatamente um pensamento ou imagem negativos substituindo-o pelo seu oposto.

Se pensas: “Tenho uma dor de cabeça”, e não substituis essa sugestão por uma positiva, então estás automaticamente a sugerir que o corpo estabeleça as condições que resultarão na continuação do mal-estar. Podem fazer uma pausa e continuaremos em breve. Dar-te-ei um *spot commercial* melhor do que o teu *Excedrin*, percebes? A dor de cabeça curta. Dir-te-emos como não ter nenhuma.

(Os olhos da Jane abriam-se por vezes, o ritmo estava bom.)

Agora: não estás a ouvir o que a tua própria voz interior diz. Estás a ouvir o que o teu ego diz, e esse eu fala através da tua boca e depois ouves

as palavras desse eu. Mas estas não são as palavras do eu total. São apenas as palavras da parte do eu com que mais estás familiarizada.

Não estás a falar de questões essenciais. Estás a lançar dragões de papel para serem trespassados, mas esses não são os verdadeiros dragões. Tens de aprender a ouvir a voz do teu eu interior, pois se sabes a utilidade que tens para este homem, não reconheces a natureza da utilidade dele para ti.

Construíste defesas tão fortes que não ouviste a voz do eu interior. O eu interior dificilmente deve ser temido. Permitiste que o ego se tornasse um eu falsificado, e aceitas a sua palavra porque não ouves a voz abafada que está dentro de ti.

Tens examinado os outros, em vez de examinares a ti mesma. O que vês nos outros é a materialização daquilo que pensas, subconscientemente, que és — não necessariamente o que és. Por exemplo: se os outros te parecem falsos, é porque enganas a ti própria e depois projetas isso para fora, nos outros.

Isto são apenas exemplos agora. Se um indivíduo só vê o mal e a desolação no mundo físico, é porque está obcecado com o mal e a desolação e projeta-os para fora, fechando os olhos a tudo o resto. Se queres saber o que pensas de ti própria, então pergunta a ti mesma o que pensas dos outros, e encontrarás a resposta.

Isto é, claro, a nível subconsciente. Outro exemplo apenas: um indivíduo muito trabalhador pensa que a maioria da humanidade é preguiçosa e inútil. Ninguém jamais o chamaria de preguiçoso ou inútil, mas pode ser precisamente esta a sua imagem subconsciente de si mesmo, contra a qual se força incessantemente, tudo num esforço para provar que a sua autoimagem errónea é, de facto, falsa. E tudo isto sem perceber o seu conceito básico de si mesmo e sem reconhecer o facto de que o projeta para os outros.

O verdadeiro autoconhecimento é indispensável para a saúde ou vitalidade, e isto aplica-se em todos os casos. O reconhecimento da verdade sobre o eu significa que deves primeiro descobrir o que pensas de ti mesma subconscientemente. Se for uma boa imagem, constrói sobre ela. Se for uma má imagem, reconhece-a apenas como opinião do subconsciente e não como uma verdade definitiva.

O subconsciente tem as suas opiniões assim como o ego tem. Podem fazer uma pausa e continuaremos. À parte disto: *(os olhos da Jane*

fecham-se) Pat Norelli. Estas são impressões, e vou dá-las tal como surgem. NA-R. É melhor separares essas letras com traços. Um gravador ou gira-discos: em particular, três mulheres e um homem. Ou pode estar presente apenas um, não sei. Um tapete comprido e estreito, uma entrada frontal. Uma história inacreditável contada. Padrões numa parede. Algo a ver com um coro grego, um encontro missionário, isto é, relacionado com fervor, percebes. M I C H. Lá em baixo no vale. Façam uma pausa.

(Pausa. A Jane estava “não presente” durante estes últimos dados.)

Agora. Esta será uma sessão relativamente breve e iremos terminar em breve. Vou aqui repetir a minha sugestão anterior de que a nossa amiga leia o meu material anterior. É importante que todos percebam as formas como as vossas atitudes e sentimentos afetam os outros através dos mecanismos telepáticos, e as formas como o mais pequeno pensamento afeta as vossas próprias emoções e a condição física da vossa imagem.

Para a nossa convidada: deves dizer a ti mesma frequentemente, “*Só reagirei a sugestões construtivas,*” pois isto dá-te alguma proteção contra os teus próprios pensamentos negativos e os dos outros. Podes observar estas leis em funcionamento onde trabalhas e também, em privado, quando estás sozinha. Um pensamento negativo, se não for apagado, quase certamente resultará numa situação negativa, num desânimo momentâneo, numa dor de cabeça, de acordo com a intensidade original do pensamento.

Agora: se te apanhares a dizer a ti mesma: “*Tenho uma dor de cabeça,*” deves imediatamente dizer “*Isso já faz parte do passado. Agora, neste novo momento, neste novo presente, já me sinto melhor.*” Então, imediatamente, afasta a tua atenção completamente da tua condição física. Concentra-te em algo agradável ou começa outra tarefa.

SESSÃO 341

15 DE MAIO DE 1967

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Ora bem. Uma vez que estamos sozinhos, gostaria de discutir algum material mencionado noutra sessão recente.

A criação é constante. Devido à natureza da ação, a criação não pode ser senão simultânea. Cada ato de criação dá origem a outro, e abre novas dimensões de atividade. Dentro do vosso próprio sistema, o pensamento torna-se materializado, e não há literalmente fim para a atividade dos pensamentos. No entanto, os pensamentos estão ligados à linguagem e ao desenvolvimento altamente organizado do ego. São traduções e símbolos de uma atividade interior. Regra geral, são altamente orientados para o físico, a sua função é familiarizar o ego, adaptado fisicamente, com certos dados interiores.

Os pensamentos podem traduzir tais dados de forma relativamente fiel, embora nunca completa, ou podem distorcê-los consideravelmente. Por trás dos pensamentos estão imagens, que são mais básicas mas ainda orientadas para o físico. Por serem mais básicas, têm um efeito mais forte. São mais carregadas emocionalmente, mais concisas do que os pensamentos, e estão diretamente ligadas à mecânica envolvida na tradução de dados interiores para a realidade física.

Por trás destas, por assim dizer, existem o que podem chamar imagens térmicas, nas quais gradações delicadas de calor formam padrões emocionais em constante mudança que têm, de facto, um contorno semimaterial. A partir destes, percebem, constroem-se imagens normais, e a partir das imagens formam-se os pensamentos.

A própria consciência percebe diretamente, e estes diversos métodos de percepção foram adotados para fazer face a várias circunstâncias físicas. Tais imagens térmicas encontram-se no que se chama o cérebro antigo, e a estas, o corpo responde com alterações de temperatura que desencadeiam várias reações químicas.

Por exemplo, na minhoca, o processo termina aqui. Nas chamadas formas superiores, o processo químico em si permite a criação de uma imagem ordinária. Isto provoca novas respostas térmicas e alterações químicas, que permitem que os processos de pensamento prossigam.

Todos estes procedimentos são, contudo, desnecessários para a consciência em si. São necessários para desenvolver a comunicação entre a consciência não física e a forma física que adotou. A consciência, ao formar uma imagem, ou criá-la, responde-lhe então de forma criativa, estabelecendo molduras para ações criativas adicionais. A consciência experiencia a realidade diretamente, mas tendo formado a matéria física numa imagem pessoal, deve então traduzir criativamente os dados para esse cérebro físico. Deve mantê-lo informado.

O cérebro observa o universo físico, e a consciência reage então, novamente de forma criativa, a esse ambiente. A informação é agora transportada em sentido inverso para o eu interior, num processo instantâneo e automático. Assim, o pensamento torna-se uma imagem interior, que é traduzida numa imagem térmica, e depois numa forma intuicional, em dados altamente condensados e codificados, e depois numa espécie de experiência pura e direta que não podem compreender como criaturas físicas.

Toda a informação do eu interior é altamente condensada e codificada, e existe em pureza eletromagnética.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(A voz da Jane estava mais forte do que o habitual. Usou pausas curtas frequentes e os olhos estiveram fechados a maior parte do tempo.)

Este procedimento automático funciona então nos dois sentidos, constantemente. Várias partes do eu retêm a memória da informação, ainda na forma em que a interpretaram. Os pensamentos e imagens, embora condensados, são no entanto retidos nos seus níveis particulares da personalidade, na sua própria forma.

Ora, o processo não cessa nos limites físicos do eu, contudo. Os dados até aqui foram vistos como viajando do eu interior para fora, sendo traduzidos de conhecimento puro em imagens térmicas, imagens interiores e pensamentos. Obviamente, palavras e ação seguem-se.

As ações resultam em materializações físicas concretas. Estas são todas altamente coloridas e carregadas, contudo, e a substância da materialização física é em si consciente e viva. Existem ligações ocultas mas muito definidas entre o eu e os objetos que criou no seu ambiente. O ambiente é simplesmente uma extensão do eu, e esses objetos dentro dele são parte da personalidade física ou fisicamente materializada. Daí as vossas ideias de posse.

Os objetos carregam uma forte carga emocional e psíquica. A personalidade existe interiormente de formas que não são logo aparentes, mas também existe exteriormente de formas que não veem. Existem, claro, fusões onde eus se fundem literalmente com outros eus, formando um eu corporativo. Mas os eus unitários mantêm a sua identidade, tal como numa nação os cidadãos mantêm a sua, mesmo que a nação, por vezes, aja como uma unidade, partilhe impulsos e desejos coletivos específicos, e trabalhe para vários objetivos.

Tudo isto envolve criatividade constante, não apenas manutenção mas criação totalmente original e nova.

Tenho estado a falar apenas do vosso sistema presente, mas há sempre uma progressão para outros sistemas. O crescimento de cada (*sublinhado*) semente requer um ato separado de criação. Não há um ato criativo de massa, pois todas as porções de consciência têm o seu papel na criatividade. Este é o significado de ação, de consciência, e de individualidade: a liberdade de criar.

Sem isto, haveria apenas uma criatividade ilusória, sem envolvimento e sem o envolvimento da ação. Cada sonho é um ato criativo, que não poderia ser iniciado de outra forma, altamente individual.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

Agora, decidis arbitrariamente que a imagem física pessoal é o limite exterior do eu. Como sabem, na realidade, não existe tal limite físico. É o resultado da vossa perceção. Mesmo fisicamente, percebem, não existe tal limite. Podem ver isto, por exemplo, em epidemias.

O eu físico estende-se para fora, literalmente, até aos confins do vosso universo, mas o cérebro físico não poderia lidar com esta quantidade de manipulação, e tornou-se subconsciente. O homem primitivo reconhecia as suas relações mais claramente. O homem especializado, fisicamente, não se pode dar a esse luxo.

Fisicamente, são parte do vosso ambiente, e formam-no tal como formam a vossa imagem. Há muito mais a dizer aqui, e iremos aprofundar isto em breve. Pois isto não é uma relação simbólica mas prática.

Jung estava correto ao postular um inconsciente coletivo. Mas, com o seu conhecimento limitado, não viu que este inconsciente existiria fora do vosso sistema tridimensional inteiramente, contendo futuro assim como passado, nem que tem tal efeito coesivo sobre a humanidade como um

todo. É o único eu com origens dentro do vosso sistema, mas existência fora dele.

O inconsciente coletivo não é estático, contudo, e interage e muda constantemente.

Essas são todas fases de criatividade constante dentro do vosso sistema. Constantemente acrescentam ao inconsciente coletivo, e constantemente recebem dele. Contudo, transformam aquilo que recebem. Cada objeto físico tem um efeito psíquico sobre todos os outros objetos, e uma existência psíquica que é independente da sua existência física. Há uma interação constante entre todos os objetos, e vários deles criarão um clima psíquico envolvente que afeta aqueles que com ele entram em contato.

Agora. Separadamente, as letras, em maiúsculas: S, e A, e G ou C ou Z. Em ligação com uma carta para o *Ruburt*, e também talvez com uma carta escrita pela mesma pessoa para outra pessoa. Vamos encerrar a nossa sessão. Os meus mais calorosos votos para ambos. (“Boa noite, Seth.”)

(O ritmo da Jane foi mais rápido, os olhos abriram-se muitas vezes, a voz estava normal. Ela disse que o Seth “não se foi embora depressa, depois de dizer boa noite.” Pensou que ele ia dizer mais qualquer coisa.

(A Jane esteve no programa da Edna Bartlett na WELM na segunda-feira, 15 de Maio de 1967, em Elmira.

(Uma carta que a Jane recebeu na terça-feira, 16 de Maio, pode ou não estar relacionada com o parágrafo final acima. A carta é do seu correspondente em West Brookfield, Massachusetts, o Reverendo James C. Crosson. O Reverendo Crosson não se referiu ao programa na WELM, claro, mas na sua carta oferece à Jane uma oportunidade de dar uma palestra sobre ESP em Massachusetts, que é o mesmo tipo de atividade.

(Acontece que ele também escreve críticas de livros para a publicação Garrett, Parapsychology, que recentemente fez uma crítica ao livro da Jane. A Jane acha que o Crosson teria feito uma crítica melhor, e inteiramente legítima, do que a que recebeu. E depois acrescentou:

*(Muito mais tarde, em Novembro de 1968 — Crosson escreve, sem eu saber, a um editor da Doubleday a falar-lhes do meu livro *Dreams, Astral Projection & ESP* e sugere que o vejam. Só soube disto em Janeiro, quando o Crosson me contou numa carta. Crosson — o C, claro, e os dois S dão um som de Z.)*

SESSÃO 342

17 DE MAIO DE 1967

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora: Toda a criação é constante, e a realidade física é formada e mantida em reinos mentais, provocada por experiências psíquicas (*pausa*). Estes acontecimentos interiores são o resultado das características próprias da ação. A ação, ao trabalhar continuamente sobre si mesma, cria mais ação.

Inicialmente, isto é ação mental, um evento de ação. Este evento de ação afetará então todos os outros eventos, em espiral para dentro e para fora em todas as dimensões possíveis, e pode ser percebido nessas dimensões de forma bastante diferente da sua natureza original. Em cada sistema, só pode ser percebido de acordo com os padrões de camuflagem aí inerentes.

Esta sala física e este momento específico dentro desta sala existem todos simultaneamente noutros sistemas, embora possam ou não aparecer na mesma forma. A energia gerada ao desencadear um dado evento de ação nunca se perde. Parte é retida pela materialização inicial e pelas que se seguem. O termo *que se seguem* é usado por simplicidade. Sabem ao que me refiro.

Todas estas formas, contudo, são, como percebem, espontâneas e instantâneas. Da mesma forma que uma ideia pode aparecer no vosso sistema como um pensamento, uma imagem mental, uma imagem de sonho ou como um objeto físico, assim qualquer evento de ação aparece em muitas formas.

A vossa vida psicológica depende da vossa capacidade de perceber e reagir a tais eventos de ação. A vossa reação, claro, cria novos eventos. A vossa identidade, o vosso eu interior, é um evento de ação principal, formando outros tais eventos que são as várias porções da vossa personalidade.

Existem tanto eventos de ação privados como coletivos, todos estes sendo fisicamente materializados dentro do vosso sistema. A criação, então, continua constantemente e cada consciência tem o seu papel a desempenhar. O funcionamento interligado das comunicações telepáticas

presta-se a padrões de massa. Muitos indivíduos a reagirem a um dado evento podem fazê-lo combinando a sua energia para produzir um grande evento de ação em resposta.

Tais materializações coletivas ganham uma força emocional tremenda, e aparentemente varrem qualquer ação em conflito. Grandes movimentos na história são um exemplo disso. Certas ideias também são acordadas e mantidas com tanta intensidade que moldam grande parte da atividade física, simplesmente por causa da forte energia mental e psíquica que geram.

Isto não significa que tais ideias sejam necessariamente válidas, percebem, mas no vosso sistema certamente aparecem como tal, devido à intensidade com que são mantidas. Esta intensidade faz surgir a materialização física correspondente que os sentidos então percebem, e o círculo fecha-se.

A materialização depende da intensidade de pensamento por trás dela. Se as guerras são consideradas inevitáveis, percebem, então haverá guerras. Se a morte é considerada o fim de tudo, então, para todos os efeitos práticos, os indivíduos na vida física comportar-se-ão como se isso fosse de facto verdade.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

Agora: inversamente, se não aceitarem a ideia de reencarnação, isto não significa que a reencarnação não seja um facto. Significa que esta energia insuficiente manterá esta realidade num nível tão baixo que não se materializará suficientemente como um evento dentro do vosso sistema. Para o eu egoico, será um não-facto e os sentidos físicos, claro, não encontrarão quaisquer dados sensoriais para confirmar a reencarnação.

Mencionei há muito tempo que a criatividade continuava a operar numa obra de arte muito depois da sua conclusão física. A intensidade que primeiro gerou, digamos, uma pintura, continua a operar e há uma nova criação desencadeada na troca entre essa pintura e cada observador dela.

Os pensamentos e imagens resultantes, por sua vez, são expressos e afetam outros, e não apenas simbolicamente. Como devem saber, os atos mentais têm uma realidade eletromagnética que afeta diretamente o eu interior, que forma diretamente a natureza em constante mudança do eu interior. Pois o eu interior é, afinal, composto de ações mentais, e a própria entidade está sempre em mudança.

Nunca pensem nele como algo estático. Há uma constante troca entre todas as porções do eu, e a entidade muda à medida que interage com outros níveis da personalidade. Qualquer pensamento experimentado por vocês é experimentado por todos os vossos possíveis eus, embora em várias formas.

Um pensamento experimentado por ti é também experimentado pelos teus eus prováveis, percebes, de uma forma ou de outra. Eles reagirão à sua maneira característica, e viverão o pensamento à sua maneira, que pode ser bastante diferente da tua.

O pensamento pode ser rejeitado, mas haverá algo a rejeitar. O pensamento pode ser relativamente insignificante para qualquer eu provável e pode ser muito fugaz. Os eus prováveis, de uma forma ou de outra, reagirão, formando outros eventos de ação. A criatividade constante aplica-se então a todos os sistemas, e aquilo que crias num sistema tem também efeitos noutros sistemas.

A tua imagem física e o teu ambiente são materializações exteriores que representam os teus eventos de ação interiores em qualquer momento. Estes são observados pelos sentidos físicos de ti mesma e dos outros. Podes, portanto, verificar o teu estado interior observando o teu estado exterior. Essa verificação envolve sempre ação, contudo, o que já altera aquilo que é percebido. Todas estas ações aparentemente separadas pertencem juntas, percebes, e ocorrem ao mesmo tempo. *(Pausa longa.)* Estou a tentar aqui transmitir-te uma ideia bastante complexa, mas ainda não a fragmentámos o suficiente. Façam uma pausa e veremos o que podemos fazer. Tentarei decompor isto enquanto a mente dele estiver momentaneamente ocupada com outra coisa.

(A Jane disse que o Seth estava a pensar em algo relacionado com pontos de momento; ela teve algumas imagens, “como formas de estrela, só que em camadas grossas.”)

Em vez disso, começaremos a nossa próxima sessão com este material e, por agora, tenho alguns comentários a fazer. Quando esfregaste as costas do nosso amigo (Jane) na outra noite, de facto melhoraste a sua condição. Isto não foi basicamente por causa da ação física envolvida, embora neste caso as ações físicas fossem necessárias para a tua própria expressão.

Enviaste energia vital de cura e resolução para o corpo físico dele, e o calor que ele sentiu foi o resultado dessa energia. O sentimento tinha-se acumulado em ti para o ajudar. A massagem expressou esse sentimento teu,

e depois atuou diretamente num nível de dados sensoriais que ambos precisavam na altura para confirmar o que era uma experiência interior.

Grande parte da criatividade do homem é expressa diretamente através das mãos, e por essa razão são frequentemente usadas em experiências de cura. Têm uma importância sentida intuitivamente pelo eu interior.

Quando o *Ruburt* está envolvido em atividade e a sua mente direcionada para outra coisa, afastada dos sintomas, então os sintomas são grandemente minimizados, e por vezes desaparecem. Isto representa um bom progresso da parte dele, uma vez que anteriormente achava difícil concentrar-se em qualquer atividade.

Contudo, quando cessa a atividade, tende a ativar os sintomas em vez de direcionar a atenção para outra coisa. A interrupção da atividade física não é a questão, embora ele pense que é, no final do dia. Uma conversa estimulante, uma atividade mental interior estimulante servem bem para o distrair. Uma série de tais lapsos acentua a condição, claro. Então ele usa o seu livro e a sugestão para limpar o ar e começa novamente de novo.

A melhoria geral é evidente.

Vamos encerrar a nossa sessão. Os meus mais calorosos votos para ambos. Uma pequena palavra: as tuas mãos, na outra noite, serviram, claro, como uma ponte de entendimento e entendimento construtivo, corretamente aplicado — ou seja, uma ajuda construtiva e não uma simpatia demasiado ansiosa nem uma acusação implícita. E agora, mais uma vez, boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim da sessão.)

(Recebemos uma carta da Pat Norelli hoje, na qual ela confirma algum material clarividente sobre ela, dado pelo Seth na Sessão 340. As notas estão incluídas nessa sessão.)

SESSÃO 343
22 DE MAIO DE 1967

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora. Os pontos de momento são, de facto, compostos por ação, ação a experienciar-se a si própria. O que vós vedes e experienciais fisicamente representa apenas uma pequena parte, uma mera fração do que a realidade é. Existem universos dentro de universos. A ação é, e ainda assim forma a sua própria experiência. Os pensamentos assumem padrões eletromagnéticos que têm as suas próprias materializações como sistemas universais. O vosso corpo físico é uma série de ações, embora a palavra série seja usada apenas por uma questão de simplicidade. A natureza da ação provoca profundidades em termos de intensidades que não compreendeis, mas estas intensidades acumulam-se até à aparência da matéria física dentro do vosso sistema.

Nunca encontrareis uma primeira ação, e apenas dentro do vosso sistema tal busca faz sentido. Vós formais a realidade, a forma, dos pensamentos, pois estes têm forma, de modo muito semelhante a como respirais; e tendes tão pouco controlo sobre eles, uma vez criados, como tendes sobre a vossa respiração.

As complicações são demasiado intrincadas para que eu vo-las explique. Vós formais a vossa imagem e a matéria física do vosso ambiente, e estas, sendo ação, são percebidas como realidade noutros sistemas. Podem não ser percebidas como objetos físicos, mas como realidade que se conforma à estrutura de camuflagem particular dentro de cada um.

Os pensamentos têm aquilo a que podeis chamar cor e forma, bem como estrutura e intensidade eletromagnéticas. Estes elementos, combinando-se, formam a vossa imagem física, nos vossos termos. A ação nunca pode ser decomposta até uma unidade primeva ou original, pois constrói-se automaticamente a si própria, e portanto nunca pode ser subtraída. Nem pode ser isolada. Está em todas as coisas que vedes, e invisível por constituir a aparência de qualquer construção física.

Não é o que vedes, e ainda assim o que vedes é isso. A visão em si é isso, a coisa vista e o observador. Não podeis parar a ação nem na vossa mente, pois a tentativa de parar a ação é, em si, uma ação. O que chamais morte é uma ação. Não é o fim dos atos. O eu, na morte, é de facto mais

ativo, regra geral, do que antes, e os recursos do eu são utilizados com maior proveito.

O eu continua. Mesmo a substância do corpo físico continua, no entanto, a atuar. A ação divide-se em vários eus e depois explora os pontos de momento da experiência, pois cada novo eu é, de facto, uma nova ação, um ato original.

Há nascimentos que nada têm a ver com o nascimento físico, e descendências tão reais quanto. A descendência física é originalmente uma projeção, mas estas originam novos atos apesar da ideia original por detrás delas. Ou seja, os pais desejam projetar-se a si próprios, percebem, mas acabam por ser participantes de uma nova personalidade. Os pensamentos, como descendência, têm um efeito forte em todos os sistemas e alteram diretamente o material de camuflagem de qualquer sistema.

Podeis fazer uma pausa e continuaremos.

(Os olhos da Jane estiveram fechados a maior parte do tempo. A voz dela era normal, com pausas.)

Agora. Estou a tentar tornar isto claro. Os pontos de momento têm uma estrutura, electromagneticamente.

A estrutura, no entanto, nada tem a ver com a intensidade. Agora, muito lentamente: o vosso universo físico inteiro representa um ponto de momento num desenho global. Contudo, o desenho em si está em constante mudança, e não tem início nem fim nos vossos termos.

Ao estudardes o vosso universo físico, as distâncias parecem grandes apenas por causa do vosso próprio ponto de referência interno. A estrutura eletromagnética do vosso universo, de forma básica, está dissociada da sua estrutura física, embora parte dela possa ser deduzida através do estudo da estrutura física.

O vosso universo físico representa um pensamento em aspetos mutáveis de tornar-se, com todas as possibilidades inerentes dentro do pensamento a desdobrarem-se em existência. O pensamento também existe noutros sistemas, sendo materializado de acordo com outros padrões de camuflagem, e surgindo possibilidades completamente diferentes por causa dessas diferenças.

Mais uma vez, isto não é simbólico. Apenas através do uso dos sentidos interiores podeis obter um ponto de vista que esteja, em certa medida, livre do vosso próprio sistema. O eu interior compreende a

natureza da sua própria realidade, tem certeza da sua identidade e está bem ciente do seu poder na criação de ações que projeta para fora de si.

Os sentidos interiores permitem-vos seguir algumas destas ações para outras realidades. O ponto de momento, por um lado, é obviamente uma divisão minúscula da ação. Por outro lado, é uma entrada em possibilidades desconhecidas e novas dimensões. Ao investigardes qualquer ponto de momento dado, tornais-vos automaticamente parte dele e modificai-lo em conformidade, à medida que ele imprime as suas impressões em vós. Estas trocas ocorrem em muitos níveis: psicológicos, químicos, eletromagnéticos, psíquicos. Há variações subtis, como sabeis, no vosso eu conhecido de um instante para o outro, à medida que afetais o vosso ambiente físico e o formais, e ele, por sua vez, vos forma. E isto apenas no nível físico.

As alterações psicológicas são milagrosas e tão rápidas que não poderíeis acompanhá-las. O mais pequeno pensamento altera mudanças químicas e eletromagnéticas no corpo que afetam diretamente a estrutura do universo físico imediato. No estado de sonho, as alterações são ainda mais fortes.

Podeis fazer uma pausa e continuaremos.

(A Jane disse que não conseguia lembrar-se de muito do material.)

Agora. É possível que um indivíduo experiencie uma parte de um ponto de momento de tal forma que pareça (*sublinhado*) que não há fim para ele. Pode, por exemplo, continuar dentro dele por várias reencarnações. Eus reencarnados não são mais do que eus prováveis, a escolherem experienciar várias formas. Nessas circunstâncias, a personalidade não deixa o vosso sistema, nos vossos termos, durante algum tempo, embora tudo isto seja subjetivo. A experiência é a única realidade, percebem.

Agora alguns comentários sobre outro assunto.

Vós sois de grande benefício quando ajudais o Ruburt com as sessões de pêndulo. Há então uma declaração implícita de propósito, na qual ambos trabalham juntos para a completa restauração da sua imagem. Sem isto, ele tende a divagar.

Há também a vantagem psíquica de que o desejo de ajuda se intensifica a dobrar. E quando ambos estão presentes, eu estou presente também, e posso ajudar-vos.

(“Provavelmente não estou certo em todas as conclusões que tiro durante as sessões de pêndulo, no entanto.”)

Tendes feito bastante bem. O incentivo da vossa presença é de benefício psíquico para o Ruburt, e o exercício de trabalhar com o subconsciente pessoal também lhe é útil. Ele também está habituado a trabalhar convosco nas nossas sessões, percebem.

Disse-lhe há algum tempo, antes de dormir, para se ver em formas de atividade altamente flexíveis, a correr, saltar ou dançar, e volto a repetir isto agora. Ele deve também começar de novo a sugerir que o seu próprio subconsciente o ajudará no estado de sonho, pois as imagens que encontra aí podem ser das mais benéficas.

Não há dúvida de que ele prefere a porta aberta, mas compreende as razões para as portas fechadas. Ele finalmente percebe a vantagem de ir a pé para casa. Isto será uma ajuda definitiva. Não deve haver discussão disto com os Gallagher. Ambos devem sair para dançar agora.

Estas sugestões devem ser suficientes se seguidas. Em absoluto, como sugeristes, uma completa honestidade de sentimentos deve ser admitida. Os palavrões quando ele bebe são um resultado direto do facto de que tenta negar sentimentos agressivos de outra forma. O jardim deve ser iniciado como uma via de escape, e uma criativa, para sentimentos agressivos.

Terminaremos agora a nossa sessão. Os meus mais sinceros votos para ambos.

(“Boa noite, Seth.”)

(A Jane relatou que estava “bastante longe”.)

SESSÃO 344

7 DE JUNHO DE 1967

(Esta noite, depois do jantar, levei a Jane ao quiroprático para tratamento da rigidez no pescoço. Antes da sessão, falei em voz alta ao Seth, pedindo-lhe respostas diretas às minhas perguntas sobre os sintomas recentes da Jane. No dia 5 de Junho fiz uma sessão de pêndulo de duas horas sozinho, sobre os sintomas da Jane, e recebi algumas respostas reveladoras acerca do papel que desempenhei neles. Isto está escrito e poderá ainda ser acrescentado.)

(Praticamente assim que terminei de falar com o Seth, os olhos da Jane fecharam-se. Estávamos sentados à mesa da sala de estar. Ela começou a falar com uma voz normal, com pausas, olhos quase sempre fechados.)

Agora. A personalidade sentiu-se como se estivesse presa, amarrada, sem oportunidade de ação. As declarações do Ruburt, há poucos momentos, sobre os seus sentimentos em relação ao seu futuro, foram e são importantes. Aquilo que ele aceitava como uma condição temporária teme ser uma permanente — isto é, as posições temporárias. Ele esperava mais. Infelizmente, projetou uma situação presente para o futuro, o que, em certa medida, resultou numa falta de mobilidade; as condições presentes vistas então como se fossem continuar indefinidamente.

(A Jane expressou estes pensamentos enquanto preparava o jantar esta noite; foi a primeira vez que a ouvi falar assim. Talvez a minha sessão de pêndulo recentemente a tenha ajudado a tomar consciência dos próprios sentimentos desta forma.)

(“Bem, certamente as minhas atitudes rígidas contribuíram para a falta de mobilidade dela.”)

Ele, como expliquei antes, tem um eu espontâneo muito forte, que foi ensinado a temer. Foi por desconfiança deste eu espontâneo que ele aceitou as tuas sugestões tão prontamente e sem discussão. Isto resultou, de facto, em mais falta de mobilidade, com bloqueios emocionais fortes por causa do sentimento que tem por ti. Isto explica algumas das dificuldades, aliás, na vossa vida íntima juntos.

(“Estamos a tratar de dissipar estas restrições da forma certa agora?”)

Remove o maior número possível de limitações. O eu espontâneo é notavelmente resiliente e recupera dos próprios erros quando os comete.

Uma viagem de férias será de grande benefício, por causa da mobilidade física no espaço, percebes. O maior número possível de pequenas deslocações, além disso, também ajudará.

(*“A Jane tem artrite?”*)

Não há artrite aqui. Há uma forte reação de pânico contra restrições, tanto internas como externas, a imobilidade do medo. Aquele que não se move não pode cometer erros; e ele sentiu que tinha cometido um erro grave ao permitir que o Fell publicasse o livro. Os teus próprios sentimentos em relação ao Fell tinham um poder emocional forte.

(*“Acredito nisso agora.”*)

E o Ruburt ficou assustado. De outro modo, acredito, teria ido a Nova Iorque e encantado o seu caminho até, pelo menos, obter resultados mais específicos.

(*“A Jane bloqueou este material de ti antes?”*)

Ela fechou-me o acesso ao material, o que é algo diferente.

(*“Achas que foi sensato irmos hoje ao quiroprático?”*)

Os tratamentos devem trazer benefício.

(*“Estamos muito preocupados com quando é que estes sintomas vão acalmar, naturalmente.”*)

Dá-nos um momento. (*Pausa, olhos fechados.*)

Percebes que não posso dizer-te quando, categoricamente, por causa das possibilidades. Se restrições suficientes forem levantadas, de modo que o Ruburt sinta que tem a tua bênção — e não apenas aceitação muda —, por exemplo, para tentar várias possibilidades; se fizerem umas boas férias fora do vosso ambiente imediato; se o Ruburt sentir que pode antever alguma liberdade de atividade, em que possa manobrar no próximo ano—

(*“Ele pode ter toda a liberdade que quiser.”*)

—então deveréis ver alguma melhoria relativamente imediata quando ele perceber que estes passos serão tomados. Ele ficou paralisado de medo. As ações que tomou não teve aprovação interior para elas. As que queria tomar pareciam, por razões interiores ou exteriores, proibidas, e, na frustração, adotou os sintomas. Muito disto porque projetou este presente desconfortável para o futuro, percebes. Era tudo o que tinha em perspetiva. Esse era o seu pensamento interior, e isto foi interpretado literalmente.

(*“A partir de agora ele pode ter toda a liberdade que quiser.”*)

Deves compreender que ele precisará agora da tua ajuda para a usar. Isto é bastante importante. Ele terá medo de cometer erros; e teme que o culpes por eles.

(“Eu não. Falo a sério. O que quero saber é se podes ajudar a impressionar a minha própria mudança de atitude na Jane para que isso a ajude no dia-a-dia? A ideia é que ela tenha liberdade, e assim por diante.”)

Esforçar-me-ei por fazê-lo e acredito que posso até certo ponto. A adoção dos sintomas de artrite teve de facto alguma identificação materna, mas também foram adotados simplesmente porque eram sintomas com os quais o Ruburt estava familiarizado. *(Olhos abertos, enfático.)*

Os sintomas incómodos ou assustadores começaram quando o Ruburt iniciou a sua procura de trabalho, sem o saber conscientemente. As suas atitudes já tinham mudado. No passado, ele via o trabalho como temporário. Agora significava fracasso.

Ele sentiu-se particularmente sensível ao procurar emprego precisamente quando o seu livro chegou às livrarias. Parecia ser o único momento em que não deveria ter de procurar, percebes.

Os sintomas nas mãos também têm a ver com um sentimento de que ele não enfrentou a realidade. Quer ter a oportunidade de o fazer à sua maneira, embora perceba que a sua maneira pode não resultar financeiramente, percebes. Quer tentar.

(“Eu também quero que ele tente.”)

Ele está assustado porque, se isto não resultar, terá de enfrentar novamente a outra situação. A tua doença foi um choque para ele, e tem tido medo de fazer algo que te faça sentir inseguro.

(“Acho que me sinto mais segura do que nunca.”)

A tua personalidade de facto cresceu e amadureceu em quase todos os aspetos desde as nossas sessões. O medo do Ruburt, uma vez desencadeado, infelizmente serve para libertar medos infantis irracionais que depois desencadeiam estas sensibilidades.

A mãe dele era imóvel, e ainda assim, quando criança, ele teve de depender dela. É o medo dele que o sensibilizou novamente para estas questões antigas. Podes fazer uma pausa.

(A Jane disse que antes da sessão pediu ao Seth para a anular, para que recebêssemos material sem distorção. Estava consciente do que dizia enquanto o dizia. Retoma da mesma forma.)

Os sonhos com os vários apartamentos foram um escape, pois aí, pelo menos, ele podia mover-se em novas situações, onde agora sentia que estava preso em situações estacionárias.

Se falo devagar é simplesmente porque procuro na mente dele aquilo que possa encontrar de útil.

(“Ele está aberto para ti agora?”)

Bastante, sim.

(“Achas que ele está a bloquear alguma coisa?”)

Não acredito que esteja a bloquear. No entanto, ainda há algumas portas fechadas.

(“De que forma?”)

Portas automaticamente fechadas.

(“Aham que é algo que devêssemos saber para lidar com este problema?”)

Dá-nos um momento.

(Pausa, mão nos olhos fechados.)

Percebes que, por causa do pai e do avô dele, particularmente do avô, ele cresceu a acreditar que era uma fraqueza trabalhar para outros, por causa da imobilidade envolvida. O avô dele, como vendedor, andava livremente, e temia trabalhar para outros. Isto, aparte da escrita.

(“Sim.” Hoje, também, a Jane recebeu uma carta do pai, que vive na Florida. Vinha incluído algum dinheiro atrasado de aniversário.)

Ele demorou muito a procurar trabalho e resistiu a cada passo, até temer que ficasses simplesmente furioso. Mas ficou ainda mais imóvel, percebes.

(“O trabalho na escola infantil contribuiu para os sintomas?”)

Não o trabalho em si.

(“Era isso que eu queria dizer.”)

Era o único tipo de trabalho que podia ter aceite e mantido durante algum tempo, fora o trabalho na Avon. Se ele conseguir perceber que trabalhar fora pode ser apenas temporário, poderia continuar a fazê-lo sem dificuldade.

Para um arranjo a longo prazo, aulas privadas, se funcionarem financeiramente, seriam mais benéficas.

(“Ele sofreu algum dano físico com os sintomas?”)

Ele não sofreu até agora qualquer dano físico. Os tratamentos quiropráticos devem ajudar a libertar fisicamente os braços e a manter a

estrutura equilibrada, já que ele não tem conseguido fazê-lo sozinho. Isto deve acalmar reações nervosas e dar-lhe tempo para recuperar.

(*“E quanto à sugestão do óleo de fígado de bacalhau?”* [pelo quiroprático.])

O óleo de fígado de bacalhau é agora suficientemente seguro. No passado, contudo, tendia a agravar a sua condição porque a palavra artrite, por si só, carregava uma força emocional tão grande. Essa força agora enfraqueceu.

(*“Sim, mas não se diria, a olhar para ele.”*)

Os sintomas voltaram a agravar-se depois de ele ter assinado o horário de trabalho para o próximo ano na escola infantil. Conscientemente, ele ficou satisfeito. Inconscientemente, isso confirmou o seu medo de que, no próximo ano, também não ganharia dinheiro com a escrita. Ele ficou contente com o aumento a nível consciente, mas sentiu-o como dinheiro manchado de sangue.

(*A assinatura da Jane de um “contrato” para trabalhar no próximo Inverno foi um ponto que nos escapou completamente quando os sintomas se agravaram. Também me passou ao lado na minha sessão de pêndulo. Na realidade, não passa de uma folha de papel, e o acordo pode ser rescindido a qualquer momento pela Jane ou pelo empregador.*)

(*“Deve ele considerar voltar para a escola infantil no próximo ano?”*)

Se for para ter um trabalho fora, é tão bom como qualquer outro, e depois do Verão não deverá incomodá-lo. Preenche certas necessidades espontâneas. No entanto, se se fizer um esforço para encontrar outra solução—

(*“Pensei que a Jane tinha isso em mente.”*)

—o simples facto de procurar outra solução será, em si, de grande benefício e abre várias possibilidades. O trabalho poderia ser mantido por um semestre. Poderia ser abandonado por completo, ou poderia ser mantido enquanto se tenta o outro projeto. O importante, no estado mental atual dele, é mesmo tentar o outro projeto. Dá-lhe uma alternativa para além de um trabalho normal, para complementar o rendimento da escrita.

Ele tem uma necessidade de mobilidade. Aquilo a que chamas um trabalho normal é-lhe limitativo, por causa do seu passado, e bloqueia-lhe a energia.

(“Bem, gostaria de dizer aqui que estou perfeitamente disposto a dar à Jane toda a ajuda de que precisar para alcançar a mobilidade necessária. Compreendo as necessidades dela nesse aspeto. Gostaria também de dizer que, no futuro, preferia que ela não levasse as minhas palavras, relativamente aos sentimentos e assuntos dela, tão literalmente, para que fosse muito mais independente a esse nível.

“Peço-te também que ajudes a Jane a compreender isto.”)

Ajudarei a que ele compreenda isto.

Dá-nos um momento. *(Pausa.)* Se e sempre que possível, uma viagem a Nova Iorque beneficiaria ambos, aliás. Ele sente-se limitado há algum tempo. Ficou também assustado por causa da tua doença, e literalmente com medo de agir. Cortou os métodos habituais de expressão, tentando ser um bom exemplo para os outros. Mas isto encaixou na perfeição no condicionamento antigo.

(“Sim.”)

Diz-lhe para comprar aquilo de que gosta para comer, particularmente por um tempo, porque assim comerá melhor. Incentiva-o.

(“Há algo que não deva comer?”)

A ordem para comer, ele interpreta como uma ordem, percebes. O incentivo para comer é diferente. Agora espera. *(Pausa, olhos fechados.)* Novamente, devem ser evitados os fritos. Ele agiu bem ao evitar sumo de tomate de manhã, instintivamente. Não precisa dessa acidez nessa altura. É-lhe agravante. O damasco, percebes, é calmante. Ele tem evitado saladas frescas, contudo, e ambos precisam delas. Beringela é boa. Leite gordo em excesso é mau. No café é suficiente.

Faz uma pausa e descansa a mão.

Ele sentiu-se limitado até às circunstâncias mais pequenas da sua vida diária. Parte disto, claro, são projeções. Tocaste em vários pontos importantes nas tuas próprias sessões de pêndulo. Ouvindo-os em voz alta ajudou o Ruburt temporariamente, mas depois o medo antigo voltou a instalar-se.

Não deves culpar-te por isto, Joseph. Isto é de importância vital, percebes—

(“Sim.”)

—e sublinha bem, de importância vital. Não gostavas da estação de rádio que ele punha, particularmente porque era tão irrestrita, barulhenta e estridente, e isto ele interpretou como mais uma restrição. Ele gostava da

Voice of the People simplesmente porque as queixas eram tão emocionais e dadas livremente.

Pode ser vantajoso, embora seja um ponto pequeno, mudar os móveis da sala de estar para uma posição em que não estiveram desde a doença dele, percebes. A cama deve ficar definitivamente norte-sul, agora. Aquela divisória da casa de banho deve ser aberta a meio.

Têm perguntas?

(“Gostaríamos de saber como evitar que esses medos antigos voltem a fechar-se, uma vez libertos.”)

Enquanto se mantiver um clima de permissividade e incentivo, os sintomas desaparecerão rapidamente. Não és responsável por todas estas restrições, percebes. Ele não sentiu que precisava de correr para se mover, por causa das razões já dadas. Em circunstâncias normais, deslocações pequenas e frequentes são benéficas para manter a saúde geral e o nível de eficiência dele.

Em momentos de stress isto é ainda mais importante. Ele não teve mudança de ambiente em criança, percebes. O automóvel, para ele, significa liberdade e é símbolo de libertação.

(“Está bem deixar andar o trabalho na escola infantil para o próximo Outono, e o contrato, por agora?”)

Podem deixá-lo andar por agora, e há aqui algum bloqueio apenas nesta questão específica, causado pelo medo. Também não é sensato ignorar o medo, percebes. O Verão pode ou não ser uma boa altura para começar aulas privadas. Ele pode ter medo de largar o trabalho com antecedência. Qualquer iniciativa na escrita fá-lo-á bem.

(Durante a pausa pedi ao Seth que dissesse o que pensa da nossa ideia recente de a Jane apresentar algumas ideias de livros ao Don Wollheim, da Ace, como forma de mobilidade na escrita.) Ele tem tido medo de tentar algo novo por medo de fracasso. Não por medo de um livro não ser publicado necessariamente, mas por medo de que a publicação não significasse nada. É por isso que o livro dos sonhos não está acabado.

Por causa da tua atitude em relação ao Fell, ele não acreditou que estivesses satisfeito com ele ou com o livro de ESP. Não acreditou que considerasses isso uma realização como ele o considerava. Esperava que organizasses uma festa para ele.

(“Eu considerei, e considero, uma excelente realização, e sempre considerei. Mas percebo porque é que ele se sentiu assim, à luz das minhas

opiniões expressas sobre o Fell. Foi uma má ideia da minha parte insistir para que a Jane acabasse o livro dos sonhos antes de o enviar de novo?”
[Depois de ter sido rejeitado duas vezes.])

Infelizmente foi, e no entanto ele precisava de fazer muito trabalho nele, e no geral sairão a ganhar. Se tivesse sido aceite, enviado e aceite mais tarde, mas antes desta data presente, a data presente, os sintomas teriam desaparecido.

Ele é extremamente forte, aberto, generoso e espontâneo quando funciona bem. Qualquer impedimento forte fá-lo recuar, contudo, embora durante algum tempo uma personalidade sorridente à superfície esconda esse facto.

Têm mais perguntas? Os sintomas desaparecerão tão depressa quanto ele sentir as restrições levantadas. Mas ele precisará do teu incentivo, pois ele próprio tem medo de as levantar, percebes.

(“Sim, mas agora que compreende mais, o medo deverá desaparecer.”)

Um dos sintomas, percebes, é o medo da sua própria espontaneidade.

(“Qual deles?”)

E, portanto, um medo ou desconfiança do que possa ser dito nestas sessões. É por isso que lhe tenho dado material evidencial, percebes, noutros aspetos, para que possa ver por si mesmo.

(“Que sintoma está relacionado com o medo da própria espontaneidade dele?”)

Isto foi de certa forma explicado mais cedo esta noite, e em sessões anteriores: o condicionamento anterior, e explicámos porque é que ele ficou sensibilizado para isto. O medo da espontaneidade é o que o tornou tão passivo a seguir sugestões tuas, com as quais não concordava.

Tens outras perguntas?

(“Acho que podemos dar a noite por terminada.”)

Então penso que fui de ajuda. Esforçar-me-ei por contactar o Ruburt, como sugeriste.

(“Uma pergunta: E quanto a hipnotizá-lo?”)

Não haverá perigo nisso, e deverá ser benéfico.

(A Jane relatou agora que, nas últimas comunicações, tinha estado muito longe, e lembrava-se pouco do material.)

SESSÃO 345

12 DE JUNHO DE 1967

(Passei a tarde a usar o pêndulo e a compilar uma lista de alimentos que a Jane não deveria comer, segundo as minhas próprias ideias subconscientes. A ideia era ver quão corretas eram as minhas indicações. A Jane e eu discutimos a lista antes da sessão. Uma cópia da lista encontra-se no final da sessão.)

(A Jane sentou-se comigo à mesa da sala de estar e começou a falar de olhos fechados, com voz normal e a um bom ritmo.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Fizemos aqui várias descobertas importantes.

Uma grande foi completada desde a nossa última sessão. Isto aconteceu esta manhã, quando o Ruburt permitiu que os verdadeiros sentimentos dele em relação à situação de trabalho viessem à superfície a nível consciente.

(Sobre o uso do pêndulo pela própria Jane depois do pequeno-almoço.)

Os sentimentos foram responsáveis pelo bloqueio referido na nossa última sessão, e representam, simbolicamente, a remoção do espinho mais doloroso da carne dele. Sem essa emergência para a consciência, as dificuldades teriam continuado, em certo grau.

Não teria havido um conflito esmagador para ele, e portanto não teriam existido sintomas físicos como os que enfrentou, se ele estivesse satisfeito, percebes, no fundo, em deixar-te carregar o encargo financeiro — noutras palavras, se fosse verdadeiramente uma personalidade dependente.

Nesse caso, os sintomas, fossem eles quais fossem, teriam sido teus, muito provavelmente.

O conflito nunca foi ele ressentir-se por ter de ganhar dinheiro extra fora da escrita. O conflito — quando foi desencadeado, percebes, pela necessidade de ganhar mais dinheiro outra vez — resultou do que pareciam ser dois métodos de ganhar dinheiro. Um método, ele sentia, era claramente preferido por ti e parecia de longe o mais seguro, por isso escolheu-o.

No passado, pelo menos era aceitável para ele, porque o sentia como um meio temporário. As próprias expectativas exageradas dele, ou antes, expectativas irrealistas em relação ao livro, e os erros que ele sentiu

estarem ligados a isso, deixaram-no sensível, até sentir que o dinheiro ganho fora seria uma parte permanente da vida dele.

O método — um emprego — tornou-se agora inaceitável. Mas apenas o método. Os sinais eram óbvios. Sempre que ele se opõe ao que queres, ou acreditas ser necessário, há uma razão muito forte, e ambos devem investigá-la, pois ele não se opõe de ânimo leve. E quando o faz, fá-lo de forma a proteger-se do conhecimento, percebes.

Os sintomas começaram então quando ele começou a pensar em procurar emprego. Os teus comentários sobre os benefícios de um trabalho regular levavam os sintomas ao auge, e assim foi ainda há uma semana atrás.

(“E domingo, a caminho de casa?” [Dia 11; ontem.])

O Ruburt estava demasiado perturbado psiquicamente para conseguir acesso claro a mim. Não foi necessariamente um caso de bloqueio aqui. Foi um caso de atividade tumultuosa que, automaticamente, entupiu a nossa comunicação, em pontos bastante chave.

Isto é um resultado natural da breve experiência do Ruburt. À medida que as nossas sessões continuarem, poderei ajudar-te cada vez mais, percebes.

A escola infantil foi, na altura, o único caminho que ele sentiu estar verdadeiramente aberto para ele. Ele tinha receio de não conseguir uma renda estável com a Avon, e já estava assustado com a mobilidade que isso exigia. A escola infantil pareceu oferecer um compromisso entre a tua ideia de um trabalho regular e o desgosto dele por tal coisa. Sentiu-se culpado por recusar as aulas de yoga, mas sentiu que, para igualar o teu desempenho, esperava-se que trabalhasse cinco tardes por semana. Os sintomas voltaram a agravar-se quando assinou o contrato, e agravaram-se ainda mais quando recusou a posição de Verão.

Por várias razões, os homens da família dele — o avô do lado paterno, que ele não conheceu, o avô materno e o pai — eram altamente independentes, insistindo em trabalhar por conta própria. O Ruburt assimilou este traço índio do avô materno.

O pai, na velhice, teve de facto um trabalho para outros, tal como o Joe nos últimos anos. Em ambos os casos, esses trabalhos foram vistos como sinais de degradação. Pelo lado irlandês, uma mulher que trabalhava para outros, percebes, era uma doméstica. Na história da família, houve

sempre uma luta para trabalhar por conta própria, sendo isto uma questão de orgulho de classe e independência.

Todos estes assuntos influenciam a ideia de trabalho do Ruburt. O potencial financeiro dele será reforçado se estes assuntos forem tidos em conta seriamente. Não é uma questão de medo de enfrentar a realidade financeira. Há uma forma eficaz e eficiente de o fazer, e ele tem estado demasiado assustado e em pânico para tentar.

Na verdade, ele continua assustado, e precisará do teu apoio. Se não fosse assim, já teria dado o aviso para o próximo ano. Tudo isto está obviamente ligado à escrita dele. Quando ele se entusiasmava com o futuro da escrita, os aspetos secundários de ganhar dinheiro extra não o preocupavam tanto.

Sentiu-se particularmente incomodado, percebes, porque a posição da mãe dele o faz temer ser financeiramente dependente, mas o caminho que escolheu para ganhar dinheiro neste momento específico era precisamente o mais errado para ele nesta fase.

O pensamento — queres descansar?

(“*Sim.*”)

Podes fazer uma pausa.

(A Jane disse que estava longe. Não tinha consciência do ruído exterior, etc., e falava depressa, muitas vezes de olhos abertos enquanto transmitia.)

A necessidade de dinheiro, e o medo de ser dependente, levaram-no então a procurar dinheiro através de um método que, antes aceitável, agora era altamente e criticamente inaceitável pelas razões já dadas.

Ele sentiu — para manter o respeito próprio e o teu — que tinha de arranjar um trabalho, e um trabalho regular — e pelas razões já dadas isto teve repercussões muito desagradáveis, que levaram aos sintomas de imobilidade. Estes sintomas agravaram ainda mais os medos dele de dependência, e nos piores momentos temeu tornar-se um inválido e que tu o deixasses. Isto foi quando a identificação materna estava no auge — agora já ultrapassado.

O resultado, claro, foi uma paragem total da escrita por um tempo. Conseguimos enviar alguns sinais para ti nas nossas sessões, e ele teria ficado em pior estado se estes tivessem sido cortados.

Se o mesmo tempo e esforço tivessem sido dados, na altura, ao tipo de projetos que ele planeia agora, como foram dados à seleção de um trabalho, não teria havido mais dificuldade.

Agora, a menos que tenhas mais perguntas sobre este material específico, falaremos dos alimentos.

(“Está bem.”)

Dá-nos um momento. *(Pausa, olhos fechados.)*

Se não fosse pela ligação próxima entre vós, não terias conseguido receber o material que recebeste através do pêndulo.

Estava correto, até na percentagem. Isto não é incomum, contudo, mas acontece muitas vezes. Quando a personalidade inteira está num período de grande stress e desequilíbrio, trabalha contra si própria até quimicamente. Vários alimentos são então usados de forma destrutiva, representando as forças emocionais em conflito.

Em períodos de saúde isto é muito reduzido. Cortar os alimentos, contudo, não cura sozinho uma condição. Os problemas interiores devem ser reconhecidos e resolvidos. Então os alimentos já não serão uma preocupação grave.

Evitar os alimentos em períodos de stress é, de facto, benéfico. Todo o problema, discutido esta noite e na última sessão, é, de facto, o maior espinho por detrás das dificuldades e de todos os sintomas, e causou as reações alimentares, percebes.

Os problemas estavam relacionados com a própria escrita do Ruburt, como vês. Este último episódio de Saratoga foi altamente benéfico, embora tenha assustado o Ruburt porque ele teve medo de usar a liberdade que lhe foi oferecida. Houve uma grande carga emocional por trás de toda a questão da reunião, e o “vou ou não vou” libertou energia há muito contida. Simbolicamente, o Ruburt enfrentou toda a questão de Saratoga com a mãe e o passado.

(No sábado de manhã passado, dia 10 de Junho, ofereci-me para levar a Jane à reunião dos 20 anos da turma do liceu dela em Saratoga. Uma semana antes dessa data, nem me passaria pela cabeça fazer tal proposta. No último momento, a Jane decidiu não ir, e eu não insisti, esperando que ela tivesse beneficiado, pelo menos, do pensamento de ir.)

Embora ele não tenha feito a viagem, saiu por cima. No fim de contas teve medo de ir, mas não teve medo de ir pelos velhos motivos. Agora. Não há distorção nem bloqueio aqui. Houve uma grande limpeza, e há

melhorias e aberturas massivas a nível psíquico e emocional, que estão a resultar numa retoma da saúde.

Uma grande percentagem desta melhoria baseia-se no facto de o Ruburt estar a antecipar o futuro com alegria novamente, na contemplação de aulas dadas em privado. (*Em ESP.*) Este tipo de atividade não pode ser demasiado enfatizado como antídoto para todos os sintomas. (*Pausa.*)

A atividade deve ser iniciada de forma realista. Há uma diferença entre expectativas excelentes, realmente acreditadas, que são benéficas, e expectativas exageradas superficialmente adotadas, que não são acreditadas no fundo.

O Ruburt deve esperar ter sucesso, e terá. A paciência e a teimosia também podem ser usadas aqui neste esforço, tal como ele as usou, sem proveito, para um trabalho. Percebes o meu ponto aqui?

(*“Sim.”*)

Ao primeiro sinal de fracasso, no Outono passado, com a coluna de ESP, ele desistiu completamente, enquanto se candidatava a emprego atrás de emprego.

Podes descansar ou terminar a sessão, como preferires.

(*“Vamos descansar.”*)

Há literalmente uma energia tremenda que pode ser usada e aproveitada em vosso benefício, e em benefício de outros, em ligação com a ideia do Ruburt para as aulas.

Deve ser dedicado aqui um pensamento e contemplação consideráveis, e tanta energia como aquela que seria dada à procura de um trabalho, pois os potenciais são muito maiores. Que a determinação do Ruburt seja aplicada aqui e isso trará benefícios construtivos. Resolverá um problema de longa data que, de outra forma, será sempre motivo de preocupação.

É um problema material central nas vossas vidas, e tendes os recursos para o resolver, e a oportunidade. Tu, Joseph, também serás beneficiado aqui, e de formas que agora não consegues ver. Esta questão deve receber energia, preocupação e interesse primários. Não quero dizer acima do trabalho do Ruburt, por exemplo, mas irá misturar-se com ele.

Evita os alimentos por agora. Exceto por uma barreira, sim, que o Ruburt faça o que desejar com os móveis dele. O desejo de o fazer representa o facto de que ele está a começar a perceber as suas liberdades.

Vou terminar a nossa sessão. No entanto, teremos a nossa sessão regular de quarta-feira dedicada a estes mesmos assuntos. Para benefício do Ruburt: está a ser forçado a resolver o problema dele agora, a encontrar a solução para ele. Se estivesse sozinho, teria simplesmente sido forçado a resolvê-lo mais cedo.

Os meus mais sinceros votos para ambos; e novamente para o Joseph, não há aqui culpa, percebes, para ti. Estes são desafios colocados, e ambos os estão a enfrentar.

(“Boa noite, Seth.”)

(Segue abaixo uma cópia da sessão de perguntas e respostas que tive comigo mesmo e com o pêndulo na tarde de 12 de Junho de 1967, hoje, numa tentativa de ver que conhecimento subconsciente poderia ter que beneficiasse a Jane.)

(Recorde-se que o Seth já mencionou alergias da Jane em relação a alimentos, por vezes de forma ligeira. Pensei que um relatório detalhado dos alimentos que a Jane deveria evitar ajudaria a aliviar os sintomas dela, se houvesse alguma relação. O meu pêndulo disse que havia. As respostas que obtive não variaram e o pêndulo deu respostas definitivas de sim ou não, sem hesitar. Para mim, isto significava que havia dados legítimos ali.)

(A lista é um resumo de três outras páginas de apontamentos detalhados, que estão arquivadas. Para minha surpresa, quando a Jane verificou a lista com o pêndulo dela, por volta das 20h00, antes da sessão, recebeu respostas definitivas que concordaram com cada item da minha lista. Apenas surgiu uma ressalva sob o tópico do chocolate, onde o pêndulo da Jane disse que podia usar as misturas secas de malte agora disponíveis nas lojas, em vez do tradicional cacau antigo usado em bolos, chocolate quente, etc. Definitivamente, não esperava uma concordância tão completa da parte da Jane com a minha lista.)

CÓPIA

(12 de Junho de 1967. Resumo da minha sessão de perguntas e respostas com o pêndulo sobre as alergias alimentares da Jane. Segundo o pêndulo, as respostas obtidas não são projeções dos meus próprios problemas.)

A Jane não deve comer:

1. Nenhum alimento frito, independentemente da forma como for preparado, mesmo nos próprios sucos. Isto inclui carnes, legumes, panquecas, rabanadas, batatas [e batatas fritas], donuts, qualquer pastelaria, etc.
2. Limões ou extratos.
3. Cogumelos e sopa de cogumelos. [Todas as outras sopas são permitidas, de compra ou caseiras.]
4. Azeitonas.
5. Cerveja.
6. Gelado.
7. Chocolate de qualquer forma: bolo, gelado, donuts, tartes, rebuçados, bolachas, bebidas ou batidos, pudins e sorvetes, etc. *(Aqui, o pêndulo da Jane disse que podia usar as misturas secas de malte recentemente introduzidas nas lojas, porque estas não têm carga emocional para ela. Mas o pêndulo dela também sublinhou que todos os outros produtos com chocolate devem ser evitados.)*
8. Margarina com óleo de milho. [Pode usar margarina sem conteúdo de milho.]
9. Milho — seja fresco ou enlatado, de qualquer tipo, incluindo óleo de milho na margarina.
10. Óleo de milho na culinária.
11. Alho e sais de alho.
12. Tomates, incluindo frescos ou enlatados de qualquer tipo. Nada de feijão enlatado em molho de tomate ou molhos de salada com ingredientes de tomate. Nada de molho de tomate em esparguete e almôndegas. [Curiosamente, pode comer tomate na pizza e chili; as únicas duas exceções segundo o meu pêndulo.]
13. Sumo de tomate enlatado.
14. Sumo de toranja enlatado.
15. A Jane não deve usar leite magro no café ou nos cereais. Pode bebê-lo.
16. A Jane não deve beber leite gordo. Pode usá-lo no café ou nos cereais.

(Neste momento, 19h30 de segunda-feira, 12 de Junho, o pêndulo diz-me que a lista acima está completa e correta. Normalmente, estes alimentos são responsáveis por cerca de 15 por cento de quaisquer sintomas físicos que a Jane possa ter, incluindo sinusite. Agora, quando

está sensibilizada, são responsáveis por cerca de 80 por cento dos sintomas físicos. A energia está atualmente a ser desviada da condição de sinusite para outros sintomas físicos. Está tudo bem a Jane tomar Rexall Plenamins [vitaminas].)

SESSÃO 346

14 DE JUNHO DE 1967

(Mais uma vez, a Jane sentou-se comigo à mesa enquanto eu tomava notas.)

Ora bem. Dá-nos um momento, por favor. *(Pausa.)*

O hábito do Ruburt é dirigir as suas energias incansavelmente focadas numa direção mais ou menos única. Quando se sente desolado, portanto, a desolação, percebes, é quase total para ele.

Ele é tão teimoso nisso como é em preservar a sua alegria quando está alegre. O compromisso é muito difícil para ele. Em períodos de espontaneidade, portanto, por vezes será excessivamente espontâneo, e em tempos de rigidez será excessivamente rígido.

Ele estava a começar a aprender um equilíbrio benéfico quando este problema começou. A lealdade dele para contigo é inabalável, tal como infelizmente muitas das suas atitudes amargas em relação àqueles do seu passado também o são.

Ele tempera a amargura com compreensão mais do que percebe, contudo, e por causa do seu sentido particular de certo e errado, culpa-se excessivamente pela amargura que tem. Está agora a aprender, finalmente, a ser mais flexível. As qualidades de teimosia servir-nos-ão bem mais tarde. A libertação e o autoconhecimento obtidos neste último episódio doloroso permitir-lhe-ão trazer mais liberdade para as nossas sessões.

Isto resultará numa crença completa da parte dele, e essa crença permitir-nos-á alcançar resultados que nos foram negados no passado. Ele lutará por nós, percebes. Está agora completamente determinado na saúde, e a recuperação será notavelmente rápida, agora que começou verdadeiramente, simplesmente porque as energias libertas dele trabalharão nisso com o vigor habitual — só que agora em benefício dele.

As libertações na personalidade dele poderiam ter sido alcançadas por outros métodos, mais fáceis. No entanto, sem estas alterações, o nosso trabalho não poderia ser cumprido em todas as formas possíveis. A rigidez de atitude resultou numa tendência para autodestruição, atenuada é certo,

mas perigosa. Houve uma consequente produção de vários químicos dentro do sistema dele que tendiam a reproduzir e perpetuar o estado mental depressivo. Uma produção excessiva de adrenalina que o mantinha agitado, mas também uma produção excessiva de certos químicos que fisicamente o abrandavam.

Ele sentiu o perigo fortemente mas não podia fugir, percebes. A consequente sensação de peso nos membros, o inchaço de várias partes do corpo relacionado com uma produção excessiva de um químico, creio eu, chamado pectorina, ou algo muito semelhante.

Estas condições já estão a ser revertidas devido à mudança de clima mental. Os alarmes estão desligados. Os tratamentos que estão a ser feitos aliviaram de facto fisicamente as pressões nos nervos e a rigidez, mas não o teriam feito se a condição mental não tivesse já sido aliviada.

Há muito menos perigo quando a espontaneidade dele irrompe em excesso. As dificuldades subsequentes, se existirem, são aquelas com que lidava enquanto adolescente. Na altura eram exacerbadas pela falta de experiência, percebes. Temia-as, adotando agora, em vez disso, a tendência oposta.

Dá-nos outro momento. (*Pausa, mão nos olhos fechados.*)

Os sintomas, agora a ocorrerem muito menos frequentemente a meio da noite, referem-se a medos de imobilidade pré-adolescentes por causa do progenitor. Impotência ao estar deitado, percebes, inconsciente e na cama. Podem ser minimizados de três formas, de qualquer uma das três formas.

A tua sugestão de que ele se levante imediatamente é excelente, recebida intuitivamente. Isto pressupõe, claro, o facto de que os sintomas estão presentes para o alarmar. Se o despertador for programado para intervalos de quatro horas, isto pode eliminar o início dos sintomas, mas em cada caso ele deveria então levantar-se e mexer-se um pouco. Isto não parece necessário, já que os sintomas estão agora minimizados, mas acredito que este passo os impediria completamente.

Por outro lado, ele pode dizer a si mesmo que eu estou lá, a zelar por ele, e terei todo o gosto em fazê-lo, como já fiz em muitas ocasiões. Muitas vezes não conseguia chegar até ele, mas agora dir-lhe-ei que estarei presente.

Se ele te tivesse acordado, ou se o fizer, o conforto da tua presença dissiparia em grande parte os sintomas, pois é o medo de estar sozinho e imóvel, percebes, que é para ele, nessas alturas, por causa do progenitor,

aterrorizador. Esta condição é temporária e já está a desaparecer, como sabes.

Era difícil, nos primeiros anos, para a mãe dele mexer-se de manhã. Mais tarde, ele soube que a tia era uma pessoa que se levantava devagar, sentindo-se mal disposta de manhã. Estas duas sugestões tiveram muito a ver com os sintomas das primeiras horas da manhã, e estes também, percebes, estão agora a desaparecer.

Podes fazer uma pausa.

Agora. Esta submissão excessiva era causada pelo medo e disfarçava-se como uma lealdade perfeitamente legítima. A lealdade estava sempre lá.

Quando sentia que não podia agir segundo a sua natureza intransigente, tentou submeter-se, percebes. O ressentimento resultante foi a base verdadeira de todos os sintomas, e atraiu outras sensibilidades que os alimentaram.

Para as férias, escolhe definitivamente um lugar com água, um grande corpo de água, pois é curativo. Se possível, conduz ao longo de uma costa marítima como rota. (*Pausa.*)

Estou a sondar para ver o que perdi de importante. (*Pausa.*) Um quarto com duas janelas ajudaria, mas não é viável agora. Um amarelo pálido nas paredes, em vez do branco, seria benéfico, nesse quarto, percebes. É imperativo que o Ruburt invista considerável energia na ideia dele para as aulas; seja na escrita ou em assuntos psíquicos, todo o tempo e esforço disponíveis, praticamente disponíveis, devem ser dados aqui a tal empreendimento; que não seja adotado de forma meia-tinta.

O livro dos sonhos deve ter concentração total, e as outras ideias que ele tem em mente devem ser desenvolvidas. É bastante possível que acabe por ter outros espaços para as aulas.

As previsões sobre dinheiro foram feitas antes de as energias do Ruburt terem sido tão mal dirigidas, lançadas de repente contra ele próprio, que até eu fiquei alarmado. Foram baseadas, como sabes, em probabilidades, e esta reação tumultuosa, embora fosse uma probabilidade, não era uma forte. Todas estas energias foram subitamente desviadas na direção errada. Estão agora a balançar para o ajudar, e podem agora, pelo menos, ficar gratos pela sua natureza espantosa, pois a viragem saudável será cada vez mais evidente.

Dá-nos um momento. (*Pausa.*) A tiroide, curiosamente, estava com a atividade deprimida porque ele temia, percebes, o historial anterior. No

entanto, a energia nervosa cresceu aos saltos apesar disso, e o corpo não utilizava corretamente os alimentos consumidos.

Esta condição desapareceu. O peso mostrará agora ganhos, e a tireoide está a funcionar a um ritmo normal. Os ressentimentos estão a ser largamente anulados. Não desapareceram completamente, ou não restariam sintomas.

A tua atitude tem muito a ver com a melhoria dele. Sentiu-se sozinho, isto culpa dele, tanto quanto tua, embora não se queira dizer culpa nesses termos. Nos piores momentos dele, pensou que não conseguiria amar um inválido, já que não amava a mãe dele, então como poderias tu?

Ele provavelmente ainda precisará de ajuda para embarcar nas férias, embora o progresso dele esteja a melhorar. Pode haver correio do Wisconsin que terá influência em alguns planos futuros. Um homem envolvido em ligação com assuntos psíquicos. Ele não comprou camisolas interiores por causa da velha imagem da mãe ao sol, a usar um vestido, percebes. A perda de peso foi em parte um mecanismo de defesa, pois a mãe engordou. Ele não o sentiu seguro, percebes. Agora. Compre mesmo óleo de amendoim e esfreguem nos cotovelos, ombros e joelhos durante três dias. Esperem três dias e repitam o tratamento.

(*“Quantas vezes por dia?”*)

Uma vez. Isto também beneficiará a zona das costas e do pescoço se usado aí. Pode ser lavado após três horas.

(*“Porque é que isto será benéfico?”*)

Há uma qualidade no óleo, um extrato do amendoim, que se dissolve imediatamente através da pele, que lubrifica e alivia tanto as articulações como os músculos. A manteiga de amendoim também é benéfica, assim como os amendoins crus. Estes são apenas auxiliares.

(*“Porque é que os braços dele não estão direitos?”*)

Dá-nos um momento com isto. Não necessariamente por ordem aqui; em certo momento, ele temeu uma cadeira de rodas, e tem uma imagem há muito esquecida da mãe numa, com os braços dobrados. Sentiu-se incapaz de afastar as suas dificuldades, e incapaz de se sustentar a si próprio.

A curvatura dos braços desenvolveu-se pouco depois de ele ter recusado a posição de Verão, embora por etapas, e está relacionada com o facto de o livro dos sonhos, um possível meio de sustento, não estar pronto para ser enviado. Trabalhar no livro dos sonhos ajudará a aliviar os

sintomas nos braços. De facto, os dedos dele relaxaram quando começou a escrever de novo nesse livro.

(“*O que lhe aconteceu a meio da noite passada?*”)

O pêndulo dele respondeu corretamente. Contudo, as razões que dei para os sintomas noturnos entraram aqui. A sensibilidade noturna, percebes, desapareceu quando as nossas sessões começaram, e regressou mascarada de sintomas quando as dificuldades começaram. Dizer o nome dele também ajudará aqui. Tais casos tornar-se-ão cada vez mais espaçados, contudo, e acabarão por desaparecer.

Podes fazer uma pausa. Ele sentiu-se incapaz de se mover, percebes, e interpretou isso fisicamente. Agora os sintomas desaparecem porque ele percebe que tem mobilidade e liberdade. Não se atrevia a olhar para a esquerda, nem para a direita.

Acabaremos em breve a nossa sessão.

Os sintomas presentes desta noite são resultado do facto de a sexta-feira já ser pensada como um dia de escola. Podem dissipar-se se o Ruburt se lembrar, antes de dormir, da intenção de trabalhar no livro dos sonhos amanhã e na manhã de sexta-feira.

O sumo simples de damasco é o melhor para o pequeno-almoço, em vez da combinação com laranja, que é ácida. O sumo de laranja com damasco é aceitável com ovos e torradas, mas não com leite e cereais.

(“*E pêssegos enlatados?*”)

Muito bons. Ou uva ou banana. (*Longa pausa.*) A concentração no livro dos sonhos, juntamente com outras ideias de escrita e as aulas, garantirá uma recuperação rápida. As férias quebrarão quaisquer padrões persistentes de hábito, e servirão para o desligar de elementos negativos do passado. A água e o sol terão um efeito globalmente curativo, e o teu apoio constante trará a segurança necessária e bastante vital.

A tua sugestão de tempo ao sol diariamente é excelente. Um passeio ao entardecer também é vantajoso. Ele irá literalmente absorver afeto agora como absorve o sol, e isso terá igual efeito de cura. A exuberância e força resultantes estarão solidamente fundamentadas, e acrescentarão à vossa felicidade geral assim como à do Ruburt. Tudo isto ajuda-o a libertar energia e a focá-la nas direções certas. Esta energia, usada para resolver o vosso problema financeiro, ou o problema financeiro do Ruburt, renderá grandes benefícios. Agora para o Ruburt: estou contigo esta noite, e para ambos os meus mais sinceros votos.

(“Tens tempo para uma pergunta?”)

Com certeza.

(“Porque é que a Jane não gosta de passar a ferro?”)

A resposta antiga deve-se à necessidade de passar a ferro, em certas ocasiões, em criança, por exigência, e à meticulosa exigência sem razão da mãe, como a criança a via. Aqui está uma marca, uma das poucas pequenas marcas, de rebeldia que ele se permitiu. Tinha outra pergunta em mente.

(“Sim.”)

A mãe dele muitas vezes pedia o aparador de cama mesmo antes das refeições, e ele achava que isto era para o irritar. Ele fazia-o para te irritar a ti, e mostrar ressentimento. Também para se negar a si próprio, já que a comida ficaria fria.

Tens mais alguma pergunta?

(“Não.”)

Então vamos encerrar a nossa sessão. O óleo de amendoim pode ser aplicado antes de apanhar sol ou antes de dormir.

(“Boa noite, Seth.”)

Boa noite.

SESSÃO 347

19 DE JUNHO DE 1967

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. A mudança de horário é uma boa ideia esta semana, porque habituará o Ruburt à ideia de usar a liberdade novamente, antes de começarem as férias, e assim compensará possíveis sintomas. Percebes?

(“Sim.”)

Quebrar padrões também é benéfico, e é, claro, uma das razões pelas quais sugiro as vossas férias.

(“Está bem irmos a Saratoga?”)

Isto estará perfeitamente bem. No entanto, o Ruburt não deverá visitar a mãe dele, nem perder tempo a pensar na questão.

As férias a cair entre, e a interromper, percebes, o padrão da escola infantil e o resto do Verão, serão altamente benéficas. Muito melhor do que umas férias mais tarde — mais úteis.

Quebrar padrões, neste sentido, é muito importante. É uma espécie de terapia de choque. Deverão, de facto, fazer pequenas viagens de fim-de-

semana com alguma frequência, talvez acampar, se preferirem, durante todo o Verão.

Agora, os benefícios de tais atividades, e ouve-me bem, não podem ser demasiado enfatizados. Ajudar-vos-ão a ambos, e são grandes medidas preventivas, precisamente para o tipo de dificuldades de que ambos já foram herdeiros no passado. Obrigarão a um agitar de pensamento e atividade psíquica. Interagem automaticamente contra qualquer tipo de rigidez.

Isto é muito importante para este Verão. O mesmo tipo de atividade no Verão passado poderia ter quebrado o padrão do Ruburt o suficiente para evitar a gravidade das dificuldades passadas. Não se podem dar ao luxo de não dar estes passos. E não só este ano, mas como um princípio daqui para a frente. Já que estamos nisto, deixem-me acrescentar que algum tipo de ambiente fora de casa deve ser mantido enquanto o tempo o permitir. Isto não significa necessariamente viagens longas.

A mudança de horário agora prevista ajudará o Ruburt a superar problemas que, de outra forma, poderiam ser incómodos esta semana, e evitará quaisquer dificuldades. Na próxima semana, a semana de férias, haverá uma mudança notável para melhor. O resultado do rompimento do padrão dará tempo para descansar e utilizar, através de hábitos construtivos, aquilo que aprendeu.

A mudança de horário ajudará a quebrar os sintomas, espalhando os velhos pontos de “C U E” (*soletrei*). O estado mental e psíquico está, de facto, radicalmente melhorado. Há aqui algum atraso para expressão física. Embora seja completamente possível que o estado mental se expresse de imediato, no vosso sistema, na maioria das circunstâncias, há um atraso, tal como os sintomas não apareceram imediatamente, embora o estado mental estivesse em condições críticas.

O atraso é parcialmente resultado de pistas para a ação. Estas perdem gradualmente a força e, à medida que a personalidade, num estado mental melhor, deixa de ser tão sensível a essas pistas. Durante algum tempo ainda é, por exemplo, um pouco mais sensível a humores ou depressões que normalmente ultrapassaria. A condição geral melhorou de facto notavelmente, como te disse, e não há distorção aqui.

Os resultados físicos estão agora a mostrar-se em maiores liberdades durante o dia, e continuarão a melhorar. As medidas definidas que planeias acelerarão os resultados para que se tornem mais evidentes fisicamente. As

energias mentais do Ruburt, como te disse, estão agora a acumular-se e a trabalhar para a recuperação.

No início desta recuperação foram usadas para manter o status quo e evitar qualquer agravamento adicional dos sintomas. Isto significou que se fez uma paragem completa de todos os processos destrutivos. Tal ação requer por si só uma energia enorme, pois é a paragem de um processo que, em si mesmo, é uma ação.

Este estado foi mantido de forma constante, e sustentado, e depois o processo de recuperação começou. Neste caso isto representou uma transformação completa, quase total, do sistema circulatório, e uma mudança de interações químicas. O estado mental, percebes, não se deteriorou desde que melhorou. Toda a perspetiva do eu psíquico mudou para melhor.

A energia foi libertada. Muito disso foi usado em reparação imediata, e numa reversão completa do ciclo doença-saúde; ou seja, não se permitiu que os sintomas piorassem. Quando esta condição foi novamente mantida, começou a recuperação.

As pistas começaram a desfazer-se por si mesmas, e as atividades que prevêem ajudarão ainda mais na deterioração delas. Os alimentos problemáticos eram pistas, percebes. Assim que o processo de reversão começou e a personalidade voltou para a saúde, então o processo mostra o que parece ser uma recuperação notável.

O trabalho principal e indispensável que torna a recuperação possível, o processo de reversão absolutamente vital, já ocorreu, no entanto. Os tratamentos com o quiroprático, por exemplo, são benéficos agora, mas não teriam sido antes. São uma ajuda física agora para um processo já iniciado.

Os sintomas matinais aqui representavam, de forma concentrada, o poder esvaído da doença que o atravessou, a força esvaída do que era, em tempos, uma condição de todo o dia. Percebes o que quero dizer aqui?

(“Sim.”)

São o fantasma, percebes. Talvez não me tenha explicado claramente. (Na última sessão.) Estão a desaparecer, no sentido de que já não têm o poder de o assustar da mesma forma que os sintomas físicos o faziam no passado. Ele consegue ver, até neles, a sua saída. Fisicamente falando, nos vossos termos, ficarão em grande parte, e quero dizer em grande parte, minimizados à medida que estas ações vossas quebram as pistas. Esta semana e na próxima, noutras palavras, se seguirem os vossos planos.

Estão a ser comprimidos para uma parte cada vez mais pequena da vida dele. Percebes?

(*“Sim.”*)

Parece ter-se atingido um certo patamar, depois de uma melhoria mais notória no início, depois da nossa sessão. (*A 344ª sessão, 7 de Junho de 1967.*)

(*“Sim.”*)

A personalidade mantém-se depois de cada melhoria, percebes, e depois faz mais avanços. Isto não significa que o processo não pudesse ser mais rápido. Houve uma melhoria hoje no braço esquerdo. Isto representou uma decisão mental, finalmente tomada, de usar esta semana para trabalhar no livro dele.

O braço esquerdo está agora na posição de se ter mantido, e de começar agora a avançar para a melhoria física. Barreiras estão agora a cair. Os escombros estão a ser removidos, percebes. Esta semana poderia ter sido má. O Ruburt aprendeu, contudo, com a experiência dele e tomou medidas para que agora contribua para a recuperação. Isto representa um avanço considerável.

Ele está a fazer um esforço para falar contigo, não só nos ressentimentos, mas em desejos. Houve, portanto, uma interação ontem à noite quando ele se sentiu ressentido por um assunto sensível. Ele já sentiu que alcançou uma vitória por te abordar depois de discutir consigo mesmo. Ele nem sempre será tão sensível à rejeição, percebes.

(*“Sim.”*)

Em relação ao peso, também houve primeiro um ponto em que o processo de perda de peso foi revertido, onde o peso se manteve estável antes que pudesse haver aumento. Não deverá haver dificuldade aqui agora. Os almoços pobres nos dias de escola infantil eram resultado de ressentimento por causa dos horários da escola.

Muitas vezes queria que te aproximasses dele em termos íntimos, mas sentia-se indigno por causa da condição dele, e porque sentia que tu achavas isso desagradável, até degradante. Isto criava um conflito ao ir para a cama, percebes.

(*“Achei a condição dele inibidora, mas só às vezes. E nunca houve qualquer ideia de degradação.”*)

Ele sabia disso, isto sendo bastante natural, mas ele exagerou o teu sentimento, percebes, por causa da atitude mental dele, e sentiu que estaria a pedir esmola. Podes fazer uma pausa e continuaremos brevemente.

(A transmissão da Jane tinha sido longa e ativa, com os olhos abertos muitas vezes enquanto falava com força, sem qualquer sinal da habitual pausa por volta das 21h30.)

Uma exposição diária razoável ao sol é fisicamente benéfica para ele, e simbolicamente benéfica, no sentido de que o sol é luz.

Devem, sem dúvida, ir até à costa para parte das férias. O mar é especialmente curativo. Os sintomas de artrite como tal desapareceram em grande parte. O que tens agora é uma rigidez, percebes, e todos os sintomas de artrite foram cortados antes de qualquer desenvolvimento real, nos vossos termos. Nunca houve artrite, mas agora esses sintomas adotados estão a desaparecer.

(“A que se deve realmente o inchaço?”)

O inchaço está relacionado com um químico que favoreceu, em certas partes do corpo, apenas uma retenção de líquidos, e isto foi agravado pelo consumo de cerveja e também pelo consumo de leite gordo.

(“Podes dizer aproximadamente qual é o químico?”)

(Pausa.) PEC... PE C... creio que... *(abanou a cabeça)* Pectorilina... *(interpretação fonética minha)*. Não sou médico... Por causa da condição psicológica ele extraía, ou usava isto, tanto no leite gordo como na cerveja, de tal forma que deixava resíduos junto de certas articulações, bloqueando passagens e permitindo a acumulação de fluidos. Estes estão agora a sair normalmente através do sistema, à medida que o sistema circulatório volta a ficar ativado normalmente. Pode ter havido aqui também uma ligação com o sal, mas isso já passou.

(Ver páginas 47-48, para a lista de alimentos que descobri que a Jane deveria evitar, segundo o meu próprio pêndulo. Cerveja e leite gordo constam da lista. O meu pêndulo disse que o sal era aceitável para a Jane. Creio que o químico que o Seth poderia estar a tentar indicar é purina. Eu conhecia esta palavra mas a Jane não; nem ela entendia a formação de cristais junto das articulações devido a este químico, o que poderia então causar inchaço. O quiroprático confirmou estes dados no dia seguinte a esta sessão.)

Os braços estão a responder, e à medida que o fazem os dedos voltarão à condição normal. Alguns exercícios de yoga, feitos suavemente,

serão agora benéficos. O óleo de amendoim também ajudará os braços e a soltar a zona do pescoço e ombros. O óleo não deve ser guardado no frigorífico, mas deve estar relativamente morno. Tens mais alguma pergunta?

(*“Acho que não.”*)

O óleo também beneficiará os joelhos.

(*“E se ele usar um pouco esta noite, se ficar acordado a escrever como planeia?”*)

Ele pode usá-lo sempre que for conveniente. Não sei se mancha, por exemplo. Seria particularmente benéfico antes de dormir, massajado ou antes de nadar. Então terminaremos a nossa sessão. Os meus mais sinceros votos para ambos.

(*“Boa noite, Seth.”*)

SESSÃO 348

21 DE JUNHO DE 1967

Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

Agora. Para as vossas férias deve haver um equilíbrio entre descanso e atividade, dança, por exemplo, e interação com outros.

Deve haver banhos de sol, mas também atividade, percebes.

Intercâmbios psíquicos com outros serão benéficos. O Ruburt tem, de facto, feito um bom trabalho esta semana, as tempestades de sintomas a tornarem-se cada vez menos frequentes, muito mais breves na duração e mais fracas na intensidade geral. Os velhos padrões estão a desintegrar-se.

Umas férias verdadeiramente agradáveis são, de facto, o melhor remédio agora, pelas razões dadas. Isto é o teu encorajamento; devem, sem dúvida, ficar fora o máximo de tempo possível, e ter em mente o meu conselho relativo ao resto do Verão. Dei-vos este conselho há algum tempo e não foi seguido.

Tu também precisas de uma mudança de ambiente (*apontando para mim*) e receberás percepções novas sobre o teu trabalho como resultado. Esta será uma sessão breve, pois acredito ter coberto todo o material pertinente acerca do estado do Ruburt neste momento.

Se tiveres perguntas, contudo, responderei.

(*“Queres dizer umas palavras sobre o grupo na Califórnia?”*)

Dá-nos um momento. (*Pausa.*)

(A minha pergunta surgiu porque acabávamos de receber uma carta longa e emotiva da Julie Murtough em Chula Vista.)

A rapariga não estará envolvida em nenhum acidente de avião. O rapaz está a usar devaneios sobre a Austrália para evitar enfrentar problemas presentes. Haverá um regresso à Austrália, mas não para já.

(Longa pausa.) O Ruburt está incomodado com o trânsito esta noite, e isso interfere. Não quero tentar obter informações sobre os amigos na Califórnia até que as condições sejam melhores. Existe, no entanto, inquietação, como sabes, na família, e o rapaz atua de tal forma que capta os sentimentos interiores dos outros, ficando com eles para lidar o melhor que pode. A mãe é mais importante no grupo familiar do que os nossos amigos imaginam.

De uma forma estranha, ela mantém a família unida, simplesmente porque eles se unem tão fortemente contra ela. Sem isso, estariam menos unidos. Um gestalt psicológico bastante delicado opera na família como um todo. O pai, na verdade, não é o princípio unificador aqui, mas sim o sentimento contra a mãe, neste momento. Há razões para isto, claro, que podem ser discutidas se os nossos amigos o pedirem ou desejarem, noutra altura.

Tens mais perguntas? O Ruburt, aliás, por causa da sua natureza abençoada e literal, não se sentirá totalmente livre do trabalho até o último dia ter passado.

(“O contrato que ele assinou vai incomodá-lo?”)

Quando começar a incomodá-lo, ele irá quebrá-lo. Não haverá dificuldades com a organização.

Acredito que a aula dele (de ESP) chegará a sete até ao final da Primavera, ou muito no início do Outono, ficará nesse nível, e depois será completada por outros. Isto, de acordo com as probabilidades em ação agora.

Aponta aqui, F A M. Estes podem ser considerados separadamente... Não sei. Talvez também um aluno privado.

Encerraria aqui a sessão, a menos que tenhas mais perguntas. Estarei disponível sempre que quiseses falar comigo, se o desejares, durante a tua ausência daqui.

(“Boa noite, Seth.”)

SESSÃO 349

28 DE JUNHO DE 1967

(Uma breve sessão não agendada foi realizada nesta data, com o Bill Macdonnel e a amiga dele, Joanie Gilbert, como testemunhas. A sessão resultou depois de tudo ter sido preparado mais cedo naquela noite, através da Jane a ouvir a cassete recentemente recebida da família Murtough em Chula Vista, CA; e, depois, ela ouvir parte da cassete feita há algum tempo para o Dr. Instream.)

(A Jane falou ativamente, com os olhos abertos grande parte do tempo. O Bill começou a tirar apontamentos depois de a sessão ter começado; eu não estava a tomar notas, nem tinha planeado. A Jane falou bastante depressa e o Bill não conseguiu apanhar tudo palavra por palavra, mas registou a maior parte do essencial do que o Seth disse.)

(O seguinte é retirado das notas do Bill. Tentei não acrescentar nada inadvertidamente para melhorar o conteúdo, mas procurei torná-lo um pouco mais legível.)

...O Instream deverá juntar-se a mim em breve, em Fevereiro o mais tardar. Depois falará convosco, mas não como gostaria de falar... Ele vive agora numa cidade começada pela letra A.

(A Jane colocou agora a mão direita sobre o coração, repetindo várias vezes, olhos fechados.)

...Uma excitação do coração... O Dr. Instream morrerá de uma excitação do coração... 5 2 7 níveis... Doutor Brownallen... Brownaline... Allen Brown, o médico. O artigo sairá no *International Journal of Parapsychology*.

(O Bill não indicou nenhum mês, e não me lembro se algum mês foi mencionado para o aviso de falecimento.)

O material de Wisconsin irá desenvolver-se em breve... Envolverá o trabalho do Ruburt... *(A Jane apontou para a Joanie.)* A nossa amiga aqui deve manter-se afastada de alface... *(Perguntei porquê.)* Há uma sobrestimulação, que reage sobre o sistema dela... o que não lhe permite perceber corretamente a natureza das suas próprias experiências... Demasiada estimulação sem compreensão.

(O Seth refere-se aqui às experiências psíquicas que a Joanie tinha estado a descrever-nos, e não entra em mais detalhe sobre a alface.)

(Fizemos uma pausa. Durante a pausa a Joanie confirmou entusiasticamente que tem o estranho hábito de comer alface, uma cabeça de cada vez, como outra pessoa poderia comer rebuçados ou salgadinhos. Ela faz isto com a mãe, por exemplo, enquanto veem um filme à noite na televisão, etc. Disse-nos que tem este hábito desde criança. A Jane e eu já tínhamos encontrado a Joanie algumas vezes antes, sem qualquer conhecimento deste hábito de comer alface, e podemos confirmar que os dados do Seth aqui foram tão surpreendentes para nós como para a Joanie ou o Bill. Consideramos esta única linha de informação como um acerto direto por parte do Seth.)

Agora, meu caro amigo, vou deixar-vos. Os meus mais sinceros votos para todos. Cuida bem do Ruburt.

([Bill:] “Seth...”)

E sim, sem dúvida.

([Bill:] “E a tua visita a mim?”)

Muito bem. Aqui tivemos uma ocasião legítima, na qual o Ruburt projetou-se para o teu quarto, e eu atuei como guia dele. Viste-me a mim e não viste o Ruburt. Estávamos ambos lá.

([Bill:] “E o cigarro?” O Bill viu um cigarro na mão do Seth.)

O cigarro foi uma construção tua, representando a tua realização interior de que o Ruburt, fumador de cigarros, estava ali mas não presente. Eu fumava charutos. Construíste a ideia do cigarro, percebes. Agora dá-nos um momento. *(Pausa.)*

Há um S A G. Se encontrares alguém com estas letras de forma significativa no nome, evita essa pessoa. *(O Bill está prestes a embarcar numa digressão pelo país.)*

O Ruburt terminou, e eu devo, por necessidade, dizer boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 00:12. A Joanie Gilbert reiterou que come uma cabeça de alface de cada vez, e faz isso desde pequena.)

SESSÃO 350

6 DE JULHO DE 1967

(A 3 e 5 de Julho realizei longas sessões de pêndulo, tentando descobrir que papel subconsciente tenho desempenhado nos sintomas da Jane. Obtive muita informação válida. A Jane, a princípio, não concordou com as minhas conclusões, mas o pêndulo dela confirmou os meus resultados.

Estávamos muito ansiosos por ter uma sessão na quarta-feira, como planeado, para verificar as descobertas. Tivemos visitas, contudo, à última hora, por isso adiámos a sessão por um dia.)

Agora, boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Chegámos ao nosso momento da verdade, vejo eu.

Eu sabia que se aproximava, e dei-te todas as pistas que pude no passado.

Não me foi permitido falar senão nos termos mais opacos.

O estado emocional combinado de ambos equivale a uma atmosfera, altamente carregada, através da qual tenho de penetrar. Fiz o meu melhor, e ainda assim lamento profundamente ter podido fazer tão pouco. O bloqueio não era só do Ruburt, mas também teu. Era um escudo emocional, e dei-te todas as pistas que pude.

Agora, meu caro Joseph... Também tens estado ciumento do papel do Ruburt nas nossas sessões, e por vezes bastante ressentido, particularmente da atenção que ele recebia quando outros estavam presentes. No geral, contudo, embora estivesses encantado, por um lado, por teres as sessões, estavas ciumento do papel que o Ruburt desempenhava.

O Ruburt, portanto, sentindo isto, e anormalmente sensível aos teus desejos nesta altura, não deixou que as sessões fossem usadas para te ferir, e concentrou os esforços dele em bloquear tal material. Também ergueste resistência por causa do teu ciúme. Os esforços combinados limitaram qualquer ajuda que eu pudesse dar ao mínimo.

Este conflito entre vocês teve muito a ver com o medo do Ruburt em obter material de reencarnação que pudesse talvez ser verificado. Ele sentia que tu não querias que ele tivesse sucesso nisso, e que, apesar do que dizias — pois sempre o incentivaste verbalmente — tu não querias que ele

recebesse material clarividente verificável. Ficaste ciumento das tentativas limitadas dele de projeção, e ele parou-as por essa razão.

No que diz respeito às sessões, ele sentiu durante algum tempo que tu as exigias e, por outro lado, ressentias o papel dele nelas. Também estavas satisfeito com as sessões a outro nível, e a esse nível aceitaste honestamente o papel do Ruburt nelas, embora ainda desejasses que esse papel fosse desempenhado por ti próprio.

Sabias que as sessões eram altamente benéficas, e estavas convencido da minha legitimidade. Foi, de facto, porque estavas tão convencido que invejaste o papel do Ruburt. Enquanto pedias ao Ruburt que me deixasse ajudar na condição dele, durante algum tempo a continuação dos sintomas foi importante para ti, pelas razões que agora compreendes.

O ambiente está agora suficientemente limpo para que eu possa dar-te este material. Conscientemente, o Ruburt nem sequer suspeitava disso. Há muitas questões para discutir aqui, percebes, e razões para o teu próprio comportamento, que devem ser compreendidas.

Agora, o Ruburt disse, e eu disse: não te culpes a ti mesmo, e isto é válido nesses termos. É muito mais importante que compreendas as malhas que existem, e a importância de integridade no relacionamento contigo próprio.

Sentimentos negados acumulam ímpeto emocional, e formam tempestades emocionais. Há formas de evitar tais acumulações. Eu sugeri insistentemente umas férias, e é porque as condições anteriores ainda operavam que vocês os dois não superaram os vossos obstáculos e partiram.

O convite do teu amigo foi uma resposta direta à tua necessidade, que foi recebida telepaticamente. O caminho, noutras palavras, foi providenciado. Uma mudança assim, drástica e completa, teria resultado num choque para o teu próprio sistema psíquico assim como para o do Ruburt.

(A 4 de Julho, a Pat Norelli telefonou-nos de Boston a convidar-nos para ficarmos o tempo que quiséssemos no apartamento dela.)

Também tens estado a operar com pistas internas que teriam sido quebradas, e nestas interrupções, intuições enterradas teriam surgido, trazendo estas verdades consigo. Mudanças frequentes, como te disse, são benéficas por essa razão.

Objetos e condições dentro do ambiente habitual tornam-se carregados de várias emoções, às quais podes então reagir automaticamente, sem questionar a sua validade. Livre destes objetos e condições carregados, a mesma resposta, percebes, pode de repente surgir com surpresa, e questioná-la-ás. Isto está altamente simplificado, mas é muito válido.

Alguns dos teus sentimentos de ciúme, alguns (*sublinhado*) vêm do teu conhecimento dos sentimentos da tua mãe. Uma vez carregado o ciúme o suficiente, tornaste-te sensível a estes sentimentos dela recebidos telepaticamente, e eles alimentaram os teus.

O Ruburt, de facto, sentiu-se atacado, mas não quis lutar contra ti, percebes. Lutou, mas sem nunca ousar enfrentar o que era contra o que lutava. Condições no passado dele prepararam-no para esta docilidade, pela qual de facto a mãe o ridicularizou frequentemente; e ainda assim os sintomas em si, percebes, eram uma forma dele também lutar contra ti. Pois se ele sofresse por causa deles, sabia que tu também sofreria, até que finalmente terias de admitir as verdades que poderiam libertar ambos.

Ele sabia que nunca o faria. Há aqui uma recusa estranha, de facto profunda, da parte dele em magoar alguém profundamente, seja por que razão for. É impossível para a personalidade dele fazer algo que sinta (*sublinhado*) que magoaria a única pessoa no mundo com quem se sente próximo.

Isto é o resultado do conhecimento íntimo dele do que é ser tão magoado, ligado à experiência com a mãe. Portanto, nesta situação, ele lutaria mas não poderia magoar-te. Isto não lhe deixou muito espaço. Mas deixaste-lhe algum, no entanto, pois os sintomas em si foram os meios que te trariam a estas percepções. E ele sabia, no fundo, que isso só iria até certo ponto antes de perceberes o que estava a acontecer. Ele, no entanto, não sabia onde estava esse ponto.

Queres descansar?

(*“Acho que sim.”*)

(*O ritmo da Jane tinha sido um pouco rápido, a voz mais forte, olhos abertos muitas vezes, muitos gestos, etc.*)

Agora. A dualidade na tua própria condição psíquica, Joseph, acabaria por destruir a tua capacidade de trabalhar.

Isto teria funcionado como um auto-castigo pelos sintomas infligidos ao Ruburt, se tivessem continuado ao longo de vários anos. Tal dualidade não pode existir por muito tempo sem destruir aspetos criativos da

personalidade. O Ruburt teria continuado a trabalhar, embora fisicamente bastante incapacitado. Estas condições, no entanto, provavelmente não teriam resultado. Ambos tinham algo muito forte a trabalhar a vosso favor, ainda suficientemente forte para ajudar, e isso era a natureza criativa e intuitiva, que de uma forma ou de outra tornaria os factos claros.

No entanto, o factor tempo poderia ter sido alongado. Ambos decidiram, na verdade, que a situação tinha ido longe demais, e comunicaram telepaticamente. A força da comunicação telepática do Ruburt aterrorizou-te porque sentiste então o enorme peso que estava sobre ti, e isso pôs-te a trabalhar com o pêndulo.

Tinham feito as pazes, ambos, a outro nível, mas as duas personalidades como as conheces ainda tinham de chegar a um entendimento na realidade normal. O Ruburt tem um infeliz sentimento de indignidade, sem o qual a situação não poderia ter-se desenvolvido.

Ele não trabalhou no livro dele, incidentalmente, porque sentia que tu não querias que ele o fizesse. (*Longa pausa.*) Ressentiste-te quando ele começou a dactilografar algumas das sessões.

(*Pensei que isso era ideia minha: RFB.*)

Sentiste que ele estava a tentar privar-te ainda mais da tua parte. Sentiu-se particularmente mal em casa dos teus pais porque lá sentiu-se sob ataque combinado. Ele tem, no entanto, uma agressividade natural também, e uma natureza rebelde.

Ele temeu direccionar qualquer uma das duas para fora, com medo de magoar os outros. (*Longa pausa.*) Ele deve aprender a lidar com agressões normais, mas quando está a operar de forma espontânea, a sua exuberância natural é um mecanismo para tal libertação. (*Longa pausa.*) Ele estava ciente dos teus sentimentos. Sentiu que qualquer sucesso dele era uma ameaça para ti. (*Longa pausa.*)

Haverá muito a dizer sobre a parte do Ruburt em toda a situação, e tentaremos abrir caminho para que as vossas características e necessidades se apoiem mutuamente. O que aconteceu aqui acontece frequentemente, como já imaginaste.

Há também forças bastante benéficas nas vossas personalidades que vos sustentam a ambos, e das quais não tendes consciência.

(*“Vais ter mais liberdade para falar no futuro?”*)

Sem dúvida, espero que sim. (*O Seth divertiu-se.*)

(*“Eu também.”*)

Espero plenamente que sim.

A pintura do apartamento é benéfica, na sua representação simbólica, e pelo que significa para ambos a outros níveis. Agora dá-nos um momento. (*Longa pausa.*) Por acaso, também querias o Ruburt magro, percebes. Não querias nutrir o sucesso dele.

Faz como quiseres em relação ao rapaz. Podes ajudá-lo muito, e ajudarás de qualquer forma. Irás encontrá-lo de qualquer forma.

(*O jovem Peter Murtough, de Chula Vista, CA, quer visitar-nos.*)

Os sintomas matinais do Ruburt também estavam ligados contigo. Não gostavas de enfrentar a manhã na *Artistic Card Company*, mas o Ruburt tinha os sintomas, percebes. Outros motivos também operavam aqui, vindos do passado dele.

(*“Porque é que ele tem estado tão faminto ultimamente?”*)

Sentia que tu lhe invejavas a comida que comia, daí os sintomas das compras. À medida que a tua atitude mudou, estes sintomas começaram a desaparecer. E à medida que a tua atitude mudou ainda mais, ele começou a comer mais. Agora, o próprio passado dele, com a sua auto-negação e treino estético religioso precoce, também teve o seu papel, percebes.

Podes fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferires.

(*“Vamos fazer uma pausa.”*)

Há várias coisas aqui que me ocorreram.

Voltando atrás, as barreiras do Ruburt em relação à área de trabalho eram também barreiras contra ti. Por vezes, antes de enterrar o sentimento, ele ressentia-se quando te sentavas à mesa (*sublinhado*) dele. Lembras-te?

(*“Sim.”*)

Isto foi o início do teu ciúme, e ele captou-o.

A estante representava uma mudança de atitude da tua parte, para melhor, e ele também sabia disso.

Agora, uma breve explicação aqui, pois este tipo de coisa opera em circunstâncias boas e más. Os sintomas matinais do Ruburt, por exemplo. Disse-te porque é que os tinha esta noite, mas depois eles tornam-se associados a certos objetos e ambientes, que servem como perpetuação automática, percebes, em graus variados.

Alterações simples nos objetos podem, portanto, resultar numa mudança bastante real de padrão, padrão psíquico, para perturbar a associação. Pintar é uma mudança total, por exemplo. Noutras palavras, os fantasmas destas coisas podem persistir. Uma limpeza de casa (*sublinhado*)

completa, uma mudança de detalhes dentro do ambiente, tudo isso é praticamente benéfico, e de grande ajuda para aliviar sintomas persistentes.

A mudança de cor do quarto é altamente importante, e é por isso que a sugeri. Remove o tapete. Não deve ser usado novamente. Rearranja os quadros no quarto. Deixa o teu amigo entrar...

(Houve uma interrupção enquanto eu deixei entrar o Catherine; ele tinha estado a arranhar a porta. Sim, o Catherine é um gato macho.)

Estes são detalhes importantes, no entanto. As cómodas na casa de banho devem ser pintadas. A estante lá (acabada de ser mudada) quebra velhas condições, e é boa. As cómodas devem ser forradas o mais rapidamente possível para quebrar associações. O Ruburt deve mudar a arrumação das roupas dele nessas cómodas. Os sapatos devem ser guardados noutra lugar que não o habitual.

Estas medidas ajudarão a perturbar quaisquer padrões fantasmas persistentes, percebes. Eu (*sublinhado*) sugeriria uma mudança na cozinha se fosse remotamente possível. Se não for possível uma grande reorganização, devem ser feitas alterações pequenas.

Não posso enfatizar demasiado a quebra de associações que resultará. Isto ajudará no desaparecimento completo dos sintomas. Caso contrário, poderiam persistir sintomas menores, enquanto estes objetos habituais perdessem o poder associativo, percebes.

As condições associativas não são só do Ruburt. Uma vez projetadas sobre os objetos, tornam-se parte dos objetos até que alguma alteração seja feita. A alteração muda realmente os alinhamentos atômicos e sacode tais influências que foram absorvidas.

Os braços do Ruburt, agora — ele queria embalar-se em conforto.

(A Jane embalou os braços neste gesto característico.)

Os cotovelos então dobraram-se, inclinando-se para esta posição, representando uma necessidade de conforto, e a tentativa de se confortar a si próprio. Os dedos, ligados ao trabalho dele... Aqui ele recusou-se a ceder. Poderiam ter ficado tão maus que ele não poderia escrever, e isso ele não permitiu. Ainda assim, representavam o sentimento dele de que a escrita era uma ameaça para ti, e eram um lembrete de toda a situação. Mas também eram gordos, pois ele ainda os considerava poderosos em relação ao trabalho dele.

Sugiro que terminemos a sessão. Seria bom pintares o teu quarto todo. (*O estúdio.*) Isso limpará a tua mente e ajudará o teu trabalho. Falo rapidamente sobre isto se não estiveres cansado.

(*“Está bem.”*)

Dá-nos um momento. (*Pausa, olhos fechados.*)

Tens racionalizado a disposição das janelas. Tens as janelas cobertas (*com o material plástico de isolamento de inverno*) como um auto-castigo.

Impede-te de ver claramente uma vista que amas profundamente. O tapete deve ser removido. Não gostas dele. A dificuldade com o teu trabalho envolvia, de facto, a situação de que temos estado a falar. Posso falar rapidamente aqui.

Consideraste os óleos turvos, representando os medos e desejos subconscientes escondidos dos quais tinhas medo. Consideraste-os ameaçadores, os óleos, demasiado fáceis. Explosivos, percebes. (*Pausa.*) As têmperas significavam disciplina, mas cada têmpera continha um óleo dentro dela.

(*Dados excelentes do Seth; é exatamente assim que eu sentia o problema e nunca mencionei isto à Jane.*)

Simbolicamente, transformaste agora os sentimentos subconscientes nas têmperas brilhantes. Trabalhando com as têmperas meticulosas, na verdade resolveste problemas internos de uma forma que não era assustadora, e deu-te uma sensação de desafio e realização.

Há uma escuridão nos óleos, contudo, que achas assustadora, e uma densidade, percebes. Tinhas medo de te soltares com os óleos, com receio de enfrentar as forças subconscientes que representavam. (*Mais uma vez, excelente dado.*)

A cor do teu estúdio é boa.

Isto chega por esta noite. Os meus mais sinceros votos para ambos, e bem-vindos novamente à luz, vocês os dois.

Uma nota: o Ruburt sentiu-se culpado com o teu segundo gato (*o Catherine*) inicialmente, sentindo que tu não o querias. À medida que te tornaste afetuoso com o gato, o sentimento do Ruburt desapareceu.

(*Boa noite, Seth.*)

SESSÃO 351
10 DE JULHO DE 1967

Ora bem. Boa noite.

(*“Boa noite, Seth.”*)

A árvore, ou árvores, que o Ruburt pintou na parede da cozinha não eram símbolos benéficos. Eram árvores de inverno, percebes, feitas a preto. Se ele tencionava decorar ali, símbolos do sol ajudariam.

A neutralidade, comparativamente falando, das pinturas anteriores do vosso apartamento não refletia no geral a personalidade do Ruburt, que se dá a contrastes. Ele tem razão. A casa de banho deve ser refeita, e de forma alegre. Durante demasiado tempo representou o lugar onde ele enfrentava os resultados do conflito — os sintomas dele.

Quando for possível, os sapatos devem ser substituídos, par a par. Qualquer meia-calça ou roupa de inverno que ele tenha deve ser deitada fora. As botas pretas não devem ser usadas no próximo ano. A área da casa de banho é uma zona sensível pelas razões que dei.

Os armários devem ser repintados; o teto não é importante, façam como quiserem. Esta divisão acumulou à volta dela a atmosfera do desespero do Ruburt. O suporte do sabonete no chuveiro deve ser substituído. O tapete de banho deve ser guardado durante algum tempo. Pode ser usado mais tarde, no futuro.

Uma mudança completa de cor é fortemente recomendada. Uma cor alegre e contrastante. Estas medidas dissiparão imagens fantasmas persistentes e associações. As novas toalhas de banho, incidentalmente, são uma excelente ideia. O Ruburt ficou fortemente atraído pelo teu tapete novo por causa do contraste; isto, por si só, permite a expressão constante e harmoniosa da personalidade dele.

Ainda te digo para pintares o teu próprio quarto, embora a mesma cor esteja bem. As coisas que achas que poupas aos padrões ao não pintares escondem associações antigas às quais ainda estás, até certo ponto, ligado. Tu próprio também precisas desta mudança no ambiente imediato. O conhecimento interior reflete-se de formas físicas novas. A própria resistência que sentes, percebes, neste caso é significativa.

As aulas do Ruburt correrão bem (*muito certo, Julho de 1971*), e servirão como uma saída natural, espontânea e benéfica para as agressões dele. Estas têm-se acumulado há algum tempo; agora serão libertadas de forma benéfica, para todos os envolvidos, em jorros de entusiasmo e energia dirigidos para fora através do encontro de ensino.

Pela primeira vez, estarás brevemente numa posição em que a energia do Ruburt será corretamente utilizada para benefício psíquico, espiritual e financeiro de ambos. Toda a energia deve ser dirigida, da parte dele, para fazer das aulas um sucesso.

O livro dele correrá muito bem agora — o livro dos sonhos. (*Não, Julho de 1971.*)

Recomendo que ele dê o aviso de saída ao senhor Miller, embora por si próprio ainda não se sinta pronto para o fazer. Deve avançar a todo o vapor na direção correta. Contudo, um toque desta docilidade opera em que ele teme dizer não à proposta da escola infantil.

O teu próprio trabalho melhorará à medida que fizeres as alterações no teu quarto que te aconselhei.

Quanto a eu ser teu filho (*divertido*), estou algo relutante em dizer mamã ou papá. Contudo, mais tarde na nossa sessão falarei disto, pois contém alguma validade em teoria.

(*Aqui o Seth refere-se à minha própria sessão de pêndulo de 10 de Julho, que está em arquivo.*)

Uma pequena observação aqui. O Ruburt ainda desconfia ligeiramente das novas condições, perguntando-se se elas vão durar. Isto resulta nas fortes sensibilidades persistentes, que desaparecerão à medida que ele for tranquilizado. Ele estava literalmente aterrorizado. Não posso sublinhar isto suficientemente. Está a demorar-lhe algum tempo a perceber que está livre. Mas está a consegui-lo, e energia está a ser libertada e disponível para ele, que não estava disponível antes.

Em breve, a velha exuberância nativa regressará completamente, e agora haverá uma direção para ela. Um ponto muito pequeno para ti. Ressentias-te das limpezas frequentes da tua mãe por várias razões. Antes de mais, temias profundamente que, ao reorganizar a casa dela, ela estivesse apenas a brincar com arranjos de superfície, e não tocaria nos dilemas mais profundos da família.

Mas também temias o contrário, que ela perturbasse um *status quo* que era altamente delicado. Desagradável mas suportável, e que a situação

resultante fosse puro caos e perturbação. Sempre temeste a perturbação, sem perceberes que ela resulta em criação, e sim, em nascimento.

Podes fazer uma pausa.

(A Jane relatou que esteve “bastante fora de si” enquanto falava. O ritmo dela tinha sido rápido, olhos abertos muitas vezes, voz num tom médio.)

Terei de facto mais liberdade para falar, Joseph.

Não querias filhos, fisicamente falando. Querias alcançar algo da forma que as pessoas o fazem quando têm filhos. Querias uma realização, de facto, que teria, é claro, repercussões físicas em termos tridimensionais, mas que não era primariamente física.

Querias algo que o teu trabalho te proporciona, mas de uma forma diferente. Não me interpretes mal aqui. Isto é uma afirmação geral, sujeita a algumas alterações específicas. Contudo, de forma geral, aqueles completamente focados na realidade física procurarão a sua realização principal dentro dela. Também terão filhos.

Aqueles que não estão completamente focados na realidade física procurarão outras formas de satisfazer as suas necessidades. Regra geral, com outras questões consideradas, não terão filhos. Ficarão, no entanto, com a necessidade de realização. Este foi o teu caso e o do Ruburt.

Eu dificilmente sou um substituto de filho, percebes. Inversamente, se tivesses tido um filho teria sido muito mais difícil para ti comunicares comigo, por causa da direcção da tua própria energia e foco. Por causa das conotações físicas, a idade do Ruburt foi uma circunstância bastante significativa no que diz respeito ao início (*sublinhado*) do desenvolvimento dele. Ele soube finalmente que não seria em termos físicos normais.

Ele estava intelectualmente certo disso no passado, mas não emocionalmente certo. O mesmo pode ser dito no teu caso. Agora amplificas as nossas comunicações de uma forma altamente carregada. É por isso que a tua relação com o Ruburt, percebes, é tão importante nas sessões. Quando ele está confiante em ti, está livre nas sessões.

O princípio do nascimento está também aqui da vossa parte, não da minha, no sentido em que as sessões envolvem uma projecção para uma realidade que é em grande parte nova, e um nascimento da vossa parte, percebes. Do ventre da terra para uma nova dimensão. Existe aqui alguma base sexual no simbolismo oculto homem-mulher, a este respeito, isto num nível psíquico.

Todas estas questões prepararam-vos psíquica e psicologicamente para estabelecer este tipo de contato. O equilíbrio entre agressividade e passividade da parte do Ruburt forma também um meio altamente carregado que lhe permite agir na capacidade atual dele nas sessões. Qualquer exploração de outras realidades envolve uma investida agressiva, por um lado, em direção à realização, com esperança de liberdade, percebes. Isto tem as suas conotações psicológicas dentro do vosso sistema.

O desejo de ser pai ou mãe de uma criança é uma materialização do desejo de realização — um entre muitos, que acontece de ser predominante dentro da realidade física. Se considerares o que estou a dizer, juntamente com algum do nosso material inicial, verás o que quero dizer aqui.

Podes fazer uma pausa e continuaremos.

(A Jane estava novamente “fora de si”).

Vamos encerrar a sessão em breve.

Estou a pensar em sugestões práticas para te dar. Amarelos e azuis são bons. O Ruburt não precisa de ir ao quiroprático por um tempo. Mais tarde alguns ajustes poderão ser úteis, simplesmente como medida física para corrigir desalinhamentos que não tenham sido corrigidos de outra forma. Embora isso possa não ser necessário. Diz-lhe para usar óleo de amendoim nas saladas. Continua com o óleo de fígado de bacalhau por agora.

(“E se esfregar o óleo de amendoim em partes do corpo que o incomodam?”)

Isto é sempre benéfico para ele, particularmente numa zona problemática do corpo. O tempo ao sol também é importante. As aulas representam um encontro da parte dele com o resto do mundo nos termos dele. Um sinal muito saudável, e um sinal de que depois de alguns anos vocês os dois estão a resolver um problema antigo relacionado com a contribuição do Ruburt.

(“Porque é que ele melhora quando se levanta à noite para escrever?”)

Há muitas razões. Queres que as explique?

(“Pode ficar para a próxima vez se for complicado explicar.”)

Vai demorar algum tempo. Estou perfeitamente disposto a discuti-las agora, ou podem esperar até à próxima sessão.

(“Acho que esperamos então.”)

Não estás a evitar problemas ao lidar com têmperas, incidentalmente. Estás apenas a resolvê-los a outro nível.

(“Costumava perguntar-me.”)

Do caos de que tens medo, fazes a tua ordem nas têmperas. Poderias, no entanto, fazer trabalhos excelentes a óleo se te libertasses do medo que eles representam. Não há necessidade de forçar isso. Acredito que trabalharás automaticamente estas questões, e encontrar-te-ás livre para escolher qualquer meio.

(Sim — até 1969, pelo menos, possivelmente antes. Faz só óleos até 1970: RFB.)

Agora encerraremos a sessão, a menos que tenhas perguntas.

(“O que vai o Peter [Murtough] pensar quando receber a carta da Jane?”)

Ele tinha esperança de ficar mais tempo, e sentirá uma ligeira sensação de água fria, da qual se recuperará rapidamente. Pode ter esperança de encontrar um trabalho mais sólido em Elmira, e um quarto, percebes, para poder ficar mais tempo.

Então encerrarei a nossa sessão. Boa noite a ambos.

(“Boa noite, Seth.”)

SESSÃO 352

12 DE JULHO DE 1967

Agora. Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

A férias sugeridas teriam quebrado o resto dos sintomas do Ruburt mais rapidamente do que o vosso curso atual.

Este curso, no entanto, vai resultar, e está a resultar. Até agora tens estado a lutar contra um ambiente no qual muitos itens estão carregados, e agora estás a tentar mudar essa carga.

A carga por si só, percebes, não é suficientemente forte para iniciar tais sintomas, mas é forte o bastante para alimentar uma continuidade, cada vez mais diminuta, deles, a menos que sejam feitas mudanças — e estás a fazê-las. As férias teriam automaticamente dado liberdade em relação a estes itens carregados do ambiente diário, permitindo que os sintomas se dissipassem completamente sem a resistência adicional.

À medida que a energia e força crescessem enquanto estavas fora, a suscetibilidade ao ambiente teria diminuído em grande parte. Desta forma é um pouco mais difícil mas provar-se-á eficaz. Trabalhar com o ambiente

carregado desta forma pode causar várias reações repentinas, que, no entanto, desaparecem imediatamente à medida que as mudanças continuam.

(E das quais o Ruburt está bem consciente.)

Quando o trabalho do Ruburt estiver feito na casa de banho e no quarto haverá outra melhoria acentuada, e um novo patamar de recuperação, a partir do qual ele subirá ainda mais. Ele tem mais energia agora, percebes, embora possas não o perceber — energia para pensar em aulas, e energia para entusiasmo.

Não há outras razões além das dadas, mas estas são antigas e profundas.

(“Ele não está a encobrir mais nada?”

(Antes da sessão desta noite, eu tinha enfatizado à Jane que estava muito interessado em saber se tínhamos descoberto todas as razões para os sintomas dela através dos vários meios que tentámos — pêndulos, sonhos, estas sessões, etc. Pedi-lhe para deixar o Seth falar livremente.)

Não há nada de novo do meu conhecimento. Ele precisa do teu apoio emocional, e de proclamações ativas de amor e afeto. Mais do que normalmente, precisa das tuas garantias emocionais.

(“Bem, ultimamente tenho feito um grande esforço para melhorar as minhas atitudes.”)

Tens de facto. Calor emocional ativo e as suas manifestações da tua parte apressarão agora imensamente a recuperação completa. Só essas medidas podem compensar quaisquer erros, percebes, que possam ser cometidos. Sem elas, nenhuma outra medida correta é suficiente. Ele não precisa, nem quer, sufocar-te emocionalmente. Teme isso.

Teme que sintas que és forçado a dar-lhe mais amor do que queres dar. Isto é em parte um resto da realização dele dos teus sentimentos de ciúme, percebes. Todo este material é muito importante.

À medida que ele for tranquilizado novamente, percebes, não precisará de tantas garantias. A rejeição que sentiu, no entanto, foi bastante real, e tu sentiste-a — o ciúme, por qualquer razão, foi sentido como válido. Portanto, a necessidade das garantias.

(“Ontem à noite o meu pêndulo disse-me que a minha mão desenvolveu um tremor como resultado deste ciúme.”

(Eu não tinha dito isto à Jane.)

O tremor na tua mão começou quando o ciúme começou a ganhar força. Sentiste que tinhas uma fraca sustentação então, e que as fundações do teu trabalho e da tua vida conjugal eram frágeis.

As aulas serão como ar fresco psíquico no ambiente. As visitas dos vossos amigos também serão benéficas. Podes fazer uma pausa e continuaremos.

O Ruburt deve fazer um esforço, e um bom, para expressar os sentimentos dele, positivos e negativos.

As vossas vidas íntimas, as vossas experiências íntimas, sofreram. O Ruburt, sentindo o teu ciúme, fugia e não se deixava tocar profundamente. Isto foi, em parte, uma retaliação. Mas também ele tinha fechado tantos sentimentos espontâneos em relação a ti, porque os temia, que era difícil ser espontâneo quando queria sê-lo.

Ele tem formas de escapar que são subtis, pois não são óbvias, e são até certo ponto respostas automáticas adotadas na infância. Ele não te magoará se tu o magoares para retaliar, mas escapará, fechar-se-á a mais mágoas, deixando para trás uma concha, uma animada mas vazia.

Isto é uma fuga de último recurso, por assim dizer, mas perigosa porque os sinais não são óbvios. “Pois bem, então, fecho-te fora.” Este é o sentimento emocional por trás disso. Tal recurso, novamente, é apenas um último e desesperado, mas com a teimosia dele seria muito final, e um meio de autodefesa.

Os sintomas dele foram adotados em vez de tal movimento. Isto é uma peça de material altamente significativa.

(“*Sim.*”)

Ele literalmente pensou demasiado em ti para fazer o outro.

Agora. Algumas notas tardias sobre a personalidade da tua esposa. Elas (*sorri*) podem ser benéficas, mesmo nesta altura tardia. A lealdade dele é de facto profunda e inabalável. Tem sido tua durante várias existências. É dada, a lealdade dele, a muito poucos, mesmo ao longo de várias vidas.

Exige pouco em termos físicos. No entanto, ele prospera e literalmente exige um sentido luxuoso de amor interior, uma abundância de calor e afeto. Dado isto, a energia dele em teu favor e no teu benefício não conhece limites dentro dos potenciais da personalidade dele.

Se sentir que isto é retirado, a confiança segura dele é destroçada e a energia dele diminui. No caso dele, no entanto, não há perigo de que sejas

emocionalmente sufocado, pois ele também tem este amor pelo trabalho e pelo isolamento, e sentimento pela independência dele e tua.

(*“Tenho-me preocupado com esta questão do sufocamento emocional?”*)

Ele tem medo de que sintas isso, e talvez tenha exagerado isso. Mas é também um ponto contigo. Isto é resultado da ligação entre o emocionalismo e a tua mãe.

(*Pausa de um minuto.*)

Estamos a trabalhar algum material aqui. Dá-nos um momento.

(*Pausa.*) Ele dar-te-á uma liberdade imensurável quando estes requisitos forem cumpridos. Digo dar-te, uma vez que estas são liberdades que um indivíduo não poderia obter sozinho. A energia literalmente tremenda dele, dada a espontaneidade através da confiança dele em ti, é até certo ponto então entregue a ti, e pode ser usada no teu trabalho.

Isto é difícil de explicar. (*Longa pausa.*) Vocês os dois usam energia de formas diferentes. Ele começou subitamente a retirar a energia dele por medo, e criou o que poderias pensar como um buraco implosivo que começou a drenar existências. Isto foi largamente causado pela realização dele do teu ciúme, e pela reação dele. Ele deve aprender a expressar pensamentos temerosos ou negativos, à medida que surgem, para que não voltem a acumular esta carga. Simplesmente porque a energia dele é tão concentrada resultou, mal direcionada, em sintomas tão severos.

Esta sessão deve conduzir a uma compreensão muito importante da parte de ambos. (*Longa pausa.*) Acredito que a almofada pequena usada pelo Ruburt tem uma ligação com a tua mãe, e não deve ser usada.

(*“Uma almofada vermelha pequena?”*)

(*Não tinha a certeza se o Seth tinha dito almofada vermelha ou de cama.*)

A pequena almofada que ele usa por baixo da almofada normal.

Agora, estás a fazer bem e a progredir. Esta sessão contém material que é altamente significativo. Deve ser lida e relida, e o conselho seguido. A menos que tenhas perguntas, terminaremos agora.

(*“Não posso deixar de me perguntar o que tenho oferecido a ele ultimamente, além de pensamentos negativos, ciúme, e por aí fora.”*)

Queres dizer recentemente?

(*“Bem, durante o curso dos sintomas. Ou não ofereci muito?”*)

Sempre ofereceste um amor profundo. Sempre ofereceste um apoio espiritual e uma sintonia. Estes foram, no entanto, minados.

Agora. Para as vossas personalidades nesta existência, ambos fizeram as escolhas ideais. Tinham estado à espera um do outro. As possibilidades da vossa relação tinham o poder de trazer o maior desenvolvimento possível das vossas personalidades. A energia do Ruburt tem uma natureza explosiva. O teu padrão mais regulado dá sustentação ao dele, e sustém-no quando o nível de energia dele baixa momentaneamente.

A energia explosiva dele acrescenta vitalidade e variedade ao teu padrão mais regulado. Muitas vezes impediste-o de ser magoado por excesso de envolvimento. Mas isto foi levado ao extremo, percebes, no período de tensão.

Sem o outro, as vossas possibilidades de realização teriam sido muito menores. Ele sabia que tu eras menos demonstrativo emocionalmente do que ele, e aceitou isso mais ou menos, sabendo que por baixo havia uma fundação na qual podia confiar. Foi nesta fundação que ele perdeu a fé, o que o assustou tanto.

Num certo sentido, num sentido limitado, poderias dizer que ele anuiu, sentindo que os sintomas dele iriam quebrar a barreira. Mas ressentiu-se de ter de estar doente para te alcançar. De certa forma, foi um pedido de ajuda, e ele ressentiu-se da necessidade de pedir ajuda.

Existe um laço intuitivo entre vocês, muito profundo. A poesia dele para ti é boa prova disto. Inspiras-lhe coisas. Ele sente e reage a partes de ti que nenhum de vocês conhece conscientemente. Ele dá voz ao teu sentido de maravilha e fantasia, que foi abafado quando eras criança, mas encontra libertação no teu trabalho.

Ele não pode amar sem esta lealdade inabalável. É parte dele. Tu revelas isso, e se não o fizesses uma parte vital dele ficaria por expressar. A outra face desta lealdade é o completo isolamento que mencionei antes. Uma lealdade parcial desta natureza não faz parte da constituição dele. Tens perguntas?

(*“Não.”*)

Respondi suficientemente à tua última pergunta?

(*“Sim, muito bem.”*)

Tu, incidentalmente, podes usar este sentido de lealdade, pois não o recebeste no passado nesta existência. Ele revela o melhor de ti e do teu trabalho, e representa uma terra emocional rica de onde precisas de extrair

certos elementos da tua própria personalidade. Da parte do Ruburt é o elo principal com o universo físico. Uma afirmação forte. Mas seguros nela, ambos têm liberdade para alcançar outras existências. Sem ela, não estariam suficientemente ligados a esta Terra. Há uma interação, naturalmente. A lealdade está lá mas tu revela-la e serve-vos a ambos, portanto. Sem ti, literalmente, o Ruburt nesta vida física não poderia expressá-la nem libertá-la. Tens perguntas?

(“Não.”)

Então encerrarei a sessão. Os meus votos mais calorosos uma vez mais, e marca bem esta sessão.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 22:34.)

Boa noite.

SESSÃO 353

17 DE JULHO DE 1967

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. O Ruburt ouviu-me de facto hoje.

(*Enquanto andava pela baixa esta tarde, a Jane recebeu várias mensagens do Seth.*)

A primeira vez em bastante tempo que ele esteve suficientemente aberto, e é um sinal de melhoria. Eu disse-te que poderiam ocorrer alguns surtos de sintomas, embora não graves, durante o processo de pintura. É de menor intensidade do que poderia ter sido, e é desencadeado por objetos específicos. Toda a casa de banho, percebes, é altamente significativa, como expliquei antes.

A mudança completa da cor dos armários é definitivamente vantajosa. As últimas imagens-fantasma significativas estão a ser enfrentadas de frente, simbolicamente, e conquistadas; isto sendo reforçado no universo físico por causa do trabalho físico envolvido.

Agora. (*Sorriso, olhos abertos.*) Está também a ocorrer aqui uma projeção benéfica, para variar, à medida que o Ruburt projeta psiquicamente para fora os últimos distúrbios interiores importantes para as imagens-fantasma, que depois são completamente transformadas em imagens construtivas e saudáveis.

(*Outro sorriso.*) Isto é algo como a raposa de que ele leu, que para se livrar das pulgas leva algo como uma bola de lã na boca e entra na água,

forçando os piolhos a sair cada vez mais para a extremidade. Neste caso, o teu armário cheio de roupas sujas serviu de certa forma. Quando a casa de banho estiver completamente terminada, com exceção talvez do teto, então a roupa deve ser lavada, e de preferência, desta vez, numa lavandaria diferente.

Agora estas mudanças: falemos delas. Já te falei do significado muito prático e simbólico por trás da pintura e alteração do vosso ambiente físico. Há também mais envolvido. Como sabes, a vossa habitação sempre representou um templo para o Ruburt, e a relação entre vocês. Portanto, a alteração para melhor representa a realização dele de uma relação mais benéfica, e dá-lhe um papel nela — representa a disposição dele para fazer alterações interiores necessárias também.

O arranjo de cores contrastantes é uma aceitação muito saudável da parte dele da parte espontânea da própria personalidade. Em grande parte, no passado, ele seguia as tuas ideias em relação à atmosfera geral (*sublinhar geral*) do apartamento, sentindo que encontrarias elementos contrastantes irritantes. A espontaneidade está a encontrar uma libertação benéfica. Ele já não tem tanto medo de cometer erros, ou de confiar no próprio julgamento, mesmo que ache que isso possa entrar em conflito com as tuas ideias em qualquer caso. Daí ter pintado os armários de azul.

Ele ainda é muito cauteloso ao invocar o teu desagrado mas já não está aterrorizado, como perante a ira de um deus severo. (*A Jane, com os olhos muito abertos e muito escuros, inclinou-se para a frente, divertida.*) Isto representa de facto uma melhoria.

Estas mudanças levaram trabalho, energia e tempo. Precisamente por isso, têm validade em termos físicos, e mostram o impulso psíquico por trás delas. Queres fazer uma pausa?

(“Não.”)

Do mesmo modo, a visita do teu jovem amigo será também benéfica (*Peter Murtough, de Chula Vista, CA*) e a visita da tua amiga de Boston (*Pat Norelli*). Estas trarão uma rutura, novamente de padrões, e evitarão eficazmente recaídas. Levar-vos-ão em segurança, por outras palavras, ou levarão o Ruburt.

Agora, ambos tiveram muito a ver com o facto de estes acontecimentos ocorrerem. Nenhum de vocês disse não ao Peter, e mais importante, não disseste não ao Ruburt. O convite dele, um pouco induzido,

representou um novo uso de liberdade. Da parte de ambos, a visita do rapaz mostrará que têm novamente energia suficiente para usar noutras coisas.

A pintura e as duas visitas, tomadas em conjunto, serão tão eficazes quanto as férias perdidas. Acredito que tu (*eu*) estás prestes a ter um novo avanço no teu próprio trabalho, e a visita do rapaz pode fazer com que isso aconteça mais depressa. Podes fazer uma pausa e continuaremos.

(*Pausa.*)

Terás de facto a oportunidade de ajudar este Peter num momento muito importante da vida dele, e o encontro dele contigo mudará a direção da vida dele; vai inspirá-lo e colocá-lo firmemente de pé.

Os sentimentos saudáveis e exuberantes de todos os vossos convidados antecipados também vos beneficiarão a ambos, e poderão ajudá-los. Haverá benefícios mútuos. O Ruburt deve agora concentrar-se definitivamente no livro dele durante as horas da noite, pensando talvez em poesia para o amanhecer.

Agora, ele pensava, quando criança, que cada noite era literalmente uma morte, e cada amanhecer literalmente um renascimento. Ficava aterrorizado que a mãe dele tivesse morrido durante a noite quando era muito novo, e não pudesse ajudá-lo. Ela não conseguia, percebes, subir as escadas ao chamamento dele. Mais tarde ele sentia que ela se suicidaria ou mataria os dois enquanto dormia, e temia a noite. (*Pausa.*) Em tempos de stress, o velho padrão de ficar acordado à noite reaparece. No problema mais profundo ele duvidava do teu afeto também, e num pânico exagerado sentia que te sentirias liberto se ele morresse, tal como ele sentia que se sentiria liberto, enquanto adolescente, se a mãe morresse. Pois nessas horas via-se aleijado como ela, e uma pedra ao teu pescoço.

Esta identificação aterrorizante perdeu quase toda a força. Não há vitalidade significativa agora presa aí. Escrever à noite fornece uma saída construtiva, percebes, para quaisquer conflitos residuais desta natureza, e é a forma dele triunfar sobre eles através do trabalho.

Raramente dormia mais de três horas de cada vez durante anos, sem interrupção, e o velho padrão biológico recordado regressa. Há alguma culpa aqui, já que no passado, se dormisse quatro horas, saberia que dormiu durante o chamamento da mãe. Mas principalmente, o padrão biológico de três horas simplesmente regressa.

Havia também a necessidade de estar alerta e acordado para se proteger. Através da escrita à noite, estas questões são transformadas em

empreendimentos construtivos. À medida que for tranquilizado novamente, os padrões desaparecerão. O padrão biológico não é necessariamente prejudicial, no entanto, e pode ser usado em seu benefício quando quiser.

Basicamente, percebes, ele sobreviveu à noite; a morte temida era impotente contra ele. Isto, por si só, tranquiliza-o.

Agora, sugiro que ele tome vitaminas. Antes, o sistema dele não as utilizaria de qualquer forma. Durante vários meses serão úteis no plano físico, mostrando a intenção dele, percebes, realizada em termos físicos.

As aulas (*ESP*) serão de benefício imediato, e representarão uma ponte forte para um encontro eficaz e satisfatório entre as dimensões psíquicas e físicas. O sucesso delas servirá a autoconfiança dele. O sucesso financeiro delas abrirá caminho para o início de uma nova fase na vossa relação. Tens perguntas?

(Achei que a Jane estava cansada, talvez querendo terminar um pouco mais cedo.)

(“Nada de imediato, acho.”)

Ele deve dar o aviso ao senhor Miller dele até ao dia um de Agosto, o mais tardar, se não antes. Deve esperar fazer a sua contribuição financeira através das aulas dele, e lançar nelas a sua energia, e ter paciência como teria se tivesse um trabalho exterior.

Há demasiado em jogo para recuar agora, e a posição na escola infantil tem associações desagradáveis, infelizmente. Ele poderia tentar ambos por um tempo, mas isso seria de longe a escolha mais difícil, e eu não o recomendo.

(“E quanto ao assunto do Wisconsin?”)

(Por várias vezes em sessões recentes, o Seth disse-nos que a Jane iria ouvir alguém do Wisconsin, relativamente a um projeto editorial e/ou ao livro ESP dela, mas nada se concretizou ainda.)

Há uma ligação que se materializará. Um homem de cabelo castanho-claro, estatura média. Alguma ligação com ensino mas não em escolas públicas. Uma ligação com o trabalho psíquico.

(“Ele já leu o livro ESP?”)

Ele leu, ou irá ler. *(Pausa.)*

A tua própria atitude ajudou imenso, e também te ajudou a ti, Joseph, e refletir-se-á no teu trabalho.

Se não tens mais perguntas, terminaremos a sessão.

(“Está bem.”)

Os meus mais calorosos votos para ambos, e boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

(22:12. O ritmo da Jane foi médio, olhos abertos muitas vezes, atitude ativa, voz normal, etc.)

SESSÃO 354

19 DE JULHO DE 1967

(*Ambos sentíamo-nos esta noite agradavelmente cansados, e a sessão começou tarde. A Jane sentia-se muito bem, de facto o melhor que tem estado em muitos meses. Tendo isto em conta, achámos melhor fazer pelo menos uma breve sessão, embora, em circunstâncias normais, a pudéssemos ter dispensado.*)

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Agora. Vamos mantê-la relativamente breve.

Os sintomas libertam-se em blocos, à medida que blocos de associações internas, associações negativas, caem e são limpos, percebem? As minhas instruções foram seguidas, por uma vez, e estão a ver bons resultados.

O Sr. Miller do Ruburt deve ser definitivamente contactado.

Ora, eu disse que seria atingido um novo patamar, e ele atingiu-o e, já agora, com a vossa ajuda. O facto de te teres metido na pintura, particularmente na casa de banho, percebes, virou a maré mais rapidamente do que de outra forma. O início das suas aulas foi outro elemento importante.

(*A Jane deu a sua primeira aula de ESP ontem à noite.*)

Os sintomas, então, desaparecem em blocos e grupos, pois representam agrupamentos internos de associações negativas. O tão procurado ganho de peso também pode ser esperado em breve. Há um processo de libertação, único para cada indivíduo, que rege estas questões.

O corpo tem-se mantido, em termos de peso, como te disse.

Mecanismos bastante complexos tinham, no entanto, sido alterados, de modo que não era feita a correta utilização química do alimento ingerido. A energia, em vez disso, alimentava os sintomas nervosos, a tal ponto que o corpo estava faminto, comparativamente falando. Essa energia foi em grande parte libertada e o processo invertido.

Apesar disso, há um intervalo — agora quase ultrapassado aqui — antes de o organismo recuperar as perdas e então começar a reconstruir e a ganhar peso. Recomendei vitaminas pelas razões apresentadas.

As tuas muitas notas (*para a Jane*) têm sido um deleite para ele e a tua mudança de atitude está a ser recebida por ele com os resultados mais benéficos, e isto está a começar a acrescentar à tua própria saúde e energia.

O azul, aliás, é uma cor de cura, razão pela qual o Ruburt a deseja. A cor profunda, no entanto, do azul reflete o seu próprio desejo de contraste. Tens perguntas?

O ganho de peso, aliás, deverá começar quando a pintura da casa de banho estiver concluída. A cor azul deve ser acrescentada à cozinha, já agora.

("O que achaste da aula de ontem à noite?")

(Isto refere-se à primeira aula da Jane em desenvolvimento psíquico, que ela está a lecionar.)

Foi divertido observar o nosso amigo Ruburt. Ele ouviu-me corretamente hoje. Ele não pode esperar não ter problemas com as suas aulas; eu dificilmente prometi isso. Pode, no entanto, esperar uma organização global de aulas bem-sucedida, ao longo de um período sustentado, bem-sucedida em todos os aspetos principais. Terá de trabalhar para ter sucesso, mas este é o tipo de sucesso para o qual está, pessoalmente, equipado para trabalhar e alcançar.

Esta é uma excelente forma de ele lidar com muitas questões que no passado causaram problemas, como o aspeto financeiro. Eu ajudá-lo-ei, sem dúvida. Sei que ele não abusará do privilégio. Pode permitir-se mais liberdade nas suas aulas, e permitir-se-á, pois aprendeu muito. Não há necessidade de reear agora a sua própria espontaneidade.

Reunir-se-á um bom núcleo de grupo. Serão atraídos para aqui. Fiquem descansados quanto a isto e deixem-no dar o seu melhor. Tens outras perguntas?

("Podemos esperar por hoje.")

Este patamar dele não é permanente, no sentido em que a sua condição irá melhorar ainda mais. Representa, sim, um novo ponto a partir do qual ele não recuará por qualquer período de tempo, percebes? Estás a seguir-me?

("Sim.")

Quaisquer deslizes momentâneos (*risos*) terão uma duração muito menor do que quaisquer deslizes a partir dos seus patamares elevados passados, percebes.

("Tendo em conta as tuas declarações anteriores sobre padrões antigos ficarem estabelecidos, é possível que estes sintomas regressem algum dia, digamos, num futuro distante?")

Tudo é possível. Esta questão em particular está a ser — e foi — enfrentada de frente e compreendida — um procedimento realmente difícil — mas melhor agora do que mais tarde. Portanto, sendo as questões enfrentadas, não deverá haver tais repercussões futuras.

("Podemos ser apanhados de surpresa? Isto é, poderão os sintomas aproximar-se de nós sem darmos por isso, antes de o percebermos?")

Nunca mais serão surpreendidos da mesma maneira. Enquanto os vossos canais de comunicação se mantiverem abertos como estão, ou mais, e não apenas artificialmente abertos. As minhas instruções devem ser seguidas à medida que o Ruburt melhora, até que a sua condição seja completamente normal.

Não interrompam os vossos esforços, percebem, até que a saúde completa tenha regressado, pois só então os problemas estarão completamente conquistados, e essa conquista completa é o vosso melhor seguro contra qualquer recorrência. Um grupo persistente de sintomas menores ao longo de anos representaria instâncias que poderiam causar dificuldades, dadas as circunstâncias adequadas — ou, melhor, inadequadas. Percebes?

("Sim.")

A vossa vida íntima refletirá também a recuperação completa do Ruburt. Não desistam demasiado cedo dos vossos esforços. Ele está bem a caminho da recuperação total. Há aqui um processo de aceleração que funcionará a vosso favor, à medida que blocos cada vez maiores de sintomas desaparecem. Pois, a cada dia, ele tem maior vitalidade, percebes, que não tinha antes, a qual trabalha por ele e pela recuperação completa com força cada vez maior.

Talvez seja necessário algum trabalho para manter a vossa relação a este nível necessário, mas, para a tua própria saúde e para a do Ruburt, tal esforço vale mais do que a pena.

Tens outras perguntas?

("Não.")

Então, terminaremos a nossa sessão. Os meus votos mais calorosos para ambos.

("Boa noite, Seth.")

(Fim da sessão. 22:00.)

SESSÃO 355

26 DE JULHO DE 1967

(Testemunhas foram o Peter Murtough, que chegou segunda-feira, dia 24, vindo de Chula Vista, CA, e o Bill e a Peggy Gallagher. Não houve sessão na segunda à noite.

(A sessão de hoje foi gravada. Assim que entrou em transe, a Jane inclinou-se para ligar o gravador, e teve alguma dificuldade.)

Não estou equipado para lidar fisicamente com os vossos aparelhos.

("Porquê?")

Antes de o Ruburt ter a oportunidade de ligar a tua máquina, eu já estava aqui, e ficou a meu cargo carregar no interruptor.

As minhas calorosas boas-vindas ao nosso jovem amigo, e ao nosso Jesuíta tardio (*o Bill Gallagher, que chegou mesmo quando a sessão começou*), e claro, à nossa amante de gatos (*a Peg*).

Agora. O nosso jovem cavalheiro veio de longe para me visitar, mas eu também vim de longe, percebes, para vos visitar.

(O Seth, muito divertido, inclinou-se para o Pete. A Jane abriu os olhos várias vezes; a voz dela estava um pouco mais forte que o normal.)

Sei que tens muitas perguntas, mas teremos de as abordar devagar, para que as respostas sejam tão claras quanto possível.

Agora. Tens de facto capacidades para serem desenvolvidas; precisas de trabalhar para as desenvolveres plenamente.

Nos anos futuros, se continuares, então verás uma mudança considerável na personalidade Ferd (*transe*). Ele próprio está numa fase de transição, e há várias dificuldades a operar.

Por um lado, ele não consegue comunicar contigo claramente por causa da própria condição dele neste momento. Por outro lado, tu não consegues recebê-lo claramente o suficiente porque as tuas próprias capacidades ainda não foram suficientemente desenvolvidas.

Neste aspeto, tu e o Ferd estão ambos envolvidos num processo mútuo de aprendizagem e desenvolvimento de capacidades. O esforço continuado resultará em benefícios para ambos. Ele saiu recentemente da nossa área de

existência para outra, e ainda não aprendeu o suficiente para operar dentro do novo conjunto de condições. Isto é uma situação bastante normal.

É por isto que ele fala através de ti, por causa da tua juventude, e porque a tua condição neste sistema ou vida se aproxima, de certo modo, da situação dele dentro de outro sistema. As dificuldades serão resolvidas à medida que trabalharem juntos. Há muito que podes fazer, e de facto que deves fazer se queres que a situação continue e melhore.

O meu amigo Ruburt disse-te que deves ler tudo o que possas, e assim deve ser. Deve haver um sentido de integridade quase severa da tua parte em todos os momentos, em ligação com as tuas capacidades. Deves ter paciência enquanto estas capacidades se desenvolvem, enquanto o Ferd aprende a aperfeiçoar o próprio processo de comunicação dele, e enquanto tu aprendes a aperfeiçoar as tuas capacidades de receção.

Faremos uma pequena pausa e depois continuaremos.

Tenho uma bela piada, para o Jesuíta. O meu amigo Ruburt pediu-me para te acordar uma manhã, por volta das três da manhã.

([Bill:] “Aguardo com prazer, meu caro Seth.”)

Espero então ver-te, caro Jesuíta, de joelhos a rezar.

([Bill:] “Em nome de quem, Seth?”)

Em teu nome ou no meu. Agora, equilibrámos um pouco a atmosfera da sessão. Não sou sempre tão sério, jovem, como pretendo ser contigo.

(Pausa. O intercâmbio entre o Seth e o Bill Gallagher desenvolveu-se porque na semana passada, uma noite, a Jane conseguiu acordar o Bill e a Peg entre as 3 e as 4 da manhã. O tom do Seth ao falar com o Pete era, no geral, bastante contido e sério, e a diferença do tom habitual foi bem notória para os Gallagher e para mim. A Jane retomou no mesmo tom.)

Bem. Talvez seja uma infelicidade, ou talvez não, mas se queres envolver-te a sério neste tipo particular de trabalho, então tens de estar disposto a dedicar tempo, energia e concentração a esse trabalho. A validade e qualidade de qualquer comunicação dependerá principalmente da energia com que estiveres disposto a desenvolver as tuas capacidades.

Meias medidas não te darão uma receção clara, nem material fiável.

Os sistemas com que lidamos são demasiado delicados, demasiado finamente equilibrados para funcionarem com eficácia sem estudo constante, aplicação e dedicação. Digo-te isto porque és jovem, e deves tomar a tua própria decisão. Meias medidas não são benéficas para a personalidade no seu todo. Podem levar a dificuldades.

Uma responsabilidade constante e dedicada permitirá que desenvolvias a tua capacidade e garanta a validade das tuas comunicações. Digo-te, jovem, com toda a franqueza, que meias medidas são piores do que nenhuma. A personalidade que vive de meias medidas está constantemente num estado de tensão e confusão. As meias medidas, portanto, são a armadilha.

Agora. Se decidires dedicar este tempo, energia e concentração a estas tentativas de forma consistente, então deverás de facto ter sucesso. O tempo é necessário, pois certas partes da tua personalidade têm de ter oportunidade para acompanhar outras partes. Tens feito muito bem até agora. A pausa e a mudança de ambiente são boas para ti neste momento. Este é um empreendimento bastante exigente, por isso deves realmente perceber o que te exige. Se estiveres disposto, sair-te-ás bem, pois as capacidades estão de facto lá, e podes aprender a usá-las.

Agora, dá-nos um momento, por favor. (*Pausa longa, olhos fechados.*)

1571. Uma dançarina, mulher, em Espanha. Uma vila junto a um rio. Eventualmente quatro filhos, dois dos quais agora conhecidos pelo nosso amigo como outras personalidades nesta vida.

(*Um gesto de perplexidade.*) Há algo ligado à vila que tem a ver com a palavra oeste. Talvez a palavra espanhola que significa oeste estivesse no nome da vila. Não sei, mas a ligação está lá. (*Pausa, olhos fechados.*) O primeiro nome... Aledona. (*Interpretação fonética minha.*)

(*“Queres soletrar isso?”*)

Não creio que consiga obter o nome mais claro. Al E Donna.

(*Pausa; procura; fonético.*) O apelido, Mess-Peralla.

(*Outra tentativa de fonética que não consegui registar em papel.*)

Morte aos 56.

Agora, uma ligação com uma igreja. Em inglês, o nome seria Madonna das Águas Brancas.

Podes fazer uma pausa breve e depois continuaremos. Foste uma jovem adorável.

(*[Pete:] “Obrigado.”*)

(*O Bill Gallagher disse que a palavra espanhola para oeste é ocidente; e que Madonna das Águas Brancas seria Madonna de Blanca Agua em espanhol. O tom do Seth continuou sério. Retoma.*)

Agora. Não vamos dar-te tudo isto de uma só vez, de colherinha. Vais ficar por aqui um tempo, e vamos fazer isto passo a passo. Quero que

percebas antes de mais que tais esforços envolvem aplicação constante durante anos, para que decidas se estás disposto a dedicar tal energia. Será necessária uma intensificação de concentração que é algo difícil de alcançar.

O mesmo cuidado e atenção devem ser dados como darias a qualquer vocação, e isto não é assunto leve. O facto de tais comunicações terem começado, e à tua idade, diz muito das tuas capacidades, mas agora tens de estar preparado para as apoiar com mais conhecimento e aplicação.

Não te estou a dourar a pílula, porque isso não te serviria de nada. Também não subestimo as vantagens que podes ter se continuares, pois são muitas. Haverá experiência direta da realidade interior que raramente é vivida, e uma expansão da consciência e uma realização da tua própria personalidade.

Saberás as respostas a muitas perguntas, enquanto outros só as podem adivinhar. Mas isto não é assunto para abordar de forma morna. Deve ser estudado com determinação e dedicação. Qualquer coisa menos que isso pouco acrescentará ao teu conhecimento, ficando-se por suposições e devaneios imaginativos.

Aqueles que procuram verdades devem procurar de coração inteiro, ou só encontram meias verdades — e algumas meias verdades são tão perigosas como mentiras. Tens aqui uma oportunidade, se estiveres disposto a fazer o trabalho envolvido, e uma satisfação que não se encontra de outra forma.

Joseph, podes fazer uma pausa ou terminamos a sessão, como preferires.

Agora. Não te disse que o Ferd era uma invenção da tua imaginação, porque não é.

Não te disse que o Ferd era apenas uma fabricação do subconsciente, porque não é. Disse-te que és um principiante num programa excitante e exigente, e pedi-te que reflitas sobre as implicações desta situação. O teu material não tem chegado claro pelos motivos que te dei.

Isto não significa que não irá melhorar, pois irá se persistires. O elemento importante é a tua própria intenção. Não tens de te pôr a converter outros, por exemplo, mas precisas de dedicar uma boa parte de intensidade mental e emocional para dentro. Terás o teu material sobre vidas passadas antes de partires daqui.

(Divertido:) Preocupo-me é com a forma como vives esta, percebes?

Agora, mostraram-se capacidades da tua parte na Polónia, nos anos 1200. Iremos detalhar isto depois. (*Pausa.*) Nessa altura, não usaste bem as tuas capacidades e, como resultado, só agora reapareceram. Um dos teus filhos na vida mencionada é agora tua mãe.

Outro é um parente mais distante noutra país, e creio que masculino. Falaremos destas relações na nossa próxima sessão. Talvez expliquem alguns acontecimentos atuais.

(*O Bill Gallagher rabiscou-me um bilhete enquanto o Seth falava: Que país? Cidade? Ou território?*)

(*“Em que país está o parente?” Esta foi a minha pergunta, sem relação com a do Bill.*)

O outro parente está na Austrália. Dá-nos um momento, por favor. (*Pausa.*) Havia uma relação entre o nosso jovem amigo e a personalidade conhecida como Ferd nessa existência polaca. Eram então contemporâneos.

O Ferd era soldado, creio eu. Envolvido num assunto militar dos Balcãs que não foi uma guerra em grande escala. Um engajamento militar.

(*O Bill voltou a passar-me um bilhete: Que cidade? Quem era o líder do exército? Nunca tinha passado tais bilhetes antes numa sessão.*)

(*“Podes dar-nos o líder da força militar?”*)

Haverá uma explosão numa mina. O nosso jovem amigo, em muitas das suas vidas, esteve envolvido em viajar, viver num país onde não era originalmente nativo.

(*“Que cidade ou território na Austrália é onde está o parente?” Esta pergunta surgiu do bilhete do Bill sobre cidade, país, território, etc. Eu estava algo relutante em fazê-la. A primeira pergunta sobre este tema, na qual o Seth respondeu Austrália, foi ideia minha.*)

Iremos preencher este material à medida que pudermos, e quando pudermos. Estamos a lidar com impressões gerais por agora. Quaisquer detalhes específicos que possamos dar, serão dados. Neste ponto, no entanto, interrupções podem quebrar estas impressões gerais.

Agora. Havia uma família numerosa da qual este parente provinha. Creio que era o terceiro nascido na família. Há aqui uma ligação com a letra J, com uma data de 1936, e algo que não compreendo — uma ligação com um guarda-chuva virado ao contrário, que pode representar um símbolo, um brasão de armas, uma placa numa porta de loja, não faço ideia.

Podem fazer agora uma pausa e continuaremos.

(O Peter Murtough contou-nos que tem um Tio John na Austrália, com cerca de 40 anos, vive em Canberra e tem dois filhos pequenos. No intervalo, os Gallagher foram-se embora. A Jane disse-nos que as minhas perguntas a tinham irritado muito. Tinham interrompido o seu fluxo de impressões, no qual ela se estava a lançar livremente, e sentiu que estava à beira de uma projeção que poderia ter sido muito instrutiva. As perguntas sobre detalhes cortaram-lhe o ímpeto de forma desagradável, disse ela, e foram muito irritantes. A sensação de projeção fugiu-lhe de imediato. Nós, claro, sabíamos das ligações do Peter com a Austrália. Retoma às 22h50.)

Deves aprender com a experiência do Ruburt esta noite, percebes, e tirar proveito dela nas tuas próprias tentativas.

Estávamos de facto prestes a lançar-nos num estado de projeção, e o impulso já tinha sido dado. As perguntas, aliás, foram resultado de uma agressividade subconsciente da parte do nosso amigo Jesuíta; perfeitamente natural, dada a condição do pai dele. *(Que está muito doente no hospital.)* Vamos retomar as tuas perguntas na sessão de amanhã. *(Para o Pete.)*

O nome da entidade aqui, Joseph, é um nome estranho: M-I-N-K-E *(soletrado)*. Agora. Se pareço severo contigo *(para o Pete)* é apenas porque quero que estejas preparado para estas tentativas, se escolheres continuar com elas. Fizeste muito bem até agora, especialmente tendo em conta a tua juventude, e tens de facto as minhas felicitações. Mas pouco te foi exigido até agora, percebes, e deves preparar-te para trabalhar se queres desenvolver as tuas capacidades.

Talvez possamos começar a sessão de amanhã às oito, Joseph—
(“Sim.”)

—para termos mais tempo disponível. Isto chega para o nosso primeiro encontro. Desejo-te uma noite muito boa e os melhores votos para todos.

(“Boa noite, Seth.”)

[Pete:] “Boa noite, Seth.”

23h00.

(A gravação da sessão foi muito bem-sucedida.)

SESSÃO 356

27 DE JULHO DE 1967

(Peter Murtough como testemunha. Sessão gravada para o Pete.)

Agora, meu caro jovem. Podes de facto sentar-te aí e observar-me. Mas eu também estou aqui a observar-te, quer os olhos do Ruburt estejam abertos ou fechados.

A nossa sessão de ontem foi bastante séria, pois creio ser necessário que os termos destas tentativas sejam estabelecidos de imediato, e da forma mais clara possível. Não quero rebentar bolhas nenhuma, nem quis encorajar-te por este caminho se não estivesses disposto a dedicar energia considerável a estas direções. Agora podemos, até certo ponto, relaxar e desfrutar de uma noite tranquila. Estou ciente da tua lista considerável de perguntas formidáveis. Chegaremos a elas a seu tempo.

A sessão de ontem foi até certo ponto inibida por causa do clima emocional que afetou o nosso bom Jesuíta (*Bill Gallagher*). Ele não estava no seu melhor. Não teremos essa dificuldade esta noite. Isto não significa, contudo, que vamos necessariamente fazer algum espetáculo de circo.

Esses podem ser divertidos às vezes, no entanto. Agora. Dá-nos um momento.

(Pausa.) Não faças perguntas agora. Estas são apenas impressões soltas. Um grande trambolhão. Dificuldade com uma terceira vértebra *(pausa)*, levando a pressões nervosas desiguais. A condição originou-se num incidente há algum tempo, e foi agravada por um segundo incidente mais recente. *(Pausa.)* Dois exercícios de yoga específicos serão benéficos aqui. Mas devem ser feitos muito lentamente. Apenas um deles por dia para começar, durante um período de duas semanas, e depois os dois podem ser feitos diariamente. Aquele em que o indivíduo se deita de bruços no chão e se eleva com os braços, Joseph, conheces esse.

(“Sim.” A cobra.)

O outro, o alongamento sentado para a frente. *(Pausa.)* Dá-nos mais tempo aqui. *(Pausa longa.)* A condição leva às vezes a um agrupamento de músculos no lado do pescoço precisamente nesta área *(a Jane tocou no lado direito do pescoço)* que pode, por vezes, parecer quase como um nódulo duro. São apenas músculos tensos causados por esforço. Os mesmos exercícios ajudarão aqui. *(Pausa, cabeça em baixo.)*

Agora. Sobre a dieta do teu Stephen. *(Irmão do Pete.)* Encontramos uma confusão na química corporal, causada ou pela dieta atual, ou por

mudanças alternadas de dieta. *(Pausa.)* Alguma fome real, embora não drástica, dos tecidos pelas mesmas causas. Cada indivíduo utiliza hidratos de carbono e proteínas de forma ligeiramente diferente, e o que é bom para um não é necessariamente para outro.

Há uma sobrecarga de um lado, e uma falta do outro. *(Pausa.)* Não há gordura suficiente do tipo que o corpo deriva dos hidratos de carbono, que são sustentadores. O que é necessário é uma dieta equilibrada, uma dieta equilibrada normal. Se se quer perder peso, então deve-se comer menos. Nenhum grupo de alimentos, como os hidratos de carbono, deve ser drasticamente reduzido. Isto coloca a química do corpo numa condição desequilibrada.

Agora dá-nos mais tempo. *(Pausa.)* A propósito, recomendo um pouco de manteiga de amendoim, pois contém alguns nutrientes que são necessários. Novamente, não deve haver uma confiança excessiva num grupo específico de alimentos.

Agora. *(Olhos fechados, sorrindo, a Jane inclinou-se para o Pete.)*

Agora, meu caro jovem, inocentemente, cometeste um erro precoce e compreensível. *(Sorriso.)* Vais perdoar-me, pois o meu ligeiro divertimento também é tingido de uma compreensão bastante compassiva. Na tentativa de usar a tua capacidade para sondar o futuro, assumiste mais do que tens.

Não há mal nenhum em tentar perceber o amanhã. *(Pausa.)* É arriscado, no entanto, viver hoje dessa forma. Há demasiados erros que podem ser cometidos quando se lida com elementos precognitivos. Estás a lidar com um mundo de probabilidades. Ora o Ferd olhou para um futuro possível, e isso foi perfeitamente legítimo como um futuro provável. Há muito sobre o tempo que ainda não entendes, e não te posso explicar numa noite. Isto pode parecer contraditório, mas não é. É possível perceber o futuro tal como será; por outro lado, o futuro em si está sempre a mudar, pois tu muda-lo no presente. *(Pausa.)* No momento exato em que disseste as palavras, havia uma probabilidade, e uma boa, de que o evento ocorresse como previsto.

(Este material refere-se a uma certa corrida de cavalos em finais de Agosto; o Ferd tinha previsto que o Steve ganharia uma aposta nessa corrida.)

Dois dias depois, as condições mudaram completamente. Isto é demasiado complicado, e tu não tens ainda o contexto. No entanto, o evento futuro previsto estava ligado a uma série de acontecimentos que

teriam de ocorrer nesse período de dois dias. Alguns desses acontecimentos seriam triviais, mas todos o teriam conduzido a esse grande ganho previsto. Havia dois homens em particular que ele teria de conhecer. Estes acontecimentos não ocorreram, e agora existe outro conjunto de probabilidades.

Se as tuas capacidades estivessem suficientemente desenvolvidas, terias conseguido ver através destes futuros prováveis até ao evento físico real que se concretizaria. Agora não há grande perda aqui, e leva-me a sério. Tanto tu como o Stephen terão ganho, e melhor agora do que mais tarde: pois não podes viver a tua vida física desta forma. O desenvolvimento do teu carácter e o do Stephen teria sido drasticamente reduzido.

Havia uma esperança da parte do Stephen, e tu respondeste a ela. Não por qualquer embuste subconsciente, longe disso. Mas percebeste o futuro provável que existia como tal; e não quero dizer que só existia simbolicamente. O teu desejo de o ajudar levou a essa percepção. Ficarias pior, e o teu irmão, se assim não fosse. Não podes usar a tua capacidade desta forma — propositadamente, percebes?

A tua capacidade ajudar-te-á no teu trato com a realidade física, de formas muito definidas. Mas não necessariamente das formas que escolherias conscientemente.

Estás cansado, Joseph?

(“Bem, podemos fazer uma pausa.”)

Então faremos de facto.

(A entrega da Jane tinha sido ativa, por vezes rápida, os olhos na maioria do tempo fechados. A voz um pouco mais forte do que o habitual. O Pete comentou que a questão das costas poderia aplicar-se tanto ao pai como ao irmão. A Jane, evidentemente, tinha consciência disto. Retoma.)

Agora de novo, dêem-nos um momento, por favor.

Vou falar livremente e peço de novo que não façam perguntas agora. Esclareceremos o que pudermos, quando pudermos — mas deixem as impressões fluir sem interrupção.

Um R, a letra R, J, ou um R e um J, sendo as iniciais de um nome, ou a primeira inicial de dois nomes próprios. *(Pausa.)*

Numa ligação australiana. Um quarto *(pausa)* que parece vazio, embora não o seja necessariamente, dando a impressão de ter mais tamanho do que possui. Trata-se de uma residência australiana.

(*Pausa.*)

Agora, por si só, avestruzes. Uma ligação aqui. Um baú em particular que está na família há algumas gerações, ou que é altamente estimado.

Contendo, entre outras coisas, cartas com fitas vindas de uma terra estrangeira. (*Pausa.*) Pode ser um baú trabalhado à mão.

Agora dêem-nos tempo. (*Pausa.*) Está ligado a uma mulher.

Aproximadamente metro e sessenta e cinco, embora um pouco mais baixa agora, devido à idade. Apenas a palavra Osburn ligada aqui. (*A minha interpretação fonética.*) Talvez cartas de um Osburn em tempos. Isto no passado, com a ligação Osburn.

Parece usar algo que se assemelha a um brinco à volta do pescoço (*a Jane gesticulou, como descrevendo algo pendente do pescoço até à cintura*), mas não creio que seja um brinco. O cabelo, em tempos, um tom acinzentado algo estranho — um cinzento escuro peculiar. Um sinal aqui (*a Jane tocou na bochecha direita*); embora possa não ser um sinal mas uma característica facial aqui, percebem. (*Toca novamente.*) Uma voz com um som de clique. Creio que estas impressões referem-se à avó.

A impressão de um quarto extra, nas traseiras, não usado para o dia-a-dia — para arrumos, talvez, ou recordações, e por aí fora. Talvez tenha alguns móveis antigos, bastante elaborados, ali guardados, outrora usados pela família. Alguns objetos de valor razoável.

Agora. Um homem, por vezes de bigode, cabelo e bigode castanhos, no auge da vida. Dois dentes da frente mais amarelados que os outros. Gosta de caminhar aos sábados ou domingos, um homem de caminhadas em qualquer caso. Voz nasal, fazia frequentemente pausas de respiração entre as palavras ou frases, e muitos *ahs* entre palavras, percebem, ou sílabas, como: bem-ah-.

Alguma ligação estranha com gansos. Não sei aqui. Talvez tivesse um ganso de estimação. Eu não gostaria de ter um ganso de estimação. Falamos do marido da mulher, ou pai dela. Iremos tentar esclarecer isto à medida que avançarmos. Não sei se é o avô do nosso jovem amigo, ou o pai do avô, percebem.

Há uma tempestade no passado, uma tempestade física, na qual este homem perde alguns animais. Há uma ligação com celeiros aqui.

(*“Podemos fazer uma pausa, Seth? A fita está a acabar.”*)

Podem de facto.

(A fita acabou-se e o gravador foi desligado. A Jane demorou um bom bocado, comparativamente, a sair de transe. Disse que tinha estado “mesmo longe”, e sentiu que não houve qualquer bloqueio da sua parte. Disse sentir-se muito bem com isto. Enquanto falava pelo Seth, teve uma imagem mental de um quarto nas traseiras, e uma “impressão” de uma tempestade. Também sentiu ter olhado para uma fotografia, mas não conseguiu dizer se de um homem ou de uma mulher; talvez uma foto antiga. A Jane disse que sente ser “a parte dela no acordo” não bloquear o material. O Pete não soube dizer nada quanto à precisão dos dados sobre a Austrália. Retoma.)

De novo, estas são impressões.

Uma pérola. Ou uma pérola, ou *Pearl*, nome de mulher. Uma ligação com uma mulher distante, isto é, uma meia-parente. Por exemplo, uma meia-irmã ou uma meia-tia. Na história da família...

(As palavras da Jane estavam um pouco arrastadas, e pensei que estava de novo num transe profundo. Mas usava pausas, ao passo que antes da pausa falara bastante depressa.)

Com o pai, o pai do nosso amigo, uma ligação com motores. Ou uma capacidade latente para os manejar e trabalhar bem com eles, ou alguns episódios ligados a motores da parte dele. Também um episódio filmado.

Dêem-nos um momento. A mãe sente a família alinhada contra ela. O mesmo tipo de situação existiu, basicamente, na família dela, embora de forma um pouco diferente. Mas o padrão estava lá.

Três crianças numa cozinha, sentadas em fila, no passado dela, e ela é uma delas. Tem seis anos. *(Pausa.)* Há uma discussão entre adultos, e uma porta bate. O local era perto de água, ou a rua tinha água, ou havia uma ligação com cisnes — tudo isto aplicando-se a esse episódio.

Um gatinho, ou envolvido na discussão, ou causador dela, ou presente durante a discussão. As simpatias dela foram para o homem. A mulher, a mãe dela, mostra-o, e muitas vezes ela põe-se no lugar dessa mulher, exigindo a atenção que não sente poder obter de outra forma.

Apesar de tudo isto, uma lealdade básica feroz à família. Tem perturbações específicas em Abril e Novembro. Estas seguindo padrões estabelecidos cedo no seu património psicológico. Ferro seria útil na dieta dela. *(Pausa longa.)*

Há aqui um ressentimento, latente. Teria preferido ter nascido homem. Esta é a sua primeira existência como mulher. Um episódio ocorrido

quando tinha cerca de doze anos (*pausa*) reforçou um sentimento de insegurança já existente. (*Pausa.*) Há também ligações de outras vidas que entram aqui. A família também usa a mãe como uma forma de testar a sua própria força e unidade, e como método de canalizar agressões. Muitas vezes, ela absorve a agressão da família, e depois reage por todos vós. Assim podem culpá-la sem enfrentar o facto da agressão subjacente.

Ela é um pólo da família, e tu és o outro (*para o Pete*). Tens a lealdade e o apoio inabalável dos outros, em parte simplesmente porque as suas agressões são canalizadas noutra direção e para outro membro da família. (*Pausa longa.*)

Tudo isto existe dentro do *gestalt* da família. A mãe estabeleceu padrões de comportamento que lhe permitem usar agressões desta forma, e dissipar largamente as agressões dos outros. Dentro da tua família, ninguém salvo talvez o Stephen conseguiria lidar com agressões desta maneira — isto é, dissipá-las. Embora o modo dele fosse diferente do da mãe.

Há um equilíbrio dentro da família. O amor é-te expresso em ocasiões em que não poderia ser expresso a outros membros da família; mas permanece dentro da família, percebes. Assim, a família tem as suas forças e as suas válvulas de escape. A Austrália serve como tema unificador de origem comum, para todos menos para a mãe. Serve também como promessa unificadora para o futuro, e dá-vos sonhos comuns.

Podem fazer uma pausa.

(*A Jane estava novamente “muito longe”, disse ela. Os olhos fechados na maior parte, o ritmo ainda bastante rápido. Retoma.*)

Agora. A sessão desta noite não se prolongará muito mais, embora possamos falar novamente.

Estive em contato com o teu Ferd, brevemente. Ele ainda não está consciente de muitos aspetos da sua nova condição (*a voz da Jane tornava-se algo mais grave e mais rápida*), e está agora a aprender a manipulá-la. Portanto, mesmo para nós, a comunicação foi algo difícil, distorcida e contida. Estamos em níveis diferentes. Existimos dentro do mesmo sistema, mas em diferentes níveis dele. Os seus períodos de comunicação são necessariamente breves, simplesmente porque ele é incapaz, neste momento, de utilizar a sua energia nessa direção com eficácia.

Isto é apenas uma questão de tempo e desenvolvimento. Aprenderão juntos. (*Pausa.*) São ambos indivíduos baseados na emoção, e estarão

abertos às comunicações um do outro, o que é benéfico. O teu material virá de forma algo diferente, e a estrutura psicológica que se desenvolverá à tua volta será de natureza algo distinta daquela que existe entre Ruburt e eu.

Os teus talentos seguirão uma direção um pouco diferente, à medida que as tuas capacidades e as do Ferd se unirem num arranjo funcional. (*Voz mais forte de novo.*)

Haverá uma grande ênfase em certas impressões emocionalmente carregadas. Isto significa que perceberás certas impressões com uma origem particularmente carregada de emoção mais facilmente do que outras. Isto porque tu e o Ferd viveram acontecimentos semelhantes em várias vidas, e os vossos padrões de associação subjetiva também são semelhantes.

Isto dá-vos uma estrutura funcional dentro da qual podem operar. De um modo geral, significa que os mesmos símbolos terão significados semelhantes para ambos. O mesmo, claro, aplica-se ao Ruburt e a mim. Tentei responder a algumas das tuas perguntas à minha maneira.

(*A voz da Jane estava bastante firme.*) Não tentaremos estilhaçar as janelas com o volume (*mais grave*) da nossa voz. No entanto, saberás que posso de facto falar com bastante clareza e bastante alto quando a ocasião o exige. Os meus amigos preocupam-se, compreensivelmente, com a conveniência e a opinião dos vizinhos, e portanto não levarei esta exibição insignificante mais além neste ponto.

(*A voz, embora firme, não se aproximou do volume e poder que a Jane mostrou noutras ocasiões.*)

Dou-te tudo o que posso, a minha bênção e os meus bons votos. Podes agora encerrar a sessão se preferires, ou, Joseph, continuar por mais um pouco, conforme decidires.

(*“Faremos uma pausa muito curta.”*)

A Jane estava de novo muito “fora de si”, disse, e quando a pausa chegou ainda sentia o poder que jazia por trás de tais efeitos vocais. Levou mais tempo do que o habitual a abrir os olhos, etc. No intervalo, discutimos mais algumas das perguntas do Pete. Retoma.)

Agora. Esses formigueiros de que o nosso amigo fala, são simplesmente a forma dele próprio se informar de que está a lidar com uma realidade diferente da física habitual. Teremos mais a dizer sobre isto noutra altura.

Também daremos então mais informação que deverá ajudar a identificar o cavalheiro com o problema de costas. O Ruburt portou-se bem nesta sessão, e está agora exausto. Os meus mais calorosos votos para todos vós.

Boa noite.

(Pete e eu: “Boa noite, Seth.”)

(Longa pausa.) O Ruburt pode acabar o seu copo de cerveja e depois retomar a recomendação feita anteriormente.

SESSÃO 357

31 DE JULHO DE 1967

(A Venice McCullough e o Peter Murtough foram testemunhas. Jane começou a falar pelo Seth com uma voz um pouco mais forte do que o habitual e com os olhos fechados.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

— e as nossas saudações ao nosso novo amigo.

O nosso jovem amigo aqui tem muitas perguntas. A sua mente está a fervilhar com elas. Ele é tão impaciente. Há, no entanto, uma pergunta que responderei agora, e tem a ver com o fascínio que ele sente pelo fogo.

A luz do fogo tem um efeito calmante no seu sistema nervoso, um efeito relaxante. Mas não é apenas o fogo que está envolvido aqui. Existe uma tendência para a dissociação espontânea que sempre foi característica, e esta tendência simplesmente ganha liberdade quando ele fixa o olhar nas chamas.

Se me permitirem uma citação de um outro cavalheiro idoso: isso é elementar, Watson. Ele simplesmente descobriu que o fogo o afeta dessa maneira. Mas qualquer fonte de calor ou luz tremeluzente produzirá o mesmo efeito.

Agora, há aqui uma tendência que se acentua por causa da juventude. Esta tendência envolve, na verdade, uma falta de foco ou uma falta na direção do foco. O nosso jovem amigo alterna frequentemente o foco da sua consciência entre realidades internas e externas, sem se aperceber disso.

À medida que amadurecer e aprender, e estudar e trabalhar, será então capaz de fazer isto quando desejar. Não há elementos significativamente prejudiciais ligados a este interesse inocente pelo fogo.

Agora. A alteração da sua consciência é instável. Ele não tem disciplina sobre ela e, por vezes, encontra-se num estado de consciência intermediário. Com treino, conseguirá desenvolver um foco disciplinado e forte dentro de qualquer uma das realidades.

Agora, um outro ponto. O homem a quem me referi como tendo dificuldades na terceira vértebra é o mais jovem dos dois em questão.

Agora, se me permitem um momento, irei usá-lo bem. (Pausa, olhos fechados.) Estas são apenas impressões. Não tentarei organizá-las neste momento. Terão a ver com o nosso novo amigo. (*Venice.*)

A primeira é informação reencarnacional.

Amesterdão, de 1631 a 1658, um comerciante e homem. O apelido Brunswick (a minha interpretação fonética). A loja parece estar relacionada com couro. Um membro de uma organização, um grupo de homens, uma guilda.

Uma guilda ou um grupo de artesãos. Pai de três filhos, um dos quais mais tarde se tornou membro do parlamento. (Pausa.) Um outro entrou numa profissão ligada ao registo de níveis ou consumo de água, (Jane abana a cabeça), sendo este um cargo civil.

Estamos a captar algo aqui que não está claro: um pequeno instrumento utilizado, que parece ter o tamanho de um dedal, mas com (pausa) algo semelhante a uma régua de cálculo na parte superior. Este era o método utilizado para obter os dados a partir dos quais os registos de água eram feitos.

A esposa morreu jovem. Acredito que era de ascendência estrangeira, possivelmente francesa. A sua família foi destruída por uma peste. O seu apelido (pausa)... Eu ouço-o, percebem, mas não o vejo (pausa)... Terão de trabalhar foneticamente: V I S W A (repetido), de um local perto de Bordéus, em França.

Agora. O nosso amigo era cobrador de quotas dentro da organização a que pertencia. O seu nome apareceu em muitos registos, mas não os encontrariam agora.

Houve também uma vida na Arábia, uma vida pobre e humilde, e uma outra muito mais recente no centro-oeste deste país, como mulher.

(Pausa. Jane fez pausas frequentes ao fornecer esta informação.)

Vamos tentar aqui... Rob... O nome da cidade era SACO (soletrado), ou esta palavra compunha a parte principal do nome.

(“Sim.”)

Disse centro-oeste, e no entanto era mais para oeste, creio eu. A população parecia não ter mais de 13.000 pessoas no seu auge, e ainda assim, durante muito tempo, a população foi de apenas 3.000. Casada com um homem que trabalhava com tecidos e com algum material que era usado para fabricar grandes sacos. Proprietário do seu próprio negócio. (Pausa.)

A cidade situava-se entre uma cadeia montanhosa e um planalto menor, mais ou menos a meio caminho entre as partes norte e sul do país. Na segunda faixa de estados a partir da Costa Oeste... Mas mais para a secção oriental deste segundo grupo, no interior.

Os seus dedos cansados estão a sofrer?

(“Não.”)

Muito bem, então. Havia aqui uma Igreja de Santa Cecília. O nome Mathiatus (fonético) parece ter sido encurtado para outra versão, talvez Methus. *(Fonético. Pausa.)*

O seu primeiro nome, então, era Grace. *(Pausa longa.)* Houve cinco filhos que sobreviveram e dois que não. Aqui encontramos uma pessoa muito ambiciosa.

Podem fazer uma pausa agora e continuaremos... O nosso jovem amigo que gosta de fogo pode observar a Jane a acender um fósforo.

(A Jane disse que estava bastante dissociada. A sua voz manteve-se firme ao longo da sessão, com os olhos fechados. Seguiu-se uma discussão geral entre os quatro sobre Seth, as suas origens, etc. Retomamos às 9h43.)

Agora. Irei responder a algumas das vossas perguntas pessoalmente. *(Para a Venice McCullough.)*

Antes de mais, embora não tenha perguntado, eu não sou o subconsciente do nosso amiga Jane, ou como o chamam, Jane.

São feitos ajustes automáticos e abrem-se caminhos nervosos que se tornam mais úteis à medida que são utilizados. O hábito entra aqui, como em todos os empreendimentos.

No início da nossa relação, a nossa comunicação era um pouco menos fluida. A Jane estava consciente de momentos irregulares à medida que certas transições ocorriam. Ele gentilmente permite-me usar, ou melhor,

operar as suas cordas vocais. No entanto, mesmo isso envolve traduções automáticas das quais ele não tem consciência.

Grande parte da minha comunicação não é inicialmente verbal. As percepções originais situam-se num nível completamente diferente. Ele recebe-as através de vários dos sentidos internos. A Jane ou o Rob explicam-vos-ão o termo. Essas impressões devem então ser traduzidas em termos que possam tornar-se físicos.

No nosso caso, as impressões emergem de forma verbal. São traduzidas e interpretadas para que o resultado final seja uma expressão verbal. Sou, como já disse muitas vezes aos nossos amigos, um educador. A Jane, assim como o Rob, conheceram-me em vidas passadas, e as nossas estruturas psicológicas gerais têm semelhanças muito significativas que tornam possível a nossa comunicação.

Sou, como já disse muitas vezes, uma essência de personalidade energética, o que significa, simplesmente, que sou uma personalidade que já não opera dentro da realidade física. Posso, por vezes, exercer alguma influência sobre a vossa realidade física, mas o foco da minha existência já não envolve uma realidade psicológica tridimensional.

(Pausa.)

Vivi em termos físicos dentro do vosso universo tridimensional, e tenho consciência desse universo. No entanto, a minha existência principal ocorre numa dimensão da qual a vossa realidade tridimensional é apenas uma parte. Posso, portanto, perceber, por exemplo, partes do vosso futuro, simplesmente porque o futuro é apenas uma ilusão que existe na realidade tridimensional.

(Pausa.)

(Para a Venice:) Isso responde à tua pergunta?

([Venice:] “Responde.”)

Isso foi um “sim” muito pequeno.

(Divertida, com os olhos fechados, Jane inclinou-se para a frente.)

Agora vejamos. A Jane e eu envolvemo-nos numa iniciativa cooperativa, verdadeiramente um gestalt psicológico, no qual as nossas personalidades se encontram, numa dimensão que não é nem aqui nem ali. Juntos, formamos uma espécie de ponte psicológica entre dimensões, pois eu não posso existir completamente dentro do vosso sistema tridimensional agora, e ele não pode entrar completamente na dimensão onde tenho a minha existência primária.

Assim, há uma projeção de consciência de ambas as partes, até certo ponto. Agora, gosto do tipo de perguntas que fazes (para Venice), e aprecio uma mente curiosa. Tens mais alguma pergunta?

(Pausa; voz firme, olhos fechados.)

Se preferires, podes colocá-las durante a pausa, e então eu responderei. Estou a ter uma noite muito agradável, meu amigo Rob.

(“Estás?”)

Estou, de facto.

(“Queres responder a uma das perguntas do Pete?”)

(Tinha ao meu lado uma lista de perguntas que Pete tinha escrito.)

Agora, dá-nos um momento. (Pausa.) Vamos ver o que podemos fazer com o nosso amigo fascinado pelo fogo.

(Para Pete:) Não conhecestes o Ruburt (a Jane) nem Rob numa vida passada. Essa era uma das tuas perguntas, eu sei. No entanto, houve uma ligação distante por parte de um dos teus familiares. Ele estava numa viagem de Inglaterra para Boston e parou brevemente numa igreja em Boston, onde Rob era então ministro. Foi apenas um encontro fortuito. O homem, creio eu, era o teu pai.

(De acordo com o Seth, vivi uma vida em Boston, que provavelmente terminou pouco antes da Guerra Civil.)

Ele navegou num navio com um nome peculiar, pois chamava-se GRIPPE (soletrado), creio eu. Com um capitão chamado Stoner.

(“Por acaso falei com ele?”)

Sim, de facto falaste. No entanto, não se desenvolveu uma amizade, nem houve tempo para isso. No entanto, esse mero encontro gerou ligações que serão trabalhadas no futuro.

(“O Pete quer saber se sentiu a tua presença desde que está aqui.”)

Receio que tenhamos de perguntar ao Pete. Eu, de facto, estive aqui, como a Jane bem sabe. No entanto, a Jane tem-se preocupado, e corretamente, em manter a atmosfera o mais simples possível. No entanto, não me dirigi diretamente a ti, jovem.

(“Podemos fazer uma pausa?”)

Sim, podem, desde que isso não vos faça mal. (Para Venice:) O nosso novo amigo lembra-me o jesuíta quando veio pela primeira vez às nossas sessões (Bill Gallagher) — a observar, durante a pausa, para ver se a Jane e eu nos separaríamos um do outro. Espero que não estejam à espera de uma fenda.

(A Jane estava novamente muito dissociada, com os olhos fechados. Seguiu-se outra discussão entre os quatro. Retomamos às 10h22.)

Agora. Pensem na energia como sendo ação.

Energia é ação. Tem de agir e mover-se. Está constantemente a tentar conhecer-se a si própria e a expandir-se. Não pode permanecer estática. A sua sobrevivência depende da mudança. A sua própria permanência é determinada pela sua natureza, e a sua natureza exige mudança constante.

A energia ou a ação é composta por uma infinidade de si própria e, no entanto, ao agir sobre si mesma, está sempre a criar novas partes de si mesma. Cada ação gera outra. Agora, até falarmos mais sobre este tema, terão de aceitar, por enquanto, apenas com base na minha palavra — para o bem da nossa discussão unilateral — que qualquer ação ou energia possui consciência e procura conhecer-se a si mesma. Portanto, ao agir dentro de si, forma novas consciências que são individuais e independentes, mas ligadas a todas as outras consciências.

O objetivo é a expansão da própria consciência, e isto conduz automaticamente ao conhecimento de que toda a consciência está ligada a todas as outras, e que qualquer dano causado a uma é um dano para todas. O tempo simplesmente não existe como uma sequência de momentos. Isso é uma ilusão tridimensional. Portanto, na realidade, nenhuma vida é vivida antes ou depois de outra.

A ação ocorre de forma espontânea. Dentro da existência tridimensional, tendes de falar de reencarnação como se houvesse uma sequência contínua de vidas, porque parece-vos que existe passado, presente e futuro. Imaginem então a energia ou a ação consciente a desabrochar como uma gigantesca flor cósmica, de forma espontânea, instantânea e intuitiva.

No entanto, vocês veriam esse processo em câmara lenta, como se eons de tempo tivessem passado. Mas a energia ou ação, que é consciência, está sempre a mudar, e a forma da flor e da sua florada estariam constantemente a transformar-se. A energia nunca se perde, apenas muda de forma.

A consciência, portanto, nunca será destruída na realidade. O mais pequeno botão dentro dessa flor cósmica experienciaria apenas uma mudança quase instantânea de forma, e tudo isto aconteceria num instante de respiração.

As pétalas individuais apenas mudariam, assim como as personalidades humanas mudam, naquilo que parece ser uma série de reencarnações sucessivas.

E nenhuma memória, percebem, é jamais perdida, e nunca será perdida. A personalidade que tendes agora é apenas a flor do momento, sem se aperceber de que contém em si o conhecimento das suas próprias histórias passadas. E tudo isto seria apenas uma única flor cósmica.

A energia renova-se constantemente. As várias flores poderiam ser comparadas às várias dimensões através das quais a ação e a consciência conhecem a sua própria realidade.

A expansão da consciência conduz automaticamente à compreensão e à compaixão.

Agora responderei a quaisquer perguntas que tenham. Talvez devesse perguntar se as mãos dos meus amigos estão cansadas.

(“Vamos fazer uma pequena pausa.”)

Então, assim será.

(A Jane estava novamente muito dissociada, com os olhos fechados, o seu ritmo bastante rápido. Retomamos da mesma forma às 10h45.)

Agora. Em breve encerraremos a nossa sessão. No entanto, relativamente à questão sobre Espanha, a resposta é sim.

(O Pete queria saber se o seu amor por tudo o que tivesse a ver com Espanha era resultado de uma vida vivida lá.)

(Para a Venice:) Gosto das perguntas do nosso novo amigo e gosto de respondê-las.

(Sorriso. Para o Pete:)

Quanto à pergunta do nosso jovem amigo sobre o seu Lear Jet, presumo que seja um jato zombeteiro, veremos.

(Pete queria saber se a oportunidade de voar para casa num Lear Jet, sem custos, iria concretizar-se.)

Estás a querer as respostas para as perguntas erradas. Queres que eu te prive da experiência de que precisas, dentro da realidade em que agora existes e que estás a aprender a manipular muito bem. Não deves habituar-te a que eu te diga o que vai acontecer. Digo isto com todo o bom humor e com o devido afeto. (Pausa, sorriso.) Compreendes?

(Pete: “Sim, Seth.”)

Muito bem, então continuamos amigos.

(Pete: “Claro.”)

Dentro da vossa realidade, há procedimentos com os quais deves lidar. Há muitas ocasiões em que um vislumbre do teu próprio futuro será benéfico, e então terás esse vislumbre. *(Pausa.)* Questões sobre a natureza da realidade e da existência servir-te-ão muito melhor, e creio que já sabes isso. Estás a aprender muito rapidamente, aliás.

Agora, há alguma questão pendente sobre qualquer assunto que queiras que eu discuta, Rob?

(Li uma das perguntas de Pete em voz alta: “Escrevi algumas palavras muito emocionais e quase poéticas numa tarde e senti que Ferd se estava a expressar através dessa escrita automática. Foi, de facto, legítimo?”)

Sem dúvida. Foi uma tentativa da sua parte de alcançar certos níveis de intuição que ainda não tinham tomado forma consciente. No entanto, nesta ocasião em particular, o Ferd não esteve envolvido. O nosso jovem amigo estava a desenvolver as suas próprias capacidades intuitivas.

Isto não foi, estritamente falando, escrita automática.

Ele estava dissociado o suficiente para permitir que viesse à superfície um conhecimento que não percebia possuir. *(Pausa.)* Existe aqui um talento para criar ritmos, até certo ponto. Além disso, creio que há uma capacidade não reconhecida para trabalhar com números.

(“Posso mudar de assunto?”)

Sim, claro.

(“Porque não nos dás o nome da entidade de Venice?”)

Dá-nos um momento. Saricke.

(“Queres soletrar?”)

SARICKE. Tens mais perguntas?

(Pude ver que a Jane estava bastante cansada. “Não.”)

Então, despedimo-nos com carinho. Os meus mais calorosos cumprimentos e encerraremos agora a sessão.

(“Boa noite, Seth.”)

SESSÃO 358

2 DE AGOSTO DE 1967

(A Marilyn Wilbur e o Peter Murtough foram testemunhas.)

(Muito recentemente, enquanto adormecia — no estado hipnagógico — o Peter Murtough teve uma visão da irmã Julie a cair. Disse-nos que ela caiu com bastante força e poderia ter batido com a cabeça. Não conseguiu perceber se se tinha magoado ou não, mas a visão tem estado na sua mente desde então. Queria saber se Seth podia ajudá-lo com esta questão.)

Boa noite.

(RFB & Pete: “Boa noite, Seth.” (Marilyn: “Olá.”)

Ora bem. As minhas saudações ao nosso amigo, e por favor, dê-nos um momento. *(Pausa.)*

Agora, sobre a tua visão da tua irmã: um período de aproximadamente seis meses no futuro e a probabilidade de uma queda na casa de banho que pode ser evitada se não forem usados tapetes pequenos no chão. Isso inclui tapetes com revestimento de borracha.

Houve alguma distorção na tua visão. A queda não ocorrerá se não forem usados tapetes. Por segurança, recomendaria um período de oito meses sem tapetes. Não haveria nenhuma dificuldade grave, mas um hematoma feio *(pausa)*, acredito que perto da orelha direita, e algum torcimento do pé.

Acredito que estaria envolvida a compra de um tapete novo para a divisão e que ela escorregaria nele. Agora, esta probabilidade pode ser evitada das formas mencionadas.

Deixem o chão livre de objetos. Parece haver uma possibilidade que não compreendo, onde, por algum motivo, jornais poderiam ser colocados no chão naquela divisão. Talvez por baixo de roupa molhada a pingar.

Isso também deve ser evitado. *(Pausa, gesto para Pete.)* Desta forma, mudas de um conjunto de probabilidades para outro, e neste caso, para tua vantagem.

Bem, um momento, por favor. A outra situação, sobre a tua amiga de Boston.

(Recentemente, a nossa amiga em Boston, Pat Norelli, visitou uma médium que lhe disse que estava sob a influência de um mau-olhado, e que nunca teria um dia feliz enquanto vivesse. Isto alarmou Pat tanto que telefonou a Jane de longa distância, pedindo alguma informação de Seth.)

A chamada “médium” é uma personalidade severamente perturbada. Ela própria projeta sentimentos altamente negativos sobre os seus clientes e depois capta-os novamente a nível subconsciente e reage a eles. Tem a tendência de condenar os seus clientes porque tem medo de se condenar a si mesma.

Ela é sincera, mas sinceramente iludida, uma personalidade psicopata que se compraz em provocar medo nos outros. *(Pausa.)*

E para a nossa amiga romântica de Boston (sorriso), o seguinte: neste momento, não estás a perder tempo com o teu distinto amigo cavalheiro. No entanto, não deve ser interpretado mais do que isto, pois não irei prever o desfecho da relação para ti.

Para a minha Jane tão industrioso, a conferência de escritores deverá correr bem, e vou surpreender-te ao dizer que a recomendo.

(A conferência terá lugar na Star Island, ao largo de Portsmouth, NH, no sábado, 12 de agosto de 1967; na companhia de Pat Norelli e Dick Reed.)

Posso, antecipadamente, dizer-te algo sobre a tua viagem, já que tens estado tão ambicioso ultimamente.

Agora podem fazer uma pausa e depois continuaremos.

(Os olhos de Jane permaneceram fechados. A sua voz esteve um pouco melhor do que a média, o ritmo bom. Retomamos às 9h30.)

Agora. Há momentos em que todas as probabilidades apontam numa única direção, e creio que existe um teorema matemático — teórico — que define tais ocorrências. Nesses casos, o futuro está realmente fixado.

Este não é o caso no que diz respeito à tua irmã. Portanto, alterações nas probabilidades modificam esse futuro em particular, e a mudança que sugeri elimina completamente o acidente provável anterior. Compreendes? *(Olhando para Pete.)*

(Pete: “Sim.”)

Então, se o conselho for seguido, não há perigo.

Agora, um momento, por favor. *(Pausa.)* Um F S A (soletrado) relativamente ao assunto de Boston. Um encontro à tarde de 14 pessoas e um segundo encontro agendado. Um reencontro da Jane com um conhecido esquecido há muito tempo. A possibilidade de uma sessão de Seth incomum.

(Ver as notas após a sessão 360 para mais informações sobre estes dados.)

Para a nossa amiga loira de cabelo comprido (Marilyn Wilbur), em breve surgirá um novo elemento, uma nova pessoa que desempenhará um papel significativo na sua vida, seja por um longo ou curto período de tempo. Essa pessoa estará ligada a ela ou a uma amiga dela — um novo elemento de personalidade. Certamente benéfico a longo prazo. (Pausa.)

Creio, mas não tenho certeza, que essa pessoa não será originalmente desta área, ou, se for, terá ligação a outra região. (Pausa.)

(Durante a pausa, Marilyn disse-nos que, de facto, reage às pessoas da maneira que Seth descreveu — ou a longo ou a curto prazo. Mais tarde, Jane disse-me que sentiu que a nova influência mencionada seria um homem.)

Rob, tens alguma pergunta?

(“Não particularmente.”)

Hesito em perguntar ao nosso jovem amigo.

(“Tens alguma pergunta, Pete?”)

(Pete: “A minha mente está vazia... A minha irmã estava a pensar numa possível viagem à Austrália no Natal.”)

Uma possibilidade existe sempre. No entanto, há aqui uma possibilidade bastante forte (sublinhado), relacionada com outra pessoa que ela pode vir a conhecer — um homem que usa óculos nas horas de lazer. Cabelo castanho. As iniciais A L estão de alguma forma ligadas a ele. (Pausa.)

E há uma ligação distante com Detroit, ou uma conexão forte entre essa pessoa e automóveis.

Se o encontro acontecer — e é uma probabilidade — então ele será determinante na organização da viagem.

Se o encontro acontecer, será entre os dias 1 e 5 de outubro ou novembro. O homem terá uma ligação com duas crianças.

Se não houver mais perguntas, encerraremos a sessão, pois sei muito bem quantas sessões ainda não foram dactilografadas.

(“Queres dizer algumas palavras sobre o sonho que a assistente do dentista me contou hoje?”)

Um momento, por favor. (Pausa longa, olhos fechados.)

Não gosto de entrar neste tipo de dados. (Pausa.) Sinceramente, não é da tua conta.

(“Oh.”)

(Pelo que sei, esta é a primeira vez em todas as sessões que Seth dá tal resposta. A minha pergunta não tinha a intenção de invadir a vida pessoal de ninguém, apenas obter o que pensei que seria uma informação interessante sobre um determinado sonho, contado voluntariamente pela assistente do Dr. Colucci.)

O assunto é altamente pessoal. Os eventos podem ou não ocorrer, e não quero aumentar a sua probabilidade ao fazer qualquer comentário sobre isso.

(Isto tornaria o sonho precognitivo.)

(“Como vai a situação do Wisconsin?”)

(Recentemente, Seth disse-nos várias vezes que iríamos receber notícias sobre PES ou correspondência, relacionada com negócios, de alguém no Wisconsin, um homem.)

Os dados são legítimos.

(Li uma das perguntas de Pete: “Podes dizer-me algo sobre a vez em que senti Ferd a entrar no meu corpo enquanto estava deitado de lado na cama?”)

Estás a tornar-te consciente de níveis mais elevados da tua própria personalidade, e estás a tentar interpretá-los.

A sensação foi a tua própria reação à presença psicológica do teu amigo Ferd. Ele não causou as sensações, mas, de certa forma, foi a causa delas, pois interpretaste a sua existência dessa maneira específica.

Devido à tua própria constituição psicológica, tens uma tendência para interpretações físicas e para sensações físicas, como tentativa de compreender impressões não físicas.

Se tiverem perguntas, responderei. Se não, encerraremos a sessão.

(“Não tenho mais perguntas.”)

(Pete: “Tenho uma.”)

Força.

(Pete: “Bem, Seth, fiquei extremamente incomodado com a reação do meu irmão ao que disseste sobre a corrida de cinco e dez milhas a 20 de agosto — disseste ao Steve para não apostar. Existe alguma hipótese de isso ainda se concretizar, de alguma forma?”)

“Alguma hipótese” cobre um território muito vasto, jovem.

Houve um momento em que muitas probabilidades apontavam nessa direção.

Neste momento, menos de metade dessas probabilidades permanecem, e mesmo nos teus termos, as probabilidades são muito reduzidas. (Pausa.)

O que é realmente lamentável, no entanto, é outra coisa.

Ter altas expectativas é bom, mas não devem ser usadas como uma muleta.

Ainda não conheces bem as tuas próprias capacidades para tentares usá-las dessa forma.

O teu irmão Stephen deve confiar nas suas próprias habilidades, pois elas representam a sua liberdade e eventual sucesso.

(Pausa.) Rob, tinhas alguma pergunta?

(“Não.”)

Então, desejamos a todos uma noite muito calorosa e agradável.

(“Boa noite, Seth.”)

SESSÃO 359

7 DE AGOSTO DE 1967

(O Peter Murtough foi testemunha pela última vez. A sessão foi gravada. Os olhos da Jane estiveram maioritariamente fechados, o ritmo dela estava bom.)

(O Pete:) “Olá, Seth.”

Boa noite.

“Boa noite, Seth.”

Agora, boa noite a todos. Ao nosso amigo o Pete, e ao Stephen e à Julie.

Vocês são uma família muito unida, e há vantagens e desvantagens em estarem tão emocionalmente envolvidos. Deem-nos um momento, por favor.

Há muito que não sabem sobre este tipo de sessão e os fins a que pode ser destinada. O Ruburt esforçou-se por falar com o Pete e explicar-lhe como a sua capacidade deve ser usada e como não deve ser usada.

Ele compreende o que o Ruburt lhe disse, e tenho a certeza de que o explicará bem a vocês. Resumidamente, no entanto, o desenvolvimento psíquico deve levar a um desenvolvimento global da personalidade. Não deve ser usado para tornar as coisas mais fáceis em termos físicos, embora compreenda perfeitamente que esta seja uma tentação — e uma tentação compreensível. No entanto, o facto é que o desenvolvimento psíquico

resulta em algo totalmente diferente. A pessoa envolvida deve então exigir mais de si mesma...

(Aqui perdi algumas palavras devido ao ritmo acelerado. Como a sessão estava a ser gravada, não pedi ao Seth para abrandar.)

... Ocorre-me que muito disto pode ser novo para vocês. Ainda assim, quaisquer benefícios físicos, quaisquer previsões que ocorram nestas sessões, surgem como resultado de um desenvolvimento espiritual e psíquico inicial. Esperar primeiro pelos benefícios físicos pode, de facto, bloquear o próprio desenvolvimento espiritual e psíquico.

Agora, o amor que vos une é forte, por vezes aberto... *(palavras novamente perdidas)*... aquilo que é demais para ele neste momento... *(e novamente.)*... Este tipo de sessão não serve, principalmente, para dizer-te o que deves fazer, o Stephen. Não é um meio de te ajudar a evitar decisões, meu bom amigo. O propósito de uma sessão destas é, antes, ajudar-te a desenvolveres-te, a cresceres em autoconfiança e força através de tomares as tuas próprias decisões.

Agora, o seguinte é para o Stephen. Tu és muito impetuoso, e isso pode ser uma vantagem, mas também, como deves saber, uma desvantagem. Não me fizeste, Stephen, as perguntas certas para ti. Não é para teu benefício global que em muitos aspetos tenhas... continuado assim... Dá-nos um momento.

A tua personalidade particular não é ajudada se eu te disser o que fazer em incidentes específicos que pedes. Pois não serias fortalecido — estarias a depender de mim; e quaisquer erros, meu caro amigo, seriam também atribuídos a mim.

Tens tido medo, percebes, de aceitar a responsabilidade pelas tuas próprias decisões e ações, e eu não posso ajudar-te a continuar por esse caminho. Digo isto com toda a boa vontade. Contudo, há alguns pontos que mencionarei.

Quanto à dieta equilibrada, direi o seguinte: não estás a comer de forma equilibrada. Por vezes tens uma dependência excessiva de um tipo de alimento, e depois de outro. Não te faz bem perder tanto peso, e muitos dos teus sintomas estão diretamente ligados a várias deficiências provocadas pela tua alimentação. Deve haver um equilíbrio diário de nutrientes.

Um consumo diário equilibrado de proteínas e hidratos de carbono, de carnes e vegetais. 62 a 63 quilos é o mínimo a que deves descer em relação ao teu peso. Agora, podes ou não seguir o meu conselho, como preferires.

Em qualquer dos casos, já to dei.

Vamos prosseguir.

Stephen, deves tentar técnicas de relaxamento. Estás excessivamente nervoso, em parte devido às deficiências na tua dieta e também por certas tendências temperamentais. Tens qualidades excelentes. No entanto, não as estás a usar na sua totalidade neste momento.

Crescerás à medida que tomares as tuas próprias decisões. Tens de acreditar em mim: seria extremamente prejudicial para o teu desenvolvimento se eu te dissesse o que deves fazer agora, e quais os passos a dar.

Em breve teremos mais a dizer-te. Sugiro agora que façamos uma breve pausa. E a Julie, terei algumas palavras para ti também.

(A Jane disse que esteve bem dissociada. Sentia-se bem com isso, pois significava que não se preocupava com distorcer o material, etc. Retomar.)

Agora, novamente para o Stephen. Muitas das coisas que queres podem de facto ser obtidas por ti. Se forem alcançadas, sê-lo-ão através do teu próprio desenvolvimento e do uso das tuas próprias capacidades.

Dá-nos um momento. Não deves dispersar as tuas energias. Se não gostas do teu trabalho atual, então cabe-te a ti encontrar outro. Percebes?

Qualquer sucesso verdadeiro tem de vir através dos teus próprios esforços, pois nenhum outro sucesso tem qualquer significado. Quando tiveres alcançado metas possíveis, terás força e liberdade para prosseguir, e capacidade para alcançar metas mais difíceis. Há aqui uma tendência perigosa que deve ser referida, e é esta: não deves culpar os outros quando não alcanças os teus objetivos.

Deves lembrar-te de que é fácil, e novamente bastante compreensível, que muitas vezes os outros pareçam ser a fonte dos fracassos. Mas esses fracassos são sempre causados por problemas espirituais ou psíquicos internos que não foram enfrentados ou resolvidos.

Perde qualquer amargura que possas ter para com os outros, pois essa amargura está a prender-te. O lado impetuoso da tua natureza pode conduzir-te à alegria, e a uma compreensão espontânea e intuitiva. Há uma tendência, novamente, para descarregares nos outros, e isso deve ser contido. Vive cada dia ao máximo, e não sejas escravo das tuas esperanças

para o futuro. Se não aprenderes a desfrutar o hoje, não desfrutarás o futuro, aconteça o que acontecer.

Tens perseverança e força, e estas são boas qualidades que te devem servir bem. O regresso à Austrália é uma canção de embalar familiar, uma esperança de família, um sonho de família. Se fores regressar à Austrália, será através dos teus próprios esforços individuais, e não por um golpe de sorte nem um presente dos céus.

Presentes dos céus são o resultado de desenvolvimentos espirituais individuais e, se não forem, apenas parecem ser presentes. As boas qualidades que já possuis devem ser usadas para te ajudarem a fazer o teu próprio caminho. Isto não é incomum contigo. É o caminho habitual para os jovens, e eu próprio segui-o muitas vezes.

Meu caro amigo Stephen, não há caminho fácil, e muitas vezes o caminho que parece mais fácil é o mais difícil de todos.

(A fita acabou no gravador.)

(“Podemos fazer uma pausa, Seth?”) Podes, sim.

(A Jane estava novamente bem dissociada. Os olhos permaneceram fechados.)

Agora. Não é fácil, caro Stephen, na tua idade, nem de facto em qualquer idade, ouvir palavras que não queres particularmente ouvir. Tens a inteligência e a intuição para perceberes que o que te estou a dizer é para teu bem. Podia ter dito o que querias ouvir. Se o tivesse feito, teria prestado um grande desserviço. Estás a usar mal o teu corpo, pois estás a privá-lo de nutrientes necessários. Não lhe estás a dar o que precisa. Estás a forçá-lo demasiado, e ele está a tentar dizer-to. Tens de ouvir a sua voz e voltar ao teu peso normal.

Os sintomas nos olhos estão ligados às deficiências de peso. Os sintomas de formigueiro também. Não estás a dar ao teu corpo um equilíbrio diário constante de nutrientes. Por isso ele está a portar-se mal. Tens de corrigir isto, pois não conseguirás tomar decisões claras enquanto não estiveres bem.

Expliquei ao teu irmão as razões por trás da previsão sobre o Ferd, e ele irá explicá-las a ti. O Ferd não é para ser o adivinho da família, percebes, e como os meus queridos amigos o Ruburt e o Joseph te dirão, eu dificilmente sou o grande chefe adivinho para eles.

A adivinhação não é o motivo da minha presença aqui, percebes. Agora, deem-nos um momento, por favor. Tu tens jeito com animais e dar-

te-ás bem a trabalhar com eles. Agora vou dizer-te algo, meu caro amigo, e espero sinceramente que, nos anos vindouros, me agradeças — embora não acredite que me agradeças agora.

Tu queres ser jóquei porque parece tão difícil para ti tornares-te um, e porque tantos obstáculos se erguem no teu caminho. Por muitas razões isto não é o melhor para ti, nem é aquilo que realmente queres. Mas, ao trabalhares para alcançar um objetivo muito distante — um objetivo extremamente difícil para ti — sentes, subconscientemente, que serás desculpado se falhares; se falhares, então podes dizer que foi porque havia tantos obstáculos no teu caminho.

Tens muito medo de falhar — o que não é crime nenhum — muitos têm medo de falhar. Mas isso leva-te a evitar objetivos que tens uma boa hipótese de alcançar. Se um objetivo é alcançável e não o alcanças, percebes, então sentes que terias de te culpar a ti mesmo — e, novamente, não queres aceitar as consequências das tuas próprias ações. Espero ter sido claro, pois é importante que me compreendas. No campo geral, a trabalhar com animais, no entanto, tens qualidades admiráveis que podem ser utilizadas se as aplicares a um objetivo prático. Subconscientemente, tu não queres ser jóquei. Escolheste esse objetivo porque parece tão difícil, e se falhares podes culpar as circunstâncias em vez de ti mesmo.

Agora. Não precisas ter medo de falhar, e esta é a tua maior dificuldade. Tens força e capacidade que nem percebes que possuis, e isso vai sustentar-te. Não precisas ter medo de testar-te perante objetivos alcançáveis. Não precisas procurar golpes de sorte.

Tens as tuas próprias capacidades, e bem utilizadas levar-te-ão ao teu próprio desenvolvimento e felicidade. Lembra-te, ninguém te deve nada, mas tu deves tudo a ti mesmo. Agora, se pareço o velho sábio da montanha, que assim seja. Os meus mais sinceros votos para ti, no entanto.

Agora sugiro uma breve pausa e falarei com a Julie.

Agora. Isto é para a nossa rapariga dos grandes sonhos, a “alta-tarte-de-maçã-no-céu”.

Ela está a sair-se muito bem. Não foi minha intenção ser duro com o Stephen, querida Julie, mas é muito importante que ele compreenda o que digo. Importante para a saúde dele e para o seu bem-estar futuro. Agora, tens-te saído muito bem, e com objetivos alcançáveis. Deem-nos um momento, por favor. Acredito que poderá haver uma mudança no

futuro para ti, relacionada com a tua área de trabalho. *(Pausa.)* Talvez dentro de um período de oito meses, embora eu não tenha a certeza aqui quanto ao factor tempo. Poderá haver uma ligação com Denver.

Agora, isto é apenas uma impressão. Talvez prossigamos com isso dentro de momentos — uma ligação com Denver, ou o nome de um homem... Dan, ou o homem terá uma ligação com Denver. Isto é uma probabilidade e não um futuro fixo, no entanto. Agora, deem-nos um momento. *(Pausa.)*

A tua é uma natureza aberta, afetuosa, mas por vezes és impaciente. Aprende a olhar ainda mais além das aparências e razões superficiais, principalmente em relação ao teu próprio comportamento, pois esse exercício ser-te-á muito útil.

Tu podes ser um elemento nutritivo dentro da família, quando não deixas que a impaciência te perturbe. Tens razão em proteger o teu irmão mais novo. Mas não o protejas em demasia. Haverá tempo necessário para que as capacidades dele amadureçam. Vocês os dois trabalham bem juntos. No entanto, não aceites sem alguma análise crítica, embora eu não acredite que o faças. Ainda assim, ajuda a temperar o entusiasmo natural do Pete com o bom senso.

A Julie, o Steve e o Pete — todos deveriam ler quaisquer livros que encontrarem sobre parapsicologia e fenómenos psíquicos. Quanto mais lerem, mais compreenderão a capacidade do Pete, e mais, de facto, poderão desenvolver as vossas próprias capacidades. Pois cada indivíduo tem sentidos interiores, saiba ou não disso, e estes devem ser desenvolvidos.

No mundo das probabilidades, há uma boa hipótese de que venhas a considerar muito seriamente o casamento perto do final de um período de dois anos. Um romance bastante sério, em qualquer caso, que pode ou não evoluir para casamento. Novamente, isto está na faixa das probabilidades. Já expliquei como, em certos momentos, se pode ver um futuro definido e, em outros, um futuro provável. Em algumas ocasiões, a totalidade das probabilidades aponta toda numa direção principal. Estas tendem a formar um futuro mais ou menos definido, todas as forças psíquicas a correr para lá. Mesmo assim, pode ser alterado.

Noutras alturas, as probabilidades apontam em várias direções.

Agora, deem-nos um momento. Apreciámos muito a presença do teu irmão, e devolvemo-lo a ti melhor, esperamos, pela experiência. Stephen

(A fita, que tinha sido invertida, terminou pouco antes do final da sessão.)

— agora há esperança para o teu sucesso, pois podes agora tomar os passos necessários para o alcançar.

Podemos fazer uma pausa ou encerrar a sessão, Joseph, à tua escolha e critério.

(“Logo vemos como está a situação na pausa.”)

(A Jane começava a parecer bastante cansada, mas percebemos que a sessão ainda não tinha terminado.)

Agora. Cá estamos nós, jovem. Espero que tenhamos conseguido ser de alguma ajuda ao teu irmão, pois é altura de ele mudar alguns dos seus modos de ser.

Podes falar comigo livremente.

(O Pete:) “Agora mesmo?”

Agora mesmo, sem dúvida.

(O Pete:) “Está bem. Gostei mesmo muito de te ouvir, Seth. Acho que és mesmo porreiro.”

Fico, de facto, muito satisfeito por saber que sou porreiro.

(O Pete:) “Sabes mais alguma coisa sobre o Ferd? Tens estado em contato com ele?”

Não tenho estado em contato com ele. Estamos em níveis diferentes, percebes. Tens de ter fé nas tuas próprias capacidades, mas não as forces. Se leres o material com atenção que já te dei, verás que já respondi a mais perguntas sobre o Ferd do que aquelas que me fizeste.

(O Pete:) “Pois é. Talvez um dia destes possamos voltar a juntar-nos, fazer uma sessão conjunta Seth e Ferd.”

Acho que haverá tempo para uma sessão conjunta assim. Contudo, durante as nossas sessões, irei espreitar-te de vez em quando, embora não acredite que tenhas consciência disso.

(O Pete:) “A não ser que o meu corpo me avise com uns formigueiros ou coisa do género.”

Não creio que isso aconteça, no meu caso. Não quero que desenvolvias o hábito de me procurares, percebes —

(O Pete:) “Oh não.”

— e, portanto, tomarei o cuidado de proteger devidamente as circunstâncias. Isto não significa que eu vá espiar-te, percebes.

(O Pete:) “O Barão Vermelho e o Snoopy... Acho que foi ótimo falar contigo. Gostei mesmo muito de ti. Não esperes demasiado demasiado cedo.”

Não espero. Esta é a tua maior garantia de desenvolveres plenamente as tuas capacidades. Percebes?

(O Pete:) “Sim, percebo.”

Dou-te então os meus melhores votos *(pausa)* e o meu afeto caloroso. Joseph, creio que encerramos agora por esta noite.

(“Está bem.”)

(O Pete:) “Os meus melhores cumprimentos para ti, Seth, e boa noite e adeus.” (“Boa noite, Seth.”)

(A Jane estava novamente bem dissociada, embora dissesse ter começado a “voltar” já perto do fim da sessão.)

SESSÃO 360

16 DE AGOSTO DE 1967

(A breve sessão teve lugar no escritório do editor da Jane, o Frederick Fell, na cidade de Nova Iorque. No dia 15 de Agosto, a Jane recusou participar no programa de televisão de Alan Burke, na WNEW-TV.)

(Esta sessão não foi planeada. Ver as notas no final para material relacionado. A Jane falou pelo Seth enquanto estava sentada em frente do Frederick Fell, do outro lado da secretária, mas manteve os olhos fechados. A voz dela estava um pouco mais forte que o habitual, sem chegar ao volume máximo de que é capaz, e o ritmo um pouco mais rápido, a postura ativa.)

Bom dia. Agora. Levei algum tempo até conseguir trazer o nosso amigo o Ruburt (a Jane) aqui.

Estou muito satisfeito por não termos participado no programa de televisão, mas eu sabia, percebem, que não o faríamos.

Eu sou, e sempre fui de facto, um educador. No entanto, há circunstâncias em que a educação se torna difícil, e as circunstâncias não eram do nosso agrado nem da nossa escolha.

Estou muito satisfeito por conhecê-lo *(para o F. Fell)*, e já que foi o senhor quem publicou o livro do Ruburt, agradeço-lhe. Sugiro, Joseph —
(“Sim.”)

— que no futuro eu ajude o nosso amigo a tratar dos seus assuntos profissionais. Agora, se tiver alguma pergunta que me queira fazer sobre a minha relação com o Ruburt, ou sobre mim, esteja à vontade para perguntar.

(O Seth dirigiu-se ao F. Fell, que então fez uma pergunta ao Seth sobre a segurança da filha dele numa viagem à Europa que se aproximava.)

Deem-nos um momento, por favor. *(Breve pausa.)* Estas são impressões, Joseph... Parece que haverá uma viagem com uma paragem, um local onde se fará escala por pouco tempo antes de chegar ao destino final. Creio que será uma paragem voluntária, mas breve. Em qualquer caso, antes do destino final haverá outro local a ser visitado.

(Pausa.) Há segurança para a filha.

Dá-nos um momento. Estas são impressões. Cinzento. Isto por parte de um nome ou talvez de um lugar. *(Pausa.)* Alguém com 14 anos. Uma ligação com alguém com 24 ou 23 anos. Um A J e um C. Uma loja de linho numa rua de calçada, com os números 2 1 5; ou separadamente 12 e depois 215 ligados. Gerida por uma pessoa magra de cabelo branco ou grisalho. Algo errado com o pulso esquerdo.

Ligação com A W L — agora isto é separado. *(Pausa.)* Deem-nos um momento. Uma ligação com uma mulher de cabelo avermelhado. Um presente comprado que parece assemelhar-se a um objeto feito de pedacinhos muito pequenos, do tamanho de fósforos, não necessariamente de madeira. *(A Jane fez um gesto.)*

Podem fazer uma pausa ou terminar a sessão, conforme preferirem. Eu estou, pessoalmente, encantado por estar aqui.

(“Vamos fazer uma pausa, Seth.”)

(11h12. Pensei que o F. Fell estaria demasiado ocupado para continuar muito mais tempo com uma sessão, mas sugeri uma pausa caso o Seth tivesse algumas palavras finais.)

(A Jane disse que estava razoavelmente “fora de si”. O F. Fell pediu esclarecimento sobre o comentário do Seth de ajudar “o nosso amigo a tratar dos seus assuntos”. Eu disse que achava que o Seth se referia à Jane.)

Não estava a oferecer-vos a minha ajuda com tão breve conhecimento. Ainda assim, se alguma vez a desejarem, eu estaria certamente mais do que disposto a colaborar.

(Seguiu-se uma troca de palavras entre a Jane, o F. Fell e eu. O F. Fell perguntou à Jane se ela estaria disposta a falar como o Seth, por exemplo no Town Hall, se ele o alugasse. A Jane disse que sim. Depois retomou como o Seth.)

...velho cavalheiro...

Vamos agora encerrar a sessão. Eu sou cauteloso (perdi algumas palavras aqui, mas não interrompi. RFB.) ...garantirei em todos os momentos — e isto é para teu benefício, Joseph — que protejo o teu Ruburt, tal como fiz questão de que ele não aparecesse no programa. No entanto, cooperarei em condições mais benéficas.

(Para o F. Fell:) Digo-lhe novamente que estou muito satisfeito por falar consigo. E agora vamos todos despedir-nos. Os meus mais calorosos votos para si.

(“Até breve, Seth.”)

(A Jane estava novamente bem “fora de si”. O F. Fell descreveu a sessão como “notável”, etc., e notou a mudança na voz, personalidade, expressão, etc., que acontecia na Jane quando falava como o Seth.)

(Muito mais foi dito na reunião entre a Jane, o F. Fell e eu do que o que aqui está anotado. O encontro foi cordial e as condições certas para o Seth se manifestar. A Jane disse que duvidava que tal contato pudesse ter sido estabelecido no programa de TV do Burke.)

(O F. Fell contou-nos que a mulher dele tem cabelo ruivo, em sintonia com os dados do Seth na página anterior: “Uma ligação com uma mulher de cabelo avermelhado.” Pedimos assim ao F. Fell que verifique o resto dos dados sempre que possível. Se alguns forem precognitivos, isso demorará algum tempo.)

(Aqui seguem algumas notas sobre como material precognitivo pode ser distorcido e ainda assim ter uma boa semelhança com a vida física face aos dados originais. Na 358ª sessão de 2 de Agosto de 1967, o Seth afirmou, depois de mencionar o compromisso de palestras da Jane em Star Island, perto de Portsmouth, NH, marcado para sábado, 12 de Agosto: “Um encontro do Ruburt com parte de um velho conhecido esquecido;” e “A possibilidade de uma sessão Seth invulgar.”

(A Jane não encontrou velhos conhecidos em Star Island nem em Boston, nem houve qualquer sessão invulgar. A 9 de Agosto, quarta-feira, a Jane foi convidada por telefone para participar no programa de TV do Burke em Nova Iorque. Na noite de 15 de Agosto, terça-feira, a Jane e eu

estávamos a jantar num restaurante ao ar livre, The Californian, na 7ª Avenida com a Broadway, em Nova Iorque. Às 19h30 fomos abordados pelo Merle Cratsley de Odessa, Nova Iorque, um velho amigo.

(O Merle não sabia que estávamos a jantar ali, mas sabia que estávamos em Nova Iorque, pois tinha sido informado por telefone pela esposa, com quem eu trabalho em Elmira. Ele tinha planeado estar na audiência do programa de TV do Alan Burke no dia 16 de Agosto. O Merle e a esposa costumavam viver no prédio onde moramos em Elmira. Mudaram-se há cerca de um ano e meio, e a Jane só o viu uma vez desde então. Ele não é propriamente esquecido, no entanto.

(Na altura da 358ª sessão não sabíamos que o Merle estava agendado pela sua empresa para estar em Nova Iorque; nem ele podia saber onde estaríamos a jantar nessa hora específica. Ele não tinha ido ao nosso hotel na 46ª Rua, pois quando nos encontrámos no restaurante perguntou-nos onde estávamos hospedados. Acreditamos, no entanto, que ele podia ter uma ideia geral de que ficaríamos na zona de Times Square.

(A segunda parte dos dados, sobre uma sessão invulgar, pode ser interpretada como referindo-se a esta sessão, a 360ª, que teve lugar no escritório do F. Fell em Nova Iorque a 16 de Agosto, um dia depois do encontro com o Cratsley. No entanto, a sessão seguinte, a 361ª, também foi bastante invulgar, e aconteceu no café do nosso hotel, o Paramount, no nº 235 da West 46th Street. Foi um tipo de sessão diferente, única na experiência da Jane, testemunhada por mim e pelo Raymond Van Over da Parapsychology Foundation. Ver as notas para essa sessão. Aconteceu mais tarde no mesmo dia, 16 de Agosto, como esta 360ª.)

(As notas acima mostram como interpretar os dados pode ser uma tarefa complicada. Em resumo: os dados foram dados em ligação com uma viagem a Boston, quando Nova Iorque ainda não era mencionada por nós; mas os acontecimentos durante a estadia em Nova Iorque, poucos dias depois da viagem a Boston, têm uma semelhança clara com os dados. Aprendemos que os dados devem ser analisados frase a frase, sem considerar necessariamente o corpo todo de material como relacionado. Repetidamente nos foi demonstrado que dois fragmentos sucessivos de material, aparentemente ligados, podem referir-se a assuntos totalmente diferentes, separados no tempo e no espaço.

(Dois outros dados dados na 358ª sessão não foram verificados por nós, e podem nunca o ser pela sua própria natureza. Um diz respeito a um novo convite, o que poderá levar meses a concretizar-se.)

SESSÃO 361

16 DE AGOSTO DE 1967

(Esta sessão realizou-se mais tarde no mesmo dia da 360ª sessão e, novamente, não estava planeada. Está transcrita a partir de apontamentos que fiz durante e logo depois, mas não está completa. A memória, que eu e a Jane tratamos com cautela, também entra nisto, mas os factos principais estão anotados onde temos certeza.)

(Foi a primeira vez que a Jane realizou duas sessões num só dia, mesmo sendo ambas relativamente breves. Esta segunda sessão é também única na experiência dela e promete muito para o futuro. A testemunha, além de mim, foi o senhor Raymond Van Over, editor associado da Parapsychology Foundation, da West 57th Street, Nova Iorque.)

(A Jane e eu saímos do escritório do F. Fell, onde decorreu a 360ª sessão, por volta das 11h45, com encontro marcado com o senhor Van Over ao meio-dia. Ele só teve alguns minutos connosco antes de sair do escritório para outra reunião. Lá, a Jane foi informada de que tinha uma chamada telefónica do programa de TV do Alan Burke; um senhor Shapiro estava em linha nesse momento. A Jane passou cerca de quinze minutos a explicar-lhe porque não queria ir ao programa.)

(O senhor Van Over parecia interessado nas capacidades da Jane, embora não tivesse lido o livro dela sobre ESP. Descreveu brevemente um projeto empresarial que pretendia lançar no outono, se possível, e perguntou se podíamos encontrá-lo no átrio do nosso hotel, o Paramount, às 15h00. Esta sessão, a 361ª, teve lugar durante o nosso encontro no café do hotel, chamado Rudd's.)

(Não há citações textuais do Seth aqui, pois a Jane obteve a informação dele de uma forma diferente. A sessão começou depois de termos tido algum tempo para uma conversa informativa e de apresentação, sobre parapsicologia em geral, métodos de realizar testes, personalidades, a filosofia particular do Seth, etc. O senhor Van Over tinha muita informação interessante para partilhar; e muito do que ele

disse sobre a forma como os médiuns operam fez sentido para nós, pois já tínhamos visto as mesmas coisas acontecerem com, e à volta da, Jane.)

(Tal como no escritório do F. Fell naquela manhã, a Jane anunciou agora que o Seth estava por perto e que era capaz de realizar uma sessão. Mas como estávamos num local público, ela não queria chamar a atenção. Discutimos a hipótese de subir ao quarto de hotel. A Jane então disse que talvez conseguisse dar os dados do Seth de forma diferente do habitual. Disse que sentia a presença do Seth “mesmo abaixo da consciência” e que talvez conseguisse falar por ele de forma natural, sem atrair atenção. Havia uma corrente constante de pessoas a passar pela nossa mesa, mas ninguém nos prestou atenção.)

(A Jane ficou encorajada quando o Ray Van Over lhe disse que muitos médiuns trabalhavam exatamente dessa forma. Esta nova abordagem não foi particularmente fácil para ela, e nenhum de nós queria que ela se esforçasse em demasia, mas foi bastante bem-sucedida. Note-se também que o Seth não se manifestou, nem foi chamado a manifestar-se, antes de se estabelecer uma atmosfera de convívio entre os três presentes. O mesmo tipo de ambiente tinha sido criado naquela manhã no escritório do F. Fell.)

(O Ray Van Over está prestes a sair da Parapsychology Foundation para lançar o seu próprio negócio, que envolve edição. Naturalmente estava preocupado com o sucesso desse projeto, em que estava envolvido com outras pessoas. O Seth disse à Jane para lhe dizer que o projeto deveria ser bem-sucedido. Houve alguns dados relacionados que não aponte. Depois a Jane, falando pelo Seth, deu as iniciais W C, como as de uma pessoa muito envolvida no projeto editorial do Ray Van Over.)

(O Ray Van Over disse que esses dados eram “bastante corretos”, pois as iniciais pertenciam a uma pessoa que ele imediatamente identificou. Não anotei o nome completo na altura, por isso perdi-o. O Seth mencionou também outras iniciais: um J e uma letra mais para o fim do alfabeto; isto não era suficientemente claro.)

(A Jane disse mais tarde que os comentários do senhor Van Over sobre as iniciais W C durante a sessão foram distrativos; já antes fizera este comentário depois de sessões: parece que o simples som de outra voz pode perturbar o fluxo de dados, a menos que ela tenha pedido especificamente comentários das testemunhas.)

(Durante este tempo estive a observar a Jane para perceber se devíamos encerrar a sessão. Era evidente que o controlo dela com este método novo era algo instável; ela fazia muitas pausas enquanto falava e parecia ter de fazer bastante esforço para manter o equilíbrio certo entre ser ela própria e permitir que o Seth pairasse logo abaixo ou dentro do alcance da consciência, para poder transmitir os dados. Os olhos piscavam frequentemente. Achei que ela podia entrar num transe profundo a partir deste estado, e ela concordou mais tarde. No entanto, não queria fazê-lo naquele local e, quando eu estava prestes a sugerir que terminasse, ela própria deu por encerrada a sessão. Em poucos minutos saiu do transe.)

(De facto, esta foi uma nova experiência para a Jane, que a descreveu como um novo estado de consciência para ela. Disse que sentiu sensações de “frio gelado” na testa e em algumas outras partes do corpo. Sentiu também um “zumbido” interno que não era físico, e uma súbita vontade de urinar no final da sessão. Ficou com uma sensação geral de tremor interior, que durou algum tempo. A Jane disse que poderia facilmente ter entrado num transe profundo e que teve de fazer força para manter tudo equilibrado — ela própria, o Seth, etc. Se bem me lembro, o Ray Van Over disse que alguns dos efeitos que ela descreveu eram efeitos também experienciados por outros médiuns.)

(A Jane ficou satisfeita com a exatidão da informação que deu; embora grande parte fosse precognitiva, e tenha de esperar o passar do tempo para ser verificada.)

(O Ray Van Over descreveu com algum detalhe certas experiências que estava a organizar em que a viagem astral teria um papel principal. Perguntou também à Jane se estaria disposta a participar em testes, e ela disse que sim. O nosso encontro terminou com esta nota geral de promessa de contato futuro.)

(Depois de reler estas notas, a Jane lembrou-me que durante a sessão o Seth também disse ao R. Van Over que um dos patrocinadores ou membros da nova sociedade de investigação dele iria desistir — que essa pessoa era uma influência algo perturbadora, etc. Quando a Jane mencionou isto, eu também me lembrei.)

(O R. Van Over contou-nos ainda que a Elaine Garrett escreveu a crítica do livro da Jane sobre ESP, que apareceu sob pseudónimo na The Journal of Parapsychology.)

SESSÃO 362

11 DE SETEMBRO DE 1967

(A 303ª sessão foi realizada a 26 de Novembro de 1966 com o Eugene e a Sarah Bernard como testemunhas. Recentemente, a Sarah telefonou à Jane desde Chapel Hill, Carolina do Norte, a pedir esta sessão — a primeira desde 16 de Agosto de 1967. A Jane precisava de um descanso há já algum tempo, depois da longa maratona de sessões iniciada no final de 1963.)

(O John Bradley foi testemunha desta sessão. Ele já assistiu a muitas sessões, normalmente passa por cá nas suas viagens de trabalho a Elmira como representante de vendas de produtos farmacêuticos. É de Williamsport, Pensilvânia. Curiosamente, o John começou a fazer-nos perguntas sobre o professor indiano, o Baba, que foi discutido pelo Seth e pelo Gene Bernard na 303ª sessão. O John nunca tinha falado no Baba antes, nem tinha lido a 303ª sessão.)

(No dia 12 de Setembro, no dia seguinte a esta sessão, a Jane comprou a edição de Outubro da Fate Magazine. A coluna do Curtis Fuller trata em parte do Gene Bernard, embora o material lá tenha sido evidentemente retirado de notícias de agência sobre o Gene do ano passado.)

(A Jane também recebeu recentemente uma chamada de um jovem marido em Franklin, Louisiana, a pedir ajuda do Seth para a mulher dele, que está muito doente. Não sabíamos sobre quem o Seth falaria primeiro esta noite, mas suspeitávamos que fosse o Gene Bernard.)

(A Jane sentou-se algo tensa na cadeira quando começou a falar pelo Seth. A voz estava mais baixa que o habitual, os olhos fechados.)

Agora, boa noite.

(O John e eu:) “Boa noite, Seth.”

Boa noite a todos.

Joseph, dá-nos um momento, por favor. Vamos falar primeiro sobre o teu Bernard. Podes fechar a janela?

(O John Bradley fechou a janela para reduzir o ruído do trânsito.)

Obrigado... Há aqui uma deficiência de vitamina D no nosso Bernard. Portanto, recomenda-se uma dose bastante grande de vitamina D diariamente, em qualquer forma aceitável.

Há uma dificuldade, um sintoma, secura da pele, e alguma descamação. E acredito que haja, ou possa haver, um problema — o cabelo cairá ou começará a cair. A dieta está muito deficiente (*pausa*) de um modo geral, e está a roubar os tecidos. (*A Jane falava com muitas pausas.*)

A dieta é mais importante aqui do que possa parecer. Certos tipos de proteína também não estão a ser consumidos em quantidades sequer próximas do suficiente. O corpo, por si só, não está equipado para lutar esta batalha.

Antes de falarmos de outros aspetos mais significativos da condição do nosso amigo, estas questões físicas devem ser tratadas, pois o físico e o mental são tão dependentes um do outro. Deve beber água simples com frequência, um copo três a cinco vezes por dia. (*Pausa.*) Dá-nos um momento...

Ele literalmente assustou-se a si mesmo. Desorganizou a parte do eu que normalmente lida com a realidade física e a sua manipulação. Tentou dispensar este ego orientado para o físico, usando métodos de atalho. Ainda não tinha encontrado um eu interior fortemente centralizado que pudesse assumir a organização de toda a estrutura psicológica. Depôs o seu monarca, não tinha substituto, e abriu o seu reino à ruína. Agora a questão é: o que pode ser feito, e como podem as partes danificadas do eu ser melhor reunidas?

As questões físicas mencionadas devem ser tratadas imediatamente. Isso será um começo. Agora, ele não reconhece totalmente a sua posição. (*Longa pausa.*) Ele abdicou temporariamente, mas não há razão de fundo para acreditar que isto será permanente. O perigo existe. No entanto, disse-te que o ego foi posto de lado, e o medo estava na raiz.

Ele pretendia que um eu interior forte assumisse o controlo de toda a personalidade. O ego, porém, ficou aterrorizado com essa ideia. Muito depois de ele querer que o ego regressasse, o ego escondeu-se. Ele arrombou as suas próprias portas. Está à procura de iluminação, mas não era forte o suficiente para a conter.

Há, no entanto, uma possível nova fase para ele, e será uma reorganização de tendências que resultará na formação de um novo ego, nascido do antigo. (*Longa pausa.*) Deve ser formado lentamente, como é o ego de uma criança. Ele quis saltar demasiados passos, percebes, daí a dificuldade.

Este novo ego que ele deve formar virá devagar. Pode vir marcado, mas será relativamente fiável. Ele deve enfrentar as suas responsabilidades. Não lhe faz bem evitá-las, e pode fazer-lhe muito mal.

Ele vai emergir. As drogas permitiram-lhe conceder a si mesmo um luxo que não podia suportar. Há aqueles que estão tão apertados dentro da realidade física que a alma fica seca. Estão presos, doridos e irritados sob hábitos e ideias demasiado severos. Para eles, uma libertação momentânea, como a que as drogas podem dar, é extremamente benéfica. Para o nosso amigo, porém, o eu interior esteve excessivamente envolvido em divagar, e apenas ligeiramente mantido dentro dos limites do intenso foco exigido pela realidade física. Esta liberdade alimentou a sua fraqueza, percebes. Se tivesse mais disciplina, poderia também ter libertado a sua força.

Ele está a começar a recompor-se novamente. É necessário agora que ele leve os seus empreendimentos até ao fim e enfrente as consequências das suas próprias ações psicológicas. Podem fazer uma pausa e continuaremos.

A estrutura do ego já estava em risco há algum tempo. Psicologicamente, havia uma distância considerável entre a identidade dele e o universo físico tal como o conhecia. Ele não chegava a estabelecer contato. Era demasiado fácil para ele dispersar-se.

Bem. Do vosso ponto de vista na realidade tridimensional, é seguro, e mais vantajoso, viajar para outras dimensões apenas quando têm um veículo fiável para viajar. Não podem saltar fora da embarcação a meio do curso, por assim dizer, nem ter a embarcação a sofrer avarias graves quando estão longe da costa. Foi o que aconteceu.

Grandes ajustes teriam de ocorrer em qualquer caso, e subconscientemente ele estava consciente disso. Não poderia ter sobrevivido como unidade psicológica contributiva dentro do vosso sistema de outra forma. As causas começaram, de um modo geral, por volta do ano de 1938, e foram intensificadas nos anos de 1942 a 1947. Nessa altura o curso foi definido e a personalidade desenvolveu-se numa direção errada, para ele.

Uma relação com uma mulher, além da mãe, está aqui ligada. Um episódio com barras de chocolate em criança, com cerca de 6 anos ou no sexto ano. Uma ausência de forma interior. Para ele era fácil, enganadoramente fácil, ignorar a realidade física, dizer que era uma

miragem, simplesmente porque nunca se envolveu completamente com ela. Nunca a enfrentou diretamente.

Agora, de facto é uma miragem, mas é uma miragem com a qual têm de lidar. Não é tanto, percebes, como ele pensava, que nada tem significado. Tudo tem tanto significado que, basicamente, nenhuma coisa pode ter mais significado do que outra, porque toda a realidade está implícita em cada parte dela.

Ele projetou um vazio de sentido sobre a realidade, e depois foi vítima disso. Aqui os sentidos podem ajudá-lo a reanimar-se. (*Longa pausa.*) Ele parece agora estar a escolher entre identidades, mas há uma à espera dele, e é um ego provável que ele não adotou em criança.

Ele foi lançado de novo num universo físico que não aceitava nem sequer como miragem válida. Desta vez será capaz de encontrar-se dentro dele. (*Longa pausa.*) No caso dele, deve aceitar-se como ser humano antes de poder esperar descobrir o eu interior. O ego não recebeu ajuda dele, e não conseguiu continuar sozinho. Houve uma cisão clara dos elementos da personalidade, e um abandono completo, por parte do eu interior, do ego.

Tratar as questões físicas permite que o eu interior se ocupe das outras preocupações. Pô-lo de lado é extremamente perigoso. O eu interior fica então numa posição precária, pois também tem de tentar lidar com a realidade física. Agora, pode formar novos elementos do ego para o ajudar, e é isso que está a acontecer agora.

(*Longa pausa.*) Estas são impressões. Um quarto num terceiro andar. As letras SCREW, ligadas a um nome ou nome de rua. Uma ligação com Washington, creio que D.C. Um lavatório sujo. O Bernard numa janela aqui.

Estou a tentar obter uma palavra. My-barrow (*interpretação fonética*), mas é uma só palavra. Creio que seja um nome ou designação de lugar. 1521, talvez um número de porta, não sei. Ele já esteve neste local ou visitou-o com frequência. Normalmente os estores estão corridos. Ainda tem drogas no sistema, e estas devem ser descontinuadas, todas, completamente.

Alguém que o vê, um homem, não lhe está a fazer bem neste momento. É importante perceber que a condição teria surgido de qualquer maneira. O ego normal teria sido muito mais útil, no entanto, durante mais tempo, se ele não tivesse tomado as drogas. Mas toda a personalidade

precisava de um reajuste, embora este tenha sido mais drástico do que o necessário.

Podem fazer uma pausa.

(O ritmo da Jane estava agora um pouco mais rápido, e os olhos abriam-se ocasionalmente. A voz estava mais forte e ela disse que estava bastante “longe”).

(Em resposta a uma pergunta, a Jane disse que não estava a projetar-se enquanto transmitia estes dados, mas “quase parecia que estava a tentar”. Eu disse que a Sarah gostaria sem dúvida de saber como o material obtido esta noite poderia ser usado para um resultado prático para o Gene.)

A mudança virá de uma implosão, em vez de uma explosão. Ele fará os ajustes necessários por si próprio.

Ele recuou para a ausência de forma que criou para si mesmo. Vai sair do outro lado. Haverá algumas distorções. *(Pausa.)* Dentro de três meses deverá haver uma melhoria notória. Agora, por melhoria quero dizer um sinal de que um núcleo central de personalidade está novamente ao comando.

Se esta personalidade terá ou não mérito aos olhos dos velhos amigos do Bernard é outra questão, mas um núcleo central de personalidade deve, e voltará a, assumir o controlo. Pode apresentar, no início, rigidez em excesso, como proteção natural, mas isto passará com o tempo.

Este homem não será um estranho, mas também não será o velho Bernard, e a Sarah só o pode ajudar deixando-o saber que está lá, e à espera. Isto é mais importante do que pode parecer, pois o novo ego precisará de guias para se movimentar de novo dentro da realidade física.

O eu total contém o ego, e ele ignorou isto. Qualquer investigação sobre a natureza da existência, e qualquer aprendizagem verdadeira, deve acontecer em todos os níveis do eu. Ele cortou o ego para salvar a alma, e quase perdeu ambos no processo. O ego, na verdade, faz parte da alma. É uma das vozes da alma. *(Longa pausa.)*

É agora importante que ele reaprenda a natureza objetiva da vossa realidade, a simples sanidade de uma maçã enquanto maçã. Depois disto, então talvez possa começar a maravilhar-se com a realidade por trás do universo objetivo. Agora deve deixar que ele o alimente.

Desejo-lhe, de facto, boa sorte. Por agora, é suficiente que ele encontre conforto no universo físico familiar.

(A página original do manuscrito, número 3955, está em falta. É óbvio que o Seth deu material para o John Bradley. Depois:)

Vamos encerrar a sessão ou fazer uma pausa, como preferirem.
(“Vamos fazer uma pausa curta.”)

(Durante a pausa o John disse-nos que não tem tia. Isto deixou a Jane intrigada, pois ela disse que tinha uma impressão muito forte de uma mulher nessa posição, ligada à família do John. A mãe do John morreu há poucas semanas em Filadélfia. Nunca conhecemos nenhum membro da família dele — esposa, filhos, outros parentes, etc.)

(Retomou-se às 23h15.)

Bem, vamos encerrar a nossa sessão em breve. A impressão que tenho é fortemente de uma mulher ligada à família. Possivelmente nos cinquenta anos. Uma ligação antiga com a família, e uma mensagem relacionada com planos ou mudança de planos.

Estou a receber a impressão através do Philip (*John*), por isso ele estará de algum modo ligado. O corpo da mulher é robusto em vez de esguio. Ela está fortemente ligada à família. Tomei-a por uma relação de sangue. Se não for, a relação psíquica é próxima.

Agora vamos, de facto, encerrar por esta noite... A ligação com o Wisconsin, da tua parte, já ocorreu, e tentaremos dar-te mais sobre isto na próxima sessão. Os meus mais calorosos cumprimentos a todos vós, e boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(A Jane disse que a impressão que tinha da mulher em questão era a de uma pessoa mais masculina do que o habitual para uma mulher, mas não disse isto durante a sessão. O John contou que, enquanto o Seth falava, o nome Laura Bittner lhe veio à mente. Ele viu esta mulher, que é robusta e tem cinquenta ou sessenta anos, no funeral da mãe dele, pela primeira vez em muitos anos, e lembrou-se que a L.B. tinha sido uma amiga muito chegada da mãe dele quando ele era criança.

O John disse-nos também que a mulher dele tem uma tia Catherine que se encaixa na descrição do Seth de uma mulher robusta na casa dos cinquenta. No entanto, não sabia de nenhuma mensagem.)

SESSÃO 363

12 DE SETEMBRO DE 1967

(Esta sessão foi realizada para três estudantes da Jane. Presentes estiveram a Venice McCullough, a Shirley Bickford e a Ruth Klebert.)

(Esperava-se que nesta sessão o Seth desse impressões sobre as férias dos Gallagher.)

(Nota acrescentada mais tarde: encontrei a Ruth Klebert na farmácia Gerould ontem, 31 de Outubro de 1986 — parecia bem — teve cancro e um ataque cardíaco — sabia que a Jane tinha morrido — perguntou pelo Seth. Vive agora em Miller Pond.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Os meus mais calorosos cumprimentos a todos os aqui presentes. Agora, vamos falar durante algum tempo sobre alguns assuntos gerais enquanto nos preparamos para o material dos Gallagher.

Agora, todos vocês nesta sala conhecem apenas uma pequena parte do vosso eu interior completo. Este vosso eu interior, no entanto, conhece-vos bem e guia as vossas ações, quer percebam intelectualmente a sua presença ou não.

Falaremos convosco individualmente, em sessões mais privadas, a seu tempo. Por agora, saúdo-vos simplesmente. Joseph, dá-nos um momento, por favor. *(“Sim.”)*

Estas são impressões relacionadas com os Gallagher. Arcádia. Um nome de lugar que significa vale baixo em inglês. Um nativo vestido com roupas que não lhe pertencem: ele está a atuar. As roupas são um traje de outra cultura.

Um A aqui. Um barco. Os Gallagher estão num barco. Passam por três ilhas e desembarcam na quarta. Há algo derramado no barco, e uma confusão. Veem uma fruta estranha, parece um coco mas não é. Tem polpa cor-de-rosa.

Um grupo de quatro pessoas no barco. As iniciais M B ou M D e uma criança de seis anos. Um primeiro encontro que não é agradável. Alguém grita. Possivelmente uma criança envolvida.

O jesuíta repara num cão de três patas. Ele afasta-se muito dos outros, o jesuíta.

Há um avião em baixo, ou um navio em dificuldades na sua localidade, e atividade resultante num porto na ponta extrema da ilha mais

afastada neste grupo específico de ilhas. (*Voz arrastada e lenta.*) Talvez aviões enviados do porto para procurar. As iniciais T B estão aqui ligadas a isto. O porto desta ilha parece ser a única cidade principal. (*Voz lenta, arrastada, longas pausas.*)

Enquanto tratamos disto, há atividade invulgar em redor do Cabo da Boa Esperança e isto está ligado ao que aconteceu. (*Sussurra as palavras primeiro:*) Há uma cidade, ilha ou baía, alguma zona nas imediações que soa como Balinda; mas não é isso. Baly-winda... Baly-wanda....

Agora, mais a título pessoal, o nosso amigo o jesuíta. Há um grande objeto de madeira de que ele gosta, como um totem, mas mais largo, parece, e não tão alto como um. Ele fala com vários nativos homens e um americano, do Minnesota, que trabalha num negócio ligado ao sal. (*Voz muito lenta e arrastada aqui, com muitas pausas.*)

Um compromisso entre as 16h00 e as 17h00 de hoje. E ruídos altos que são música. Duas bandeiras numa ilha, e um edifício da administração que é cor-de-laranja ou cor-de-rosa. Eles comem ou conversam com um homem (*voz muito ténue*) cujo nome tem a ver com “grip”, percebes, como mala ou valise. “Do” ou “valise”. Percebes? (*“Sim.”*)

Um ponto em torno do gasto de nove dólares em particular, uma nota de cinco e quatro notas de um, algo com um preço exorbitante. Uma visita, um povoado de cabanas cobertas de palha ou colmo, nove a doze destas. O nosso amigo vê um xamã. Um passeio específico por uma zona de selva. O nosso amigo o jesuíta está aqui, e cinco outros já seguiram este mesmo caminho antes, e ele sabe disso: é a razão de ele o seguir, percebes.

Ele e o amante de gatos escolhem um caminho em particular porque são demasiado cautelosos e astutos para seguir outro caminho recomendado. Agora, um local onde ficam: tem água de um lado e vegetação do outro, com grandes aberturas quadradas à frente, e não acredito que nestas aberturas quadradas haja vidro. Os degraus são de lado, três ou quatro. Encontram este lugar por si próprios. Alguém pendurou roupa num estendal ao lado do local. Podem ficar em pé e olhar para o oceano e ver duas ou três outras ilhas, uma que já visitaram. Planeiam ver mais três ilhas.

Podem fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferirem. (*“Vamos fazer uma pausa curta.”*)

(Pausa. A Jane não parecia ter consciência de que o seu modo estava muito distante, sonhador. Ela “viu” alguns dos arredores, mas não teve uma verdadeira projeção.)

Agora uma ligação algo estranha com Grumbacher, ou materiais de pintura, para os Gallagher.

Encontram um homem num local tipo cabana. Ele é magro, com uma camisa branca que não está totalmente abotoada. Não tem barba mas o rosto é áspero e escuro. Fuma e os dedos são longos e manchados de nicotina. As calças são de alguma forma estranhas, e usa sapatos brancos ou não sapatos, mas os pés parecem mais claros, percebe. Há uma luz atrás dele também e ele está de pé junto de uma porta entreaberta, e o nosso amigo o jesuíta fala com ele. Há uma estrutura idêntica muito perto, talvez anexada, percebe. Há degraus e homens sentados neles. O estranho vive na ilha e usa um anel. Pode também ter outras jóias.

O amante de gatos fica no chão, à espera, e esta estrutura também está virada para a água. Há um S ligado ao estranho, também um A, e os Gallagher vêm de uma estrada ou caminho algo montanhoso, de uma povoação lá, e têm andado, talvez de bicicleta ou veículos tipo carroça: ou uma carroça puxada por animais.

Há uma igreja que ardeu e o local é conhecido por uma revolta que ocorreu há anos.

Não temos certeza aqui, o nome faz lembrar Sacramento, embora, novamente, não seja exatamente este o nome. Um edifício estranho lá, construído em 1924. Na verdade, não pertence ali. Não há outros como ele e contém registos com uma ligação histórica, e os registos vêm de outro lugar, outro país.

Sinto fortemente o número 5. Algum acontecimento às 5 de hoje, no entanto, que ficará na memória deles quando regressarem.

Agora, a relva está a crescer ali mas está a ficar castanha. Há uma erva alta e castanha nesta zona específica e a base das árvores está preta, e há bagas grandes. Esta é uma área particular, uma área degradada, que foi de alguma forma devastada e, talvez, outrora queimada, percebe. Está rodeada de árvores e as ligações históricas e psíquicas aqui não são boas, estando ligadas a sacrifícios. Monchuco (*interpretação do Rob*), os Monchuco.

(A minha interpretação é que se possam ter querido dizer duas palavras; mais algo como Mon-chu-chu? Mon-choo-choo?)

Os Monchuco estiveram aqui e adoravam uma divindade meio touro, meio mulher, e o touro era preto, e sacrifícios eram lançados ao mar. Há este local onde outrora se erguia um templo de colmo e, num passado mais distante, uma ligação, por estranho que pareça, com um ramo da civilização Inca. Isto é na terceira ilha e esta ilha em si será envolvida num desastre dentro de pouco tempo. Ficará, para todos os efeitos, destruída.

Um antigo governador de outro país também se hospedou nesta ilha e foi destituído do cargo antes do previsto ou politicamente arruinado, regressando ao seu país natal em desgraça.

Agora estamos a regressar aqui e vamos encerrar a sessão desta noite. Os meus mais calorosos votos para todos.

(Esta foi uma sessão estranha. A Jane não souou como o Seth durante boa parte do tempo e apercebeu-se disso até certo ponto. Sentiu como se estivesse a projetar-se através do tempo, em vez de através do espaço; uma referência aos pontos de momento do Seth. Talvez a Jane estivesse a falar mais por si própria, com orientação do Seth. Começou com a voz do Seth, depois usou gradualmente uma que ficava entre a sua voz normal e a do Seth.

(A Venice notou que o tempo verbal mudou de “nós” para “eu” durante algum tempo também.)

SEGUNDA PARTE DA SESSÃO 363

12 DE SETEMBRO DE 1967

(Esta parte foi dactilografada pela Jane Butts a partir das notas tiradas no momento pelo Robert Butts. Após o fim da sessão com o Seth, tive de repente a impressão de um nome, Martha. Hesitei, depois perguntei se o nome dizia algo a alguém na sala; tinha a certeza de que sim. A Venice disse que a cunhada dela se chama Martha. Então perguntei se Grandview tinha alguma coisa a ver com a Martha. A Venice disse que a Martha tinha vivido em Grand Island, em Buffalo. Com a confirmação de que isto estava certo, entrei em transe para ver que impressões conseguia captar para os estudantes. Quando terminei, os resultados foram discutidos pelos estudantes; disseram-me quais as impressões que acertaram, etc. Aparentemente cerca de 90% das impressões estavam certas. As impressões seguem com uma nota sobre a sua precisão.)

Tenho uma ligação com a Martha e água, talvez porque me dissesse que ela vivia em Grand Island, ou talvez isto seja indicação de um nome de rua como Lake Avenue, Water Street, etc.

(?)

Uma casa com pinheiros, cozinha nos fundos.

(Sim a ambos; casa da Martha.)

Duas crianças.

(Sim, da Martha.)

Uma rapariga com cabelo castanho e encaracolado.

(Sim.)

Nome como Anna ou Annette ou Anita *(o nome é Alice)*.

Rapaz ou rapariga por volta do 6º ano.

(Não.)

O homem, negócio, garrafas ou recipientes, embalagens.

(?)

Uma ligação anterior mais a oeste de Buffalo, vários estados mais a oeste do Estado de Nova Iorque.

(Sim. A deixar espaço para preencher esta informação aqui.)

O nome Francis, homem ou mulher.

(Sim. A Venice tem uma prima chamada Francis.)

Eventos agendados incluíam serviço militar.

(Sim. O marido da Martha esteve ao serviço.)

Força Aérea antes de ser Força Aérea.

(Não.)

Formação em História ou grande interesse pelo passado, um passatempo ligado ao passado.

(?)

Originalmente cinco na família.

(Não.)

Uma mulher em segundo plano com ligação a Winchester...

Rochester? Rochester ou Winchester... Bastante idosa. Pode ter sido uma avó, possivelmente já falecida.

(Muito interessante. Isto não se aplica à Venice, mas sim à Ruth. A esposa do patrão atual da Ruth tem cabelo branco mas é jovem. Viveu tanto em Rochester como em Winchester.)

A impressão de 4 estrelas, serviço? Não tenho certeza.

Uma coleção de parafernália num só local ligada a negócios ou armas.
Talvez hobby, na cave, forte ligação com isto.

(Sim. O marido da Martha, irmão da Venice, perdeu a vida como resultado de ferimentos de guerra. A Martha guarda todas as posses dele juntas, incluindo armas e espingardas.)

Um arrendamento e quatro anos ligados a isto, e uma nova localização.

(?)

Estou agora a saltar para um tio da Shirley, com bigode e numa fotografia antiga. Isto significa que é agora um homem velho ou já morreu.

O estilo de roupa dele é antigo. Primeiro bigode preto, depois torna-se branco. Usa uma farda de algum tipo ou roupa vistosa, um chapéu estranho.

(Sim. Tudo isto descreve uma fotografia do avô da Shirley, não tio; uma foto que ela não tinha visto até cerca de quatro dias antes desta sessão.)

Uma ligação europeia... Nome, Alfred... Apelido começado por S e com vários F's. Não está certo. Sinorfis ou algo assim.

(Sim. A deixar espaço para a informação correta. Schachter — é o nome.)

Talvez do lado materno, um parente ou tio-avô, nome Grayfus?

(?)

E outro homem, mais novo, pele clara, calças claras, parte de uma farda? Usada no trabalho? Com riscas? Na altura parece ter 34 anos mas agora é mais velho. Dois filhos e um é rapaz. Casamento anterior. Marido da Shirley no passado.

(A Shirley disse que isto descrevia o marido dela, que voltou a casar. Ele usava calças azul-claro no casamento deles. A deixar espaço para mais informação.)

Agora. Cabelo louro. Ligação com alguém — Edward. E um A, com uma família numerosa e uma fotografia particular da família, antiga, três raparigas com grandes laços no cabelo, dois rapazes, vários anos mais velhos, foto tirada nos degraus de uma varanda no início dos anos 1900.

Talvez numa cidade B ou o nome comece com B. E uma irmã, mulher de carreira antes de isto ser prática comum.

(? A Shirley disse que sim a parte disto. A deixar espaço aqui.)

Agora, Ruth: uma doença bastante precoce, de anos, acredito.

(Sim. A Ruth teve tuberculose e esteve muito doente.)

Vejo a Anna novamente, mencionada antes em ligação com a Venice.
Pertence à Ruth, afinal? Uma irmã.

(?)

Parece que um médico foi um amigo chegado ou teve um forte impacto na tua vida.

(Sim. O médico que a tratou era um velho amigo da família, conhecia tanto o pai como o filho, ambos médicos.)

Dois irmãos.

(?)

Uma mãe que... morreu subitamente aos 35, ou algo aconteceu de forma drástica que a mudou... não, morreu aos 35, ou teve uma tragédia psicológica. Parece ser a mãe da Ruth.

(Sim. A mãe da Ruth morreu aos 35, pouco depois de dar à luz a Ruth.)

Também uma casa no campo que parece pertencer à tua família ou à do teu marido.

(Sim. A Ruth nasceu numa casa assim.)

Com cadeiras de verga na varanda e no quintal.

(?)

Uma mulher muito idosa viveu lá, uma parente, como uma bisavó ou tia-avó talvez.

(A avó da Ruth viveu lá e criou a Ruth.)

(Fim da sessão 22h09.)

(Acrescentar dado sobre a Ruth K. ter estado “quase a desmaiar” enquanto observava a Jane.)

SESSÃO 364

13 DE SETEMBRO DE 1967

(Recentemente, a Jane recebeu um telefonema do John Pitre, da Chatsworth Road, em Franklin, Louisiana. O John pediu à Jane, que nunca conheceu, se o Seth poderia dar alguma informação que ajudasse a esposa dele, a Peggy, que sofre de esclerose múltipla. A Jane disse que teria muito gosto em tentar, embora não tivesse ideia do que o Seth diria.)

(Na segunda-feira, 11 de Setembro, a Jane realizou uma sessão para tentar ajudar um casal em Raleigh, Carolina do Norte. Esta já foi enviada por correio e aguardamos notícias sobre qualquer ajuda que possa ter proporcionado.)

(A sessão de hoje decorreu muito tranquila. A Jane começou a falar pelo Seth, em transe, com uma voz calma, interrompida por muitas longas pausas, e com os olhos fechados. Notas verbatim tiradas e dactilografadas pelo marido dela, o Rob.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Num momento posterior, faremos alguns comentários sobre a sessão da noite passada.

(Isto é uma referência à sessão realizada ontem à noite para três testemunhas. Foi uma sessão muito bem-sucedida. Continha também muitos dados sobre as atividades de um casal nas Caraíbas, e isso será verificado quando regressarem dentro de duas semanas.)

Agora, no entanto, dêem-nos alguns momentos para nos dirigirmos à questão em mãos. *(Pausa.)*

O caso ainda não é sem esperança, embora esteja a deteriorar-se.

(Pausa. Nota: nem todas as pausas estão registadas.) A vontade interior de viver deve ser reavivada. É essa vontade interior de viver que falta agora. No cerne da condição, há uma série de choques psicológicos que ocorreram.

Agora dêem-nos algum tempo aqui. *(Pausa.)*

Alguma dificuldade reside na relação psicológica interior entre o marido e a esposa — uma questão interior que ela não enfrenta, e reage a essa questão em termos físicos. A questão em si baseia-se em parte na relação dela com a mãe e o pai. Ou seja, a questão é subconscientemente assustadora, devido a atitudes peculiares e individuais provocadas pela relação dela com os pais. *(Pausa.)*

Fisicamente, deve haver ar fresco e luz solar, tanto quanto possível. Óleo de amendoim para ser esfregado nos braços e coxas. Também nas pernas, duas vezes por dia. Um suplemento de ferro na dieta.

A atitude mental, a atitude mental profunda e verdadeira de todos os envolvidos, deve ser alterada, se possível, para uma mais esperançosa. A mulher está a captar e a reagir aos pensamentos negativos daqueles que acreditam que a recuperação é impossível.

Parece haver um parente masculino, creio que de segundo grau, talvez um tio, embora não tenha certeza — uma visita dele seria benéfica. (*Longa pausa.*) Como passo imediato, todos os esforços devem ser feitos para remover sugestões negativas, pois estas estão a acumular-se em torno dela.

Ela sente-se psicologicamente encurralada há algum tempo, o que provocou a armadilha física em que caiu. Deve ser-lhe assegurado que é amada, mas basicamente livre. Deve ser-lhe assegurado então que o amor não é uma prisão para a prender. Ela não se sente livre para ser a pessoa que sabe que é. Não confia na sua capacidade de se erguer e enfrentar o mundo.

Um hipnotizador excelente e cuidadosamente escolhido, bem versado nesta terapia, oferece-lhe agora a melhor hipótese de recuperação. É absolutamente essencial que as sugestões negativas sejam drenadas dela, e substituídas por sugestões positivas (*longa pausa*), e é necessário um grande esforço para isso.

Um homem como o Le Cron (*autor de Self-Hypnotism: The Technique and Its Use in Daily Living, copyright 1964, publicado pela Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, Nova Jérсия*) recomendará um hipnotizador fiável. As outras sugestões que fiz, a adição de ferro e o uso do óleo de amendoim, devem começar imediatamente. A cama voltada para sul. Uma mudança na atitude do marido afetará a atitude da mulher doente.

O marido, agora, deve seguir este exercício três vezes por dia: deve imaginar a energia e vitalidade do universo a preencher o corpo da esposa com vitalidade e saúde. Não como um desejo vago, mas como um esforço definido para entender que o corpo dela é, de facto, composto desta energia, e assim pode ajudá-la a usá-la em seu benefício.

Se possível, deve tocá-la durante este exercício, que deve ser feito de manhã, ao meio-dia e à noite. Um dos choques mencionados teve a ver com uma morte; outro com um incidente pouco antes do casamento dela; o próprio casamento foi um choque, e o terceiro.

Basicamente, ela não estava preparada para casar. Além disso, o casamento teve uma conotação simbólica, assustadora, profundamente oculta. Ela sentiu que o casamento era uma armadilha — novamente a armadilha, percebes — e que era uma liberdade condicionada. Na altura, esta contribuição subconsciente não tinha nada a ver com o marido.

Ela tem estado literalmente a definhar, e está à mercê das sugestões que recebe. É por isso que insisto fortemente que seja feito todo o esforço para alcançar uma atmosfera interior mais positiva.

Podem fazer uma pausa e continuaremos. Acredito que em tempos ela trabalhou numa loja tipo “five and dime”, ou loja desse género. Uma rapariga que trabalhava com ela era uma amiga, e visitas dessa rapariga seriam benéficas.

(A Jane saiu do transe, descansou, depois retomou em transe como o Seth.)

A doença não pode ser revertida fisicamente.

Uma reversão física será o resultado de uma mudança espiritual. Todos os que rodeiam a mulher devem, absolutamente, abster-se de atitudes de desesperança e de sugestões negativas, seja implícitas ou expressas. Isto, por si só, trará algum alívio. Isto, por si só, permitir-lhe-á melhorar até certo ponto.

Uma mudança mental, portanto, das pessoas que estão no ambiente imediato dela é necessária.

(O ritmo da Jane estava agora mais rápido, e os olhos começaram a abrir e fechar enquanto permanecia em transe.)

Se possível, deve ser levada para o sol, e o óleo de amendoim será ainda mais benéfico se for usado nessa altura. Procurem sinais subtis de melhoria em vez de sinais adicionais de deterioração.

Agora, tudo isto pode parecer pouco prático, mas representa a vossa resposta mais prática. *(Tom enfático.)* Da vossa parte, não fabriquem garantias ocas, falsas, mas lembrem-se honestamente e com persistência de que a matéria física da imagem da vossa esposa é formada e preenchida com energia universal. Um bloqueio tem impedido que ela utilize esta energia de forma minimamente normal.

Podem ajudar a compensar isto através da vossa própria atitude, e das instruções que vos dei. Isto dar-lhe-á algum alívio, quando a doença deixará de progredir. Se estas instruções forem seguidas completamente, então alguma *(sublinhado)* melhoria deverá ocorrer muito em breve.

Isto dar-vos-á algum tempo, pois a atitude subconsciente dela própria deve ser alterada se se espera alguma melhoria real. (*Longa pausa.*) Ela deve perceber que há esperança. Acredito que têm uma pequena sala de estar ensolarada. O quarto tem conotações benéficas para ela. Deixem-na ser transferida para lá.

Há algumas influências de vidas passadas em ação. Algumas destas ajudarão a explicar as reações interiores dela. Agora, no entanto, não é tão importante saberem isto como é darem os passos que vos estou a indicar.

Há algo sobre uma corrente de metal que é dela, mas não consigo ver mais sobre isto agora. Se ela usar tal corrente, então que a retire. Parece haver algum efeito metálico a circundar o pescoço. Alguma dificuldade aqui, causada por uma reação alérgica. Nabos devem ser acrescentados à dieta.

As pessoas não pareceram ter confiança na mulher, ou ela não sente que alguém confie na capacidade dela de lidar com a realidade. Ela não se dá conta de que tem energia para triunfar sobre esta doença. A percepção de que consegue é fundamental.

A situação é de facto drástica. (*Pausa.*) O desejo dela de viver deve ser cativado. Qualquer pequeno prazer que ela tenha deve ser usado no sentido de a envolver com o prazer. Deve dar-se-lhe o máximo de prazer possível para contrariar a concentração na desesperança e no desastre. Não posso enfatizar nenhum destes pontos com força a mais.

Deves começar a esperar que ela tenha esperança, pois ela reage a todas as sugestões, tal como cada indivíduo reage. Embora não tenha consciência disso, ela está telepaticamente consciente de todas essas sugestões poderosamente negativas. Tens de tentar combater isto por ela até que possa voltar a fazê-lo por si própria. (*Longa pausa.*)

Se estas instruções relativas a uma mudança benéfica no ambiente mental não forem seguidas, então, de facto, nenhum outro conselho ou medicamento será de ajuda. (*Pausa.*) Vou direccionar energia de cura para ela, tanto quanto me for possível. Ela está a ser sufocada, percebes, pela desesperança que a rodeia, assim como pela própria desesperança dela. Aliviar qualquer dos pensamentos e sugestões negativas do ambiente trar-lhe-á algum alívio imediato.

O simples exercício que te dei trará imediatamente mais aspetos positivos ao quadro, depois alívio das sugestões secundárias nocivas e dos

climas emocionais prejudiciais. Podemos começar um programa destinado a alterar as expectativas internas dela própria.

É aqui que um hipnotizador fiável seria de grande benefício, ao desvendar muitos erros subscientes ocultos. Há alguma possibilidade de eu poder ajudar aqui, mas o contato próximo de uma pessoa assim de confiança seria emocionalmente mais satisfatório para a doente.

Reforço novamente que todas estas instruções contêm ajudas mais poderosas do que possam perceber, e recomendo que as sigam tão de perto quanto possível. Há esperança. Devem ambos ter força e coragem para a agarrar.

Este é o fim da nossa sessão por esta noite. As minhas melhores saudações para ambos. Mais uma vez, direcionarei a energia de cura que puder na direção da paciente. E agora, boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(A Jane saiu do transe às 22h24.)

(A Jane disse que, enquanto o Seth falava, sentiu que o Seth estava convencido de que a Peggy seria realmente ajudada se as instruções fossem seguidas. O Seth estava especialmente preocupado que as ideias de sugestão positiva fossem seguidas. A sugestão positiva é uma arma poderosa, como a Jane e eu aprendemos pessoalmente, por tentativa e erro. Agora usamo-la como apoio diário nas nossas vidas, mas nunca de forma mecânica. Não acreditamos que os seus resultados possam ser sobrestimados, e agora perguntamo-nos como vivíamos antes de conhecermos os seus benefícios. RFB.)

SESSÃO 365

18 DE SETEMBRO DE 1967

(Mesmo antes da sessão de hoje à noite, a Jane e eu estávamos a conversar sobre os excelentes resultados dela na segunda parte da 363ª sessão. A Jane conseguiu isto quase por si própria, e perguntava-se se a personalidade do Seth iria desaparecer gradualmente à medida que “as suas próprias” capacidades aumentassem.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Bem (sorriso), o meu amigo o Ruburt não precisa de se preocupar. Eu não o abandonarei. A nossa relação será constante e duradoura. As capacidades dele estão a ser mais desenvolvidas, no entanto, e outras facetas também se darão a conhecer. Normalmente estarei por trás dele nestes empreendimentos, e ele aprenderá com a minha orientação.

Continuarei a falar convosco desta forma também, no entanto.

(Nas últimas semanas, as capacidades da Jane parecem ter-se desenvolvido a um ritmo acelerado.)

Agora. O desenvolvimento das capacidades dele está agora a mostrar-se em termos definidos porque a melhoria da saúde está a libertar muita energia que estava presa no seu dilema.

As capacidades estavam a desenvolver-se mas ele não tinha energia suficiente para usar a sua crescente proficiência. Eu comecei de facto como de costume na sessão dos Gallagher, depois recuei mais para o fundo, para que ele se pudesse familiarizar com a imediatez envolvida em captar tais dados.

(Ver a 363ª sessão.)

A transição foi relativamente suave, dadas as circunstâncias de uma primeira tentativa. Esta experiência deu-lhe confiança para continuar mais tarde com os seus estudantes, percebe.

Disse-lhe que, no final do verão, deveria ter 7 estudantes, e assim tem.

(Ver a 348ª sessão para esta previsão, dada a 21 de Junho, quando a Jane estava a fazer preparativos para as suas aulas de ESP.)

A turma crescerá. Terei mais a dizer em breve sobre a turma e o futuro desse trabalho. Também reservarei tempo para reconciliar dois pontos com os quais ele está a ter dificuldade, e para responder a quaisquer perguntas que um de vós possa ter desde que realizámos a última sessão calma.

Agora, dá-nos um momento, por favor.

Isto são impressões relacionadas com o jesuíta e o amante de gatos.
(*Bill e Peggy Gallagher, em férias nas Caraíbas.*)

Uma viagem específica de cinco milhas. Terás de resolver a ortografia disto: Minn-a-sap-a (*interpretação fonética minha*). É o mais próximo que consigo. Minn-e-sope-a... (*pausa*). Um gee (*soletrado*) traço gee; um gee-gee ou gru traço gru. (*Pausa.*)

Uma banana com outro significado, usada como símbolo.

M-I-traço-Shopin (*shopin, interpretação minha*). Os traços indicam ou duas palavras usadas juntas, ou uma palavra separada por um silêncio no meio.

Uma tocha fina. Creio que é uma citação do jesuíta. Ele assume uma atitude que não sente, por causa de uma situação específica. Finge algo. Esta atitude é em relação a outras pessoas. É um momento de falsidade para ele.

Nove pessoas num barco desta vez. Um templo em estacas. Um missionário aqui com um relógio, e cinco pessoas numa plataforma. Isto tem a ver com uma colónia específica. Agora, A-my-a (*interpretação minha*), uma ilha de alguma forma igual em três lados e diferente num outro lado. A paisagem, acredito; ou a constituição do terreno. 1631 e um desembarque vindo de Portugal, e também um homem chamado Scott.

Uma pequena batalha e uma tempestade. Cinco acessos a um local aqui, um ponto central (*pausa*) de interesse. Algum papel betumado, usado para cabanas ou construções, preto, acredito. (*Pausa.*) Uma designação de cinco estrelas aqui.

O jesuíta, a escavar algo, encontra outra coisa.

Podem fazer uma pausa e continuaremos.

(21h35. *O ritmo da Jane tinha sido normal, os olhos abriam-se frequentemente; e houve algumas pausas bastante longas durante o material dos Gallagher.*)

(21h40, *mais lento.*)

Agora, esta não será uma sessão longa.

Há vários assuntos que discutirei convosco num futuro próximo, no entanto. Retomaremos quase imediatamente o nosso material básico. Os assuntos para vós estão a resolver-se como eu disse que se resolveriam, com algumas mudanças causadas pelas probabilidades.

Falarei sobre algum material relativo ao Frederick Fell. Lembram-se de que vos disse que os assuntos com ele correriam bem. (*Um leve sorriso.*)

O Seth deu-nos esta previsão talvez há dois anos.) Expectativas infelizes e várias projeções atuaram aqui, no entanto, mas o pano de fundo intuitivo foi suficiente para as anular num instante do vosso primeiro encontro. Isto não foi coincidência. (Ver a 360ª sessão de 16 de Agosto de 1967, realizada no escritório do F. Fell na cidade de Nova Iorque.)

(Como o Seth diz, uma simpatia notável e instantânea surgiu entre o F. Fell, a Jane e eu quando nos encontrámos no escritório dele pela primeira vez. A Jane e eu ficámos certamente surpreendidos, e suspeitamos que o Fred também. Algumas semanas depois do nosso regresso de Nova Iorque, o Fred escreveu uma carta entusiástica à Jane.)

A menos que ocorram mudanças drásticas e imprevistas, o Ruburt recuperará uma saúde excelente e exuberante, agora, sem dúvida. As energias e capacidades dele emergirão altamente fortalecidas, reforçadas e desenvolvidas. Isto teria ocorrido de qualquer forma. Infelizmente, por muitas razões, ele escolheu um caminho difícil, em vez de um mais fácil.

Ensinou-se a si próprio da forma mais dura, por outras palavras, por falta de fé e de expectativa.

Haverá outro desenvolvimento, ou uma nova palavra, sobre um desenvolvimento recente relativo ao livro dele, possivelmente na próxima semana. Ou, se não for então, por volta da terceira semana. *(Pausa.)*

Deixaste de te preocupar com o teu carro e de te focares nele e na sua idade e condição. *(Pausa.)* O problema foi causado mentalmente, e a condição foi corrigida mentalmente quando libertaste o mecanismo de uma atenção negativa.

(Aqui o Seth refere-se a uma recuperação notável, da noite para o dia, na forma como o nosso Ford funciona. “Notável” não é palavra demasiado forte para a melhoria do carro, literalmente de um dia para o outro, no funcionamento de há dois fins-de-semana. Todo o verão ele arrastou-se; não podia ser conduzido a mais de 55–60 km/h sem uma forte vibração por todo o carro, e quaisquer tentativas de maior velocidade pareciam francamente perigosas. A oficina que o assiste dizia que era inseguro para ser usado fora dos limites da cidade, por receio de avaria, etc.

No domingo passado, numa viagem para visitar os meus pais, o carro andou a 95 km/h durante uma breve experiência; fê-lo de forma suave e sem esforço, e tinha potência de sobra. Enquanto no verão exigia esforço para manter sequer 55 km/h, agora tenho de ter cuidado para não

carregar demasiado no acelerador, pois o carro agora dispara para a frente quase sem aviso.)

Um pequeno parafuso e uma anilha (*pausa*), com corrosão acumulada. Esta era a dificuldade. A corrosão foi eliminada. Ainda não tinha corroído totalmente as peças. Foi lavada por um fluxo mais rápido de líquido. A dificuldade tinha causado outras dificuldades.

(Queria mais dados sobre o problema e a solução do carro, mas não tinha certeza se seria boa ideia fazer à Jane perguntas mais específicas naquela altura. Sabia que ela provavelmente também preferia uma sessão mais curta hoje. Depois da sessão pedi à Jane para ter em mente que o carro poderia ser discutido novamente.)

As próprias aulas do Ruburt irão, acredito, aumentar para 12 alunos até às férias de inverno. (*Longa pausa.*)

A atenção deve ser direcionada aqui, acredito eu, por agora, em vez de para aulas fora. As aulas mais íntimas em casa também ajudarão a desenvolver as capacidades dele.

(Hoje a Jane soube que poderia ser possível dar aulas de ESP no programa de educação de adultos, à noite, realizado nas escolas locais.)

Disse-lhe para ter paciência aqui. Ele terá sucesso, e será bem-sucedido. Não da noite para o dia, mas num período relativamente curto. Nem vale a pena dizer que deve concentrar a sua energia nessa direção para alcançar o melhor sucesso possível. Ele está a sair-se muito bem. Acredito que terá mais dois alunos entre agora e o dia 10 de Outubro. Serão alunos regulares. Ele está a atrair para si estudantes que irão resultar bem.

Tens alguma pergunta, Joseph?

(“Podem esperar, já que esta vai ser uma sessão curta.”)

Então fecharemos a nossa sessão, mas começarei a tratar dos assuntos discutidos esta noite na nossa próxima sessão. Tens estado a sair-te muito bem. (*Pausa.*)

(“De que forma?”)

De várias formas. A relação entre ti e o Ruburt está agora a começar (*sublinhado*) a aproximar-se de um estado altamente benéfico, que trará ao de cima o melhor das vossas personalidades, e desenvolverá ao máximo as vossas capacidades artísticas e psíquicas.

Isto será um processo contínuo. As tuas próprias atitudes são mais

construtivas do que alguma vez foram, e tens dado passos importantes no teu trabalho. A natureza deles tu só começaste a perceber.

Agora fecharemos a nossa sessão. Os meus mais calorosos cumprimentos para ambos. Estou frequentemente por aqui.

(“Boa noite, Seth.”)

(22h05. A entrega da Jane como de costume. Ela disse que não percebe nada de automóveis. Não conduz. Passei algum tempo a explicar-lhe como funciona um carro, na esperança de que este conhecimento mais específico a ajude a transmitir os dados do Seth sobre o Ford numa sessão futura.)

Caros Jane e Rob,

Queria escrever-vos umas linhas para dizer que recebi a sessão. Não vos consigo dizer o quão grato estou. Comecei imediatamente a fazer o que o Seth sugeriu. Deixem-me dizer que as coisas já parecem melhores — só espero ter a fé necessária. Gostava de vos contar porque me sinto otimista, mas é demasiado cedo. Dentro de uma semana ou dez dias mando-vos um relatório. Obrigado mais uma vez, e em breve terão notícias minhas.

John M. Pitre

(Cópia da carta manuscrita recebida do John P., Franklin, Louisiana, a 23 de Setembro de 1967. (Ver a 364ª sessão de 13 de Setembro de 1967.)

SESSÃO 366

25 DE SETEMBRO DE 1967

(O John Bradley, de Williamsport, Pensilvânia, foi testemunha desta sessão, que foi bastante curta. A Jane começou a falar pelo Seth, em transe, após termos discutido a sessão 364 com o John Bradley, que é representante de vendas médicas da empresa Searle Drug.)

(A sessão 364 foi realizada a 13 de Setembro de 1967 para o John Pitre, de Franklin, Luisiana, e para a sua esposa, a Peggy, que sofre de esclerose múltipla. Ver acima [nesta página] uma cópia da carta do John Pitre, datada de 21 de Setembro de 1967. Não pedimos que o Seth discutisse especificamente o seguinte material, mas considerámos essa possibilidade à luz da conversa que precedeu a sessão desta noite.)

(Os olhos da Jane estavam fechados, o ritmo era relativamente rápido.)

Boa noite.

([O John Bradley e eu:] "Boa noite, Seth.")

Pois bem. Visitámos, em duas noites, a casa em questão, e fizemos pessoalmente o nosso melhor para direccionar a energia curativa do universo para essa mulher.

Há, de facto, alguma melhoria. Muito mais deverá seguir-se. Tencionamos realizar outra visita esta noite, enquanto o Ruburt (a Jane) dorme.

(Jane é o nome de entidade que o Seth atribui à Jane.)

O simples facto de o homem ter sido levado a um ponto limite fê-lo desesperar ao ponto de conseguir concentrar grandes quantidades de energia em favor dela. Procuraremos recolher mais informações sobre isto numa sessão futura.

Existe um extrato de alfafa que será benéfico dentro de aproximadamente três semanas, caso o progresso continue. As pontas da planta podem ser fervidas e consumidas em infusão, se o extrato propriamente dito não estiver disponível. Contudo, ainda não. Este passo não deve ser dado por agora.

(Nem a Jane, nem eu, nem o John Bradley — que é bem informado em questões médicas — tínhamos conhecimento de tal extrato. Nenhum de nós se recordava conscientemente de o ter lido ou ouvido em algum lado.)

Parece existir uma ligação algo obscura com uma mulher, talvez uma tia, que não parece benéfica. No entanto, não estou certo quanto à relação

de parentesco. Trata-se de uma mulher com cerca de 35 anos, de cabelo castanho.

Todos os esforços já empreendidos devem ser continuados sem interrupção. Deve também ser feito um esforço para envolver a jovem mulher em qualquer atividade possível, a fim de desviar a sua atenção da sua condição. Mais uma vez, devem ser-lhe dadas garantias frequentes de amor, mas também a garantia de liberdade.

Verificaremos o estado dela esta noite.

As minhas mais calorosas saudações, como sempre, ao nosso amigo Philip.

(Philip é o nome de entidade que o Seth atribui ao John Bradley.)

Algumas notas agora para a Jane. Como te disse, as aulas correrão bem.

(As aulas de parapsicologia da Jane.)

A noite de quinta-feira é uma boa escolha. Em qualquer dos casos, as aulas encontram-se num período de transição. Ela *(referindo-se à Jane)* aprenderá muito com elas, e ajudará os outros.

Se não tiveres perguntas, retirar-me-ei agora.

([O John B.:] "As coisas estão a acontecer como disseste na Searle? Vês alguma mudança nas tuas previsões?")

Não prevejo que ocorram mudanças drásticas diferentes da informação que vos transmiti. No entanto, dai-nos um momento para verificar mais aprofundadamente. *(Pausa.)*

Ora bem, há a impressão de uma nova conta. Não estou certo do que se trata exatamente, mas registem-na. Haverá também um aumento no prestígio da empresa, e este desenvolvimento dependerá, acrediteis ou não, de um homem que atualmente é considerado relativamente inócuo e sem importância. Estará relacionado com um novo desenvolvimento científico.

Verificar-se-á uma subida nas ações — uma boa subida durante um período de três anos —, depois uma estabilização e, por fim, uma queda.

Um novo produto, que tem sido difícil de obter, está a ser retido por leis. Creio que uma morte já mencionada resultará numa mudança de política, e essa mudança ajudará a apressar o surgimento do novo produto. Caso contrário, teria demorado mais tempo, como vedes.

Tenho também a impressão de um concorrente. Agora, aqui não estou certo. Pode tratar-se de um concorrente forte fora da vossa empresa, ou de um forte concorrente físico dentro da mesma. Parece haver aqui uma letra

D — ocorre-me o nome David — e a Estrela de Israel, o que pode significar que o concorrente seja judeu.

(Sorriso.) E, meu caro amigo, o meu tempo não é o vosso tempo, e existem muitas probabilidades e, portanto, frequentemente uma variação temporal.

(Aqui, o Seth referia-se a uma conversa anterior à sessão, relativa ao elemento temporal e às suas previsões para o John Bradley, a Searle, etc., em várias sessões anteriores.)

Desejo-vos agora uma noite muito afetuosa e calorosa.

([O John B. e eu:] "Boa noite, Seth.")

(O John disse que o Seth tinha razão quanto à impressão de uma nova conta. Estava para ser inaugurada brevemente uma clínica de Planeamento Familiar em Elmira; nem a Jane nem eu sabíamos disto. A Searle produz contraceptivos, e como representante da Searle, o John disse que essa clínica devia tornar-se sua cliente "se tiver feito bem o meu trabalho." A Jane e eu desconhecíamos a sua ligação a esse assunto.)

(O John não pôde fornecer dados sobre novos produtos da Searle. Não tinha conhecimento de concorrentes. Mencionou um Dave Gleason [não judeu] na sua empresa. O Gleason é, segundo o John, um excelente vendedor, mas ele não via forma de poderem ser concorrentes. Se isso acontecesse, seria algo remoto e inesperado.)

(Depois de o John B. ter partido, a Jane disse sentir que muitas das previsões do Seth sobre o John e a Searle se concretizariam em breve, e todas de uma só vez. Uma intuição do Seth?)

As sessões 367-368-369-370-371-372-373-375-377-378-379-380-384-385-387 que contêm material pessoal foram apagadas

SESSÃO 374

23 DE OUTUBRO DE 1967

(Mais uma vez, o John Bradley foi testemunha da sessão. É vendedor de material médico em Williamsport, Pensilvânia.)

(O John Bradley também testemunhou a 366.^a sessão, que tratou em parte da esposa de John Pitre e da esclerose múltipla, etc. Tenho de corrigir um erro na página 134 dessa sessão: o John Bradley foi citado incorretamente; ele conhece o extrato de alfafa e lembra-se de a sua mãe o ter usado há muitos anos. Ao ler as duas cartas recentes de o John Pitre, o John Bradley disse que é perfeitamente possível fazer chá de alfafa a partir de cápsulas de alfafa ou da planta em si. O produto deve estar disponível em lojas de produtos naturais.)

(A Jane começou a falar para o Seth em transe, com uma voz relativamente forte, de ritmo rápido e com os olhos a abrir-se frequentemente.)

Boa noite.

([John e Rob:] "Boa noite, Seth.")

E as boas-vindas, como sempre, ao nosso amigo — ao nosso arrogante amigo.

Estou encantado com a sua visita.

Dá-nos um momento. *(Pausa.)*

Ora bem. Em primeiro lugar: o acontecimento da outra noite com os Gallaghers foi legítimo.

Houve contato com o pai do jesuíta.

(Referência à sessão de mesa giratória de sábado, 21 de Outubro de 1967.)

Disse-vos que as capacidades da Jane estavam a desenvolver-se em diversos sentidos novos — e isto é o início de um deles. A tua confiança nela é importante aqui, pois ela ainda guarda superstições irlandesas sobre o contato com os mortos. As experiências com a mesa são extremamente úteis. Ajudei-a, de facto, em duas ocasiões com a mesa verde.

(A Jane apontou para a grande mesa verde junto às janelas da sala de estar.)

Ele não precisa da minha ajuda com a mesa pequena, e o momento e as circunstâncias não eram adequados na outra ocasião em que pediu a minha ajuda. Toda a experiência com a mesa é importante — mas como trampolim. Não deve ter medo relativamente às suas aulas — a

participação será mantida. Se alguns alunos saírem, serão substituídos, pois as suas energias estão a ser corretamente — e, podem dizer-lhe, muito eficazmente — utilizadas nas aulas. Ela aprende com os alunos. É sensível às suas necessidades e, por isso, exige mais de si própria do que exigiria de outro modo. Assim, as suas capacidades crescem.

(Sorriso, voz divertida.)

Ajudá-la-ei quando me pedir nas aulas — desde que não peça ajuda demasiadas vezes.

Agora, dá-me um momento — para a mulher doente. *(Peg Pitre.)* O ambiente psíquico ainda precisa de ser melhorado. O marido fez bons esforços, mas precisam de ser reforçados. Deve haver especial cuidado de manhã e à noite, para que não haja atmosfera de sugestão negativa...

(Pausa.) Continuem com o óleo de amendoim e as outras recomendações.

Deve acrescentar-se definitivamente a alfafa agora. Ainda não devem contar-lhe sobre as nossas sessões... *(Pausa.)* Não estou completamente claro — há algo relacionado com pão. Dá-me um momento... *(Pausa.)*

Deve-se acrescentar pão de passas e pão de centeio à dieta. Mel e nozes. Sem nozes-pecã. *(Longa pausa.)*

Ela deve ser tranquilizada. As sugestões devem ser permissivas, e não exigidas:

"Tu podes melhorar, eu sei que podes" — em vez de: "Tu vais melhorar, tu tens de melhorar." Estas últimas observações aplicam-se ao marido, mais do que a um hipnotizador. A exigência de atenção é um sinal saudável. Pode ocorrer um surto de confusão mental a acompanhar qualquer melhoria física ou libertação de sintomas.

A doença foi aceite pela personalidade em substituição de problemas profundamente enraizados, que a personalidade não queria enfrentar. À medida que os sintomas diminuem, esses problemas serão sentidos pela personalidade. Uma libertação constante, progressiva, mas ritmada dos sintomas permitirá um regresso mais ordenado à saúde mental e física.

Caso contrário, a personalidade seria submersa pelos problemas que tentou tão desesperadamente evitar. *(Pausa.)*

Esta libertação gradual permite que a personalidade enfrente esses problemas lentamente, sem se assustar excessivamente. Contudo, mesmo assim, a personalidade irá ressentir-se visivelmente da cura do corpo e demonstrará esse ressentimento. Esse é, pois, o resultado da melhoria. O

trabalho com um hipnotizador deverá ajudar a resolver tais dificuldades.
(*Pausa.*)

Parece ainda haver alguma reação química a metais (*a Jane fez uma pausa, olhos fechados, depois abanou a cabeça, confusa*) — uma ligação ácida, creio. Esclarecê-la-ei assim que puder. As atividades do marido fora de casa levam-no a um nervosismo que pode ser confundido com euforia.

Existe uma falta de equilíbrio entre diversos impulsos. Acredito que esteja iminente, ou que tenha ocorrido recentemente, um incentivo para uma promoção ou mudança — ligada a uma mudança de residência. Dá-nos um momento e descansa a mão.

(*Às 21h38, a Jane fez uma pausa breve, ainda em transe, olhos fechados.*)

A jovem mulher de quem o nosso amigo (*John Bradley*) falou.
Impressões: um "A".

(*Pausa.*)

Viveu numa cidade junto a um rio. Ligação com dois homens, um mais velho, talvez com 34 anos — um irmão ou amigo próximo.

S E V — embora estas possam ser iniciais, acredito que sejam as primeiras letras de uma palavra. (*Longa pausa.*) Um nome ou origem irlandesa. Ligação com uma Barbara. Uma mudança radical na escolha de carreira.

Um parente muito idoso ainda vivo. Um A V. Também uma ligação com uma criança pequena, do sexo feminino, talvez com seis anos de idade. Não sei — talvez uma sobrinha ou irmã.

Nome artístico. (*A Jane abanou a cabeça.*)

Não sei o significado desta impressão, a menos que ela use um nome e tenha outro. Cabelos castanhos. Usa óculos, por vezes. A mão esquerda. Seria melhor fazerem agora uma pausa.

(*A Jane disse que estava novamente muito dissociada. Saiu lentamente do transe, referindo não ter noção do tempo nem memória do que dissera.*)

(*Os dados acima referem-se a uma jovem com quem o John Bradley falou recentemente em Hazelton, Pensilvânia. O John só a encontrou uma vez, além de uma ocasião em que tomaram café juntos. Ela é enfermeira no hospital de Hazelton.*)

(*Não a conhecendo bem, o John pouco pôde confirmar imediatamente. Levou uma cópia destas notas para confirmar na próxima*

vez que a visse. Sabia apenas que ela tinha regressado a Hazelton há menos de um ano, vinda de Filadélfia — que, efetivamente, se situa junto a um rio.)

(Enquanto falava, a Jane teve uma imagem interior: uma letra maiúscula "S" ligada a um pequeno "e" e "v". O John disse que o primeiro nome da jovem é Terry — nome irlandês — mas que ela é italiana, com cabelo preto, e não castanho. O apelido é Repanshek; embora o nome não pareça italiano. A ortografia foi interpretada foneticamente pelo John.)

(A Terry Repanshek não usava óculos quando o John a viu. Ele comentou que ela tem mãos excepcionalmente pequenas para uma mulher adulta, mas nada notou de incomum em particular. Verificará todos os dados. O nome invulgar da jovem e a origem italiana podem estar ligados à referência de o Seth a um nome artístico.)

(Depois de uma discussão sobre a sessão de mesa giratória, o Seth retomou às 22h30.)

Tendes a minha bênção, caso a Jane queira demonstrar a mesa ao nosso amigo. O material deve ser enviado para o Sul assim que possível. A referência à mão esquerda relaciona-se, creio, com um dedo. Explicarei completamente as vossas experiências com a mesa em breve. Ficarei a observar os vossos esforços — como parceiro silencioso. (Sorriso.)

Há um compromisso marcado para quarta-feira para o nosso amigo aqui presente, que poderá revelar-se surpreendente — ou conter armadilhas.

(A Jane estava novamente bastante dissociada e saiu lentamente do transe.)

(O John Bradley afirmou não ter compromissos agendados para a próxima quarta-feira, mas ficará atento ao aviso do Seth.)

(Algumas notas sobre a experiência de mesa giratória que se seguiu à sessão, durando até depois da meia-noite, para nossa surpresa.)

(Apesar de estarmos algo cansados, o John e eu queríamos experimentar a mesa.

Utilizámos a pequena, colocando-a sobre o tapete para abafar o ruído àquela hora tardia.)

(A mesa começou a mover-se quase de imediato, e, ao soletrar o alfabeto, indicou-me — de forma algo confusa — que um "O B", um parente da família, estava a fazer contato.)

(A Jane não sabia quem seria, e eu também não lhe disse.)

(Já tinha visto mesas moverem-se antes, incluindo a pesada mesa verde referida na sessão, mas ainda assim o movimento do mobiliário continua a parecer estranho quando se inicia — especialmente quando não há tentativas físicas óbvias de a mover.)

(É muito fácil tocar apenas com as pontas dos dedos no tampo da mesa, verificando assim que não se exerce pressão física significativa — nem mesmo subconscientemente — especialmente quando o toque é tão leve que os dedos deslizam, como foi o nosso caso.)

(Vigiámo-nos constantemente, incluindo os pés. Com uma mesa pequena, é fácil fazê-lo.)

(A mesa tornou-se bastante ativa, soletrando várias mensagens, embora muitas fossem pouco claras. O "O B", de quem não me lembrava há muitos anos, repetiu a sua presença.)

(A mesa tornou-se então suficientemente ativa para bater até trinta vezes consecutivas.)

(Pedimos então à mesa que dançasse para nós, como o tinha feito noutra noite na presença dos Gallaghers, onde nos ofereceu uma versão de uma dança tradicional irlandesa.)

(Desta vez, pedimos outra dança irlandesa. A mesa, já em movimento, começou por soletrar: "I'LL MAKE A(B) DAN(D)CE.")

(E então iniciou-se um episódio verdadeiramente selvagem. A mesa começou a saltar e a dançar pela sala. Tivemos de nos levantar para a acompanhar pelo tapete.)

(Cada vez que a mesa chegava à borda do tapete, puxávamo-la de volta para evitar o barulho no chão de madeira.)

(Mas não foi tudo.)

(A mesa inclinava-se frequentemente sobre duas pernas e ficava equilibrada sozinha.

Descobrimos, para nossa surpresa, que era necessário aplicar uma pressão ativa para a forçar a voltar ao chão — de modo a que as três pernas tocassem no solo.)

(Esta pressão era inconfundível — semelhante à sensação de dois ímanes que se repelem. Durante cerca de dez minutos, revezámo-nos para testar o fenómeno. Todos os movimentos eram visíveis e claros — e o fenómeno não podia ser explicado por forças normais. Durante todo este tempo, a mesa continuava ativa, impossibilitando qualquer tentativa de

disfarçar os movimentos. Apesar do entusiasmo, mantivemos objetividade ao longo de toda a experiência.)

(A sessão culminou com uma dança extremamente ativa da mesa, enquanto nós três nos levantávamos das cadeiras e a seguíamos pelo tapete. Descrevia círculos, equilibrava-se ora numa perna, ora em duas, num ritmo regular. Por vezes deslizava em linha reta. É difícil transmitir toda a hilaridade do momento — mas a percepção objetiva do que estava a acontecer, e de como seria difícil explicar tal fenómeno a um novato, acabou por atingir o John Bradley. Foi a sua primeira experiência com uma mesa. Acabou a rir até as lágrimas lhe correrem pelas faces, enquanto rodávamos em círculo pela sala com a mesa.)

(Desistimos por puro cansaço às 00h30; e finalmente, a mesa ficou quieta — como uma boa mesa deve ficar.)

SESSÃO 376

30 DE OUTUBRO DE 1967

(Esta noite, antes da sessão, a Jane tentou mover uma mesa sozinha, com pouco sucesso.

Às 21h sentei-me com ela à mesa, e apenas conseguimos alguns pequenos movimentos.)

(O ritmo da Jane estava relativamente mais lento do que recentemente.)

Ora bem. Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Vou abordar a questão das mesas até certo ponto. *(Longa pausa.)* Dá-nos um momento.

Estou simplesmente a limpar as nossas linhas de comunicação. A Jane deu demasiada ênfase às suas faculdades críticas esta noite, embora estivesse psiquicamente alerta. Tu és, como já te disse, muito mais importante do que um simples estenógrafo — e a tua energia ativa, de facto, não estava aqui mais cedo. Os dedos disponíveis e a boa intenção, sim — mas o foco ativo das tuas energias não estava presente. *(Pausa.)*

A Jane conta contigo como parceiro nestas experiências. Não se trata necessariamente de quanto tempo dedicas, pois é claro que os teus horários estão preenchidos. Trata-se do interesse ativo — ativo (*sublinhado*) — e do

entusiástico foco de energia, esteja ou não diretamente envolvido numa dada experiência.

Ora bem. (*Pausa.*) Existem personalidades sobreviventes que vos ajudam. Atuam de diversas formas, variando conforme as circunstâncias vossas e deles. Descreverei um método de cada vez. Há um fluxo de energia — energia psíquica — dos participantes que afeta e altera, de facto, a construção molecular da mesa.

Neste método, o impulso vem das personalidades sobreviventes, atuando diretamente através do mecanismo físico da pessoa mais sensível presente. Há também uma alteração na vibração molecular desta pessoa quando este método é utilizado. Quase uma fusão (*pausa*) em que ocorre um intercâmbio mais livre de moléculas entre a mesa e o organismo físico.

Constrói-se, momentaneamente, um campo molecular de ponte. Este campo pode ser alargado, incluindo todos os participantes. A energia de todos contribui. (*Pausa.*)

As moléculas ficam "descongeladas", por assim dizer, e tornam-se fluidas, seguindo esta metáfora. Há uma elevada produção de energia da parte dos participantes. O sensitivo mais forte é como um operador de campo. Consome energia rapidamente, mas atua como um centro recetor da energia da personalidade sobrevivente.

A energia da personalidade sobrevivente opera através do sistema nervoso, provocando alterações elétricas — ou, melhor dizendo, desencadeando-as — no cérebro físico. Estas alterações injetam carga adicional no corpo, que salta para a estrutura molecular da mesa, criando um campo de força entre o organismo e a mesa.

(*Longa pausa, olhos fechados.*)

Qualquer mensagem mental também é recebida, num código eletromagnético, e transferida diretamente — ultrapassando a mente consciente — para o movimento do novo campo de força temporário. Em certas ocasiões, quando as circunstâncias são excecionalmente favoráveis, pode mesmo aparecer uma aparição, devido à força e plasticidade do campo de força envolvido. (*Pausa lenta.*)

A flexibilidade e a capacidade de concentração do sensitivo principal são muito importantes neste método. O número de participantes não é relevante em si mesmo — importa a quantidade de energia que conseguem direccionar e focar.

Ora bem. Existem outros métodos usados por personalidades sobreviventes. (*Pausa.*) Objetos podem ser movidos sem ajuda de personalidades sobreviventes, apenas com o foco concentrado da energia psíquica de uma ou várias pessoas. Este processo requer mais esforço — e nestes casos não haverá mensagens. No método descrito acima, existe cooperação entre uma personalidade sobrevivente e o sensitivo operador. Algum contato entre as pontas dos dedos e a mesa é necessário para estabelecer os requisitos adequados para esse tipo de campo de força. O campo constrói-se até atingir um pico de atividade, após o qual começa a enfraquecer. A levitação de uma mesa é possível apenas quando toda a mesa é envolvida na construção do campo de força.

Podem fazer uma pausa e depois continuamos.

(*Pausa para intervalo.*)

(*A Jane disse que estava "muito longe". Descreveu uma imagem mental que tivera: via água azul como a de um oceano, areia branca, e duas pessoas a correrem para a praia, em factos de banho. Não sabia o significado da visão.*)

Ora bem. Em alguns casos, personalidades sobreviventes experientes afetam diretamente a matéria — assistindo o sensitivo e, depois, operando de forma independente, uma vez formado o campo de força. Assim, o próprio campo de força atua como meio — e estas são as melhores condições para a levitação completa de um objeto. (*Pausa.*)

Na maioria dos casos, o sensitivo principal será o operador do vosso lado. Num projeção energética definida, contudo, uma personalidade sobrevivente pode atuar diretamente sobre a mesa. A levitação também pode ser conseguida quando o sensitivo está em excelente estado e no auge das coordenadas do campo de força. O campo de força possui coordenadas específicas no espaço-tempo, e um efeito dimensional que permite manipular moléculas de um sistema para outro. É verdadeiramente uma deformação espaço-temporal, permitindo intercâmbios livres.

Agora: A estabilidade e a intensidade do campo de força dependem, em parte, de outras circunstâncias — incluindo condições atmosféricas no vosso lado. A clareza das mensagens é diretamente afetada por essa intensidade e estabilidade. É difícil receber uma mensagem clara, por exemplo, quando o campo não é estável. (*Pausa de um minuto.*)

Para a aula da Jane, experimentem as seguintes combinações com a mesa grande:

- Venice, Paul e Sheryl;
- Shirley, Venice e Sheryl;
- Ruth, Joan e Paul.

A Jane, nesta aula, deve manter um lugar fixo à mesa para si própria. Têm aqui três ou quatro pequenos problemas, e não um grande problema.

(Referente à dificuldade da Jane em conseguir que a turma de terça-feira à noite movesse a grande mesa da sala — enquanto a turma de quinta-feira à tarde o conseguia facilmente.)

As energias da Jane estão a ser libertadas cada vez mais. As experiências com a mesa trarão bons resultados — e alguns completamente inesperados. Agora podem encerrar a sessão, fazer uma pausa ou colocar perguntas, como preferirem.

("Vamos fazer uma pausa.")

Bem. Com prática, serão capazes de sentir os momentos em que um campo de força deste tipo já está a formar-se — e poderão aproveitá-los. Tenho pouco a acrescentar relativamente ao episódio no edifício antigo. A minha opinião já foi claramente expressa. Seria vantajoso consultarem-me antes de se envolverem em tais empreendimentos.

(O Seth refere-se à nossa aventura de sexta-feira passada, 27 de Outubro de 1967.

O Bill Macdonnel convidou a Jane e a mim para assistirmos a uma sessão no terceiro andar abandonado do edifício onde ele tem o seu estúdio, no centro de Elmira. Trabalhando no segundo andar, o Bill ouvira várias vezes passos no piso acima. Ao investigar o terceiro andar — desocupado há muitos anos — não encontrara nada, a não ser portas misteriosamente destrancadas.)

(Tentámos fazer a mesa giratória no escuro, com pessoas que não conhecíamos, além do Bill.

O Bill tirou fotografias com infravermelhos. Um podólogo suicidou-se naquele andar há alguns anos, no mês de Outubro. O Bill pensava que talvez conseguíssemos contactar a personalidade do médico — de nome Willamin — através da mesa.)

(Tentámos vários locais sem sucesso, até nos posicionarmos junto a uma porta próxima da cena da morte. Foi então que o Seth se manifestou, dizendo-nos com firmeza para cuidarmos da nossa vida. Disse-nos que devíamos deixar o pobre homem descansar em paz; ele permaneceria

"aqui" por mais algum tempo, antes de partir — e que, entretanto, não tínhamos o direito de o incomodar.)

(O Seth falou menos de um minuto, mas a Jane disse depois que esteve muito dissociada.

Ao sair do transe, quase caiu na escuridão, desorientada pelo estado profundo em que se encontrava.)

Agora. Para além da informação desta noite, é verdade que algumas mesas se movem mais facilmente do que outras. Isto não tem a ver com peso ou tamanho, mas com as ligações psíquicas construídas em torno do objeto. A vossa mesa de madeira deve ser boa para experiências.

(A Jane apontou para a cozinha, onde temos uma pequena mesa que ainda não foi testada.)

A mesa pequena é especialmente boa porque foi construída pelo seu proprietário, cujas capacidades são definitivas, embora não treinadas.

(Mesa da Ruth Klebert.)

A antiga secretária da tua família (*a Jane apontou para mim*) também seria boa, embora as relações espaciais ali sejam mais difíceis. O estado da vossa própria mente terá influência no tipo de personalidades que contactarem, no comportamento das mesas e nas mensagens recebidas. Falaremos mais sobre isso noutra sessão. Se não tiverem perguntas, encerramos por hoje.

("Acho que não.")

Que a Jane persista. Está a alcançar algo importante. E tu também beneficiarás, assim que encontrares tempo. Os meus mais calorosos votos para ambos. O treino no uso da energia será benéfico para vós e ajudará no vosso trabalho individual. Têm de ganhar o "sentir" de utilizá-la — e de se abrirem como canais. Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

As sessões 377-378-379-380 foram indexadas às Sessões Apagadas

SESSÃO 381

24 DE NOVEMBRO DE 1967

(Esta sessão relata na verdade dois acontecimentos distintos, agrupados para conveniência. Ambos envolvem “table tipping” e incluem uma sessão do Seth.)

(Parte um: Uma sessão de “table tipping” na quarta-feira, 22 de Novembro de 1967, na nossa sala de estar, com os seguintes participantes: a Jane e o Rob, e a Claire Crittenden e o Carl Watkins. Altamente bem-sucedida, a melhor alcançada até àquela altura, com uma levitação quase total aparentemente conseguida.)

(Esta sessão não foi particularmente planeada, mas surgiu de uma conversa sobre o assunto. A Claire e o Carl são estudantes universitários jovens, e estavam em casa para as férias do Dia de Ação de Graças. Bastante tarde, depois do encontro, começámos a inclinar a mesa, que começou a reagir quase assim que nos sentámos à volta dela. A sessão durou várias horas, talvez até à 1h da manhã, e no final estávamos todos exaustos.)

(A mesa parecia ter vontade própria. A Jane chamou de imediato o “habitante” da mesa, o A A, para nos ajudar, e recebemos ajuda em abundância. A mesa, a que costumamos usar e que pertence à Ruth Klebert, uma das alunas de ESP da Jane, tinha sido reparada por mim há menos de uma semana; tinha ficado danificada ao ponto de perder duas das suas três pernas devido aos movimentos violentos numa recente aula de ESP.)

(Reparei as pernas partidas com pregos e cola, para garantir um trabalho forte; antes, as pernas estavam apenas presas por cavilhas. Nessa quarta-feira à noite, a mesa comportou-se assim: dançou “jigs” irlandeses a pedido, saltou para o ar enquanto estava agarrada pelo Carl, andou a perseguir-nos pelas costas enquanto o Carl a segurava e nós tentávamos acompanhá-la, deslizou pelo tapete, balançou para a frente e para trás, e criou uma pressão muito forte, quando tentávamos forçar a perna levantada a voltar ao chão ou ao tapete.)

(Houve, naturalmente, todos os tipos de movimentos intermédios por parte da mesa, difíceis de descrever por palavras. A pressão manifestada, claro, prendeu a nossa atenção de forma intensa, já que isto contrasta totalmente com a nossa aceitação habitual da força gravítica. A Jane pediu várias vezes ao A A para manifestar pressão, e geralmente o A A, ou a

mesa, acedia de bom grado. Tudo parecia funcionar em perfeita harmonia — a mesa, os nossos estados de espírito, etc. Se alguém quisesse chamar a uma levitação completa 100%, então a nossa noite poderia ser considerada 90% bem-sucedida.)

(Várias vezes durante a noite, o Carl e eu tivemos de usar bastante força para fazer com que a terceira perna levantada da mesa voltasse ao chão. O efeito apareceu tantas vezes que todos os quatro tivemos tempo suficiente para o sentir — como já referi, para mim esta força faz-me lembrar fortemente dois ímanes a repelirem-se — algo invisível mas bem palpável, e quando as coisas correm bem, facilmente demonstrável.)

(A mesa balançava de um lado para o outro sob o toque das pontas dos nossos dedos quando a pressão era pedida; à medida que o fazia, começava a parecer cada vez mais sólida e pesada; os estalidos e rangidos desapareciam e parecia tornar-se numa unidade indivisível. A pressão aumentava rapidamente até que os membros à volta dela — normalmente de pé — tinham de realmente fazer força para a nivelar de novo. Uma vez, finalmente, rangeu perigosamente e temi que alguma parte dela, possivelmente o tampo, estivesse prestes a partir-se.)

(O Carl teve uma ideia brilhante; colocámos a nossa balança de casa de banho em cima do tampo da mesa, quando a pressão estava “no auge”, e pedimos ao A A para continuar a aumentar a pressão para que o Carl, que estava do lado da mesa a manifestar a pressão nessa altura, pudesse medir a força que usava para a fazer assentar de novo firmemente no chão.

O A A, prestável como sempre, aumentou novamente a pressão; ao pressionar para baixo, o Carl viu que usava uma força manual de 70 libras, medida pela balança, para pôr todas as três pernas da mesa de novo no chão, enquanto normalmente a gravidade faria isso sem esforço assim que tirássemos as pontas dos dedos.)

(A Claire e o Carl, anteriormente, tinham usado o que consideravam ser uma pressão ainda maior para nivelar a mesa. Com a experiência proporcionada pela balança, estimaram agora que usaram perto de 90 libras de pressão para a nivelar, este sendo o momento de maior pressão da noite. Várias pressões subsequentes foram medidas usando a balança no tampo, variando entre 30 e 50 libras.)

(Desnecessário será dizer que, quando o Carl ou quem quer que fosse media a pressão na balança, os outros três tinham o cuidado de garantir que não exerciam inconscientemente uma pressão pesada do outro lado da

mesa, forçando assim uma resposta mais forte do lado oposto para pôr as pernas de novo no chão. Tal verificação era fácil de fazer; ainda assim, eram feitas verificações conscientes e deliberadas constantemente, para ter a certeza de que não eram exercidas pressões opostas sem querer. Na maior parte do tempo, as nossas mãos tocavam tão levemente na mesa que esta podia mover-se livremente debaixo delas, aparentemente por vontade própria. Esta verificação constante tem a vantagem acrescida de servir de proteção contra qualquer possível alucinação [embora isto tivesse de ser um efeito de massa, e altamente improvável]; a verificação deliberada era um bom método para manter os pés assentes no chão, por assim dizer, mesmo que a mesa agisse contra a gravidade.)

(Quando pedíamos uma levitação completa, parecia que a mesa fazia o seu melhor para a conseguir, tirando todas as pernas do chão exceto o último ponto minúsculo de contato da terceira perna — então começava a andar em círculos debaixo das nossas mãos, ou a dançar por aí, eventualmente. Não me lembro se a pressão era notória nesses momentos. Estou tentado a dizer que provavelmente não estava tão fortemente presente como noutras alturas em que pedíamos abertamente a pressão para a sentir. Quase sempre um ou mais de nós falava com a mesa, incentivando-a a continuar, a melhorar o desempenho, em tons muito positivos.)

(A mesa esteve ativa até depois da 1h da manhã. Outro movimento distinto envolveu um aparente salto para o ar enquanto o Carl segurava a mesa à distância de um braço. Isto inclinou o tampo na vertical em relação ao chão, e os outros três presentes tocaram o tampo levemente. Ao princípio a mesa parecia mover o Carl em círculos, ficando sempre à frente dele, de tal forma que acabava por torcer o braço do Carl atrás das costas de forma desconfortável; isto tornava muito difícil para a Claire, a Jane e para mim manter o contato com o tampo. Ao mesmo tempo o Carl insistia que não estava a torcer deliberadamente a mesa assim à sua volta. A torção era rápida.)

(O Carl, sendo grande e forte, conseguia segurar a mesa assim, só com uma mão, com o braço totalmente esticado, durante algum tempo. Ao mesmo tempo pedimos levitação. De repente, a mesa, ainda na mão do Carl, saltou em direção ao teto da nossa sala de estar, muito rapidamente, até ficar de cabeça para baixo em relação ao chão e fora do nosso alcance, exceto para o Carl, que ainda segurava. O Carl disse que não

tinha feito a manobra conscientemente, e parecia tão surpreendido como nós. Mais tarde disse-nos que teve receio de que a mesa fosse embater no teto — já que o Carl era suficientemente alto — ou bater numa parede próxima onde estavam vários dos meus quadros pendurados.)

(Depois de ficar de cabeça para baixo durante um curto mas mensurável espaço de tempo, a mesa voltou a descer. Mais tarde o Carl tentou conscientemente fazer a mesa repetir o mesmo movimento invertido, e descobriu que não conseguia exercer força suficiente usando a mesma pega na borda do tampo. O melhor que conseguiu foi levantar a mesa até à altura dos ombros, e acredito que isto seja uma estimativa algo generosa. Além disso, o braço do Carl cansava-se rapidamente, enquanto antes isso não acontecia. Teria ele estado dissociado, de algum modo, quando a mesa saltou?)

(É claro que é possível equilibrar qualquer objeto, grande ou pequeno, e isto levou a Jane e a mim a experimentar um pouco com a mesa em questão. Depressa descobrimos que, ao equilibrá-la num certo ângulo com as pontas dos dedos e depois exercer uma pressão descendente, se pode ter a ilusão de uma força por baixo a segurar a mesa com uma perna fora do chão. Contudo, tanto quanto conseguimos perceber, esta não é a força que experimentámos quando uma perna se recusa a voltar ao chão.)

(É necessário exercer a pressão descendente de forma orientada para longe do corpo durante a experiência, para manter o equilíbrio e o centro de gravidade, e pelo menos durante a experiência esta necessidade de empurrar para baixo e para longe de si mesmo é bastante perceptível. Quando a mesa está a comportar-se bem, parece que é necessária uma pressão diretamente para baixo, aplicada na borda do tampo, para vencer a força. A direção deste empurrão descendente é bastante diferente, acreditamos nesta fase, do empurrão experimental para baixo e para fora. Mas é necessário mais estudo, e com este conhecimento em mente, vamos tentar avaliar com mais precisão o desempenho da mesa em futuras sessões.)

(Nem, claro, a questão do empurrão descendente explica outros movimentos peculiares da mesa, como piruetas, saltos para o ar, danças, etc., já que nestes movimentos não se mantém grande pressão manual. Na verdade, é frequentemente extremamente difícil manter o contato com as pontas dos dedos na mesa, tão rápidos podem ser os seus movimentos.)

(Mesmo assim, quando todos os presentes retiram as mãos da mesa, independentemente das suas acrobacias, assim que todo o contato é retirado, a mesa volta à posição normal no chão.)

PARTE DOIS:

(A 381ª sessão teve lugar, sem estar agendada, depois de uma longa e ativa sessão de “table tipping” na noite de sexta-feira, 24 de Novembro de 1967. A Claire Crittenden, o Carl Watkins, a Jane e eu, juntamente com a Pat Norelli, de Boston, fomos acompanhados pelo Bill e a Peg Gallagher, o Doug Hicks, o Danny Stimmerman, o Curt Kent e o irmão da Peg, o Dick, e a esposa dele, a Carol, perfazendo uma dúzia de presentes, no nosso apartamento.)

(Naturalmente, a mesa foi o centro das atenções, e passados poucos minutos de a Jane, eu e alguns outros nos sentarmos, começou a atuar. A pressão, a novidade, foi logo pedida, e não demorou a manifestar-se em vários graus; ao princípio, contudo, nada como a pressão de quarta-feira se fez notar, mas parecia haver pressão suficiente para que cada pessoa presente, especialmente os que nunca tinham testemunhado tal coisa, pudesse ter tempo de a experimentar.)

(Nessa noite a mesa não saltou para o ar como na quarta-feira, mas esteve mesmo assim muito ativa. A pressão tornou-se rapidamente tão pronunciada que era inconfundível; todos concordaram que a sentiram. Para poupar tempo a listar uma longa recitação de acrobacias variadas: mais tarde nessa noite, afastei-me para alguém ocupar o meu lugar na mesa. A Jane já o tinha feito. O que significa, claro, que a mesa actuou tão bem sem as mãos da Jane como quando ela as pousava.)

(Fiquei encostado a um canto junto à estante; a mesa tinha-se deslocado em direção à porta da casa de banho, que estava fechada. À mesa estavam o Bill Gallagher, com ao lado dele a Pat Norelli. Outros também estavam na mesa, mas o Bill e a Pat estavam do lado onde se manifestava a pressão forte. A pressão chegou finalmente a um ponto tal que o Bill Gallagher não conseguiu forçar a terceira perna da mesa a voltar ao chão. Tanto quanto me lembro, ele estava a usar uma pressão diretamente para baixo, não o empurrão para baixo e para fora de que falei antes.)

(Ao mesmo tempo que a mesa se comportava tão bem, a Jane estava de pé a poucos metros, a falar com ela em voz alta, muito intensamente, a torcer muito para que a mesa resistisse aos fortes esforços do Bill e da Pat para a nivelar. A sala encheu-se de barulho, todo o tipo de exclamações, gritos, comentários, etc. Poder-se-ia chamar a isto um verdadeiro, quase palpável, auge de excitação mental e física.)

(No momento seguinte, o tampo da mesa rachou em dois e uma perna soltou-se do pedestal central. A mesa caiu com estrondo ao chão. Consternação, um segundo de incredulidade. Por um momento não consegui acreditar.)

(A Jane e eu não sabemos a sequência exata dos acontecimentos. Muito provavelmente o Bill e a Pat exerceram uma pressão descendente tão grande que a mesa acabou por ceder. A força com que a terceira perna bateu no chão fê-la estilhaçar-se; ao mesmo tempo, terá o tampo rachado em dois? Não podemos ter a certeza. Não foram tiradas fotografias, claro, nem feitas anotações no momento. Este relato foi escrito vários dias depois, após várias conversas da Jane e minhas com algumas das pessoas presentes. Naturalmente surgiram variações nos relatos, e não vamos tentar reproduzi-las aqui.)

(Os dois pontos óbvios são que a mesa partiu-se, e que foi necessária uma grande força para isso acontecer. Eu próprio vi o Bill Gallagher a fazer força para baixo, fortemente, sobre a mesa resistente, uns segundos antes de esta se partir. A minha estimativa é que a terceira perna, a que resistia, estava talvez a uma polegada ou duas do chão. Lembro-me de, na altura, ficar especialmente intrigado com o facto de um espaço tão pequeno entre a perna da mesa e o chão levar, seja por que motivo for, a tanto esforço humano.)

(A Jane e eu não podemos dizer exatamente quem estava na mesa quando se partiu, embora saibamos que nenhum de nós estava, nem o Curt Kent, que estava sentado de lado a beber cerveja. Acreditamos que pelo menos cinco pessoas estivessem a tocar o tampo, talvez mais. O partir da mesa deixou-nos encantados e consternados — a mim especialmente; e levou-me várias horas em dois dias seguidos a reparar a mesa. Foi usada tanta força para estilhaçar a perna da mesa que um prego com dois e um quarto de polegada de comprimento, que eu tinha usado na reparação anterior, ficou dobrado num ângulo reto perfeito. Este prego ficou

incrustado na perna solta. Outros pregos mais pequenos na mesma perna foram arrancados através da madeira solta e ficaram no pedestal central.)

(A mesa, reparada pela segunda vez, foi usada em sessões subsequentes, mas muito cautelosamente, pois está agora bastante fragilizada. A pressão manifestou-se num grau pequeno, mas exercemos pouca força para a conter. Tentámos algumas experiências de pressão, como as descritas antes, com muito cuidado. Lamentamos a “reforma” da mesa por razões óbvias. É uma boa “respondente”, e o seu espírito, o A A, parecia bastante satisfeito por comunicar connosco, de forma bem vigorosa. Queremos manter a mesa para preservar este contato, mesmo que ocasionalmente, e para estudos futuros sobre ângulos de pressão, etc. Além disso, para a usar como trampolim para trabalhar com mesas mais pesadas, de quatro pernas, etc.)

(A sessão com o Seth começou um tempo indeterminado depois de a mesa se ter estilhaçado. Antes disso, a Jane disse-me que sentia o Seth; como havia estranhos ao Seth presentes, achámos melhor que ele não se manifestasse. A Jane queria ir para um quarto nos fundos; mas a porta da casa de banho estava fechada. Alguém estava lá dentro. Confinada à sala de estar com o grupo, a Jane acabou por deixar o Seth vir.)

(Não houve dúvida de que o Seth queria vir. Os acontecimentos da noite tinham preparado o palco de forma perfeita. Não faço ideia da reação, subjetiva, de alguns dos presentes a algo que deve ter parecido um acontecimento muito estranho. Pessoalmente, acredito que só os Gallagher, a Claire, a Pat e eu tínhamos assistido a uma sessão. Isto deixava como testemunhas novas o irmão da Peg, o Dick, e a mulher dele, a Carol, o Danny, o Curt, o Doug e o Carl; embora o Carl e talvez um ou dois outros já tivessem ouvido falar do Seth.)

(A sessão, assim que começou, pareceu-me muito intensa — talvez até demasiado. O Seth estava extremamente sério. A Peg, felizmente, tirou notas. Eu, pessoalmente, não achava que não valorizássemos o que se tinha passado nessa noite, mas o Seth insistiu em vincar bem o ponto, de forma algo implacável, pensei na altura. Mais tarde os Gallagher disseram que não acharam que a sessão tivesse sido excessivamente severa, mas eu não concordo.)

(A certa altura, a voz da Jane ficou muito forte e alta, mas eu não diria que foi o seu auge de desempenho. Achei a sessão uma forte reação à noite e ao grupo reunido. Nos pontos mais altos ou fortes, a voz, embora

poderosa, não era tão clara e distinta como já a ouvi noutras ocasiões — nomeadamente na sessão extraordinária gravada para o Dr. Instream há uns anos. Achei que talvez fosse demasiada excitação. Os olhos da Jane abriram-se passados uns instantes. A Peg registou quase tudo, e estamos-lhe gratos por isso, pois o Seth falou depressa.)

(As notas da Peg seguem abaixo. Depois de todos, exceto a Claire, o Carl e a Pat, terem saído, o Seth voltou a manifestar-se, tratando de dados reencarnacionais sobre o Carl, e eu tirei apontamentos palavra por palavra.)

NOTAS DA PEGGY GALLAGHER

(24 de Novembro de 1967. Sessão espontânea do Seth, após um período a trabalhar com a mesa, em que a pressão se acumulou até ao ponto em que a mesa acabou por partir, trabalhando através do A A.)

“O nome Carol é agora Arparka. Vocês viram um objeto físico comportar-se de uma forma como nenhum objeto físico tem o direito de se comportar. O universo físico é tão imprevisível como o comportamento dessa mesa. Venho até vós como um completo estranho. Sou um estranho para vós, mas vós não sois estranhos para mim, e isso dá-me vantagens.

Portanto, veem, tenho a vantagem, e aproveito sempre a vantagem. Se tiverem perguntas, responderei, mas tudo isto serve para vos mostrar que a realidade é mais do que pensavam que fosse... Não estou aqui como anfitrião de uma festa. Não estou aqui para o vosso divertimento ou prazer. Estou aqui para a vossa educação e treino.

Posso dizer-vos aquilo que não disseram a vós mesmos nos vossos momentos privados. Pois tal como as mesas se movem, assim voam as almas. Muitos nesta sala têm capacidades... meu caro amigo, o Jesuíta, cuja levandade não o ajuda nos seus momentos de escuridão (para o Bill) pois não estás a enfrentar-te a ti mesmo e às tuas capacidades. Este é o cerne do problema. Não te serve de nada sorrir. É contigo próprio que tens de fazer amizade e contigo próprio que tens de te confrontar.

Não vejo até 1978 um casamento para ele (o Curt). Não tenho a certeza aqui. Creio numa doença em 1938 para aquele (o Dick). Se alguém tiver perguntas, responderei. Não costumo ser tão severo, mas todos vós na sala são talentosos e a vossa responsabilidade é diretamente proporcional

ao vosso talento e, portanto, não se podem dar ao luxo de ter autocomiseração, complacência ou arrependimento.

Viram a mesa mover-se. Aqueles que vierem verão mais. Tudo isto são empreendimentos infantis (*não tenho a certeza desta palavra*).

Divertem-vos. Que assim seja. Mas olhem para além do que viram e questionem-no nas vossas mentes. Mas digo-vos: isto diz-vos respeito pessoal e diretamente, pois a menos que desenvolvam as vossas próprias capacidades, não se realizarão e não serão felizes. Sou um homem velho. Já estive onde estão agora. Já fui um homem jovem, uma rapariga jovem, uma mãe, um pai, um filho. Devem questionar: porque se moveu a mesa?

Pensam na mesa como uma diversão divertida e este não é o ponto. Fico feliz que tenha sido divertido, mas a diversão não era o ponto.”

(*Pausa aqui.*)

“Algumas perguntas...”

(*“Quem é o A A?”*)

“O A A é um amigo do estudante do Rupert, o Venice. É o Alexander Anare (o ‘e’ é mudo), que morreu em 1906 e era amigo da família dela. Foi, de facto, advogado, mas também esteve envolvido em estudos psíquicos com um grupo em Cleveland chamado Irmãos da Quarta Ordem, e interessa-se particularmente pela manipulação de matéria física. Tinha uma mente científica e irá, creio, ajudar-vos nas vossas experiências.

Foi usada energia para estilhaçar a mesa. Foi usada energia para manipular matéria física. Há essa energia em cada um de vós. Mas não estão a aproveitá-la, e ao não a aproveitarem, não estão a cumprir as vossas responsabilidades. Vejo o sorriso afável do Jesuíta. Tens andado a desviar de ti a plena responsabilidade, a ignorá-la, e não a poderás ignorar por muito tempo. Tens de enfrentar essas responsabilidades e enfrentá-las-ás. A liberdade plena para ti não será alcançada de outra forma.

Esta noite usamos um exemplo muito simples e elementar, em si mesmo infantil. A energia que foi usada para manipular e mover matéria compara-se com a energia que reside dentro de cada um de vós. Mas não a estão a usar na sua plenitude, incluindo os meus amigos Rupert e Joseph. Há capacidades aqui que devem ser realizadas.

Uma crise surgirá dentro de três anos e o nosso jovem amigo fará melhor em estar disposto a enfrentá-la. (O Danny.) Temos de sair de nós próprios e abrir um novo horizonte de realidade. Estás a inventar desculpas. Trataremos de ti amanhã. Temos boas capacidades a usar. Uma crise grave

surgirá até 1970, envolvendo uma mulher com as iniciais A L, uma situação extremamente difícil, e outra envolvendo alguém com as iniciais F W, relacionada com uma associação passada despertada.

Todos vós tendes capacidades e potenciais, mas estão presos por ideias preconcebidas de realidade. Digo-vos que não. A realidade é a mesa que se moveu, a mesa que se estilhaçou! A realidade é a energia que têm. Não podem dar-se ao luxo da complacência. Estar vivo é aprender e crescer. Como podem fechar-se em salas de realidade limitada? Fecham os olhos e não olham.”

(Uma pergunta do Dick, dizendo que não nasceu em 1938; nasceu em 1939.)

(Houve aqui uma dificuldade séria. De facto, foste concebido. Houve uma dificuldade na zona dos pulmões. Estava relacionada com um problema circulatório que se manifestou mais tarde e que deve ser acompanhado. Um problema circulatório que envolve as extremidades. Não havia consciência disto por parte da tua mãe, mas a dificuldade na condição dela própria causou isso em parte: uma contagem baixa de glóbulos vermelhos e um problema circulatório na sua própria condição. Ela não se apercebeu de que isto teria qualquer efeito na criança... uma dificuldade, suficientemente pequena, na região lombar e na quarta vértebra. A condição poderá ter tendências recorrentes talvez em Fevereiro, Abril e Setembro mas não será pleurisia. Compressas mornas de sal aplicadas nas extremidades seriam benéficas e também na quarta vértebra. Em breve deixo-vos. Desejo-vos tudo de bom, e se pareço severo é apenas porque quero acordar-vos para o vosso pleno potencial, e falo para a parte de vós que não estão a ouvir.)

(Inserção: 2 de Dezembro de 1967, Sábado:

Mais tarde, a falar com o Bill Gallagher: Ele e a Pat Norelli estavam de um lado da mesa, a exercer forte pressão para forçar a terceira perna a tocar o chão. Nunca a conseguiram pôr em baixo. Antes de o conseguirem, uma das duas pernas que já estavam no chão, do lado oposto, cedeu. O tampo da mesa não partiu debaixo das mãos do Bill, disse ele, mas, acredita, quando a mesa caiu para o chão e bateu com a borda do tampo no chão, afastada do Bill e da Pat.)

(Quando ficaram só a Claire, a Pat, o Curt, o Danny, o Carl, a Jane e eu, o Seth regressou brevemente depois de o Carl e eu termos estado a

discutir reencarnação até certo ponto. Tirei apontamentos palavra por palavra.)

431... Alemanha — os Hunos descem em investida. Isto é para o nosso Carl. Eles descem do Norte. Ele é uma mulher numa aldeia. Uma descendente dos Romanos. A-c-r-i-l-a (soletrado), uma descendente das tribos romanas, levada para a Alemanha pelos Romanos para assegurar o Império.

Tem cinco filhos. O seu marido ocupa-se então do corte de pedra, um canteiro. Ela protege os filhos e morre ao fazê-lo, e renasce em França em 1826, em Bordéus, como comerciante. Ainda não descobriu a sua capacidade maior nesta vida. Terá a ver com artes gráficas e uma combinação de matemática e design, e se for prosseguida levará a uma afiliação com uma empresa começada por um C.

Agora, o Ruburt está exausto, e por isso vou deixar-vos. No entanto, não vos confundais, pois a minha própria energia (voz alta) é muito superior à dele (ainda mais alto), e embora eu não ouse falar, ele ouve-me a esta hora. Ainda assim deixo-vos sabendo que a minha energia não é deste tempo nem deste lugar (voz a acalmar); e também vós tendes energia que não estão a usar, e capacidades que não realizam. Então usem-nas. Se quiserem ser amigos de vós mesmos, enfrentem-se — façam as pazes convosco, e despeço-me desejando-vos uma boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

(23h35. A Jane estava verdadeiramente exausta, e foi imediatamente para a cama. A voz dela atingiu, por momentos, um volume bastante forte. A entrega dela foi muito ativa durante toda a noite, a voz alta por vezes, os olhos muitas vezes abertos — usou, sem dúvida, grandes quantidades de energia.)

SESSÃO 383

29 DE NOVEMBRO DE 1967

(Ontem à tarde, 28 de Novembro, enquanto trabalhava no meu estúdio, na parte de trás do nosso apartamento, tive uma visão de uma pintura. Reconheci-a como minha, ou uma que irei fazer, do Bill Gallagher. Tenho pensado em formas de fazer retratos tanto do Bill Gallagher como do Bill Macdonnel.)

(A visão foi muito clara, durou tempo suficiente para a observar facilmente, e deu-me fortes sensações de entusiasmo. Mostrou uma figura em tamanho real, de frente, do Bill Gallagher, a usar um longo casaco escuro, de pé contra um fundo exterior algo estilizado com formas de pirâmides em cores vivas — ou em têmpera ou acrílico. A cabeça estava descoberta e o cabelo ao vento. O retrato era em tamanho real, dos joelhos para cima, muito dramático e arrojado no conceito e detalhe, e muito eficaz pictoricamente. Fiquei encantado por vê-lo, e tive a certeza de imediato de que era capaz de produzir tal obra. Os Gallagher visitaram-nos na noite de sábado, 2 de Dezembro. Não os vi chegar, mas vi-os partir. Não mencionei a visão a eles, e pedi à Jane que esperasse antes de o fazer. Quando o Bill Gallagher desceu o corredor a afastar-se de nós, ao sair, vi que usava um longo casaco preto com, creio, um capuz — uma peça muito semelhante à que ele usava na visão, e de que eu não tinha qualquer conhecimento prévio.)

(A visão teve uma estranheza — eu estava na secretária a trabalhar noutra coisa quando me apercebi dela à minha esquerda. Era grande, emoldurada, e inclinada num ângulo estranho em relação ao chão, como se estivesse apoiada por mãos invisíveis. Enquanto olhava para ela parecia sólida e quase animada — reparem no efeito de vento mencionado antes. Quando percebi que a estava a ver, virei-me de frente para ela e tentei prolongar a sua existência. Assim que me apercebi deste esforço consciente, relaxei, na esperança de que isso a mantivesse mais tempo, mas a visão desvaneceu-se e não voltou. Fiz um esboço rápido e muito tosco dela, datei-o, depois contei à Jane. Esperei que o Seth falasse disto esta noite.)

Ora, boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Não vos vou reter muito esta noite, pois podem usar algum descanso. A visão que viste era de uma pintura futura que irás fazer.

Estás a permitir-te mais liberdade interior novamente, e por isso permitiste-te ver isto. Houve algumas — algumas — distorções, simplesmente porque a pintura foi interpretada à luz do teu conhecimento atual.”

(A Jane estava deitada de costas no divã.)

Também havia algumas pistas nela que vais usar subconscientemente, e das quais surgirão novos desenvolvimentos. O envio de outro manuscrito representa progresso definido. É simbolicamente importante para o Ruburt. *(High, Low and Psycho.)* Ambos precisam de descanso esta noite. No sono, vão correlacionar desenvolvimentos recentes para que façam melhor uso deles. As vossas atividades no estado de sono serão de facto bastante ambiciosas, e vão gerar energia considerável a partir disso. Mais do que compensámos sessões perdidas com os desenvolvimentos recentes. Por isso não vos vou reter, embora responda a quaisquer perguntas se as tiverem.

(“Agora que tenho memória consciente de ter visto a visão, pergunto-me até que ponto esta memória vai influenciar a produção real da obra.”)

(Sorriso.) “Terias estado consciente da pintura quer estivesse consciente ou não da visão. És tu quem pensa na pintura em termos de tempo, e quem a percebe desta forma. *(Sentando-se enquanto falava, a Jane começou a tirar o casaco de malha e os sapatos.)* A pintura existe e, numa realidade, já a concluíste. No teu quadro atual, contudo, parece-te que estás à espera que os desenvolvimentos ocorram.

A sala está demasiado quente para os nossos propósitos.

Agora. Já és o eu que vai pintar esse retrato. As intuições que te levarão a ele já existem. Poderias recusar, mas as linhas de probabilidade, até agora, estão contra isso. O livro que estás a ler expõe as coisas de forma suficientemente simples para serem imediatamente práticas. Vais descobrir um impacto bastante poderoso nas vossas vidas, de ambos, como resultado disso.

Há muito mais aqui que o autor não compreende, mas encontrou métodos excelentes, e podes aproveitá-los. As pinturas que irás pintar existem, porque tens, num certo sentido, o potencial de as criar.

(A Jane voltou a deitar-se.)

Existem em forma potencial. Não é verdade, contudo, que qualquer outra pessoa as pudesse “apanhar”, por assim dizer, da energia cósmica. Estão sintonizadas contigo, e só a tua individualidade particular está preparada para as captar. Compreendes isto?”

(“Sim.”)

“Aqui difiro, percebes, do autor.”

(“*Estás a falar do Psycho-Cybernetics.*”)

Estou. Ao não desenvolveres as tuas capacidades até ao ponto em que podes sintonizar-te com estas pinturas, que pertencem ao teu eu total, dificultas o teu progresso, e até certo ponto negas parcelas de criatividade.

As pinturas já existem, no entanto, como formas potenciais definidas, já criadas pelo teu eu total. Só tu as podes dar realidade física. Só podes falhar se não lhes deres forma física, e só não lhes dás forma física se te recusares a abrir os teus canais interiores às intuições do eu total.

Há diferenças significativas aqui, percebes, entre o meu conhecimento e a interpretação de Maltz, tal como apresentada no livro dele. Na medida em que deixas de materializar os teus potenciais em forma física, falhas numa dada existência física. O conhecimento de que as formas e as pinturas estão lá, contudo, é de suma importância.

O desenvolvimento natural das tuas capacidades, por outras palavras, já existe. Tens apenas de estar preparado, intuitivamente desperto, pronto e confiante, e esses desenvolvimentos aparecerão para ti.” (*Pausa.*)

Os grandes artistas são aqueles que materializam fisicamente as pinturas já criadas pelo eu total em forma potencial. Agora, este eu total é completamente único, mas a energia que o compõe faz parte da energia que também é o solo do ser, para todas as outras consciências. Portanto, quando és fiel a ti mesmo, quando materializas essas pinturas claramente, há também (*a Jane apontou para mim enfaticamente, olhos bem abertos*) dentro delas um solo de conhecimento, intuição e ser, que é instantaneamente sentido por todos os outros indivíduos.

É isto que torna uma pintura grande: a validade do solo interior de ser dentro dela, interpretado de formas altamente individuais. A individualidade em si, se for intuitivamente válida, levará a um reconhecimento interior universal por parte de todos os que percebem tal pintura.

Têm outras perguntas?”

(“A Jane queria saber sobre o Pell e o Fell.”)

(*Sorriso.*) “Já lhe demos toda a informação aqui que vamos dar, por agora. O livro será publicado.”

(*Aqui o Seth refere-se ao livro de poesia da Jane, High, Low and Psycho. Numa sessão muito recente o Seth disse à Jane para enviar o*

manuscrito para uma editora começada por L ou V. O livro já tinha sido rejeitado pela Viking, o único V no índice de editores dela. Ao verificar os L, a Jane ficou surpreendida por descobrir o editor Horace Liveright, um nome que contém tanto um L como um V.

(Ao procurar a morada desse editor, ficou ainda mais surpreendida ao saber que era na 386 Park Avenue South, Nova Iorque — a mesma morada da Frederick Fell, a editora do livro de ESP dela. Para maior surpresa, a Jane também soube que o editor da Liveright se chama Pell — muito próximo de Fell. Quando a Jane e eu visitámos o escritório da F. Fell em Nova Iorque em Julho passado, ficámos no átrio do 386 Park Avenue South a examinar a lista de inquilinos. Esta lista deve incluir o nome Liveright; se o vimos, não temos memória consciente disso. A Jane enviou o manuscrito para a Liveright.)

Podem fazer uma pausa ou encerrar a sessão. Contudo, considero melhor não a prolongarem demasiado.

(“Está bem, então vamos encerrar.”)

Então dou-vos os meus melhores votos. Nas vossas horas de sono aprenderão muito esta noite. Precisam do tempo para correlacionar os novos dados. *(Longa pausa.)*

Têm uma riqueza de material para pintura, de formas potenciais de que podem tirar partido. São simplesmente vossas, basta pedirem. São pinturas que mais ninguém pode materializar em forma física a não ser vós. Saber isto dá-vos uma grande vantagem.

(“Boa noite, Seth.”)

(21h46. A Jane disse que estava bastante “fora de si” durante a sessão e que o Seth estava...)

SESSÃO 388
20 DE DEZEMBRO DE 1967

(Esta sessão foi realizada para John Pitre e a sua esposa Peg, de Franklin, LA, após o telefonema de John para Jane, mais cedo naquela noite. A chamada terminou por volta das 20h. Ver também as sessões 364ª, 366ª, etc.

(O John relatou que a sua esposa estava muito doente, que tinha estado hospitalizada recentemente durante várias semanas, e que não havia entrado num estado de transe profundo durante as sessões com um hipnoterapeuta. Seth recomendara que Peg procurasse um profissional desse tipo. Naquela noite, John perguntou a Jane se Seth poderia dizer algo sobre a razão pela qual Peg tinha assumido ou escolhido tal papel nesta vida física — um papel aparentemente sem recompensa ou esperança; ela tem esclerose múltipla.

(A Jane começou a questionar-se, disse ela, sobre respostas para questões tão complexas após a chamada. Disse que sentia Seth a prepará-la para a sessão antecipadamente. Começou a falar em transe com uma voz calma, fazendo muitas pausas e abrindo os olhos frequentemente, como de costume.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Dá-nos um momento, por favor. (Pausa.) Agora, temos descargas elétricas cerebrais intensas, em padrões desorganizados. A mulher resistiu fortemente às sessões de hipnose e sofreu recaídas em vez de suportar a intensa reorganização psíquica e psicológica necessária para qualquer recuperação significativa.

As emoções são realidades elétricas e magnéticas. Uma repressão suficiente causou estas descargas elétricas descontroladas no cérebro, que afetam automaticamente os sistemas motores. (Pausa.) No fundo, não há paz sobre a qual a estabilidade possa ser baseada, daí os distúrbios erráticos constantes e a falta de controlo muscular e motor.

As sessões de hipnose ainda representam a sua melhor oportunidade, se as resistências puderem ser superadas. (Pausa longa.)

Agora. O conceito básico de karma não é punição. O karma oferece a oportunidade de desenvolvimento; de aproveitar oportunidades que não

foram utilizadas, de preencher lacunas de ignorância, de expandir a compreensão através da experiência, de fazer o que deve ser feito.

O livre-arbítrio está sempre envolvido. O propósito é sempre o conhecimento e o desenvolvimento, nunca a punição ou autopunição.

A mulher, numa vida passada, foi um homem (pausa), italiano, numa aldeia nas colinas. Tentaremos fornecer detalhes sobre datas e locais mais tarde.

Perdeu a sua esposa e ficou com uma filha altamente neurótica e completamente incapacitada, a quem cuidou durante muitos anos. O nome da mulher, quando era homem, era Nicolo Vanguardi (a minha interpretação fonética) e o nome da filha era Rosalina. Resentia-se da rapariga e, embora cuidasse dela, não o fazia com bondade.

Queria voltar a casar-se. Ninguém o aceitava por causa da filha. Quando podia, a rapariga desafiava-o. (*Pausa longa.*) Era uma jovem bastante bonita, embora de temperamento instável, incapacitada mas não deformada.

Quando tinha 33 anos, aparentava ser mais jovem do que muitas mulheres que eram obrigadas a trabalhar nos campos. Eles tinham uma quinta muito pequena e pouca ajuda itinerante. Um homem viúvo, sem filhos, de uma aldeia próxima, veio para ajudar na quinta. Apaixonou-se pela filha e, apesar da sua condição, levou-a para a sua aldeia natal.

O pai ficou profundamente amargurado. A filha tinha partido demasiado tarde; ele já era demasiado velho. Ninguém o queria. Agora não tinha ninguém com quem falar e odiava ainda mais a filha, lamentando-se de que ela o tinha abandonado na velhice, depois de ele a ter cuidado durante tantos anos.

Este pai teve uma vida posterior, e uma vida muito bem-sucedida também, em Itália, numa cidade que foi severamente bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial. Nesta vida, era uma mulher com alguma habilidade artística, mãe de dois filhos, um dos quais já tinha estado ligado a ele no passado.

Aqui, a personalidade nasceu apenas a cinquenta milhas de distância, em espaço, da existência anterior; e, como esposa de um proprietário de terras rico, passava frequentemente pelas mesmas terras onde ainda se encontrava a pequena casa com a quinta.

Nesta existência, no entanto, a personalidade escolheu, por sua própria vontade, compreender num contexto diferente e resolver problemas que

tinham sido mal enfrentados na vida anterior. Desta vez, a personalidade é a esposa de John, sendo cuidada, em vez de cuidar; sendo fisicamente dependente. A personalidade não podia nem queria, por medo, tentar compreender as circunstâncias e a posição da filha incapacitada. Nem por um momento conseguia suportar contemplar a realidade interior em termos pessoais.

Desta vez, desempenha esse papel e está completamente imersa nele. Há ligações. *(Pausa longa.)* John foi o homem com quem a filha partiu. *(Pausa.)* Agora. *(Pausa.)* A esposa de John ama-o e, a nível subconsciente, foi levada a ver os pontos positivos da sua personalidade. No passado, ele odiava o homem que levou a filha.

Através da troca de papéis, a Peg agora ganha uma visão mais profunda sobre os fracassos do passado e também ajuda o seu marido atual a tornar-se mais reflexivo e a procurar respostas para perguntas que, de outra forma, não teria feito. Está a contribuir para o desenvolvimento dele e a trabalhar para corrigir falhas muito graves que existiam na sua própria personalidade no passado.

Podem fazer uma pausa. O nome da cidade original é algo como Ventura, no sul de Itália. Um acidente ferroviário importante ocorreu nesta área logo após os anos 1930. A sudeste, embora não estritamente a leste.

(A Jane estava profundamente dissociada e voltou a estar quando retomou como Seth às 9h37.)

Houve muitas razões para que John e a sua esposa se conhecessem e iniciassem o seu relacionamento. Embora situações como a doença da Peggy sejam escolhidas pela entidade, o indivíduo é sempre deixado para resolver a sua própria solução. A recuperação completa, a doença ou a morte precoce, por exemplo, não estão predestinadas pela entidade. A situação geral é criada em resposta a envolvimento internos profundos.

O problema é um desafio estabelecido pela entidade para uma das suas personalidades, mas o resultado é deixado ao critério do indivíduo. Este foi o maior obstáculo, o último grande obstáculo para esta personalidade. Outras vidas tinham sido satisfatórias, mas a personalidade nunca se tinha colocado, no passado, numa posição que não fosse de força.

A própria doença era secundária. Não se escolhe a doença, por si só, como uma situação de vida. Para que a personalidade pudesse ver claramente as suas atividades passadas, sentiu que precisava de adotar desta vez uma posição de dependência.

Deve ser mencionado que, em tais casos, o eu interior, separado do subconsciente mais acessível, tem consciência da situação e encontra uma libertação muito válida (pausa), através de frequentes comunicações internas, onde sucessos passados são recordados e, até certo ponto, revividos. O estado de sonho torna-se um tempo extremamente vívido para essas atividades, e elas não são imaginárias.

Essas experiências, profundamente subjetivas, tranquilizam toda a personalidade sobre a sua verdadeira essência. Ela sabe que é mais do que o eu que escolheu ser temporariamente. Na próxima sessão, aprofundaremos mais essas questões, pois há uma lógica interna que pode não ser imediatamente evidente.

John lembra-se subconscientemente da situação antiga. Isso é parcialmente a causa de alguns dos sentimentos negativos, mas não há culpa em nada disto. Nenhum ser, exceto a própria entidade individual, sabe em que direções se encontram fraquezas que precisam de correção, e a entidade encarrega-se de formar dramas de vida nos quais essas fraquezas podem ser enfrentadas.

A sua esposa escolheu resolver vários problemas desta vez, em vez de os distribuir ao longo de múltiplas vidas. Isso é uma característica dessa entidade — uma impaciência, mas também uma ousadia, porque a situação representava um grande desafio. Todos os pontos fracos foram intensificados, daí a gravidade da condição física.

A entidade preferiu isso a uma série de dificuldades menores. John aceitou isso para aprender paciência e tolerância, para aceitar, por assim dizer, o seu remédio de uma só vez.

Mas ambos se propuseram a aprender compaixão, paciência e tolerância. Escolheram caminhos diferentes devido às suas origens. De uma forma, John tem sido demasiado meticuloso, e noutra, demasiado impetuoso. Estão ambos a aprender um com o outro.

Podem fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferirem.

(“Vamos fazer uma pausa.”)

(A Jane estava novamente muito dissociada. Retomou às 10h10.)

Esta situação permite que a esposa de John condense a experiência necessária numa única vida, explorando profundamente e enfrentando de imediato problemas que, de outra forma, poderiam levar várias existências.

Apenas uma personalidade ousada e corajosa tentaria isto. Espiritualmente, ambas as personalidades irão beneficiar. Esta é a última

reencarnação da esposa de John devido a essa decisão. A personalidade terá então experiências fora das existências terrenas.

A filha original, vejam bem, agora é a mãe da Peg. Ninguém mais daquela vida é conhecido por eles, embora a família original tenha sido numerosa. (Pausa.) Há uma ligação histórica com a aldeia, ou uma área próxima; e não muito longe há um forte, um forte romano, creio eu, a menos de cinquenta milhas da cidade.

Se a entidade global sentir que o problema foi suficientemente resolvido, então encerrará esta situação de vida. Mas há também uma ligação com John, e a personalidade da esposa não partirá até que John também tenha alcançado todos os benefícios da relação que a sua entidade esperava.

Existem ainda outras considerações. Esta é a última reencarnação. A personalidade poderia escolher e tentar uma recuperação parcial. Não há predestinação. Até que a própria personalidade tenha decidido definitivamente terminar uma situação de vida, ninguém mais pode saber.

Quando a decisão for tomada, mesmo a nível subconsciente, então poderemos saber. Neste momento, a resposta é incerta, pois nenhuma decisão definitiva foi tomada. Existem outros problemas pessoais por parte de John que ele deve resolver de qualquer forma. Ele sabe quais são.

Agora, irei encerrar a sessão. Nesta época do ano, dou-vos as bênçãos que me é possível oferecer.

SESSÃO 389

3 DE JANEIRO DE 1968

(Hoje, pelo correio, a Jane recebeu um conjunto de fichas, preparadas como índice pela Blanche Price para as cópias de poemas que a Jane lhe tinha enviado ao longo dos anos para guarda segura. A Blanche morreu no dia 2 de Fevereiro de 1967, e as fichas foram enviadas à Jane pela amiga da Blanche, a Anne Healy; a Anne escreveu também uma carta, que a Jane recebeu a 2 de Janeiro.)

(Antes da sessão desta noite, a Jane questionou se o Seth poderia pô-la em contato com a Blanche de alguma forma, talvez através de uma mesa. A Jane também queria algum sinal claro da parte do Seth quanto à sua presença e identidade, algo que fosse convincente para ela.)

(A Jane começou a falar em transe a um ritmo bastante lento, olhos abertos com frequência.)

“Boa noite.”

(“Boa noite, Seth.”)

“Agora. O nosso amigo Ruburt tinha de chegar a este ponto.

Independentemente do que acredita sobre si mesmo, a sua crença completa em mim só será alcançada de forma intuitiva e emocional.

Esta é a única base para qualquer crença, independentemente das racionalizações. A aceitação intelectual de mim como personalidade de sobrevivência completa seguirá o conhecimento intuitivo. O intelecto nunca, por si só, convencerá as emoções de qualquer facto.

De facto, foram conexões intuitivas e psíquicas que me trouxeram até aqui, e serão conexões intuitivas e psíquicas que farão finalmente o Ruburt aceitar-me de forma total.

Eu criarei as circunstâncias, com a ajuda intuitiva dele.”

(Uma longa pausa, bem mais de um minuto; olhos fechados.)

“As cópias dos poemas estavam numa sala predominantemente azul, azul claro, e rosa.” *(Pausa.)* “Os armários de arquivo estavam debaixo de outra peça de mobiliário, ou de uma tábua superior de algum tipo.” *(Pausa.)* “Havia alguma dúvida sobre o que aconteceria às cartas do Ruburt, e de outros. As cartas ainda estão num cofre, e não foram destruídas, mas a Anne Healy não as tem. Foram esquecidas.” *(Longa pausa.)*

“Foi numa tarde de sábado de um 2 de Novembro ou Dezembro *(pausa)* que a Blanche Price lamenta profundamente. Algo que incomodou

a Anne Healy. Agora, ou a data, o ano, foi 1938, ou o motivo das ações da Blanche nesse dia remonta a 1938.

Ela disse coisas, nessa altura, que feriram a Miss Healy, e a mensagem dela é que lamenta profundamente essas palavras, especialmente agora.” (Pausa.) “Acredito que o incidente ocorreu perto da hora de jantar, numa sala de jantar ou restaurante. Um homem, indireta ou diretamente, provocou a discussão. Ou o homem era o pai da Blanche, ou estava relacionado com ela em vez de com a Anne, independentemente da relação. Ele pode ter estado presente ou não, mas foi a causa da discussão.”

(Pausa.) “Não foi em Saratoga. A Blanche estava zangada e vingativa, e também expressou, literalmente, arrependimento. Sentiu que o incidente perturbou a Miss Healy ao longo dos anos.

Agora, o incidente ocorreu ou na sala de jantar da Miss Healy, aquela que o Ruburt conhece, ou numa sala muito semelhante, na cor, marcas e época. Ninguém soube da discussão exceto as duas mulheres, e nenhuma delas contou a alguém.” (Longa pausa.) “O comentário feito pela Blanche tinha a ver com a morte — algo do género, cito: ‘quando eu morrer vais arrepender-te’. (Pausa.) A palavra ‘liberdade’ foi dita ou subentendida; a morte daria a uma ou outra, então, liberdade de uma situação.”

“Podem fazer uma pausa.”

(21h32. *A Jane estava ‘fora de si’ como habitual mas lembrava-se da maior parte do material. Enquanto transmitia os dados teve uma imagem, não clara, da sala de jantar em Baltimore onde ela e um acompanhante comeram em 1951 ou 1952. Nem a Blanche nem a Anne viviam em Baltimore em 1938. A Jane tinha consciência disto enquanto dava os dados, mas não tentou bloquear o Seth. A Jane conheceu a Blanche em 1948 em Saratoga Springs, e não sabe se a Blanche e a Anne se conheciam em 1938. A Blanche nunca disse, e a Jane não perguntou. A Jane não sabe nada sobre qualquer discussão entre a Blanche e a Anne. Nem tem a certeza de como poderia verificar material pessoal deste tipo. Contudo, a Jane viveu em Baltimore durante quase um ano e jantou várias vezes em casa da Anne, em 1951-52. A Blanche não vivia em Baltimore nessa altura mas visitava com alguma frequência.*)

(A Jane retomou num ritmo mais rápido e mais ativo às 21h45.)

“Bem. O Ruburt quer ver-me. Quer sentir-me, e acreditar que existo exatamente nos termos que lhe disse.

Antes disto, não se atrevia a abanar o barco, segundo o seu modo de pensar. Não acreditava em mim como personalidade de sobrevivência com força suficiente para me pedir sequer que tentasse convencê-lo.

Estou a falar agora do Ruburt egoísta, compreendam. Agora o desejo dele trará resultados. Antes, nenhum resultado teria sido aceite por ele. O desejo dele também servirá como impulso. Antes não tínhamos isso com que trabalhar. A personalidade está de facto a preparar-se para entrar completamente e de forma total nesta aventura. Não pode ser de outra forma.

Ele tem lutado contra o seu próprio conhecimento intuitivo. Esta é uma das principais razões pelas quais não publicou um livro significativo mais cedo. Tinha a capacidade, energias criativas muito fortes, mas não tinha a ideia ou o princípio para o unir como personalidade e focar as energias dele. Isso foi-lhe dado, embora tenha exigido trabalho da parte dele.

O tempo tinha de chegar, para a aceitação total. Antes ele não o desejava. Agora que deseja, poderemos concretizá-lo. Eu sempre fui tão longe nesta direção quanto o Ruburt me permitiu, pois tive a saúde e o bem-estar dele em consideração.

Agora, para benefício de todos, ele está disposto a permitir-me ir mais longe.” (*Longa pausa.*)

“Temos estado afastados do nosso material teórico há algum tempo. Por isso, juntamente com várias demonstrações, daremos mais disto, e virá naturalmente à medida que vos explicar os desenvolvimentos que continuam.

O Ruburt aprendeu um controlo considerável sobre o seu corpo físico, quase sem se aperceber disso, como resultado das suas dificuldades. O controlo servir-nos-á bem, e permitirá ao eu espontâneo mais liberdade nas sessões.

Esperamos agora retomar normalmente as nossas duas sessões por semana. Uma sessão poderá envolver o que o Ruburt tiver em mente. A outra estará agora definitivamente ligada ao material teórico.” (*Pausa.*)
“Farei as sugestões que considerar úteis à medida que avançarmos.

Podem fazer uma pausa.” (22h00–22h10)

“As sessões alternadas devem então realizar-se nessa zona (*a Jane, com os olhos abertos, apontou para a nossa mesa junto às janelas*) da sala,

junto à mesa grande. Uma vela próxima, protegida da corrente de ar, para a primeira sessão desse tipo.

Será dado tempo para as vossas notas. Estas são instruções suficientes para começarem.

Tens alguma pergunta, Joseph?”

(*“Queres dizer algo sobre a carta do John Pitre?”*)

(*Depois de enviar ao J.P. uma cópia da última sessão, a 388.^a, de 20 de Dezembro, recebemos recentemente uma carta muito satisfeita dele.*

Referiu que a mulher parecia melhor, que ele próprio compreendia mais agora, e que tinha algumas perguntas não formuladas para o Seth.)

“Não esta noite. Na nossa próxima sessão falarei disso.

Sugiro então que terminemos, e deixemos o nosso amigo acalmar-se.

Ele ficou nervoso devido ao peso desta sessão, mas isso passará rapidamente. Ele ficará tão familiarizado comigo quanto desejar, antes de acabarmos, e poderão surgir indicações antes da nossa próxima sessão. Durante as horas da noite.

Os meus mais calorosos votos, e ver-nos-emos em breve, em boas condições. Neste caso, o Ruburt ver-me-á também. Então, com a sua total cooperação, poderemos realmente começar o nosso trabalho.”

(*“Boa noite, Seth.”*)

(*22h16. A Jane concordou que, de repente, ficou bastante nervosa ao aperceber-se do peso do acordo do Seth em dar-lhe sinais claros da sua presença.*)

SESSÃO 390

8 DE JANEIRO DE 1968

(Esta sessão é um resumo dos acontecimentos, a partir de notas feitas logo a seguir. Tal como o Seth mencionou na última sessão, a Jane decidiu esta noite tentar contactar uma personalidade sobrevivente, como um médium faria normalmente para observadores ou familiares interessados.)

(Numa atmosfera de pouca luz sentámo-nos à mesa da sala de estar, junto às janelas. A Jane pediu ao Seth sinais da sua presença; o Seth tinha falado em dar tais sinais, em breve, na última sessão. A sessão começou por volta das 21h00 e durou até à hora habitual das 22h30. A Jane falou ao Seth em voz baixa durante algum tempo, mas não se obteve qualquer resultado; nada fora do normal foi notado por nenhum de nós. A Jane então sugeriu que eu falasse com o Seth, já que estava habituado a fazê-lo; a sua esperança era que, entrando em transe por si mesma, pudesse contactar uma personalidade sobrevivente — nomeadamente, a Blanche Price.)

(A Blanche morreu em Fevereiro passado, e a Jane tinha muitas ligações emocionais com ela de anos anteriores; além disso, a Jane tinha recebido recentemente correspondência da amiga mais próxima da Blanche, a Anne Healy, em Baltimore. A carta da Anne estava sobre a mesa à nossa frente naquela noite, com um maço de fichas relacionadas com a poesia da Jane, que a Blanche tinha guardado em arquivo em Baltimore.)

(Acredito que a Jane preparou o terreno para os acontecimentos que se seguiram, ao falar em voz alta por si mesma, e que quando comecei a falar as coisas já estavam em andamento, mesmo que não fossem óbvias. A Jane e eu queríamos a ajuda do Seth para contactar a Blanche, mas sem o Seth falar diretamente, pois achámos que isso tornaria a sessão demasiado parecida com as sessões habituais. A Jane pediu repetidamente ajuda ao Seth, e eu comecei por fazer o mesmo.)

(Pedi à Jane, que disse não sentir qualquer consciência do Seth por perto, que tentasse contactar a Blanche através do sentir, se possível, em vez de meras palavras. Por meio de sensações, ou experiências de emoções pertinentes, em vez de um pensamento rígido orientado pelo ego. As sugestões pareceram boas. Pouco depois de eu começar a falar, a Jane começou a acenar com a cabeça repetidamente, de forma suave. Os olhos dela estavam fechados, e assim ficaram quando o transe começou a

manifestar-se. Falei com o Seth, pedindo ajuda e proteção, e que ajudasse a Jane a alcançar a Blanche.)

(A Jane começou a respirar mais profundamente. A cabeça continuava a balançar de um lado para o outro. Senti que o facto de eu falar, de forma constante mas não apressada, deu à Jane liberdade e confiança para ir mais longe do que talvez fosse capaz sozinha, e ela confirmou isso mais tarde. Agora a mão esquerda da Jane começou a mover-se; levantou-se e batia levemente na mão direita dela, sobre a mesa, repetidamente. Pensei que isto significava que a Jane tinha estabelecido algum tipo de contato ou sentimento com a Blanche, ou com a ideia da Blanche, e ela confirmou isso mais tarde. A respiração dela estava agora mais pesada, e começou a parar de acenar tanto com a cabeça.)

(A cabeça da Jane não ficou parada, contudo; começou a tombar para o lado por vezes; depois ela endireitava-a novamente, enquanto parecia fazer esforço para falar. Disse que os movimentos da mão esquerda eram estranhos para ela, e sentiu-se subjetivamente “como uma mão morta”. Como se fosse quase necessário para a Blanche passar de novo pela experiência de estar doente para conseguir contactar através da Jane, e até se aproximar da experiência da morte em si. Em momento algum, disse a Jane, “viu” a Blanche, ou se sentiu desencarnada, mas sentiu, ao mesmo tempo, que o contato tinha sido feito. Se houve alguma espécie de representação, disse depois, foi num nível completamente subconsciente, onde não teria qualquer consciência egotista de tal coisa.)

(A sessão, disse a Jane, roçou muitas vezes o desagradável, como se a Blanche tivesse de reviver primeiro as suas últimas memórias para poder estabelecer contato, e perguntámo-nos se uma personalidade sobrevivente iria querer fazer isto com frequência. À medida que continuei a falar, tentando ajudar a Jane a ter uma sensação emocional de contato sem ser engolida por qualquer emoção forte ou desagradável que a Blanche pudesse estar a reviver, a Jane começou a soluçar de forma contida. Pensei que isto reforçava o facto do contato, mas, ao mesmo tempo, tranquilizei a Jane, chamando-lhe pelo nome, dizendo-lhe que podia fazê-lo muito bem, e que o Seth e eu estávamos com ela como protetores.)

(A Jane disse depois que isto funcionou bem, e evidentemente ajudou-a a ultrapassar vários momentos difíceis — a sensação ou vontade de chorar passou ao fim de alguns instantes. A Jane parecia agora estar num transe mais profundo e começou a tentar falar. A voz estava bastante baixa

e eu pedia-lhe muitas vezes para repetir. Primeiro murmurava ou articulava o que queria dizer, depois, com esforço notório, conseguia finalmente fazer passar dados audíveis e compreensíveis com o meu encorajamento. “Isto é a Blanche” foi uma das primeiras coisas que disse, depois de eu, deliberadamente, a ter chamado de Jane para a tranquilizar, enquanto pensava que ela provavelmente tinha feito contato com a Blanche e estava, de algum modo, desagradavelmente envolvida num episódio de quarto de doente.)

(Depois da sessão, a Jane e eu registámos juntos o que achámos que ela tinha dito; à medida que falávamos, a Jane lembrava-se de mais coisas. As palavras seguintes são o essencial, sem necessariamente estarem na ordem exata. Praticamente tudo isto foi transmitido depois de várias tentativas da Jane para falar com clareza suficiente para eu ouvir; e grande parte foi dita com a cabeça inclinada para a direita, em direção ao ombro, como se estivesse extremamente relaxada e em transe profundo.)

“Daqui fala a Blanche... eu sou a Blanche... França... De Beauvoir... Thomas Simmons... E Charles. Verão... 1962... tia da Anne numa festa... A Anne tinha uma irmã, morreu muito jovem... um baptismo... um terço... Blanche Adele... a Anne vestia azul e um bilhete...”

(A Jane disse mais tarde que achava que tinha dito mais, mas não acreditamos que tenha ficado muito por recordar. Não sabemos se isto pode ser confirmado. O transe dela, disse, foi bastante diferente do transe habitual do Seth, e por algumas vezes, especialmente durante a tentativa de choro, sentiu que poderia estar a aproximar-se de uma experiência desagradável, como já aconteceu algumas vezes no passado. Mais uma vez, a Jane sentiu que, ao fazer contato, a Blanche tinha de reviver as últimas e, portanto, desagradáveis etapas da sua vida física. Depois da sessão perguntámo-nos que papel poderia ter tido o conhecimento da Jane sobre as circunstâncias dos últimos dias da Blanche.)

(Em nenhum momento a Jane teve consciência do Seth como personalidade, e nenhum de nós viu quaisquer sinais dele. Uma das minhas preocupações, quando a Jane me pediu para falar com o Seth no início da sessão, foi se o meu falar iria desencadear uma sessão normal com o Seth, mas isso não aconteceu; e o método deu-nos confiança para experiências semelhantes no futuro. A Jane disse que eu falar tinha sido uma grande ajuda para ela, e serviu como dispositivo de proteção. A minha ideia era que a Jane fizesse contato emocional ou sensitivo com a Blanche, sem que

quaisquer emoções que encontrasse se tornassem demasiado intrusivas e interferissem com os dados que pudéssemos obter.)

(Também parece que o método que usamos será bom para simplesmente pôr a Jane num estado de transe; estado esse que poderá ser usado para qualquer propósito que tenhamos em mente no momento, oferecendo uma estrutura de proteção, etc.)

SESSÃO 391

13 DE JANEIRO DE 1968

(Notas sobre a primeira sessão em que a Jane tentou deliberadamente contactar uma personalidade sobrevivente para outra pessoa. Presentes no nosso apartamento estavam a Jane, eu e a Jerry Kramerick, de Elmira.)

(A Jerry tinha enviado recentemente algumas roupas do pai idoso dela para serem limpas. Nessa tarde, quando as roupas foram devolvidas, a Jerry encontrou um bilhete preso a uma peça de roupa, encontrado num bolso pelos empregados da lavandaria. Isto intrigou a Jerry, já que tinha revistado minuciosamente as roupas antes de as enviar. Perguntou se a Jane poderia captar alguma impressão do bilhete.)

(O bilhete era da Billie, a madrasta da Jerry, que tinha morrido em 1965. Nem a Jerry nem o pai dela tinham visto o bilhete antes, e isso teve um forte efeito emocional em ambos. Outra dúvida era o facto de, durante algum tempo antes de morrer, a Billie não poder escrever, e a Jerry estava curiosa para saber quando o bilhete tinha sido escrito.)

(A Billie foi a terceira esposa do pai da Jerry, e ela própria já tinha sido casada antes. A Jerry acrescentou muitas notas em itálico depois de eu ter datilografado a sessão.)

(De improviso, a Jane concordou em ver o que conseguia captar por si mesma, sem o Seth. Alertou a Jerry de que o esforço seria estritamente experimental da parte dela, e que os resultados podiam ser bons, maus ou indiferentes. A Jane sentou-se à mesa da sala, com a Jerry em frente; eu sentei-me perto a tomar notas. O que se segue não é palavra por palavra, já que a Jane falou bastante depressa por vezes, mas é aproximado, e o significado correto do que a Jane disse está sempre presente. Muitas partes do registo são, no entanto, exatas.)

(A Jane pôs-se num leve estado de transe enquanto estava sentada à mesa. Quase sempre com os olhos fechados, senão sempre. A postura dela

foi ativa, e mais será dito sobre isso ao longo das notas. Letra normal mostra as palavras da Jane em transe.)

Capto um nome curto, acaba em A. Uma cidade — Ithaca?

(Hilda? A irmã cuidou dela na doença.)

Acho que não. Uma ligação com Schenectady. Um 1932.

(A Jerry não sabia. Verificou depois com a tia.) Talvez casamento. (Casada pela primeira vez.)

Nove. Poderá ser nove filhos? ... Voltaremos a isto mais tarde, não tenho a certeza. Tenho a sensação de que tudo isto é preliminar, que leva a outra coisa.”

(A Jane tinha pousado uma mão sobre o bilhete da Billie. Agora segurou-o no ar. Disse-nos depois que teve vontade de o amachucar.)

Isto foi escrito em 1964.

(Possível. Não podia escrever aproximadamente dois meses antes de morrer.)

Uma ligação da Billie com maçãs. Vejo uma sala de visitas, com uma mesa com um candeeiro antigo de missangas, com um globo, em cima da mesa. Com um cachecol de cor profunda, com franjas.

(Colecionava antiguidades, casa cheia de coisas antigas.)

(Enquanto transmitia grande parte destes dados, a Jane não falava de forma tão fluida como as notas possam indicar. A voz do Seth não se manifestou de todo, nem estávamos conscientes da sua presença. A forma de falar da Jane foi bastante habitual, com pausas, hesitações, repetições, etc., como é normal nela.)

(Na maior parte do tempo era a própria Jane a transmitir os dados; mas em algumas ocasiões aconteceu algo mais, como se explica a seguir.)

Bem. Este bilhete estava num armário... Num bolso interior (*pausa*), um bolso alto como um bolso do peito, em vez de em baixo. Não sei muito sobre roupa (*de homem*). Escrito no mês de Novembro (*isso pode ser*), pouco antes ou depois de um exame médico.

(Estava a fazer muitos exames nesse Novembro.)

Ligação com iniciais M S, e uma viagem longa de carro. O pai foi com a Billie numa viagem longa de carro. Quer dizer, não muito longa, mas talvez 20 milhas.

(Orlando, FL, viagem de cerca de 20 milhas, muitas vezes para o hospital.)

Ele usou o casaco nesse dia e o bilhete estava no casaco, e ela pô-lo lá e ele não sabia que estava lá.

(Falado rapidamente.)

SACS... não sei o que isto quer dizer... Iniciais ou outra coisa qualquer. *(Pausa.)* Acho que a Billie não está satisfeita com certos arranjos para dormir relacionados com o pai... Algo a ver com um quarto nas traseiras, no segundo andar.

(Ele dorme agora no quarto de trás, no segundo andar. Ela nunca viu a casa. Mudaram-se depois da morte da Billie.)

Ela acha que ele devia dormir em baixo.

Bem. Alguma ligação com uma varanda aqui *(não sei se a Jerry tem uma)*; rés-do-chão — algum quarto junto de uma varanda, ou junto da entrada de carros, onde ela acha que ele devia dormir.

(Arrancaram a varanda frontal desta casa — ficou uma varanda simples. Não há quarto. [Sala de estar/sala de TV ao lado disso.])

Este quarto parece ser menos fechado do que o planeado... e fará com que ele se sinta menos preso. Se ele andar pela casa à noite e estiver inquieto, terá mais liberdade sem incomodar os outros...

(Longa pausa, olhos fechados.) “Preciso de um momento aqui...”
(Pausa.)

Acho que a Billie está muito próxima agora. Há algo sobre um... parece-me sentir a Billie, nesta altura, a usar um vestido de cor escura, não preto, que a Jerry possa recordar, de cor violeta ou púrpura. Algum tipo de tecido de veludo... Um material macio ao toque. Parece veludo. Em tempos teve uma gola branca que podia ser destacada.

(Pausa. A Jerry não se lembra. Ela era muito vaidosa. A voz da Jane tornou-se agora bastante animada, sem aumentar de volume.)

Ela diz que sabia, percebes, quando escreveu isto, mas não foi coincidência que fosse encontrado agora. Além disso, parece ter uma voz rápida... pelo menos agora parece ter uma voz rápida e entrecortada.

(Sim. Descrição exata da voz.)

Ela diz, e isto é a minha impressão: ‘isso não é mentira’, como se fosse uma expressão dela. E que ela e a Jerry têm coragem e fibra. Tipo ‘isso não é mentira’, faz parte do modo de falar dela.

(Expressões típicas dela — e palavras.)

Não faço ideia do que isto quer dizer. Algo sobre as nove horas. Não sei se nove horas todas as noites, ou se era um hábito, de tal forma que

havia uma expressão, que dizia algo como ‘nove horas é...’ Ainda não tenho a palavra... ‘hora’. Pode ser ‘hora de ponta’. Relacionado com uma bebida, e com o pai da Jerry.

(Pausa. A Jane usava muitos gestos descritivos enquanto falava.)

Ela usava um broche com esse vestido. Dourado. Uma parte saía para fora como asas, embora não fossem asas. Mais ou menos com forma de avião.

Parece haver um Tony com ela agora.

(Pausa. ? Talvez uma criança perdida se chamasse Tony. A Jerry e a tia ouviram falar de um Tony.)

A Jerry esforçou-se demasiado, conscientemente, o que tornou qualquer contato difícil.

A canção, ‘Little Brown Jug, you and me...’ *(Ela gostava desta.)* 1936 *(acidente grave e perdeu uma criança)*, e parece estar ligada a uma operação ao apêndice.

(Fez operação ao apêndice. Longa pausa, olhos fechados.)

Robbie, vou fazer uma pausa, antes de ver o que mais... Pelo menos, acho que sim. Melhor anotar Savino ou Salvatore (?)... Não faço ideia...

(15h25. A voz da Jane foi-se apagando e ela saiu lentamente do transe. A Jerry e eu não dissemos nada enquanto a Jane falava. Agora a Jerry disse que grande parte do material fazia sentido para ela. Assim que disse isto, a Jane pediu-lhe para não dizer mais nada por agora, e eu concordei.)

(Os olhos da Jane permaneceram fechados, tanto quanto pude ver. O ritmo dela foi rápido por vezes, com pausas normais como numa sessão regular. Sentou-se em silêncio por vários momentos a partir das 15h30, depois retomou em transe.)

Acabei de captar algo sobre a Jerry — não faças qualquer coisa, ligado com neve. Esta é a minha interpretação: Não tirar a neve? Estou só a adivinhar. Leva-me algum tempo a voltar a isto.

(A Jerry partiu a perna a cair na neve. A Billie ficou incomodada.)

O nome Polly?

(Longa pausa, olhos fechados.)

Ela tentou passar através de uma espécie de visão para a Jerry uma noite — isto não foi um sonho da Jerry — há dois meses.” *(Sim. A Jerry sentiu que ela estava lá, mesmo atrás dela.)*

Parece haver outra Jerry.” (Sim, tia da Jerry. Irmã da mãe biológica.)
Parece que está a dizer algo como ‘endireita-te, por amor de Deus —

(Nisto, a Jane bateu com o punho esquerdo na mesa com tanta força que as chávenas, pires e outros objetos saltaram violentamente. O gesto foi tão rápido e violento que eu também sobressaltei. Preocupei-me de imediato que a Jane se magoasse fisicamente na mão, tal era a força dos golpes, agora vários em sucessão. Foi aqui que a Jane era outra pessoa, pelo menos por instantes; a Jerry disse depois que teve a mesma sensação, e que os gestos, voz e maneira de ser da Jane, incluindo os abanões de cabeça e a linguagem, eram os da Billie.)

(Mesmo em transe a Jane sentiu os efeitos destes golpes, pois, enquanto continuava a falar, esfregava a mão esquerda. Falei com ela de forma bastante firme, e teria interrompido a sessão se a violência física continuasse. Isto parou, mas agora a Jane estava “lançada”, claramente envolvida no papel por breves momentos, pois gritava num ritmo rápido e furioso, abanando a cabeça violentamente, olhos fechados. Não consegui registar tudo no papel, mas apanhei o essencial e as frases-chave. Houve muitos palavrões, e o facto de a Jane parar na maioria deles, deixando-os subentendidos em vez de ditos, tranquilizou-me por perceber que ela estava a tentar controlar-se.)

Vejo-a a bater na mesa e a dizer ‘porra’ — está a ter uma discussão com o pai, está a praguejar e a ser expulsa... e há miúdos por perto. Magoa o pé. Eles discutem e batem um no outro e ela está a chamar-lhe nomes. Ele não vale nada (*palavrões omitidos*)... e qualquer coisa sobre um cheque e um emprego e outra mulher... E ela diz — estou a tentar, Robbie, separar-me disto — e ela diz ‘por Deus, não vou aceitar isto.

(A primeira intensidade da explosão da Jane está agora um pouco mais controlada.)

(Ele andava metido noutras, a Jerry descobriu isso há pouco tempo — descobriu mesmo; eles discutiam.)

Penso num nome com um M (*Harold Malin — ela chamava-lhe Malin — disse-o rapidamente*), e está a gritar com ele, que ele é um miserável... truque sujo, e estou a tentar cortar os palavrões.

Agora é mais tarde e ele está simplesmente sentado ali e está a beber e eles estão na cozinha e ela atirou qualquer coisa — e ela diz agora que preferia que ele fosse realmente cheio de vida outra vez, como era... Em vez de um velho...

(Por vezes a voz da Jane tinha um tom de choro ou emoção profunda)

Seria melhor se ele estivesse mesmo zangado do que triste. Há qualquer coisa sobre flores de papel. Ela acha o mundo dele mas eles discutiam.

(Verdade. A Jerry disse que a Jane abanava a cabeça aqui outra vez, parecia estar a tentar explicar a atitude da Billie para com o pai da Jerry. O ritmo era tão rápido que não consegui anotar tudo palavra por palavra. O sentido dos dados aqui era que a Billie parecia mais preocupada em fazermos perceber a sua verdadeira atitude em relação ao pai da Jerry.)

...mas isso não tinha um maldito nada a ver com isso... Ela ainda se importava com ele. Ela perseguiu-o pela casa toda uma noite. E ainda está cheia de vida e ele também devia estar. E ela observa-o, e tenta empurrá-lo como fazia antes.

(Ela fazia isso, mandava na casa.)

Ela quer que ele se levante e faça qualquer coisa em vez de ficar só ali sentado. Está a rir como se tivesse uma piada boa...

(A Jane também encenava o diálogo hilariante, de uma forma que não era a sua habitual.)

Ela diz ‘estou morta. Do que é que estás a berrar?’ Ela diz que está aqui... E quer que ele se levante e se comporte como um homem.

(A voz da Jane subiu novamente de tom de forma divertida.)

Uma confusão. És uma grande confusão, porra. Ela anda por aí e diz que está mais viva do que ele neste momento. Tenho a impressão de um grande objeto redondo... não sei o que é, e de uma canção favorita dela. Acho que tem a ver com violetas. Rosas e violetas, não sei bem.

Ela diz que está feliz por já não estar doente, e que mudou, mas que não mudou assim tanto. Há aqui qualquer coisa sobre ela gostar das colheitas... colheitas... não tenho a certeza...” *(Sempre fez jardinagem — até tinha estufa.)*

Algo sobre a Linda (filha da Jerry — Lorinda, agora com 5 anos) que a Linda é uma doida varrida (*sim, é mesmo.*) Não quero respostas: a Linda tem 6? A conta dos móveis. Qualquer coisa sobre estar a chegar. Parece ser importante... Uma conta... Ou por pagar na casa da Jerry, ou algo da Billie no passado que o pai da Jerry não pagou, ou algo que não foi pago. Penso que é na casa da Jerry, mas não tenho a certeza.

(Ele tem contas e acabou de contrair outro empréstimo — a Jerry está infeliz com isto.)

Ela quer que ele volte a ser como era. (*Pausa, cabeça baixa.*) Parece-me ver uma ligação distante com o Wisconsin? (*Vai perguntar à tia*) da parte da Billie, acho eu... Um aniversário de casamento e um fio de contas. (*Usava muitas contas.*) Ela estava a tentar passar através da Jerry para chegar ao pai, porque queria que ele soubesse que estava com ele tanto como sempre, e depois ri-se e diz que provavelmente até mais.

Agora sinto, Robbie, tenho mais mas vou fazer uma pausa... Acho que há algo sobre o Vermont.” (*Viagem ao Vermont há dez anos, para o funeral de uma grande amiga da Billie — muito emotivo para ela.*)

(15h50. Este revelou-se o fim da sessão. A Jerry disse agora que a maior parte dos dados estava correta, exceto que, como nasceu em 1937, não tinha certeza quanto às datas de 1936 e 1932, mas iria tentar verificar. A Jerry concordou em rever uma cópia deste material e apontar onde achasse que os dados da Jane se aplicavam.)

(A Jerry disse que os dados reflectiam muito bem a disposição fogaosa e temperamental da Billie, e que as expressões citadas pela Jane, como “coragem e fibra”, eram exatamente as que a Billie usava. A Billie praguejava muito e falava muito depressa, como se nota nos dados. Era dominante sobre o pai dela, disse a Jerry; era muito insistente e não recuava numa discussão.)

(A Jerry disse que, emocionalmente, a Jane comportou-se muito como a Billie, que houve bom contato aqui, e que na cena da discussão pensou mesmo que a Jane era a Billie. A Billie morreu aos 47 anos. A Jane esfregava a anca direita enquanto falava, e a Jerry disse que a Billie tinha uma anca má na mesma zona, e também a esfregava como a Jane fez.)

(A Jerry disse que não via como a Billie poderia ter escrito o bilhete quando a Jane disse — em Novembro de 1964 — já que a Billie morreu em 1965 [apenas dois meses depois do início do ano] e já não conseguia escrever há algum tempo antes de morrer. Mas, enquanto falávamos, a Jane disse que a Billie “ainda estava ali” e que insistia agora que essa era a altura certa quanto à escrita do bilhete.)

(A Billie foi a terceira esposa do pai da Jerry, e ela própria já tinha sido casada antes. Apanhou o pai “a andar a saltar a cerca”, disse a Jerry, e fez um escarcéu. A Jerry lembrou-se de que, em ligação com o dado do Tony, o nome do primeiro marido da Billie era Anthony. A Jerry disse que, tanto quanto sabia, o Anthony não estava morto, mas que iria verificar; talvez tenha falecido.)

(Enquanto conversávamos, a Jane dizia que a Billie ainda estava connosco, e que poderia ter retomado a comunicação a qualquer momento. A Jerry confirmou outros dados que eu não registei, incluindo os nomes Vermont e Wisconsin. Aproximava-se a hora do jantar, e por isso a sessão experimental terminou.)

(A Jane disse que a experiência anterior foi uma grande ajuda para a orientar nos momentos emocionalmente mais pesados, como a cena da discussão — que “atravessou” tudo isso bastante bem e não ficou alarmada. Revisitaram a sessão juntas no dia 16 de Janeiro.)

SESSÃO 392

22 DE JANEIRO DE 1968

(O John Bradley assistiu à sessão. Começou tarde porque o John chegou pouco antes das 21h00, e estivemos à conversa primeiro.)

(A Jane começou a falar com uma voz mais forte que o habitual, abrindo os olhos de vez em quando. Pausas como de costume.)

“Boa noite.”

([John e eu:] “Boa noite, Seth.”)

“Boa noite, de facto, ao nosso amigo. Agora, dêem-me um momento, por favor.

Em primeiro lugar, o episódio com a mulher, a Billie, foi perfeitamente legítimo. Eu estive presente, como supervisor, e o Ruburt portou-se bem. As capacidades dele aqui irão melhorar à medida que a fé nelas melhorar.”

(Ver a sessão anterior.)

“Também deverão ocorrer alguns novos desenvolvimentos nas nossas sessões, à medida que o nosso médium relutante finalmente chegar a acordo comigo.” (Sorriso, olhos abertos.) “Sou, tens de admitir Joseph, um homem muito paciente.”

(“Sim.”)

“Tinha algumas observações pertinentes para fazer esta noite, e como o Philip (nome da entidade Seth para o John Bradley) é de facto um amigo, sinto-me à vontade para as fazer, embora sejam de natureza algo pessoal, dirigidas a ti e ao nosso médium relutante.

Agora. (Pausa.) O Ruburt só agora começou a dar aqueles passos necessários que conduzem a um compromisso total. A personalidade dele

está estruturada de tal forma que não pode dedicar tempo, sem conflito, a qualquer assunto ao qual não esteja totalmente comprometido, ou a qualquer questão sobre a qual tenha sérias dúvidas.

Agora certamente, para o nosso amigo Philip, o Ruburt deve ter parecido comprometido o suficiente com as nossas empreitadas. No entanto, não tem estado totalmente comprometido, e como sabes, não me aceitou de coração aberto na minha augusta presença.” (*Sorriso.*)

“Finalmente, no entanto, ele foi levado a uma aceitação maior. As suas dúvidas retiveram a qualidade geral do nosso material, pois não me foi permitido muitas vezes vir através dele de forma completa o suficiente.

Isto nem sempre foi assim, mas em demasiadas ocasiões o meu intelecto foi retido pela teimosia do ego dele. As próprias capacidades dele não cresceram, por isso, à velocidade que era possível. Como sabes, parte deste conflito manifestou-se com uma simplicidade bela e assustadora através de sintomas físicos.

Estes estão em processo de desaparecer, mas a sua natureza persistente expressou, de facto, as suas dúvidas persistentes. Ultimamente libertou-se disto, em parte. Deu passos definidos, fez gestos positivos que não teria feito no passado.

Vamos pôr isto de forma clara: o ego dele, de facto, desconfiou do seu eu intuitivo, e teve ciúmes dele. No entanto, tem havido uma expansão espiritual que é responsável por estes avanços recentes, e a dificuldade tardia em dormir foi resultado de um surto, uma última luta, por parte do ego; uma ofensiva algo fraca.

A questão da sessão espírita (*última sessão*) assustou o ego, em certa medida. Enquanto personalidade total agora, o Ruburt descobriu-se a operar na sua eficiência máxima em vários acontecimentos recentes, quando o ego e o eu intuitivo trabalharam em harmonia. Isto é uma promessa do que ele pode esperar com regularidade crescente.

Quis dar-te esta informação agora. Podes fazer uma pausa, e depois passaremos a outro material; e não ignorarei assim a presença do nosso amigo.”

(*[John, a rir:] “Parece que estou tramado.”*
[“Duvido.”])

“Nunca te causarei qualquer dificuldade. Qualquer dificuldade será sempre da tua própria autoria. Agora, dêem-nos um momento.” (*Pausa, voz*

muito mais suave.) “Isto aplica-se ao nosso amigo Philip. São impressões.”
(*Longa pausa.*)

“Estamos agora a lidar com um período mais abrangente. Vou dar as impressões à medida que chegam. Creio que se referem ao passado. G A R. 1947 — um acontecimento espetacular, ou um acontecimento que o afetou profundamente.” (*Pausa.*)

“Desligado disso, duas mulheres, uma mais velha do que a outra, creio que relacionadas, talvez mas não necessariamente irmãs. Uma com cabelo castanho. Ligação com Mary, ou a inicial M.” (*Pausa.*) “Vou tentar designar usando a palavra ‘agora’ para separar as impressões.

1938, uma doença, creio que levando a uma estadia no hospital, ou uma operação ou pensamentos de uma.

Agora. Uma ligação com um jovem que jogava futebol. Agora ou há uma ligação com o Ohio com ele, ou o nome dele começava por O, e era curto. Outra mulher além da esposa dele, com um nome muito semelhante ao dela, esta ligação com a jovem Mary ainda a surgir.

Agora. Uma ligação com o Mississippi. Um professor, isto separado outra vez, que particularmente tinha o respeito ou a atenção do Philip. Magro, usava óculos. F O B ligado a ele, e uma ligação com economia ou matemática.” (*Pausa.*) “Dois filhos.”

“1961. Um acontecimento de que o Philip não te contou, que o envolveu, ou poderia tê-lo envolvido numa mudança de consequência importante. Uma rutura, uma decisão tomada por ele, que foi, no geral, benéfica. Pode ter envolvido uma mulher.

Também uma questão legal, separada, relacionada com um homem, talvez um parente. Isto pode ter sido da parte do parente, um cunhado ou algo do género, numa ação em tribunal, creio que por volta da mesma altura.

Agora podem fazer uma pausa e depois continuaremos.”

(22h47. O John disse que nada nas impressões significava nada para ele; não via qualquer ligação — tanto assim que, enquanto o Seth dava as impressões, o John questionava-se se seriam mesmo dirigidas a ele. Como os dados eram notavelmente consistentes no facto de nada se aplicar ao John, a Jane e eu começámos a questionar se não estariam deslocados de outra pessoa.)

(A voz da Jane tinha sido contida ao dar os dados. Quando retomou, estava mais forte, às 22h58.)

“Agora. Pedimos desculpa...”

(A informação dada aplica-se ao ministro que o Ruburt conheceu ontem à noite — todo o conteúdo tal como foi dado.)

(Ontem à noite, a Jane tinha falado sobre parapsicologia a um grupo de 18 membros de uma congregação metodista. Entre eles estava o ministro da congregação, que impressionou muito a Jane.)

“O erro relativo ao nome Philip — o ministro, em certa altura da vida, foi chamado Phil. A circunstância perturbadora mencionada — a decisão — representa a base do conflito que perpetua muitos dos seus sintomas físicos. Este material foi recebido ontem à noite e deslocado para a sessão desta noite. Poderia ter sido entregue ontem à noite, percebes?” *(Longa pausa, olhos fechados.)*

“Agora, dêem-nos um momento, embora não vos vamos reter por muito mais tempo. O ministro, a propósito, veio recentemente de uma cidade — Allison, ou Addison. Talvez pelo menos isto consigam verificar com o estudante do Ruburt.” *(Venice McCullough, em cuja casa a Jane falou.)*

(“De que estado?”)

“Creio que Nova Iorque. Por um período de três anos de serviço.” *(Pausa.)*

“Dentro de um mês, no máximo dois meses, creio, uma proposta, agora ao nosso Philip, de uma nova posição. A dificuldade no pescoço *(do John B.)* causada por conflito interior, resultando num ligeiro desalinhamento da quarta vértebra.” *(Longa pausa.)*

“É lamentável que tenha ocorrido a deslocação de material. Talvez o Ruburt possa confirmar algumas destas coisas, com o que a sua estudante souber do passado do homem. Acredito também que ele tenha outro filho do passado. Agora vamos encerrar a sessão. Acredito, de facto, que a estudante do Ruburt conseguirá corroborar parte deste material.

Os meus mais calorosos votos, e desejo-vos uma boa noite.” *([John:] “Boa noite, Seth.”)*

“O teu material foi deslocado, mas espero que tu não estejas deslocado.”

(23h11. Tais deslocações de material aconteceram ocasionalmente. A Jane achou o sucedido esta noite algo perturbador, tornando-lhe difícil continuar a sessão de forma relaxada. Daí o final algo abrupto.)

SESSÃO 393

14 DE FEVEREIRO DE 1968

(Esta parte de uma sessão não numerada de aula de ESP foi transcrita de notas incompletas feitas por um membro da turma de quinta-feira à noite da Jane, começando às 22h15 de 28 de Dezembro de 1967. Normalmente mantemos os registos das suas aulas de ESP numa coleção separada de dossiês de argolas, mas a Jane quis incluir esta como parte da Sessão 393 nas nossas sessões “regulares”: quis mostrar o Seth a falar de um tema que era emocionalmente muito importante para uma aluna — a Audrey Shepherd — cujo filho adotivo tinha morrido afogado no Verão passado.)

Numa vida anterior ele foi teu filho de sangue. Morreu nessa vida num acidente. Voltou para te dizer que não existe morte — tu não quiseste ouvir, perceber ou acreditar. Desta vez voltou e foi um filho para ti. Reconheceste-o de novo em circunstâncias altamente similares. Desta vez estás a ouvir. Ele veio para te dizer que não existe morte. Foste trazida até aqui — tens de desenvolver as tuas capacidades. Esta foi a sua última encarnação. Ele escolheu ficar aqui para to dizer. Tiveste pouca fé nele. Que pensaste...

Recebeste um privilégio e um presente. Ele voltou por sua própria vontade para te ensinar. Sem este conhecimento não poderias progredir da forma como estás agora. Ele está a ensinar-te.

(Ensinar-te amor — não morreria?)

“Sem este conhecimento não poderias progredir. A consciência deste rapaz está de facto viva. O trabalho nesta vida está concluído, o ciclo de reencarnações está concluído.

Se o rapaz tivesse continuado, haveria complicações. Casamento e filhos para a sua própria natureza. O principal propósito dele tinha sido para contigo, Mãe. A morte foi instantânea. Houve algum reconhecimento da tua parte. O rapaz soube disto e compreendeu.

Houve numa vida passada uma ligação com o teu irmão. Ele também estava ligado a ti e ao rapaz. O irmão nesta vida foi o pai de sangue, tal como tu foste a mãe de sangue. O primeiro amor e propósito do rapaz envolviam-te.

Ele soube que só ele poderia ensinar-te esta lição, e que mais ninguém cuja morte te afetasse tão profundamente o conseguiria.

No passado ele também morreu na água. Subconscientemente sabias disto. Havia uma rapariga nessa vida passada. Ele também a conheceu nesta vida. Houve uma tarde nesta vida, entre os 4 e os 5 anos, e esta criança visitou-vos com os pais dela. Ela também morrerá jovem ou já morreu mas não chegará à idade adulta. Na altura cabelo castanho e encaracolado. Ela foi sua esposa na vida passada, quando ele morreu aos 32 anos. Isto envolveu um naufrágio. Não, a forma de morte não é coincidência, é escolhida.

Alguns dos amigos do rapaz, conhecidos e vizinhos, morreram da mesma maneira. Eram a tripulação de um navio que se afundou ao largo da costa de Espanha. Não tinham medo da água. Confiavam na água. Se às vezes levava à morte, também levava à aventura. Morrer na água naqueles tempos era uma honra, morrer em terra uma desgraça. Consideravam a água a ‘Mãe de Toda a Terra’. Ele considerava. Não queria morrer em terra. Escolheu partir quando partiu para que sentisses mais a sua falta e questionasses mais. Pois a pergunta levar-te-ia a encontrar as respostas. Tocava harmónica enquanto marinheiro. Sentiu amor pela música desde o início — resultado de longos dias no mar.

Não tenho nenhum amor especial pela água por isso não posso explicar o seu significado para ele. Para ele significava libertação e liberdade. Desta vez ele está verdadeiramente livre porque sente que compreendes. É importante que compreendas o que está por trás das mensagens e da preocupação dele!

AULA DE ESP 8 DE FEVEREIRO DE 1968

(A Jane sugeriu que eu assistisse e registasse esta sessão da aula de ESP que ela deu na quinta-feira, 8 de Fevereiro de 1968. Raramente me pedia isto, já que depois do jantar, em qualquer quinta-feira, eu estaria ocupado no meu estúdio, na parte de trás do apartamento, a datilografar as minhas notas rápidas em taquigrafia caseira da sessão que ela tinha dado na noite anterior só para nós dois. E mais uma vez, como tinha feito com a sessão de 28 de Dezembro, ela quis que o material desta noite fosse apresentado como parte da Sessão 393 regular. Fiquei contente por o fazer

— e nota-se que as sessões da aula são geralmente em nítido contraste com as que mantemos só para nós, para livros ou o que for no futuro. Como seria de esperar de uma reunião, as aulas eram cheias de energia e troca de ideias, perguntas e reflexão séria, com e sem o Seth. E eram barulhentas. Muitas vezes tive pena dos outros inquilinos no velho prédio de apartamentos onde vivemos, na West Water Street, em Elmira, Nova Iorque. O nosso bom amigo Leonard Yaudes, que mora diretamente por baixo de nós no rés-do-chão, às vezes saía de casa nas noites de aula. No entanto, nunca se queixou. Por vezes a Jane e eu especulámos sobre publicar eventualmente as sessões da aula — com a autorização dos envolvidos, claro — mas temos estado tão ocupados que nunca avançámos com isso.

(Testemunharam esta sessão: a Carol Bliss, a Sue Newman, a Lydia Nesbitt, a Jean Kluft e a Connie Allison.)

(A voz da Jane estava um pouco mais forte e mais firme do que o habitual, e bastante séria.)

Agora, boa noite. Desejo-vos a todos uma boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Já disse isto antes, e de facto direi muitas vezes mais: Aqueles de vós que vêm aqui, vêm por uma razão. Estão num ponto particular da vossa existência, e é altura de aprenderem e desenvolverem-se. Estão num ponto em que estão prontos para olhar para dentro de vós mesmos, e dar os próximos passos que de facto devem ser dados.

Estão prontos para expandir a vossa própria consciência. Estão prontos para aprender sobre as vossas vidas passadas, e para se prepararem para as vossas vidas futuras. Não tenham medo de mim. Por vezes posso ser um cavalheiro muito bem-humorado e amável. Esta noite, no entanto, estou preocupado com a vossa educação, e quando estou preocupado com a vossa educação tenho tendência a ser um pouco seco.”

“Todos vós estavamos destinados a vir aqui, e as vossas vidas já foram mudadas. Foram mudadas de formas benéficas — já começaram a questionar a vossa existência. Antes de virem aqui, vocês perguntavam-se. Agora estão prontos para embarcar pelas estradas interiores da vossa própria existência.

Todos os que estão agora nesta sala estão a aproximar-se das suas últimas reencarnações, e quando estas estiverem concluídas devem conhecer-se a vós mesmos a fundo. Estava destinado que vos fosse dada

ajuda. Também está destinado que usem as vossas próprias capacidades. Por isso, para a maioria de vós restam ainda duas ou três existências no plano físico. Se não se compreenderem, haverá mais.

Subconscientemente todos vós sabem isto, e por isso vêm aqui, e porque vieram aqui é que eu vos falo.

(Neste momento a Jane, falando como o Seth, apontou para a Connie.)

Uma que conheci vagamente no meu próprio passado. No entanto, agora não me reconhecerias, embora eu de facto me lembre de ti. Agora, não te reconhecerias a ti mesma, pois eras um rapazito de três ou quatro anos quando te conheci, e não te conheci bem. Foi na Dinamarca, e o teu pai era padeiro. Tiveste de facto uma vida muito curta, morrendo aos nove ou dez anos, de difteria. Vês, és mais velha do que pensavas ser.

(Sorriso. Muitas vezes o Seth já nos disse que viveu uma vida na Dinamarca no século XVI.)

Há algum tempo que todos vocês andam à procura, e espero mostrar-vos como fazerem as perguntas certas; pois nas perguntas encontrarão as respostas, e nas respostas serão vós mesmos; e conhecendo-vos cumprirão o vosso propósito, e expandirão os limites da vossa própria consciência até conseguirem procurar o passado e o presente e verem-se como são, e saberem que são mais do que pensam ser, e cumprirem aquelas capacidades que desenvolveram parcialmente em vidas passadas.

Dentro de vós existe de facto um conhecimento inato de todos os ‘eus’ que já foram, e de todos os ‘eus’ que hão de ser, e este conhecimento sustém-vos mesmo quando não sabem conscientemente que ele existe.

Tenho estado a aguardar, à procura do momento mais propício para vos falar, e anunciar a minha presença — pois estou aqui nestas aulas, como de facto o Ruburt sabe que estou.

Agora podem fazer uma pausa e continuaremos a sessão ou terminá-la-emos, como sempre à vossa conveniência. E podem dizer ao Ruburt por mim, Joseph (*sorriso*), que lhe agradeço...

(“Pelo quê?”)

...por me ter acolhido. Digam-lhe que farei com que aprenda o que quer saber.

(21h52. A Jane saiu do transe. As últimas linhas acima referem-se a uma conversa que a Jane e eu tivemos mais cedo nesse dia.)

(A Connie Allison contou-nos agora que durante muitos anos teve medo de difteria, por estranho que pareça. No intervalo, a Lydia comentou que achou que a entrega da Jane como Seth soava germânica. Disse também que, ao falar como Seth, a Jane tendia a usar os mesmos gestos e rugas faciais mostrados no retrato que eu pintei do Seth.)

(No intervalo falou-se naturalmente de reencarnação, com a Lydia a manifestar algumas dúvidas quanto a isso. Sessão retomada às 22h05. O Seth apontou para a Lydia.)

Agora, vamos encerrar a nossa sessão em breve.

No entanto, vão reencarnar quer acreditem quer não. É muito mais fácil se as vossas teorias se encaixarem na realidade, mas se não encaixarem, então não mudam a realidade nem um milímetro. Dêem-nos um momento aqui.

1832... Perto de um local agora chamado Bangor, Maine. Passaste lá 41 anos, homem esguio. Vou dar estas impressões à medida que surgem. Richita (ou Wichita? — *minha interpretação fonética*). Um nome índio... uma guerra que não é índios contra brancos, mas índios e brancos contra índios e brancos. Não nacionalidade mas comércio. Isto ocorreu mais para oeste mas na mesma área geral, envolvendo índios vindos do Canadá, e uma resolução desta batalha em 1852 ou 1856.

Teve então dois filhos. Um filho é agora o atual marido, e outro um parente muito distante.

(“Qual era o nome dele?”)

Filho-dos-Salgueiros-do-Norte. Na vossa língua RAKES (*soletrei*); ou Andrus ou Andrew como primeiro nome, e também uma origem francesa aqui. Sepultado, no entanto, perto do Lago Champlain, a noroeste, num antigo cemitério.

(A Jane, como Seth, apontou de novo para a Lydia.)

A filha dele então casou com um homem chamado Lines, um comerciante. Dificuldades na perna esquerda de uma ferida antiga. Também dificuldades com o ouvido direito e dentes. Uma dependência excessiva do emocionalismo naquela altura, e uma atitude teimosa, pouco dada à razão. Desta vez está a ser feito um esforço para corrigir essas características.

Uma meia-irmã nessa altura. Miranda Charbeau, do lado francês da família, que casou com um ramo inglês, na família Franklin Bacon de Boston.

Agora (*num tom mais calmo*) estou aqui esta noite apenas para vos dizer que estou aqui. Não estou aqui para fazer milagres. Estou aqui para vos dizer que sobrevivi à morte física, e que vós sobrevivestes à morte física vezes sem conta. Tão simplesmente, esta é a minha mensagem para vós esta noite, e desejo-vos uma boa noite...

E tenho consciência de muitas coisas que pensam e não dizem. Não tenham medo da velhice, vós que são tão jovens, pois já foram velhos muitas vezes antes. E são jovens agora, e aprenderam com cada vida, como de facto aprenderão com esta vida. (*Sorriso.*)

(*“Boa noite, Seth.”*)

(22h20. *Como suspeitava, a sessão ainda não tinha terminado. Durante o intervalo a Lydia contou-nos que tinha vivido em Bangor quando criança em idade pré-escolar, e tinha muito apego ao Maine; tanto que, quando saiu de lá e se mudou para o Estado de Nova Iorque, inicialmente recusava dizer que vivia no Estado de Nova Iorque. A Lydia contou também que tinha muitos parentes em Boston, Massachusetts.*)

(*Retomada às 22h30.*)

O nome começa por O.

(*Aqui o Seth refere-se a uma discussão durante o intervalo sobre alguns dos dados anteriores; não consigo agora identificar exatamente o que foi questionado. A Jane acha que o O pode referir-se ao nome Rakes. Um dos presentes pode lembrar-se, e fica espaço abaixo para notas.*)

“Agora dá-me um momento, Joseph.”

(*O Seth apontou para a Jean Kluft.*)

Aqui... Mesopotâmia, antes de ser conhecida por esse nome. (*Pausa.*) E aqui encontramos capacidades mostradas, ignoradas e mal utilizadas através de uma sucessão de vidas. Um exemplo bastante clássico do progresso seguido por muitos dotados psiquicamente, mas com fraco controlo das suas personalidades e capacidades.

China e Egipto, vidas em várias funções religiosas, porém sem o necessário sentido de responsabilidade. Infelizmente aproveitando-se, em vez de honrar, das fortunas disponibilizadas àqueles das classes dominantes ao longo das eras. Por esta razão as capacidades ainda não chegaram à fruição. Só nesta existência é que finalmente há algum entendimento, e um sentido de responsabilidade em crescimento. A personalidade no passado usou capacidades psíquicas para fins errados. Por isso não se desenvolveram totalmente e a personalidade ficou num impasse.

Houve uma morte por fogo em duas ocasiões. (*Pausa.*) Houve experiências com matérias ocultas, e alguma chicana. A personalidade confiava largamente nos seus próprios recursos. 1525... Irlanda... 1721, uma pequena vila a 25 metros de Charterous. (*Pausa.*) A aproximação mais próxima aqui: CHAR... (*soletração não concluída*), Charteris.

(*Pausa. Minha interpretação fonética.*)

Manupelt. (*Novamente a minha interpretação fonética. A Jane, como Seth, repetiu a palavra.*)

(*“Podes soletrar isso?”*)

MANA UP (*pausa*) AULT, o último nome. Uma cúria. (*Pausa.*) Há aqui uma ligação com a primeira personalidade histórica com quem nos cruzámos. Ligação distante com a Joana d’Arc, pelo lado do pai do místico, duas gerações afastadas. E esse nome, aproximadamente como foi dado, consta em alguns registos.

Uma muito...

(*“Onde estariam os registos?”*)

Numa catedral antiga. Em... de... o nome que vos dei. O nome da família, da vila e da catedral são o mesmo.

Agora, meu caro amigo Joseph, tenho o Ruburt num bom estado. Tens alguma pergunta para mim que possa ser respondida aqui e agora?

(*“Como é possível para ti saberes esta informação?”*)

(*Sorriso.*)

Tivemos as nossas sessões durante quanto tempo agora... e perguntas-me isto?

(*“Queria só que explicasses às pessoas presentes.”*)

Muito bem. A vossa ideia de tempo é falsa. O tempo, como o experimentam, é uma ilusão causada pelos vossos próprios sentidos físicos.

Os vossos sentidos físicos obrigam-vos a perceber a ação em certos termos, mas esta não é a natureza da ação.

Têm de perceber aquilo que percebem da realidade através dos sentidos físicos, mas os vossos sentidos físicos distorcem a realidade.

Apresentam-na à sua maneira. Os sentidos físicos só conseguem perceber a realidade um pouco de cada vez, e por isso parece-vos que um momento existe, e desaparece para sempre, e o momento seguinte chega e, tal como o anterior, desaparece. Mas tudo no universo existe ao mesmo tempo, simultaneamente, e as primeiras palavras alguma vez ditas ainda ecoam por todo o universo; e nos vossos termos as últimas palavras alguma

vez ditas já foram ditas vezes sem conta, pois não há fim nem princípio. É apenas a vossa percepção que é limitada.

A realidade não é limitada. Não há passado, presente e futuro. Estes só existem para aqueles que vivem dentro da realidade tridimensional. Como eu já não estou dentro dela, posso perceber aquilo que vós não veem. Mas há uma parte de vós que não está aprisionada dentro da realidade tridimensional, e essa parte sabe que não existe tempo, que há apenas um eterno agora; e essa parte de vós que sabe é o eu total, a personalidade interior que conhece todas as vossas vidas.

Quando vos digo que viveram, por exemplo, em 1936, digo-o porque faz sentido para vós agora; mas vivem todas as vossas reencarnações de uma vez. Só que não têm consciência disso, e não conseguem compreender dentro da estrutura da realidade tridimensional.

Finjam que têm sete sonhos ao mesmo tempo, e vós, o sonhador, sabem que estão a sonhar. Dentro de cada sonho podem passar 100 anos terrestres — mas para vós, o sonhador, não passou tempo nenhum, e não há tempo para passar, pois estão livres da dimensão em que o tempo existe. O tempo que parecem passar dentro do sonho, dentro de cada vida, é apenas uma ilusão, e para o eu interior não passou momento nenhum, e para o eu interior não existe tempo.

(*“Obrigado, Seth.”* Fim às 22h55. A Jane, como Seth, transmitiu o último material, sobre o tempo, de forma rápida e apaixonada.)

(*A Jean Kluft contou-nos agora que sempre teve medo do fogo. Além disso, a Joana d’Arc sempre teve um papel importante na vida dela; na escola, por exemplo, chamavam-lhe Joana d’Arc, bruxa, etc.*)

SESSÃO 394

19 DE FEVEREIRO DE 1968

(A primeira parte desta sessão foi feita para o John Pitre, que telefonou à Jane há cerca de uma semana de Franklin, Louisiana, em nome da sua esposa doente, Peggy.)

(A Jane começou a falar em transe com um ritmo muito lento e deliberado. Tive a clara sensação de que queria passar a informação da forma mais sem distorções possível, enquanto o Seth começava a abordar o material que o John tinha dado durante a chamada.)

“Agora. Sobre a mulher doente.

O sonho de que o homem falou ao Ruburt tinha alguns elementos clarividentes, mas o momento da morte da mulher não está no futuro imediato (*sublinhado*).

Ela de facto presente-o, e não tem medo.

(Pausa; uma das muitas.) Parece haver algum outro acontecimento importante que intervirá ou acontecerá primeiro.

(Olhos fechados; a Jane gesticulava como se tentasse compreender.) Acredito que tenha a ver com outra pessoa além do homem e da mulher — o homem, ou a mulher. Temos de ter muito cuidado aqui. O acontecimento pode envolver a mãe da esposa... (*Ver página 185.*) Não há contradição básica entre as ideias do homem e as ortodoxas seguidas pela esposa dele. A diferença é apenas aparente. Uma diferença de interpretação. Ela vestiu uma ideia básica de realidade com certas vestes, e ele escolheu outras vestes. Ambas são necessariamente distorcidas, mas por baixo de ambas está a mesma realidade.

Ele tem-se questionado sobre isto. Parece haver alguma ligação com as iniciais AS para ele, creio eu. Pode ser em termos de negócios ou uma iniciativa empresarial. Em qualquer caso, parece haver uma sensação de permanência nisto — algo que, uma vez iniciado, continuará. Isto poderá ser uma parceria de algum tipo. Não lhe darei qualquer data, ou data aproximada, para a morte da esposa. O conhecimento não lhe traria vantagem, nem de certa forma traria vantagem a ela, pois a atitude dele em relação a ela mudaria.

O outro acontecimento de que falei ocorrerá primeiro, mas isto não significa que a morte da esposa se siga imediatamente. Ela de facto recebe instrução quando está no estado de sonho, e já em várias ocasiões teve uma antevisão do que está para vir.

Não tenho a certeza aqui. Parece que um rapaz muito jovem, uma personalidade de sobrevivência, a encontrou nessas ocasiões. *(Pausa.)* Um parente desta vida, penso eu.

(Longa pausa, olhos fechados.)

Agora. Alguém chamado Anna parece estar à espera dela também, à espera da Peg, e mais atrás uma Helen ou Eloise. Creio que isto é uma ligação materna, um parente do lado da mãe.

No entanto, ainda há determinação e vitalidade da parte da esposa em relação a esta vida. Sinto fortemente que ela espera por algum acontecimento, ou que algum grande acontecimento ocorrerá, e que ela não morrerá antes de isso acontecer.

Sugiro uma pausa.

(21h42. A Jane disse que tinha estado bem dissociada enquanto transmitia o material, mas ainda se lembrava dele até certo ponto. A sua postura tinha sido preocupada e cuidadosa, com muitas pausas e procura das palavras certas.)

(Este material esteve na mente dela nos últimos dias, a tal ponto que alguns sintomas físicos próprios da Jane se manifestaram. O meu questionamento, e o uso do pêndulo por parte dela, disseram-nos que esses sintomas, algo incómodos e ao início desconcertantes, estavam relacionados com o material acima. Desde que percebemos a causa, os sintomas abrandaram bastante, mas pedi ao Seth que os comentasse, caso houvesse mais a aprender.)

(Retomado às 22h00.)

(Inserção. Material cortado conforme especificado pelo Seth e adicionado mais tarde. Ver página 186.)

Agora... Dentro de três anos haverá oportunidades totalmente novas para o John, e também muitas mudanças de atitude. Uma ligação estranha neste aspeto, nada clara; relacionada com tijolos ou a colocação de tijolos, e um incidente anterior que aconteceu em 1963. Haverá alguma relação ou iniciativa, pensada ou encontrada pela primeira vez em 1963, que se concretizará dentro, creio eu, de um período de três anos. Pausa, enquanto olhamos noutra direção.

(22h11. Isto foi muito estranho, outra pausa tão rapidamente. Foi provocada porque o nosso gato, o Willy, decidiu saltar para o colo da Jane enquanto falava em transe. Normalmente ele não dá atenção nenhuma às sessões. A Jane achou isto algo distrativo, e gesticulou para eu tirar o

gato. No entanto, acredito que também chamou a pausa porque tinha terminado o material para o John Pitre esta noite.)

(Durante a pausa a Jane contou-me que sentiu uma espécie de impulso de energia a sair dela para o lado; pensou que provavelmente fosse uma tentativa de projeção para a Louisiana enquanto estava em transe. Também tinha estado consciente da mesma sensação enquanto estava sentada em silêncio antes da sessão; agora contou-me que ambas as tentativas foram abortadas.)

(Retomado com outro material às 22h21.)

(Uma cópia do material acima foi enviada ao John Pitre. No entanto, não contém todos os dados recebidos durante a sessão; alguns foram omitidos, por razões óbvias, como se verá. Dois blocos foram deixados de fora. O primeiro insere-se depois da palavra “mãe” na página 184, como assinalado:)

...mãe. Joseph: a frase seguinte... (Pausa.)

(“Sim?”)

...pode ser apagada dos registos para tua conveniência ao datilografar.

Podes depois adicioná-la no fim das tuas próprias cópias, mas sugiro que não a acrescentes à sessão que é enviada, percebes?”

(“Sim.”)

Agora. Acredito que a mãe da esposa morrerá primeiro, mas não quero que isto seja enviado ao genro. Se não for a mãe, então será a tia. Uma mulher próxima da esposa, creio eu, morrerá antes dela e estará à sua espera.” (Pausa, uma das muitas.) “Esta mulher tomou essa decisão. É uma mulher pela qual a esposa sente forte ligação emocional. Como não tenho a certeza de qual das duas mulheres, a mãe ou a tia, está envolvida, esta informação da minha declaração para ti deve permanecer privada. Os dados anteriores, mencionando apenas um acontecimento, podem ser enviados.

(O segundo bloco de dados foi eliminado a partir da pausa das 22h00, conforme segue:)

Agora. Para tua informação privada, meados ou final de Março... Não sei se isto será a morte da mulher (abre olhos, apontando para mim), mas é um acontecimento envolvendo a morte de uma mulher (gesticula) próxima da esposa, percebes?

(“Sim.”)

(Pausa.)

...Ou uma doença grave e bastante súbita ou um acidente. Isto não é excesso de cautela do Ruburt (*como tínhamos especulado na pausa*). A imagem não é clara. Se for a morte da esposa, então é causada por algo diferente desta longa doença dela. Um ataque súbito de outra natureza, ou um acidente.

O homem poderá ter mais em mãos, percebes, do que tem agora. Não vejo qualquer utilidade em informá-lo, por causa das sugestões que isso envolveria. As probabilidades de facto operam, mas sinto isto com bastante força, como se muitas probabilidades apontassem nesta direção.” (*Pausa.*)

(*Isto termina o material eliminado. Agora retomamos a sessão regular depois da pausa que terminou às 22h21.*)

Agora. Exceto férias e alguns períodos de descanso, as sessões devem ser regulares para uma eficácia geral. As circunstâncias nem sempre serão excelentes. Contudo, a longo prazo, a própria rotina ajudará a desenvolver ainda mais as capacidades do Ruburt, e um maior número de sessões excelentes acontecerá.

Podem realizar-se sessões espontâneas, mas a rotina geral deve ser mantida. Os canais foram abertos, e, como regra, contatos mais profundos e fortes seguirão estes mesmos padrões. Há até para o Ruburt uma certa segurança e conforto nesta rotina habitual, que lhe permitirá sustentar sessões verdadeiramente espetaculares.

Ele permite-me uma liberdade maior dentro desta rotina, percebes?

Agora. Ele gosta até certo ponto de ter sessões para os seus estudantes, pois responde ao desejo e necessidade deles, mas desconfia mais de si mesmo quando tu não estás presente, percebes? (*Longa pausa.*) Isto desaparecerá com o tempo. É uma experiência nova para ele.

Nestes casos, percebes, ele tem de confiar inteiramente em mim, e como desconfia de si mesmo e de mim em certo grau, então há algum conflito. Isto não é de natureza severa.

Menciono-o porque isto tem sido, por vezes, responsável por uma quebra na nossa rotina regular de sessões. Estou pessoalmente interessado em voltar ao nosso material próprio, dando dados pessoais a teu pedido e quando eu achar necessário. As experiências com envelopes podem ser retomadas, Joseph, a qualquer momento. Tens mais alguma pergunta?”

(*“Estávamos certos quanto aos sintomas dele nestes últimos dias?” As manifestações incómodas na cabeça da Jane, que o seu pêndulo disse terem sido causadas pela sessão do Pitre.*)

Estavam. Ele sentiu-se obrigado a realizar a sessão, percebes; culpado por não a ter feito; e ainda assim bastante ansioso, pois percebeu que conteria informações que poderiam trazer tristeza. A isto juntou-se o medo de as distorcer. Tens mais alguma pergunta?

(*“O que pensas da minha escultura?” Ver página 189.*)

É de facto aquilo que viste, e tem para ti um significado profundo. A conotação religiosa da tua vida passada, dada agora uma interpretação moderna. (*Pausa.*) O crucifixo sempre te repugnou, mas não o símbolo da cruz nua.

No passado o crucifixo era para ti um símbolo da Igreja Católica Romana, e repulsivo. A cruz nua, para ti, tinha um sentimento puritano protestante. Na vida passada, não tinhas qualquer ideia de alegria ligada à religião, sendo então a cruz um símbolo de morte, levando a uma vida após a morte puritana.

De facto, um peso suspenso. Os nossos estudos e qualquer expressão verdadeira do eu interior devem conduzir a um encontro jubiloso com a realidade e com o momento quotidiano, do qual se tece a eternidade.

A tua cruz agora está suspensa livremente e não é estática, percebes? É um símbolo de quem foste na tua última vida.

(*“Em Boston?”*)

De facto. Mas não é suposto estar terminada, nem ser fundida, pois é uma transição e conduzirá a outra escultura, mais de acordo simbolicamente com o que aprendeste desde então.

(*“Em que ano morri, em Boston?”*)

(*Em vez de responder de imediato, a Jane apontou para a escultura, pendurada por cima de mim enquanto eu estava sentado no sofá.*)

Esta escultura representa mais, literalmente, do que o sentimento da tua vida passada, pois é, agora, uma cruz móvel. Haverá uma mudança de relações simples dentro da estrutura, e de cor e textura, a seguir. Um símbolo menos equilibrado mas mais manobrável — ainda assim baseado nesta estrutura.

Agora. 1872, creio eu.

Fecha os olhos e olha para dentro.

(*Ficámos sentados em silêncio talvez durante um minuto. Foi assim que recebi os dados para a escultura da cruz. Agora, passados instantes, pensei ter tido uma imagem interior rápida de um grupo de homens reunidos em torno de um púlpito de igreja, algo ao longe. Seguiu-se outra*

ou duas visões de um interior de igreja, e estive brevemente consciente de bancos vazios. Tive presente que poderia estar a operar aqui a sugestão.)

Agora vamos encerrar a nossa sessão. Os meus mais calorosos votos para ambos.

(“Pensei ter vislumbrado algumas figuras num púlpito, mas não tenho a certeza.”)

Faremos isto mais vezes.

(“Boa noite, Seth.”)

22h55. *A Jane disse que, durante o nosso minuto de quietude, sentiu uma projeção de energia na minha direção, não forte mas nítida, e que isso pareceu ‘abrir-se’ para uma sala. Pensou também que envolvia ou continha a nova escultura, mas não conseguiu descrevê-la nem desenhá-la.)*

(Esta 394ª sessão foi realizada a 19 de Fevereiro de 1968. No final da sessão privada de 11 de Dezembro de 1967, descrevi à Jane uma visão interna que acabara de ter, e tomei notas sobre ela e um esboço rápido. Em parte: ‘Por breves instantes mas de forma bastante nítida vi esta escultura suspensa. Sabia que era minha. A peça era de ferro fundido, com uma pátina preta-acastanhada suave e manchada, densa na conceção, e gostei muito dela. Tinha talvez setenta e cinco centímetros de altura, pendurada do teto por uma corrente.

‘Depois, antes de me aperceber, estava muito longe — aparentemente a quilómetros do meu corpo, por breves instantes, sem sensação ou localização, etc. Não me senti alarmado...’ Obviamente, mesmo que a pudesse fazer em ferro, uma cruz de ferro desse tamanho seria incrivelmente pesada para pendurar no nosso teto. Assim, fui lentamente construindo uma réplica em camadas de cartão de ilustração, e pintei-a de preto. A cruz agora está pendurada facilmente e levemente num canto da nossa sala.)

SESSÃO 395

26 DE FEVEREIRO DE 1968

(A Peggy Gallagher assistiu à sessão. A Jane começou a falar em transe com uma voz um pouco mais forte e firme do que o habitual; os olhos permaneceram abertos grande parte do tempo.)

Agora, boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Boa noite à nossa amante de gatos.

(A Peggy: “Boa noite.”)

Já passou algum tempo e estou encantado por te ter aqui.

Há uma questão, Joseph, que gostaria de mencionar.

(“Está bem.”)

Tem a ver com a ideia de livro do Ruburt, e espero dar-te pistas que possas seguir.

(Hoje a Jane teve a ideia para o seu próximo livro, depois do livro dos sonhos, agora terminado. Está muito entusiasmada com a ideia e vê-a como uma mudança de hábitos e de pensamento. Importa notar que o livro dos sonhos foi rejeitado na semana passada pela primeira editora a vê-lo, a Doubleday; mas curiosamente a Jane sente que esta rejeição terá ajudado a inspirar, pelo menos em parte, o novo livro.)

Encontrarás sempre que os escritos do Ruburt são barómetros precisos, dando excelentes indicações do seu estado interior de espírito; mostrando também a qualidade e a direção das suas crenças em qualquer momento.

Haverá uma manifestação irregular, uma oscilação, percebes, entre a sua atenção à poesia e depois aos livros. Na poesia tens visto há já algum tempo uma indicação de aceitação e de crença. Contudo, isto não se tem mostrado senão na poesia.

O intelecto lidava, portanto, com ideias que não aceitava, e podes encontrar isto nas declarações que ele fez. *(Mais cedo hoje.)* O intelecto e as emoções, como sabes, não funcionaram em conjunto, e não foi mantida a eficiência total. Viste, como o Ruburt agora percebe, um avanço evidente no seu esboço.

As crenças do seu intelecto encontram-se na prosa de não-ficção em geral. A aceitação, os desenvolvimentos intuitivos, aparecerão sempre inicialmente na poesia. Portanto, qualquer grande reserva geral, qualquer diferença significativa de compromisso entre a poesia e a não-ficção, pode

ser tomada como sinal de que a personalidade, no seu todo, está dividida nessa medida.

Deu-se um grande avanço. Em retrospectiva, então, o Ruburt pode ver a importância do livro que acabou de concluir. O avanço era uma necessidade. Se não tivesse acontecido, teriam surgido dificuldades gerais noutras áreas. Podes usar estas pistas no futuro.

Agora dá-nos um momento. (*Pausa.*)

O meu material, agora usado em aulas (*ESP*), atrairá de facto outros alunos. Não porque seja meu, mas porque a verdade pode ser pressentida nele. Proporcionará um impulso interno. Também unirá os alunos enquanto grupo. Haverá uma gestalt de grupo a operar que deverá resultar em benefícios muito definidos para eles e para o Ruburt. Não é coincidência que ele tenha esperado tanto tempo para introduzir o material para estudo em aula.

(*Sorriso.*) Conseguimos fazer bastante bem sem nada que se parecesse com a sua aceitação total. Faremos de facto muito melhor agora. Isto significa simplesmente que ele deu vários passos de gigante, necessários. Mas estes tornarão mais fáceis os próximos passos de gigante. Houve uma mudança nas nossas sessões. A sua atitude interior mais relaxada deu-nos mais energia disponível. Que esperamos usar de várias formas construtivas.

(*Seth para a Peggy.*) As minhas desculpas. Não me esqueci de ti.

(*A Peggy: “Não, estou interessada no assunto.”*)

Estes pontos, contudo, devem ser feitos quando mais se aplicam. A sua atuação, Joseph, foi extremamente animadora, pois confiou nas suas próprias intuições desta vez; não bateu com a cabeça na parede, como no passado. Estava certo na sua percepção da tarde. O livro foi o seu campo de batalha espiritual e intelectual (*o livro dos sonhos*), e isto foi paralelo aos sintomas físicos; o campo de batalha físico. As dificuldades interiores, portanto, a serem resolvidas em várias áreas ao mesmo tempo. O novo livro representa um sinal de vitória.

Agora podes fazer a tua pausa e continuaremos. Um ponto (*para mim:*) Sentiste a minha falta nas aulas do Ruburt. Terias gostado.

(*“Sim.”*)

(*21h25. A Jane demorou um pouco a sair do transe. O Seth, disse ela, estava “bastante presente”. Retomou da mesma forma ativa às 21h36.*)

Ora bem. O novo livro será a reconciliação, e marcará o início do verdadeiro trabalho do Ruburt.

Esta clivagem tem sido literalmente uma tortura para ele. Fez com que se contivesse no desenvolvimento pleno das suas capacidades; não só das suas capacidades psíquicas. Fez com que se contivesse no desenvolvimento dos seus talentos literários, pois estas capacidades criativas especializadas, as técnicas de escrita, virão agora plenamente à tona, já que a personalidade está mais inteiramente por detrás do nosso trabalho.

As suas aulas mostrarão a mudança. Os seus alunos percebiam perfeitamente as suas atitudes, e enquanto ele os conduzia com a mão direita, aconselhava-os a conter-se com a outra. Oferecia muito, mas entregava apenas uma parte. As aulas irão expandir-se, e com alunos que se encaixarão admiravelmente, pois agora a sua posição é mais forte.

O intelecto aprendeu com as partes intuitivas do eu. Não foi conquistado, foi liberto. A força, a vitalidade básica da personalidade como um todo, foi reunida, ou melhor, está a ser unida pela primeira vez nesta existência. (*A Jane, como Seth, apontou para mim para enfatizar.*) E pela primeira vez em qualquer existência.

A energia forte que estava a ser desviada trabalhava em seu prejuízo, e tu sentias isso como um peso e um entrave. Deverás começar a sentir quase de imediato a adição desta energia recuperada a trabalhar a teu favor. Eu disse-te que a crise surgiria em qualquer caso, independentemente do campo de atividade escolhido pelo Ruburt, mas em nenhum outro campo ou atividade a vitória significaria tanto, ou abriria tantos potenciais.

As nossas próprias sessões também deverão revelar uma profundidade que ainda não atingimos, e acredito que o Ruburt me permitirá maiores liberdades. Estou de facto contigo bastante intensamente esta noite. (*Pausa.*) Estou, naturalmente, plenamente consciente, já agora, de que há mais energia disponível, e usá-la-emos bem.

Podes fazer uma breve pausa e continuaremos. (*Para a Peggy:*) Serás testemunha das condições melhoradas do teu amigo. Em várias ocasiões no passado teria falado contigo, mas teria sido contra a vontade do Ruburt. (*A Peggy: “Porquê?”*)

Os seus próprios conflitos tornavam isso muitas vezes difícil para ele.

(*21h52. A Jane esteve num transe profundo. Demorou alguns minutos a sair dele agora, e os olhos estavam escuros e pesados. De facto, estava escuro e pesado. Era difícil para ela voltar “completamente” com rapidez.*)

(*Durante a primeira pausa mencionei estar curioso sobre o que os olhos da Jane realmente veem, ou têm consciência de, quando estão*

abertos durante o transe. A partir de fragmentos de dados que o Seth tinha dado no passado, eu pensava que os olhos da Jane, mesmo estando bem abertos, não viam os outros presentes como eram, como entidades físicas, mas talvez como personalidades eletromagnéticas.

(Agora repeti a minha pergunta, em parte como forma de levar a Jane para outro assunto e ajudá-la a controlar a profundidade do transe. Por alguma razão senti na altura que ela não queria explorar um estado tão profundo naquela noite; mas os acontecimentos provaram que estava enganado. A Jane retomou da mesma forma, mas com os olhos fechados, às 22h00.)

Agora. Quando os olhos do Ruburt estão fechados, continuo a ter-te localizado.

Estou consciente de ti de muitas formas através do sistema nervoso do Ruburt. Estou consciente de ti como formas humanas e entidades físicas. Através dele estou consciente de ti como formas materiais tridimensionais. Isto é, contudo, uma experiência quase indireta para mim, e nunca demasiado nítida.

Estou consciente de ti eu mesmo como entidades eletromagnéticas e psíquicas. Vejo a essência da tua personalidade em todas as suas existências passadas e presentes, e tenho de te localizar no teu tempo.

Posso estar consciente de ti de algumas formas físicas, como agora quando os olhos do Ruburt estão abertos. Posso ver-te através dos olhos do Ruburt em termos físicos. Isto envolve um estreitamento de foco da minha parte, e o uso do sistema nervoso do Ruburt.

Para poupar à nossa amiga amante de gatos tormentos e terrores desnecessários, sugiro que ponhas o monstro assustador em segurança atrás de uma porta fechada.

(Enquanto a Peggy se ria, pus o Willy na casa de banho.)

Agora. A minha imediaticidade varia. De acordo com as circunstâncias posso tornar-me mais claramente presente. Em algumas ocasiões a minha proximidade é uma questão psíquica, mas mais do que isso apenas.

Existem muitas formas de a minha realidade se tornar conhecida aqui. Existem—

(Por volta das 22h10 o telefone tocou. A Jane parecia imperturbável como o Seth, mas pedi-lhe para esperar. Falei com a Claire Crittendon e o seu amigo Bob, em Fredonia, NY, respondendo por acaso às suas

perguntas sobre transe, etc. A Jane manteve-se em transe durante alguns minutos, mas depois saiu dele até eu desligar às 22h20.)

(Ela tinha posto os óculos depois de sair do transe, e agora deixou-os quando retomou, como o Seth. No entanto, notava-se uma diferença acentuada na sua maneira de estar. Em vez da voz mais forte e pesada habitual do Seth, começou a falar de forma quase normal. Eu sabia que ela estava em transe, mas duvido que um observador casual tivesse tanta certeza. Os olhos estavam abertos e muito escuros; sorriu e falou de forma agradável, quase melodiosa, muito mais suave.)

Agora, percebes, estamos a tentar algo novo, e viste-o em funcionamento brevemente em Nova Iorque.

(Ver a 361ª sessão de 16 de Agosto de 1967. Aqui o Seth refere-se à breve sessão que a Jane realizou no café do Hotel Paramount, em Nova Iorque, para o Raymond Van Over da Parapsychology Foundation. Nessa pequena sessão, ela falou com o Seth “logo abaixo da superfície” numa sala cheia, sem atrair atenção, e transmitiu ao Raymond Van Over alguns dados excelentes que ele confirmou na hora. Foi a sua primeira experiência com este tipo de sessão. O seu controlo desta vez era obviamente muito melhor, embora fosse apenas a segunda tentativa.)

Agora. É uma coisa subtil. Estou agora muito ligado ao Ruburt e, no entanto, de outra forma, uma forma nova, existe um equilíbrio para que a personalidade dele possa ser a dominante, a que se mostra à superfície. Ele pode operar como ele mesmo e a minha mão pesada não é tão evidente. Ele está apenas mais calmo do que o habitual. Isto exige algum controlo, pois são mantidos em grande parte os seus maneirismos.

Estou diretamente por baixo, percebes. Este é um estado em que podemos fazer um trabalho excelente, à medida que ele aprende a ajudar-me a mantê-lo. As expressões faciais são bastante dele. Não parece ele perfeitamente normal para a nossa amante de gatos?

(A Peggy: “Perfeitamente.”)

O sorriso e os gestos são dele. O estado de transe, no entanto, é profundo, mas nesta condição toda a minha energia pode ser usada para outro trabalho, como a recolha de material clarividente, como no episódio do novo trabalho.

(Durante todo este tempo, a Jane segurou um copo de vinho meio cheio na mão direita. Eu estive atento, mas não entornou nada. Agora pousou-o.)

Isto exigirá alguma adaptação da parte dele; pois os seus gestos, maneirismos e comportamento são mantidos, mas a minha consciência está por detrás deles. Agora, neste estado, estou de facto muito próximo, embora seja mais difícil para ti sentir a minha presença.

A Jane tirou agora os óculos. Fez uma pausa. O seu estado de espírito mudou visivelmente. Baixou a cabeça, encostando o queixo ao peito, olhos fechados. A respiração tornou-se nitidamente ruidosa — algo bastante raro nas sessões. Parecia evidente que outra mudança, ou experiência, estava prestes a acontecer.

(A forma de comunicação seguinte era nova nas sessões. A Jane continuou a falar com a cabeça baixa; o resultado era que a voz parecia estranhamente abafada, muito mais grave, longe de tão clara como antes. Parecia haver um esforço real em falar — algo totalmente invulgar nas sessões. Os olhos mantinham-se fechados. Observei-a de perto, pronto para interromper se a experiência parecesse demasiado exigente. E, claro, a Peggy nunca tinha visto este tipo de comunicação.)

Agora, neste estado também estou próximo de ti, e no entanto há uma diferença. O controlo do sistema nervoso... Como vês, há grandes mudanças, e estamos a usar a nossa energia de forma diferente e posso chegar até ti, até ti, desta forma, eu mesmo, de maneira mais reconhecível.

(Perdi uma ou outra palavra nesta parte, pois, apesar de a comunicação parecer abafada e difícil, era na verdade bastante rápida.)

Quando este método estiver totalmente aprendido e o Ruburt me permitir maior controlo, então notarás uma maior sensação de imediatismo e vitalidade. Mas à medida que chego até ti de forma mais clara desta maneira, então o Ruburt e os seus próprios gestos e maneirismos recuarão na mesma proporção.

Existem muitas razões pelas quais este estado é também excelente para diversos fins, e cada um destes estados envolve-nos em métodos diferentes pelos quais posso dar-me a conhecer a ti. *(Pausa.)*

A Jane estava agora inclinada para a frente na cadeira de baloiço; a cabeça muito baixa, em direção aos joelhos, voltada para o chão. A voz continuava grave, mas já não tão abafada, olhos ainda fechados. Posso dizer que a voz parecia mais a de um homem idoso, e não se parecia muito nem com a voz da Jane, nem com a voz habitual do Seth. A voz tinha agora quase uma qualidade ressonante.

No desenvolvimento deste estado podemos, e por necessidade provavelmente acabaremos, com alterações no rosto físico porque é a memória, a memória (*cabeça erguida brevemente, voltada para o teto*), de outro sistema nervoso que aqui começa a ganhar destaque, e isto é difícil. O processo até agora nunca foi completado, e nesse aspecto a mudança nesta área não foi conseguida.

(Observei, o melhor que pude, algum efeito de transposição ou mudança facial, mas não notei nada.)

Envolveria, claro, a transposição de um velho padrão de sistema nervoso sobre o do Ruburt, e usando este método a transformação, quando aperfeiçoada, será bastante surpreendente. (*Pausa. Cabeça ainda muito baixa.*) Inicialmente, toda a nossa energia seria usada, no entanto, desta forma, para fazer a transposição antes de quaisquer características pessoais minhas poderem manifestar-se para além de termos físicos.

(Pausa. A Jane sentou-se agora mais erguida na cadeira de baloiço e, quando voltou a falar, era evidente que a voz familiar do Seth tinha regressado. A voz estava boa, mas não demasiado alta; olhos abertos novamente.)

Agora. As ligações do sistema nervoso foram em grande parte devolvidas a ele. Não as forçamos, e neste, um dos nossos métodos mais familiares, posso tornar a minha personalidade clara para ti, sem qualquer tentativa de mudança mais severa como a que resultaria do método mencionado há pouco.

(Uma longa pausa, talvez um minuto. Quando a Jane voltou a falar, os olhos estavam bem abertos, voz muito animada.)

Este é um método de compromisso, e é bom. Tens o melhor dos dois mundos. Agora estes métodos, quando aperfeiçoados, irão explicar em grande parte como te vejo, e como posso dar-te a conhecer a minha realidade. Tenho o Ruburt posto num carrossel, e por isso deixo-te fazer uma pausa, embora eu esteja num excelente estado de espírito, e é bom ver-te a tomar notas com tanta dedicação mais uma vez.

(22h40. A Jane esteve num transe profundo durante todas estas experiências, disse-nos depois. Sabia que o primeiro efeito diferente estava para vir depois da interrupção do telefonema às 22h10, disse. Como já tinha feito isto uma vez antes, não ficou alarmada.)

(O segundo efeito causou-lhe algum receio quando começou, mas disse mentalmente ao Seth para avançar. Estava bem consciente da

diferença entre os dois efeitos. No segundo efeito, a Jane disse que sentiu um tremor distinto no queixo, quando o encostou ao peito, mas eu e a Peggy não reparámos nisso. A Jane comparou-o, talvez, ao tremor do queixo de um homem idoso, e isto é coerente com a voz de velho que ouvimos. A Jane sabia que a voz estava abafada e forçada; foi uma experiência completamente nova para ela.

(Quando a pausa terminou, a Jane falou novamente com a voz do primeiro efeito, onde o Seth pairava logo por baixo da superfície da personalidade dela. “Conseguia senti-lo ali”, disse a Jane mais tarde. Mais uma vez a voz era leve e natural, os olhos abertos e escuros.

(Retoma às 22h52.)

Agora, neste estado posso ajudar-te, e ninguém precisa de saber que estou aqui se precisares de informação de mim e uma sessão normal não for conveniente. (Sorriso.) Este é um método delicado, e posso divertir-me a ver-te nos teus termos enquanto entidades materiais, pois o sistema do Ruburt ocupa o lugar de destaque, e eu uso-o.

Vou continuar um momento neste estado, para te falar ainda de outro método, aquele que é usado nas projeções do Ruburt a partir de uma sessão. Neste caso, mantenho o sistema físico dele a funcionar enquanto o treino a descrever o que viu nas projeções. Este estado presente é desafiante para o Ruburt, pois consegue sentir a interação entre nós de uma forma que não é possível noutros estados.

Agora vou terminar a nossa sessão para tua conveniência, pois poderia continuar ainda durante algum tempo; e os nossos melhores votos para o Jesuíta, que anda no seu caminho sagrado. (O Bill Gallagher, marido da Peggy, estava em viagem de negócios para Nova Iorque.) Estou muito satisfeito, e estou contigo, de novo, intensamente esta noite. Um sinal da maior permissividade do Ruburt.

(“Boa noite, Seth.”

(22h06. Mais uma vez o transe da Jane foi profundo, e demorou um pouco a sair dele por completo.

(Esta noite, então, a Jane manifestou três vozes diferentes enquanto estava em transe: a voz normal do Seth, algo forte, muito clara e concisa, a que já conhecemos tão bem; depois a voz leve e melodiosa com os maneirismos da Jane a sobrepor-se ao Seth, que fica logo por baixo; e por fim a voz abafada, masculina, de velho — tão diferente de qualquer outra produzida até agora.)

SESSÃO 396
4 DE MARÇO DE 1968

Bem, boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Quero dar início a uma série de sessões em termos bastante práticos sobre aquelas manifestações que ocorrem imediatamente após a morte física. Não o poderia ter feito antes, pois o Ruburt não teria gostado disso. Parte da discussão irá lidar com as formas porque comunico convosco, e conquanto essas discussões comecem com material específico nos vossos termos, isso será suplementado com outro material em termos de realidades eletromagnéticas assim como pontos-momento.

Acredito que em pouco tempo o Ruburt deverá estar preparado para lidar com certas considerações particulares. Ele deverá requerer porventura experiência prática na área da comunicação com outros. Se aprederes a conhecer-te conforme és e não com pareces ser, aí familiarizar-te-ás com a parte de ti que sobrevive à morte física.

Não se tornam espíritos de repente. Já o são.

Iremos facultar material teórico e esperamos implementá-lo com as nossas próprias demonstrações. As próximas sessões envolver-nos-ão, necessariamente, de forma profunda na natureza da personalidade humana e nas suas propriedades psíquicas e eletromagnéticas. A reencarnação será, naturalmente, abordada, pois não é possível dissociá-la deste contexto. Estamos agora mais firmemente presentes nas sessões (sorriso, olhos abertos) do que nos foi anteriormente permitido. Escusado será dizer que, nestes termos, não existe outro lugar para onde desapareçam aqueles que sobrevivem à morte física.

Na realidade, não existem lugares físicos — existem ilusões. A realidade psicológica e a realidade psíquica formam sempre os seus próprios ambientes. As divisões entre diferentes ambientes não se relacionam com o espaço. Existem campos de energia configurados e canais que se abrem entre esses diversos ambientes, possibilitando a comunicação através deles.

Após a morte física, os indivíduos simplesmente deixam de estar focados intensamente no plano que eles próprios construíram, sendo libertos para um espectro mais amplo de atividades. A energia mental e psíquica despendida no sistema físico continua, em graus diversos, a sustentá-los. Um sentimento persistente permite que aqueles que deixaram

o sistema físico mantenham contacto com ele, caso assim o desejem. Não se pretende afirmar que, em todos os casos, ocorra comunicação, mas um retorno psíquico pode ser realizado voluntariamente.

As entidades que sobrevivem à morte física podem, se assim o desejarem, recriar qualquer parte do seu passado tal como era. Têm a capacidade de o remodelar, alterando as próprias ações, se assim optarem, combinando e reformulando toda a composição da experiência. Contudo, esse tipo de procedimento é, geralmente, um empreendimento estagnado. As demais figuras envolvidas são meras alucinações vívidas, e as entidades podem não estar conscientes disso.

Algumas personalidades revelam-se propensas a este tipo de atividade. Até que compreendam a natureza das suas ações, duas ou três personalidades podem associar-se como parceiras neste tipo de empreendimento, tornando a situação especialmente complexa de desfazer. Trata-se, essencialmente, de um arranjo e rearranjo de um tempo já vivido.

É como se um artista concluísse uma pintura e, em vez de passar para uma nova obra, produzisse inúmeras variações da original, sem se aperceber disso. Esta existência situa-se entre planos, sendo frequentemente referida nas lendas como “purgatório”.

Essas entidades encontram-se, geralmente, fora do alcance de qualquer pessoa ainda dentro do vosso sistema. Não iniciam novas reencarnações, não descansam, nem transitam para novas realidades. Acabarão por despertar para a natureza das suas atividades, pois não há contração das personalidades, nem crescimento.

Aqueles que, por exemplo, lutaram sem alcançar a fama, podem recriar o passado, manipular relações e eventos alucinatórios, alcançando o sucesso dentro desse ambiente ilusório. Trata-se apenas de um exemplo. Alguns podem procurar vingança através desse meio, obtendo uma sensação de controlo sobre outrem, mas a “vítima” é, neste caso, apenas uma imagem alucinada do “vencedor”.

Em inúmeros casos de fantasmas ou aparições, é exatamente isso que ocorre. Aqui, a energia emocional manifesta-se a tal nível que a entidade se torna visível fora do contexto da realidade física, embora sem liberdade para nela operar.

Está a reviver o passado com tal intensidade e frenesim que os padrões eletromagnéticos são temporariamente interrompidos, irrompendo na realidade física “atual” (entre aspas). Contudo, não possui liberdade para

nela avançar, permanecendo prisioneira dos seus próprios objetivos cegos e avassaladores.

Essas entidades não têm consciência da sua condição. No entanto, quando essa rutura momentânea ocorre, alguém com capacidades desenvolvidas e disciplinadas pode explicar-lhes a situação. Assim, podem libertar-se. Nestes casos, a rutura com a realidade física terá sido, de algum modo, incompleta no momento da morte física. Um espírito teimoso, ainda impulsionado por desejos intensos e não realizados, recusa-se a romper o contacto. A morte física, por si só, não é suficiente. Uma entidade mal orientada pode continuar a apegar-se ao sistema físico, mesmo sem conseguir operar nele como antes.

De qualquer forma, tal situação não se pode manter indefinidamente. A entidade envolvida é, na verdade, uma imagem-fantasma da personalidade. Mesmo os desejos equivocados que sustentam as suas ações acabam por se dissipar. Não estão a utilizar a energia corretamente. A sua noção de tempo é completamente distinta da vossa. Não experienciam séculos, embora possam permanecer ligados ao vosso sistema durante o equivalente a séculos do vosso tempo terrestre.

Como sugere parte do vosso material de leitura recente, quanto mais souberem sobre a natureza da realidade, melhor preparados estarão para lidar com o ponto de transição. Aqui, as vossas crenças internas constituem o vosso único contacto com a realidade. Acreditar, por exemplo, que a morte representa um fim absoluto pode resultar num período de inconsciência perfeitamente evitável.

Acreditar num inferno físico pode gerar tormentos psicológicos desnecessários, acompanhados de imagens alucinatórias. Acreditar na ideia estereotipada de céu não causa dano, mas poderá atrasar o confronto com novas responsabilidades. Aqueles que vos conheceram e com quem mantiveram relações autênticas ajudar-vos-ão.

Pode ter existido uma ligação mais significativa com um amigo outrora esquecido do que com aqueles que, nesta vida, vos são próximos por laços formais. Poderá haver quem vos tenha conhecido em existências passadas, prontos para prestar auxílio.

(A Jane, enquanto Seth, apontou para mim, os olhos muito abertos.)

Vou cumprimentar-vos, claro, embora não me tivésseis conhecido numa relação física nesta vida, percebem. É muito mais fácil aprender e estabelecer contactos agora, pois este é um treino que será inestimável.

Com a mudança na atitude global do Ruburt, espero conseguir expor muitos dos meus pontos com mais clareza e dar-vos um treino bastante prático. Se tudo correr bem, ambos deverão ser capazes de me ver com bastante clareza, mentalmente. Isto implicará tempo, mas a concentração interior, da parte do Ruburt, está a crescer.

Disse-vos há algum tempo que podíeis retomar os vossos testes do envelope, se o desejásseis, e repito isto agora.

O material, o material de Seth, passará agora a servir como elemento coesivo nas aulas do Ruburt. Foi dado aqui um início muito pequeno, mas definido. Pois o nosso material irá, de facto, difundir-se. Será publicado, mas o Ruburt também trabalhará com ele na oficina psicológica das aulas.

(Longa pausa.) Um ponto, no entanto. Há uma continuidade que o Ruburt não vê, relacionada com o seu interesse contínuo por assuntos religiosos desde a infância, ecoado na poesia e na ficção científica. Mesmo então, inclinava-se na nossa direção, por natureza, pela sua capacidade e pelo seu desejo interior.

O desenvolvimento psíquico estava longe de lhe ser tão alheio quanto supunha. Os funcionamentos da personalidade conduziram-no para a direção da ficção científica e podiam tê-lo feito entrar em curto-circuito, terminando muito antes de o objetivo interior sequer ser vislumbrado. Daí a dificuldade após Rebellers. Nem todos os elementos da personalidade estavam unidos.

A sua capacidade de escrita pode agora começar a desenvolver-se plenamente. Antes, desenvolveu-a tanto quanto pôde, mas não a usou plenamente, pois não tinha nada que quisesse dizer para a impelir para a frente.

Podem fazer a vossa pausa ou terminar a sessão. As nossas sessões abordarão a matéria que delineei. Haverá sempre espaço para quaisquer perguntas no final da sessão, a usar também para observações pessoais que eu considere úteis.

(“Então faremos uma pausa.”)

(10:22. Isto veio a revelar-se o fim da sessão.)

(Nota do Tradutor: “moment points” (“pontos-momento”) são as unidades fundamentais de experiência no agora — micro-instantes onde a consciência concentra possibilidades e escolhe quais delas se tornam

eventos físicos. Seth descreve que toda a sua “atividade psicológica” ocorre nesse ponto, e que o presente é o ponto de poder a partir do qual moldamos realidade, passado (como o interpretamos) e futuro.

- Tempo enquanto simultaneidade: Em vez de uma linha rígida passado-presente-futuro, cada ponto-momento contém “profundidade” de probabilidades que podem ser exploradas; a sequência cronológica é uma tradução parcial da consciência para o mundo físico.
- Escolha e crenças: No ponto-momento você seleciona (conscientemente ou não) entre eventos possíveis, segundo crenças, expectativas e foco de atenção — por isso mudar crenças agora altera a experiência que se materializa.
- Quadro de referência da experiência interior: Seth diz que seu próprio “trabalho e desenvolvimento” acontecem dentro do ponto-momento, onde até a menor ideia é levada à fruição e testada em várias direções prováveis.

Breve Analogia

Pense no ponto-momento como um cruzamento de probabilidades: a cada “tic” de consciência, múltiplas rotas estão disponíveis; a crença/atenção é o volante que escolhe a faixa por onde a realidade física segue.

Para praticar

1. Traga a atenção para o agora e reconheça: “Este momento é meu ponto de poder.”
2. Observe a crença ativa (ex.: “nunca dá certo”).
3. Escolha uma nova direção provável (“posso encontrar alternativas úteis”) e sustente por alguns instantes.

Essa é exatamente a aplicação que Seth sugere ao enfatizar o poder transformador do presente.)

SESSÃO 397
6 DE MARÇO DE 1968

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem. Continuaremos a partir da nossa última sessão.

No caso das aparições e fantasmas mencionados nessa sessão, havia uma principal dificuldade por detrás da situação deles. Embora a imagem física, enquanto tal, tivesse sido deixada para trás, os indivíduos não conseguiam mudar o seu foco de atenção para longe do sistema físico.

Por vezes conseguem ser percebidos como pseudoimagens. Estão a fazer, subconscientemente, o que lhes era natural: tentar formar, como sempre, a sua própria construção física. No entanto, é-lhes impossível criar, nos teus termos, uma imagem sólida consistente, pois, enquanto continuam focalizados no teu sistema, o eu interior sabe bem que o indivíduo terminou uma determinada situação de vida, está fora de alinhamento, por assim dizer, e, portanto, é-lhe negado o uso pleno da sua própria energia.

O foco de atenção não pode ser tão forte como era na vida física, daí a incapacidade de lidar com a energia nesses termos. A personalidade insiste, porém, em comportar-se como se estivesse em condição física e, por hábito, tenta construir uma forma física. Não está aprisionada dentro dessa pseudoimagem, uma vez que a forma, mas a energia utilizada é mal direcionada e em grande parte fútil.

A imagem pode, por vezes, ser percebida. Pode ser estabelecido contacto por aqueles que são psiquicamente conscientes. Agora. É obviamente benéfico aprender, já agora, a desviar o teu próprio direcionamento de atenção para longe do teu sistema físico. Quando isto é conseguido, pode obter-se experiência legítima e direta que não é física, nos teus termos.

Podes entrever outras realidades, e esse conhecimento e confiança beneficiar-te-ão automaticamente quando ocorrer a transição. Podes, com efeito, então deixar o teu corpo permanecendo consciente e chegar, por assim dizer, com os sentidos em ti. *(Sorriso.)*

Caso contrário, poderás ter a consciência amortecida ou num estado de desintegração, por causa da condição do corpo. Nestas circunstâncias, a transição não é tão fácil.

A plena consciência da personalidade coloca, de facto, uma tensão adicional sobre aquilo a que podes chamar a consciência geral do corpo e

prolonga a sensação de dor ligada a essa consciência corporal. Cada célula, como te disse, está consciente. Numa doença terminal, a consciência da personalidade, o Eu tal como o conheces, abate-se em pânico sobre a consciência do corpo quando não compreende o estado de coisas.

É como o Ruburt a manter o pássaro vivo, percebes. (*No verão passado, a Jane encontrou um pássaro ferido e, durante vários dias, tentou mantê-lo vivo.*) Quando a personalidade compreende, pode então, de facto, querer deixar o corpo num estado consciente e, ao fazê-lo, abençoar a consciência do corpo que tão bem a serviu, libertar a pequenina consciência semelhante a um pássaro dentro de cada célula e seguir para a sua própria transição.

Há também libertação, percebes, para a consciência do corpo, que, como sabes, então muda para outras formas. Os exercícios que o Ruburt está apenas a começar serão de grande ajuda no nosso trabalho e no desenvolvimento das suas capacidades. São também, no entanto, excelentes exercícios que resultarão num treino tão vantajoso no ponto da transição.

Se souberes agora que existes independentemente do corpo, se tiveres experiências dentro de outras realidades e mensagens delas, então não precisarás de temer deixar o corpo, pois já podes começar a abrir caminho.

Vou dizer-te isto (*pausa, olhos abertos*): Nenhum de vocês percebe ainda plenamente a extensão da mudança interior de mentalidade do Ruburt, o seu compromisso agora com o nosso trabalho, o compromisso das suas capacidades com estas questões para toda a sua vida. Ele ainda não sabe conscientemente a extensão da sua mudança de atitude.

O corpo dele sabe. Tu e o Ruburt ambos o sabeis subconscientemente, e começaste a pressentir as implicações a um nível consciente, mas apenas ligeiramente. Tudo isto afeta diretamente o teu futuro pessoal e conjunto — terei de usar o termo para ti — de experiência; tanto nesta vida como depois.

Esta mudança também atrairá mais energia (*pausa*), fá-la aparecer em ti, Joseph (*apontando para mim*). E para ti. Dá-nos um momento com isto. (*Pausa.*) Tu vais, por causa dele, usar mais energia para ajudar a sustentar o Ruburt, mas terás disponível nova afirmação, mais energia. O suficiente, de facto, para se manifestar consideravelmente em novo ímpeto no teu próprio trabalho.

Agora podem fazer um intervalo. Um ponto: toda a personalidade do Ruburt protegeu-se, de facto, pois, a menos que estivesse integrada e

plenamente comprometida, não teria a energia para sustentar as atividades em que agora estará envolvido.

(21:45. A apresentação da Jane foi ativa e positiva, com os olhos abertos grande parte do tempo. Recomeçou às 21:58.)

Agora. Leste uma teoria segundo a qual as células emitiam sinais quando morriam. Quem emite sinais é a consciência, a consciência dentro da célula, não a célula, percebes. Ora, a consciência está dentro da célula, por toda a célula, não localizada num ponto e, no entanto, não é a matéria da célula.

Falando basicamente, claro, a matéria da célula não existe. Tinhas razão ao supor que, aquando da morte, a personalidade emite sinais; mas a personalidade emite constantemente sinais, em qualquer condição de existência.

Numa das nossas primeiras sessões eu disse-te que as árvores têm consciência e que a consciência reside em todas as coisas, tal como as plantas nesta sala, em certa medida, estão conscientes de ti e do que aqui se passa, conseguem sentir estranhos e conseguem sentir fortemente atmosferas emocionais e psíquicas, às quais de facto reagem. *(No Volume 1, ver as sessões 9 de 18/12/63 e 18 de 22/01/64.)*

O Ruburt estava certo nas suas suposições acerca do teu gato. Tudo isto tem a ver com a natureza da existência e da personalidade, pois a tua personalidade afeta diretamente as tuas plantas. A personalidade pode ter um efeito corrosivo ou apaziguador sobre coisas tão improváveis como a tinta das tuas paredes. Tão suavemente e, no entanto, tão constantemente, estas influências mudam à medida que as personalidades vão e vêm, que o vosso universo, tal como vos parece, parece continuar a existir.

Farei aqui um comentário, pois tudo isto se insere na nossa discussão. A existência não é um jogo nos termos falados pelo nosso Sr. Watts, embora ele esteja muitas vezes no caminho certo. Não temos um deus estático, a recriar-se tal como é sob várias disfarces. Usando esses termos, temos um deus constantemente em processo de criação, a ação a agir sobre si mesma, sempre com novas possibilidades, cada existência a fazer surgir novas variedades. *(Pausa.)* Legitimamente, cada personalidade é cocriadora e parte de Tudo O Que É, mas esse Tudo O Que É desenvolve-se constantemente, e desenvolve-se em termos de cumprimento de crescimento.

Há um voltar-se para dentro de si, mas esse interior não é uma condição estática. É difícil pôr isto em linguagem. *(Pausa.)*

O mal, assim chamado, é uma falta de conhecimento, uma falta de realização, uma falta de crescimento, medido em relação àquilo que se voltou para dentro o suficiente para compreender mais da sua natureza. O mal é, portanto, menos desejável. Todo o processo, porém, é no sentido da compreensão, em que o mal é duplicado e apagado; mas o crescimento tem de vir de algo que ainda não cresceu, e não podes chamar “má” a uma semente por ainda não ser flor.

No futuro trataremos do problema do mal e insinuaremos algumas das suas implicações no nosso material sobre a vida após a morte.

A doença não é mal, por exemplo. O assassino não mata ninguém e, no entanto, se a sua intenção for fazê-lo, então tem de enfrentar as consequências da sua intenção. O crime depois da morte não é punido. Não há crime a ser punido, mas entre essas duas últimas afirmações há um mundo de compreensão e conhecimento que tem de ser alcançado. E a punição entra entre essas duas afirmações à medida que o indivíduo assume a consequência da ação e da intenção.

Quando ele compreende a verdade da segunda afirmação, nem o crime nem a punição o afetam.

Não há julgamento final, pois nada é final. *(Longa pausa.)* Não há julgamento porque tudo está em transição para maior conhecimento e compreensão. Entre essas duas afirmações, de novo, existem mundos que têm de ser decifrados.

A criança não é má por não ser um adulto e não pode ser julgada pela sua infantilidade. O cumprimento de valores está sempre a operar, e no entanto existe, entre essas duas afirmações — percebes a que me refiro — a ideia de julgamento como um ímpeto e um estímulo em confronto com o conhecimento do eu interior do crescimento que tem de ocorrer.

Agora podem fazer um intervalo ou terminar a sessão, como preferirem. Há aqui vários pontos subtis; quero certificar-me de que os têm.

("Então faremos um intervalo.")

(22:25. A Jane disse que o transe estava bom, que o Seth estava a chegar sem problemas. Tinha uma sensação de energia e de que o material estava para além dela, ou a passar através dela.)

(No intervalo, a Jane mostrou-me alguns exercícios de ioga que retomou recentemente. 22:30.)

Bem. Terminaremos a sessão depois de algumas observações pessoais.

O Ruburt está agora, percebes, novamente a ter alegria no movimento físico. Isto deve-se a o espírito estar a recuperar a sua alegria. A resistência anterior ao exercício era bastante compreensível, pois era um sintoma da resistência interior.

A ioga irá, de facto, beneficiá-lo. Ele está plenamente pronto para a combinação de mobilidade psíquica e física. Está novamente em movimento, e todos podemos estar gratos.

A diferença nas nossas sessões será bastante evidente, se já não o for.
(*Longa pausa.*)

Continuaremos com este material, o material principal da sessão, na nossa próxima sessão. Podes usar a última parte para perguntas pessoais ou comentários que eu considere pertinentes. As sessões voltarão a ter um formato, percebes.

O teu ponto anterior é bom. Tens experiência de concentração no que toca às tuas pinturas, mas o Ruburt não estava habituado a concentrar-se dessa maneira. A prática de trazer imagens a foco nítido ajudá-lo-á a fazer o mesmo com informação interior de natureza específica. Tens alguma pergunta?

(*"Espero não o ter confundido esta manhã com a nossa discussão."*)

(*Sobre a escrita da Jane e o uso que faz, como base, do material do Seth e do que aprendeu através da experiência pessoal como fundamento.*)

Tinha pensado entrar nesse assunto esta noite. (*Pausa.*) Dá-nos um momento.

O foco principal do seu trabalho começará agora a mostrar-se. No passado houve resistência a isso. Envolverá este material, unido à natureza única das próprias capacidades de escrita do Ruburt.

Elas desenvolver-se-ão plenamente do melhor modo, mais facilmente, lidando com este material e através da sua poesia. Ele definiu para si este objetivo principal muito jovem. Não sabia por que tinha a capacidade de escrever nem o que havia de fazer com ela. Ele encontrará a melhor forma de o fazer, pois será um desenvolvimento natural, uma alquimia, resultante da natureza dos seus próprios talentos de escrita — que são consideráveis — das suas intuições e do material. Formarão um todo natural. Combinar-se-ão numa produção artística e numa carreira naturais.

A alquimia peculiar envolvida aqui mostrar-se-á e crescerá agora de forma bastante rápida. Ele reconhecerá o primeiro desenvolvimento, de natureza intuitiva, quando ocorrer. *(Pausa.)* Representará uma mudança e, no entanto, ver-se-á que os elementos dentro dela já existiam. Serão simplesmente combinados.

As energias totais da personalidade estarão por detrás deste trabalho, acrescentando à sua eficácia, e eu também estarei por detrás dele e dentro dele. Como suspeitavas, este é um desenvolvimento inevitável, desde que ele desse total compromisso — o que agora fez.

A personalidade dele não poderia estar totalmente comprometida com algo que deixasse as suas capacidades de escrita de fora, a balouçar, perches.

Terminaremos a sessão, com alegria e gratidão.

(22:50. A Jane disse que o Seth foi muito afetuoso no final.)

Boa noite.

SESSÃO 398

11 DE MARÇO DE 1968

("Boa noite, Seth.")

Agora. Tenho vários pontos a abordar, e eles ligam-se diretamente ou indiretamente ao nosso tema.

(Sorriso.) Joseph... O Ruburt não tem de me fazer perguntas. Eu respondo automaticamente às perguntas que mais profundamente e seriamente o preocupam. É verdade que, no passado, ele muitas vezes bloqueava comentários pessoais, mas simplesmente ainda não tinha desenvolvido o suficiente para superar o seu próprio nervosismo, o seu próprio estado emocional.

(O acima em resposta a uma pergunta minha, mencionada durante o fim de semana.) Muitas vezes respondo às suas perguntas sem mencionar que estiveram na sua mente. Agora, mencionarei em particular que ele tem estado preocupado com vários problemas relacionados com o teu próprio pai e com a tua Sr.^a Callahan.

(A Sr.^a Callahan, com quem algumas das primeiras sessões se ocuparam, morreu na semana passada. No Volume 1, ver as sessões 28 e 29, fevereiro de 1964.)

Ele interrogou-se sobre o estado mental deles em relação à consciência global. Agora. A consciência nunca pode exprimir-se totalmente em termos físicos, como sabes. Através de várias reencarnações, a entidade tenta exprimir-se de forma cada vez mais competente dentro do quadro da realidade física.

Numa situação como a do teu pai ou da Sr.^a Callahan, a consciência global não é menor, mas menos dela se exprime em termos físicos. Ou tem cada vez menos controlo sobre o organismo porque não resolveu suficientemente os seus problemas, porque já decidiu, em grande parte, deixar o sistema — mas fá-lo gradualmente; ou porque, nalguns casos, há um bloqueio psíquico que impede a plena utilização de energia neste aspeto importante.

A personalidade torna-se cada vez menos aparente dentro do organismo físico. A personalidade em si não se desintegrou. O seu controlo sobre o organismo, por várias razões, diminuiu. Nestes casos, a personalidade vai gradualmente abrindo caminho para a realidade seguinte. Reúne a sua energia no sistema seguinte.

Agora, há uma situação comparável que ocorre, por vezes, numa direção completamente diferente e por razões completamente diferentes. No nascimento, o eu reencarnado anterior pode, em alguns casos, recusar ou ser incapaz de largar o controlo sobre a matéria física. Quando isto acontece, há consciência, por parte da nova personalidade, da vida antiga, mas, mais ainda, um apego persistente, uma tenaz manutenção do eu anterior.

A consciência da personalidade não partiu cedo demais, ou incomumente cedo, como no caso do teu pai, mas persiste teimosamente. É como se um artista visse a última pintura a aparecer repetidamente na seguinte. Em tais casos há falta de compreensão. A identidade interior não compreende que está simplesmente a tomar um disfarce diferente, a cumprir diferentes obrigações ou a usar energias não realizadas.

O ego é tão forte que se agarra até à nova materialização. São duas faces do mesmo problema, percebes — como tenho a certeza de que sabias, quanto ao teu pai. O homem que devia ter sido não está infeliz. O teu pai nunca te abandonou. Isto não significa que fosses órfão nesse aspeto, nem que ele te tenha deixado por crueldade. Dá-me um momento aqui.

(Pausa. O andamento da Jane tinha abrandado bastante com o início deste material, e começou a fazer muitas pausas, algumas bem longas. Os olhos, porém, continuavam a abrir-se e a fechar-se.)

Ele deixou-te — e deixou aos teus irmãos — algo que estimas muito. No homem a quem chamas teu pai havia sempre o sentido do inacabado. Havia a sensação do buscador. Havia a necessidade de onde brota a criatividade. Em certa medida isso tornou-se o teu impulso. Intuíste-o.

Ele deixou-te coisas para fazeres à tua maneira. Trabalhou com fotografia porque não podia pintar. Não conseguia criar a si mesmo. Não conseguia ver-se em ambientes físicos. Como fotógrafo, estava muitas vezes fora da fotografia. Não te deixou de mãos vazias.

(Longa pausa.)

Ele não conseguia materializar-se. Em certo sentido, foi mais a tua mãe passiva do que o teu pai. Não conseguia comunicar. O seu amor pela maquinaria foi a sua tentativa — a mais forte — de tornar o seu ser físico. O homem a quem chamas teu pai está agora mais feliz do que alguma vez esteve.

A personalidade inteira esteve, durante muito tempo, à espera noutro sistema de realidade. Não há lei que diga que uma personalidade tem de se materializar plenamente dentro de um dado sistema, embora seja, geralmente, mais sensato fazê-lo.

(Longa pausa.) Estás cansado?

("Não.")

(Longa pausa.) O teu pai e dois irmãos faziam originalmente parte da mesma entidade. Os teus dois irmãos e a Ruth Butts fazem parte da mesma entidade. Agora ouve-me. Isto é difícil. *(Pausa.)* A energia principal do homem a quem chamas teu pai partiu há muito tempo, como te disse. Ele *(pausa)* reuniu as suas energias e está à espera, mas parte das suas energias foi dada ao filho da Ruth *(o meu primo direito)*.

Este é um arranjo voluntário. O rapaz precisa de vitalidade adicional.

Não creio que o rapaz venha a viver até à velhice. O pai emprestou esta vitalidade e ajuda o rapaz, sabendo de antemão a dificuldade do rapaz. O rapaz é incapaz de se relacionar plenamente com a realidade física. Quando o homem chamado teu pai morrer, a sua energia regressará ao eu que está à espera. Esse eu chamará então de volta a energia que emprestou ao filho da Ruth.

Se, até lá, o rapaz tiver aprendido a relacionar-se, pedirá reforço à sua entidade e recebê-lo-á. Pode, por exemplo, haver uma doença temporária enquanto as transições têm lugar. Se não, morrerá ou ficará em grande parte incapacitado.

O teu pai, portanto, ajudou o rapaz. Também te serviu de exemplo, e ele sabe disso; pois tu não querias relacionar-te plenamente. Tudo isto não é tão complicado como parece. Se te sobra tempo, ajudas os outros. Se uma personalidade está entre sistemas, empresta a sua energia a outros.

A tua mãe está a enfrentar realidades que antes não enfrentava e a ver, em termos físicos, os resultados das suas próprias ações interiores. Não havia outra maneira de ela aprender. O que te pode parecer um desastre, ao analisares a vida dela, é uma lição bem aprendida em realidade, e uma vitória.

(Olhos muito abertos e escuros, o modo novamente enérgico, a Jane fitou-me, a sorrir.)

Agora. Vês como consigo “passar” muito melhor agora? (“Sim.”)

E consegues sentir a minha presença aqui de forma mais satisfatória? (“Sim.”)

Em consideração por ti, meu auspicioso amigo, vou (sorriso) deixar-te fazer um intervalo e descansar os teus dedos rápidos.

(21:44. Pensei que a Jane tinha estado num transe profundo. Agora, recostou-se na cadeira de baloiço, ainda de olhos fechados. Passou um minuto. “Estás aí?”, perguntei, mas não obtive resposta. A Jane ficou muito quieta, com os olhos ainda fechados e as mãos gentilmente entrelaçadas.

(Andei um pouco enquanto ela aguardava. Finalmente, sentei-me às 21:49 e peguei na caneta e no papel. “Pronto”, disse eu. A Jane então murmurou o meu nome baixinho, ainda de olhos fechados. Passou mais um minuto. Depois recomeçou às 21:50 e, à medida que o fez, os olhos começaram a abrir-se como de costume e o modo voltou a ser algo animado.)

Houve um momento particular em que o teu pai te disse adeus. Tinhas dois anos.

Estavas a brincar. Estavas ao colo da tua mãe, no quarto deles, e ele disse simplesmente “adeus” a ambos. E ambos souberam que ele o dizia a sério.

(A Jane estava sentada com a cabeça baixa.)

Isso tinha-se seguido a uma discussão com a tua mãe. Saíste de casa e, quando ele voltou, já não era o mesmo homem. E, subconscientemente, não foi compreendido, e deixou em ti, nesse momento, o desejo de criar.

As personalidades não são coisas estáticas. As entidades são eternas.

(Olhos semicerrados e escuros.)

Não vêm tão bem nem tão arrumadinhas, uma por corpo, como os vossos psicólogos acreditam. Mudam constantemente. Crescem. Tomam decisões. Usam plenamente o corpo físico, ou dele se afastam parcialmente, de acordo com as suas próprias necessidades e desenvolvimento interiores.

Quando as configurações psíquicas são feitas e formadas, não são estáticas. Fazem diferentes alianças até encontrarem o seu lugar numa identidade global que sirva os seus propósitos, ou até serem fortes o suficiente para se tornarem indestrutíveis. Estão sempre em devir; não são unidades fechadas.

O teu pai não era simplesmente o teu pai. Essa identidade que é a dele cresceu, desenvolveu-se, mudou as suas circunstâncias e os seus componentes físicos muitas vezes, procurando o “solo” psíquico que melhor desenvolvesse os seus próprios potenciais.

Isto não é simples de explicar, e, no entanto, dar-te-ia má conta do recado se te deixasse uma explicação simplista. Os sentimentos emocionais são vitais. As identidades emocionais são indestrutíveis. As personalidades que conheceste em vidas passadas conhecer-te-ão depois da transição. Isto não significa que, para os seus próprios propósitos, não tenham entrado em fusões psíquicas que não consegues, por ora, compreender. Tal como eu estou agora unido a ti numa fusão psíquica, e continuo a ser eu próprio, e tu, tu próprio.

Há pontes espirituais, mas são formadas por personalidades individuais. O teu pai está a formar uma ponte espiritual. Ele é um degrau da escada, mas também faz parte do degrau acima e do degrau abaixo. O facto de não poderes pôr o dedo em cima dele não significa que não exista, que não te tenha ajudado a realizar-te e que não tenha ajudado a ensinar a mulher que conheces como tua mãe.

Agora, espero que me compreendas intuitivamente, porque o que disse confunde o intelecto em larga medida. Mas eu falo através do Ruburt, e o Ruburt é ele mesmo e eu sou eu mesmo, e, no entanto, sem o teu apoio ao Ruburt eu não poderia falar. Isto de modo nenhum diminui a minha

realidade nem a do Ruburt. Assim, o uso que o teu pai faz das suas próprias energias não diminui aquilo que ele é, nem o seu sentido global de direção.

Ele não te deixou sem consideração. Deixou-te aquilo que pensou ser o melhor que tinha para te dar: uma necessidade de criatividade que ele não conseguia exprimir em termos físicos.

(Longa pausa, olhos fechados, cabeça baixa.)

Deixou ao teu irmão mais novo um sentido *(sorriso)* de doçura, uma qualidade inocente, intocada, que o sustentará sempre.

Deixou ao teu irmão do meio *(sorriso)* uma persistência teimosa que o ajudará se a usar corretamente. Deixou à tua mãe as perguntas de que ela precisava — o que fizera que não deveria ter feito — pois essa pergunta era importante para o desenvolvimento dela.

Agora, tudo isto diz respeito ao nosso tema principal, pois as implicações são claras. Ele, no corpo de homem idoso, usufrui da solidão que sempre quis. A tua mãe foi originalmente a centelha que o fez relacionar-se sequer com a realidade física, e é por isso que ele a ressentia, porque lutou com ela e porque ela não o conseguia respeitar. Agora, nos seus termos, desfruta o luxo de não reagir. *(Pausa.)*

Haverá uma reunião jubilosa da sua identidade quando o corpo morrer. É como tecer mosaicos, os teares da personalidade dentro e fora, e nenhum efeito é desprovido de significado ou de benefício. Nesta vida, estavas destinado a criar e a ensinar. Toda a criação é ensino. A tua entidade é mais antiga do que a do teu pai. Tu, o Ruburt e eu já estivemos ligados muitas vezes. A configuração, as condições, foram no passado benéficas para todos nós.

Já percorreste o caminho que indivíduos como a tua mãe e o teu pai atuais percorreram. Portanto, tudo é um processo de desenvolvimento.

Agora, eu estou aqui nesta sala. Estou também noutro lugar, noutra altura. O teu pai está em várias dimensões ao mesmo tempo. Tudo isto é cumprimento de valores. É crescimento.

Estamos a ir bem com o Ruburt. Estamos a fazer-nos ouvir com tanta clareza, na verdade, que ele está agora a aprender a desembaraçar-se de mim. Eu parto de boa vontade, mas a minha energia é tão forte que ele não sabe como me deixar ir. Está totalmente descontraído. Não está, porém, habituado a sentir a minha presença com tanta força.

Sugiro que digas o nome dele, o nome atual, três vezes, e que lhe toques. Isto é apenas um procedimento temporário e um sinal do nosso

progresso. Ele aprenderá rapidamente o procedimento e então deixará de ser preciso.

(22:20. Mais uma vez, a Jane ficou sentada, calma, com os olhos fechados. Segui a sugestão do Seth. Quando lhe toquei depois de pronunciar o nome dela três vezes, saiu facilmente do transe. Mas tinha estado muito em baixo, e parecia um pouco desgrenhada, pois tinha estado a passar as mãos pelo cabelo enquanto falava, por vezes.

(A Jane lembrava-se da última parte do material. “Mas eu não sabia o que fazer no intervalo”, disse. “Eu ainda era o Seth no intervalo, mas consegui perceber quando te levantaste e te moveste, através da luz, mesmo de olhos fechados... Agora, à medida que falo contigo, tudo está a esbater-se. Senti-me muito estranha quando a sessão acabou.

(Enquanto conversávamos, a Jane disse que recebeu algo adicional do Seth — no sentido de que a minha prima direita, Ruth Butts, era uma personalidade masculina. A Jane disse depois que ‘devem ter passado dias, no que toca ao tempo’, apesar de ter sido apenas ‘uma hora e meia’.)

SESSÃO 399

13 DE MARÇO DE 1968

(A Jane começou a falar com uma voz muito suave, mas de forma bastante ativa, e com os olhos abertos desde o início.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Eu estou aqui. Agora. A Jane quis há pouco dizer-vos que se sente de forma algo diferente imediatamente antes das sessões.

(Pouco antes das 21h, a Jane tinha-me dito que estava mais consciente da presença do Seth antes da sessão.)

Ele está, finalmente, mais consciente da minha presença. Tenho algumas observações para vos transmitir, que deverão ser gratificantes. Os vossos próprios sintomas persistentes desaparecerão à medida que os sintomas persistentes da Jane desaparecerem, e ele tem feito grandes progressos, como penso que agora, meu caro amigo, vós concordareis.

Ambos sentirão a diferença, pois a atitude interior dele manteve-vos a ambos retidos. Não esqueçais, no entanto, que inicialmente tivestes um

efeito bastante forte neste processo. Mas haverá uma energia adicional bastante notória disponível para ambos, individual e conjuntamente.

Isto ajudar-vos-á em todos os vossos projetos. Ajudar-vos-á também financeiramente, após um período de aproximadamente seis meses; embora seja uma estimativa aproximada. Ter-se-ão iniciado eventos que assegurarão que não tereis mais preocupações financeiras.

(*Sorriso.*) Agora, os efeitos imediatos de dinheiro líquido não estarão então no vosso bolso, mas os vossos bolsos estarão sempre preenchidos. Não há distorção aqui. Desejo continuar ao longo das atuais linhas de discussão das nossas sessões, mas estais preparados, ou a Jane está, de modo que qualquer informação relativa à reencarnação deverá agora surgir com bastante clareza. É apenas uma questão de abordarmos o tema, propriamente dito. Faremos o nosso melhor para vos transmitir quaisquer questões relativas às vossas vidas individuais ou informações de carácter histórico.

A capacidade da Jane para me permitir falar sem distorção tem aumentado. Podem ocorrer erros relacionados com a interpretação verbal. Estes surgem em qualquer comunicação deste tipo, e tentaremos clarificá-los quando eu os detetar, ou quando vós os trouxerdes à minha atenção.

Vós, ó Rob, embora eu fale com suavidade, deveis também agora estar ciente de que a minha presença aqui é mais forte.

(*"Sim."*)

Agora podeis, de facto, esperar auxílio da minha parte sempre que o solicitardes. Podeis fazê-lo mentalmente, e eu ajudar-vos-ei pessoalmente, esteja ou não uma sessão envolvida. Procurarei introduzir na vossa mente, sempre que o solicitardes, qualquer informação específica, ou responder a perguntas relacionadas com o vosso desenvolvimento.

Tenho-me manifestado com alguma frequência nas aulas da Jane ultimamente, e isso tem sido benéfico para ela. Os alunos são auxiliados quando falo com eles através dela. Estes, por sua vez, estabelecem uma atmosfera psíquica de apoio que contribui para o bem-estar da Jane.

O livro que ele está a escrever agora é apenas um começo – e um excelente – o ato de fé a partir do qual outros desenvolvimentos nas vossas vidas psíquicas crescerão. A sua capacidade de escrita sempre se baseou em saltos intuitivos. Na ficção e na poesia, permitia-se essa liberdade intuitiva, mas receava aplicá-la ao universo físico real. É por isso que a sua ficção mais eficaz e publicável assumia a forma de fantasia.

Existiam dois mundos para ele, em vez de um só, e não aplicava diretamente as suas intuições à vida física. No entanto, ajudou a desenvolver a vossa liberdade interior para que a pudésseis aplicar à vossa pintura. Haverá mudanças no vosso próprio trabalho, e estais agora a aproximar-vos delas.

Ambos têm propósitos individuais e ao mesmo tempo conjuntos nesta vossa última reencarnação. Destinam-se a contribuir individualmente e em conjunto. Isto não significa que o fariam automaticamente. Tiveram livre-arbítrio neste assunto. Se realizardes as vossas capacidades, então a vossa contribuição será muito maior, individual e conjuntamente, do que imaginais.

Agora, com nova energia disponível e com muitos problemas já ultrapassados, essa possibilidade é muito forte.

Havia muitos caminhos que poderiam ter seguido, e nesse caso não teriam sido capazes de comunicar comigo, nem eu convosco; e se isso não tivesse ocorrido, a possibilidade de um cumprimento ideal não poderia ter acontecido.

A relação entre vós foi a base para esta comunicação. A vossa própria existência após as vossas futuras mortes (*sorriso*) depende, naturalmente, das vossas ações agora, mas já podeis ter a certeza de que estarei convosco.

O grau em que evoluem espiritualmente depende da vossa fé no nosso trabalho. Contudo, nunca vos pedi, nem pedirei, que sigam apenas com base na fé, pois tenho-vos dado, e continuarei a dar, provas de capacidades que não existiriam se fossem meramente criaturas físicas.

Mais “provas”, entre aspas, da minha existência independente aparecerão na proporção direta da vossa crença nela, e da da Jane. Pois, à medida que acreditais em mim, permitis que eu me manifeste de forma mais completa.

Podeis fazer uma pausa, e continuaremos.

(21h30. A Jane disse que, durante a pausa, estava num estado “meio a meio” — meio em transe, meio fora. Disse que nunca tinha estado consciente de tal sensação antes; e que, durante as sessões, agora está “mesmo fora”. Sente-se muito mais distante do que costumava estar, acrescentou, sentindo-se cada vez mais como o Seth e menos como a Jane. Acrescentou ainda que já não tem tantas reservas em permitir o estado de transe mais profundo.)

(Retoma às 21h38 com o mesmo tom de voz suave; ritmo bom, olhos abertos com frequência.)

Agora, devido aos vossos passados específicos, o vosso desenvolvimento global surgiria mais tarde, e não nos vossos primeiros anos.

Há trocas constantes de energia dentro de vós, como sabeis. A vossa personalidade, per se, muda nesta vida. Nunca é estática. Os componentes da personalidade da Jane e da vossa, ó Rob, mudaram desde que as nossas sessões começaram. Agora, toda a personalidade da Jane teve de assimilar o conhecimento que estava a receber, o que automaticamente alterou a personalidade tal como era antes.

Literalmente, ele não poderia funcionar até assimilar estas novas experiências – ou, em grande parte, negá-las. O vosso encorajamento foi essencial, e o vosso apoio e encorajamento continuam a sê-lo. Sois indivíduos distintos, com personalidades bastante distintas, e continuarão a existir como identidades separadas. No entanto, também fazeis parte de outras identidades. E vós os dois, vós os dois formam uma *gestalt*, de tal forma que, trabalhando em conjunto, tendes mais conhecimento, capacidade e informação do que separadamente.

Isto nada tem a ver comigo, exceto no facto de que trabalhar em conjunto nas nossas sessões me ajuda a manifestar-me de forma mais completa. Ou seja, eu não sou essa *gestalt* formada pelas vossas identidades unidas. Contudo, essa energia adicional ajuda-me a comunicar.

Agora, existem formas que não estais a utilizar e que vos permitirão tirar melhor partido dessa *gestalt* psíquica e psicológica formada por ambos. Empreendimentos psíquicos conjuntos deverão ser bastante bem-sucedidos e ajudar-vos-ão a desenvolver ainda mais as vossas capacidades. Empreendimentos criativos conjuntos serão muito bem-sucedidos, se alguma vez os tentarem. Não tendes consciência do grau em que as vossas próprias capacidades intuitivas foram despertadas pelo contato com a Jane. Ele, creio, reconhece como as suas foram reunidas e orientadas devido à sua associação convosco.

Agora que muitas fricções psicológicas entre vós foram eliminadas, saireis beneficiados em quaisquer empreendimentos que combinem os vossos talentos. Tentativas conjuntas de projeção, com prática, deverão ser muito bem-sucedidas. A experiência da Jane neste campo ajudar-vos-á, e o

conhecimento de que vós estais com ele tenderá a neutralizar os seus próprios receios.

Isto poderá parecer ter pouco a ver com a nossa discussão acerca da experiência após a morte, e, no entanto, tem; pois, à medida que sentirdes as mudanças em vós próprios e experimentardes várias alterações nas vossas personalidades, não receareis essas mudanças após a morte.

Quanto mais aspetos de vós próprios conhecerdes, mais preparados estareis. Aprendereis ainda, ó Rob, a conceder à vossa intuição o domínio na vossa obra, de modo que a forma e a técnica — tão belamente moldadas — se tornem secundárias e fluam automaticamente a partir da ideia.

Agora, sublinho: digo-vos que, a partir das nossas sessões, ocorrerão mudanças que afetarão muitos. Não vo-lo poderia ter dito antes, porque as capacidades da Jane estavam a ser reprimidas. Estas ainda estão por se desenvolver plenamente. No entanto, a energia das nossas sessões silenciosas transformará as vossas vidas e, através da vossa obra, as vidas de milhões.

Agora, a Jane não fala por ego ou vaidade. Isto não é um complexo de superioridade. (*Longa pausa, olhos abertos.*) Vós dois, desde a vossa união, fostes como um pavio. Se a centelha se acenderia ou não, dependia do vosso desenvolvimento passado. E acendeu-se, apesar da Jane ter tentado, com medo, apagá-la. (*Pausa.*)

Tereis um papel mais ativo como mestre do que atualmente supondes. (*Para mim.*) Passareis os vossos anos mais avançados a proferir palestras em várias cidades, e a vossa própria obra artística será realizada. A Jane tomou já, sem o perceber conscientemente, a sua decisão, e através dela serão dados sinais e ditas palavras, e um movimento terá início que sobreviverá a ambos.

Esse movimento será o material. Deixará a sua marca porque homens individuais reconhecerão a sua verdade. Se o tivesse dito antes, a Jane não teria acreditado em mim. Existem longos anos à vossa frente, e desenvolvimentos que devem ocorrer antes que, talvez, possais ver a verdade por detrás destas palavras.

A Jane pressentia, desde o nascimento, que tinha um destino particular. À sua maneira, tentou ser-lhe fiel, mas as suas próprias faculdades críticas ameaçaram desuni-la. Por si só, ela não teria sido capaz de prosseguir. E por ti só, ó Rob, também não terias sido capaz de seguir pelo caminho que a tua entidade te destinava. (*Pausa.*) Estás cansado?

("Não.")

Pois bem. Tenho mais um ponto a abordar, e parecer-vos-á estranho. *(A Jane levantou-se e procurou um cigarro enquanto falava.)* Vós viveis juntos como homem e mulher. Existe, portanto, atração sexual. Essa atração é uma base para o comportamento diário. Existe, é reconhecida, e é uma bênção. É algo positivo.

No entanto, permanece o facto de que nenhum de vós deseja filhos, sexualmente falando. Já vos disse o que deixareis para trás. O amor profundo que nutrem um pelo outro, meus caros amigos, é, no seu todo, um amor bissexual, pois conheceram-se muitas vezes, e em diferentes papéis de género.

As vossas personalidades atuais necessitam de realização sexual, mas a energia principal das vossas vidas está direccionada para outros campos. É por isso que vós, ó Rob, não casastes jovem, e que a Jane, inicialmente, escolheu um homem por quem não tinha interesse sexual. A atração profunda que sentis nesta vida tem fortes conotações sexuais que devem e serão satisfeitas, mas vai além disso. *(Pausa.)*

As ligações psíquicas são de facto de natureza sexual, mas estão entrelaçadas tão profundamente nas vossas mentes que a sua materialização física é secundária. Sois mais parte um do outro do que imaginais, e esse fundo comum de conhecimento sexual permanece sempre latente em ambos.

Nenhum de vós deseja descendência física, pois o propósito principal agora é deixar como legado a vossa obra — as pinturas, os escritos — e as minhas comunicações. Estas comunicações não são importantes por serem minhas, nem por vos chegarem através de vós, mas porque são mensagens provenientes de outras dimensões, que falam ao homem da sua verdadeira natureza.

Podeis fazer uma pausa ou, se preferirdes, terminar a sessão.

("Faremos uma pausa." 22h16. A Jane encontrava-se novamente bastante dissociada, e demorou alguns minutos a abrir os olhos. Durante a pausa, discutimos o facto de que os alunos de ESP da Jane tinham muitas perguntas para o Seth. Parecia que estavam sempre prontos para uma sessão, e eu perguntava-me se a Jane teria energia para tais exigências extra; e para que fim seriam utilizadas essas sessões de aula.)

(Retoma às 22h25)

Não deveis recluir nesse aspeto, ó Rob. As aulas, no entanto, serão um meio da Jane desenvolver as suas capacidades, e de ajudar os outros, pois o desenvolvimento destas capacidades destina-se a esse fim.

Vou agora deixar a nossa amiga repousar e encerrar a sessão. Ele aprenderá a funcionar rapidamente dentro deste novo estado de transe. O seu conhecimento intuitivo, no entanto, tornar-se-á parte integrante da sua personalidade presente.

(A Jane fez um gesto divertido.)

Ela não se transformará em mim. Esse é um dos seus receios secretos, como vedes. *(Riso parcial.)*

Ela não vai abandonar o prazer e transformar-se num espiritualista sisudo e carrancudo. Nem mesmo eu sou assim.

(22h28. A Jane permaneceu sentada, com os olhos fechados. Quando percebi finalmente que a sessão tinha terminado, despedi-me do Seth. Os olhos dela permaneceram fechados por mais um ou dois minutos, depois abriram-se muito lentamente. Disse que se sentia com os olhos pesados e sonolenta, e mais uma vez não tinha a certeza de como "regressar" da sessão.)

(A Jane perguntou-me se eu tinha notado alguma alteração física no rosto dela no final, pois estava fortemente consciente da personalidade do Seth. Só pude dizer que, nos últimos parágrafos, o contorno da boca e do queixo me pareceu, de certa forma, diferente — mais envelhecido — não exatamente como o que costumo ver. Mas não acredito que tenha havido qualquer "transmigração". É bastante possível que a apreciação emocional da Jane pela personalidade do Seth tenha influenciado essas mudanças, à medida que ela se envolvia na transmissão do material.)

SESSÃO 400

20 DE MARÇO DE 1968

(Ao jantar, hoje, a Jane e eu discutimos os nossos trabalhos de pintura e escrita, e dissemos que esperávamos que o Seth abordasse alguns problemas surgidos nesses campos.

Eu estava particularmente interessado na informação relativa à pintura.)

(A Jane começou a falar para o Seth no seu modo habitual: voz relativamente baixa, algumas pausas, olhos frequentemente abertos.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem. Algumas observações preliminares são necessárias, e depois tentarei responder da melhor forma às vossas perguntas. A Jane não precisa de passar 24 horas por dia a pensar no trabalho. Lembrem-se: ele deve confiar no Eu interior. Deve manter os seus horários regulares. É essencial que se concentre no presente. Quando estiver a fazer tarefas domésticas, por exemplo, que dê descanso à mente — e que se concentre nas tarefas com alegria. Além disso, ela precisa de outros interesses para se revitalizar. Já sugeri, no passado, que retomasse a pintura. O ioga é bom — excelente para ela. Deve ser praticado com alegria. Ela não precisa de ser sempre tão sério.

Estas questões podem parecer óbvias, mas devem ser seguidas. Dão liberdade ao Eu interior. Ela voltou a martelar, embora agora martele com um propósito melhor.

(Sorriso.)

A estação do ano trará também as suas vantagens. Que trabalhe durante algumas horas — e depois se concentre noutras atividade. Ela está a esforçar-se demasiado. Vê que mudou de atitude — e agora quer provar, com fúria, que mudou. *(Tom humorístico, enfatizado.)* Deixou cair o exercício de relaxamento — e esse deve ser retomado. Para ela, é extremamente benéfico. Sentiu a necessidade de dormir mais porque tem estado ansiosa por "corrigir tudo". Estas sugestões, se seguidas, colocá-la-ão de novo no rumo adequado.

Agora posso dizer-te o seguinte. Há meses atrás, ela não teria permitido que eu falasse — a não ser após o reaparecimento de sintomas. Estamos agora a evitar todo esse processo. Os ganhos interiores foram alcançados. Ela está no caminho certo — mas agora quer galopar imediatamente, percebes? *(Mais humor; olhos muito abertos.)* Esta atitude

de "demasiado depressa" refletiu-se na aula de ontem à noite. Trabalhar com a mesa teria sido suficiente, percebes? A interpretação que fez da tentativa de comunicação foi acertada, e por isso não perderei tempo a discuti-la.

(Na noite anterior, na aula de ESP, a Jane tentou contactar um amigo recém-falecido de alguns membros da turma. Disse ter conseguido estabelecer uma ligação emocional com a "pessoa", que nunca conhecera.)

Houve, de facto, uma ligação. As circunstâncias não eram boas do outro lado — e ela já tinha feito mais do que o suficiente naquela noite. Pretendo usar o resto da sessão para tratar dos assuntos que discutiam anteriormente. Darei uma breve pausa. Depois, consoante o material e o estado da Jane, poderei falar quase continuamente enquanto abordamos certas questões.

(A Jane saiu facilmente do transe, mas disse que, mais uma vez, fora um transe profundo, como tem sido regra ultimamente — e que mesmo agora, durante a pausa, sentia a energia do Seth. Quando retomou, a sua voz tornou-se imediatamente mais forte e assertiva.)

Mais uma nota: a Jane precisa lembrar-se de manter igualmente outros interesses.

Isto permite-lhe afastar a atenção consciente das matérias psíquicas — e concede-lhes liberdade. Dança, jardinagem, pintura. Pode dar-se ao luxo de brincar. *(Tom humorístico.)* Agora que é “bom” *(entre aspas)*, não precisa de se transformar numa santa de um dia para o outro. *(Enfático.)*

Agora, dá-nos um momento.

(Pausa.)

Para ti *(apontando para mim)*, sempre houve um amor pela terra — e pelos frutos da terra.

(Uma ligação óbvia que nunca tinha feito conscientemente; pois gosto de usar maçãs, laranjas, frutas, ovos, etc., como modelos.) (Longa pausa.)

Tu trabalhas com emoção e criatividade — e sempre o fizeste. A capacidade que tens de desenhador — se é esse o termo correto — foi adotada por duas razões: Por ser uma ferramenta da tua arte. E ser igualmente uma parte do teu talento.

Acrescentava dimensão ao teu trabalho, mas, de certo modo, foi também adotada como mecanismo de proteção — para te dar uma sensação de separação. A emotividade da tua mãe assustava-te a tal ponto que aprendeste a desconfiar do sentimento intenso — mesmo sendo

imprescindível usá-lo e senti-lo vividamente para pintar. Nesta vida, essa elevada capacidade técnica permitiu-te, pois, pintar — pois sem ela terias ficado demasiado assustado pelas sensibilidades interiores necessárias. Sempre teve esses dois significados para ti — essas duas faces.

A precisão quase "sobrenatural" (*entre aspas*) na delineação criava o tema da pintura com beleza. Mas as linhas também te protegiam — tanto do que pintavas, como do sentimento envolvido. Permitia-te sentir que estavas a capturar o objeto — e assegurava-te que não eras o capturado. Querias ter a certeza de que estavas a usar as tuas emoções — e não que elas te usassem a ti.

O realismo tem também vários significados importantes para ti. A tua mãe sentia-se literalmente aprisionada pela vida física e pelas circunstâncias. Em criança, sentias que recriar porções da realidade física te dava domínio e controlo sobre elas. Quanto mais precisa e fiel fosse a recriação, mais completo seria o domínio. (*Pausa.*)

Agora, um momento. (*Pausa.*) A emotividade no ambiente doméstico parecia ameaçadora — e livre, imprevisível. Nunca sabias quando eclodiria — e, enquanto criança, sentias-te indefeso perante ele. Através da precisão do desenho, sentias que a aprisionavas — e, assim, a controlavas.

Inicialmente, essa sensação apresentava conotações quase mágicas para ti. Fundamentalmente, sentias um compromisso mágico com o realismo — pois abandoná-lo seria como romper as linhas desse aprisionamento e libertar as emoções temidas. No princípio, não terias conseguido pintar se não tivesses desenvolvido esta técnica — que te permitia utilizar a emoção e, ao mesmo tempo, contê-la. (*Longa pausa.*)

Estes elementos ajudaram a moldar e a definir as tuas capacidades — acrescentando-lhes a sua natureza particular e peculiar. Estás agora a reconhecer certas limitações que esses desenvolvimentos impuseram. As atitudes interiores precisam de ser completamente alteradas — embora os teus métodos e estilos não tenham, necessariamente, de mudar um milímetro. Ser-te-ia benéfico tentar trabalhar em formatos maiores. Tens receio de lidar com demasiada emoção de uma só vez — e o simples ato de trabalhar em maior escala libertar-te-ia, em grande medida.

Por vezes, receaste colocar demasiado de ti próprio nas tuas obras — como se a pintura te pudesse aprisionar. No fundo da tua mente, pensavas nos teus pais — aprisionados na casa deles. Uma casa como estrutura emocional — mas também física. A técnica pode servir, de forma

magnífica, como serva das intuições. A técnica pode ser o canal através do qual o sentimento flui. (*Longa pausa.*)

Deixa que o meio e a técnica brotem naturalmente a partir da visão interior. Permite que a visão tome a sua própria forma — não lhe imponhas (*sublinhado*) uma forma. Assim, a tua técnica refinada será verdadeiramente usada em proveito próprio. Podem fazer uma pausa — que logo continuaremos.

(*A Jane, mais uma vez, estava muito longe, mas saiu bem do transe. Retomámos.*)

Imagina a visão interior a formar-se sobre a tela, a expandir-se para a realidade física — e que as vossas capacidades técnicas ajudem apenas o fluxo da visão para o exterior. Imagina a visão interior a fluir-te pela mente e a expandir-se livremente para a tua tela. Deixa então que a tua técnica impecável acompanhe e, por vezes, ajude a definir essa visão.

Esta atitude, por si só, ser-te-á de grande auxílio. Uma criança desenvolve-se no seu modo natural. O pai não deve forçar, mas sim seguir as inclinações naturais do filho. Assim também tu — deixa a tua capacidade técnica seguir os impulsos naturais da visão.

Dá-nos um momento. (*Pausa.*)

O sentimento que tens com relação ao óleo: Gostas dele porque o consideras básico e poderoso — mas, pela mesma razão, evitaste-o, ressentindo-te das suas conotações pessoais de emoção crua. Não o consideraste suficientemente refinado, em termos de processo. No entanto, também não te sentiste confortável com os acrílicos — que te pareceram excessivamente refinados e afastados das bases.

O teu problema reside na atitude geral perante a emoção — que projetas depois sobre os materiais que utilizas. Em certa medida, o dilema atual foi iniciado pela condição dos teus pais. Existe em ti a sensação de que a emoção é sinónimo de desordem.

Agora, uma sensação de liberdade tem vindo a emergir — levando-te a desejar trabalhar em escalas maiores. Permite que a visão interior se manifeste naturalmente — e ela crescerá e expandir-se-á. Trabalhar com temas que te despertem alegria também te ajudará a libertar-te — embora sintas ainda algum receio da alegria, desconfiando dela. Ainda assim, experimentarás liberdade quando trabalhares com temas que evoquem em ti a alegria de viver — ou a abundância da natureza. (*Pausa.*)

Visões interiores de natureza psíquica também te dão liberdade — pois, curiosamente, o teu passado não te incutiu medo em relação à fantasia. Não há, pois, nesse campo, uma ligação pessoal de desconfiança. Agora, ao trabalhares em retratos, ao olhares para o sujeito, tenta vê-lo como foi em vidas passadas. Isso acrescentará profundidade e dimensão — e aumentar-te-á enormemente o interesse.

A forma é extremamente importante — mas as formas mudam constantemente, e nenhuma é permanente. Portanto, deixa que a tua habilidade de desenhador transmita igualmente essa mensagem: forma bela — mas já em transição — com a visão subjacente sempre pronta a assumir nova forma. (*Longa pausa.*)

(Considero este material excelente e muito perspicaz.)

Pensa, antes de mais, em seres tu próprio um meio — através do qual as visões fluem.

Cada uma delas, até certo ponto, sugerirá a sua própria forma, que poderás seguir fielmente. Não procures decidir, conscientemente, de imediato qual o meio — óleo, etc. (*pausa*) — nem estabeleças conscientemente um programa vitalício nestes termos, agora.

O desenvolvimento surgirá naturalmente a partir de dentro, seguindo a tendência geral dessas visões interiores. Sendo quem és, atrairás as tuas próprias visões únicas — e, se seguires estas sugestões, cada visão indicará a sua forma e o seu meio, e o padrão geral tornar-se-á perceptível, alinhado numa direção. Essas linhas — refiro-me a direções, no sentido geral — revelarão o teu estilo verdadeiramente original.

Não te forçarás a seguir certos caminhos, nem tentarás moldar-te segundo padrões exteriores. O estilo original, a perspetiva original e a direção que procuras serão, assim, o resultado da tua visão interior livremente seguida, conforme tentei expor. Esse estilo já existe — e é evidente em parte do teu trabalho.

Agora podem fazer uma pausa.

(Mais uma vez, a Jane estivera bastante dissociada. Abriu os olhos com facilidade, mas comentou que "não fazia muito sentido". Mesmo durante a pausa, sentia fortemente a presença e a energia do Seth a fluir através dela. Retomámos às 22h52, com a voz dela mais calma.)

Bem. Mais uma vez: a visão implicará — e, por vezes, ditará — a sua própria forma. Mas a forma deve sempre surgir como atributo da visão — e jamais ser-lhe imposta. Preocupa-te com a visão — e o resto tomará o seu

lugar. A visão deve ter sempre liberdade, pois é maior do que a sua forma. Isto é importante. A visão molda-se a si própria. Deixa pois que a tua mão siga as tuas intuições — e a forma vibrará, pois visão e forma serão um só.

A visão assumirá novas formas — mas, se a seguires fielmente, a visão e a forma adotada fundir-se-ão num ponto-momento. (*Pausa.*) Permite que a visão se exprima na forma — não tentes impor-lhe uma. A forma deve brotar naturalmente da visão. Captarás visões que mais ninguém poderá captar. Se fores um canal para essas visões, o teu desenvolvimento estará assegurado. Tudo isto pressupõe, evidentemente, o tipo de formação técnica, de conhecimento artístico, que já possuis. Assim como a Jane deve procurar ser um canal — também tu debes pensar nesses termos.

A visão que te chega — ou que chega através de ti — é automaticamente processada. Este processamento automático é altamente individual — e define-te como criador. A visão parece vir de fora — mas, enquanto criador, tradu-la em termos físicos.

A mudança nas cores representou uma espécie de atividade poltergeist da tua parte.

(*Referência ao desvanecimento das cores nos meus guaches.*) Uma atividade aleatória, iniciada em parte (*pausa*) pela situação dos teus pais — e por puro aborrecimento com o dilema que temos discutido.

(*Pausa, olhos fechados.*)

Dá-nos tempo. Os teus materiais devem sempre servir a tua visão interior — ou ficarás insatisfeito com eles. Deves ser ousado a seguir a visão interior — livre o suficiente para a seguir. Foste algo limitado pela excessiva cautela e timidez do teu pai. Contudo, isto pode ser resolvido.

Quando pintares a terra, pensa não apenas no seu presente — mas também no seu passado e futuro. Considera o desenvolvimento interior que resultou na sua forma atual — a energia por trás da forma. Lembra-te, em pintura, da relação que um objeto tem com outro — não apenas em termos de espaço, mas da inter-relação da vitalidade que forma os objetos. A realidade vibrante e mutável dentro, por exemplo, da pele da maçã ou da laranja. A consciência viva nas moléculas que constituem aquilo que parece ser a superfície sólida da fruta. Isso é realismo. O realismo é mais do que a aparência das coisas.

(*Pausa longa, mais de um minuto, olhos fechados.*)

O guache (têmpera) foi importante como uma pausa para ti em meio ao dilema. Agora, podem fazer uma pausa — ou encerrar a sessão, conforme preferirem.

("Acho melhor encerrarmos.")

(Pausa.)

Deixa então de pensar em termos do meio — e permite que cada visão sugira o seu próprio. Dar-te-ei mais material sobre este assunto quando o desejares.

("Segunda-feira, então. Boa noite, Seth, e obrigado.")

(Considerarei o material excelente. A Jane estava bem dissociada — e sentia, como antes, que a voz estava "dentro dela", intensa e clara.)

SESSÃO 401

27 DE MARÇO DE 1968

(Nota: sessões relativamente breves foram realizadas na sexta-feira à noite, 22 de Março, com o Bill e a Peggy Gallagher, e a Claire Crittenden e o amigo Bob como testemunhas; e na terça-feira à noite para a aula regular de ESP da Jane, 26 de Março de 1968.

A Jane começou a falar em transe nesta noite com os olhos abertos logo de início, a voz um pouco mais forte que o habitual. Fez poucas pausas e muitos gestos, sendo evidente desde o início que o transe era profundo.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora. Desenhar livremente ao ar livre dar-te-á uma liberdade que será benéfica.

É mais fácil assim sentir e pressentir a energia viva dentro e por baixo das formas físicas que vês. É mais fácil sentires-te como o artista, também parte da paisagem que pintas; sentir a fusão da tua própria energia na cena diante de ti e perceber que também és parte dela. Pois pintas a realidade a partir de dentro.

Não podes afastar-te dela para ter uma visão melhor. *(Com humor.)* É mais fácil perceber que a visão e a energia sempre viva são muito mais permanentes do que as formas. A permanência e a qualidade intemporal não pertencem às formas das montanhas e das árvores, mas à energia consciente que as forma.

Tu, como artista, simbolicamente falando, não deves recuar para ver a paisagem mais claramente, mas entrar nela para a sentires mais claramente. Se pressentires o peculiar e global gestalt que está por baixo da forma em cada momento, então a criação da forma surgirá naturalmente e de forma autêntica.

A forma é causada por uma condição característica da energia num determinado momento. Se estiveres intuitivamente atento a essa organização miraculosa, se te permitires ser envolvido nesse ponto de momento específico, então a pintura formar-se-á em torno de ti de forma algo semelhante à maneira como eu sou formado em torno da voz do Ruburt. Mas a tua pintura será, naturalmente, mais visível.

Deves sempre que possível desenhar ao ar livre, pois és pessoalmente renovado por esse encontro. E as implicações são muito diferentes. Quando estás ao ar livre a desenhar tens diante de ti uma vasta extensão. É mais fácil pensares em termos de grandeza e expansão. Pensamentos de expansão ajudarão o teu trabalho, para que a energia e a visão não fiquem aprisionadas pela forma mas estejam dentro da forma, mesmo enquanto mudam.

Quando estiveres a desenhar ao ar livre, como exercício útil sugiro o seguinte: fixa a tua atenção num pequeno objeto. Pode ser uma flor ou uma pedra. Algo, no entanto, que chame o teu olhar. Imagina a energia dentro desse objeto como perpétua, mas no sentido de estar infinitamente viva e vital.

Finge que a energia dentro desse objeto é o centro da vida, de modo que todo o resto do universo retire a sua energia dessa pedra ou flor. Faz isto até conseguires sentir essa energia pulsar dentro da forma do objeto, de modo que a forma em si esteja sempre em movimento, mesmo mantendo, como numa pedra, a aparência de imobilidade.

Pensa na energia a irradiar para fora do objeto, dando vida a todas as outras coisas, estejam ou não muitos objetos específicos numa pintura. Isto resultará em pinturas onde o teu ponto de atenção escolhido irradia através da forma, iluminando todos os outros objetos na pintura e irradiando psiquicamente para fora da pintura.

Isto evocará automaticamente outros objetos que não estão na pintura, e lembrará automaticamente ao observador o universo que não pintaste. A expansividade fica assim incorporada psiquicamente.

Acredito que alguns artistas espanhóis no passado utilizaram este tipo de ideia.

(Não sou especialista em arte espanhola, mas esta passagem faz-me lembrar o Velázquez por alguma razão. Nem a Jane conhece arte espanhola. Por exemplo, ela não admira particularmente artistas espanhóis, nem fala de nenhum em específico.)

Agora, de outras formas isto também foi usado pelos teus velhos mestres. A expansividade era também de natureza espiritual. Quaisquer objetos mostrados na pintura pressupunham automaticamente a existência de realidades espirituais e outros universos, embora estas pressuposições fossem altamente ritualísticas.

O significado por detrás delas era conhecido por todos. Cada pintura dos grandes mestres sugeria de alguma forma a existência de realidades muito maiores, das quais as pinturas faziam parte. Eles viam os objetos dentro das suas pinturas como partes de um todo maior, sugerido pela própria pintura.

Agora, a sugestão que te dei é do mesmo género. Contudo, não há dependência de símbolos ritualísticos acordados. O exercício em si permitirá que faças a transformação necessária, onde o um se torna tudo. Esta é a expansão de que falo. Isto provocará reações evocativas físicas imediatas. Percebes-me aqui?

(“Sim.” Pensei que o material era excelente.)

A qualidade intemporal ficará incorporada, pois a pintura em si, embora impecável na forma, sugerirá a qualidade mutável da forma e enfatizará a qualidade permanente que lhe dá significado. Se tu, como artista, também estiveres consciente de que a mesma energia que preenche a forma que pintas também forma a tua própria imagem, então a transformação em algo melhor do que arte excelente está feita.

Podes fazer a tua pausa. *(O Seth fez uma pausa e depois retomou.)*

Agora, a energia pode ser melhor sugerida por transparências do que por opacos, pois os opacos são demasiado pesados. Os opacos podem ser usados eficazmente para sugerir a forma, sobrepostos levemente à energia transparente, mas nunca com mão pesada.

(Isto é uma técnica sólida de pintura. A Jane pinta à sua maneira, bastante diferente da minha, mas até onde sei estes dados não fazem parte da forma dela pensar em pintura. Nunca a ouvi falar disto.)

Um bom uso de transparências em óleos vai fazer com que fiques mais satisfeito ao usá-las. O movimento pode ser melhor retratado também com transparências, mesmo em rochas. Enquanto os opacos podem sugerir peso físico, as transparências devem ser usadas também para mostrar que, na realidade, as rochas são tão leves como o ar e para dar a entender a energia sempre móvel que as forma.

Mais uma vez, muito disto tem a ver com o teu interesse pessoal. Os opacos são excelentes para sugerir um humor pesado ou escuro. Em retratos, embora a estrutura esquelética interior deva ser sugerida e a figura deva estar bem feita, deve haver ainda a sugestão da personalidade a ir além da imagem e da energia da personalidade a irradiar para fora.

Num retrato, faz o mesmo exercício que dei antes. Imagina o indivíduo como o centro de toda a vida, de modo que quando a pintura estiver concluída sugira automaticamente todo o universo de que o indivíduo faz parte. Nada existe isoladamente, e este é o segredo que os velhos mestres conheciam tão bem.

No mais pequeno detalhe de uma pequena natureza morta conseguiram sugerir a realidade do universo espiritual, do qual esse detalhe fazia parte e através do qual a energia do universo se exprimia.

Para usares os teus talentos, e são consideráveis, não podes fazer menos. Estás cansado?

(“Não.” Apesar de serem 21h45, o Seth queria claramente continuar. O ritmo da Jane tinha sido bom. Pausa.)

Dá-nos um momento.

Pintar ou desenhar ao ar livre durante algum tempo ajudar-te-á muito na tua capacidade de sentir esta unidade interior, de ver cada objeto natural na sua majestade individual e momentânea e, no entanto, perceber que é de certa forma um centro através do qual toda a energia se move.

Em si mesmo, um objeto deve então ser sentido como a sua identidade única e como parte de todo o universo. Uma pedra ou uma flor é algo muito pequeno. Quando fixas a tua atenção, por exemplo, numa flor, não se trata apenas de te imaginares como a flor ou de tentares sentir o que é uma flor. É também imaginar o poder da energia que faz essa flor crescer; e ainda assim, numa paisagem, terás talvez muitas flores. Cada uma deve sugerir a realidade da vitalidade pulsante global que torna possível o seu aparecimento.

Agora, os óleos em si sugerem a terra. O meio é bastante natural. Deixa então que o meio represente a aparência física de permanência em qualquer objeto, a continuidade física de qualquer forma humana numa pintura. Deixa que as transparências representem a renovação constante de energia que sempre escapa à forma. Isto eleva o próprio meio a outro reino, e os dois juntos podem servir-te bem.

Podes fazer como quiseres, pausa ou continuar. O Ruburt e eu estamos bem. (“Mais vale continuar por um bocado.” 21h55.)

Fizeste bem. Foi uma boa decisão.

Agora, mais um pequeno ponto. *(Pausa.)*

Uma maçã pode fazer mais numa pintura do que estar apenas diante do espírito de todas as maçãs, embora isso já seja uma realização. Uma maçã pode implicar, através do exercício que te dei, todo o universo invisível, mesmo que não seja mostrado outro objeto na própria pintura.

Com óleos, novamente, as transparências para a mobilidade e vitalidade que dão significado à forma, os opacos para sugerir a ideia do tempo físico e para sugerir a duração aparente (*sublinhado*) da forma.

(A Jane sentou-se na sua cadeira de baloiço virada para a parede da sala de estar onde estava pendurado o meu retrato a óleo do Seth. Apontou para ele agora.)

Agora. Uma das atrações para os outros nesse retrato de mim é que sugere automaticamente uma audiência invisível, à qual pareço estar a falar.

(Não propriamente uma audiência formal, mas ouvintes invisíveis que representam a humanidade em geral. O invisível está lá.) “A figura consegue sugerir o universo dos homens e o mundo que os sustenta, mas em lado nenhum eles aparecem literalmente.”

(Agora a Jane, como Seth, apontou para um mar acrílico que eu tinha pendurado recentemente na parede oposta ao retrato do Seth. Pintei-o no ano passado. Depois do mar, o Seth observou uma tela a óleo de uma árvore que eu tinha pintado em 1960; esta estava pendurada mais adiante, junto à porta da frente.)

O mar sugere automaticamente a energia que move o oceano. Agora, a árvore não sugere a energia que forma as árvores. Não sugere o universo. A árvore não sugere aos outros mais do que aquilo que colocaste literalmente na pintura.

O Ruburt não consegue lidar com a forma, percebes, na pintura. Ele não entende a forma nesses termos, e nunca entendeu. Tu podes usá-la lindamente, como o veículo através do qual a energia flui, lembrando-te ao mesmo tempo de que a forma em si também é a energia, ponto final.

Podes fazer a tua pausa.

(Uma longa pausa, olhos fechados, às 22h06.)

A energia enche as velas da forma. A energia é psíquica e espiritual. Perdura enquanto houver pessoas a olhar para pinturas. Se conseguires sugerir isto, e consegues, Joseph, então cumprirás verdadeiramente as tuas capacidades artísticas. Até certo ponto tens estado preso ao objeto, tentando tanto identificar-te com ele que este tipo de expansão não era possível.

A pele da maçã deve também dar a sensação de que é mais do que um invólucro, pois através dela vem também energia do sol. Embora pareça sólida, está aberta e ligada ao resto do universo. Uma maçã numa sala expande-se para dentro dessa sala. Percebes?

“Sim.”

(Outra longa pausa. Finalmente perguntei: “Porque não abres os olhos?” Mas a Jane não o fez, e fez-me sinal para esperar. Retoma às 22h11.)

Uma maçã não está presa dentro de um buraco apertado de espaço, percebes, isolada ali. Ela faz-se a si própria a partir do espaço, transforma o espaço numa maçã, e isto tens de sugerir.

(Com humor:) O Ruburt não quer que eu magoe os teus sentimentos com maçãs—

(“Está bem.”)

—mas é isto que tens procurado a esse respeito.

(Mais uma pausa, às 22h13. Desta vez disse-me que era melhor eu dizer o nome dela três vezes, como o Seth tinha sugerido numa sessão recente, quando o transe era profundo. Assim fiz, e muito lentamente a Jane abriu os olhos, um de cada vez, só uma fresta.

Mas, como disse depois, nunca saiu realmente do transe e retomou às 22h15.)

Agora, algumas das minhas sugestões para ti esta noite vêm de fontes melhores do que eu. Pois, como sabes, não sou artista.

Isto tem a ver com a dificuldade do Ruburt em sair do estado de transe. *(Pausa.)* De alguém aqui... As tuas figuras, para transmitir a sensação de profundidade e amplitude — não é para captar apenas a

sensação de carne e osso dentro da carne, mas para sugerir a energia pessoal e vitalidade que estão em rebuliço, soltas dentro da carne.

Isto vem de um artista que usava sempre siena para tons de carne iniciais, com uma leve sugestão de violetas. Depois construía habilmente com (*pausa*) ocre transparente, que tinha, e um verde particular, esbatido. O tom final da tez assentava por cima, levemente, como se um vento o pudesse soprar para longe, e claro que ele sugere isso. (*Longa pausa.*)

(“Podes dizer-me o nome dele?”)

Estamos a trabalhar nisso. Van (*pausa*) Elder. (*Pausa.*) Dinamarquês ou norueguês, cenas domésticas, século XVIII. (*Pausa.*) Campos com relva rala e pequenos montes de terra, primeiros planos acastanhados. Não tenho a certeza, 1781, ou 1881...

(“Representa o quê?”)

Tem a ver com ele. (*Pausa, cabeça baixa, cabelo despenteado.*) Agora, tal como a construção das nuvens muda constantemente — esta noite observaste-as (*e desenhaste-as depois do jantar*) — assim mudam constantemente as formas dos objetos.

(Pausa, cabeça baixa, cabelo despenteado. Olhos fechados. A Jane esfregava constantemente o rosto e os olhos com ambas as mãos.)

É melhor tirarmos o Ruburt disto, pelo menos para uma pausa. Toca-lhe no ombro.

(Às 22h22 assim fiz e falei de novo com a Jane. Muito lentamente abriu os olhos; estavam muito pesados e sonolentos, e o esforço era evidente. Disse que era o fim da sessão. Quando finalmente começou a falar, a Jane disse que este tinha sido o transe mais profundo, o “mais longe” que já tinha estado, sem qualquer comparação. Ainda assim lembrava-se de parte do que tinha dito, de forma geral. Sentiu que o Seth tinha passado tão especificamente quanto possível para ela neste momento, e com grande clareza. A Jane sentiu a energia envolvida: “Tive a sensação de um poder tremendo a passar por mim.”)

(A minha primeira pergunta sobre o Van Elder abalou-a um pouco, disse. O “Van” surgiu com clareza. A Jane teve a impressão, na altura, de que o Seth estava a consultar outra pessoa, disse. A palavra seguinte, agora especula, podia ter sido “Elder” ou “Older”; a Jane disse agora que só se apercebeu disso quando disse em voz alta.

(Fiz a pergunta por causa da longa pausa; queria manter o Seth nessa pista, e achei que ele podia começar a falar de outro assunto. A Jane disse

que teve visões de terra acastanhada e tufos de relva enquanto dava os dados. Um pouco antes, acrescentou agora, tinha visto relances de outras pinturas enquanto falava dos velhos mestres, mas não sabia quais eram pelo nome.

(O nome “Van Elder” não me era especificamente familiar, embora tenha um som vagamente conhecido. Posso dizer que os dados sobre pintura e energia dados esta noite são totalmente válidos e valiosos para qualquer artista. O método de usar siena, ocre e violeta não é um que eu tenha usado, mas parece bastante sensato; talvez o experimente em breve. Não creio que a Jane pense conscientemente desta forma.

(A Jane disse que o Seth parecia ter uma fonte tremenda de informação para transmitir enquanto dava os dados esta noite, como se a tivesse reunido apenas para esta sessão. A Jane sentiu que ou ela, ou o Seth, ou ambos, estavam a olhar para pinturas enquanto falava.

(A Jane disse que estava tão passiva no final da sessão que não conseguiu impor-se como costuma fazer; achou que essa afirmação da parte dela ajudava o Seth a desligar-se no final de uma sessão. Achei isto um excelente ponto, e um que ainda não tinha sido mencionado exatamente desta forma.)

SESSÃO 402

1 DE ABRIL DE 1968

(O John Bradley foi testemunha da sessão e tinha algumas perguntas sobre o seu trabalho na Searle e acontecimentos dentro da empresa. Contudo, o John não deu detalhes à Jane antes da sessão, limitando-se a dizer que gostaria de saber o que se estava a passar.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. Dá-nos um momento.

As mudanças de que tens conhecimento são iniciais, e não te afetarão tão diretamente, ou antes, tão beneficentemente como possas supor, mas iniciarão mudanças que te afetarão de forma benéfica.

O processo começou, por outras palavras. Foi criado um “saco de surpresas”, e o saco de surpresas é bom, mas não deves ir lá mexer, pois ser-te-á oferecido o que queres à medida que estas mudanças continuarem a desenvolver-se. Joga o jogo de esperar. Isso será vantajoso para ti.

Agora. Parece haver quatro homens a jogar xadrez, simbolicamente falando. Um homem parece ter vantagem, mas outro irá tirá-la dele, e os teus melhores interesses estarão com este segundo homem. O primeiro tem agora a ascendência. Três homens trabalham em conjunto para os seus próprios fins.

S A R. Os três exercem bastante pressão, ou atração. O homem baixo está fora. Mas da forma como as coisas estão a mudar, acredito que permanecerás nesta zona do país, embora não necessariamente na tua localização específica, e talvez noutra função, mas de forma mais livre.

Os acontecimentos tal como os conheces agora são transitórios. Haverá mais mudanças, e estas serão do teu interesse, se entendo corretamente a tua ideia de vantagem. A terceira parte sairá. A confusão foi iniciada por uma reviravolta, e outra reviravolta está a caminho.

Mais tarde, até os fabulosos quatro serão afastados, mas deves aguentar isto. Há um Stan a ter em conta. Da tua parte, os termos serão melhorados. Pode esperar-se que te movas agora, mas esperar pelas mudanças adicionais serviria melhor os teus interesses. Está a ser redigido um documento, e eu sugeria que aguardasses.

Se aguardares, a tua posição será fortalecida. O homem mais próximo de ti na estrutura já não te conterà. Não está em posição de o fazer, e a posição dele própria mudou. Ele é um dos peões.

Da tua parte, o rei é uma entidade desconhecida, mas fará um movimento. Tu és o bispo no jogo. Em Maio deverás ver evidências das novas mudanças. Uma qualidade que agora consideras estável não o é. Por outras palavras, sugeria-te que jogasses com cautela por agora.

Podes fazer perguntas ou fazer uma pausa, como preferires.

(O John: “Fui eu convidado a meter a mão nesse saco de surpresas, da última vez que o meu chefe esteve cá em baixo?”)

Foste, de facto.

(O John: “Em lugar dele?”)

Em nome dele.

(O John: “Para o salvar, de certo modo?”)

Dá-nos um momento. *(Pausa.)* Ele já não está em posição de te prejudicar. Por outro lado, a capacidade dele para te ajudar também diminuiu.

(O John: “O que querias dizer quando disseste que a qualidade não é estável?”)

A situação não é estável agora. Os elementos que tens na mente como estáveis não o são. Esses elementos mudarão rapidamente neste ponto.

(O John: “Por elementos queres dizer pessoas?”)

A própria situação. Vai mudar em breve. Uma reação da tua parte seria desperdiçada, pois a situação mudará em breve. No entanto, o saco de surpresas não será retirado. O conteúdo é que mudará.

(O John: “A promoção desse homem na Califórnia não indica uma mudança geral de valores?”)

A situação mudará mais. Interpretaste corretamente a mudança de valores. Mas haverá mais mudanças na organização e no pessoal.

(O John: “Podes dar-me mais informações sobre esses quatro homens?”)

Pessoas diferentes terão o saco de surpresas. Dá-nos um momento. *(Pausa.)* O teu superior imediato está a perder uma oportunidade. No entanto, ofereceu-te uma oportunidade no saco de surpresas por razões dele próprio. Ele oferecer-te-ia como presente. Oferecer-te-ia a outros como presente para obter vantagens para si mesmo e para ganhar a tua lealdade e obrigação.

(O John: “Vamos fazer uma pausa enquanto penso nisto.”)
Podes dizer ao Ruburt, Joseph, que terei alguns comentários sobre o livro dele mais tarde esta noite ou na nossa próxima sessão.

(“Sim.”)

(21h28. O transe da Jane tinha sido novamente bom, o ritmo rápido, voz bastante forte, olhos fechados durante grande parte da comunicação inicial.)

(O John corroborou grande parte do que o Seth tinha dado e acrescentou que sentia que só a falta de conhecimento específico da sua parte o impedia de confirmar muito mais dos dados. A Jane ficou satisfeita, dizendo que tentou relaxar e não bloquear ou distorcer nada do material.)

(O John reviu os pontos abordados até agora e concordou com muitos deles. Não os listamos todos aqui individualmente, mas estão incluídos nas minhas notas manuscritas para referência futura, se necessário. Os dados aqui fazem sentido para o John, e é isso que nos importa neste momento.)

(O John deu-nos informações interessantes de fundo sobre a sua empresa. Identificou o homem baixo que sairá como o Jim Brady. Não conseguiu identificar a referência S A R. Já recusou, disse, comprometer-se quanto a uma promoção para Rochester. Disse ser provável que

permaneça nesta zona do país, ou seja, no nordeste. “Freewheeling basis” referir-se-ia, disse, à interpretação dele do modo de operação alterado pelo qual a indústria farmacêutica tenta vender os seus produtos e imagem. Descreveu a promoção do Roy Weideman na Califórnia e como o John Cressman foi desviado de gerente distrital para assistente de investigação clínica. Isto encaixa com a primeira parte dos dados, etc. As referências ao xadrez por parte do Seth foram interessantes. Nem a Jane nem eu jogamos xadrez ou conhecemos os movimentos. Descobriu-se que o John tinha dado recentemente um conjunto de xadrez a um dos filhos pequenos; o rapaz sabia o jogo até certo ponto e queria ensinar ao John. Mais sobre isto depois. A Jane retomou às 21h50, novamente em transe profundo.)

Agora. Quatro homens estiveram envolvidos na promoção do homem com quem falaste. Um deles sairá, para todos os efeitos práticos. Os outros começarão a mudar a filosofia dentro da empresa, de forma a que o clima seja mais do teu agrado.

Havia outros que não queriam que o homem fosse promovido, e esses homens não querem que tu sejas promovido. Este Stan é contra a tua promoção, exceto numa área específica onde isso possa servir ao seu próprio interesse particular. De resto, é contra.

(Durante a pausa, o John identificou o Stan como o seu gerente regional.)

O homem na Califórnia lembra-se de ti tal como tu te lembras dele, e falará de ti. Haverá mais dois homens também de filosofia semelhante, e vocês os quatro exercerão considerável influência dentro da empresa no futuro e moldarão a sua política eventualmente.

Um destes homens é alguns anos mais novo. Os interesses são grandes, pois sempre quiseste moldar a política, e é por isso que não deves mexer-te já. Deixa o homem da Califórnia dizer o que tem a dizer.

Falei de mais dois homens que estarão em aliança contigo e com o homem da Califórnia. Agora, quando digo uma aliança não quero necessariamente dizer uma conspiração. Simplesmente que, de quatro cantos, as vossas filosofias encontrar-se-ão, e cada um verá vantagens para si na promoção dos outros.

Para além disto, haverá um encontro natural de mentalidades. Dos outros dois homens, um ainda não está na cena. Isto não importa. Mas o terceiro homem tem de entrar na cena. A ascensão dele deve acontecer

antes que o teu movimento possa ser feito com alguma garantia de sucesso. É outro dentro da empresa cujas ideias coincidem em parte com as tuas.

Noutras questões não concordam. Já falaste com ele. Ele e o homem da Califórnia terão algo a dizer, e tu então acrescentarás a tua voz à deles. O quarto homem surgirá mais tarde. Este Stan não é parvo, mas está a ser ultrapassado.

Quando tiveres os teus milhões, lembra-te de mim. Podes fazer uma pausa.

(*O John, a rir-se: “Gostava de dizer só uma coisa, Seth. Ainda estás connosco?”*)

Estou, sim.

(*O John: “Se eu ganhar um milhão monto uma fundação para investigação psíquica.”*)

Meu caro amigo. Faremos parte de uma associação no futuro. Serei incorporado. (*Olhos bem abertos, voz a tornar-se mais alta e forte.*) Agora, fico contente por teres vindo visitar-nos, embora esteja um pouco desiludido contigo. De facto, usei o símbolo do tabuleiro de xadrez porque sabia que tinhas estado envolvido com um. Estava a tentar, percebes, fazer-te sentir confortável lidando com o que pensei ser um ponto de interesse comum.

(*Seguiu-se uma breve troca de piadas rápida e bem-humorada entre o John e o Seth, que não tive tempo de registar. Terminou com o John a referir-se ao conjunto de xadrez:*

(*O John: “Vou para casa estudar o jogo.”*)

És um belo bispo.

Uma nota, Joseph. Estou satisfeito com a nossa última sessão, e espero que leves a sério o que te disse.

(*“Sim.”*)

E agora deixo-te fazer uma pausa, embora eu esteja em excelente forma. (*Voz forte. Olhos bem abertos, a Jane sorriu.*) E porque hoje é o Dia das Mentiras, dou-vos a todos uma saudação especial, e sei que não levas a mal. É apenas pelo grande apreço que tenho por ti, e pelo meu sentimento em relação aos teus problemas, que não me permito liberdade total esta noite, pois a questão da voz poderia, de facto, ser bastante incontrolável.

(*A voz do Seth estava de facto poderosa, e deu pequenos indícios de se elevar, mas depois acalmou. O tom foi bem-humorado.*)

Como sempre, inclino-me perante os teus melhores interesses. No entanto, reservo-me o direito de ficar por aqui um bocado e espiar a vossa conversa.

(A voz da Jane tornava-se novamente alta e poderosa.)

O Ruburt tem os fios cruzados. Abriu os canais bem abertos para receber a informação para o nosso amigo, e de facto não sabe como os fechar. É por isso que a voz se manifesta com tanto entusiasmo ruidoso.

(“Bem, podemos fazer uma pausa agora.”)

É melhor teres cuidado. Hoje é o Dia das Mentiras.

(“Eu sei.”)

(O John: “Este material que me deste esta noite não foi uma piada, pois não?”)

Não deveria responder a essa pergunta. No entanto, não, não foi. *(Pausa; sorriso.)* Sinto-me de facto como um velho alegre, sentado aqui com os seus amigos. O estado de transe do Ruburt melhorou bastante, mas tendo aberto a porta, muitas vezes não sabe como fechá-la. Se não quiserem que eu continue a fazer eco através dele durante horas, então sugiro que chamem o nome dele três vezes. Eu, no entanto, estou perfeitamente contente, e ele está bem.

(“A minha mão já não aguenta mais escrever.”)

Tens mais problemas do que aqueles com que consigo lidar. E o nome do artista era Van Elver. Elver... Ele acha que te saís bastante bem.

(22h10. A Jane fez uma pausa, e chamei o nome dela três vezes. Isto quebrou o estado de transe, e poucos minutos depois os olhos começaram a abrir-se. Às 22h14 estava fora dele enquanto o John e eu falávamos com ela.)

Achei boa ideia encerrar aqui a sessão, mas o Seth voltou a manifestar-se às 22h30 enquanto os três conversávamos sobre várias coisas. Seguiu-se uma troca bem-humorada, com o Seth a responder a perguntas sobre vários assuntos. Duas notas mais sérias: a Alice Butts, que morreu na semana passada, já visitou o meu pai. E o Dr. Instream, que diria “Não há Seth”, não viverá muito mais tempo. Além disso — o Bill Gallagher não verá certas verdades sobre si próprio, etc. A Alice Butts não ajuda o filho da Ruth Butts, etc. Ver Sessão 398.)

SESSÃO 403
16 DE MARÇO DE 1968

(Sessão para a Pat Norelli, de Boston. Gravada e dactilografada pela Pat.

(A Jane estava com alguma dificuldade em entrar em estado de transe. Disse que estava a captar emoções negativas e de medo da minha parte. O meu estado emocional, na altura, era uma mistura de embaraço — pois estava prestes a ser exposta —; culpa por estar a impor-me a uma amiga, porque eu quero dar aos amigos, não tirar deles; um medo absoluto de que o Seth estivesse prestes a esmagar as minhas esperanças com a verdade. Foi preciso esforço concentrado por parte da Jane para atravessar a minha barreira emocional e entrar em transe.) Agora, boa noite.

([Rob:] “Boa noite, Seth.”)

E boa noite à nossa amiga. Tenho algumas observações para ti e espero que te sejam úteis. Deves lembrar-te de manter a cabeça erguida. Devias saber mais do que te encolheres quando vens aqui. Eu não tenho um chicote; e não o usaria se o tivesse. Não estás suficientemente segura das tuas próprias capacidades nem do teu próprio valor. Não podes atravessar a vida física da mesma maneira que conduzes o teu carro pela autoestrada.

Vais, sem dúvida, receber multas de trânsito — e de outro tipo — só que és tu própria que te passas as multas. Não podes forçar a realidade a dar-te o que queres. Podes manipular eventos — e podes manipulá-los para os teus próprios propósitos egoístas; mas, quando o fazes, passas a ti própria uma multa de trânsito. Deves querer o que é melhor para o teu próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento dos outros, em vez de determinar especificamente aquilo que pensas conscientemente que é melhor para ti. Se desejares o que é melhor para o teu próprio desenvolvimento e o que é melhor para o desenvolvimento dos outros, então alcançá-lo-ás. Virá até ti sem esforço. Estou a preparar o terreno para certas questões aqui. Nem sempre tens consciência do que é melhor para ti a nível consciente. Muitas vezes, a pessoa que queres ou de que precisas não é a pessoa de que queres ou precisas noutros níveis.

Quando conduzes, tentas muitas vezes atravessar a realidade o mais depressa possível, e ficas satisfeita contigo como condutora do veículo. Gostas de conduzir porque sentes que isso te leva onde queres ir, e depressa, e não te importas de quebrar algumas pequenas regras da estrada

no processo. Ora, as pequenas regras que quebras são, de facto, mínimas. Não é que infrinjas uma regra específica; é a atitude que te permite infringir a regra; e isto aplica-se a outras estradas além da estrada física. Queres chegar ao destino demasiado depressa. O destino está dentro de ti. Não tens de ir a lado nenhum para chegares a esse destino; e só quando pensas que esse destino está noutra lugar é que te permites extraviar-te. A tua identidade está dentro de ti — não a procures nos outros. Este é, talvez, o ponto mais forte da minha mensagem para ti esta noite, aquele que eu gostaria que tomasses a peito. Quando perceberes que a tua própria identidade está dentro de ti, não gastarás energia a tentar encontrar-te nos outros. Os outros não te podem dar um sentido de valor; isso é teu. Qualquer falta é tua falta.

Talvez eu trate esta noite de questões mais específicas. Mas não as discutirei até que estes pontos tenham sido estabelecidos.

Agora, tens de facto estado a ir bem. E eu congratulo-te. És demasiado impaciente tanto com o teu próprio desenvolvimento como com o desenvolvimento dos outros. Queres o teu destino agora e queres chegar a esse destino o mais depressa possível, a 85–95 milhas por minuto, percebes. Passaste a ti própria várias multas de trânsito. Ora, aprendeste bastante, e eu sei que te tens esforçado. No entanto, de nada serve compreender questões intelectualmente, ou mesmo compreendê-las intuitivamente, a menos que as compreendas de tal forma que se tornem parte da tua vida diária. Muito do que sabes fizeste já parte da tua vida, mas continuas a querer usar o teu conhecimento para os teus próprios propósitos conscientes. Ainda não estás disposta a dizer “deixa-me desenvolver como devo desenvolver-me”.

Continuas a dizer “deixa-me desenvolver como eu penso que devo desenvolver-me”. Esse “eu” sendo um Eu altamente egotista. Continuas a dizer “deixa-me desenvolver como eu quero desenvolver-me”. Continuas a dizer “eu quero esta pessoa” ou “eu quero aquela pessoa” ou “aquela coisa”. “Portanto, usarei esta capacidade e este conhecimento para o obter.” E é por isso que te tens passado, de vez em quando, uma multa de trânsito. O que estás a aprender é uma técnica de auto-desenvolvimento. Não podes, portanto, usá-la para obter coisas que não dizem respeito ao teu próprio auto-desenvolvimento, e as técnicas não te ajudarão a conseguir algo que não estavas destinada a ter, nem que tenhas decidido anteriormente, enquanto entidade, que não deverias ter. Deixarei os pormenores para mais

tarde. Não obstante, permanece o facto de que o teu próprio eu interior e a tua própria entidade te deram desafios que aceitaste. Agora, tu conheces esses desafios; subconscientemente tens consciência deles.

Conscientemente, não queres aceitá-los, e esta é uma das razões pelas quais tens tido dificuldade com o pêndulo. Isto não é fora do comum. Acontece a muitas personalidades. Não tens de te culpar por isto. Estás certamente no meio de uma determinada linha de desenvolvimento. Não te podes culpar por não estares mais adiante nessa linha. O simples facto de estares aqui esta noite, o simples facto de te esforçares tanto como tens feito, mostra que estás de facto a desenvolver-te e que estás de facto a aprender. Tem de haver aqui uma atitude de mente aberta e coração aberto.

Não debes tentar usar o que aprendeste de forma estreita e limitadora. Isso entrava o teu próprio desenvolvimento. Fecha-te os olhos a muitas possibilidades que serão importantes para ti. É natural, talvez, queres usar o que aprendeste, esta informação, como técnica para alcançar aquilo que, em determinado momento, consideras desejável — uma pessoa concreta, uma coisa concreta. Mas o que é importante é o desenvolvimento interior.

Se isso for acautelado, conduzir-te-á automaticamente à pessoa que é melhor para ti e às circunstâncias que te ajudarão a desenvolver-te. Insistir em que um indivíduo específico ou um objetivo específico seja alcançado através destes métodos é limitador. Tem de haver sempre o reconhecimento de que ainda não reconheces conscientemente as profundezas de ti própria, os objetivos que definiste e os desafios; e este material deve ser usado para abrir os teus horizontes interiores e para te conduzir nas direções para as quais o teu eu interior já te encaminhou. Se então, egotisticamente, disseres — “Não — é esta situação particular que eu quero”, poderás estar a bloquear a direção interior que foi pensada para ti. Eu disse que iria discutir algum material particular e fá-lo-ei em breve. Mas a atitude interior é muito mais importante. Sugiro, Joseph, que faças um intervalo e eu continuarei.

(A voz do Seth estava mais grave quando a sessão recomeçou.)

Agora, receias que eu esteja prestes a saltar-te à garganta, e posso assegurar-te que não o farei. Ora, os teus sentimentos em relação a mim antes desta sessão têm muito a ver com outras atitudes que são muito importantes para ti e muito enraizadas. Algumas são evidentes e dizem respeito apenas a esta vida; outras têm a ver com vidas passadas. Ora, estiveste aterrorizada com o teu pai desde que eras bebé. E, antes de a

sessão começar, pensaste em mim como um pai — idoso, mas sábio e extremamente poderoso — um adulto masculino, tal como pensavas no teu pai quando eras criança.

(Pat Eu tinha estado aterrorizada pelo meu pai durante os primeiros 19 anos da minha vida. Na verdade, nunca vi o meu pai como uma pessoa, mas sim como uma sombra escura com um cacete. O meu pai tinha um temperamento que se virava contra nós, crianças, e contra a minha mãe.

No entanto, o meu pai é uma pessoa muito carinhosa. Sei isso agora. Estamos muito próximos, agora. Amo profundamente o meu pai. Ele também suavizou a sua atitude para com a minha irmã mais nova.

Levávamos palmadas quando nos portávamos mal, algo que sempre tive vergonha de admitir aos outros. Não queria que os meus amigos soubessem que o meu pai nos batia. Queria que a minha família fosse feliz. Tinha sempre medo de levar amigos a casa, com receio de a minha mãe e o meu pai poderem discutir e envergonhar-me. Além disso, não achava que o meu pai quisesse que levássemos amigos a casa.

Ainda assim, o meu pai era muito inteligente, tinha um bom emprego e ocupava muitos cargos de responsabilidade na comunidade. Os outros procuravam-no para orientação. Eu sentia que o meu pai era muito inteligente.

No entanto, o meu pai é uma pessoa muito carinhosa. Sei isso agora.

Estamos muito próximos, agora. Amo profundamente o meu pai. Ele também amaciou a sua atitude para com a minha irmã mais nova.]

Levávamos palmadas quando nos portávamos mal, algo que sempre tive vergonha de admitir aos outros. Não queria que os meus amigos soubessem que o meu pai nos batia. Queria que a minha família fosse feliz.

Tinha sempre medo de levar amigos a casa, com receio de a minha mãe e o meu pai poderem discutir e envergonhar-me. Além disso, não achava que o meu pai quisesse que levássemos amigos a casa.

([Ainda assim, o meu pai era muito inteligente, tinha um bom emprego e ocupava muitos cargos de responsabilidade na comunidade. Os outros procuravam-no para orientação. Eu sentia que o meu pai era muito inteligente.

No entanto, o meu pai é uma pessoa muito carinhosa. Sei isso agora. Estamos muito próximos, agora. Amo profundamente o meu pai. Ele também amaciou a sua atitude para com a minha irmã mais nova.]

Levávamos palmadas quando nos portávamos mal, algo que sempre tive vergonha de admitir aos outros. Não queria que os meus amigos soubessem que o meu pai nos batia. Queria que a minha família fosse feliz. Tinha sempre medo dele vir amigos a casa, com receio de a minha mãe e o meu pai poderem discutir e envergonhar-me. Além disso, não achava que o meu pai quisesse que levássemos amigos a casa.)

([Ainda assim, o meu pai era muito inteligente, tinha um bom emprego e ocupava muitos cargos de responsabilidade na comunidade. Os outros procuravam-no para orientação. Eu sentia que o meu pai era muito inteligente.]

Ora, isto também ensombra a tua relação com os homens com quem tens contactado. Por um lado tens estado — e, por outro lado, tens querido uma relação normal — aterrorizada deles. Dá-me um momento: por um lado, desejas de uma relação com um homem mais do que tens direito a esperar. Nenhum ser humano conseguiria alguma vez dar o que esperas que um homem dê numa relação. Isto porque vês o masculino em termos inspirados em ti quando eras criança. Estavas aterrorizada com o masculino, o teu pai.

Por outro lado, sentias que ele continha sabedoria, verdade, qualidades quase divinas. Essas qualidades procuras projetá-las no homem que encontras. Ao mesmo tempo, estás também aterrorizada por causa deste passado. Nenhum homem pode ser tão divino como a tua conceção interior. Por conseguinte, cada homem está condenado a desiludir-te. Ao mesmo tempo, esperas e rezas, subconscientemente, para que o homem te desiluda, porque esse masculino, na tua mente, tem qualidades divinas que te atraem; por outro lado, vê-lo como todo-poderoso e como alguém que inflige punição, e alguém irracional e cruel, porque sentias que o teu pai era cruel.

Tens medo, por assim dizer, de ficar debaixo do polegar de um homem por esta razão — de ficar sob a sua dominação. Pois fazê-lo é colocar-te numa posição humilde e assustadora sob a figura masculina. O teu terror enquanto criança deu-te uma ideia interior da realidade e do grupo familiar em que te vias completamente impotente e indefesa sob a dominação desta figura paterna. Ele era a fonte de tudo e, ao mesmo tempo, podia tirar-te tudo. E sentias, ao mesmo tempo, que o faria. Como foste homem em vidas passadas, ressentiste-te disto ainda mais fortemente. Dá-nos um momento.

Agora, tu, se me perdoas, tens escolhido consistentemente homens em quem sentias qualidades femininas. E isto foi para te proteger. Sentias que as qualidades femininas no homem eram prenúncio de uma natureza gentil, que te protegeria da violência masculina global de que tinhas medo e que exageraste, por causa de impressões precoces. Quando entenderes este material que te dei esta noite, isso ajudar-te-á, e deverás lê-lo frequentemente.

Trazê-lo à luz do dia ajudará automaticamente a livrar-te desses medos. Eles não desaparecerão automaticamente da noite para o dia, mas começarão a diminuir. Foi tua a ideia de usares este brinquedo esta noite e não minha, por isso não me vou preocupar com o facto de as minhas observações ficarem gravadas para a posteridade. Esse é o teu cuidado.

Precisas de ajuda e pediste-a. Portanto, dar-te-ei a informação que tenho. Ora, houve uma tarde, creio que quando tinhas quase três anos. O teu pai estava em casa à tarde. Estavam no quarto, a tua mãe e o teu pai. Tu estavas a fazer a sesta. Os teus pais estavam no ato de fazer amor.

Acordaste. A tua mãe gritou. Isto está longe de ser invulgar; acontece frequentemente. Interpretaste o grito como de desamparo e frustração e que o teu pai a tinha magoado. Entraste no quarto; o teu pai levantou-se de um salto e pôs-te a correr dali para fora.

Houve algum incidente quando tinhas quatro anos, creio, com um rapaz da tua idade, ou aproximadamente da tua idade. Não estou muito claro aqui, mas ele magoou-te, fisicamente, creio. Ora, ele bateu-te com um pau, ou algo dessa forma. O simbolismo aqui é óbvio. Parece ter havido também um professor homem no teu passado.

(Pat: Tive uma paixoneta pelo Sr. Finfrock durante três anos, do 7.º ao 9.º ano. Todas as raparigas tinham uma paixoneta por ele. Mas as outras não tinham medo dele. Eu tinha. Ele sabia que eu tinha uma paixoneta por ele; sabia que a maioria das raparigas tinha. Ele flertava connosco. As outras raparigas retribuíam o flerte. Eu ficava ali, tímida, assustada e a sonhar. Às vezes, ele segurava-nos as mãos; ou, se estivéssemos na sala do material, fechava a porta para ficarmos a sós e então segurava-me a mão e provocava-me. Agora, olhando para trás, foi algo cruel da parte dele. Nunca me interessei por rapazes da minha idade. Eu só “amava” o Sr. Finfrock. E tinha demasiado medo dele para sequer lhe falar.)

Tens tido medo de que o masculino te magoe cruelmente — e de propósito

— e, ao mesmo tempo, dotaste-o de qualidades divinas e, portanto, exigiste mais do que qualquer homem poderia alguma vez dar. Tenho a certeza de que percebes que, quando conduzes o teu carro, vês-te num papel masculino, de poder e força, no qual te consideras invulnerável. Agora, não és invulnerável nesse carro. A razão pela qual te sentes invulnerável é que te identificas subconscientemente com essa figura divina, e isso pode levar-te a dificuldades. Agora, por vezes, foste cruel para com homens que conhecestes — bastante propositadamente — com a intenção de os magoar antes que pudessem magoar-te. Quando te fixas num homem em particular, percebes, torna-se uma questão de princípio para ti conseguires esse homem. Oh, sem dúvida. Por um lado, quere-lo; por outro, tal como tiveste de fugir do teu pai, também tens de fugir do homem e, assim, ficas presa num dilema. Quere-lo. Por outro lado, tens de sentir que és independente dele. Nunca houve comunicação entre ti e o teu pai. Por conseguinte, achas difícil comunicar verbalmente com um homem.

(Pat: O meu pai e eu nunca falámos com uma comunicação próxima. Tive sempre medo de lhe falar sobre qualquer coisa. Nunca consegui abrir o meu coração ao meu pai. Ele não era como uma pessoa; mais como um cacete.)

Não és capaz, neste momento — nunca foste capaz — de olhar para um homem como um ser humano individual. Não o tens visto como ele é, pois dotaste-o de todas estas qualidades de que te falei, e de todos os medos que as acompanham. No geral, negas a ti própria a experiência de realmente conheceres um homem individual, porque não o verás como ele é. O homem percebe, claro, que não o vês como ele é, e cada um dos homens envolvidos ressentiu-se disso subconscientemente. Tu não comunicas com um homem individual; comunicas com a tua ideia do que esse homem é — esse homem com qualidades divinas que podem trazer tanto alegria como punição.

Sugiro que faças a tua pausa e continuaremos.

Agora, repara, tens-te privado da experiência de conheceres verdadeiramente estes homens individualmente, pois não te permitiste vê-los como são e como têm sido. Depois de três vidas como homem, adaptaste-te de facto muito bem. Tens sido algo invejosa. Sinto-te a gritar para ti própria quando vês um homem em forte ação ou desempenho; sinto-te a gritar para ti própria: eu consigo fazer isso melhor do que tu, porque já o fiz antes — de novo isto reflete-se na forma como conduzes o teu carro.

(Estou muito, muito impaciente com pessoas desajeitadas que não conseguem abrir frascos ou empurrar carros ou martelar pregos. Acabo sempre por abrir frascos, etc... E, claro, não tenho qualquer dúvida de que consigo. E eu de facto faço-o. Na verdade, não consigo deixar que outros carreguem malas pesadas, etc., porque sinto que é demasiado para eles — mas não para mim. Costumava ficar impaciente com a Freddy, a minha colega de quarto, porque ela era péssima a empurrar carros. Eu é que tinha sempre de empurrar os nossos carros para fora da neve.)

De novo isto se reflete na forma como conduzes o teu carro. Ora, as dificuldades decorrentes da tua relação com o teu pai também te trouxeram outros efeitos benéficos. Esse sentimento é, por exemplo, em parte responsável pelo teu sucesso como professora. Porque aí estás em posição de autoridade e, se pudesses, levarias os teus alunos como conduzes o teu carro e forçá-los-ias a ir a 85 milhas por minuto. És, no entanto, mais branda com eles do que contigo própria, e és uma excelente professora. No fundo da tua mente, porém, estás sempre a dizer — vê, papá, estou a fazer algo bem — pois esse teu pai, na tua mente, está sempre atrás do teu ombro a observar-te e a julgar-te; ora é esta a tua atitude que estou a descrever.

Sentes que tens de ter sucesso ou ele punir-te-á, que tens de ser perfeita; por isso entras em pânico perante qualquer sentido de falha dentro de ti, e exageras em demasia as tuas falhas, de tal modo que vieste cá esta noite como se tivesses dois anos e meio. Não terias ficado nada surpreendida se Ruburt (*Jane*) tivesse saltado, agarrado numa régua e batido nos teus dedos. Agora, um passo mais além, portanto, é que esperas rejeição por parte do homem por esta razão. Isto aplica-se apenas a homens mais velhos do que tu. Ficas perfeitamente feliz e satisfeita com homens mais jovens. Dá-me um momento aqui.

Agora direi que o material que te dei te ajudará e deves ouvi-lo frequentemente. Deverá deixar uma coisa clara. O teu Sr. Reed não é o Sr. Reed do Sr. Reed. Não estás a ver o homem como ele é. Estás a ver a imagem que projetaste sobre ele, e ninguém consegue corresponder a essa imagem. Sei que, quando falas dele, dizes: eu sei que ele tem falhas. Isto serve para te assegurares de que, afinal, o homem não é assim tão todo-poderoso. Mas não vês claramente os pontos fortes nem as falhas deste homem. Algumas das qualidades que imaginas nele como virtudes não o são, e algumas das qualidades que imaginas serem falhas não são falhas. Nunca terás qualquer relação com o Dick Reed que projetaste sobre um ser

humano vivo. Poderás ter uma relação com esse ser humano, mas há um mundo de diferença entre esse ser humano e a imagem imaginada dele a que reages. E é essa imagem que vês quando olhas para ele e quando pensas nele. Essa imagem imaginada é real na tua mente, é realidade. Mas não podes projetar essa imagem sobre outro ser humano e negar-lhe a própria realidade. Não tens hipótese, em mil vidas, de teres uma relação com o homem em que pensas como sendo o Dick Reed, porque não podes ter uma relação a dois com uma imagem que é unilateral e não tem carne. Agora dá-nos um momento. Já que estamos a começar um trabalho, mais vale fazê-lo bem.

Só tratámos de um lado desta relação. Ora, esse Sr. Reed tem o seu próprio papel a desempenhar. E os seus propósitos e os teus, até este ponto, encaixaram maravilhosamente, pois nenhum de vocês viu o outro. Ele viu a sua imagem de ti. Pelas suas próprias razões, não se permitiu conhecer uma mulher individual. E não quer conhecer uma mulher individual — fisicamente não o quer. Dá-nos um momento.

Um ponto, repara: esta imagem artificial que projetaste sobre os outros impediu-te de os conhecer e, por si só, impediu qualquer relação legítima que de outro modo poderia ter ocorrido. Enquanto permitires que esta imagem te cubra os olhos, não vês o homem individual e não reages a partir de ti própria; reages a ele porque a imagem está entre vocês os dois.

Assustaste o nosso jovem. Por um lado, ele ressentido a imagem que colocaste sobre ele e, por outro, serve-lhe a vaidade aceitá-la. Preferiria bastante que pensasses nele como essa imagem. Ele está a esconder-se e tu forneceste-lhe muito convenientemente uma imagem atrás da qual se pode esconder. Falam um com o outro em símbolos e escrita e poesia. Estás a usar os símbolos para escapar à reciprocidade humana normal. Não são símbolos para ajudar na comunicação; são símbolos atrás dos quais te escondes da comunicação.

([Ruburt e aquele (Rob) façam uma breve pausa. Eu não preciso de pausa.]

([Rob:] "Está bem.")

E não te estou a bater. No entanto, usaste o chicote sobre ti própria durante muitos anos.

([Rob para Jane:] "Queres os óculos?... Suponho que te inclines para a frente e os apanhes. Abre os olhos. Aí...")

([Jane:] "Vês, ele está a manifestar-se muito mais intensamente do que costumava, e eu levo mais tempo a aprender a gerir a transição. E mal consigo lembrar-me do que ele disse desta vez, exceto que se esforçou muito por deixar o seu ponto claro. O que é que ele disse sobre o Dick Reed, é isso que quero saber. Lembro-me disso. Sabia que estava a dizer algo à Pat, mas eu não consegui escutar às escondidas.") ([Rob:] "Achei que o que ele disse sobre o Dick foi muito perspicaz.") ([Jane:] "Está bem. O que é que ele disse sobre o Dick?")

([Rob:] "O que é que ele disse sobre ele?")

([Pat:] "Acho que estamos a usar-nos um ao outro. Suponho... que nenhum de nós vê a outra pessoa como somos. Ele esconde-se atrás da imagem de Deus que eu projeto sobre ele... ele está a tentar esconder-se e, claro, essa é uma imagem perfeita para se esconder atrás.")

([Rob:] "Bem, não te esqueças de que nenhum ser humano vai ver outro completamente, de qualquer forma.")

([Pat:] "Ele disse que todos os poemas eram usados para evitar a comunicação, algo que eu já sentia, de qualquer maneira, algo que eu continuava a tentar contornar. Num esforço para comunicar, eu estava a bloquear a comunicação. Nunca vi o Seth de tão bom humor. Sempre que o vi, estava a ralhar com alguém.") ([Rob:] "Bem, a maioria das sessões foram assim.")

([Jane:] "Algumas são hilariantes.")

([Rob:] "Acho que seria uma boa ideia também fazeres perguntas. Quando certos pontos estão a ser discutidos, faz perguntas como numa conversa normal. Não vai incomodar o Seth.")

([Jane:] "Foi tudo o que ele disse sobre o Dick?")

([Pat:] "Ele disse que ele não queria relações físicas com uma mulher.")

([Rob:] "Essa é uma afirmação que precisará de explicação mais tarde.")

([Pat:] "Sobre isso eu gostaria de ter mais informações, não tanto para mim, mas para o Dick, se algum dia tiver coragem de deixar o Dick ouvir isto.")

([Rob:] "Bem, isso vai ajudar-te a ti e ao Dick, a ambos.")

([Pat:] "É verdade. Gostava que ele ouvisse a gravação. Pode ser embaraçoso, mas pode ajudar.")

([Rob:] "Não sei se te devo dizer para deixares que ele ouça a gravação ou não. Está fora da nossa capacidade de saber.")

([Pat:] "Certo. Pode piorá-lo. Uma pessoa ao ouvir esta informação pode reagir de uma forma a evitar ter de a aceitar.")

([Rob:] "Bem, muito depende do conhecimento de base. Não sei o que ele pensa do Seth. É por isso que não sei se seria bom para ele ouvir isto ou não.")

([Pat:] "Mas ele não deve encarar isto como algo pessoal. Eu sei que consigo ouvir isto, o que o Seth diz sobre mim, e consigo aceitá-lo, e consigo aceitar o que ele diz sobre o Dick, também. Acho que ele também o conseguiria aceitar.")

([Rob:] "Mas ele precisa de compreender a natureza do Seth e estudar os conceitos envolvidos, ou vai rejeitar qualquer coisa desagradável.")

([Pat:] "Acho que o Dick está interessado no assunto. Ele queria ter uma sessão com o Seth.")

([Rob:] "Ora se qualquer um de vocês tivesse mencionado isso, teria sido uma grande ajuda na altura." Durante uma visita anterior.)

([Pat:] "Mas eu detesto pedir uma sessão com o Seth. Que direito tenho eu de pedir uma sessão com o Seth?")

([Jane:] "Mas provavelmente teria ajudado os dois. Ter-vos-ia ajudado agora.")

([Rob:] "Tê-lo-ia preparado para aceitar esta sessão.")

([Pat:] "Bem, ele leu o teu livro e leu os artigos sobre o Bispo Pike e o filho dele. Sei que ele não rejeita as ideias.")

([Rob:] "Sim, mas quando se torna pessoal, qualquer um erguerá dispositivos de proteção. É natural fazê-lo.")

([Pat:] "Sim, eu sei. E na escola ele desempenha o papel do 'tipo fixe', a imagem 'ama-as e deixa-as'. Não no que diz, mas na sua aparência. Esta é a imagem que os outros projetam sobre ele e ele permite que a imagem permaneça. Os alunos aceitam isto como sendo o Dick. A maioria das outras mulheres ou homens gosta de destruir a imagem ou tentar prová-la errada, mas fazem-no por ressentimento, veem o Dick como uma ameaça. Ora, mostrar essa imagem e, de repente, o Seth aparecer e dizer que ele não quer relações físicas com uma mulher; isto pode ser difícil de aceitar. E, no entanto, de entre todas as pessoas, nós seríamos capazes de aceitar isto e não ver nada de errado.")

([Rob:] "Sim, uma sessão que é pessoal apanha-os de frente.")

Agora, reages em excesso numa relação com um homem. Estás demasiado ansiosa. Tens medo de dar um passo em falso. Observas gestos. Exploras constantemente um rosto em busca de um sinal de que cometeste um erro. Exploras constantemente uma expressão em busca de um sinal de que estás a ser rejeitada, e isto está diretamente relacionado com a tua relação inicial com o teu pai. Porque então um deslize encontrava retaliação imediata. Há uma carga emocional ligada, portanto, a qualquer rejeição. E, tal como em criança tentavas antecipar o teu pai para ver com o que ele poderia zangar-se, assim fazes agora numa relação com um homem por quem te sentes atraída. Dar-te-ei, de passagem, tempo mais tarde para fazeres perguntas. Não prometo respondê-las, mas prometo-te a oportunidade de as fazeres. Agora, um momento...

Esta tua atitude coloca o outro indivíduo sob uma pressão psíquica muito forte. Infliges-lhes esta tua forte ansiedade. Eles têm medo de dizer algo errado porque, subconscientemente, sabem que exageras o menor movimento do mais pequeno músculo. Tornam-se muito cautelosos. Ora, a informação que te dei esta noite deverá ajudar-te a começar a ver através dessa imagem que até agora tens projetado sobre os homens. A informação dar-te-á várias frestas por onde poderás espreitar e ver o indivíduo do outro lado dessa falsa imagem. Podes abrir mais brechas nessa imagem. O facto de até aqui teres reagido desta maneira não significa que tenhas de continuar assim. Por outras palavras, não estás fadada, repara, a andar sempre atrás dessa falsa imagem ou a projetá-la para fora. Não é eterna; foste tu que a formaste. Ela não te formou a ti...

Esse desejo de agradar ao teu pai, de alcançar a perfeição, também te levou a procurar conhecimento. Também te deu o impulso para te desenvolveres. Deu-te uma sensibilidade inata, intuitiva, em direção à realidade interior. Agora não chores nem fungues. Não sou o teu pai a dar-te uma lição de aritmética. Não temos tempo esta noite para entrar nos antecedentes do teu pai, que são altamente interessantes de vários pontos de vista e têm algo que ver com a sua atitude para com as filhas. Não temos tempo para entrar em demasiados antecedentes sobre a tua literatura do Dick.

(Neste ponto, o Rob sorriu, mas a Pat não.)

(Depois o Seth virou-se para o Rob e disse:)

Agora, pus-me em evidência, José, e brinquei e, por isso, recebo uma lágrima.

([Rob:] "Tenho a certeza de que vai passar.")

Ela falou de mim nesta sua cidade metropolitana e, quando me conhece, fica em lágrimas. Normalmente não tenho esse efeito sobre as pessoas.

Agora estou pronto para te perguntar se tens alguma pergunta.

([Pat:] "O Dick vai publicar a poesia dele e podes dar-nos mais informações sobre ele?")

Agora. Ele vai publicar a poesia dele ou pode fazê-lo?

([Pat:] "Pode fazê-lo.")

Dá-nos um momento. Ora, ele tem medo do contacto físico porque receia mergulhar de corpo e alma na existência física e esta é a forma que encontrou de se conter. Não quer aceitar as responsabilidades comuns da vida adulta e não saiu de casa do pai.

...Ele tem medo de quaisquer contactos que... Parece aqui que há algo que ele teme que lhe aconteça se se envolver em qualquer relação que resulte num grupo familiar. Há aqui algo particularmente com ele... uma lealdade intensa de uma vida passada relacionada com os pais. Houve uma situação que envolvia os três e ele abandonou-os de uma forma que interpretou como traição. A relação entre eles então era diferente do que é agora. Ele não os deixará agora, pois sente que os abandonou no passado. Nesse passado de que falo houve uma dificuldade física sofrida depois de os ter abandonado; e, se os deixar agora, tem medo de que essa dificuldade física regresse. O principal problema, no caso dele, provém desta vida passada imediata em particular. Estamos a tentar focar isto.

(Longa pausa.)

Ela era uma mulher. A sua mãe e o seu pai atuais eram ambos irmãos... o período da Revolução Americana, a mesma zona geográfica de agora. Os seus irmãos estavam envolvidos, ao que parece, como espiões. O teu Sr. Reed, enquanto irmã deles, disse onde eles estavam e cedeu sob pressão e medo. Concord... uma cave por baixo de uma velha estalagem... paredes de pedra, chão parcialmente em terra. O teu Sr. Reed, então a irmã, estava escondida com os irmãos ali. Ela saiu para arranjar provisões. Foi capturada e revelou o esconderijo e já não pôde voltar para avisar os irmãos. Sentiu então que os tinha abandonado e traído. Foi-lhe feito algo à perna direita. Um parente foi responsável por uma lesão infligida à perna direita, ligada a um cavalo.

([Rob:] "Podemos fazer uma pausa, Seth." A fita estava a acabar.)

Poderão, sim.

([Jane:] "Lembras-te de quando ela fez ao Seth aquela última pergunta?")

([Pat:] "O Dick vai publicar a poesia dele? Depois mudei para PODE.")

([Jane:] "Sim, mas havia mais qualquer coisa.")

([Pat:] "Podes dar-nos mais informações sobre ele?")

([Jane:] "É isso. Ele lançou-se nisso porque era do seu interesse. De repente estávamos metidos em algo a que era difícil chegar.")

([Pat:] "Mudei de VAI para PODE porque a situação podia ser: VAI ELE, NÃO; PODE ELE, SIM. E eu queria saber se havia pelo menos uma possibilidade.")

([Jane:] "Bem, claro, há sempre a possibilidade.")

([Pat:] "Não. Quero dizer: é suficientemente boa? Acho que é.")

([Jane:] "Quem é que ele está a tentar que publique?")

([Pat:] "Ninguém. Ele nem sequer consegue que aquilo seja dactilografado. Uns amigos tentaram dactilografar, mas acontece sempre qualquer coisa. Eu dactilografava, exceto que sei que ele não ia querer que fosse eu, eu não. Ele próprio não se dá ao trabalho de dactilografar.")

([Jane:] "Ora, como poeta, para mim isso é incompreensível.")

([Pat:] "Sim, eu sei. Se ele não tem energia psíquica suficiente para dactilografar os poemas, também não tem suficiente para os publicar.")

([Jane:] "É um ponto fraco nele e, portanto, eu diria que não.")

([Pat:] "Sim, ele tem de ter impulso por si próprio. Isto é fascinante para mim.") ([Rob:] "Dá-te uma ideia de como as coisas podem funcionar a nível subconsciente. Ele sente-se em dívida para com os pais. A sua energia psíquica escolheu, possivelmente, esta maneira de estabelecer carma. Não é uma ideia de castigo, é uma ideia de maior desenvolvimento espiritual. Nesta vida escolheu ser filho destas pessoas, de certa forma para lhes prestar serviço, para ajudar outros.")

([Pat:] "Então está a cumprir o seu plano ao fazer isto.")

([Rob:] "Vês, isso lança uma luz muito diferente sobre o comportamento de uma pessoa, em vez de simplesmente dizer que ele tem medo de casar ou medo de mulheres." O Seth entrou aqui.) Agora, as responsabilidades comuns da vida adulta, repara, afastá-lo-iam destes dois indivíduos e, por isso, tomou medidas para não se envolver. Dá-nos um

momento. Ele está mais ligado a uma dessas pessoas do que à outra, pois um era um irmão mais novo. Foi extremamente religioso na vida passada e o amor pela música ligada à igreja reflete-se aqui. O nome dele era estranho, não tenho isto muito claro. O apelido no passado: Achman.

(A Pat soube que a família do Dick tem um ramo Ackerman em junho de 1968.) A primeira parte como *oxtagon*.

Ele escolheu voluntariamente nascer como filho nesta existência. Agora, racionaliza a um nível consciente as razões para permanecer em casa. Disseste há pouco que, pela escola, havia a expressão de que ele "as ama e abandona". Vês, uma interpretação muito cruel e muito literal da sua ação numa vida passada, surgindo numa situação inteiramente diferente nesta vida. Ele tem, claro, consciência disto a nível subconsciente e age de tal modo porque se sente mais honesto.

Através das ações desta vida, está a tentar fazer uma declaração honesta sobre ações do passado. Não há, naturalmente, qualquer castigo envolvido. A sua reserva também é resultado direto dessas existências passadas, pois uma vez falou de mais e traiu de mais, por isso agora mantém-se reservado em assuntos que considera importantes. Os dois irmãos nunca o responsabilizaram, no entanto. Compreenderam a situação. Sabiam que a rapariga tinha ficado aterrorizada e falou apenas por medo, e não com intenção de os trair. Nesta vida, então, os pais não tencionam retê-lo.

Não estão, a nível subconsciente, a tentar acorrentá-lo; não estão, a nível subconsciente, a tentar prendê-lo. Ele escolheu agir desta forma em particular. Ficaria muito mais livre se percebesse que os irmãos não o responsabilizam. E que a traição, embora traição, era compreensível, e que ele falou por medo e não tencionou trair. Se me permites, não creio que devamos usar tempo da sessão com a tua pergunta sobre a poesia do teu amigo. Não é importante em comparação com outras informações, nem é importante para o desenvolvimento do homem, nem para o teu. Agora sei que falas bem de mim; e, se usasse chapéu, tirá-lo-ia para ti. Estás a ajudar outras pessoas e continuarás a fazê-lo. Agora que tens alguma perceção das razões de certas dificuldades, podes começar a fazer algo a esse respeito. O teu problema não é com o teu Sr. Reed. O teu problema é livrar-te da imagem que tens e que projetas sobre ele.

Não o verás plenamente até o fazeres; e, carregando essa imagem contigo, repara, não vês as possibilidades em muitos indivíduos que já

conheceste. Porque não conseguias ver através dessa imagem. Quando leres ou ouvires a sessão desta noite, verás que te dei alguma perceção das tuas próprias sobrereações. Ora, estas causam a variação dos teus humores. Podes fazer-me perguntas.

([Pat:] "Pode desenvolver-se uma relação válida entre mim e o Dick?")

Não te direi sim nem não. Nenhuma relação válida pode desenvolver-se enquanto projetas essa imagem sobre ele. Nem me deste a tua definição de uma relação válida.

([Pat:] "Uma que fosse benéfica para nós os dois e no desenvolvimento dessas capacidades que devemos desenvolver.")
Ambos, até este ponto, têm problemas interiores que vos impedem de entrar no casamento. Há diferença entre um amor salutar por outra pessoa e uma necessidade compulsiva de possuir essa pessoa. Continuas a fazer estas perguntas com a outra imagem à tua frente. Estás a tentar espreitar através dela, mas, quando fizeste a pergunta, tinhas a imagem à tua frente. Percebes porquê?

(A Pat acena que sim.)

O simples facto de veres isto mostra que aprendeste algo esta noite. E isso faz-me bem, pois não gostaria de falar tanto e tão arduamente sem sentir que consegui passar um pequeno ponto. Agora eu digo-te, José, sai para o ar e compra os teus refrescos terrenos e regressa e talvez eu me junte a ti por alguns momentos sociais.

([Rob:] "Alguma vez bebeste cerveja?")

Nunca bebi. Vinho, sim, e de uma certa poção feita de cevada.

([Rob:] "E charutos?")

O Frank Watts gostava dos seus charutos. Agora deverias conseguir ver. E podes dizer ao Ruburt como viste diretamente que a diferença na atitude dele afeta as nossas sessões.

[Rob:] "Ele preocupa-se um pouco porque não se lembra do que diz, no entanto.")

Preocupava-se quando se lembrava; agora há de preocupar-se porque se esquece? Estou satisfeito aqui. *(Significando a Pat.*

([Pat:] "Tenho alguma capacidade de PES para desenvolver?")

Esta pergunta vem de uma jovem que já leu quantos livros do meu material? Tu sabes bem, devias saber, e agora sim, chamo-te à atenção. Estas não são capacidades sobrenaturais. São capacidades dentro da

personalidade humana e presumo que te enquadres nessa categoria.

([Rob:] "Boa noite, Seth.")

([Pat:] "Eu evitava situações para conhecer pessoas. Dizia sempre: 'Eu não posso' quando alguém queria ir a algum lado ou quando alguém me convidava. Não consigo lembrar-me porque é que nunca podia. Limitava-me a dizer: 'Eu não posso'.")

Agora, o Ruburt quer que eu o ajude com o controlo da voz. Estás tão habituada à imagem que projetaste para fora que te sentes desconfortável quando tentas enfrentar uma situação de modo nu, sem a imagem. Projetas a imagem sobre um indivíduo específico com tanta força. Também a projetas, por regra, em qualquer das tuas relações com homens que sejam mais velhos do que tu. Não querias, ou não tinhas querido, enfrentar sequer uma relação transitória com um homem porque, então, não tinhas tempo, repara, para projetar essa imagem de forma fiável.

Havia também uma brecha em que terias de enfrentar o indivíduo tal como ele era. Isto deixava-te desconfortável e desafiadora porque te obrigava, ainda que brevemente, a encontrar outro indivíduo olhos nos olhos. Escusado será dizer que não conseguias ver quaisquer boas qualidades que houvesse em qualquer homem que conhecesses casualmente. Não tinhas tempo para projetar a imagem sobre ele, e tinhas medo de ver claramente sem ela. A prática em tais relações permitir-te-ia habituar-te a um ambiente sem essa imagem. Se não forem passos de gigante, então passos de bebé, sendo cada encontro um pequeno exercício em ver outro indivíduo masculino sem os teus óculos de imagem.

([Pat:] "*Já tinha pensado nisso antes. Eu sabia que devia ter aproveitado as oportunidades para conhecer pessoas. Eu sabia que provavelmente estava a atrair essas oportunidades para mim porque, subconscientemente, sabia que os exercícios seriam saudáveis.*")

O exercício é um exercício de compreender e perceber a realidade de outras pessoas sem as deturpares por causa das tuas próprias distorções internas. O exercício é o de compreender os outros.

Quando falei de exercícios, quis dizer exercícios; mas o objetivo do exercício é permitir-te compreender os outros. Este não é um exercício para ti, especificamente, para usares especificamente pelas tuas razões; também tem de envolver outras pessoas de coração aberto. Não debes usá-las como exercícios; debes exercitar as tuas próprias capacidades para que as possas

perceber com clareza; pois não compreendes a realidade delas a menos que o faças.

Nunca deves ficar tão envolvida dentro de ti própria que ignores os sentimentos e a realidade de outros seres humanos, e nunca deves olhar para eles com a atitude de que os estás a usar para o teu próprio desenvolvimento e fins. E agora sim, estou de facto a ralar contigo, e não estou a interpretar mal a tua atitude interior aí.

SESSÃO 404
SOBRE A CONFIANÇA
Abril de 1968

Boa noite.

(Boa noite, Seth)

Ora bem, Joseph, vou fazer umas quantas observações que se te poderão afigurar simples. A Jane aprendeu pela via difícil que a imagem física resulta da materialização direta do estado mental que se alimenta. E obteve conhecimento disso por meio da experiência direta pessoal. Se ele tivesse acreditado em mim desde o começo e seguido os preceitos fornecidos no meu material, ele não teria passado por tal experiência.

Bom, eu recomendei Maltz por as experiências dele se basearem em verdades, ainda que ele não tenha uma compreensão total do que subjaz em tais experiências. Queres que te diga o modo como poderás melhorar a tua circunstância financeira, ou preferes aprender pela via difícil?

(Não, diz-me.)

(“Veja-se Psico-Cybernetics, de Maxwell Maltz.”)

Já te foi dito mas tu não levaste a informação a sério por não te achares preparado, tal como a Jane também não se achava preparado.

Antes de mais, todas as atitudes negativas precisam ser removidas da tua consciência, porque com o desespero, tu passas a atrair mais adversidade no campo financeiro, ao te focares mais na pobreza do que na riqueza.

Poder-te-á parecer altamente impraticável, irreal e completamente idiota ignorar as circunstâncias materiais dos débitos e das despesas. Mas eu afirmo-te que focares-te nelas, é atrair mais de volta. Aqui aplica-se a regra das expectativas. Quando recibes uma conta não reajas de modo automático como tendes a fazer, mas fá-lo como se estivesses a contemplar um quadro acabado de pintar. Molda na tua mente a imagem dum cheque

nesse valor. Imagina-te a cumprir o pagamento final da tua viatura. Visualiza mentalmente a existência dum excedente de dinheiro na tua carteira após o pagamento das despesas mensais. Bom, a tua situação financeira não mudará por mais que te esforces por isso, a menos que apliques esses exercícios simples. E tu não o fazes com naturalidade, pelo que se requer que o faças.

Em várias ocasiões a Jane seguiu-os e as vossas carências foram supridas. Tens vindo a opor-te a ele a esse respeito e isso tem obstado aos esforços que ele ultimamente tem vindo a exercer. Ora bem; esses exercícios provar-se-ão em termos práticos, mas debes dar-lhes uma oportunidade para tal.

A tua vida subjetiva tem sido de certo modo permeada por pensamentos de carência e duma pobreza literal a ponto de teres realmente exagerado a tua própria situação. Todavia essa situação exagerada pode chegar a passar se persistires em projetar essas imagens no exterior.

Elas não te ajudariam a obter um aumento mas a agir de modo inverso, e já o fizeram no passado. Eu estou a aconselhar-te em termos práticos; o que fizeres com esse conselho, é contigo. Mas tu limitas-te drasticamente em relação a isso.

No passado a Jane ajudou-te a gerar ideias negativas dessas, mas ele tem vindo a tentar combater-las. E a sua experiência pessoal provou-lhe que eu tinha razão, em relação a outras questões. Enquanto acreditares que os outros se aproveitam de ti, eles hão de continuar a fazê-lo. A origem disso centra-se em ti, e é isso o que até ao momento não conseguiste compreender.

(Acho que tenho tido consciência disso)

A origem disso não está nos outros. Durante quinze minutos por dia aceita suspender o juízo crítico e obedecendo ao método de Maltz, imagina-te vivamente na posição em que gostarias de te ver. No resto do tempo faz um esforço consciente a fim de controlares a tua atitude sempre que deres por ti a pensar em termos de carência ou de pobreza. Em seguida, troca os teus pensamentos por ideias de abundância. Isso não precisa envolver hipocrisia; de facto não deve envolver. Deves sentir isso como um exercício legítimo e prático porque os pensamentos de abundância começarão automaticamente a atrair abundância. Isso é suficiente. Contudo, não debes dar demasiada ênfase às posses materiais nem à segurança.

Bom, se seguires fielmente esse procedimento, ele trazer-te-á resultados, dando início a conceitos intuitivos e a ideias no teu trabalho que

irão automaticamente atrair outros a aceitá-las; irá iniciar outras ações que resultarão numa melhoria financeira.

Tens alguma pergunta respeitante a este material em particular?

(Tenho muitas. Todavia, é-me difícil colocá-las todas duma vez, de modo abreviado.)

Parte da tua atitude resulta da situação da tua família e da identificação com o passado.

(Bem o sei. E também me sinto cansado disso.)

Uma vez mais a velha sensação; sempre a desculpa de que a pobreza é mais virtuosa e mais pura. Agora; um relevo excessivo das questões financeiras é de facto prejudicial, mas além disso, se te preocupares com o dinheiro, revelar-te-ás tão excessivo quanto qualquer avaro.

(Eu gostava de esquecer a questão.)

Se fosses capaz disso, então isso mostrar-se-ia muito mais eficaz que o rumo atual.

(Estou sempre a repetir a mim próprio para o esquecer.)

Bom, eu estou-te a dizer para o esqueceres. Já te disse que não te voltarás a ver em situações financeiras de extrema dificuldade de novo, mas até ao momento não tiveste suficiente confiança na minha palavra. Ao invés, insistes em vigiar cada tostão que tens na conta bancária, com medo que o dinheiro mingue. Mas aí, é claro que ele minga, só que tu pensas que as circunstâncias materiais certamente justificam a atitude que tens. Mas a tua atitude é que provocou as circunstâncias.

(Apenas a minha atitude? “Eu era incapaz de acreditar no que escutava.”)

A atitude que tens tido no geral, ultimamente.

(E a decrescente participação nas aulas de percepção extrassensorial?)

A Jane mantém-nas de modo satisfatório. As preocupações que sentiste é que têm vindo a causar algumas dificuldades nesse aspeto.

(Nesse caso, porque será que a atitude positiva dele não se sobrepõe à pobreza da minha?)

Ocasionalmente fá-lo, de facto. Ou não lhe restaria literalmente aluno nenhum, já que particularmente no início não acreditavas que viesse a restar nenhum. Ele realmente tem habilidade para atrair dinheiro, apesar de no passado não ter sido capaz de a utilizar. Somente agora está a aprender a fazê-lo e se sente suficientemente capaz disso. As vossas capacidades combinadas operarão em vosso favor nesse aspeto, se seguireis o conselho que te dou.

(Não me estou a tentar absolver, só acho difícil acreditar que seja o único envolvido nesse “negócio”).

Eu não disse que eras, mas tão só que a Jane tem vindo a fazer tentativas na direção correta e que tu até ao momento ainda não foste capaz de tal tentativa.

(Durante algum tempo senti-me só, com esse “negócio”).

Tu sentiste ser o único por teres vindo a sentir preocupado sozinho. Mas a Jane, pelo menos nos dois últimos anos, tem vindo a preocupar-se de modo bastante ativo. Contudo, ele tentou não dar a impressão de estar preocupado a pensar na abundância em termos construtivos. Sempre que mencionas uma conta em particular, ainda que de passagem, ele já a terá imaginado paga e terá apresentado a si próprio rumos através dos quais os fundos necessários são obtidos. Quando o vosso aluguer sofreu aumento no prazo de duas semanas, ele deparou-se com quatro novos estudantes pelo recurso a esse método.

(Ele ainda os conserva?)

Ainda conserva dois.

(Então, porque será que tem menos estudantes que antes?)

Ele não tem menos. Ele tem menos do que a determinada altura.

(Penso que era isso que queria dizer.)

Isso deve-se à interação com a atitude que adotaste. Dá-nos um instante.

Tu equiparas a riqueza à sensualidade. Riqueza como algo oposto à arte ou à estética. O teu pai sentia aversão pelo irmão, que era rico. Por isso, possuir dinheiro representa uma traição ao teu pai. Como a tua mãe pressionou o teu pai a realizar dinheiro, parece-te a ti que ganhar dinheiro represente uma traição adicional ao teu pai que te torne num aliado da tua mãe, em relação a cuja emotividade sempre terás sentido pavor. No conceito que fazias, a riqueza estava associada, de alguma forma estranha, ao sentimento que te avassala em relação à utilização do petróleo como um meio de enriquecimento.

(Eu estou a ultrapassar isso. E sinto-me implacavelmente determinado, também.)

Não era seguro, demasiado rico e sufocante, como um caldo, que é coisa de que também não gostas.

(Nos últimos anos enfureci-me bastante com os meus pais.)

Bom, estas associações deviam servir-te de auxílio. A resistência íntima a essas ideias que te estou a apresentar deverão, até certo ponto, desvanecer-se à medida que releres a sessão. As capacidades que te assistem enquanto criador, são extremamente potentes e o poder de

imaginação é brilhante. Agora, no domínio financeiro tens vindo a empregá-las contra ti próprio. Eu ter-me-ia pronunciado com mais vigor com respeito a isto no passado, mas a Jane não o teria permitido. O que já não acontece atualmente. E as vossas capacidades combinadas poderão mudar diretamente a vossa posição material. Tens alguma pergunta a colocar?

(Eu costumava achar bastante irritante a desvalorização que a Jane fazia sempre que eu mencionava as contas por pagar.)

Como é do teu conhecimento, ela (Jane) acha-se mais atento do que o habitual ou do que é normal e é sensível aos teus reparos. Ele sempre se preocupou muito mais com as questões financeiras do que pensas. Nesse campo já ocorreu o que poderias entender como um erro natural de interpretação. Mas eu digo-te que em cada um desses casos ele procurou desviar a tua atitude negativa e empregar a capacidade dele da forma que intuitivamente entendeu ser capaz, a fim de ajudar. Pela sua parte, no passado, isso permaneceu subconsciente; ele não entendia conscientemente aquilo que fazia mas sentia-se fortemente impelido a assumir a posição que tomou, e indignava-se subconscientemente por não compreenderes a razão por que a assumia.

(Provavelmente por eu não ver nenhum resultado concreto.)

Tu não os procuraste e negaste-os, e claro que não os objetivaste.

(Refiro-me a coisas como um dinheiro extra.)

Eu sei precisamente ao que te referes. Mas tu negaste-os.

(Porque razão negaria ele a minha atitude?)

Porque na altura - nessa altura - ele não se permitia tal coisa, particularmente de forma consciente, por não se sentir absolutamente seguro. Estava a dar atenção ao que para ele eram pressentimentos e sempre correspondia a toda a sugestão que lhe apresentasses. Além disso tinha os seus próprios antecedentes e receio de ser bem-sucedido. Esses sentimentos permitiram-lhe prosseguir contigo.

(É por isso que insisto nesta questão de não estar só neste “negócio”.)

Eu estou a tentar tirar-te desse “negócio”.

(E eu estou mais que disposto a isso.)

O que é facto é que no passado recente não tentaste projetar pensamentos de abundância, enquanto que a Jane o fez.

(Tenho absoluta consciência disso.)

E os vossos esforços combinados podem-vos mudar a situação.

(Sim, acredito que poderão. Mas não sinto que tenhamos vindo a usar nenhuns esforços combinados em particular.)

Meu caro amigo -

(Sim?)

- tu continuas na defensiva, por já entenderes perfeitamente o efeito que os pensamentos negativos têm, quando motivados por tal orientação. A amplitude da tua reação devia deixar-te ver isso.

(Sim, estou de acordo.)

Se quiseres colocar mais alguma pergunta, eu respondo-te a ela.

Vamos fazer um intervalo.

(“Eu surpreendi-me por se ter passado uma hora. A Jane tinha penetrado de novo num transe profundo e permanecia agora sentada bem tranquila e de olhos fechados. Tentei tirá-la desse transe. Às dez e cinco chamei-a pelo nome; por fim começou lentamente a despertar dele. Não creio que o tenha conseguido muito apesar de tudo, porque uma observação que fiz pôs fim ao intervalo.”)

Não precisas livrar-te do pensamento do dinheiro porque o dinheiro não te tem preocupado, mas sim a falta dele. Pensaste na tua conta bancária a encolher e eu afirmo-te que é devido a isso que a tua conta está a encolher. Não subsiste aqui a menor distorção.

Se tiveres que pensar na tua conta bancária -

(Preferia não o fazer.)

- então envia todos os esforços para imaginares na tua mente as somas que desejaras ver nela.

(Não me ocorre nenhuma.)

Estabelece uma quantia razoável. Objectiva isso na tua mente como correspondendo ao teu saldo, e seguindo as instruções do Maltz, deverás seguir as emoções que se associam à soma desejada. E isso é o que tens deixado de aceitar.

(Penso que preferiria pensar em pintar quadros, parece-me.)

Sempre que deres por ti a pensar na tua conta bancária segue o exercício que te sugeri. Não estou a sugerir que dediques nenhum intervalo de tempo; estou a sugerir que devotes a mesma quantia de tempo que agora estás a despender de forma destrutiva, e que os novos exercícios substituem os velhos exercícios seguidos automaticamente, que tens vindo efetivamente a seguir de forma tão fiel. É tão só isso. Sempre que deres por ti às voltas com as velhas preocupações lembra-te desta sessão e substitui de imediato por um dos exercícios simples e detalhados que eu tenha fornecido. Não precisas ajoelhar-te diante de nenhuma imagem padroeira do dinheiro durante duas horas por dia.

Para cada reparo que fizeste a Jane tem diligentemente dispensado quinze a vinte minutos por dia no que corretamente crê serem exercícios

práticos para melhorar a vossa condição financeira. Ele tem, de forma intermitente, obtido sucesso suficiente para ser capaz de apurar que os exercícios funcionam. Quando tiveres conseguido o mesmo, volta a ter uma conversa comigo subordinada à questão. Não tenho vindo a atribuir culpa a ninguém e pensei estar a explicar a mecânica simples envolvida. Por outras palavras, tu protestas demasiado alto.

(Eu não costumo fazer qualquer comentário; e além disso sempre pensei que desembuchar significaria um passo na direção correta.)

E realmente é. Já agora também te direi representar um passo na direção certa. É simples, Joseph. Tu terás controlo sobre os teus pensamentos se apenas o tentares.

(Concordo com isso.)

Pensamentos de abundância trazer-te-ão abundância tanto em termos financeiros como físicos, para além de outros. Pensamentos de carência produzem carência. Não fui eu quem estabeleceu essas regras.

Quando pensas em termos de carência e em seguida te deparas com a materialização dessa carência, sentes-te tentado a pensar que os teus receios se justificavam, pelo que consequentemente esses receios saem reforçados. Mas foram esses pensamentos que provocaram a carência e o que eu estou a fazer é simplesmente tentar interromper esse ciclo Bom; se tu e a Jane forem capazes de concordar com o tipo de casa que gostariam e ter e se sonhásseis com ela e pensásseis nela de modo específico, haveríeis de a ter.

Uma vez mais, isso não envolve qualquer extra. Ao invés, se deres por ti a pensar conscientemente nas limitações do vosso apartamento e as substituíres pela dessa imagem, havereis automaticamente de melhorar a vossa condição ao invés de a manterdes.

Ora bem, como é do teu conhecimento, eu falo em vosso próprio benefício. Se tiveres questões, formula-as.

(Não, só pensei encontrar-me sozinho nesse “negócio”).

Realmente não estavas – longe disso! Desde a altura em que comprastes o vosso carro, a Jane tem vindo diariamente a exercitar-se para vos levar a pagá-lo. Sempre que a vossa renda tem sofrido aumentos ele tem feito o mesmo e durante os últimos seis meses toda e qualquer conta de maior monta tem merecido o mesmo tratamento. Antes disso, ele envidou esforços ao nível subconsciente que sentiu poderem não encontrar compreensão, da tua parte.

(Ele não me disse nada sobre isso.)

Ele sentiu que expor o assunto seria desastroso para ele, por ser incapaz de o explicar e de saber de que forma o poderia fazer

conscientemente. Essa é uma das razões porque esta noite escolhi este tema. Tens alguma pergunta?

(Não, penso que não.)

As tuas próprias capacidades visuais são por vezes usadas de forma subconsciente. Elas são mais fortes que as da Jane. Ele tem que se esforçar por as obter. Por isso é que as tuas imagens subjetivas subconscientes têm em muitas ocasiões sido suplantadas. Precisas entender, se fores capaz, que não existe aqui a menor intenção de culpabilizar. Sair-te-ias ainda melhor se fosses capaz de esquecer o assunto.

(Gostaria de o conseguir. Eu tento consegui-lo.)

Considerando, contudo, estares tão interessado nisso, esses exercícios proporcionar-te-ão um grande benefício.

Vou-te dar um exemplo prático neste caso. Ora bem; nos exercícios que empreende a Jane tem vindo a imaginar vividamente o livro sobre os sonhos a vender. Enquanto tu imaginavas as tuas contas a minguar e pensavas em termos pessimistas, e que afinal o livro poderia chegar a nem vender um número de exemplares de nota, e que em termos práticos, não podes ter a certeza de que o esboço dele venha a vender, e que os vossos esforços não tenham vindo, por tal razão, a deixar-vos de rastros. A realidade está nos vossos pensamentos. Tens perguntas? Na verdade, podes expressá-las.

(Não, penso que não. Não me ocorre nada.)

Podes reuni-las, para mas apresentares na próxima sessão.

(Será procurar esquecer a coisa toda o melhor a fazer?)

A intenção é a de permitires, deixares que ocorra, permitir-te esquecer ao invés de te forçares a isso.

(É isso que queria dizer.)

Deves permitir-te pensar com naturalidade, que os pensamentos de abundância seguir-se-ão. O ideal seria que não praticasses qualquer exercício. Eles destinam-se apenas a contrariar os exercícios negativos que tens vindo a fazer.

(Eu sei disso.)

O que devias fazer seria simplesmente confiar, porquanto essa é a questão mais prática de todas, entendes?

(Pois.)

Vou dar a sessão por terminada a menos que tenhas algum comentário a fazer.

(Não.)

Contudo, não consigo realçar o suficiente os aspetos principais que tracei esta noite. Dá-me um instante. Ora bem; baseando-nos na tua própria

experiência, sempre que a Jane e tu se acham numa condição positiva de afeto, diz-me se não sentirás uma sensação interior de abundância. . .

(Sinto.)

Isso faz parte, até certo ponto, da mesma natureza. Essa sensação de abundância e de confiança em si mesma trazer-te-á fartura e abundância. Atrairá ideias intuitivas da tua parte e ações intuídas por parte dos outros. De facto a Jane leu um artigo subordinado às ondas cerebrais esta tarde, mas eu digo-te que tu emites ora mensagens de abundância ou de carência.

Agora; não te ludibries a ti próprio. Essa confiança constitui a base da tua existência. Tu possuis muito que outros em condições financeiras mais estáveis invejariam, e invejam mesmo. Tu projectaste esses pensamentos de forma a dirigires para ti próprio aquilo a que dás mais significado. Não ignores aquilo de que dispões. A questão está em que tu, nessa área sentiste-te inseguro por variadas razões, além de temeroso em relação à posse de dinheiro. E a compreensão auxiliar-te-á. Os exercícios que te dispensei subordinados a esta área por si só começarão a negar as causas que se encontram na base desse fracasso. Estás a entender?

(Estou.)

Vamos terminar a sessão.

(Escutaste o que disse quando referi ter-me sentido furioso na casa dos meus pais, há já algum tempo?)

De facto, ouvi; mas a fúria não te ajudará, nem o ressentimento.

(Penso, todavia, que não terei podido evitar isso, em parte.)

Não terás podido; o essencial está em que, se te encarares como financeiramente independente e na posse de abundantes meios, isso passará, não obstante os teus pais. Eles serão bem tratados. Quando te começares a ver como livre de fardos, esses fardos começarão a sair-te dos ombros.

(Certo.)

Bom, esta noite procurei ajudar-te, e espero tê-lo conseguido. (“Longa pausa, de olhos fechados.”)

(Boa noite, Seth.)

(A Jane tinha estado a pronunciar-se duma forma vigorosa e com frequência passava as mãos pelo rosto ou pelos cabelos enquanto o fazia, em transe, a abrir e a fechar os olhos. No final da sessão cerrou as pálpebras durante algum tempo. Por fim, lá começou a sair dele; Uma vez mais, o transe tinha sido tão profundo que ele não recordava nada do que tinha dito.)

SESSÃO 405

EU SOU AQUILO QUE DIGO SER

18 de Abril de 1968

(Recentemente, a Jane enviou o seu livro dos Sonhos para a editora Prentice-Hall. Um editor tinha rejeitado o livro mas redigiu uma nota bastante encorajadora com respeito à publicação do material do Seth. Uma vez que ficamos um tanto confundidos quanto ao curso a seguir, fizemos nessa mesma noite uma sessão. A Jane começou a expressar-se através de um ótimo transe num ritmo um tanto mais lento que o habitual, e não mostrou os olhos tão abertos quanto de costume.)

Boa noite. Ora bem, há diversos aspetos aqui a considerar. A Jane não está inteiramente familiarizada com o material. Com efeito, ela precisa empenhar-se em pleno com o experimento e trabalho com que estamos envolvidos. Ela devia ter a certeza na sua ideia quanto ao que eu referi acerca de mim próprio, e o que deixei de referir. O próprio facto do meu material ser precisamente isso ultrapassa ideias convencionalmente mantidas na maior parte dos “círculos mediúnicos.” Trata-se de um experimento contínuo na medida em que o material se tornará mais claro à medida que as capacidades que desenvolver nas sessões aumentar.

Por conseguinte, ela não deve pensar, e eu já disse isto várias vezes, como algum tipo de espírito fantasmagórico nesses termos. Não existe conflito algum entre aquilo que eu sou e aquilo que ela pensa que eu seja. Todo e qualquer conflito resultará das interpretações erradas que faz. Por vezes ela tem a ideia de que devia aceitar-me nos termos convencionais, com base nos livros que ela leu. A interpretação é da sua autoria, tingida pelo preconceito subconsciente, que em larga escala não passa de uma questão de vocabulário. Por vezes isso resultou da falta de convicção.

Eu sou aquilo que sempre disse que era, e enunciei-o em termos emocionais tão neutros quanto possível — uma essência da energia da personalidade. É ela quem aduz outra coloração à questão, e de seguida lhe reage. Eu reencarnei, conforme o material menciona, assim como vós os dois (referindo-se ao Robert e à Jane). Procurei explicar a natureza das gestalts da personalidade e das ligações que existem entre nós.

Bom, as personalidades que são alcançadas com “condições de sessão comuns, não são personalidades como a minha. Trata-se de personalidades recentemente falecidas, segundo os vossos termos, que possuem fortes

ligações com o vosso entorno, e que não estão cientes da existência mais vasta que possuem. Por outras palavras, não é isso que eu digo ser.

Coloquemo-lo nos seguintes termos, se o preferirem, a título da simplicidade da analogia: A Jane opera como um perfeito aparelho de rádio sem fios, e enuncia mensagens além das que são geralmente recebidas. Ora bem, distorcê-las colorindo-as com ideias de menor monta, ideias que curiosamente ela não albergava quando deu início às nossas sessões, é desafortunado.

Eu devo responder às perguntas nos termos em que elas são colocadas, ou o inquiridor não conseguirá compreender aquilo que digo. Por conseguinte, explico o material que lhes forneço, por diversos níveis, sempre que sou questionado. Geralmente, no nosso próprio material eu consigo lidar melhor com as questões conforme prefiro.

Bom, os estudantes da Jane ajudaram-na, por mais estranho que pareça, por a ajudarem a reforçar a fé que tem em mim. Ela viu que eu a ajudei. Eu falei-lhes em termos que conseguiam compreender. A reação dela às necessidades deles resultou numa confiança acrescida da sua parte à medida que os vê a ser ajudados. Por outro lado, ela é bastante sugestionável para com as necessidades dos outros, na medida em que o comentário que fizeste anteriormente era acertado; porquanto através do material muitos mais poderão ser auxiliados. Contudo os estudantes, e nisto estavas errado, aceitarão certas mudanças agora, por eu já ter criado as bases ao lhes falar da necessidade de estudarem o material em si.

(Antes da sessão desta noite, eu tinha dito que a publicação do material do Seth poderia ser de valia para muito mais gente do que a Jane (a quem o Seth trata por Ruburt) poderia auxiliar pessoalmente nas aulas de ESP, e que demasiado dispêndio de energia nas aulas diminuía essa disponibilidade para com o material teórico que nos era posto ao dispor nas nossas habituais sessões bissemanais. Também referi que agora que os estudantes de ESP estavam bastante habituados aos comentários que o Seth faz nas aulas, e que haveriam de ressentir a ausência deles.)

Bom, muitas vezes sob tais circunstâncias podes ajudar outros, e deixar de te ajudar a ti própria, utilizar as tuas capacidades para ajudar outros para exclusão de ti própria, simplesmente erigindo barreiras. Sempre que surge distorção no material, ele é de facto um aviso de uma dada área que é particularmente pessoalmente vulnerável para a Jane, ou representa uma área de que em ela não está certa; falta de convicção.

Agora; prefiro que vejas o vocabulário empregue nas nossas sessões. Ela não é o Cayce nem a Montgomery, nem a mulher da bola de cristal. Houveram segmentos que não foram necessariamente distorcidos, mas fornecidos em termos diferentes dos que teriam sido da minha preferência; porquanto por vezes eu procuro acomodar o material para o transmitir.

Com efeito, no passado evitei utilizar o termo Deus. Ele surgiu nas nossas últimas sessões por ser termo que a Jane pensou dever ser utilizado, e ocasionalmente devido a que fosse a palavra mais cómoda para os estudantes dela. Contudo, o termo por si só aproxima-se da verdadeira realidade que procura retratar. Eu evitara-o a fim evitar imagens estereotipadas. Foi quando a Jane começou a ler o material de outros que o termo começou a aparecer. O que não quer dizer que não exista um Deus. Significa que o uso do termo automaticamente limita a realidade de Tudo Quanto Existe pela própria conotação.

Por a Jane por vezes ser tão literal, ela ficou incomodada com pensamentos de querer passar por, ou pensamentos de deturpação; e tudo por causa da interpretação do termos espírito, ou espiritual, e das interpretações altamente tingidas alusivas. Depois sentiu-se culpada por não estar a viver à altura da interpretação que outras pessoas fazem da palavra.

O intelecto que ela possui é excelente e não deve prestar-se a nenhuma forma de contestação nas nossas sessões. Somente quando ela o emprega de modo falso como escudo atrás de que se esconder é que ela se sente incomodada, mas uma leitura objetiva do material Seth mostrar-lhe-ia que não contém nada de que deva sentir-se emocional ou intelectualmente envergonhada. Antes pelo contrário, ela não precisa encarar-me como um espírito em vestes alvas (enfático). Não sou um ser físico. Contudo, a imagem de um espírito em vestes alvas, com tais conotações, não é imagem que eu lhe tenha passado.

O trabalho dela com o material pode e deve consolidar-lhe as emoções e o intelecto numa força potente, só que não quando ela tenta copiar os outros, ou por si só usa palavras que pessoalmente a aborrecem, a fim de expressar ou interpretar o material de outros.

Bom, ela supunha estar a ser “boa” quando procurou seguir a interpretação de outros, e a ideia que fazem do bem. Sentiu-se incapaz (incompetente), sentiu estar a ser falsa somente quando procurou espremer

o material em moldes menores que o não podiam sustentar. Esta é porventura uma das frases mais importantes da sessão desta noite.

Uma das razões principais para tal assentou nos velhos conceitos rígidos da infância que foram ressuscitados pela leitura que ela fez, não pelas nossas sessões. Isso poderia atenuar consideravelmente o nosso material.

(A que livros te estás a referir — a recentes que ela tem andado a ler?)

A muitos, ou qualquer dos livros, entre os quais os da Montgomery me são suscitados. Quaisquer dos livros dos psíquicos principais da actualidade de tendência “espiritual”, por o termo em si levar a conclusões erradas. Significam algo para ela — ela saberá o que quero dizer. “Many lifetimes. . .” (de Denis Kelsey & Joan Grant) não se aplica ao caso.

Ela sentiu-se ofendida pela A. A., por ter persistido em considerá-lo um “espírito” com todas as conotações que o termo nela desperta. A. A. deixou de ser uma personalidade física, e isso é tudo. Ele não é personalidade completamente desenvolvida nos termos mais vastos de que falo. Contudo ele é uma personalidade, e não é a Jane.

(A.A. é personalidade falecida que nos ajudou a conseguir certos resultados espectaculares durante o experimento com a comunicação pela inclinação da mesa. Ver sessão 374 e 381).

As personalidades são compostas de ação e componentes psíquicos. Isso é o que vocês são. É o que eu sou. Há por vezes mais tipos diversificados de personalidades do que sementes de flores — diferentes variedades. Algumas amadurecidas e desenvolvidas, outros em formas que ainda não expliquei, transitórias. Elas fundem-se noutras gestalt, porém, aquilo que são, jamais é destruído. Operam independentemente enquanto parte de outras gestalts.

Dá-nos um instante. *(De olhos abertos, a Jane apanhou a carta resumida que a Prentice-Hall nos enviara.)* Esta é a direção para que deverão avançar. *(A esta altura a Jane tocou na cópia de carbono do manuscrito do livro dos sonhos dela.)* A energia neste livro não foi desperdiçada. Não foi usada de forma tão sensata quanto podia ter sido. O que é preservado dela será na exata proporção da quantidade de percepção que a Jane tinha quanto à direção em que devia avançar.

É um trampolim, e ela necessita do trampolim. Infelizmente o sujeito foi demasiado delicado. Ele não podia permitir material distorcido ao seu redor. Mas tampouco teria sido útil caso tivesse sabido sobre isso

antecipadamente. Era problema dele e ele resolveu-o a seu modo. Resolvê-lo pela vez dele jamais seria possível. Jamais a longo prazo possível.

(Creio que o Seth fala da predição feita há algum tempo de que o livro dos sonhos viria a vender; mas não quis interromper a sessão a fim de verificar.)

Tivesse-lhe eu dito, tivesse eu sido capaz disso, e ela teria recriado o problema noutros termos, e tê-lo-ia resolvido por outras formas. Eu disse-lhe veementemente para terminar o livro, porque até estar concluído ela nem sequer perceberia o problema. Ela precisava ver o livro na forma de conclusão a fim de perceber a condição interna.

Tu sabes que ela trabalhou problemas, então, tanto físicos como criativos. Bom, eu disse-lhes esta noite, ou apontei-lhes, a direção em que deverão avançar. Mais não posso fazer. Tampouco a esta altura poderia eu fazer menos. O material é a placa de sinalização dela.

Nas nossas sessões e no material Seth eu utilizo — por precisar fazê-lo — o melhor que ela enquanto personalidade tem a oferecer, e que é considerável. Incluí tanto faculdades intuitivas quanto intelectuais. Ela precisa estar bastante familiarizada, aberta o suficiente, para ser capaz de aceitar as minhas ideias nas sessões, a fim de se tornar num canal delas. Mas ela precisa usar ela própria por critério o material Seth.

Com efeito vocês deviam, e poderão de imediato. Sugiro que este verão a Jane se familiarize mais com o material Seth. É a pedra de toque dela.

(Que é que pensas do livro em que ela tem vindo a trabalhar?)

Ela deve esquecê-lo. Ela não usou adequadamente as experiências por que passou. Elas deveriam entrar nesse livro (a carta indicada de novo). Ela há de compor o tipo de livro que tem em mente, só que mais tarde, e esse vai ser um livro muito melhor. Ela não dispõe do material para aquilo que planeia, por um lado. Por outro, planeou utilizar as minhas ideias. Ela estava a alimentar a ideia, entendes, mas essas ideias poderão agora ser apresentadas desta forma. (A carta de novo.) Outras porções do livro que ela planeou poderiam ter sido escritas por qualquer um.

A editora Frederick Fell tem o livro que queria — o primeiro, e ela vai jogar com isso até ao fim, com ela. Estou a tentar passar-lhes algum material não distorcido. A Fell pensa ter interesse no material Seth. Ela está a dar tratos à ideia. Mas receia dar o salto. Mas também receia dar-lhes um não. Ela está encantada em particular, porém, está a mostrar-se

excessivamente cautelosa em termos de negócios. É por isso que a firma deles é pequena. A mulher (editora da Frederick Fell) não tem simpatia pelo material, conforme sabem, mas tem interesse pela Jane enquanto propriedade; e enquanto propriedade não faz ideia de como lidar com ela. Ela tem medo de mim. O Fell interroga-se se por vezes não será tomado por tolo. Ele é alerta intuitivamente, só que se sente muito assustado com as próprias intuições que tem. Além disso também receia o sucesso.

Bom, não posso dizer este (a carta uma vez mais) particular “negócio” virá a concretizar-se. É demasiado melindroso. (Sorri, de olhos abertos.) Mas pelo menos agora estou em condições de lhes dizer que é demasiado delicado!

Posso-te dizer, conforme tu pessoalmente terás suposto, que esta é a direção para que a Jane se devia voltar. Bem, é o rumo que ela quer tomar, só que ela receia que não seja rumo financeiramente proveitoso, por não ter recebido qualquer coragem da parte da Fell, encorajamento efectivo, com respeito ao material, e não tentou noutro lugar. Tomou como certo que o material não seria financeiramente aceitável para um editor, por ela ter achado que essa seria a opinião da Fell.

(Achas que me estava a vangloriar há pouco, quando falei sobre fazer algum grande trabalho em pintura?)

Não acho. Eu espero que venhas a fazer.

(Eu sinto que posso.)

Tu falaste há pouco em tragédias, e eu não te entendi. Um grande trabalho afirma-se por si só. É um triunfo do espírito humano, e sempre emerge da experiência. Enquanto criatura egocêntrica, somente, não haveríamos de eleger a experiência, muito embora um grande trabalho resultasse dela. A aprendizagem envolve todo o nosso ser. Um grande trabalho é resultado de grande aprendizagem. Não resulta da descoberta de respostas fáceis rabiscadas como que por magia num quadro. As flores forçam o crescimento através do solo, só que dificilmente consideram o solo ou o impulso de crescer uma tragédia, nem se ressentem do tempo despendido na terra gelada, por perceberem que a terra gelada é condição do seu florescimento — um desafio que constitui uma ajuda, e não um impedimento. A luz não se ressent da escuridão que ilumina, estás a entender? O vosso eu interno tem consciência disso. . .

(Está muito interessante, a sessão)

Podes escolher o ponto de que gostarias que eu voltasse a começar, que eu o farrei; ou iniciarei de novo um começo — não faz diferença. Livra a Jane da influência dos outros, no citado “campo.” Tirai as vossas férias. A seguir arranja-lhe atividade física. Mantem-te longe da mãe dela até que te diga em contrário. Ela não precisa provar que é uma santinha Lá virá tempo.

(O nosso gato Willy saltou para o colo da Jane.)

A Psico Cibernética fez-lhe bem, por ter deixado de fazer, pelo menos, alguma da cisma consciente. Ela precisa redescobrir o seu lado espontâneo por essas ideias distorcidas e superficiais adotadas — sublinha superficiais — das regras religiosas a terem deixado inibida. Ela não precisa reear o seu lado espontâneo Ele não a há de trair. Os sintomas do braço que prevalecem representam um factor de inibição.

A telepatia existe, mas a existência possui uma validade muito mais vasta do que ela supõe. As pessoas possuem uma defesa natural. Ela não precisa vigiar os pensamentos tão a fundo.

Vocês são responsáveis pelos pensamentos que têm. No entanto, os pensamentos espontâneos não são tão destrutivos quanto ela imagina, e ao inibi-los de forma exacerbada, ela também acaba por inibir os pensamentos inteiramente espontâneos e joviais. A Psico Cibernética ajuda-a a deixar de matutar, e a deixar de se preocupar por antecipação, e a deixar de estabelecer reações negativas. Isto é importante. Porém, as reações sinceras no âmbito do presente são legítimas. O presente simplesmente não devia ser negativamente projectado no futuro. Isto é da maior importância aqui. Ela receia magoar terceiros através dos pensamentos que tem, só que o receio a deixa excessivamente inibida. Estás a compreender?

(Estou. Contudo, não deixo de me sentir um pouco surpreendido com isso.)

Com que porção do que eu disse?

(Em ouvir que a Jane possui tais receios com respeito aos pensamentos que abriga.)

Ela reage de modo exagerado a uma verdade — e a verdade é a de que os pensamentos é que provocam a realidade. Ela interpreta isso de forma negativa, por reear tanto magoar os demais. Toma como certo que o pensamento natural, por si só, se revelará destrutivo e há de magoar as pessoas. Só que o pensamento natural revelar-se-á mais positivo do que negativo. Será que isto deixa a questão clara? Ela tem medo de atingir as

peças e de as prejudicar, e em certa medida, receia a espontaneidade. Por conseguinte, as condições do braço prevalecem.

(Porque razão deveria recear magoar as pessoas?)

Creio ter já feito menção a isso em sessões passadas. O excesso de consciência, tudo quanto se acha associado ao condicionamento. Ela agora compreende mais, e o material desta noite deveria servir-lhe de ajuda.

SESSÃO 406

22 DE ABRIL DE 1968

(Pouco antes da sessão mostrei à Jane cópias que tinha feito de material que o Seth deu muito no início de 1964 — logo após o começo das sessões: os nove Sentidos Interiores, ocupando nove páginas dactilografadas, e as onze Leis Básicas do Universo Interior, ocupando sete páginas.

Fiz isto porque, na última sessão, o Seth disse que retomaria a discussão de material teórico em qualquer ponto à nossa escolha. Achei que poderia escolher desta seleção. A Jane estava cansada esta noite e disse: “Se o Seth conseguir tirar alguma coisa de mim hoje, já é bom sinal.” Disse que tinha estado letárgica o dia todo.

No entanto, começou a falar em transe como de costume; o início foi tardio devido à letargia — ficou a “pairar” um pouco à espera de ver se a sessão se realizaria. Mas, uma vez começada, o transe foi bom, olhos a abrir como de costume, pausas habituais.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Alguns comentários. É a paragem que o assusta.

(“A paragem?”

(A Jane assentiu, olhos fechados.)

Por muitas razões, a maioria das quais vocês já discutiram. Ele está de certo modo em estado de choque, por ter sido travado de repente. No entanto, reajustar-se-á rapidamente, pois agora tem fé na nova direção do seu trabalho. Agora dá-nos um momento.

(Pausa.) Em termos de realização de valor, percebes, o Ruburt está a tentar assimilar informação que já foi reunida, sendo os últimos dias muito mais valiosos em termos de crescimento interior. As mudanças

psicológicas, percebes, têm um alcance muito maior do que a curta duração no tempo poderia fazer supor.

(O Seth chama a Jane “Ruburt” durante os transes, e também “ele”, referindo-se então ao somatório das encarnações da Jane. A paragem, acima, refere-se a ter posto de lado, por agora, o livro para a Doubleday e ter decidido começar a trabalhar num livro sobre o próprio material do Seth.)

A realização psicológica interior é o acontecimento importante aqui, e não, por exemplo, a carta (da Prentice-Hall) em si. O verdadeiro acontecimento é o psicológico. A prontidão do Ruburt para fazer o tipo de livro que fará agora foi sinalizada por esses episódios que tinham a ver comigo no livro dos sonhos.

Os sinais foram captados, embora ele não se tenha apercebido de que tinha chegado à conclusão de que o trabalho mudaria, nem que ele mesmo já tinha sinalizado isso. Acrescento, para o fazer sentir-se melhor (sorriso), e também a ti, que ele não poderia ter feito — estou a ir devagar aqui para não ferir as suas suscetibilidades — ele não poderia ter feito antes o tipo de livro que fará agora. A compreensão dele, e até as suas capacidades de escrita, simplesmente não estavam à altura.

Isto para além do facto de que não tinha feito as pazes comigo nem com o material.

Agora, no que diz respeito ao nosso próprio material, tem sido deixado de lado há algum tempo. Existem pontas soltas em muitas áreas. Tentaremos, portanto, acrescentar alguma continuidade e consistência. Ainda te foi dado apenas um esboço, na verdade, mas temos tempo para o preencher. De resto, o esboço está longe de estar concluído.

Dá-nos um momento. *(Pausa, olhos fechados. O transe da Jane estava agora mais profundo, a entrega mais enfática e um pouco mais forte.)* Queremos abordar, de forma geral, a natureza da realidade tal como existe dentro do vosso sistema de camuflagem, tal como existe noutros sistemas, e com as características globais que lhe pertencem, independentemente de qualquer manifestação específica. Ou seja, certas características pertencem à realidade, aos métodos pelos quais ela se manifesta.

Esses métodos, em si, variam. Os sistemas variam, sendo os sistemas a manifestação da realidade tal como ela se mostra em várias formas. Os métodos pelos quais ela se manifesta também variam. No entanto, certas

características pertencem à realidade independentemente dos próprios métodos e das várias manifestações.

Algumas destas comecei a insinuar nas tuas leis básicas. (*A Jane pegou brevemente no material mencionado antes do início da sessão.*) Dado que estás naturalmente interessado no teu próprio sistema físico, vamos tratar minuciosamente dos métodos pelos quais a realidade se transforma em camuflagem. Além disso, trataremos de outros métodos a utilizar por ti, que te permitirão perceber mais claramente a natureza básica da realidade (*pausa*), entre aspas “a transparecer” através da camuflagem física. (*Sorriso.*)

Parte deste material responderá automaticamente a muitas perguntas com as quais tens andado preocupado, problemas com os quais os vossos cientistas estão agora a lidar. Estará também envolvida a inter-relação que existe entre sistemas de realidade, incluindo certos pontos de contato que os ligam a todos. Isto último deve ser sublinhado. Pois estes vários pontos de ápice podem ser determinados matematicamente e servirão, em algum futuro distante vosso, como pontos de contato; em alguns casos substituindo as viagens espaciais.

Estou a tentar dar-te uma ideia da direção em que avançaremos. Questões como as que dizem respeito à vida após a morte, nos teus termos, serão abordadas talvez num número consecutivo de sessões, em que esses assuntos serão tratados num corpo de material.

Esta parte abordará considerações práticas, nos teus termos, e fará parte de uma porção maior dedicada à utilização prática do nosso material. No entanto, a utilização prática deve seguir-se a uma compreensão do material.

Um grande segmento também se ocupará dessa porção da realidade que tem conotações de tempo para ti. Pois deves lidar com a tua ideia de tempo, e manipulá-la enquanto a considerares válida. Quando perceberes que não é válida (*sorriso*), então as instruções serão inúteis.

Manteremos aqui uma certa natureza consecutiva sensata no material, embora a separação seja, claro, arbitrária. Dá-nos um momento. (*Pausa.*) Iremos também desenvolver o conceito de Deus nos termos que eu escolher (*divertido*), os gestalts de consciência-pirâmide de que falei no passado. Isto será dado em conjunto com e como parte das características básicas da realidade, tal como separada das materializações de camuflagem.

Em termos mais amplos, a palavra realidade e as características que te darei como lhe sendo atribuídas, serão vistas como parte integrante de uma consciência psíquica unificada, da qual todas as outras consciências emergem. Estas consciências emergentes formam novos pontos de momento, criam novas experiências de realização de valor que permitem constantemente que a realidade global seja criada, mesmo enquanto cria.

Em escala limitada, muito limitada, este processo é insinuado no material que tem a ver com pontos de momento, ação e personalidade.

Agora podes fazer a tua pausa. O teu trabalho está traçado, e eu sou a tesoura.

(“Não me importo. Estou ansioso por isso.”

(21h57. Os olhos da Jane permaneceram fechados enquanto abanava a cabeça de um lado para o outro. Lentamente os olhos abriram-se um pouco. “Ele ainda continua,” disse. “A próxima frase seria: as vossas ideias científicas e religiosas atuais de realidade são como contos de fadas de crianças.” Esta receção de mais dados enquanto sai do transe é um sinal, recente, de que o transe da Jane foi profundo.

A voz da Jane começava a ganhar força, a entrega tornava-se mais firme e rápida. Disse que sentiu a energia a levá-la, uma energia que tem começado a manifestar-se regularmente. Depois da pausa, pude ver que o transe estava mais profundo e ainda mais forte. Retoma às 22h10.)

As ideias atuais de realidade são como contos de fadas para crianças. Se mantiverem estes canais abertos e livres, então receberão algum material o mais não distorcido possível. Alguma distorção é necessária, como sabes, simplesmente porque todas as palavras são uma tradução.

No entanto, o alcance do Ruburt é excelente, pois o plano no qual tenho a minha existência principal está muito além daqueles aos quais os que estão no sistema físico têm acesso. Tu e ele devem então assegurar-se (*a Jane apontou vigorosamente para mim*) que ele não colora as suas experiências comigo através de leitura de material que é “altamente camuflado e distorcido”, mesmo que a distorção seja bem-intencionada.

(Na última sessão o Seth nomeou alguns livros e autores que preferia que a Jane evitasse, chamando-os de demasiado “espiritualistas”).

Esse tipo de material tem o seu propósito, e de facto faz algum bem, e explica a realidade em termos que muitas pessoas conseguem entender, pois os adereços e fantasias são familiares. No entanto, aqui não há necessidade deles.

Agora, isto aplica-se especificamente ao trabalho do que o Ruburt e tu chamariam espiritualista. O trabalho de médiuns, ou livros sobre médiuns, que lidam exclusivamente com conceitos religiosos convencionais e que interpretam a realidade nesses termos limitados.

Mais tarde, quando tal material já não o afetar, isso deixará de ter importância. Parte do material do Cayce (*Edgar*) (*sublinhe-se “parte”*) inclui-se aqui. Faremos um esforço no futuro para vos dar a ambos alguma Experiência-Direta-em-Conceitos (*com hífen e capitalizado*).

Essas experiências decorrerão em paralelo e seguirão de perto a expressão vocalizada dos conceitos envolvidos. As experiências dar-vos-ão um leve vislumbre da perda infeliz mas necessária de significado que ocorre quando qualquer conceito tem de ser comunicado por meios físicos.

(Nesta altura a voz da Jane estava mais poderosa, a entrega firme e rápida, os olhos abertos com frequência; estavam muito escuros. Como disse depois, foi por aqui que começou realmente a sentir uma grande vaga de energia a levá-la.)

Isto será um tipo diferente de aprendizagem em profundidade, um desenvolvimento bastante único e original, o mais livre possível de símbolos estereotipados, que normalmente são quase automaticamente sobrepostos a experiências fortes, de modo a que pareçam — de modo a que as experiências pareçam compostas de estereótipos. Está claro?

(“Sim.”)

Agora algumas observações adicionais sobre um ponto em que tu e o Ruburt têm ambos pensado. Eu sou o Seth que digo ser, mas sou também mais do que isso. A personalidade Seth que faz parte de mim é a parte que pode comunicar-se contigo de forma mais clara. Em algum momento no futuro falarei de facto disto de forma mais aprofundada, e em algumas ocasiões futuras poderás tornar-te mais consciente de outras partes da minha realidade. (*Entrega muito enfática.*) Percebes o que quero dizer? A minha realidade inclui a realidade Seth.

(“Sim.”)

Não havia motivo para mencionar isto antes. A parte Seth de mim esteve intimamente ligada a vocês ambos e, nesse sentido, eu também estive. (*Pausa.*) Isto está intimamente relacionado com a definição de uma essência energética de personalidade, da qual obviamente todos os indivíduos provêm.

(*Voz mais alta.*) Existe um canto peculiar dentro da personalidade do Ruburt, também refletido na tua, que lhe permite um acesso bastante claro a canais informacionais muito difíceis de alcançar a partir do vosso sistema. Durante esta sessão em particular, e neste momento, o contato está especialmente bom. (*Voz alta e staccato, olhos bem abertos e escuros.*)

Existe também um acesso a energia muito além daquela que é normalmente experienciada. O Ruburt percebeu isto muito bem no passado e teve receio de abrir esses canais até sentir-se devidamente pronto e preparado. Existe, por outras palavras, aquilo que quase poderia ser comparado a uma distorção psicológica e psíquica em dimensões (*pausa*), e esse canto na personalidade do Ruburt é um ponto de ápice no qual a comunicação e o contato podem ser estabelecidos.

Ele sente isto muito intensamente esta noite. É melhor encerrares a sessão e seguires o procedimento indicado para encerrar o transe.

(*“Sim.”*)

Existe agora uma ligação mais poderosa, percebes; e isso significa que chegaste, como bem sabes, um pouco além da personalidade através da qual normalmente me faço conhecer por ti. Mesmo que eu continue a falar, encerra o transe.

(*“Está bem.”*)

(22h33. *Os olhos da Jane estavam abertos e escuros, e tive visões de ela continuar a falar em transe enquanto eu competia para a fazer sair dele. Nada disso aconteceu. Como o Seth sugeriu recentemente, disse o nome dela em voz alta três vezes. Os olhos fecharam-se e a cabeça começou a abanar. Repeti o procedimento e pensei ver sinais de que a Jane estava a sair do transe.*)

(*Como o Seth também sugeriu, toquei-lhe na perna ao nível do tornozelo, já que estava sentada em frente de mim, na mesa de café, com os pés em cima dela. Isso também ajudou. Continuei a falar-lhe e toquei-lhe no outro tornozelo. Desta vez a Jane sobressaltou-se, quase violentamente, ainda com os olhos fechados. Momentos depois disse que o simples toque causou a reação. Por agora estava conscientemente ciente de que algo definitivamente invulgar tinha acontecido, e o segundo toque entrou em conflito com isso.*)

(*A Jane disse, de olhos fechados: “Não sei o que fazer agora.” O sentimento estava relacionado, disse agora, com o estado que teve durante todo o dia, a letargia, de uma forma que não conseguia explicar. No*

entanto, não sentia apreensão. Agora sentia frio. Trouxe-lhe um copo de água.

(A Jane disse que sabia que, se eu não a tivesse fechado, ela ainda continuaria; ainda sentia a energia a pulsar dentro dela. “É selvagem.” Encontrou-se a respirar profundamente. Disse que tinha uma sensação estranha de elefantíase na cabeça: “As minhas orelhas parecem que estão até aqui” — e ergueu as mãos a um palmo das orelhas. Este é um efeito que ambos já notámos antes, ocasionalmente.

(A Jane ainda sentia a energia às 22h41. Disse que sentia que, se se levantasse, dispararia para a frente através da parede — dispararia em linha reta — sentia uma grande energia à sua volta e questionava-se sobre o controlo físico. Na realidade, mexeu-se normalmente quando se levantou. Ainda assim, os pés pareciam-lhe de chumbo, para sua surpresa, e surpreendeu-se com o simples movimento físico.

(Quando a energia adicional começou a manifestar-se depois da pausa, a Jane disse que parecia abrir-se outro canal, uma grande energia. Sentiu-a a transformar-se em palavras através dela. Foi a melhor sensação do género que alguma vez teve, “como se esta energia viesse de um lugar muito distante, ou de grandes profundezas”, mas estava consciente das palavras à medida que as dizia. Isto parece entrar em conflito com relatos que lemos, em que médiuns não têm consciência ou memória dos acontecimentos em transe. Ainda assim, o transe da Jane era obviamente excelente. Agora, no entanto, tudo o que se lembrava era de a voz ter dito que estava a alcançar para além da personalidade habitual do Seth.

(A energia a levá-la era tão forte, disse a Jane, que agora se perguntava como teria encerrado a sessão se a voz não tivesse sugerido isso; mas eu pude tranquilizá-la, pois agora, pela observação, sei quando o transe está muito profundo e sei o suficiente para o encerrar quando necessário. A Jane disse que esta noite estava tão “des-eu” como alguma vez tinha estado. Em retrospectiva, foi um pouco assustador — havia uma sensação tremenda de poder e energia. Não tinha estado tão “aconchegadamente Seth” como de costume; menos aconchegadamente uma personalidade, nos nossos termos; mas também não sabia quem ou o que era responsável, além da grande energia.

(A Jane disse que a sensação envolvida — tão vasta — não aparece muito bem na transcrição, mas nunca antes sentira tão claramente a fonte ou o ímpeto da energia como vindo de outro lugar, de ser “não eu”.

(Às 23h07 ainda sentia a energia, mas estava a diminuir lentamente, embora ainda forte. A Jane sente que a energia passou por ela, mas deixou um resíduo, pois agora sentia-se muito melhor do que antes da sessão. Mais uma vez, em retrospectiva, disse que o episódio foi “ligeiramente assustador”, embora concordasse que deu permissão interior para que acontecesse. Pediu-me para tomar estas notas detalhadas para referência futura.)

SESSÃO 407

24 DE ABRIL DE 1968

(Grande parte do material da última sessão explica a melhoria da saúde da Jane. Ela sentiu que sabia as razões dessa melhoria — o novo compromisso, o sentido de direção, etc., tudo partes do seu “interior e exterior”, disse. A energia a passar por ela na última sessão pareceu limpar o seu sistema físico; sentiu uma “libertação muscular misteriosa”.

Por ter sido uma sessão tão invulgar na segunda-feira, a Jane sentiu-se um pouco hesitante em fazer uma sessão esta noite. Sentámo-nos em silêncio às 21h00, à espera de ver o que surgia. Quando a Jane começou a falar em transe, a voz tinha uma qualidade curiosamente suave — mais leve do que a voz habitual do Seth, mais forte e pesada, quase como se estivesse a avançar com alguma cautela. Mas havia outras razões para esta voz diferente, como aprendemos depois.

A Jane fez muitas pausas, algumas longas, na comunicação; os olhos abriam-se por vezes.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. O desenvolvimento na última sessão esteve sempre latente desde a nossa primeira sessão.

Foi um desenvolvimento que poderia ou não ter ocorrido. Se não tivesse ocorrido, muitos desenvolvimentos importantes no futuro teriam sido bloqueados. Os pontos onde esta voz foi mais alta e forte — esses pontos representaram frequentemente aberturas pelas quais o desenvolvimento poderia ocorrer. Por várias razões, no entanto, esse método não foi usado.

(Os olhos da Jane abriram-se agora enquanto falava, mas permaneceu bastante imóvel e continuou com uma voz suave, quase melodiosa.)

A energia, nesse caso, teria sido desviada da voz, na qual a energia já estava acumulada, percebes. Os comentários feitos antes da nossa sessão pelo Ruburt estavam corretos ou quase.

(Quando a Jane falou sobre o seu bem-estar físico, etc.)

Dá-nos um momento. *(Pausa.)*

Tens de compreender que, em grande medida, muito do nosso material é uma tentativa de pôr em palavras conceitos e ideias que são vastos demais para qualquer tradução desse género.

As leis do universo, do universo interior, por exemplo, não são leis num livro. *(Sorriso.)* Não são leis proclamadas em tantas palavras. São tentativas de explicar em palavras a natureza da realidade interior que forma Tudo O Que É. Tenho de desembaraçar conceitos, desfiá-los, para poder explicá-los, e muito se perde necessariamente no processo.

(“Sim.”)

Agora algumas observações adicionais sobre um ponto que tu e o Ruburt já se questionaram. Eu sou o Seth que digo ser, mas sou também mais do que isso. A personalidade Seth que faz parte de mim é a porção que consegue comunicar-se contigo de forma mais clara. Em algum momento futuro discutirei isto de forma mais aprofundada e, em certas ocasiões, poderás tornar-te mais consciente de outras partes da minha realidade. *(Entrega muito enfática.)* Percebes o que quero dizer? A minha realidade inclui a realidade Seth.

(“Sim.”)

Não havia razão para eu mencionar isto antes. A parte Seth de mim tem estado intimamente ligada a vocês ambos, e assim também eu estive. *(Pausa.)* Tudo isto está intimamente relacionado com a definição de uma essência energética de personalidade, da qual, claro, todos os indivíduos emergem.

(Voz mais alta.) Existe um recanto peculiar dentro da personalidade do Ruburt, também refletido na tua, que lhe permite um acesso bastante claro a canais de informação muito difíceis de alcançar a partir do vosso sistema. Durante esta sessão em particular, e neste momento, o contato está especialmente bom. *(Voz alta e staccato, olhos bem abertos e escuros.)*

Existe também acesso a energia muito além daquela que é normalmente experienciada. O Ruburt sentiu isto muito bem no passado e teve receio de abrir esses canais até sentir-se devidamente preparado. Existe, por outras palavras, algo que poderia quase ser comparado a uma

dobra psicológica e psíquica em dimensões (*pausa*) e esse recanto na personalidade do Ruburt é um ponto de ápice onde a comunicação e o contato podem ocorrer.

Ele sente isto muito fortemente esta noite. É melhor encerrares a sessão e seguides o procedimento indicado para encerrar o transe.

(“Sim.”)

Existe agora uma ligação mais poderosa, percebes; e isto significa que alcançaste, como bem sabes, algo além da personalidade através da qual normalmente me comunico contigo. Mesmo que eu continue a falar, encerra o transe.

(“Está bem.”)

(22h33. Os olhos da Jane estavam abertos e escuros, e tive visões de ela continuar a falar em transe enquanto eu competia para a fazer sair dele. Nada disso aconteceu. Tal como o Seth sugeriu recentemente, disse o nome dela em voz alta três vezes. Os olhos fecharam-se e a cabeça começou a abanar. Repeti o procedimento e pensei ver sinais de que a Jane estava a sair do transe.

(Como o Seth também sugeriu, toquei-lhe na perna ao nível do tornozelo, já que estava sentada em frente de mim na mesa de café, com os pés em cima dela. Isso também ajudou. Continuei a falar-lhe e toquei-lhe no outro tornozelo. Desta vez a Jane sobressaltou-se, quase violentamente, ainda com os olhos fechados. Momentos depois disse que o simples toque causou a reação. Por agora estava conscientemente ciente de que algo definitivamente invulgar tinha acontecido, e o segundo toque entrou em conflito com isso.

(A Jane disse, de olhos fechados: “Não sei o que fazer agora.” O sentimento estava relacionado, disse agora, com a letargia que sentiu o dia todo, de uma forma que não conseguia explicar. No entanto, não sentia apreensão. Agora sentia frio. Trouxe-lhe um copo de água.

(A Jane disse que sabia que, se eu não a tivesse fechado, ela ainda continuaria; ainda sentia a energia a pulsar dentro dela. “É selvagem.” Encontrou-se a respirar profundamente. Disse que tinha uma sensação estranha de elefantíase na cabeça: “As minhas orelhas parecem que estão até aqui” — e ergueu as mãos a um palmo das orelhas. Este é um efeito que ambos já notámos antes.

(A Jane ainda sentia a energia às 22h41. Disse que sentia que, se se levantasse, dispararia para a frente através da parede — dispararia em

linha reta — sentia uma grande energia à sua volta e questionava-se sobre o controlo físico. Na realidade, mexeu-se normalmente quando se levantou. Ainda assim, os pés pareciam-lhe de chumbo, para sua surpresa, e surpreendeu-se com o simples movimento físico.

(Quando a energia adicional começou a manifestar-se depois da pausa, a Jane disse que parecia abrir-se outro canal, uma grande energia. Sentiu-a a transformar-se em palavras através dela. Foi a melhor sensação do género que alguma vez teve, “como se esta energia viesse de um lugar muito distante, ou de grandes profundezas”, mas estava consciente das palavras à medida que as dizia. Isto parece entrar em conflito com relatos que lemos, em que médiuns não têm consciência ou memória dos acontecimentos em transe. Ainda assim, o transe da Jane era obviamente excelente. Agora, no entanto, tudo o que se lembrava era de a voz ter dito que estava a alcançar para além da personalidade habitual do Seth.

(A energia a levá-la era tão forte, disse a Jane, que agora se perguntava como teria encerrado a sessão se a voz não tivesse sugerido isso; mas pude tranquilizá-la, pois agora, pela observação, sei quando o transe está muito profundo e sei o suficiente para o encerrar quando necessário. A Jane disse que esta noite estava tão “des-eu” como alguma vez tinha estado. Em retrospectiva, foi um pouco assustador — havia uma sensação tremenda de poder e energia. Não tinha estado tão “aconchegadamente Seth” como de costume; menos aconchegadamente uma personalidade, nos nossos termos; mas também não sabia quem ou o que era responsável, além da grande energia.

(A Jane disse que a sensação envolvida — tão vasta — não aparece muito bem na transcrição, mas nunca antes sentira tão claramente a fonte ou o ímpeto da energia como vindo de outro lugar, de ser “não eu”.

(Às 23h07 ainda sentia a energia, mas estava a diminuir lentamente, embora ainda forte. A Jane sente que a energia passou por ela, mas deixou um resíduo, pois agora sentia-se muito melhor do que antes da sessão. Mais uma vez, em retrospectiva, disse que o episódio foi “ligeiramente assustador”, embora concordasse que deu permissão interior para que acontecesse. Pediu-me para tomar estas notas detalhadas para referência futura.)

Pretendo implementar este material sempre que possível, ajudando-vos ambos a alcançar experiências subjetivas que complementem as palavras. Estas variarão conforme as circunstâncias e as nossas condições,

mas são muito mais possíveis agora depois do desenvolvimento mais recente das sessões.

Cada lei simples do universo interior que vos dei é, na realidade, uma afirmação pequena e inadequada em termos unidimensionais. No entanto, é mais do que a maioria recebe e é a melhor aproximação que pode ser feita dos factos básicos que estão por baixo de qualquer existência — a melhor formulação possível nas circunstâncias em que trabalhamos.

Dá-nos um momento. (*Pausa superior a um minuto.*)

Tal como as palavras diriam pouco, ou dariam apenas uma pequena pista sobre a realidade do som ou da cor a alguém que nunca os tivesse experienciado, assim as palavras usadas podem apenas dar uma ideia da natureza da realidade. Espero, através da adição de várias experiências subjetivas nas sessões, dar-vos a sensação dos conceitos quando isto for possível.

Os sentidos interiores permitirão, até certo ponto, que percebam a realidade da existência interior; e o Ruburt, incidentalmente, neste novo desenvolvimento, está envolvido no uso desses sentidos interiores de uma forma mais eficaz do que antes. Há algumas mudanças na forma como as ligações são feitas. Isto dá ao Ruburt uma sensação de estranheza à medida que faz os ajustes interiores.

Ele está agora a absorver energia, por assim dizer, dentro do seu sistema físico como uma esponja absorve água. (*Sorriso.*) Está a usar a nova energia onde sente que mais precisa, o que é perfeitamente legítimo.

Tem lido várias secções do material, incluindo partes relacionadas com o ego, personalidade e ação, e como vês, tentou colocar-se de lado da ação na qual toda a sua personalidade estava intimamente envolvida. Tão impossível quanto a tentativa geral do ego de insistir numa identidade permanente, imutável, estável, já que é composto de ação.

Uma parte da personalidade, portanto, isolou-se e ficou assim incapaz de usar de forma construtiva as habilidades e energias inerentes à personalidade como um todo; e ao erguer barreiras num aspeto, as barreiras ergueram-se em todos os aspetos importantes.

Ele está fisicamente quente agora; novamente, a energia disponível durante a sessão está a ser largamente utilizada pelo sistema psíquico e físico dele. No passado isto não era possível. As barreiras à energia foram derrubadas, a ação já não é impedida. A energia está a entrar rapidamente

nessas áreas que tinham fome dela, percebes. O sistema a encher-se, por assim dizer, e a renovar-se.

A tarefa que o Ruburt vai iniciar será realizada com entusiasmo, pois o sistema físico será reabastecido e adequadamente suprido. Está a acontecer uma mudança na contagem sanguínea, um desequilíbrio a ser corrigido, uma diminuição nas células brancas, e um processo de reconstrução em curso.

Mais uma vez, isto é simplesmente uma entrada de energia onde era mais necessária, uma vez removidas as barreiras. Isto é uma reação natural. (*Longa pausa.*) Sempre que o ego ganha controlo excessivo, ou se coloca em oposição à ação profunda e básica dentro da personalidade como um todo, então ao fazê-lo bloqueia também, em grande medida, a passagem ou uso da energia vital de toda a personalidade.

O sistema físico sofre. É impossível para o ego bloquear conexões específicas com toda a personalidade; portanto, quaisquer barreiras impedem eficazmente blocos inteiros de vitalidade ativa e necessária. No caso do Ruburt agora, as comportas para o eu interior estão abertas, de modo que a vitalidade se precipita para essas áreas que, até certo ponto, estavam negadas.

Dá-nos um momento. (*Pausa, mão nos olhos. A voz da Jane mantinha-se suave, leve, quase melodiosa, bastante diferente da voz habitual, mais profunda, do Seth.*) A personalidade Seth tem sido um intermediário, e um intermediário legítimo. (*Pausa.*) A informação já dada a respeito da natureza dos gestalts de personalidade deve tornar este desenvolvimento claramente apropriado.

(*Pausa. Esta informação foi dada talvez há 200 sessões.*)

O Seth é aquilo que eu sou, e no entanto eu sou mais do que o Seth é. O Seth é, no entanto, independente (*sorriso, olhos abertos*) e continua a desenvolver-se à medida que eu também continuo a desenvolver-me. (*Sorriso.*) No presente amplo, percebes, ambos existimos.

Algum material ele pode apresentar-vos mais claramente do que eu. Isto era particularmente verdade até este ponto atual. (*Pausa. Perguntei-me: se não é o Seth a falar agora, quem é?*) Ele está mais próximo de ti na constituição da personalidade e mais próximo da tua realidade, portanto conseguia transmitir ideias ao Ruburt em termos mais compreensíveis do que eu.

Havia um ponto, percebes, de interpretação e tradução (*pausa*) em que o Seth interpretava material meu de forma que o Ruburt o pudesse receber. Na nossa última sessão, com a maior eficiência e o desenvolvimento por parte do Ruburt (*pausa*), o material foi mais direto, e a tradução da parte dele automática e suavemente realizada.

(Por breves instantes, a voz da Jane tornou-se um pouco mais forte.) Embora eu fosse a fonte do material, o Seth, tal como o pensam, era por vezes um parceiro silencioso, ajudando o Ruburt a fazer as traduções corretas, mantendo-se pessoalmente de lado. Existem vários mecanismos que ainda precisam de ser aperfeiçoados, que se desenvolverão naturalmente à medida que as sessões continuarem. Talvez um breve período de reajuste, enquanto se experimentam vários métodos. (Interrompi tossindo.) Podes fazer uma pausa. O Seth será sempre um elemento nas sessões tal como o conheces. Ele é a ligação entre nós, e é uma parte de mim que enviei até vós. Foi de bom grado.

(22h02. A Jane parou de falar, depois acenou com a cabeça quando lhe perguntei se estava bem. Os olhos começaram a abrir-se pouco depois. Achou que a sessão tinha sido terrivelmente lenta, e ficou surpreendida com o tempo decorrido. Pensou em pausas entre palavras individuais enquanto falava. Não se lembrava de nada do material depois da parte sobre absorver energia.

(A Jane não estava preocupada enquanto falava e não forçou nada. Esta noite sentiu um pouco da energia de segunda-feira, mas não sentiu que pudesse fazer nada com ela — apenas gostou de absorvê-la.

(Disse-me agora que, pouco antes da sessão desta noite, sentiu um efeito de cone sobre a cabeça. Isso representava energia; a Jane sentiu que parava nela, que absorvia energia dali e depois as palavras saíam. Disse que também sentiu o cone na segunda-feira; e através da tremenda energia que continha, as palavras fluíam dela.

(A Jane ficou com os olhos fechados por mais de um minuto antes de retomar às 22h26. Mais uma vez a voz era suave — não como a voz forte habitual do Seth.)

Todas as divisões são, até certo ponto, arbitrárias. A fonte deste material (*sublinhado*) é a mesma de sempre.

Eu, que sou a fonte (*pausa*), enviei uma parte de mim, uma parte independente, até vós. O Seth, tal como o pensaram então, era muito mais

do que um mero mensageiro, pois foi a sua personalidade peculiar, e as suas qualidades particulares, que deram vida ao material para vós.

Ele transmitiu-o em termos pessoais, tornou-o compreensível através da transmutação de si mesmo.

(A Jane estava agora inclinada para a frente, muito próxima de mim, olhos abertos, a falar muito cuidadosamente, levemente e de forma deliberada antes de se inclinar para trás depois de algumas frases.)

Sempre estiveram, então, em contato comigo, mas só puderam ver uma parte de mim. *(Pausa.)* Lembrem-se de que todos os nomes são arbitrários, e usamo-los apenas para vossa conveniência, tal como usamos palavras. *(Ainda a falar cuidadosamente.)* Basicamente, o nome do Seth ou o meu não é importante. A individualidade é importante, e continua de formas que mal suspeitam. *(Longa pausa; voz suave, não como o Seth.)*

De certa forma, na forma mais importante, e na única forma essencial, eu sou o Seth, dispensando certas *(pausa)* características que são minhas *(inclinando-se para a frente)* e que usei para vos contactar.

A personalidade Seth, mais uma vez, tal como a compreendem, é legítima e independente, uma personalidade legítima e independente que faz parte da minha identidade. O Seth também está a aprender e a desenvolver-se, tal como eu.

De forma simples, como uma analogia, e apenas *(sublinhado)* como uma analogia, eu sou aquilo a que chamariam um Seth futuro, um Seth numa fase “superior” de desenvolvimento, entre aspas. Isto não deve, no entanto, ser tomado literalmente, pois ambos somos totalmente independentes e existimos simultaneamente. *(Pausa.)*

Já vos foi dito que existem ligações entre ti e o Seth tal como o conheceste. Portanto, é evidente que também existem ligações entre nós, e que este desenvolvimento é algo natural. O ponto de ápice na personalidade do Ruburt é extremamente afortunado e invulgar, sendo essa a razão pela qual tais comunicações podem ter lugar.

(Depois da sessão, a Jane disse-me que aqui começou a sentir novamente aquela onda familiar de grande energia — que, por mais depressa que falasse, não conseguia acompanhar as palavras a formarem-se e a saírem dela. Ainda assim, nesta altura o ritmo era apenas médio, com muitas pausas, e a voz continuava curiosamente suave.)

Tu (*para mim*) és também necessário, no entanto, e como pretendo desenvolver uma discussão sobre tais comunicações, poderás ver a tua própria posição de forma mais clara.

Independentemente do ponto de ápice, opera-se a atração, e há razões pelas quais foram feitas estas ligações particulares em vez de outras. Existem acontecimentos que nos unem e que serviram como pontos de viragem no desenvolvimento das nossas várias personalidades. De uma forma estranha, aquilo que eu sou agora está ligado àquilo que tu és.

(Pausa. A Jane olhou para mim.)

(Aqui, a Jane voltou a sentir a vaga de energia.) Existem pontos de contato que nada têm a ver com o tempo tal como o conheces, e que são extremamente significativos para todas as personalidades — origens de nova energia que por vezes surgem de repente devido às fortes capacidades psíquicas latentes dentro de cada eu individual.

Nesses pontos específicos surgem conglomerados inteiros de novas unidades de eu, a sua origem acesa conforme descrito na frase anterior. Depois dispersam-se e seguem o seu próprio caminho, mas a origem mútua e a força desse nascimento psíquico inicial permanecem.

(Aqui, a Jane disse que teve imagens interiores visuais, como estrelas a nascer, etc. — tentativas, pensou, de traduzir os dados interiores em termos visuais reconhecíveis.)

Podem desenvolver-se de formas totalmente diferentes e em várias dimensões, mas uma forte atração simpática existe entre elas. Há um ponto de contato onde o conhecimento pode ser comunicado a partir dessas várias dimensões; e por demasiadas razões para te dar agora, o Ruburt está exatamente nas coordenadas certas para que tal comunicação tenha lugar.

Esta comunicação, embora ocorra no teu tempo, e no teu presente, é contudo parcialmente responsável noutras dimensões por aquilo a que chamarias desenvolvimentos futuros nas tuas próprias personalidades, que agora poderás por sua vez contactar. Isto é parcialmente o que eu sou, muito mais do que tu és ou do que o Seth é, tal como o conhecias.

(Voz ainda suave e quase melodiosa.) Olho para ti como os eus dos quais eu brotei, e no entanto sou mais do que a soma do que serás quando terminares com as outras dimensões e tempos que eu conheci. Pois eu afastei-me completamente de ti e, nos teus termos, seria algo estranho. Que me possas sequer contactar (*pausa*) é um desenvolvimento notável. E,

ainda assim, se não fosses capaz de me contactar, eu não seria aquilo que sou.

(A Jane falava agora um pouco mais depressa, a voz mais aguda.)

Sou, no entanto, muito mais do que esta porção de mim que contactas, pois é apenas uma parte de mim que experienciou essa realidade. *(Pausa.)* É extremamente importante que o material não seja distorcido, porque a maioria das comunicações ocorre em níveis muito diferentes deste, tão ligados ao vosso sistema que mesmo o material mais não distorcido é altamente distorcido, porque os próprios comunicadores estão tão intimamente envolvidos com as camuflagens que não percebem que criam as realidades que depois descrevem.

(Pausa.) Fiz o meu melhor para te dar uma compreensão como base para as nossas sessões futuras. O Seth, tal como o conheceste, será também o Seth tal como o conheces; pois quer eu fale como eu mesmo ou através dele, tal como o vês, ele continua a ser o intermediário e a ligação entre nós, e ajudará a transmitir energia; mas mais do que isso, continuará a aparecer como ele mesmo, tal como o conheceste. Existem elementos emocionais necessários que são exclusivamente dele. *(Pausa.)* A minha estrutura de personalidade é muito diferente — muito gratificante para mim *(sorriso, olhos abertos)*, mas muito pouco familiar para ti. Irás compreendê-lo melhor emocionalmente e precisas, creio eu, dessa ligação forte.

(“Bem, também parece que agora estamos a sair-nos bem.”)

Não quero que sintas que te tirei um amigo. Também sou um amigo. De muitas maneiras sou o mesmo amigo. Ainda assim, apenas uma pequena parte do que sou fala contigo agora. *(Pausa.)* Outras partes de mim estão ocupadas noutros lugares, pois tenho consciência da minha própria existência em outras dimensões, acompanho-as e dirijo os meus muitos eus.

(Pausa, olhos fechados. Depois a Jane disse num tom muito fraco:)
Chama-o.

(23h05. Chamei o nome da Jane em voz alta três vezes, como o Seth sugeriu antes quando o transe é profundo. Ela acenou com a cabeça, de olhos fechados. Eu disse: “Não sei bem como dizer boa noite aqui, por isso vou só dizer boa noite.”)

(A Jane então sobressaltou-se, o braço direito mexeu-se quase violentamente, os olhos abriram-se brevemente. Disse que estava bem)

quando lhe perguntei. Os olhos começaram a tremer, depois abriram-se. Não falou logo, mas finalmente pegou nos óculos que lhe dei. “Sinto-me leve como o ar, sabes?... Também sinto que estive muito longe.”

(“Segundo isto, estiveste mesmo,” disse eu.

(23h12. A Jane disse: “Não sinto que estou toda eu ainda. Não estou a projetar, mas sinto-me meio deslocada para a direita...” Ainda assim, estava consciente da sensação dentro do corpo físico, um ponto na gengiva, etc.

(A Jane disse que antes da pausa sentiu que a comunicação era extremamente lenta. Mas depois da pausa sentiu que era extremamente rápida, como um “piscar de olhos, ou um segundo.” No entanto, objetivamente não houve grandes extremos, exceto como registado. A certa altura, para o fim da sessão, tive de lhe pedir para abrandar um pouco para tomar notas. Quando fiz isso, a Jane disse que teve uma sensação interior de ir para trás e para a frente. Não conseguiu descrever melhor.

(23h25. A Jane disse: “Estou confusa.” Depois teve a sensação de que este era o nosso canal para a consciência cósmica, ou o que quer que escolhamos chamar-lhe, transmitido por esta personalidade. A confusão vinha dos desenvolvimentos, da identidade aparentemente nova a anunciar-se na sessão — a ausência de um nome, etc.

(A Jane teve um bom ponto mais tarde. Primeiro o Frank Watts anunciou-se nas sessões. Depois o Seth. E agora este novo desenvolvimento. Uma progressão evidente, então.)

Notas da Jane

24 de Abril de 1968, Quarta-Feira

([Notas da Jane:] Bem, aconteceu algo incrível, por isso pensei em escrever logo. Esse Algo é subjetivo, mas os seus efeitos apareceram de forma tão bela e eficaz em termos físicos, que as mudanças físicas em si próprias acrescentam à alegria subjetiva, alívio e sentido de direção.

Na quinta-feira passada chegou uma carta da Prentice-Hall a sugerir que o Manuscrito dos Sonhos fosse transformado, de certa forma, num livro sobre O Material do Seth. O editor demonstrou um interesse realmente fantástico pelo Material. Exatamente o que queríamos; o interesse entusiástico fez-me sentir-me mesmo bem. Fiquei um pouco

consternada com o trabalho perdido no manuscrito dos sonhos, mas percebi que o Rob esteve certo o tempo todo; e o editor tinha razão. O Material do Seth é a minha fonte única e literalmente fabulosa; algo que eu na verdade não valorizava plenamente nem estava realmente direcionada para isso. É como se nuvens das piores se tivessem dissipado. Numa sessão naquela noite, o Seth enfatizou a nova direção que eu devia seguir.

Depois, ao reler algum material, fiquei impressionada com a inteligência massiva por trás dele, a verdadeira beleza do material, e triste por não me ter permitido realmente perceber isso antes; de facto, por ter deixado que escritos de menor valor de outros me afetassem; até ao ponto de, em algumas sessões mais recentes, isso ter afetado o material. Disse à minha turma ontem à noite tudo, e afirmei que, de agora em diante, as aulas se centrariam no material; íamos estudá-lo do zero; este era o meu trabalho de vida, a minha direção, aquilo que eu estava destinada a fazer.

Ontem percebi também, ao rever apontamentos antigos, que a minha experiência original de ‘consciência cósmica’ (frases emprestadas outra vez) foi com O Universo Físico como Construção de Ideias, que se transformou e desenvolveu nas sessões e no Material do Seth; o desenvolvimento natural, intuitivo e lógico; que, em grande parte, releguei para segundo plano e às vezes até desconfiei.

(Largamente porque receava fazer-me passar por uma espécie de ‘falsa profeta’ ou algo assim; ou desconfiava de mim própria, mais do que dele, na verdade.)

Durante a aula, a minha mandíbula começou a incomodar-me, depois muito, de modo que não consegui adormecer. O pêndulo disse: sugestão negativa ligada a alguns apontamentos antigos que li, além de não querer magoar a Venice. A auto-hipnose ajudou-me a adormecer. Notei, no entanto, mesmo durante isso, uma libertação estranha, deliciosa e repentina, fisicamente nos braços, pernas, ombros, pescoço. Esta manhã, a libertação ainda mais notória. Mãos muito mais fortes, a mão esquerda voltou definitivamente — de um dia para o outro? — a uma aparência muito mais normal, e ambas muito, muito mais fortes; braços muito melhores, pescoço flexível, ombros; até acho que os braços ‘desceram’, um pouco. Um sentido espiritual e (psíquico) de alegria, gratidão, libertação.

Acredito que tudo isto tem a ver com o que descrevi acima, mais uma sessão estranha na noite anterior, em que, através de mim, a voz disse que era algo como ‘para além do Seth’; a mensagem vinha de uma parte mais

elevada dessa personalidade; parecia fluir uma energia tremenda através de mim e uma certeza definida, graças a Deus, de que isto vinha de além de mim, e era automaticamente traduzido em palavras do meu lado.

Subjetivamente sinto que isto foi um desenvolvimento tão significativo — quase — como a sessão original do Seth. O sentido de contato estava, sem dúvida, lá. A sensação de estar realmente em contato com uma... realidade abrangente.

SESSÃO 408

29 DE ABRIL DE 1968

(Na realidade, a Jane sentou-se com os olhos fechados das 21h00 até às 21h10, à espera de ver se se desenvolvia uma sessão. Disse que não estava particularmente com disposição. Tinha estado a trabalhar muito no livro que planeava escrever, e também estava preocupada por não ter notícias nem do F. Fell nem da Prentice-Hall. O pêndulo ajudou-a esta tarde.

(Mais uma vez a Jane começou a falar naquela voz leve, agradável, aguda mas não falsete, que nos foi dito representar a personalidade maior, além — e englobando — o Seth. Esta voz não é, de todo, a voz pesada, forte, divertida ou mordaz do Seth. É muito bem controlada, distinta, quase melodiosa, com uma qualidade distante ou formal.

(A Jane pareceu falar para esta personalidade — que ainda não tem nome, nos nossos termos — com relativa facilidade. Usou muitas pausas, algumas longas. Os olhos começaram a abrir-se em breve, mas não se mantiveram abertos por longos períodos.)

Boa noite.

(“Boa noite.”)

(Pausa.) O conhecimento que possuímos, eu e outros como eu, seria incompreensível para ti na sua forma pura.

São necessárias traduções e, em muitos aspetos, as distorções que aparecerão necessariamente em qualquer tradução deste género (*pausa*) são requisitos; aquilo que se poderia chamar de distorção do conhecimento puro, percebes, é muitas vezes o resultado das traduções sem as quais não poderias receber nem compreender o material.

Para além disto, alguns canais são mais distorcedores do que outros, e esperamos manter este canal o mais sem distorção possível. Como

compreendes, o conhecimento puro não pode ser posto em palavras, e, para dizer a verdade, existe para além do teu conceito habitual de pensamentos.

Aquilo a que chamas pensar é uma sombra ténue da verdadeira compreensão. (*Pausa. A Jane acendeu um cigarro. A voz, com aquela qualidade distante, não era fraca.*) Isto envolve estar unido ao conhecimento de uma forma que agora não consegues apreciar. Este tipo de compreensão automaticamente coloca-te fora das estruturas de eu — com hífen — tal como as entendes, mas não nega a identidade. Como estás muito envolvido com as estruturas de eu tal como as entendes, o conhecimento tem de ser transmitido de forma a afetar a estrutura tal como a conheces.

O conhecimento, nos teus termos, altera a tua própria estrutura física, fundindo-se com a substância física da tua imagem, mas o teu ego permanece relativamente desligado disso, percebes. (*Pausa longa.*) Há uma fusão psíquica com o conhecimento. Para ti, o conhecimento em abstrato significa pouco. No entanto, existe uma fusão com conceitos. Isso consegues entender.

Agora estás fundido com um conceito, agora, de quem és. Tão fundido que não consegues ver claramente o caminho para fora do conceito, nem imaginar facilmente a realidade de outro ponto de vista que não seja a estrutura de eu que imaginas ser. (*Pausa.*) Outra parte da tua identidade total tem plena consciência de que estás a explorar um conceito de ti mesmo. Para o explorar, esqueces de bom grado e momentaneamente as porções maiores de ti mesmo. Vives o conceito plenamente. A tua identidade principal está bem consciente de outros conceitos de eu que também estão a ser vividos. (*Pausa.*)

Estruturas de eu e identidades não são a mesma coisa. A identidade não requer estrutura. A identidade sabe, e sabe que sabe. Estruturas de eu sabem, mas não sabem que sabem. As estruturas de eu fazem parte da identidade. As identidades podem conter conhecimento puro sem tradução, e usá-lo para semear várias existências e formar realidades. Fazem isto conscientemente, nos teus termos. São muito mais conscientes do que consegues imaginar atualmente.

Podes fazer uma pausa.

(*21h33. A Jane fez uma pausa, de olhos fechados; depois abriram-se facilmente, e saiu do transe. Esta foi a sua transição mais fácil em algum*

tempo. Assim que saiu do transe, tomou consciência de música a tocar no apartamento de baixo; antes não tinha ouvido isto.

(Mais uma vez, a Jane sentiu o efeito do cone — não muito forte — mencionado nas últimas sessões. Disse que era como um cone ou pirâmide suspenso sobre a cabeça, e que, ao entrar em transe, tinha de se “alinhar” diretamente por baixo desse cone, que está invertido. A Jane sente então que o conhecimento puro é canalizado por esse cone até ela; pelo caminho é transformado, distorcido, de modo que finalmente o possa pôr em palavras. Perguntámo-nos se o Seth teria estado a atuar como tradutor.

(A Jane disse agora que sentia que a personalidade maior, a falar livremente, poderia apresentar os seus dados em algo como notas ou tons musicais, em vez de palavras. Vimos esta ideia e o efeito do cone como esforços da Jane para construir métodos de explicar os dados das sessões em níveis próximos da consciência.

(Mas, definitivamente, a voz do Seth não se tinha manifestado. Quando a Jane retomou, a mesma voz distante e suave voltou, com pausas, etc. 21h46.)

Estás a ir para além do Seth, para uma parte do Seth que não conheces.

O Seth era tudo de mim que podia chegar até ti. Estás em contato com uma parte maior da realidade do Seth. Estás a aprender que as estruturas de eu são transparentes. Quaisquer contradições são apenas o resultado de interpretações. O teu primeiro Seth é independente, e eu sou independente. *(Pausa.)* Porque ele faz parte da minha realidade não significa que seja menos um indivíduo. A minha realidade simplesmente inclui mais agora, dentro das tuas coordenadas particulares; e isso é importante.

Ele é outro aspeto de mim, sendo ainda ele mesmo. *(Pausa.)* Nos teus termos, eu sou um guia que ele também segue. Ele está muito mais consciente da nossa relação do que tu estás da tua relação com ele. *(Pausa, mais de um minuto.)* O teu tempo é necessário... Estas comunicações mudam-me assim como te mudam, pois são ações de ambas as partes. Os vossos egos estão a ser bem instruídos, uma vez que têm consciência das sessões, e isto será de grande benefício para vós quando outras coordenadas surgirem na vossa perceção.

Aqui o conhecimento é filtrado pelas estruturas de eu. *(Pausa.)* O conhecimento puro não é impessoal. Pelo contrário *(sorriso; pausa)*, é sem sentido a não ser que seja *(sorriso; gesto; pausa)* experienciado

intimamente em cada parte de uma identidade. Mas para ti pareceria impessoal.

Pareço menos uma personalidade para ti do que o Seth que conheceste, porque a minha personalidade (*pausa*) existe em termos bastante diferentes. (*Pausa longa.*) Para mim, um pensamento é tão real como um dia para ti. Um dia que pode ser vivido de diversas formas e visto de literalmente infinitas perspectivas. (*Pausa, mais de um minuto.*)

Nos teus termos, sou muito antigo, e ainda assim aquilo que sou é sempre novo. O teu (*sorriso*) Seth inicial pode explicar-te isto mais claramente do que eu.

Podes fazer uma pausa.

(22h04. *Mais uma vez os olhos da Jane abriram-se após uma pausa.*

Parecia ter saído do transe enquanto falava, mas depois disse: “Se saí tão bem, porque é que ainda estou meio dentro?” Tal como recentemente, a Jane esteve parcialmente em transe durante a pausa, mas sentia-se bem. Lembrava-se apenas da última frase do material antes da pausa.

(*Quando retomou, usou a mesma voz suave e mais aguda, com pausas, etc., como antes. 22h21.*)

Em termos mais simples, estamos sempre a ajudar-vos.

Por outro lado, fazes parte daquilo que nós somos. A inspiração vem sempre de fora do teu sistema, e não de dentro dele. Surge sempre de canais que estão disponíveis para ti (*pausa*) e, mesmo que seja, novamente, distorcida, sem as distorções não poderias usar as inspirações.

Vou tentar, no vosso futuro, explicar sistemas básicos de coordenadas para que tenhas alguma conceção de como todas as ideias criativas e inspiradoras aparecem sempre dentro do teu sistema; pois apenas uma parte de ti aparece isolada dentro dele.

Tens canais abertos para essas várias fontes que esqueceste. (*Pausa.*) São elas que fornecem a força motriz que move as tuas civilizações. Essas coordenadas deixam vestígios dentro do teu sistema físico. Existem formas de perceber quando os canais estão claros. Existem formas de abrir os canais do teu lado, e vamos discuti-las. (*Pausa, mais de um minuto.*)

O tempo, o teu tempo, é necessário novamente.

Agora a estrutura de pirâmide ou cone que o Ruburt sente é o seu modo simbólico de perceber, nos teus termos, a aproximação de certas coordenadas. (*Pausa de um minuto; voz inalterada.*) Estas são projetadas

para o vosso sistema e abertas. Em vez de dizer: “Encontramo-nos na esquina da Rua Água com a Rua Nogueira”, por exemplo, eu encontro-me contigo dentro de certas coordenadas precisas. *(Pausa longa.)*

Estas são ajustadas à tua estrutura de espaço físico, embora eu não esteja tão consciente dela como o teu primeiro Seth. *(Sorriso.)* Eu falo de longe. *(Pausa.)* Ele vem até ao teu quarto com toda a realidade exceto a física.

Agora podes encerrar a sessão. Se te sentires sozinho, podes falar com o Seth de antes, se quiseres. *(Pausa; sorriso.)*

(“Sim, com certeza. Estás aí, Seth?”

(A Jane estava sentada relaxada no sofá. Agora inclinou-se para a frente, olhos fechados mas com os gestos e maneirismos familiares do Seth.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”

(A voz era também a do Seth, forte, muito mais profunda e imediata. Também estava divertida.)

Vejo que recebeste uma surpresa.

(“Sim.”

O meu irmão mais velho veio —

(“Sim.”

— meter-se no assunto. E está tudo bem *(sorriso; olhos abertos)*, e certamente eu insinuei este desenvolvimento em material anterior — de forma opaca. *(Esta troca teve muita diversão da parte do Seth.)*

(“Sim. Estiveste connosco mais cedo esta noite?”

Escusado será dizer que não perdi uma sessão convosco. *(Sorriso.)* Pode surpreender-te que eu consiga ficar em silêncio, mas é uma das minhas virtudes com as quais não estavas familiarizado.

(“Bem, talvez. Então agora falamos com o Seth Um e o Seth Dois, hã?”

(A entrega do Seth foi enfática e bastante imediata, com muitos gestos e sem pausas. A Jane fez a transição da primeira personalidade — mais distante — para o Seth sem dificuldade — de forma muito suave, na verdade. Mas achei boa ideia não prolongar muito esta troca.)

Vocês são como mágicos, de facto, a tirar coelhos brancos de cartolas.

(“Não sei quanto a isso.”

Percebam que estou longe de vos abandonar esta noite. Disse-vos que sou um professor, e deixei o diretor entrar pela porta. (*Divertido e enérgico.*) Mas vou manter as minhas próprias aulas.

É bastante verdade, em aspetos importantes, contudo, que nós os dois somos um. Isto não me surpreende. Há muito sobre a natureza do tempo que ainda não vos dei, e isso tornará isto mais compreensível.

Mesmo um pobre peixinho como eu não está preso ao vosso tempo e pode estar bem consciente do que pareceriam ser ramos e desenvolvimentos futuros que dizem respeito intimamente à minha própria identidade.

(*“Sim.”*)

Por um lado, nos vossos termos, ainda não cheguei a esse ponto. Ainda não sou o vosso Seth Dois. Tenho consciência dele. Manter-me-ei tal como me conhecem agora ao mesmo tempo, mesmo nos vossos termos, então. (*Entrega enfática, olhos abertos.*)

(*“Percebo. Acho que mencionaste algo sobre isto há muito tempo.”*)

Ou não estaria a falar convosco agora. O nosso amigo, o nosso querido e confuso Ruburt, tem passado por muito, e sugiro que terminemos a sessão. Mas se tiverem perguntas específicas, podem fazê-las.

(*“Podem esperar. Queria apenas que a Jane ouvisse de ti esta noite para ficar com uma ideia do que se passa.”*)

Sou tranquilizador. (*Sorriso; pausa, olhos fechados.*) Os meus votos mais calorosos para ambos, então. Se estiverem num carrossel, podem apanhar o anel dourado. (*Pausa.*)

(*“Bem, boa noite, Seth. Soube bem ouvir-te.”*)

Nunca abandono os meus amigos.

(*“Espero bem que não.”*)

Estão em boas mãos connosco, com qualquer um de nós.

(*“Vamos ouvir-te, normalmente, em cada sessão?”*)

Há mecanismos a acertar. (*Pausa.*) Isto é novo para mim também. Assim que encontrarmos as condições mais benéficas, dir-vos-ei. (*Pausa.*)

(*“Boa noite, Seth. Obrigado.”*)

(22h52. Após uma breve pausa de olhos fechados, a Jane saiu então do transe. Não teve efeitos secundários, nem cansaço, etc.)

(*Disse que não se lembrava de nada do material até “ele” ter perguntado se queríamos ouvir o Seth. Depois ficou subjetivamente*

consciente da voz do Seth e da mudança de personalidade, sem se lembrar do que o Seth disse.

(A Jane disse que quando “ele” pediu uma pausa, no nosso tempo, ao dar os dados sobre as coordenadas, pensou que o Seth pudesse ser chamado para explicar esse material em termos que compreendêssemos. Disse que sentiu que a ideia abstrata dele, por trás ou para além do termo coordenadas, estava muito distante da nossa experiência terrena.)

SESSÃO 409

1 DE MAIO DE 1968

(Às 21h00 sentámo-nos à espera para ver se se desenvolvia uma sessão. A Jane não sentiu ninguém presente de início, mas às 21h15 teve uma leve impressão do efeito do cone, descrito nas duas últimas sessões. Falámos sobre o material das coordenadas, e às 21h25 a Jane recebeu uma frase interior relacionada com isso. Não pensou que fosse do Seth. Disse também que falar sobre o que tinha recebido perturbava a ligação.

(Mais uma vez, a Jane começou a falar pelo que chamamos agora de entidade do Seth — a personalidade para além do Seth; a voz dela tinha a mesma qualidade mais aguda, distante, clara e articulada como antes. Não houve saudação para nós, como o Seth costuma fazer. A Jane falou com os olhos a abrirem-se por vezes, e com muitas pausas, algumas longas.)

Estas coordenadas são estruturas psíquicas, e formam as pedras angulares de todas as realidades.

No início das vossas sessões, o Seth falou sobre aquilo a que chamou a quinta dimensão, e deu-vos uma analogia para a representar. A sua analogia do fiozinho pode agora ser considerada sob esta luz. São, claro, imaginárias, mas a imagem ajudará a entender o conceito. *(Pausa.)*

As intersecções dos vários fios formam várias coordenadas. Algumas destas têm uma intensidade tão imensa que formam sistemas *(pausa longa, mais de um minuto)* que contêm o que chamariam universos.

(Pausa. O nosso gato saltou para o colo da Jane enquanto falava. Não sabia se a iria incomodar nestas novas circunstâncias, por isso levantei-me para o pôr noutra divisão. A Jane pareceu não se incomodar. Mais tarde disse que tinha consciência da interrupção.)

Através destas aberturas, agrupamentos inteiros de estruturas de eu experienciam, e voltam a experienciar de formas diferentes, as dimensões

dentro dessas coordenadas. Mas nenhum limite fecha realmente um sistema, e dentro de qualquer conjunto, qualquer conjunto de coordenadas, existirão outros. (*Pausa.*)

Tomaremos o vosso sistema físico como exemplo. Há um foco geral e de massa de todas as estruturas de eu dentro desse sistema, suficientemente coeso para que a aparência de uma realidade física permanente e onnipresente se mantenha. A parte ego da estrutura concentra-se com grande intensidade, dirigindo-se dentro dessas coordenadas que formam a realidade física.

Como o Seth explicou, até esta coesão é, na verdade, uma ilusão. Existis ao mesmo tempo dentro de muitas outras coordenadas. Uma mudança de foco é, simplesmente, o requisito principal para perceber essas outras coordenadas. Mas mudar o foco para elas pressupõe um conhecimento da sua realidade. Caso contrário, só pode ocorrer um encontro momentâneo e acidental com elas, no que te diz respeito egoisticamente.

As realidades são formadas por intenção psíquica, e a verdadeira coesão é intuitiva. As ligações profundas que ocorrem, por exemplo, em várias reencarnações, não são evidentes para o ego. As ligações entre nós, agora, são muito mais lógicas do que qualquer simples causa e efeito.

A intensidade psíquica de uma experiência destrói todos os conceitos de tempo. Nos teus termos, uma experiência intensa pode unir e desencadear desenvolvimentos vividos por alguém ao longo de muitas reencarnações. Nem todas as identidades escolhem a existência física. Nem todas as identidades têm de ser físicas em qualquer “tempo”.

Aquelas que escolhem a existência física, uma vez tendo-o feito, devem segui-la até ao fim. Algumas das minhas próprias estruturas de eu nunca foram físicas. Estas comunicações, nos vossos termos, agem, simplesmente, como fronteiras, embora as fronteiras, como sabes, não existam de facto.

As coordenadas são compostas por intensidades. São eletromagnéticas na estrutura — pelo menos esta é a forma mais próxima que posso encontrar para as explicar. Pois, embora sejam eletromagnéticas, como o Seth vos disse, são vivas, no sentido de serem algo como projeções psíquicas.

Os limites aparentes do vosso próprio sistema físico são, portanto, compostos por intensidades psíquicas e projeções definidas pelas entidades

que decidiram experienciar a realidade física. *(Pausa.)* Concordais com os vossos conceitos de tempo — são como acordos de cavalheiros. Concordaram, muitos de vós, em ignorar a existência da reencarnação. Quando decidirem aceitá-la, então, claro, provas suficientes serão encontradas. *(Pausa longa.)*

Quanto ao que considerais a raça humana, realizações de valor insuspeitas e progresso advirão após este reconhecimento em massa. Isto mudará a civilização tal como a conheceis.

No entanto, isto não virá, por muitas razões, por algum tempo. A realização de valor não seria alcançada em direções importantes se o homem deixasse de matar porque soubesse que a morte não existe. Deve deixar de matar enquanto acredita que a morte existe. Deve resolver o problema no contexto em que este se desenvolveu.

Estaremos a trabalhar para vos explicar as coordenadas. Estamos apenas a começar a insinuar a sua realidade e importância. Toda a realidade existe dentro de coordenadas únicas. Há alguma sobreposição, mas o foco principal dentro de qualquer sistema é inteiramente único. Não há contradição, não há exceção. Isto aplica-se à circunstância mais pequena. *(Pausa.)* Nenhuma experiência é jamais igual a outra, nenhum indivíduo ou estrutura de eu.

O que os vossos cientistas aprenderam sobre os genes físicos mal arranha a realidade da diversidade, mesmo fisicamente. A originalidade miraculosa e imaculada de cada momento, mesmo tal como o conheceis, mal pode ser vocalizada. A diversidade da estrutura atômica ainda está muito longe de ser suspeitada. E tudo isto não passa da materialização física da realidade interior dentro de um sistema.

Podes fazer uma pausa.

(21h58. A Jane manteve-se sentada com os olhos ainda fechados, mas acenou que estava bem à minha pergunta. Os olhos abriram-se um minuto depois. Usou a nova voz distante do início ao fim, como antes; desta vez, no entanto, o ritmo foi geralmente melhor. Disse que não teve o efeito do cone ou pirâmide depois da única vez assinalada antes da sessão começar.

(A Jane disse que ultimamente não sabe bem como iniciar as sessões. Senta-se e “ouve para dentro”. Ouve uma palavra e depois começa. Estava consciente da voz diferente. Com o Seth, sentia sempre que ele estava presente, imediato, vivo e forte. Com a nova fonte — a entidade do Seth —

a Jane disse que sente que está bem lá em cima, a falar; mas assim que recebe a primeira palavra, não há problema.

(Perguntei em voz alta se devíamos pedir um nome definitivo para a nova voz, já que isso poderia dar à Jane uma sensação maior de familiaridade com a nova fonte e ajudar a organizar as notas; mas não era nada de importante, decidimos.

(A Jane retomou com a mesma voz nova e entrega a partir das 22h13.)

A tua vida, percebes, não é importante em termos de anos, mas em termos de intensidade e realização de valor.

As coordenadas nada têm a ver com o tempo como o conheces, nem com o espaço como o conheces, embora no vosso sistema formem a realidade na qual o tempo e o espaço aparecem. Um acontecimento criativo é muito mais significativo do que vinte anos de tédio, percebes.

Não disse ociosidade, pois isso pode ser criativo, em termos de fruição criativa. Alteraste as tuas próprias coordenadas até certo ponto quando as sessões com o Seth começaram, pois tens liberdade dentro do sistema.

Como te disse, o Seth tal como o conheces continuará nas sessões. Por um tempo, contudo, serei eu a falar de forma um pouco mais exclusiva, para familiarizar o Ruburt com o funcionamento de vários canais interiores. *(Pausa longa.)* Esta será uma sessão breve, pois estão a ser feitos ajustes interiores, e toda a informação de que precisas será dada no teu tempo.

O Seth é, obviamente, parte da sessão quer fale quer não, como estás habituado. De certa forma, a imagem da pirâmide do Ruburt é bastante legítima, pois tu e ele estão na base, com o Seth no meio e eu no topo. Isto forma simplesmente uma estrutura de coordenadas através da qual a informação pode fluir.

Vou encerrar a sessão. *(Pausa.)* Se preferires, podes fazer uma pausa, e acredito que poderias falar com o Seth.

(“Bem, podemos fazer a pausa e ver o que se desenvolve.”

(A Jane saiu do transe com facilidade. Contudo, disse que as coisas não estavam bem ajustadas; sentia que havia uma perturbação no outro lado — não estava a chegar com força de “lá”. Não se incomodava com ruídos na casa, etc., e não se lembrava de nada do material até ao fim.

(Achei que a sessão tinha acabado. A Jane deitou-se no sofá enquanto falávamos sobre coordenadas. Depois vi os olhos dela fecharem-se; o rosto

tomou uma expressão familiar, ela sorriu, e soube que o Seth ia falar. 22h30.)

Ainda não coordenámos as nossas coordenadas; estou apenas aqui para vos tranquilizar.

(A Jane disse depois que recebeu esta frase mesmo antes do Seth começar a falar. Como sempre, a personalidade do Seth foi imediata, forte e muito bem-humorada. Olhos muito escuros, frequentemente abertos e a olhar para mim.)

(“Sim.”)

Sei que sentes falta do meu espírito sarcástico e da minha personalidade de cão maltrapilho.

(“Sim.”)

Disse ao meu amigo que estavas pronto para este desenvolvimento. Abrir o novo canal é o mais importante. Depois podem descobrir que peixe apanharam com ele. Abrir o canal requer trabalho da minha parte também.

(“Aposto que o peixe é grande.”)

Para ser maior do que eu, claro. *(Pausa.)* Mas estás a lidar com algo diferente, percebes. O conteúdo emocional forte não está lá, nos teus termos.

(“Pois não está.”)

Quando as condições certas se estabilizarem, contudo, o novo desenvolvimento valerá mais do que a pena para ti, e para mim. E podes sempre contar comigo, percebes. *(Divertido e enfático.)*

Vamos mesmo encerrar a sessão, e terás toda a informação a seu tempo. Não deixes que te incomode não teres um nome.

(“Está bem.”)

Vê quantos anos passaram antes de saberes que eras Joseph.

(“Verdade.”)

(Pausa.) E diz ao Ruburt que é um patife. Ele saberá o que quero dizer. *(“O que queres dizer?”)*

Ele saberá, e dir-te-á.

(“Ah... Que achas da observação que a Jane fez no outro dia — de que a Terra representa o nosso inconsciente?”)

Foi uma muito boa. Ele usou o termo inconsciente; e é legítimo. Pois a Terra básica que te sustenta é formada a partir da tua própria vitalidade. Portanto, quando olhas para o estado do teu mundo como sinal da condição do homem, considera também a estabilidade, nos teus termos, e a

abundância, que também são sinais de vitalidade interior. E isso sustenta-te, independentemente das tuas guerras.

(Pausa. “Boa noite, Seth.”)

(A Jane saiu facilmente do transe após uma breve pausa. O Seth tinha estado muito animado e divertido — engraçado, com uma boa voz, olhos abertos frequentemente e a olhar para mim enquanto a Jane estava deitada de costas no sofá.)

(A Jane fez a observação sobre a Terra representar o nosso inconsciente no fim-de-semana passado, enquanto conduzíamos pelo campo.)

(Disse que a referência ao patife dizia respeito a dados que recebeu do Seth naquela noite, mas não os disse em voz alta. Os dados eram no sentido de que receberia notícias da Prentice-Hall dentro de três ou quatro dias; mas não os verbalizou porque tinha distorcido previsões recentemente e não queria fazê-lo novamente agora.)

SESSÃO 410

8 DE MAIO DE 1968

(Notas, pelo que valem: A 410.^a sessão estava prevista para segunda-feira, 6 de maio de 1968. Nesse dia a Jane recebeu uma carta da Prentice-Hall, delineando planos para publicar o material de Seth. Depois do jantar falámos sobre isso. A Jane bebeu duas cervejas e meia, rapidamente, o que a afetou o suficiente para que não houvesse sessão.)

(À hora da sessão, ela sentou-se à espera para ver se uma sessão se desenvolveria. Não aconteceu, mas ela recebeu breves notas do Seth: “Não tens de te preocupar comigo por beber demasiado. Estou enjoada agora por ter bebido o que bebi. Sê carinhoso e põe-me na cama... Não aguento bebida. O problema nunca surgirá. Bebi demais e não consigo deixar o Seth falar com a sua própria voz, para responder às minhas perguntas.” Estas, a Jane recitou-mas com a sua própria voz.)

(Pensei que a excitação por receber a carta teve tanto a ver com os sentimentos da Jane como a cerveja.)

(Enquanto esperávamos que a sessão começasse esta noite, a Jane disse que ainda não estava habituada ao novo método, à nova voz; ainda espera pelo seu início e, depois de começar, fica bem. Agora, a voz e a personalidade muito definidas do Seth fazem falta.)

(Mesmo antes da sessão, contou-me a Jane mais tarde, ela voltou a dar-se conta do efeito do cone, que ela chama de uma tentativa intelectual óbvia de visualizar o novo tal como é postulado nas sessões. Como antes, a Jane sentiu a presença da base do cone no topo da cabeça; é aí que nós os dois nos encaixamos. Logo acima de nós está o Seth; acima de ambos está o novo desenvolvimento a que passámos a chamar a entidade do Seth; esse é o pico do cone. A Jane recebe os dados, disse ela, desse pico e eles parecem distantes e relativamente sem emoção.)

(Outra vez esta noite a voz esteve clara, algo distante, e mais aguda do que a voz habitual da Jane. No entanto, a voz não estava fraca e, se alguma coisa, estava mais forte esta noite do que anteriormente. Muitas pausas no início, e o ritmo aumentou consideravelmente à medida que a sessão avançou. Olhos fechados no começo; depois, a abrirem-se frequentemente.)

Boa noite.

(“Boa noite.”)

(Pausa.)

Estas coordenadas formam todas as realidades. São pontos únicos através dos quais a vitalidade se expressa. As camuflagens surgem (pausa) ao longo das coordenadas, e os pontos-momento oferecem oportunidades infinitas para mais expressão e desenvolvimento. O tecido interior da realidade é muito mais complicado do que a camuflagem exterior tal como a conhecem.

O corpo físico é apenas um pequeno aspeto das várias formas interiores de que são pessoalmente compostos. Assim como as várias partes do vosso corpo físico estão ligadas e interligadas, também as várias partes das vossas outras formas estão interligadas, e umas às outras. *(Pausa.)*

É desnecessário dizer que, ao criarem a realidade física, também formam os outros planos de existência em que operam. Vocês operam simultaneamente em todos os níveis da realidade e, se se familiarizarem com várias coordenadas, o eu que conhecem poderá tornar-se consciente das vossas outras existências.

Os vossos campos científicos de investigação poderão tropeçar nas probabilidades matemáticas envolvidas em tais outros campos talvez num prazo de 60 anos, mas não reconhecerão o significado da descoberta — que provavelmente será feita numa tentativa de obter mais dados relativos a uma ideia ligada à teoria do campo especial de Einstein.

Essa ideia relacionada será desenvolvida por outro cientista, com base no conceito einsteiniano.

É muito possível que a física, e não a psicologia, dê a primeira pista de que a personalidade humana é multidimensional e de que a realidade interior da mente ultrapassa em muito o universo físico que ela tenta sondar. (Pausa.) Há, no entanto, outras drogas e, se forem descobertas e utilizadas, então esses desenvolvimentos poderão ocorrer no próprio campo da psicologia. As drogas libertam certas barreiras que (pausa) se erguem entre o corpo físico e as suas outras formas.

Uma dessas plantas assemelha-se à planta do algodão, mas com sementes muito pequenas amarelas ou amarelo-esbranquiçadas, e cresce em certas zonas de África. Os seus efeitos pareceriam ser altamente alucinatórios. As alucinações, porém, seriam viagens bastante válidas a outras realidades.

(A propósito do que antecede, cito brevemente um artigo no New York Times de 9 de maio de 1968, escrito por Walter Sullivan e datado de 8 de maio em Cambridge, Massachusetts. No entanto, a Jane e eu não vimos o artigo até ao dia seguinte à sessão de hoje; note-se que esta sessão é realizada no mesmo dia em que o artigo foi publicado. Um amigo dá-nos o Times depois de acabar com ele, no dia após a publicação.)

(O artigo trata da reserva de drogas disponível nas plantas e da escassez do nosso conhecimento acerca deste vasto campo. Algumas citações:)

(“Outro campo de conhecimento que cresce rapidamente diz respeito à família dos alcaloides, que inclui uma grande variedade de alucinogénios, substâncias que induzem a alucinação. Alguns destes, usados há muito tempo na América Latina, estimulam fantasias de um tipo específico.

(“Por exemplo, uma análise de uma antiga droga mexicana, sinicuichi, mostrou que contém cinco alcaloides que produzem vertigens, uma ilusão de que os objetos circundantes se tornaram muito pequenos e uma sensação de recordar acontecimentos anteriores ao nascimento.”)

(Outras drogas são descritas, incluindo algumas de África que promovem o esquecimento, sensações de pequenez e de grandeza, e outros efeitos. A América do Sul também é incluída nos dados. O artigo está arquivado.)

Novas descobertas sobre as qualidades inerentes à molécula levarão a uma compreensão da consciência molecular, pelo menos um conhecimento rudimentar. As implicações, aqui, de novo não serão reconhecidas durante algum tempo.

Em conjunto, a psicologia e a física poderiam proporcionar uma nova compreensão da natureza do homem, mas as pistas e os sinais permanecerão dormentes e não utilizados.

Os físicos, no entanto, serão forçados a reconhecer que a energia dentro das estruturas moleculares tem a sua origem noutro lugar. (A Jane estava irrequieta durante esta transmissão, esfregando o rosto e o cabelo.) Serão forçados a postular a existência de uma força desconhecida, sempre existente apesar das teorias correntes mais recentes. Nenhuma teoria postulada de nova força será capaz de explicar a realidade.

(Pausa, bem mais de um minuto. Olhos fechados. Enfático.)
Quero deixar isto claro: nenhuma teoria postulada de nova força responderá às suas perguntas enquanto não se perceber que nenhum sistema é fechado e que o universo físico não é a origem, mas o resultado, da energia que procuram. (Pausa.)

O universo físico é como uma fotografia muito pobre. Assim como as imagens e representações numa fotografia são apenas símbolos ténues e incompletos das pessoas e objetos que representam, assim o universo físico é apenas uma imagem ténue da realidade a que corresponde.

Aprenderiam pouco sobre o que significa, subjetivamente, ser um ser humano simplesmente estudando a fotografia de um. E aprendem pouco da realidade básica estudando o universo físico como se fosse mais do que um símbolo daquilo que representa.

(A transmissão da Jane estava mais rápida e bastante enfática aqui, na nova voz mais aguda. Olhos frequentemente abertos. Agora fez uma longa pausa.)

A verdadeira identidade está tão separada da realidade do ego como a fotografia está separada da pessoa. Existem ligações entre um indivíduo e a sua fotografia, e existem ligações entre o indivíduo físico e o eu interior, mas a pessoa tem de reconhecer a imagem na fotografia, pois ela não o reconhecerá a ele.

Podem fazer um intervalo.

(21:36. Os olhos da Jane abriram-se quase de imediato e ela saiu do transe com facilidade. Ainda havia um elemento de incerteza, disse, mas a sua facilidade de atuação sob o novo regime era evidente.)

(A Jane disse que viu um “tamanho e forma” fotográficos enquanto falava, mas os dados visuais não estavam claros aqui. Estava ciente dos ruídos do trânsito ao sair do transe, mas sentia-se bem; no entanto, sentiu falta da “boa e rica” voz e sensação do Seth.)

(Perguntámo-nos por que motivo a entidade do Seth escolheu dar estes dados, já que parecia que o Seth os poderia ter dado. Achámos que provavelmente era uma preparação para acontecimentos posteriores. A Jane retomou na mesma voz impassível e mais aguda de antes, às 21:45.)

Estamos a utilizar estes canais para que estejam abertos e preparados quando forem necessários.

É a maneira do Seth de disponibilizar ainda mais informação. Nada disto pretende negar-vos a realidade do vosso próprio sistema físico. A própria natureza das nossas sessões deve mostrar-vos que as estruturas do eu são de facto transparentes e que as comunicações podem fluir através delas.

Estamos a experienciar a realidade nas nossas dimensões com tanta vividez como vocês nas vossas. Eu serei capaz de ativar certas capacidades do Ruburt (pausa, olhos fechados), ajudando-o a alterar certas coordenadas dentro do seu próprio sistema interior.

Estas, por sua vez, ativarão certas áreas do cérebro físico de modo muito vantajoso. Essas áreas têm a ver com o armazenamento de informação que geralmente está disponível para camadas inconscientes da personalidade presente, e esperamos torná-la mais conscientemente acessível.

Há, simplesmente, uma frequência mais elevada a ser usada quando eu falo. *(Longa pausa.)* As minhas comunicações dependem da permissão do Seth assim como da do Ruburt. O material deve continuar a ser chamado de material de Seth, pois eu sou um aspeto do Seth que vocês não conheciam e, no passado, ajudei-o a transmitir material embora não tenha participado diretamente nas sessões. *(Longa pausa.)*

Ele é parte da entidade global que chegou a tornar-se física, embora agora, nos vossos termos, essa porção da sua existência esteja terminada. *(Sorriso.)* Esta porção nunca se materializou fisicamente.

(Longa pausa. Esta última frase referia-se, creio, à própria entidade do Seth, pela entoação dada.)

De certa forma, sou um todo que é mais do que a soma das suas partes, sendo ao mesmo tempo uma parte de mais do que eu próprio sou. *(Longa pausa.)* Podem fazer um intervalo.

(10:03. A Jane voltou a sair do transe com facilidade. A interrupção súbita surpreendeu-nos. Na última pausa e nesta, eu tinha a sensação de que a transmissão da Jane abrandava à medida que a hora da pausa se aproximava, algo como uma mola a desenrolar-se. Não que não houvesse energia disponível por detrás do material, mas talvez algo se interpusesse na transmissão. Talvez, ainda, a novidade desta abordagem mais recente.)

(Outra vez agora, o Seth entrou para encerrar a sessão. A sua aparição foi abrupta, embora esperada, e como de costume foi franca, forte em comparação com a da sua entidade, e muito enfática e bem-humorada. Os olhos da Jane abriam-se com frequência e ela estava muito animada. 10:14)

Bem—

(“Boa noite, Seth.”)

—dou ao Ruburt os meus mais calorosos votos pelo aniversário, embora ele seja muito mais velho do que os seus tenros 39 anos. Ele sente a minha falta.

(“É verdade.”)

Isso está bem. Estamos a experimentar. Algum tempo estará envolvido. *(Pausa.)* Ele estava inquieto quando as nossas sessões começaram. Eu sabia que ele não levaria isto como uma brincadeira. *(Inclina-se para a frente, bem-humorado.)*

Eu poderia ter transmitido o material desta noite. Gostaria que ele se familiarizasse com a nossa inovação. *(Sorriso.)* Ele participa mais quando eu falo desta maneira. De certo modo, sou de facto capaz de estabelecer um contacto mais próximo, mas temos de aproveitar todas as nossas fontes, e assim faremos.

Estou presente de um modo diferente. Não estou a falar como alguém que tenha estado orientado fisicamente quando surge a outra voz. *(Pausa.)* Agora, até certo ponto, isto permite-me prescindir de certas distorções necessariamente inerentes a qualquer personalidade que tenha estado orientada fisicamente.

A intimidade e as características pessoais pelas quais me conhecem, até certo ponto, atraíram-nos para mim. Por vezes, serão simplesmente postas de lado, para que possa ser dado um fluxo mais claro de informação. *(Pausa. O Seth sorriu.)*

(“O que é que tem graça?”)

Ambos estivemos sempre por detrás das sessões. Acho isto divertido porque muitas vezes, como sabem, insinuei tal desenvolvimento.

(“Sim.”)

Também me diverte porque o Ruburt se sente agora mais confortável comigo. A identidade tem muitos «eus», muitas estruturas do eu, e a minha identidade é sempre a mesma. Se o que digo soa confuso—

(“Não.”)

—vocês compreenderão. Fico contente por ver que compreendem.

(“Sim.”)

Eu também participo, até certo ponto, pessoalmente, no vosso sistema durante as nossas sessões. Não há necessidade de o Ruburt se sentir inquieto quando eu falo sob um disfarce diferente. Aquela outra porção seguiu um caminho diferente, mas estamos conscientes da nossa relação.

Têm alguma pergunta, Joseph?

(“Uma vez, há muito tempo, disseste algo sobre um fragmento de cão.” Há mais de três anos.)

De facto, tens uma boa memória. O fragmento já não está envolvido, porém. Abandonou inteiramente o vosso sistema. Nós, por vezes, visitamos-vos, ao vosso sistema, enviando projeções de nós próprios de maneiras tão inocentes.

Novamente, contudo, a consciência do cão era a sua própria. Eu, por exemplo, não a controlava, mas tinha consciência dela.

Podem fazer uma pausa ou terminar a sessão, como preferirem.

(“Acho que vamos terminá-la.”)

(Pausa.) E eu gostei das flores.

(Os alunos de ESP da Jane ofereceram-lhe flores pelo aniversário em 8 de maio.) (“Quantos anos tinhas quando morreste na Dinamarca?”)

Estamos de facto a escorregar para as perguntas manhosas esta noite. *(“Não, não era essa a minha intenção.”)*

Entre, julgo eu, 52 e 7. Entre 52 e 57.

(“Nunca te perguntei isso antes.”)

Muito mais velho do que o nosso parceiro júnior aqui esta noite.

(“Será mesmo possível descrever-nos uma existência que nunca foi física?” Como a entidade do Seth mencionou fazer.)

Tentaremos fazê-lo. A hora chegará.

(“Porque é que as minhas costas me têm incomodado hoje, ultimamente?”)

(Fiz a última pergunta às 10:37, após uma longa pausa, para ver se a sessão tinha terminado. A Jane estava sentada com os olhos fechados, a sorrir. Pausa de bem mais de um minuto. Pensei que ela ainda estivesse em transe. Passou por uma variedade de expressões faciais, principalmente sorridentes ou de interrogação, e mudou a posição do corpo várias vezes. Dois, depois três minutos passaram. Os olhos continuavam fechados. Esperei, a pensar se algo invulgar poderia estar a acontecer; normalmente eu teria terminado a sessão. Agora a Jane pareceu intrigada. Quatro minutos.)

Agora, é melhor encerrarem a sessão.

(“Sim. Está bem, Seth. Boa noite.”)

(10:41 — chamei o nome da Jane três vezes, e ela saiu do transe com facilidade. “Eu digo-te o que aconteceu”, disse ela, “depois de eu...” Descansou um pouco e depois explicou. Quando fiz a pergunta sobre explicar uma vida não física, a Jane disse que sentiu que o Seth tentou mudar para a outra fonte ou voz, após a sua própria breve resposta, para que pudéssemos obter mais dados. Como referido, seguiu-se aqui uma longa pausa, mas a Jane, subjetivamente, não teve consciência disso. A minha pergunta seguinte, sobre as costas, então baralhou-a, parecendo surgir instantaneamente após a pergunta anterior, e ela não conseguiu entrar em contacto com a entidade do Seth. Embora se sentisse “lá em cima”).

(O resultado aqui, disse a Jane, foi que queria terminar a sessão, mas não conseguia recuperar a própria voz, e “ninguém a ajudou”. Foi quando eu fiquei sentado à espera para ver o que se desenvolvia. Acontece que eu estava prestes a terminar a sessão quando o Seth falou novamente e sugeriu que o fizéssemos.)

A Jane falou mais sobre o efeito do cone descrito no início da sessão. A Jane teve a sensação de uma grande distância até ao topo do cone enquanto este se elevava acima da sua cabeça. Sentiu linhas desde a base do cone, atravessando o topo da cabeça, a subir até ao pico do cone.

Ao mesmo tempo recebeu, da entidade do Seth, as palavras “A nossa existência é Alegria.”

(A Jane também recebeu “uma incapacidade de traduzir qualquer outra coisa”. Foi difícil explicar isto, disse; como se “eles” estivessem a tentar o melhor que podiam explicar o que realmente queriam dizer, e tudo o que ela acabou por receber foi alegria. Também “luta” estava envolvida. O efeito do cone foi a sua tentativa de receber estes dados. Mentalmente, pediu os dados de outra maneira, sentindo-se como se estivesse na “dimensão 8” — entre mudanças de velocidade. Não estava preocupada, mas era um estado estranho de consciência. No final da sessão, estava ciente de um rádio a tocar no piso de baixo.)

SESSÃO 411

15 DE MAIO DE 1968

(Notas: Não houve sessão na segunda-feira, 13/5. Hoje a Jane telefonou ao Tam Mossman, da Prentice-Hall, para discutir o prospecto para o livro do Seth sugerido pela Prentice-Hall.)

(Estávamos sentados prontos para uma sessão às 21h. Às 21:10 a Jane ainda esperava que a sessão começasse; embora sentíssemos alguma insegurança, continuávamos confiantes de que haveria sessão. Notas posteriores explicarão os mecanismos envolvidos.)

(Quando a Jane começou a falar às 21:11, usou a mesma voz aguda, algo distante e bastante precisa de antes, a que pertence ao que chamamos, algo imprecisamente, a entidade do Seth. A voz é muito clara, sem grande volume e com muitas pausas, a maioria delas curtas. Uma das suas peculiaridades é que uma frase termina frequentemente numa nota ascendente, em vez de a voz baixar no final como é habitual. Este efeito ainda me engana por vezes, pois uma frase já terminou quando eu penso que a Jane apenas fez uma breve pausa a meio de uma.)

(Não houve saudação. Olhos abertos muitas vezes.)

Dissemos-vos que a informação é destituída de sentido a menos que seja interpretada de forma a que a possam compreender. Em termos mais amplos, o conhecimento não pode simplesmente ser dado.

Tem de ser experienciado. Embora não me aches tão calorosamente pessoal — tão calorosamente pessoal — como o Seth com quem (fitando-me diretamente) tens estado familiarizado, eu sou uma personalidade. A

informação não te chega do nada. O conhecimento não existe nesses termos.

(Este material sobre personalidade segue a nossa conversa antes da sessão.)

Sem o tipo de conhecimento direcionado que estás a receber, tens o que aparece como inspiração, um assunto de tentativa e erro, altamente distorcido por regra. (Pausa.) No caso das tuas sessões, habituaste-te a manipular certos coordenados, e essa manipulação aumenta constantemente a tua capacidade de receber informação de nós e de alcançar consistência de resultados. Os coordenados afetam o sistema físico ou quaisquer tais comunicações seriam impossíveis.

É necessária uma personalidade, caso contrário a informação pareceria altamente caótica e não saberias como a desembaraçar, mesmo que a conseguisses receber. Isto é bastante importante. Nós não só vos damos informação e ajudamos a interpretá-la ou traduzi-la para vocês, como também lhe acrescentamos a nossa própria experiência com ela. (Pausa.) O teu Seth diria que nós a desembaraçamos por ti e depois a servimos arrumadinha numa travessa de ceia.

(A Jane sorriu, olhos abertos frequentemente, enquanto dava estes dados. A voz também estava um pouco mais enfática e rápida; talvez esta passagem até agora reflita a maior individualidade mostrada por esta personalidade.)

A informação desembaraçada, de novo, seria destituída de sentido e até pouco fiável. A experiência inicial do Ruburt representou um encontro desse tipo. Só pelas suas próprias capacidades é que conseguiu traduzir a informação por si, até certo ponto.

(Refere-se aqui à tentativa da Jane de escrever o livro O Universo Físico como Construção de Ideias, com que ela lutou algumas semanas antes de estas sessões começarem, em 2 de dezembro de 1963.)

O Seth deu-lhe a informação num sonho. Ele tinha medo do Seth mas não da informação.

Agora, mudar os coordenados envolve de facto uma deslocação do foco interior e uma extensão dos sentidos interiores. Uma das razões para a mudança nas sessões é dar ao Ruburt experiência nestas linhas.

Ele é forçado, de uma maneira, a ir mais fundo na realidade interior, pois eu não chego a vós tão imediatamente como o Seth, tal como o conheceste, chegava. Como eu não estou aqui assim tão imediatamente, então o Ruburt tem de ir mais longe. O Seth está sempre lá entre nós para ajudar neste procedimento.

Agora, na tua última sessão, ao Ruburt foi dada uma experiência muito primária. Perguntaste como era ser uma personalidade nunca formada em matéria física, e eu ajudei-o a alcançar alguma consciência, subjetivamente, dessa condição. Ele não conseguiu ir suficientemente longe nesse conceito, mas esteve, por breves instantes, entre existências físicas tal como as conheces.

Disse aos seus alunos que se sentia como se estivesse entre mundos, e estava. A resposta, neste caso, não foi dada em palavras, e, ao princípio, ele não se apercebeu de que a sua experiência era tanto quanto uma resposta quanto lhe poderia ser dada agora.

(É verdade. A tomada de consciência da Jane surgiu ontem à noite, quando descreveu o evento aos seus alunos de PES. Isto também foi novidade para mim, pois ela não me tinha falado disso. Ela disse que, entre tais eventos, é surpreendentemente fácil esquecê-los. Muitas vezes, uma pergunta ou afirmação minha, por exemplo, lembra-a de me contar algo. Repara que, na última sessão, as minhas notas não contêm referência à sensação da Jane de que estava, ainda que momentaneamente, entre dois mundos.)

Mas mantém o evento em mente. Algumas perguntas, por vezes, podem ser respondidas sem palavras, embora ele venha a conseguir interpretar as respostas. Esta foi apenas a nossa primeira tentativa. A sensação de uma neutralidade algo tensa que o Ruburt sente agora antes das sessões é simplesmente causada pela estranheza de mudar dos coordenados a que estava habituado. Podem descansar e continuaremos.

(21:30. Os olhos da Jane mantiveram-se fechados, mas ela acenou que estava bem à minha pergunta e depois saiu do transe com facilidade.) ("É apenas engraçado", disse, "entrar e sair. É como descer do transe, não era assim antes. Ele espera e eu encontro-o lá em cima, quando antes ele [querendo dizer o Seth] vinha até cá abaixo até mim. "Pensas num transe como ir mais fundo. Nisto é tudo ir mais alto — a voz, a distância, etc. Hoje não tive a pirâmide. Não sei quando começo. Eu simplesmente começo." A Jane disse que, quando a sessão começou, teve uma ínfima sugestão de primeiro encontrar a personalidade do Seth e depois de ir além desta para a outra.)

(O seu ritmo foi mais rápido esta noite com a nova voz, especialmente em direção à pausa. Achámos a sua experiência entre-mundos um excelente sinal, no sentido de que a nova personalidade já começava a cumprir funções, a acrescentar novas dimensões às sessões. Antes,

tínhamos-nos interrogado sobre as razões do seu aparecimento, pois parecia que o Seth podia ter dado os dados com igual facilidade.)

(A Jane retomou a um ritmo mais lento às 21:45.)

As minhas próprias características são diferentes, ainda assim serão-te patentes com o tempo.

O contacto está apenas nas suas fases iniciais (pausa) e a abordagem ainda não é suficientemente robusta para suportar peso total nos teus termos. (Sorriso.) Tens um sinal fraco, embora seja melhor do que recebeste no passado. As tuas explorações estão simplesmente a levar-te mais além, e há manipulações a fazer antes de o teu sinal ser tão forte quanto pode ser.

Tiveste indícios da sua força potencial, mas apenas isso.

("Na voz?" A pergunta foi mal formulada. Referia-me à voz, por vezes poderosa, do Seth do passado.)

Na sessão em que o Ruburt sentiu a energia tão fortemente.

("Sim." Isto seria muito recentemente. Ver a 406.ª sessão.)

(Pausa.) O teu próprio mundo, da minha perspetiva, não existe da maneira como estou certo de que existe para ti. As tuas camuflagens não me são nítidas, embora compreenda o que significam para ti. (Sorriso, olhos abertos.) Previsões de curto alcance seriam-me muito difíceis, uma vez que não consigo fracionar o tempo, tal como o pensas, a esse grau. Eu perceciono, em vez disso, num só olhar, segmentos aparentemente inteiros do vosso campo temporal. *(Pausa.)*

O Seth tal como o conheceste perceciona o vosso próprio sistema com mais clareza. *(Pausa.)* Do meu ponto de vista *(pausa)* não perceciono então o vosso universo físico como vós o fazeis. Perceciono os vossos valores psíquicos e intensidades emocionais e apercebo-me de que vós percecionais apenas segmentos muito pequenos destes. Tal como fracionais o presente amplo em momentos, que depois experienciais, assim também fracionais a identidade psíquica, os gestaltos, em pequenas autoestruturas.

(Pausa. Olhos abertos, a Jane fez um gesto, sorriu. De novo, um lampejo aqui de maior envolvimento emocional, como observei antes. A Jane disse depois que também sentiu uma "entrada" mais emocional, embora ainda muito contida.)

Eu... Isto é através do teu amigo — uma mensagem... Ele diz que eu não sei dizer as horas, e que tu considerarás isto uma afirmação leviana.

(Achei engraçado, mas não leviano.)

E, tal como dividis uma hora em tantos segundos, assim também dividis identidades em tantas autoestruturas, sem perceberdes as suas unidades inatas.

Não estou a dizer-te que a individualidade não existe, que é uma ilusão e que, portanto, eu não a perceciono. Estou a dizer-te que não percecionas a tua própria individualidade como uma identidade inteira. (Pausa.) Para mim, isto seria altamente desvantajoso. Do meu ponto de vista, estás muito mais só do que eu. (Longa pausa.) Do meu ponto de vista, é difícil compreender a tua intensa preocupação com um sistema que representa uma parte tão pequena de toda a tua experiência. (Pausa.)

Consigo percecionar muitos outros sistemas semelhantes ao teu. No entanto, não posso, com facilidade ou à vontade, entrar neles de modo familiar para experienciar a camuflagem como tu o fazes. (Pausa.) Isto não significa, naturalmente, que eu não esteja consciente de ti.

Tu... (Pausa, olhos abertos, depois fechados.) Nem sempre estou consciente do “tu” que sentes ser, contudo. (Pausa.) O Seth disse-me que, num futuro, nos teus termos, me ajudaria a este respeito; aproximando-me, disse ele, para uma boa observação. Se assim for, provavelmente deverás sabê-lo.

("De que maneira?")

Seria evidente, embora eu não aparecesse como matéria. Eu de facto procuro instruir-vos, pelas razões dadas anteriormente, e a vossa instrução também beneficia a mim. Podem descansar.

(22:08. Em poucos instantes a Jane saiu do transe e abriu os olhos. Disse que estava consciente do efeito de pirâmide ou cone desde a última pausa, e isso incluiu durante a transmissão. Quando consciente disto sente sempre que está a subir, através dele, não que ele desce até ela. Pelo menos ela não está consciente de qualquer sensação de descer.)

(A Jane disse que, quando “ele” começou a falar sobre “o meu ponto de vista”, ela estava realmente “lá em cima” na pirâmide ou cone.

Quando eu fiz a pergunta referindo-me à voz mais forte do Seth, a Jane sentiu-se algo incomodada. A pergunta, a interrupção e o som da minha voz intrusa pareceram incomodá-la e trazê-la para outro nível, disse. Não muito, mas reparou nisso. Nem todas as perguntas a incomodam.)

(O material a seguir a esta pausa reflete assuntos que discutimos durante a pausa. Mais uma vez a Jane retomou com a nova voz, com pausas, às 22:25.)

Estou a falar da minha posição natural. Posso alterar o meu ponto de vista e, nesse caso, o vosso sistema torna-se muito mais nítido para mim. Posso, naturalmente, alterar coordenados e experienciar conceitos diretamente, mas o vosso sistema não é um que eu tenha explorado com verdadeira atenção. (Longa pausa.)

O Ruburt está intrigado com a extensão dos seus sentidos interiores neste ponto. Está realmente a atravessar vários sistemas, mas não tem liberdade para os explorar horizontalmente. *(Pausa.)* Isto é suficiente para a sessão desta noite. *(Pausa.)* Agora, podem chamar o Seth, se preferirem.

("Não sei o que o Ruburt gostaria de fazer.")

Então deixá-lo-emos decidir.

(22:31 — A Jane ficou sentada em silêncio por um minuto e depois abriu os olhos.)

("Boa noite.")

(A Jane disse que não sabia como alcançar o Seth “por esse lado”, querendo dizer enquanto em transe, embora já o tenha feito antes. Disse que teria de fazer uma pausa e chamá-lo “daqui”.)

(Qualquer dificuldade persistia, pensou ela, apenas por causa da novidade nas sessões. Mas gostava de ouvir o Seth em cada sessão só para se certificar de que ele ainda lá estava. A Jane disse que, quando fala pela entidade do Seth, “é como se eu me esvaziasse lá em cima, algures”, e que, quando o Seth fala, “ele enche-me”. Mas, no primeiro caso, ela não sabe para onde vai.)

(O Seth falou então. Fiquei algo surpreendido, pensando que a sessão tinha terminado. O Seth estava forte e imediato e vital, olhos abertos. 22:36.)

Enviei-te—

("Boa noite, Seth.")

—mensagens esta noite. Quase, mas não exatamente, tinhas um diálogo em curso. Muitas vezes, ambos fornecemos informação em algumas sessões, mas não acreditei que estivesse pronto para explicações profundas. Isto é, de facto, ainda o material do Seth. *("Sim.")*

(Com humor:) Eu sou o mais ruidoso—

("Dá para perceber.")

—e sou aquele que dá uma espreitadela a vocês. *(Pausa.)* Não vos vou reter.

O Ruburt está a sair-se bem, contudo, com este desenvolvimento. Tens alguma pergunta para mim? Não me importo de as responder.

(Aqui o Seth estava muito engraçado e alto e enfático. Olhos abertos.)
"Como vais ajudar a ‘outra’ personalidade a experienciar a nossa realidade física?"

(No mesmo tom divertido:) Vou pegá-lo pela mão e trazê-lo até aqui, falando figurativamente, claro. Disse-lhe que seria bom estender-se nesta direção; e ele tem toda a razão. Saberás se ele o fizer. *(Neste ponto eu tinha duas perguntas para fazer.)*

"Dizes 'ele'?"

Tenho de usar um termo para ti, e "isso" é manifestamente inadequado.

"Sim."

(Também queria perguntar ao Seth exatamente como reconheceríamos a presença da sua entidade, mas não interrompi, pois o Seth parecia querer continuar a falar.)

Compreende de novo que estas divisões são arbitrárias. Somos partes — porções independentes — da mesma personalidade, ele e eu. Se não tens mais perguntas, deixo-te com a tua quietude doméstica. Sempre que quiseses que eu anime as coisas, fá-lo-ei. E estarei aqui frequentemente, naturalmente, nas nossas sessões regulares.

"Queres dizer que podemos pedir-te para realizares a sessão numa noite em particular?"

Com efeito. Não estou a sentar-me no banco de trás, repara, mas queremos que o Ruburt aprenda a estender-se.

"Boa noite, Seth. Sabe bem ouvir-te." 22:43. A Jane saiu do transe facilmente, dizendo que o Seth deixou uma sensação emocional atrás de si. A outra personalidade desapareceu de imediato. A Jane tinha-se esquecido dos dados do Seth, mas lembrou-se quando eu lhos mencionei.

SESSÃO 412

27 DE MAIO DE 1968

(A Jane começou a sentar-se para a sessão às 21h30, à espera de ver o que se desenvolvia. Achei muito provável que falasse na nova voz. Mais uma vez, a voz foi mais aguda, distante, mais ou menos sem emoção, e muito clara. Pausas, olhos abertos por vezes.)

Boa noite.

("Boa noite.")

Agora. O conhecimento existe como realizações, e as realizações pressupõem personalidades.

O conhecimento não existe, idealmente, em termos abstratos. É verdade que muitas vezes deve ser interpretado, de forma que possa parecer-te que existe como algum tipo de princípio isolado, em última instância. Não é o caso.

O conhecimento altera automaticamente a personalidade e a estrutura de camuflagem através da qual flui. O conhecimento, noutras palavras, é ação. Existe, claro, tal ação a ter lugar nestas sessões.

(*A olhar para mim.*) Atuas como transmissor, Joseph. Nem sempre foi assim. Agora, fortaleces a transmissão destas comunicações. O Ruburt e tu juntos fornecem os canais necessários. Ele é mais diretamente o recetor, mas as comunicações passam também por ti.

Na tua vida como ministro (*em Boston, no início do século passado*) foste um recetor nos termos em que o Ruburt é agora, e a tua congregação atuava como uma agência transmissora.

Podes perguntar ao teu (*sorriso*) querido Seth sobre esse episódio. Nesse caso, a tua própria estrutura de personalidade foi alterada pela informação que fluía através de ti, e tornou-se parte do teu legado de vida terrena. Era teu quando começaste esta vida presente.

Por causa dessa experiência, agora és capaz de ajudar a trazer um sinal forte. Como indivíduo, serves agora no lugar da congregação que era necessária para te ajudar no passado.

Tanto tu como o Ruburt, portanto, tinham já a possibilidade de tal experiência preparada nas vossas estruturas de personalidade. Foi esta capacidade e conhecimento inatos, o teu querido (*sorriso*) Seth diz-me, que impediram que casasses até encontrares alguém que te pudesse ajudar nestes moldes.

Tu e o Ruburt estiveram, claro, em relações próximas em existências passadas dentro do sistema físico. Não foi, de forma alguma, coincidência terem-se encontrado. Isto segue a natureza da ação de forma bela. Padrões nas vossas personalidades já tinham sido ativados e estavam prontos para uso e desenvolvimento.

Não existe nada, nem conhecimento nem beleza nem verdade, que exista independentemente da consciência ou personalidade. A minha personalidade é tal que não é íntima nem compreensível para ti, agora, simplesmente porque é uma personalidade baseada em pressupostos radicalmente diferentes dos teus, e tem a sua existência principal em dimensões compostas de estruturas de personalidade e gestalts baseados em atividades psicológicas estranhas para ti.

Não estou a dar-vos uma espécie de conhecimento desencarnado, contudo. O conhecimento em si (*pausa, sorriso*) é consciente. Não é uma coisa morta transmitida, pois não tem significado sem personalidade e

realização, e dado que altera as personalidades através das quais parece fluir. Ao alterá-las, faz parte, por necessidade, da consciência das próprias células que transforma.

Não é como um líquido que passa por uma taça. Torna-se parte daquilo que o contém, e portanto parte da consciência, no vosso caso, das células e de todas as vossas estruturas. As palavras numa página impressa, por exemplo, não são mortas, nem meros símbolos inertes. Partilham a consciência do material sobre o qual são impressas e as várias letras individuais, pela sua posição e realidade, tornam cada folha única em relação a todas as outras.

A impressão, neste grau, percebes, tem uma consciência, mesmo neste sentido. A informação mais pequena não é inerte. Todos os símbolos têm um significado, portanto, em si mesmos também, e uma realidade à parte daquilo que se destinam a exhibir. Vê-lo-ás facilmente. A pintura de uma árvore, sendo um símbolo da árvore, tem todavia a sua própria consciência e realidade.

A consciência é composta pelas consciências individuais que formam o material contido na pintura e, mesmo assim, há também uma consciência gestalt que é o resultado da conceção geral do artista. Qualquer coisa que um observador aprenda ao olhar para a pintura é sempre conhecimento vivo, que altera a sua própria constituição.

O teu Seth ajudou-me aqui. Poderias dizer que és meramente um símbolo da tua própria realidade maior, já que a tua realidade maior existe em tantas outras dimensões como a árvore existe a partir de uma representação dela. Contudo, és consciente e estás desperto. Assim, por trás de toda a realidade em cada dimensão há sempre outras realidades e dimensões.

A consciência varia tanto em grau que, até agora, tens pouca noção real da sua unidade básica e da sua diversidade infinita.

Podes descansar.

(22h07. Perguntei à Jane se estava a sair do transe e ela acenou que sim. Depois abriu os olhos. Tocou levemente no topo da cabeça de forma interrogativa. “Ficas com aquela sensação estranha de extensão, sabes. Sabes muito bem que não há nenhuma pirâmide lá em cima. Mas sentes que há.”

(Ou seja, a Jane voltou a sentir, ou a estar consciente, do efeito do cone ou pirâmide, a extensão que se eleva até um ponto acima da cabeça,

explicada em várias sessões recentes. Este efeito simboliza a Jane e eu na base da pirâmide, com o Seth no meio e a entidade do Seth, representada pela nova voz, no topo ou vértice.

(O ritmo da Jane tinha sido bastante bom com a nova voz, mais rápido do que antes, e assim permaneceu quando retomou às 22h23.)

O teu bom amigo (*referindo-se ao Seth*) está mais do meu lado esta noite e irá transmitir algumas mensagens.

O episódio a que acabaste de te referir foi bastante legítimo e foi um exercício no uso dos sentidos interiores. O Ruburt estava também a aprender a receber e a focar energia, e foi isso que aconteceu na manifestação da mão. Neste caso, os membros da turma eram também transmissores, enquanto o Ruburt recebia e focava a força combinada.

(“Seth Dois” referia-se a acontecimentos na aula de ESP da Jane de 21 de Maio de 1968.)

Se nos deres um momento, o teu amigo gostaria de falar-te mais diretamente.

(Pausa às 22h25. A Jane ficou sentada em silêncio, olhos fechados, durante alguns momentos. Depois a expressão tornou-se animada e os gestos mudaram para os do Seth. Olhos fechados, arrastou a cadeira para a frente, a sorrir. A voz foi forte, imediata e divertida.)

Agora—

(“Boa noite, Seth.”)

—boa noite.

Tenho algumas observações para ti. (*Olhos abertos.*) A morte da mulher era a mais provável, em termos de probabilidades, e mesmo assim em muitos pontos, no momento da nossa sessão, ela poderia ter alterado essas probabilidades.

Se tivesse levado a sessão a sério, as probabilidades teriam sido alteradas. (*Pausa.*) Havia circunstâncias de vidas passadas em operação. No entanto, a mulher escolheu o momento da sua morte, com o conhecimento subconsciente de toda a família.

A criança que a encontrou sabia de antemão que isto ocorreria. (*Pausa longa.*) As personalidades envolvidas na relação familiar resolveram muitos problemas. (*Pausa.*)

(Aqui o Seth refere-se ao suicídio de uma mulher na quarta-feira, 22 de Maio. Há algumas semanas, o Seth deu uma sessão gravada para a mulher, a pedido de um membro da turma de ESP da Jane. A mulher já

tinha ameaçado suicidar-se antes. A família estava para sair de Elmira devido a uma nova oportunidade de trabalho. Dias depois, a Jane soube que a mulher para quem a sessão fora feita nunca chegou a ouvir a gravação, recusando-se mesmo, apesar de a ter pedido.)

Dá-nos um momento aqui. *(Pausa.)*

Três das crianças alcançarão alguma proeminência, para a qual a perda psicológica da mãe, nas condições dadas, será responsável.

Subconscientemente, a mãe também sabia disto. Uma criança ficará muito mal, com problemas de saúde e mentais, se as probabilidades não forem alteradas.

(A Jane não conheceu a mulher nem as crianças; conheceu o marido no ano passado, enquanto procurava emprego.)

A mulher já tinha decidido um local de nascimento em Ohio para a sua próxima existência, daqui a cerca de 30 anos. *(Pausa, sorriso.)*

As novas condições nas vossas sessões deixaram o Ruburt um pouco instável, de forma que ele ficou mais dependente de qualquer outro pequeno procedimento estabelecido entre vocês. Ele acha que o meu amigo é um peixe frio *(divertido)*, mas nunca foi uma barbatana.

Sugiro um desempenho constante durante dois meses, seguido de uma semana de descanso, durante algum tempo. Isto permitirá que as vossas energias se regenerem, e no geral será mais seguro.

Agora, quando estão cansados, de qualquer forma não fazem sessões, e este sentido de dedicação pode ser melhor mantido com períodos alternados de trabalho e repouso.

O teu próprio pai *(referindo-se ao meu)* esteve em contato com a sua parente recentemente falecida *(Alice Butts)*. A sugestão ajudará novamente com as tuas memórias de sonhos. Liga essas sugestões ao que te disse de que o teu pai está livre agora. Tens alguma pergunta para mim? *(Com humor.)*

(Pausa. “Não me ocorre nada.”)

Isso é uma confissão.

(“Eu sei.”)

Gosto de estar convosco. Visitarei na vossa próxima sessão, e espero encontrar-vos mais animados.

(“É agradável ouvir-te.”)

De facto, é! Estou sempre aqui de alguma forma durante as vossas sessões. O Ruburt ainda não é suficientemente bom para mudar de canal

rapidamente, mas está a aprender. (*Pausa.*) Como parece menos animado do que o habitual, podes encerrar a sessão; mas posso ficar um pouco mais agora que estou aqui. Sou um hóspede barato. Os meus votos mais calorosos para ambos.

(“Boa noite, Seth.”

(22h45. A Jane saiu facilmente do transe, dizendo que ainda tinha um resquício do efeito da pirâmide mesmo enquanto o Seth falava — e no fim da sessão. O Seth fora o seu habitual eu enérgico, em contraste marcado com a voz fria e distante da entidade dele, como lhe chamam.)

SESSÃO 413

29 DE MAIO DE 1968

(Mais uma vez, a Jane começou a sessão a falar na nova voz: mais aguda, clara, formal e algo distante. De novo, as frases terminavam muitas vezes num tom ascendente.)

A Jane disse que agora está a começar a ter “pequenos vislumbres antes de uma sessão”, que lhe indicam quando esta vai começar, com a nova voz. Quando o Seth se manifestava regularmente, ela sabia sempre de antemão da sua presença emocional, dizia, e por isso não tinha dúvidas nem questões sobre iniciar uma sessão.

A Jane deu ontem à noite uma sessão bastante longa e intensa para a sua turma de ESP, falando com ambas as vozes. A sessão foi gravada, e quando obtida uma cópia será inserida neste registo.

(Como de costume esta noite, os olhos dela abriram-se frequentemente; com pausas.)

Boa noite.

(“Boa noite.”)

Existem coordenadas infinitas, como infinidades de prismas, que se encaixam dentro, entram em, transpõem-se sobre e permeiam o vosso próprio sistema físico, mas os vossos sentidos exteriores não as percebem.

Estas coordenadas são simplesmente pontos onde outros campos de realidade entram em contato. Cada um existe até certo ponto onde o outro está, e no entanto, as estruturas de camuflagem tornam necessário para aqueles dentro de qualquer sistema reconhecer apenas certas características daquele em que o foco deve ser mantido.

Na morte física, nos vossos termos, a estrutura de personalidade é capaz de se aproximar de certas coordenadas, percebê-las, e mudar o foco de um sistema para outro. Quando isto ocorre, a construção física primária, o material de camuflagem, perde o seu poder. O indivíduo pareceria desaparecer sem deixar rasto.

A personalidade de facto volta o seu foco para outro campo de realidade, e abandona a imagem de camuflagem que mantinha. Contudo, algum traço dessa personalidade permanece nessa realidade de camuflagem, literalmente, como aquilo a que poderíeis chamar uma imagem-fantasma.

Este fenómeno não se destina a explicar casos legítimos em que a personalidade e a própria consciência regressam para fins de comunicação. Este traço de imagem é uma manifestação persistente, uma impressão dentro do vosso sistema, uma parte da sua realidade, e é mantido nela como, por exemplo, poderíeis reter uma ideia na vossa mente muito depois de esta ter sido expressa fisicamente. Tal como uma pintura que é destruída fisicamente pode continuar a ser retida na vossa mente, assim na realidade do sistema físico permanece um traço, uma imagem-resíduo da estrutura de camuflagem que envolveu uma determinada personalidade.

É como se os próprios elementos físicos retivessem, nos vossos termos, a memória de todas as imagens de que alguma vez fizeram parte; e esta é uma explicação simplificada do que de facto ocorre. É uma questão difícil de vos explicar, pois as palavras que devo usar têm de ser formuladas em termos algo questionáveis.

Por exemplo (*pausa, olhos fechados; uma de uma série por aqui*), estava prestes a explicar-vos dizendo que estes traços de imagem não são, evidentemente, visíveis fisicamente, mas latentes. Creio que a vossa palavra latente sugere algo que ainda não se mostrou, no entanto, o tipo particular de imagem-fantasma a que me refiro já se manifestou fisicamente.

Existe após a morte em forma latente, no sentido em que (*bastante animado aqui*) pode materializar-se novamente. A possibilidade está lá, mas regra geral isto não ocorre. Esta imagem existe abaixo do limiar da matéria. Poderíeis chamá-la uma imagem-memória terrena. (*Pausa.*)

Existe uma imagem correspondente, mantida sempre dentro da consciência interior daqueles que saem do vosso sistema. (*Longa pausa. Uma de várias aqui.*) Esta é indelével, mas nem sempre imediatamente

disponível para referência. Forma parte do todo do eu interior. Preferiríamos que não pensásseis em qualquer entidade inteira em termos de uma estrutura física, embora nós próprios tenhamos usado o termo estrutura para simplificar explicações, e provavelmente voltaremos a fazê-lo.

O conceito de estrutura pode ser usado por vós de muitas formas—como um veículo para transportar muitas ideias diferentes. Uma personalidade que comunica com o vosso sistema, que outrora fez parte dele, pode fazer uso deste traço de imagem. Este não é o traço de imagem da sua consciência, contudo. A consciência dele está ciente do traço de imagem, e por vezes pode utilizá-lo.

Podeis descansar.

(A Jane saiu do transe facilmente em poucos momentos. Tinha experimentado de novo o efeito de pirâmide ou cone até certo ponto, mas não tinha a certeza se o sentira enquanto transmitia o material. Tinha tido consciência do efeito também durante a sessão não agendada da noite passada.)

(A nova voz manteve as suas características esta noite, mostrando talvez um pouco mais de animação do que o habitual; tornando-se um pouco mais forte à medida que a sessão avançava. A Jane retomou com a mesma voz, a um ritmo mais lento.)

Conscientemente, sois capazes de focar, compreender e ganhar desenvolvimento num campo de realidade de cada vez. *(Sorriso.)*

Estes pontos, estas coordenadas, estão por toda a vossa volta e incidem constantemente sobre a vossa forma física e o vosso universo, mas não os podeis compreender nem perceber. Conscientemente trabalhais com aquilo a que chamais uma estrutura psicológica de campo de uma realidade. Outras partes da vossa entidade total não estão assim limitadas.

Isto é simplificado. Conscientemente lidais com os problemas de uma dada vida física. Conscientemente não estais cientes daquilo a que chamais reencarnações, embora estas ocorram dentro do vosso próprio sistema. Agora, estas não são existências separadas de todo. Apenas vos parecem assim. A vossa identidade terrena *(sorriso)* em termos singulares, é uma existência. Quando dormis de noite e acordais, não supondes ser uma nova personalidade, nem imaginais que morrestes durante a noite. Isto é o que fazeis quando imaginais que tendes várias existências como pessoas diferentes.

A vossa verdadeira existência, mesmo dentro do vosso sistema, é demasiado para lidardes com ela em termos conscientes, daí os segmentos aparentes. Sabeis que viveis estas vidas aparentemente diferentes em simultâneo, à medida que ganhais desenvolvimento, mas é sempre vós a ganhar desenvolvimento numa variedade de papéis. Por isso, sublinho essa unidade. É apenas porque conscientemente não percebeis a unidade que as várias reencarnações parecem tão diversas e separadas.

Assim, enquanto operais numa estrutura psicológica de campo de uma realidade, nem sequer percebeis a nível consciente toda a sua realidade, nem o vosso lugar nela. A palavra progressão é má, e mesmo assim tenho de a usar. (*Pausa; sorriso.*) O material do Seth sobre ação ajudar-vos-á aqui.

A vossa consciência expande-se e desenvolve-se de acordo com as suas próprias capacidades. Vidas anteriores são tratadas em termos conscientes quando estais em existência entre vidas físicas. Quando estais completos nesses termos podeis operar dentro de um padrão psicológico de campo de duas realidades, no qual estais conscientemente cientes de existir em dois sistemas em simultâneo, e capazes de manipular com plena consciência dentro de cada um.

Uma existência psicológica pressupõe experiência, experiência em termos de realização de valor (*pausa*) e a manipulação emocional e conhecimento direto de estados subjetivos. Isto envolve uma capacidade e habilidade para vos lançardes de corpo e alma numa situação envolvente de realidade, e mesmo assim estardes cientes do eu que então está tão perdido ou envolvido. (*Pausa; entrega enfática.*)

Estou apenas a começar a insinuar aqui as estruturas e capacidades psicológicas. De certa forma, o eu interior torna-se o eu egotístico consciente nos vossos termos. (*Pausa.*) A consciência lida com cada vez mais atividade. (*Pausa.*) O sentir então é permitido ativar diretamente (*longa pausa; hesitante*)... (*Pausa.*) Não estamos a transmitir este conceito com tanta clareza. (*Pausa.*) O pensamento torna-se instantaneamente tão real quanto o vosso universo físico é para vós.

O Ruburt falou antes da sessão sobre lidar com a agressividade. Conscientemente tendes as emoções de uma personalidade com que lidar e dirigir de forma construtiva. Um conjunto de responsabilidades e potenciais. A outros níveis tendes os problemas, potenciais e responsabilidades de muitos para lidar da mesma maneira.

Podeis descansar.

(A Jane ficou sentada em silêncio por um momento, depois estremeceu e saiu do transe. A voz dela manteve-se igual ao longo de todo o tempo, e quase rápida por vezes. Disse que sabia que estava a ter dificuldades naquele trecho mais lento, acima. Estava a fazer um esforço para transmitir algo usando palavras que fossem corretamente sugestivas. Era muito difícil, mesmo estando ambos os lados a fazer o que deviam.)

(A Jane disse que estava a receber lampejos intuitivos que eram apenas sensações, ou coisas que não podiam ser colocadas em palavras; não conseguia traduzi-las nem para si mesma.)

(Ela disse que por vezes “estas personalidades” parecem ser capazes de olhar para dentro da sua mente e ver como ela vai transmitir um dado dado; se não aprovam, então podem mudar a forma como lho transmitem para falar, para que o recebamos da maneira certa. A Jane disse que costumava desconfiar muito deste processo, mas já não o faz. Pensa que isto pode ser a razão pela qual não perde completamente a consciência durante as sessões—para poder ajudar as personalidades enquanto estas usam a sua discriminação verbal.)

A Jane retomou com a voz nova habitual às 22h36.

Estas sessões, por si mesmas, são uma evidência muito ténue. Tal como mencionaste, o eu egotístico do Ruburt está agora consciente de potencialidades e problemas que não existiam para ele anteriormente. Pois a realidade não existia conscientemente então.

Nas projeções conscientes estais também a aprender a lidar, até certo ponto, com realidades psicológicas multifuncionais. Muito do que vos direi sobre a minha estrutura psicológica basear-se-á inicialmente em alguma informação que tendes sobre os sentidos interiores, pois estes são os meus sentidos conscientes.

Usá-los conscientemente provoca automaticamente uma realidade psicológica tão diferente da vossa que se torna alienígena. Em termos de realização de valor, há uma variedade tão multitudinária de experiências mantidas simultaneamente que não poderíeis contê-las nem manter a realização da vossa própria identidade.

Sou capaz de as alterar como ação enquanto retenho o conhecimento de que sou aquilo que muda, e encontro a minha estabilidade na mudança. Vós tendes de conter a ação para fins percetivos. Na verdade, não a

contendes, mas a vossa estrutura psicológica de campo de uma realidade só experiencia em minúsculos segmentos.

Há o suficiente nesta sessão para vos dar alguns vislumbres evocativos, mas o material será explicado em muito mais detalhe. Uma mensagem que estou a transmitir ao Ruburt: a resposta é concentrar-se na liberdade. A liberdade em estados emocionais mantém o sistema limpo. Apenas ações impeditivas o bloqueiam. Ele temeu usar a liberdade emocional.

(O acima em referência a uma conversa mais cedo no dia.)

Isto é suficiente para a sessão desta noite.

(A Jane fez uma pausa. Após um minuto, às 22h47, despedi-me de cada personalidade, imaginando que o Seth tinha estado presente mesmo que inaudito. Os olhos da Jane abriram-se brevemente. A expressão dela mudou, sorriu, e soube que o Seth falaria. Veio através de uma voz forte e animada.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Estimulei os estudantes do Ruburt. Eles estão a aprender a um ritmo mais rápido do que percebem. *(Sorriso.)*

Estou aqui simplesmente para que o Ruburt saiba que me pode alcançar. A sessão foi suficientemente longa esta noite, contudo, mas sabeí que estou aqui quer me oiçam quer não oiçam — o meu trocadilho — a minha voz melodiosa. Desejo-vos a ambos uma afetuosa boa noite. *(“Boa noite, Seth. É bom ouvir-te.”)*

(22h50. A Jane saiu do transe facilmente. Tinha estado cansada esta noite mas a sessão foi boa.)

SESSÃO 414

5 DE JUNHO DE 1969

(Duas sessões não agendadas foram realizadas a 28 e 30 de Maio. A Jane também teve uma longa sessão não agendada na noite passada. Todas estas três sessões foram para turmas de ESP.

(A Jane sentiu-se muito melhor hoje depois de ter atingido recentemente um ponto algo baixo. Hoje também ocorreu o assassinato do Senador Robert F. Kennedy. O John Pitre telefonou esta noite da Louisiana, com três perguntas para a Jane. Estas diziam respeito à sensação de inquietação do John em relação à sua esposa Peg, na semana passada; à estranha perda de sensibilidade nas pernas em tempo quente; e a um esforço para saber algo do Seth sobre um piloto que desapareceu há cerca de quatro anos num avião ligeiro perto da cidade natal do John, Franklin, LA, que fica perto do Golfo do México.

(Não sabíamos que personalidade falaria esta noite, nem que temas seriam abordados. Sentámo-nos para a sessão como de costume às 21h. À medida que se desenvolveu, o Seth falou toda a noite, numa voz como habitualmente, com pausas, olhos frequentemente abertos.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ora bem. Estais preocupados com assuntos bastante terrenos. E angustiantes.

Nações, tal como indivíduos, passam por ciclos de reações emocionais. Um indivíduo pode ser varrido por certos padrões emocionais e depois afastá-los, e ficar sob a influência de outros padrões emocionais; assim também o fazem as nações. Sendo compostas por indivíduos, os problemas gerais resolvem-se numa série de atos.

Os atos são tentativas de resolver problemas. São muitas vezes tentativas de livrar a psique de massa de agressões explosivas, mal direcionadas e mal compreendidas. Tal como um organismo físico tenta expulsar venenos que impedem a sua saúde, assim o organismo psíquico de massa, simbolicamente falando, tenta livrar-se desta agressão agora venenosa e sobredesenvolvida.

O organismo físico forma pontos fracos através dos quais o veneno pode ser expelido. Para se salvar enquanto unidade funcional, sacrifica uma parte de si mesmo. O mesmo acontece com a psique de massa. Certos indivíduos estão particularmente talhados para esta função, devido ao seu

próprio historial interior, o resultado agregado de fortes desafios que se propuseram enfrentar.

Ao nomearem o veneno atraem-no. Tornam-se, com pleno conhecimento interior, vasos, ou melhor, canais através dos quais o veneno pode, até certo ponto, ser expulso. Obviamente isto não resolve o assunto. Mas através deles e da sua aparente destruição o veneno é visto e reconhecido pelo que é. Só então, no vosso sistema, surge esta realização interior necessária, devido às circunstâncias exteriores.

Estas mortes em massa são a forma da vossa nação assinalar uma tendência interior extremamente perigosa, que de outra forma poderia ter consequências mundiais ainda mais graves. Obviamente resultam consequências sérias destes assassinatos recentes em particular.

As consequências, no entanto, para a nação e para o mundo seriam muito mais desastrosas se estes ódios e agressões não tivessem encontrado estas saídas terapêuticas, quase cirúrgicas, infelizmente necessárias.

Não estou a desculpar, percebeis, a situação. O ódio interior e a agressão não foram reconhecidos pela nação no passado. Uma atitude de superioridade moral evoluiu para uma hipocrisia espiritual. Parte disto foi resultado de ideais que não podiam ser cumpridos em termos práticos — uma sobre-idealização. Isto não significa que boas intenções tenham causado estas situações.

Os ideais eram proferidos mas não objeto de crença. Os indivíduos apenas o diziam da boca para fora e, contudo, a culpa individual e coletiva cresceu devido à diferença entre ideais e comportamento. O país não enfrentou a sua própria realidade interior. Tendes então uma condição esquizofrénica. Aqueles que estiveram nas posições de o King (Martin Luther) e de ambos os Kennedys trazem os problemas psíquicos interiores ao auge. De certa forma agem como médicos, mas são também o paciente que morre. *(Nota-se aqui que o Seth implica que o Senador Kennedy, que estava vivo no momento desta sessão, morreria. Na verdade, o Senador morreu na manhã seguinte, perto das 5h, EDT.)*

Existem ligações psicológicas estreitas em todos os casos — redes psicológicas, e reconhecimentos psíquicos que unem o assassino e a sua vítima, e estes são conhecidos pelo eu interior. A estatura e o significado por trás da vítima aumentam a natureza horrível do ato, e claro que este é o ponto.

O ponto não seria tão claramente feito, percebeis, se a vítima fosse um homem entregue ao crime. Ele deve ser de uma forma ou de outra um símbolo dessas qualidades idealizadas às quais o indivíduo e os nativos em massa do país prestam conversa fiada. Estes ideais são altamente vitais e importantes. A força do ódio e da agressão interiores não reconhecidos pode ser desastrosa, e ainda assim funciona ao serviço do ideal.

Opera, esta agressão opera, como uma verificação constante. Mostra a taxa de progresso. É uma medida pela qual podeis ver fracassos. Se não fosse isto poderíeis enganar-vos, como a vossa nação se enganou durante alguns anos, sem perceber a sua condição psíquica interior. Os ideais então são proferidos, mas não são levados a sério. Sem estas mortes recentes, o vosso país poderia ter iniciado uma guerra desastrosa.

Iniciado. Sem a luta por estes ideais desenvolve-se um vácuo complacente. Agora a verdadeira luta por estes ideais resulta em força. A luta resulta em força. (*Longa pausa.*) Se houver uma luta honesta, um esforço honesto para a paz e fraternidade, então mesmo que a guerra irrompa em termos práticos, o desenvolvimento psíquico é mais saudável do que se não houver esforço pela paz, ou se os ideais forem apenas proferidos.

Se os ideais forem apenas proferidos, e a ideia de paz não for seriamente perseguida, então este é um estado inferior, mesmo que não haja guerra. Estes homens estão a mostrar à nação a diferença entre ideais e ações. As mortes deles apontam o caminho e darão o ímpeto que era tão necessário.

Eles fornecem pontos de crise. A vossa nação, devido à sua grandeza e ideais, deve julgar-se de acordo com esses ideais. Portanto, não pode permitir-se julgar-se contra outros, considerar-se superior, e descansar. Tais assassinatos teriam sido tomados como garantidos em algumas outras nações. Aqueles que apontam o dedo agora, no entanto, sabem, num certo sentido, que têm o direito de o fazer pois são vós que estabeleceram os ideais de paz e fraternidade. É contra estes, então, que deveis julgar-vos.

A força não vem, em termos nacionais, força real, de uma postura agressiva de intimidação. Mas surge quando o povo dentro de uma nação faz um esforço honesto para trazer à realidade física a materialização dos seus ideais individuais e coletivos. O melhor que há neles, seja qual for o seu ponto de desenvolvimento. A unidade e a força são reconhecidas psiquicamente.

Vou deixar-vos descansar. *(Com humor.)*

(A Jane disse que mesmo antes de a sessão começar, teve um “vislumbre” de que outro Kennedy estaria envolvido numa tragédia, ou que a situação atual envolvendo o Senador Kennedy evoluiria para outra tragédia.)

(Antes da sessão a Jane não sentiu o efeito de pirâmide ou cone, como costuma sentir quando a entidade do Seth vai falar. Depois o Seth manifestou-se.)

(Durante a pausa perguntei em voz alta se o Seth precisava de comunicar com a sua entidade antes de ter permissão para falar. Na verdade, não queria usar a palavra permissão, mas sim se tinha de haver algum tipo de entendimento ou acordo entre as duas personalidades sobre quem conduziria a sessão, ou pelo menos começaria. As consequências divertidas são evidentes quando a Jane retoma como Seth.)

Não preciso de permissão para falar. *(Alto e enérgico.)*

(“Está bem. Escolhi uma palavra infeliz.”)

Não preciso de uma autorização por escrito. *(Inclinando-se para a frente, olhos bem abertos.)* Digamos que tu, como personalidade, podes escrever e pintar. Precisas da permissão do teu eu escritor para pintar?

(“Não.”)

Tens mais alguma pergunta que eu possa anotar de forma tão rápida?

(“Não.”)

Sem estes assassinatos a nação não saberia o que está errado consigo mesma. Os assassinatos são sintomas, mas sem sintomas o paciente não se aperceberá de que algo está errado com o eu interior.

Dá-nos um momento. *(Mão levantada, olhos fechados, pausa de um minuto.)*

O pensamento anterior do Ruburt estava correto, considerando probabilidades neste momento. *(“Que pensamento?”)*

Outra tragédia em perspetiva, ou intimamente ligada à situação presente, com aqueles envolvidos nesta situação presente, ou com outro membro da família Kennedy.

Agora o Johnson (o Presidente) também poderá enfrentar algumas dificuldades, em termos de saúde, e o seu coração. *(Pausa, olhos fechados, gesto.)* Não faças perguntas enquanto adensamos o nevoeiro do Ruburt... Há algo que estamos a tentar transmitir sobre o Humphrey... Creio que será ele o nomeado.

Acredito que o Percy terá algum papel a desempenhar, ou na convenção ou talvez na composição de um novo governo. Quando o primeiro irmão, ou melhor, o Presidente Kennedy, morreu, então soube-se que esta situação presente ocorreria, e o Bob Kennedy soube disto quase a nível consciente.

Ele cultivou ou adotou as características e gestos do irmão morto não porque, como se pensava, quisesse beneficiar do seu prestígio, mas porque tinha uma compulsão interior para o fazer, sabendo dos acontecimentos que viriam a ocorrer.

Por outro lado, ele lutou contra esta tendência. Com este incidente um ciclo completo chega ao fim, começando com a morte do antigo presidente e terminando com o incidente atual.

(“Achas que o Senador Kennedy viverá?”)

Pedi para não haver perguntas diretas.

Compreendo a tua preocupação, mas obviamente tinha uma razão para o meu pedido. Estou a tentar dar-vos a informação que penso que quereis, da forma menos distorcida possível. O Ruburt está a ir muito melhor neste aspeto, mas ainda não tão bem que uma pergunta, mesmo em voz baixa, não mude o nível do transe quando a pergunta é altamente significativa. Por isso, dá-nos outro momento.

(Pausa, olhos fechados. Seguiu-se uma pausa de três minutos enquanto a Jane permanecia sentada, tranquila, na cadeira de baloiço, com uma mão levantada aos olhos.)

O irmão mais velho da família Kennedy tencionava inicialmente assumir o papel do Presidente Kennedy. Os dois estavam intimamente ligados, mas o mais velho recusou o papel.

Ele próprio alterou as probabilidades de propósito, e o pai dele percebeu isto. Mas, assim alteradas as probabilidades, os outros dois irmãos de que falámos esta noite entraram em posições de ação diferentes.

O terceiro está assustado. Permanecerá numa posição relativamente passiva. *(Nota: Verão de 1975. Kennedy [Ted] disse que não se candidataria à presidência. JRB.)* Faz a tua pausa e trata do teu monstro amado.

(O nosso gato tinha ficado preso atrás de uma persiana e estava a fazer barulho para se soltar. Eu libertei-o e depois fechei-o atrás de uma porta enquanto a Jane esperava sentada, olhos fechados.)

Agora. Creio que o Garrison voltará às notícias em breve... Como primo dos Kennedys... (*Longa pausa.*) Eu próprio não conheço os termos médicos com clareza suficiente para os transmitir de modo que o Ruburt os possa traduzir.

Oclusão (*a Jane olhou para mim interrogativamente quanto a esta palavra e eu acenei afirmativamente*) para o Kennedy. Pressão num lobo frontal. Talvez um buraco, ou outro buraco perfurado para aliviar a pressão. Com tudo isto, e o seu conhecimento e aceitação do papel, e a sua escolha desse papel, ainda existe uma vontade tremenda, noutros níveis, de sobreviver dentro do vosso sistema. E uma hipótese de recuperação.

A eficácia e o papel dele estão, contudo, concluídos. Creio que sucumbirá. Este é o seu momento, contudo, e a sua escolha interior. O próximo momento nunca está predeterminado. Nunca, independentemente do que possais ouvir. O indivíduo pode alterar as probabilidades. Estas apontam agora para a sua morte. (*Pausa.*)

(Esta sessão foi realizada a 5 de Junho, na noite do mesmo dia em que o Senador Kennedy foi baleado. Foi anunciada, após a operação que tentou salvar a vida do Senador Kennedy, a lesão na parte posterior do cérebro, o cerebelo.

(*A 7 de Junho, os jornais publicaram artigos a explicar como também houve danos no cérebro, o cérebro anterior, que é o centro dos processos de pensamento. A Jane não sabia disto no momento da sessão, pois ainda não fora divulgado.*)

Se ele conseguir adaptar-se nesta vida a um outro papel vital mas diferente, então poderia viver; mas até certo ponto, basicamente, com um alinhamento diferente, nos vossos termos apenas, assumindo os problemas da próxima reencarnação sem mudar de forma física. Agora, isto é frequentemente feito. Não creio que ele tenha força para isso. (*Longa pausa.*)

Terça-feira. E separadamente, o dia 15. Inclui apenas isto.

Ele está a discutir assuntos com o irmão agora. No fundo deste incidente, e ligado ao assassino, uma mulher, uma irmã ou como se fosse uma irmã para ele.

Uma pequena mercearia.

(*No momento em que se escreve isto, grande parte deste material ainda não foi verificada por factos. No entanto, parte já foi. Logo após esta sessão, ao ligarmos a TV, sintonizámos uma entrevista com o proprietário*

e a esposa de uma pequena mercearia ou loja de alimentos onde o assassino do Kennedy, o Sirhan Sirhan, tinha trabalhado.)

Um encontro, ou num bar ou num local que de algum modo tem a ver com flores. Pois a ligação aqui é a palavra dália.

(Há um bar em Elmira, The Dahlia. A Jane perguntou-se depois da sessão se isto foi usado como ligação associativa.)

É melhor que escrevas isto, embora não esteja claro: um estabelecimento mineiro, que pode ser algo subterrâneo, percebes.

(Mais uma vez, soubemos via TV depois da sessão: o assassino pertencia evidentemente a uma organização pró-árabe, anti-Israel de natureza inflamatória. A Jane sabia da identidade árabe dele antes da sessão.)

George — isto pode ser separado, ou ligado aos dados do Garrison. *(Longa pausa.)*

De facto, a ligação árabe e a língua estrangeira e uma reunião de três inicialmente unidos numa conspiração, não definitiva. Depois tornada definitiva após o debate. Dois outros homens em particular. Um cujo nome tem fortes sons de A. E uma ligação de dinheiro com ele.

(Mais uma vez, visto na TV depois da sessão — os dois irmãos de Sirhan, em Pasadena, CA. Um chama-se Adele. A Jane não sabia disto antes.)

O outro com um nome que chega ao Ruburt como Farouk, embora isto não seja de todo preciso. Agora, ou há uma ligação com um rapaz de 17 anos, ou o encontro deu-se numa rua 17 ou com o número 17 no endereço.

CACHE *(soletrado)* e mais dinheiro a vir; mas sabia-se de antemão que não seria entregue. NI. *(Soletrado.)* A mulher em segundo plano mencionada anteriormente. Os três na reunião fortemente ligados a outro grupo de sete homens. *(Pausa.)* Uma parte interior de uma organização. E pouco claro aqui: a organização não é uma organização de fachada, mas também não é o que parece ser.

O conflito árabe-judaico mais envolvido do que parece. Talvez algum conhecimento por parte dos judeus, não necessariamente específico, mas suspeito, de que isto aconteceria, e uma realização política das suas consequências — benéfica para os judeus, que impediu avisos. Está claro?

(“Sim.”)

(Nos dias seguintes falou-se um pouco sobre este tipo de possibilidade; sobretudo o conflito árabe-judaico foi trazido à baila, pelo

menos por implicação. O tempo revelará se há uma aplicação mais específica destes dados, e o que se segue imediatamente.)

Não sei se o caso específico era conhecido, mas a sua probabilidade era suspeita (*pausa*), e de alguma forma algum dinheiro judaico pode ter estado envolvido embora não necessariamente o dinheiro pago ao prisioneiro.

Outra detenção ou acusação. Talvez de um homem de 36 anos ou por aí.

(Depois desta sessão soubemos que o irmão do suspeito, Adele, foi interrogado pela polícia. Adele tem 35 anos e foi preso há alguns meses. Ligação?)

Agora, vamos encerrar a sessão, e podem ligar o vosso ecrã-monstro e observar os acontecimentos. Havia vários outros temas que teria abordado, e há informações sobre toda a família que achariam interessantes.

(Como mencionado, ligámos a TV imediatamente após a sessão, e vimos alguns dos dados do Seth aparentemente a começarem a confirmar-se. Provavelmente terão de passar várias semanas até sabermos toda a história por trás do assassinato do Kennedy; então estes dados poderão ser avaliados com mais precisão.)

Como o Ruburt suspeitava, há também uma ligação com o ciclo emocional dele e os dois acontecimentos. Ele sabe ao que me refiro.

(Aqui o Seth refere-se a vários sonhos clarividentes que a Jane teve, relacionados com duas mortes recentes no nosso círculo de conhecidos.) Podeis, na verdade, fazer uma pausa e continuar se assim escolherdes, ou encerrar se preferirdes.

(“Acho que mais vale encerrarmos.”)

(Com humor:) O grande irmão e eu desejamos-vos uma boa noite então.

(“É bom ouvir-te, Seth.”)

Pensei em alegrar a vossa sala de estar, mesmo que a ocasião da noite não fosse agradável.

(O Seth fez uma pausa, em vez de se retirar, por isso fiz uma pergunta.)

(“Tens algo a dizer sobre as caras que tenho pintado ultimamente?”)

(O Seth fez uma pausa, esboçando um leve sorriso, olhos fechados.)

Muito bem. Um pós-escrito então, para a sessão. (*Pausa.*)

Uma forte entrada ou focalização da realidade interior na forma objetiva da

pintura. Estás agora a permitir que a forma interior venha totalmente à tona, e traga consigo a sua própria realidade e ambiente. *(Pausa.)*

O homem em que o Ruburt pensa, com os olhos estranhos, é um retrato bastante bom do artista de quem vos falei. Ele usava sempre um boné, contudo. *(Longa pausa; ritmo mais lento, olhos fechados.)* É como ele era numa vida na Bélgica.

(Aqui o Seth refere-se a um retrato em que eu estou a trabalhar sem modelo, de um homem calvo com feições algo jovens. É completamente calvo, e enquanto o pintava, perguntava-me por que razão ele seria calvo. Ver as sessões 401 e 402. O Seth deu então o nome do artista, Van Elver, dizendo que era da Noruega ou Dinamarca e que estava a passar dados de pintura ao Seth para que estes me fossem transmitidos.)

Desta vez, 1317–1351. *(Longa pausa.)* Ao lado dele uma mesa e um cálice dourado. Uma cadeira de veludo vermelho, com madeira ornamentada. *(Olhos fechados, a Jane fez gestos.)* Cortinas atrás de um autorretrato que ele fez de si mesmo. *(Pausa; ritmo lento.)*

A tua técnica está a melhorar imensamente, fluindo a partir da tua compreensão intuitiva. *(Longa pausa.)*

Mais vale encerrares, e falares... com o Ruburt...

(23h20. A Jane parecia prestes a adormecer.)

(“Está bem. Boa noite, Seth, e obrigado.”)

(Chamei o nome da Jane três vezes. Ela respondeu de forma ténue, sem se mexer, mas em cinco minutos abriu os olhos. Não lhe toquei enquanto chamava o nome, esquecendo que este era o procedimento completo sugerido pelo Seth nestes casos. A Jane disse que queria que eu lhe tocasse, mas não conseguia dizer-me para o fazer.)

(Depois do Seth se retirar, disse, a energia ainda a rodeava e ela não sabia como sair dela. Precisava do toque para uma segurança física. O estado, disse ela, era como estar perdido no trabalho, mas muito mais profundo do que isso.)

(A Jane disse que viu a cena com o Van Elver, tal como ma descreveu; incluindo o auto-retrato dele. Muito colorido e forte.)

SESSÃO 415

10 DE JUNHO DE 1968

(A 5 de Junho de 1968 o John Pitre telefonou à Jane desde Franklin, LA, procurando respostas para três perguntas: as razões para a inquietação do John em relação à sua esposa Peg na semana passada; as razões para a perda de sensibilidade nas pernas que o John sente em tempo quente; e dados sobre um piloto, Albert Blevins, que desapareceu num voo num pequeno avião perto da Costa do Golfo há cerca de quatro anos, presumivelmente perto de Franklin.)

(Talvez tenha sido a noite mais quente e abafada até agora neste verão, e a Jane não estava no seu melhor. No entanto, desenvolveu-se uma curta sessão, depois de nos sentarmos para uma à hora habitual, 21h. O Seth deu dados sobre o Albert Blevins; talvez o John os possa verificar. O Seth prometeu o resto dos dados pedidos pelo John na sessão seguinte.)

(A Jane começou a falar em transe com uma voz algo contida. Tivemos de manter as janelas abertas, e o trânsito foi um problema, como é habitual aqui no verão. Não tive dificuldade em ouvi-la, contudo. Usou muitas pausas, algumas bastante longas, ao transmitir este material.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Posso abafar qualquer ruído, se necessário. Agora dá-nos um momento. *(Pausa.)* Estas são impressões. *(Longa pausa, olhos fechados, depois abertos.)* Uma morte por afogamento, em vez de fogo. Um número, um três. Algo visto mas não relatado, por um homem que é dono ou trabalha numa pequena loja que vende iscos de pesca; e ou aluga barcos, ou alugava. *(Pausa.)* Ele não se apercebeu das implicações, da imediatez, de um objeto puxado enquanto empurrava. Isto foi no golfo. O 13 mencionado anteriormente pode possivelmente referir-se a números de estradas *(pausa)* de uma via que passa junto à loja de iscos.

(Ritmo mais lento.) Problemas de combustível; não falta de combustível, mas o combustível não estava a chegar onde devia chegar. Um desligar do motor *(longa pausa)*, no ar. *(Longa pausa.)* O piloto saltou. *(Longa pausa.)* O pára-quedas aterrou em cima dele, nunca se abriu completamente. *(Pausa.)* Uma ligação com um dia de Abril. Foi à noite que ocorreu o acidente.

Ele decidiu seguir numa direção diferente da planeada inicialmente, para visitar um amigo. Um homem. Tudo o que tenho aqui são as letras

(*soletrado*) D E L. Alguém ligado a ele tem uma irmã em Spokane.

(*Pausa.*) Não houve explosão. (*Longa pausa.*) Onde o avião caiu não foi tão longe da costa como pode parecer.

Há uma corrente subterrânea, subaquática, que capturou os destroços.

(*Longa pausa.*) O corpo do piloto não foi assim capturado contudo. O golfo aqui é mais estreito, ou há uma ilha aqui. O avião não caiu no meio de uma grande extensão — talvez entre o continente e outra margem. Está claro?

(“Sim.”)

(*Pausa.*) O piloto tencionava tentar saltar sobre terra firme. Muito brevemente aqui o golfo alarga novamente. Uma cidade talvez começando com B ou P, esse som. Faz a tua pausa.

(21h30 às 21h42.)

Letras QUA ainda com ligação aqui. Uma cidade de aproximadamente 2.000 habitantes por perto. (*Longa pausa.*) Agora dá-nos um momento.

Na nossa próxima sessão darei algum material relacionado com a mulher. As condições esta noite não são as melhores. Isto tem a ver com os padrões químicos característicos do Ruburt no primeiro tempo quente. O sistema dele faz ajustes gerais, relacionados com a utilização da sua própria energia, e a forma como a utiliza individualmente. Vamos encerrar a sessão a não ser que tenhas perguntas, Joseph.

(“Não, acho que não.”)

Os meus mais sinceros votos para ambos.

(“Boa noite, Seth.” 22h45.)

SESSÃO 416
12 DE JUNHO DE 1968

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

De facto, só agora disse ao Ruburt que se o vosso Roosevelt fazia as suas conversas ao pé da lareira, eu posso fazer as minhas, mesmo sem o benefício de uma lareira.

(“Sim.”)

(Comentário humorístico do Seth, acima, refere-se a uma intuição que a Jane recebeu dele mesmo antes de a sessão começar.)

Em certos aspetos, isto destina-se a ser uma sessão acolhedora, confidencial. Agora. Finalmente o nosso amigo lançou-se mesmo no nosso livro. Agora além de tudo o resto, Joseph, houve tensões e pressões colocadas sobre a personalidade do Ruburt. Não foram causadas por mim, e mesmo assim a experiência em si, como qualquer nova experiência, qualquer empreendimento que valha a pena, qualquer avanço, estava destinada a desafiar as capacidades da personalidade.

A minha própria personalidade tem sido uma influência estabilizadora, e tenho dado conselhos ao Ruburt mesmo quando ele não se apercebia disso. A personalidade dele, tal como a tua, beneficiou de formas que não podes medir. Como sempre soubeste, a atitude dele em relação ao nosso livro representava, claro, a atitude dele em relação às nossas sessões. Liberdades intuitivas devem agora ser reconhecidas da parte dele. Ele tem bloqueado muitas dessas liberdades. Direi pouco dos sintomas. Eles desaparecerão à medida que ele continuar a fazer as pazes consigo mesmo.

Tens alguma pergunta para mim?

(“Não. Porque não continuas como de costume?”)

De facto, continuarei. Há algum material que tenho de dar para o teu correspondente, e para isso dá-nos um momento, por favor. *(Pausa.)*

A situação com a mulher é tal como a descrevi.

Agora, como sabes, sou um professor, e interessado no ensino. Não sou médico. Isto significa que a minha abordagem a um problema dado será vastamente diferente da abordagem de outra personalidade, mesmo no meu plano, que tenha interesses diferentes. Por isso preocupo-me, e enfatizo, a importância do conhecimento interior, e vejo os sintomas físicos pelo que são — um reflexo de uma realidade interior.

A realidade pode ser um problema. Um médico tentará, da melhor forma que souber, aliviar os sintomas, e a maioria deles, independentemente do seu plano de atuação, contenta-se com isso. Curar uma doença por qualquer método não é remover a causa interior, a não ser que sejam dados outros passos precisos.

Estes passos, em última análise, só podem ser dados pela personalidade envolvida. Se toda a doença foi adotada por uma personalidade por uma razão específica nesta vida, então foi adotada para que a personalidade envolvida compreenda a doença como um símbolo materializado de um desafio ou problema que a personalidade se propôs enfrentar. A personalidade, portanto, se resolver o problema, vencerá a doença.

Em alguns casos a personalidade coloca-se deliberadamente numa posição tal que a própria doença, o suportar dela, provoca certas características espirituais necessárias. Nestes casos a doença serve um propósito. No entanto, a doença não é imposta a ninguém. Já demos informações sobre as vidas passadas da mulher, que conduziram à adoção desta doença.

Agora compreendo que para quem está intimamente e diariamente envolvido com a mulher, é difícil ver propósito ou razão na condição. Dado que o conhecimento egotístico da mulher não inclui estes dados, há obviamente dificuldades aqui também. Mas o eu interior da mulher sabe que ao enfrentar tal condição e encontrando, mesmo assim, alguns momentos de alegria, até alguma compaixão pelos outros, a personalidade satisfaz muitos daqueles sentimentos de inadequação de uma existência passada encerrada. (*Pausa de um minuto, olhos fechados.*)

Agora. Nenhuma (*sublinhado*) condição física é irreversível, com exceção da perda de membros e órgãos definitivos. A personalidade está sempre livre para escolher, nos vossos termos, o seu futuro. Mas a escolha cabe ao eu interior, que é a identidade real. Há, claro, outros elementos a entrar em qualquer situação dessas. Sugestões recebidas telepaticamente de outros, e assim por diante. (*Pausa.*)

A preocupação profunda do homem, por si só, fez muito para alargar a sua própria compreensão psíquica e espiritual. Um médico físico não seria de ajuda. A fonte não está no corpo.

Podem fazer a vossa pausa e continuaremos.

Obviamente a causa por detrás da doença não é sempre a mesma. Num sentido reencarnacional, a personalidade durante algum tempo assume o papel de uma pessoa doente, como um ator faria, e fica completamente imersa nele. Obviamente, de novo, mais dimensões estão envolvidas aqui do que no papel de um ator. O ator apenas tentaria imaginar como seria estar nessa posição. A pessoa, no papel reencarnacional, está tão imersa nele quanto possível. Ela decide assumir o papel por várias razões suas, e o eu interior sabe que o papel foi escolhido.

O eu interior não se sente ameaçado, portanto, apenas a parte da personalidade que está momentaneamente inconsciente da verdadeira situação. Outros também respondem, e estão neste drama pelas suas próprias razões. *(Longa pausa.)* O drama tem um tema, e através da resolução dos problemas aí apresentados o tema torna-se claro. Em alguns círculos psicológicos existem grupos terapêuticos que operam através da criação de tais dramas. Lembrai-vos, o propósito é terapêutico, embora possa não parecer. E nada disto deve ser interpretado como se o sofrimento não fosse bem real para os envolvidos.

Agora dá-nos um momento. *(Pausa.)*

Sabendo tudo isto, é ainda necessário que o marido continue os seus esforços, para seu próprio benefício.

Mais cedo recomendei um bom hipnoterapeuta, esperando que a mulher pudesse encontrar o seu caminho se sugestões positivas fossem dadas; pois mesmo que o eu interior tivesse resolvido os seus problemas, precisaria de ajuda, ajuda psicológica, para reverter a tendência física. Esperei que tal hipnoterapeuta pudesse atuar como guia, se a personalidade estivesse pronta para iniciar uma jornada de cura. O eu interior não estava pronto.

Dá-nos mais tempo com isto.

(O ritmo da Jane era agora bastante lento, e tornou-se ainda mais lento, com muitas pausas longas. A maior parte não será indicada aqui.)

Compreendo a profunda preocupação do marido. O médico e o médium mencionados pelo Ruburt são perfeitamente legítimos. Estou ciente do trabalho dele. Nenhum médico, no vosso plano ou no meu, pode aliviar um indivíduo de sintomas se os sintomas estão a servir um propósito válido para o eu interior; ou, ao aliviar sintomas particulares, outros surgirão.

Contudo, o médico de quem falo tem também um excelente “à-vontade de cabeceira”, por assim dizer (*humorístico e lento*) e comunica geralmente com outros níveis da personalidade que são desconhecidos para o ego. (*Longa pausa.*) Não haveria então mal nenhum, e talvez algum bem fosse feito, em estabelecer tal contato.

Dei-vos as minhas próprias opiniões o mais de perto possível. Observei a situação várias vezes. (*Longa pausa.*) Estabeleci contato com a mulher numa ocasião. (*Longa pausa.*)

As minhas ideias são tão diferentes daquelas com que ela está habituada que foi difícil para nós comunicarmos. Estou a tentar colocar isto em termos simples. (*Pausa.*) Somos todos indivíduos independentemente do nosso plano de existência. A mulher não conseguiu relacionar-se bem comigo. O médico de quem falei tem uma abordagem mais fundamental, percebes? Acompanhas-me aqui?

(*“Sim.”*)

Estou habituado a dar palestras. Ele está habituado a falar tranquilamente com os pacientes, ao nível de compreensão deles.

Agora podem encerrar a sessão ou fazer uma pausa, como preferirem.

(*“Vamos fazer uma pausa, acho eu.”*)

(*A Jane sorriu e saiu do transe facilmente. Ficou bastante surpreendida quando lhe disse que tinha sido uma sessão lenta, de facto com bastantes pausas longas intercaladas. Não tinha tido consciência de tais pausas enquanto estava em transe.*)

(*Disse que soube pelo Seth que o Seth assustou um pouco a Peg; ou seja, a abordagem dele foi algo a que ela não estava habituada, e teria sido melhor se ele tivesse falado com a Peg sobre Jesus, o Seu amor e poder de cura, etc.*)

(*O médico referido pelo Seth é o George Chapman, um inglês. As suas capacidades estão detalhadas no livro *Healing Hands*, de J. Bernard Hutton, publicado em 1966 pela David McKay Co., Inc., Nova Iorque.*)

(*Retomou-se às 22h40.*)

Agora. Mais vale encerrarem a sessão. Darei, contudo, algumas notas. Antes de mais, dentro do vosso sistema, relativamente falando, pode haver e geralmente há algum intervalo entre o meu próprio pensamento e a verbalização do Ruburt. O controlo sobre o sistema físico não é tão completo como quando o Ruburt o controla. Quando estou a considerar profundamente uma questão, portanto, há uma pausa da minha parte

adicionada ao intervalo natural mencionado anteriormente. Discutiremos isto mais detalhadamente pois levar-nos-á a outros assuntos que vos interessarão. Eu não opero os controlos do Ruburt tão automaticamente como ele próprio, percebem?

Outros elementos, por vezes, também causarão pausas. Vários ajustes entram também nisto.

Os meus mais sinceros votos para ambos, e para o vosso correspondente e para a mulher envolvida.

Agora, estou em excelente forma, mas compreendo as circunstâncias em que operais. Portanto não vos deterei. Tenho tal ternura pelo estado dos vossos dedos.

(“Estão bem.” *Pausa.* “Boa noite, Seth.”) (22h47. A sessão terminou num tom humorístico.)

SESSÃO 417

17 DE JUNHO DE 1968

(Mais cedo hoje a Jane e eu estivemos a discutir a melhor forma de avançar com o livro projetado dela sobre o material do Seth. Neste momento a Prentice-Hall está a considerar um prospecto para este livro. Decidimos que gostaríamos da ajuda do Seth com esta questão, por isso esperávamos ouvi-lo esta noite.)

(Sentámo-nos para a sessão como de costume às 21h.)

Agora, boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Longa pausa, olhos fechados.) Dentro de certos limites óbvios, receberéis o mesmo material básico quer tentem ou não limitar ou especificar o tema das sessões.

Os assuntos pessoais, perguntas, assuntos de preocupação diária, que podem ser mencionados porque a imagem emocional do Ruburt desencadeia a sua inclusão — estes serão sempre usados como exemplos para vos dar material que receberíeis de qualquer forma.

Com este método, os exemplos vêm da vossa própria vida. Haverá aqui uma unidade interior, embora nem sempre a percebam. Portanto não faz diferença qual o rumo que sigam nesse aspeto. Muitas vezes, no entanto, recebem informação que de outro modo não teriam recebido até uma data posterior, simplesmente porque o interesse emocional do Ruburt atua como gatilho.

Dirigem o foco do material nisso, de novo, os vossos interesses emocionais são importantes. Eles alcançam automaticamente certas direções. Respondo-vos como qualquer personalidade responde e não vos considero simplesmente como escribas, prontos a anotar as minhas palavras de sabedoria, independentemente do vosso próprio interesse.

A base emocional não limita a qualidade nem a extensão do material, mas acrescenta-lhe. A informação é transportada na corrente emocional. Se há pequenos afluentes agora e então, estes regressam sempre ao curso principal. Se alguns pedaços de detritos navegam alegremente rio abaixo (*com humor*), a resposta não é cortar o fluxo mas reconhecer a diferença entre aquilo que o rio transporta.

Os detritos, em qualquer caso, são apenas isso por comparação. Pequenos pedaços talvez desconectados de padrões maiores. Eles encaixar-se-ão — uma curva no rio (*sorriso*) e os padrões desconectados voltarão a encontrar-se. O rio tem então a sua própria realidade, e o ego vê apenas a superfície.

As vossas personalidades, num símbolo agora, formam as duas margens do rio através das quais o material flui. O fundo representa as ligações subterrâneas das vossas próprias vidas passadas. As interligações das vossas personalidades formam as várias correntes dentro do rio. O material é aquilo que flui através do rio. Sou a fonte dele, para os vossos propósitos práticos. (*Sorriso.*) Sou a terra de onde se formam as duas margens.

(*Com humor.*) O rio desce de montanhas altas inacessíveis, mas tudo passará por vós se forem pacientes.

Agora, não faz diferença, basicamente, como apresentam o material, desde que ele seja apresentado; quer deixem o rio fluir consecutivamente, uma onda de cada vez, quer o apresentem num balde de cada vez, retirado de vários pontos. Água pura, cristalina (*sorriso*) é água pura e cristalina, e um gole levará a mais quando o povo está num período de seca.

Alguns devem ser levados em baldes para irrigar terras interiores. O material é uma fonte. Será dado a várias pessoas de várias formas. Não vos cabe decidir qual é a melhor forma, nem sequer a mim. Será portanto apresentado de muitas formas ao longo dos anos. O método consecutivo, desde as primeiras sessões, apelará àqueles que têm pouco conhecimento de tais assuntos, e servirá para os deixar (*sorriso*) molhar os pés, trazendo-os desta vez para o fluxo pouco a pouco.

Até certo ponto isto deve ser feito para essas pessoas. Isto não significa, necessariamente, uma apresentação consecutiva que inclua cada sessão. Existem, contudo, aqueles que estão prontos para material mais denso. Para esses, a abordagem acima não é necessária. Uma abordagem numa altura não invalida o uso de outra abordagem noutra altura.

Pensar de tal forma poderia limitar o bem que o material pode fazer, e o número e tipo de pessoas a quem pode chegar. Tal como a ação, o material espalha-se em todas as direções. Pode ser apresentado em várias alturas de várias formas, cada uma complementar. Haverá, a certa altura, quem esteja interessado num estudo aprofundado do material; e tal como os estudantes do Ruburt trataram de satisfazer essa necessidade, também estas pessoas tratarão de o fazer. Isto envolverá um estudo sessão por sessão.

O Ruburt pode fazer o livro que agora tem em mente, segundo o esboço dado. Servirá como introdução, e a partir dele fluirão vários livros complementares.

Isto permite-vos aproveitar plenamente o conhecimento que não tinham quando as sessões começaram. Que ele, sempre que possível, inclua junto com o material sobre qualquer tema dado, os meus comentários pessoais. Deverá ficar óbvio no livro que o material não é desencarnado mas filtrado através da personalidade que é minha. Pois isto faz parte da mensagem.

Não se trata apenas da apresentação de ideias, embora estas sejam, claro, uma parte essencial do todo. É também o facto de que um indivíduo altamente vivo, como eu, transmite o material. Pois se me permitirem, o material é muito mais significativo porque é sustentado (*voz mais profunda*) por alguém que já não está dentro do vosso sistema.

As características da personalidade, portanto, serão por si só prova suficiente para todos, exceto para os néscios, de que uma personalidade totalmente independente e altamente articulada está por trás disto. Se me é permitido dizer, a minha personalidade faz muito (*divertido*) para afastar quaisquer elementos pseudo-espiritualistas deste assunto.

Por outras palavras, a inclusão das minhas características de personalidade com o material afastará quaisquer conotações espiritualistas de túnica branca e colocará a tese da personalidade sobrevivente sob uma luz mais apropriada. Tal como qualquer bom escritor deverá saber, diz ao Ruburt que não precisa explicar as minhas características; basta incluir excertos que as mostrem.

Se ele fizer isto da melhor forma possível, considerará os seus excertos sob dois pontos de vista — o que dizer, e como eu o digo, para que a personalidade e o material fiquem claramente mostrados em conjunto. Tornará tudo mais vivo. (*Longa pausa.*) A personalidade é ação, e como me tenho mostrado a vós nas sessões, isto acrescentou à ação das sessões.

Não importa que eu seja parte de algo maior. O que sou, tal como me conhecestes, é legítimo. Vou além dos limites aparentes desse eu pelo qual me conhecestes antes, mas é esse eu que podia comunicar convosco antes que pudessem saber mais sobre a minha realidade ou compreender que eu pudesse ser mais. (*Pausa.*)

A minha personalidade é o que torna o material único, pois é informação filtrada através de um indivíduo que é único de todos os outros. Portanto o Ruburt não deve tentar separar o material das minhas características pessoais. É perfeitamente apropriado, benéfico e legítimo que ele faça quaisquer investigações intelectuais que deseje, sobre diferenças de percepção nas nossas sessões, e quando está envolvido psiquicamente por conta própria, e todos os outros estudos intuitivos ou intelectuais deste género que tenha em mente. Mas não deverá apresentar as minhas ideias como se surgissem do nada, pois isso é roubar o material.

Digo isto não por nenhum egotismo mal orientado, mas porque a essência da personalidade é a única base significativa por trás da ideia. Qualquer outra abordagem roubaria ao material dimensões ricas, pois eu sou a prova do meu próprio pudim, percebem. Isto não é o material de Cayce, com informações que aparentemente surgem de algum vasto armazém de conhecimento. Em tais termos, tal armazém não existe.

O conhecimento não existe independentemente de quem sabe. Alguém deu o material ao Cayce. Não surgiu do nada. Veio de uma excelente fonte, uma personalidade gestalt piramidal, com características definidas, mas a natureza estranha da personalidade era demasiado chocante para o Cayce, e ele não a conseguiu perceber. (*Pausa.*) Estou a dar-vos o material através de uma personalidade que podem compreender; uma que é minha, uma das minhas preferidas. (*Sorriso.*) Assim o ponto fica claro.

Agora podem fazer uma pausa ou encerrar a sessão, como preferirem. (“Vamos fazer uma pausa.”)

(A Jane saiu do transe facilmente. Foi certamente uma das suas transmissões mais longas durante os quatro anos de sessões. Retomou ao estilo habitual do Seth.)

Agora. Existem tensões criativas nas vossas próprias personalidades que se manifestam em todos os vossos empreendimentos. Nem sempre as veem em perspetiva.

(Para mim:) Porque estás tão ligado ao Ruburt, existe a luta para concretizar emoções para com ele na vida diária. Isto, claro, sobreposto ao teu medo inicial de emocionalismo nesta vida. Parte do teu ímpeto artístico vem desta emoção inibida, mas novo ímpeto é recebido quando a emoção é permitida sair na direção do Ruburt; e através do Ruburt, agindo como um símbolo para ti, para o mundo em geral.

Por outras palavras, o emocionalismo reprimido só te levará até certo ponto antes de precisares de te reabastecer na realidade do Ruburt; e ao aproximares-te da realidade dele também ganhas, de forma diferente da que normalmente conheces, alimento do mundo natural.

Agora, de muitas formas isto aplica-se também ao Ruburt. Ambos procuram alimento juntos, depois mergulham nas vossas realidades interiores. Ele está mais sintonizado emocionalmente do que tu, no sentido de que é mais fácil para ele, ao sair do seu mundo privado, correr para ti com espontaneidade. Contudo são ambos igualmente dependentes, basicamente, deste alimento emocional necessário. Ambos o absorvem, e isso sustenta-vos durante algum tempo.

É usado no vosso trabalho, e no vosso trabalho conjunto. Forma uma estrutura interior da qual estão por vezes conscientes. *(Sorriso.)* Sem o teu sentimento para com o Ruburt e o impulso resultante de te concretizares emocionalmente para outra personalidade, o teu passado poderia ter impedido até mesmo o desenvolvimento artístico. *(Pausa.)* Em vez de servir como trampolim para a criatividade.

Por outro lado, a vossa relação ensina o Ruburt a direcionar e moldar os seus fortes sentimentos emocionais em trabalho significativo e produtivo. A tensão criativa beneficia assim ambos. Devem estar atentos, contudo, ao facto de que a concretização emocional na vida diária é necessária, mesmo que por vezes seja muito mais forte do que noutras, pelas razões dadas.

Devido às vossas naturezas procurareis isto, alimentareis, mergulhareis no vosso trabalho, e procurareis de novo alimento. Embora

este padrão mostre elementos bastante contrastantes, encontrarão um padrão natural; e alguma concretização emocional deve também ser evidente na vida diária.

As exigências emocionais do Ruburt são um estímulo ao teu próprio desenvolvimento. A tua resistência é um estímulo ao desenvolvimento dele. A necessidade dele de ti, por outro lado, também o impede de mergulhar, como fez na sua vida passada, demasiado profunda e emocionalmente noutras realidades sem os travões que o intelecto normalmente aplica. *(Divertido.)*

Se a concretização emocional e o alimento forem retirados por demasiado tempo, ele mostrará obviamente os primeiros sinais de dificuldade. Tu também os sentirás, mas ele dar-se-á conta deles imediatamente, e manifestá-los-á.

Sentir-se-á rejeitado, como sabes *(pausa)*, e isto pode levar ao ressentimento. Se os vossos períodos não estiverem sincronizados, estes períodos de que falei, e não estiveres pronto para esta concretização emocional, e ele estiver, então também pode haver ressentimento da tua parte. *(Pausa.)* Os períodos acabam por se sincronizar e ambos devem tentar compreender os sentimentos um do outro nessas alturas.

O teu trabalho individual, e o nosso trabalho, estão também aqui envolvidos.

Agora, dei-vos o que querieis, e alguma informação que achei que precisavam, e encerrarei a sessão: como o Velho Rei Cole, um alegre velhote era ele. *(Sorriso, enfático.)*

Os meus mais sinceros votos para ambos. *(“Foi muito útil.”)*

Eu tento sempre ser útil. *(Divertido.)* *(“E quase sempre consegues.”)*
(Sorriso. Pausa de um minuto, olhos fechados.)

Um outro ponto. *(Para mim:)* Agora, procuraste solidão. Querias estar sozinho, no meio da tua família. *(Ainda em transe, a Jane levantou-se, foi até à cozinha à procura de um cigarro. Longa pausa.)* A família tinha as suas severas desvantagens, mas estavas certo da sua estrutura, que era até certo ponto pelo menos, de suporte.

O Ruburt nesta vida também esteve sozinho, sem essa estrutura de apoio. *(Pausa.)* A estrutura à volta dele em criança não era de apoio, mas ameaçadora. Portanto ele está muito consciente da tua parceria com ele.

No início ele tinha um medo terrível de que ela lhe fosse tirada.

Em tempos de tensão ele olha para ela em busca de suporte. (*Pausa de um minuto.*)

Cobrimos agora o que tinha em mente, e vou deixar-vos. (*Pausa.*)
 (“Boa noite, Seth, e obrigado.”)

(23h02. *Mais uma vez a Jane saiu do transe facilmente. Disse que, no fim da sessão, mesmo antes de sair do transe, recebeu uma mensagem de que ouviria da editora Prentice-Hall dentro de três dias sobre o prospecto que têm para o livro sobre o material do Seth.*)

(*Mas a Jane não recebeu, ou não reteve, qualquer dado sobre o conteúdo de uma possível mensagem da Prentice-Hall.*)

SESSÃO 418

24 DE JUNHO DE 1968

(*Esperávamos que o Seth falasse esta noite, e que abordasse o material que a Jane e eu tínhamos estado a discutir mesmo antes da hora da sessão. Assim foi. O Seth começou de forma muito animada, sem saudação preliminar. Voz alta, olhos bem abertos, muito ativo e íntimo, ritmo rápido e muito bem-humorado.*)

Sou eu quem devia fazer o estudo psicológico por dentro — o que é falar através do Ruburt. Ora, isso nunca foi feito.

(*“Sim, Seth.”*)

— o que é falar através do Ruburt. (*“Está bem, porque não o fazes?”*)

Há aventuras psicológicas também no meu sistema.

(*“Dava um ótimo capítulo.”*)

(*Afetado mas sorrindo:*) Eu tinha muito mais do que um mero capítulo em mente. Tinha um livro completo em mente, embora não de grande extensão. Envolveria as várias mecânicas necessárias para tais comunicações da minha parte; os preliminares necessários para tornar o Ruburt consciente da minha presença inicialmente — (*“Parece ótimo.”*)

— os problemas envolvidos em educar aqueles que os vossos amigos se referem como os Buttses, e as várias trocas entre vós, o Ruburt e eu. Incluiria as formas como os mecanismos percetivos operam, as maneiras pelas quais tenho de ativar os padrões associativos do Ruburt no caso de informações clarividentes, e como é a vossa vida para mim, que a observo de uma perspetiva tão única.

Um livro assim seria escrito durante as nossas sessões, contudo, ditado por mim, pois o nosso amigo Ruburt não me deixaria dentro das horas de escrita dele. (“Isso parece uma ótima ideia.”)

Achei que estarias interessado. (*Seco.*)

(“*O Ruburt também.*”)

Haveria unidade, claro, e isso trataria da organização do nosso material. Percebes?

(“*Sim.*”)

Mas tudo seria feito do meu ponto de vista.

(“*Fascinante.*”)

Pensei em vir em vosso auxílio, pois um livro assim resolveria muitos problemas. Resolveria a organização das sessões, para começar. (“*Sim. Seria também único.*”)

(*E como dissemos durante a pausa, uma daquelas ideias que parece tão simples, assim que se ouve; tão óbvia que nos perguntamos porque não nos ocorreu há muito tempo.*) Assim seria. Não foi feito antes, assim, tanto quanto sei.

(“*Também acho que não.*”)

Desfrutaríamos de tal arranjo de dentro para fora. (*Pausa.*) Dá-nos um momento.

É óbvio que tal arranjo não poderia ter sido feito antes, pois o Ruburt não estaria pronto — nem, creio eu, sequer disposto. Não há razão para que outros livros assim não sigam. (*Com humor:*) Tenho tempo.

(“*Com este livro: assegurarias que te apresentarias ao leitor não iniciado, dando desde o início o contexto e o material introdutório necessários.*”)

O primeiro livro apresentaria, claro, quem sou, e envolveria um estudo de mediunidade; não do ponto de vista do médium, mas do ponto de vista da personalidade por quem ela fala.

Envolveria um olhar e exame do vosso sistema de realidade tal como me aparece. Incluiria as minhas declarações sobre como estas comunicações ocorrem, e que manipulações são necessárias do meu lado.

Um livro assim faria muito para explicar como o médium é levado, sempre que possível, a fazer aquelas declarações corretas que, somadas, dão quase aquilo a que os vossos parapsicólogos gostam de chamar um acerto — pois ela é quase literalmente atingida por elas.

(Sorriso.) Eu, claro, forneceria ao leitor uma declaração sobre o meu próprio contexto, e até certo ponto compararia as minhas atitudes em relação ao vosso sistema de realidade, pois quando vivi dentro dele as minhas opiniões eram bem diferentes do que são agora.

Deixaria claro a natureza e as condições em que agora tenho a minha existência, e explicaria algumas das razões para as várias, muitas vezes contraditórias, declarações feitas sobre a vida após a morte. Declarações recebidas por vários médiuns, em que se recebem quadros bastante diferentes da realidade pós-vida.

Um livro assim também incluiria, claro, os meus métodos de entrada no vosso sistema, e o tipo de personalidade-ponte dever psicológica que daí resulta. Pois aquilo que tendes durante as sessões não é realmente a minha identidade completa. (Pausa.) A vossa realidade não pode incluir tudo o que sou. Deve haver algum tipo de estrutura psicológica presente para eu usar durante as minhas comunicações, geralmente falando.

Por vezes, contudo, a minha identidade surge, e a minha realidade, tão claramente, que comparativamente falando (*sublinhado*), posso existir independentemente como eu mesmo sem a assistência habitual do Ruburt.

Tudo isto, claro, seria explicado em detalhe. (Pausa. *O ritmo da Jane tinha agora abrandado bastante.*) O Ruburt poderia, se assim o desejasse, acrescentar as suas próprias notas e comentários, pois a experiência dele nas nossas sessões é vastamente diferente da minha. (Pausa.) Um livro assim não teria absolutamente nada a ver com a escrita do Ruburt, que deve progredir ao seu próprio ritmo.

(Pausa às 21h30. *A Jane, como Seth, inclinou-se para a frente, atenta e divertida.*)

Este livro traria o meu nome. Mas dedicá-lo-ia —

(*“Isso é simpático.”*)

— a ambos. E quaisquer lucros seriam vossos. Tenho pouca necessidade deles.

(*“Bem, tenho a certeza de que a Jane gostaria de saber o que estaria a escrever enquanto tu nos dás este livro.”*)

Dá-nos um momento aqui. (Pausa.)

O homem na Prentice-Hall (*Tam Mossman, editor assistente*), simplesmente ultrapassou-se, como ambos suspeitam. Parece haver também outro homem envolvido, que é cauteloso. Além da mulher referida

na chamada telefônica. (*Longa pausa.*) J A B. Estas letras surgem-me simplesmente. Não sei se se referem ao homem.

Acredito que há uma Alice ligada ao vosso senhor Mossman.

(*“Alice?” Não percebi bem a pronúncia do Seth.*)

Alice. (*Pausa.*) O nome Grossman também me vem à mente, mas não sei a ligação. (*Cecile Grossman era editora na Prentice-Hall na altura.*) O Mossman tem um tio, creio eu, de quem gosta, ou gostava. O nome Albert surge-me. Um noivado ou casamento em 1962.

Um fragmento do passado, relacionado com uma criança. Um primeiro contato com o mundo dos negócios que foi desagradável. (*Pausa; uma de muitas aqui.*) O senhor Mossman tem uma tendência para exagerar. Uma avó e uma ligação com uma estrela. Não sei a ligação — talvez o nome dela fosse Bright.

Dois irmãos e algo errado numa perna. (*Longa pausa.*) Uma situação familiar desagradável, creio eu, em 1953 para ele. (*Longa pausa.*) Um leve espanto ou surpresa para ele, relacionada com algo francês ou estrangeiro. (*Longa pausa.*)

A senhorita Carr (*referindo-se à chefe imediata do Tam*), um feito espetacular o suficiente cedo na vida, creio eu. Duas filhas ou duas mulheres próximas dela. O nome Fred. (*Pausa.*) 34. Um avanço marcante. Uma incógnita há três anos. Ligação com um W. (*Longa pausa.*)

Cadeira castanha e orquídeas. Algo sobre a gaveta inferior direita da secretária; não temos isto claramente. Alguém que visita o escritório dela parece fumar charutos, e deixá-los num cinzeiro na secretária.

Ligação com carros de corrida. É melhor fazeres a tua pausa. A batalha do volume. Ela deve preocupar-se com o peso.

(*21h49 — a Jane saiu do transe facilmente, embora tenha sido profundo. O ritmo dela foi abrandando perto do fim da transmissão. [Nota: Numa visita a 7/12/68, o Tam confirmou 8 destas impressões.] Retomado às 22h11.*)

O livro introdutório continua a ser uma excelente ideia, e um desafio para a capacidade do Ruburt.

(*Isto refere-se ao livro sobre o material do Seth que a Jane começou agora.*)

Ele precisa do desafio, e estou certo de que o cumprirá. É muito mais estranho do que ficção, e se ele vir bem, um livro assim transporta em si o seu próprio suspense.

Agora, o meu livro terá necessariamente algumas coisas que não vos serão novas, mas conterà muita informação de que tendes pouco ou nenhum conhecimento agora. Será um documento bastante original.

Poderá ter o tom de uma série de palestras, mas assegurarei que sejam interessantes. Acrescentarei o que for preciso em forma de demonstrações à medida que avançarmos. (*Longa pausa.*)

Não há razão para que o Ruburt não possa trabalhar no seu próprio livro simultaneamente, e segundo o ponto de vista dele. No entanto, ele deve regressar à sua poesia e à pintura como passatempo. Estes são os seus pontos fortes, e a pintura representa mais do que ele imagina, pois tem talento para isso por experiência prévia.

(*Para mim, com um sorriso e ar sério.*)

Agora tenho uma experiência para ti. Pode não te parecer grande coisa. (*Pausa.*) Mas experimenta.

Quando fores incomodado por ruído e tumulto, pelo trânsito e o som das vozes dos vizinhos, pelos corta-relvas e outros sons irritantes, tenta isto: não os combatas. Mergulha neles de propósito; acompanha-os como ação, e podem revigorar-te.

(*“Estive a pensar nisso hoje.” Depois de me queixar imenso ontem à noite.*)

Faz disso um ato de vontade, e as tuas intuições, curiosamente, serão refrescadas. Elas não precisam de servir automaticamente como factores inibidores a menos que o permitas. Mas não basta, no teu caso, ignorá-los e desprezá-los. Deixa-os trabalhar a teu favor.

Se for feito no espírito correto, isto ajudará a libertar a tua natureza intuitiva, e em grande parte ajudará a dissolver bloqueios automáticos que têm sido inibidores.

(*“Está bem.”*)

Não precisas ter medo de acompanhar aquilo que estes sons representam. Não perderás o teu sentido de isolamento nem a tua individualidade. Isto está basicamente por trás da tua reação, relacionado com a tua vida precoce. Sentias a vivacidade e vitalidade da tua mãe como ameaçadoras, pois não eram disciplinadas de forma alguma, mas erráticas.

Isto foi acrescido pelo poder sentido da vitalidade inibida do teu pai. Sentias que a combinação poderia varrer-te para o lado, e literalmente destruir-te. Vitalidade não direcionada e vitalidade indisciplinada sempre te

assustaram, e o ruído para ti representa as emoções tumultuosas e indisciplinadas que temias.

Este exercício fará muito para ultrapassar isto, pois és forte o suficiente e precisas de liberdade interior. Existe por trás de tal tumulto e energia aparentemente indisciplinados, uma direção que não pode ser percebida intelectualmente, mas pode ser sentida intuitivamente. E esta é a força que está por trás da tua própria arte e de toda a criatividade. (*Pausa.*)

Pode até servir como estrutura para a criatividade, pois destes materiais brutos podes forjar e direcionar energia para os teus próprios propósitos. Podes pegar nesse tumulto e usá-lo, mas não se te colocares contra ele. Nesse caso, é ameaçador para ti.

Vários sons avançam sobre ti. De um grito agudo dissonante, por exemplo, se ouvires, tu como artista podes sentir o eu que foi forçado a emitir aquele som, talvez surja daí um prémio, um excelente retrato, ou simplesmente uma boca única e individual. Ou uma paisagem que grita tal como a voz gritou.

Do som, do assalto dos ruídos do trânsito, se ouvires, podes emergir com o prémio — talvez um abstrato, com os sons pulsantes transferidos para ritmo e cor; ou talvez de novo um retrato, aqui, de uma personalidade compulsiva, impelida, e ainda assim por trás de tudo o propósito que não é facilmente visto, e a razão.

Dei-te alguns exemplos apenas para clarificar o que digo. Mas estas evidências de ação, aparentemente caóticas e indisciplinadas, fazem parte de estruturas internas que têm propósito e razão.

Como sabes, até o teu sistema físico reage quando te braceias contra estas coisas como irritações. Mas usadas corretamente podem levar-te a exaltações, e usarias tais exaltações depois de forma disciplinada e direcionada.

(“É por isso que o meu ouvido esquerdo me incomoda?”)

A luta; agora não deves lutar, Joseph, para bloquear esses estímulos que te irritam.

A tua mãe fez isso. Usa-os a teu favor. Aquilo que te incomoda representa precisamente os maiores desafios para a tua personalidade e capacidades.

Usados, podem ajudar-te a realizar-te ao máximo. Não é coincidência que seja o ouvido esquerdo o envolvido. Tens usado o simbolismo do certo e do errado. O ouvido direito, o ouvido errado, incomoda-te porque não

queres ouvir o que consideras sons maus. O ouvido esquerdo e a parte esquerda do corpo em geral estão também ligados ao inconsciente. E os sons estão de certo modo ligados ao teu sentimento em relação a tintas a óleo. Vês a ligação? (“Sim. Tenho-me saído muito melhor com os óleos.”)

Tens de facto, pois agora vês como podem ser usados, e verás como os sons podem ser usados. Os sons podem ser usados nas tuas pinturas como cores. Uma liberdade resultará deste exercício, embora possas sentir-te inquieto ao tentar.

(“Vou tentar.”)

A cristalização segue-se à experiência cristalizada. A arte nasce da emoção bruta, pelo menos no vosso sistema, que é depois cristalizada e disciplinada. O aparentemente caótico é reconhecido, sentido e depois posto em padrões. O que geralmente não se compreende, no entanto, é que as experiências aparentemente caóticas têm propósito. O estado do teu organismo físico interior, visto de outra perspetiva, é um estado caótico, mas trabalha para encontrar propósito.

Tens perguntas?

(“Acho que tem sido extremamente interessante e útil. Vou tentar estas coisas e em breve saberemos.”)

Muito bem. Ajudará também por vezes, quando ouvires várias vozes que te incomodaram no passado, tentares pensá-las em termos de imagens e cores. Noutras alturas simplesmente acompanha-as, sem tais ideias, e as tuas intuições trarão o seu próprio produto.

(“Sim.”)

Agora, a voz, pela sua própria definição, é agressiva, e pressupõe barreiras, pois ouvís apenas dentro de certos intervalos. Agora imagina como soariam estes sons do outro lado. Lá, não os podes ouvir. E imagina o impacto causado dentro do espaço, e a dança infinita de átomos que resulta.

Compreende também, e tenho a certeza de que compreendes (*sorriso*), que os sons penetram a matéria do teu corpo. Imagina as suas realidades de outras formas que não apenas auditivas. Podes fazer a tua pausa ou encerrar a sessão, como preferires.

(“Bem, acho que vamos ter de encerrar, embora me custe. Tem sido muito bom.”)

(22h52. A Jane não respondeu, ficando sentada calmamente, por isso depois de uma curta pausa disse boa noite ao Seth, assumindo que a sessão tinha terminado. Mas ela retomou como Seth.)

Uma nota: dentro do vosso sistema os sons formam estruturas, que os vossos olhos não percebem. Ser-te-ia útil pensar em pintar essas estruturas, pois noutros sistemas a voz é percebida desta forma.

(*Pausa.*) Agora, um músico traduz dados visuais como se fossem um padrão auditivo; recriando, digamos, e interpretando uma taça de uvas como uma determinada melodia de notas musicais.

(*Uma taça de uvas estava sobre a mesa de café à frente da Jane; ela ergueu um cacho enquanto fazia esta analogia.*)

Podes fazer isto na direção oposta, construindo a partir de sons estruturas visuais que são retratos completamente originais, criados a partir do som de vozes. Até paisagens, elementares mas frágeis, construídas a partir da voz flutuante do trânsito enquanto passa à tua porta. Como artista, usa tudo.

Agora direi boa noite, e dou-vos a ambos os meus melhores votos. Podes considerar esta sessão como o teu presente de aniversário.

(*Esta sessão foi realizada a 24 de Junho. O meu aniversário é a 20 de Junho.*)

(“Tens aniversários?”)

Muitos. Mal te poderia dar conta. (*Sorri.*) Agora não tenho aniversários, mas tive muitos, muitos dias de falecimento, mas agora tampouco tenho desses.

(Boa noite, Seth.)

SESSÃO 419

26 DE JUNHO DE 1968

(*A Pat Norelli, de Boston, presenciou a sessão. Gravou a última metade. Os três sentámo-nos para a sessão, como de costume, às 21:00. A Jane não sabia se seria o Seth ou a entidade dele a falar. Pouco antes de entrar em transe, às 21:15, sussurrou-me “O outro”, significando que a entidade do Seth falaria. Ela também experienciou o efeito de pirâmide nessa altura, mas não nos contou até à pausa.*)

(*Ver as sessões 407.^a a 413.^a para muitas notas acerca da nova personalidade, do efeito de pirâmide, etc. A Jane começou agora a falar, recostada na sua cadeira de baloiço, olhos fechados, com a voz novamente aguda, muito clara mas distante, muito distinta mas algo sem emoção, acabando as frases muitas vezes outra vez em tom ascendente. Pausas*

ocasionais, mas o ritmo variou consideravelmente, de bastante rápido a muito lento. Olhos abertos por vezes depois de a sessão começar.)

(Sem saudação)

Eu disse quem somos.

Não te preocupes com o conteúdo da carta.

(Há alguns dias a Jane recebeu uma carta longa de um leitor de Boston do seu livro de PES.)

Nós somos o Seth, e sempre que falámos fomos conhecidos como Seth. A entidade teve o seu começo antes do surgimento do vosso tempo.

Foi instrumental, com muitas outras entidades, na formação inicial de energia em forma física. Não estamos sós neste esforço, pois ao longo dos vossos séculos outras entidades como nós também apareceram e falaram. A nossa entidade é composta por múltiplos eus com as suas próprias identidades, muitos dos quais trabalharam nesta causa. O seu material e mensagens serão sempre basicamente os mesmos, embora as circunstâncias, épocas e lugares das suas comunicações possam ficar coloridos em conformidade.

Não precisas de te preocupar. *(Olhos abertos, semicerrados.)* Tens a tua própria situação e as tuas próprias condições com que lidar. Ensinámos o homem a falar antes de a língua conhecer sílabas. Adotamos quaisquer características de personalidade que pareçam pertinentes, pois, na nossa própria realidade, temos um banco de eus interiores completos, e somos todos Seth.

De novo, há muitos outros como nós. Procuramos traduzir realidades em termos que possais compreender. Mudamos de rosto e de forma, mas somos sempre o mesmo. Somos, portanto, sempre parte da mesma entidade, que é a entidade Seth. *(Longa pausa às 21:30.)*

Muitos de nós não nasceram em carne, como eu não nasci, mas outras porções da personalidade apareceram em carne; e alguma porção de nós nascerá sempre em carne, porque o que uma porção de nós sabe as outras porções de nós reconhecem, até certo ponto.

O Seth tal como o conheces não será reencarnado, mas outras porções da nossa entidade nascerão em carne, pois temos parte em todos os mundos e todas as realidades. Estamos entre as mais antigas entidades, nos teus termos.

De certo modo semeámo-nos através de universos sem fim. Fisicamente, achar-me-ias uma massa mais pequena do que uma noz

castanha, pois a minha energia está tão altamente concentrada. Existe em massa intensificada, emaranhada e entrelaçada com pontos-momento, talvez como uma célula infinita, existindo, no entanto, em dimensões sem fim ao mesmo tempo (*pausa*), e estendendo-se através de interconexões, mesmo da minha própria realidade, por outras, até ao teu quarto.

E, no entanto, numa massa tão pequena, essas intensidades contêm memórias e experiências, enroladas eletromagneticamente umas dentro das outras, pelas quais posso viajar, assim como posso viajar através de outros eus que conheci e que são uma porção da minha identidade — e assim como tu, tão grande e volumoso no teu tamanho, és ainda uma porção dessas memórias que existem dentro da minha identidade, e ainda assim tão belamente não predeterminado. Porque não existes como personalidades acabadas ou completas dentro da minha memória, mas cresces dentro da minha memória.

(Os últimos parágrafos notáveis foram ditos a um ritmo tão rápido que o meu método de estenografia mal conseguiu acompanhar.)

Tu cresces através da minha memória como uma árvore cresce através do espaço, e a minha memória muda à medida que tu mudas. A minha memória de ti inclui os teus eus prováveis, e todas essas coordenadas existem simultaneamente num ponto que não ocupa espaço.

A minha realidade inclui tudo isto e, ainda assim, essa realidade que é o meu eu muda constantemente à medida que as próprias coordenadas cumprem os seus valores. Falo contigo através de prismas multitudinários, e esses próprios prismas são coordenadas que mudam mesmo enquanto falo.

(21:40. A Jane ficou muito tempo imóvel na sua cadeira de baloiço, olhos fechados, enquanto eu esperava para ver se estava a fazer uma pausa curta ou uma interrupção. Finalmente sussurrou o meu nome. Chamei então o nome dela e toquei-lhe, e ela começou afinal a sair do transe.)

(Demorou algum tempo. Ao fim de quinze minutos tive de lhe trazer um cigarro, falar-lhe para a manter acordada, etc. Contudo, disse que não estava, nem estivera, com sono. Em vez disso tinha ficado “perdida” outra vez; tinha uma sensação de suspensão entre o Seth, a entidade dele e ela própria, a sua própria voz. Não ficou assustada e sabia que eu a ajudaria.)

(A Jane estava razoavelmente cá fora por volta das 22:00, embora ainda sentisse alguns efeitos. Sugeri que considerássemos a sessão

terminada, mas ela não concordou. Retomou pouco depois. De novo a voz estava aguda e formal, mas, a meu ver, não tão nítida, não tão distante. Havia mais da voz normal da Jane nela, um toque de sonolência.)

Disse-te que, de muitas maneiras, a personalidade do Ruburt atua como uma urdidura. Em certos coordenados ela existe em certos pontos que são pontos de entrada, e certos coordenados aqui fazem convergir canais informacionais que são abertos.

A personalidade é, em si mesma, uma fonte de energia. Ora, isto é bastante importante. A personalidade opera, e sempre operou, deste modo. Por si, é como um postigo ou uma área transparente através da qual outras áreas podem ser vislumbradas e através da qual informação de outras dimensões pode fluir.

Agora, a estrutura forte do ego foi adotada como guarda e proteção necessários para manter as capacidades sob controlo até que a personalidade presente aprendesse a desenvolver as suas capacidades a um nível suficiente. Pois a energia por detrás da personalidade poderia ter feito em pedaços a *(palavra perdida aqui) psicológica* temporária... até que preparação suficiente tivesse sido realizada. Portanto, não critiques esse ego.

A estrutura de ego da personalidade tinha de ser forte, pois a personalidade inteira é, em muitos aspetos, uma personalidade transparente através da qual podemos falar e através da qual outras realidades podem ser vistas. No mais básico, esta afirmação é para ser entendida literalmente e não simbolicamente. A personalidade, em si, é formada por componentes existentes em muitas realidades...

(Aqui a Jane estava sentada muito descontraída na sua cadeira de baloiço, recostada, olhos fechados, bastante lânguida, a voz a abrandar após uma entrega muito rápida, acima. Pensei que podia adormecer, ou assim pareceu.)

...e é um ponto de ápice. A personalidade, sem se aperceber, também opera como um transmissor, enviando mensagens a outras porções da realidade. As capacidades têm de ser usadas, os impulsos criativos, portanto, plenamente aproveitados em todas as áreas — a psíquica, a espiritual *(pausa)*, a mais terrena da escrita e da pintura —, pois esta energia varre a personalidade e não pode ser represada. *(Pausa.)*

A janela não se pode ver a si mesma, mas tu podes ver através da janela. Assim, esta personalidade nem sempre sabe ao certo o que faz, e, no

entanto, os resultados podem ser vistos. A personalidade é também transparente quanto à vossa natureza e, aprendendo a usar essas capacidades que lhe são naturais, pode então, com bastante facilidade, aprender a fundir a consciência com fenômenos naturais.

(A Jane permaneceu imóvel, lânguida, olhos fechados. A sua voz tinha baixado um pouco de tom e soava estranhamente abafada. Estive quase para terminar a sessão aqui.)

Estes Seths, esta entidade, foram em tempos uma parte dos antigos deuses da Terra, tal como o Ruburt escreveu sobre eles há anos.

(22:12. Chamei o nome da Jane várias vezes assim que ela fez uma pausa. A minha preocupação deve ter sido evidente.)

...Não há grande dificuldade. Vamos cortar...

(A voz da Jane desvaneceu-se. Chamei-a de novo. Mexeu-se várias vezes, tossiu, sobressaltou-se como quem regressa rapidamente do transe. Toquei-lhe no pé. Os olhos abriram-se e ela saiu disso mais depressa do que na pausa. Mais uma vez, contou-nos depois, teve o efeito de pirâmide ao fazê-lo.)

UMA EXPERIÊNCIA

29 DE JUNHO DE 1968

(Na sexta-feira, 21 de Junho de 1968, a Jane enviou o manuscrito do seu livro de sonhos para a Parker Publishing Company Inc., Village Square Building, West Nyack, NY. No sábado, 28 de Junho, chegou um postal da Parker com esta mensagem:)

27 de Junho de 1968

Cara Sr^a. Roberts:

Acusamos a recepção do seu manuscrito *Dreams, Astral Projection and ESP*. O nosso Editor Associado, o Sr. Charles Chintala, entrará em contato consigo em breve sobre este material.

Atenciosamente,

(Assinado) (Sr^a.) Helen Gorman

Secretária do Sr. Chintala

(A Jane estava a apanhar sol no quintal quando o correio chegou por volta das 14h40, e da sua posição não podia ver o carteiro chegar ou sair. Ela sabe, claro, que o nosso correio normalmente chega por volta das 15h.

Estava na companhia de duas jovens, uma das quais vive no apartamento por baixo de nós.)

(Eu estava a pintar no meu estúdio, fiz uma pausa e desci até à nossa caixa de correio à frente, onde fui buscar o correio. Ao ler o postal achei-o fora do normal, mais do que um simples acuse de receção. Voltei ao trabalho. Do meu estúdio podia ver a Jane e as outras lá em baixo, mas não lhe disse que o correio tinha chegado. Não o fiz porque me lembrei de um sonho recente da Jane, em que eu tinha apanhado o correio, depois gozava com ela por causa de uma carta otimista de uma editora, sobre o livro de sonhos. Passou-me pela cabeça que, acenando-lhe com o postal da janela do meu estúdio no segundo andar, quase podia tornar realidade essa parte do sonho.)

(No entanto, passados uns minutos, a Jane subiu; as duas outras já tinham entrado. A Jane entrou na nossa sala de estar e pegou no postal da Parker, depois de eu lhe perguntar se já tinha visto o correio. Um momento depois de ler o postal, sorriu e disse: “Há algo diferente nisto, não há?”)

(Concordei. De repente sugeri que a Jane colocasse um dedo no postal e visse que impressões podia obter.)

(Imediatamente, a Jane sentou-se à nossa mesa de sala, que é a sua mesa de trabalho, e colocou a mão direita sobre o lado da mensagem do postal. Eram 14h50. Peguei em papel e caneta. A Jane fechou os olhos, concentrou-se e deu o seguinte material, praticamente palavra por palavra:)

(Estão interessados. Também estão interessados no material do Seth. Podem muito bem aceitar o livro. Há três pessoas envolvidas. Estão mesmo muito interessados no livro, e pensam que é um potencial para outros livros também. Podem querer que eu corte os primeiros três capítulos — não cortá-los, mas condensá-los.)

(O ritmo dela foi normal. A Jane disse que quando teve de parar para se perguntar, em voz alta, até onde levar a experiência, interrompeu-a.)

(Só quando estava a datilografar estas notas às 21h do mesmo dia, a Jane percebeu que podia ter estado pelo menos num leve transe enquanto dava o material; ao início pensava que não tinha estado, mas depois apercebeu-se de que reteve apenas uma ideia vaga do conteúdo — apenas que era otimista. Mas não se lembrava de pormenores: que os primeiros três capítulos poderiam ser cortados, etc.)

(Estimamos que a Parker tenha recebido o livro na segunda-feira, 23 de Junho. O postal foi escrito e enviado a 27, quinta-feira, dando a alguém lá três dias para ler o livro, talvez fazer uma avaliação, etc. Nota que a resposta deu-nos a ambos a sensação de que algo invulgar estava envolvido. Um pouco mais tarde, mexendo no postal talvez meia hora depois de dar as impressões, a Jane disse que já não sentia nada de especial nele; parecia correio normal, simplesmente.)

(Achamos que tal psicometria de correio emocionalmente carregado é uma boa ideia, e a Jane decidiu continuar a experimentar desta forma. Queremos pedir ao Seth que comente esta experiência na próxima sessão em que fale.)

SESSÃO 420

1 DE JULHO DE 1968

(A noite estava muito quente e húmida; estava bastante desconfortável mesmo depois de ter chovido, e a Jane não tinha a certeza se teríamos sessão. Ela sentia que as condições não eram muito boas.)

(A 27 de Junho a Jane tinha recebido uma carta do Tam Mossman na Prentice-Hall, pedindo informações sobre o Dr. Instream, o Dr. Bernard, ambos psicólogos; e sobre o Ray Van Over. Conversámos sobre a melhor forma de responder à carta, e fizemos algumas notas para esse fim hoje. Mas essas notas eram insatisfatórias; tanto podia dizer-se que, mais uma vez, respostas a perguntas aparentemente simples podiam expandir-se com vida própria.)

(Antes da sessão desta noite a Jane e eu descobrimos durante a nossa conversa que cada um de nós tinha pensado em pedir ao Seth que respondesse à carta. Nunca fizemos isso antes. Ainda assim, não fizemos nenhum pedido formal para que o Seth escrevesse tal carta. Sentámo-nos para a sessão como de costume às 21h, à espera de ver o que acontecia. A Jane começou a falar em transe como Seth com uma voz bastante calma; olhos abertos frequentemente, pausas médias, etc.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora dá-nos um momento. (Pausa.)

Não pretendo rebaixar-vos. Contudo, apreciaria que esta noite atuasses como meu estenógrafo, numa questão de negócios. (“Com muito gosto.”)

Então tomarias a seguinte carta, dirigida ao Sr. Mossman e à Sr^a. Carr, em conjunto? Deixo ao teu critério indicar o endereço comercial. Agora, a carta:

Que esta carta sirva para nos apresentar. Sou o Seth. Como assuntos que me dizem respeito estão em causa, sinto que gostaria de fazer alguns comentários por minha conta, e encarrego-me de responder à vossa última carta, enviada à Jane Roberts.

Agora. O Dr. George Instream é um homem íntegro e correto, e muito cauteloso. É tão cauteloso que permitiu que o Dr. J.B. Rhine fizesse avanços no campo da parapsicologia que ele próprio poderia ter produzido, se tivesse sido mais audaz. Ele guarda ressentimento contra o Rhine até hoje.

Os nossos resultados com ele foram bons, no que diz respeito aos testes, embora tenha havido considerável distorção simplesmente porque as capacidades do Ruburt (*Jane*) ainda não estavam suficientemente desenvolvidas. Houve acertos diretos, por outras palavras, mas estes resultados não podiam ser avaliados matematicamente em termos das probabilidades contra eles; e era isso que o Dr. Instream procurava.

(Esta foi a primeira vez que o Seth mencionou o Dr. Instream para nós, desde que interrompemos os testes com ele. A série de testes, realizados duas vezes por semana, durou um ano.) O Robert e a Jane operaram num vazio, pois ele não lhes disse nada sobre os testes, negativos ou favoráveis. Nenhum psicólogo académico, incluindo o Dr. Instream, vos dará uma declaração a dizer que sou uma personalidade sobrevivente. O Dr. Instream dará uma declaração, creio eu, sobre o carácter do Robert e da Jane, a qualidade do próprio material do Seth, e o facto de que não há fraude de espécie alguma envolvida.

O Ray Van Over mal me conheceu. Não falei com ele diretamente. As impressões que foram dadas por mim através do Ruburt, na própria voz do Ruburt (*Jane*), foram corretas, no entanto, e creio que ele o confirmará.

Éramos todos completos estranhos na altura.

O Dr. Gene Bernard recebeu material excelente da minha parte, tanto no domínio da interpretação psicológica, como de impressões clarividentes. Dei uma sessão para ele a pedido da mulher dele quando estava doente, e nos arquivos do Ruburt a carta de resposta dele atesta a correção das minhas interpretações e impressões.

Algumas das primeiras afirmações fatuais feitas eram desconhecidas, creio eu, até para a mulher dele. Contudo, embora possam ver esses arquivos, não terei qualquer parte em demonstrar a minha própria legitimidade apontando as fragilidades da condição de um homem. Não era geralmente sabido que ele estava doente, ou as circunstâncias da sua doença.

Ele não sabia que a mulher dele tinha pedido a sessão, e não quero que isso seja sabido. Ele dar-vos-á uma declaração em meu benefício, mas não o tipo de declaração que talvez queiram usar. Ele participou numa sessão aqui pessoalmente, e podem pedir uma declaração sobre essa sessão.

(*Pausa.*) O Ruburt pode dar-vos quaisquer declarações comerciais que precisem relativas à venda dos seus livros. (*Longa pausa, olhos fechados.*)

Tenho sido principalmente um professor. Cartas de negócios não são a minha especialidade. (*Divertido.*) (“Estás a sair-te bem.”)

No entanto, quis contactar-vos eu mesmo em nome do meu amigo. (*Referindo-se à Jane.*) Sugiro agora um encontro em Elmira, altura em que quaisquer perguntas que tenham podem ser respondidas sem necessidade de longas e complicadas cartas.

Dá-nos um momento. Podem apagar essa frase da carta. (*Inclinando-se para a frente; confidencial e divertido, olhos abertos.*)

O meu material será publicado. (*Pausa.*) As probabilidades operam sempre, e o livre-arbítrio está sempre envolvido. Contudo, creio que serão vocês os meus editores. Envio-vos os meus melhores votos (*longa pausa*), e convido um ou ambos a virem cá. Podem assinar a carta Seth, e rubricá-la vocês mesmos. (*Com humor.*)

(“*Está bem.*”)

Agora podem fazer a vossa pausa.

(*A Jane reteve uma leve memória do que transmitiu como Seth. Retomou.*)

Agora. O livro sobre o material do Seth ainda não é uma realidade, mas o material do Seth é, e é sobre o material do Seth que o livro se baseará. Uma visita assim permitirá portanto um exame do material, ainda que breve. É tudo o que é necessário.

Podem ou não acrescentar isso à carta, como preferirem. (*Para mim:*) Esta será uma sessão extremamente curta. Tens alguma pergunta, Joseph?

(*Pelas razões que já explicou em parte, o Seth chama à Jane o Ruburt, e a mim, Joseph.*)

(“Não, acho que não.” Tinha algumas, mas pensei que a Jane gostaria de manter a sessão curta.)

Não pretendo ocupar as nossas sessões com este tipo de material, no entanto. Vou então encerrar a sessão. Os meus mais sinceros votos para ambos.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“Como é que o nosso tempo hoje afeta a comunicação contigo?”)

(Pausa; sorriso, olhos fechados.) Os elementos instáveis não ajudam. Os componentes eletromagnéticos da atmosfera e da personalidade estão ambos num estado de desequilíbrio, que muda muito rapidamente. Em algumas ocasiões estas circunstâncias podem contribuir para uma comunicação excelente. Como regra, no entanto, as condições são fracas.

(Ritmo a acelerar.) Certas alterações químicas e eletromagnéticas ocorrem dentro do sistema físico do Ruburt durante as sessões, e as manipulações são mais difíceis quando há muita instabilidade nos elementos ambientais e componentes físicos.

Como regra, a temperatura corporal, depois de certas fases preliminares, é reduzida durante o estado de transe do Ruburt. O calor, portanto, pode jogar contra nós por vezes. Todas as comunicações dependem de manipulações eletromagnéticas interiores, em qualquer caso, mesmo por exemplo imagens mentais, e a temperatura corporal está também relacionada aqui.

(Para benefício do T. Mossman e da Sr^a. Carr: Se eu interrompesse estes dados para fazer perguntas, o Seth poderia ter explicado em detalhe qualquer uma das afirmações gerais acima. Material desta natureza é frequentemente aprofundado em sessões seguintes.)

Há uma conversão de calor. Se a temperatura física for demasiado alta, no entanto, surgem quebras, particularmente no caso de imagens mentais comuns e, por exemplo, na receção de impressões clarividentes.

A estabilidade relativa do sistema físico durante o sono é uma das razões pelas quais as percepções extrassensoriais tantas vezes se manifestam então. Os sonhos ativam, no entanto, a temperatura física e todos os processos corporais. Exceto em períodos de calor físico extremo, no entanto, as alterações de temperatura e as alterações eletromagnéticas resultantes são facilmente convertidas em impressões legítimas de natureza clarividente, informações precognitivas, e assim por diante.

Em experiências fora-do-corpo a partir do estado de sonho, no entanto, há uma redução e não um aumento da temperatura corporal, mesmo que elementos de sonho estejam envolvidos.

Respondi à tua pergunta?

(“Sim, e de forma muito interessante também.”)

Pouco trabalho de investigação científica foi feito nestas áreas. As recentes experiências com sonhos são altamente superficiais neste aspeto. Até que a legitimidade das experiências fora-do-corpo seja reconhecida, não serão levadas a cabo experiências de investigação, claro.

Podes encerrar a sessão.

(“Está bem. Boa noite, Seth.”)

(Fim às 22h05. A Jane reteve uma leve memória, como antes, do conteúdo do material. As sessões costumam durar até às 22h30 ou 23h hoje em dia, por isso o fim antecipado mostra que as condições não eram as melhores. A Jane é pessoalmente bastante sensível ao calor.)

(As últimas palavras do Seth acima significam realmente que, na opinião dele, a Jane tinha estado em transe o tempo suficiente naquela altura. Ele teria continuado a responder perguntas se eu as tivesse feito, mas a Jane teria achado cansativo. Tantas vezes o Seth sugere que continuemos uma sessão quando as condições para comunicação são excelentes.)

(É 2 de Julho enquanto datilografo isto. Hoje a Jane escreveu ao Gene Bernard e ao Ray Van Over sobre as declarações. Hoje também recebeu um postal da mulher do Gene Bernard, a Sarah, que está a visitar o irmão no Equador, América do Sul, durante várias semanas.)

SESSÃO 421
8 DE JULHO DE 1968

(A Jane tinha tido dificuldades em escrever o seu livro sobre o material do Seth com a sua velha espontaneidade, e ambos estávamos preocupados. Esta noite trabalhámos com o pêndulo e começámos a compreender melhor as razões envolvidas.)

(Já era tarde quando nos sentámos para a sessão. A Jane começou a falar como Seth com uma voz normal, pausas, olhos abertos frequentemente, etc. Por vezes o ritmo dela aqui foi bastante lento.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora. O Ruburt tem mesmo de “preparar a bomba”, como dizem.

Deve começar a escrever. Não deve ler e reler interminavelmente apontamentos que fez, pois à medida que começa a trabalhar vai encontrar-se a escrever.

Ele resolve muitos problemas através do trabalho. Isto é natural para a personalidade. Se insistir em quatro a cinco horas por dia de trabalho definido, muitos dos seus problemas serão resolvidos a um nível intuitivo por ele. A determinação e energia necessárias para isto serão um sinal de melhoria. Isso fornece automaticamente o foco interior e a concentração necessários. Como sabes, a presença dele nesta cadeira (*olhos abertos, a Jane apontou para a cadeira Kennedy onde estava sentada*) à hora habitual das sessões fornece o mesmo tipo de concentração e foco noutra direção.

Agora, ele não tem medo de mim. Tem medo do desconhecido. Tem medo de entregar totalmente as suas capacidades e compromisso a algo que não compreende completamente. Há aqui um velho resquício religioso do seu passado católico.

Dá-nos um momento.

(Pausa de um minuto.) Já mencionámos isto antes. Na mente dele, religião estava ligada à auto-mortificação. Por um lado, opunha-se à espontaneidade. A igreja organizada temia-a. Por outro lado, o Ruburt era espontaneamente religioso.

Mesmo as freiras a quem lia poesia desconfiavam do seu fervor, e repreendiam-no. Desconfiavam da qualidade dramática. Os elementos espontâneos da sua natureza, como sabes, assustavam-no, pois outros davam-lhe severos avisos quanto a possíveis consequências.

Tentou abrandar. A espontaneidade reprimida ajudou a tornar as nossas sessões possíveis, e de uma forma ou de outra surgirá sempre. Depois, como sabes, a tendência oposta começou a manifestar-se.

Os métodos de trabalho diários permitem o uso e a libertação natural e periódica de ambos os aspetos da personalidade. A censura excessiva, quando aparece, mostra-se, claro, em todas as áreas espontâneas da sua vida — física, psíquica, criativa e espiritual.

(*Pausa. Entrega lenta aqui.*) Se mantiver um horário de trabalho diário — não precisa de ser rigoroso, mas habitual — e se tu tentares fornecer um papel calorosamente de apoio, como tens feito, então a situação pode ser largamente remediada.

Ele olha para ti para que olhes por ele nos assuntos psíquicos. Permite à sua espontaneidade liberdade nas sessões porque sabe que tu continuarás a assegurar-lhe aquelas características sensoriais habituais de que se liberta temporariamente.

Isto não é de todo invulgar nestas situações. Dá-nos um momento. (*Pausa.*) Ele desconfia da espontaneidade que é tão parte da sua natureza. Assim como por vezes se preocupa em ir “demasiado longe” quando dança, preocupa-se o mesmo em relação às sessões — até onde se pode confiar na espontaneidade, percebes? Contudo, ele deve confiar nela, e quando não o faz, as dificuldades acumulam-se.

No passado sentiu que tu também não confiavas na sua espontaneidade. A espontaneidade tem a sua própria força que o sustentará se a deixar. A tua preocupação inicial (*sublinhado*) com as sessões espontâneas assustou-o.

Tentou ser espontâneo e não espontâneo ao mesmo tempo. A espontaneidade tem o seu próprio ritmo, com períodos de descanso que surgem naturalmente. Esses ritmos naturais são perturbados quando se mexe neles assim.

A carta da Prentice fê-lo reagir com um surto de prazer espontâneo. Foi altamente terapêutico nesse sentido, e varreu antes da espontaneidade sintomas e problemas. O sistema purificou-se. A personalidade apareceu brevemente como devia ser. Um ou dois dias depois, no entanto, os “apertos” foram novamente aplicados e a velha situação regressou.

Foi, então, esse surto de espontaneidade causado pela carta que também o libertou para o próximo desenvolvimento natural nas nossas sessões. Podes fazer muito usando palavras muito simples para o

tranquilizar. As palavras são estas: “Estás seguro, e eu estou aqui. Estou a cuidar de ti.” É o medo pela segurança que está por trás disto. (*Pausa.*)

A espontaneidade acumulada, reprimida por demasiado tempo, agarra-se depois a períodos normais de baixa quando a personalidade está cansada, e surge como forte desalento, sentimentos de desolação, agravando períodos baixos normais. Pode transformar um aborrecimento menor em raiva, por exemplo; um dia de chuva num desastre criativo.

(*Pausa.*) Agora, o medo é pela segurança. As garantias, as palavras que te dei, ajudarão aqui. O medo é exagerado e desnecessário. É parcialmente resultado de experiências desta vida e de experiências na última vida. (*Longa pausa.*) Foi, até certo ponto, agravado por livros que contam a experiência de vários médiuns, e pelo que ele leu sobre a atitude de parapsicólogos em relação a eles. Ele projetou então esses sentimentos. Foram adotados, pois ninguém o tratou dessa forma.

Infelizmente a situação também envolveu as vossas vidas íntimas. A relação íntima acrescentou ao Ruburt uma sensação de segurança. As recomendações regulares de escrita dadas aqui ajudarão também nesse aspeto.

Esta não é a noite para começar o meu livro. (*Com humor.*)

Dá-nos um momento. (*Pausa.*) A escassez de sessões é um sintoma do medo da espontaneidade. O medo do desconhecido, mencionado antes, não é um medo do fenómeno psíquico, nem do esforço psíquico. É uma máscara, para um medo da própria espontaneidade dele.

Ele foi-lhe dito em condições emocionalmente carregadas, como sabes, pela mãe, que poderia ou iria perder a mente. Ligou isto a qualquer ação espontânea forte da sua parte, independentemente da natureza dela. Um exemplo: uma vez achou emocionante andar de automóvel a grande velocidade. Agora isso assusta-o. Mas para ele qualquer espontaneidade carregava o mesmo perigo que, digamos, conduzir depressa definitivamente tem.

Quando se viu tão envolvido de forma espontânea, abrandou, literalmente. Ele está a resolver estes problemas ao seu próprio ritmo. É a única forma como serão resolvidos.

Antes, os sintomas em si mascaravam a falta de espontaneidade na escrita. Agora os sintomas não são tão pronunciados e o outro problema, que lá estava, mostra-se. A mãe dele, apesar de todo o seu emocionalismo, enfatizava o controlo intelectual, contrastando-o com a falta de controlo do

pai. O Ruburt está na ponta final destes problemas interiores que têm estado nesta vida desde a infância.

Esta sessão deve lançar bastante luz sobre eles. Nunca sugeriria continuar com as sessões à custa da saúde mental ou física do Ruburt.

As tuas mãos estão cansadas?

(“Não.” Eram 22h45.)

O problema dele é precisamente este: a necessidade e a capacidade de se lançar de corpo e alma e de forma espontânea num esforço criativo, e o medo de o fazer. Podes fazer uma pausa ou encerrar a sessão como preferires. Podes também fazer-me quaisquer perguntas.

(“Vamos fazer a pausa.”)

(22h45. A Jane saiu do transe facilmente, embora tenha dito que foi uma boa sessão. Durante a pausa fiquei muito desencorajado. Estava zangado e desiludido; temia que a Jane e eu nunca conseguíssemos superar os nossos problemas e cumprir o nosso potencial, que eu sabia ser excelente. Preocupava-me especialmente que a Jane não conseguisse ultrapassar os problemas, tão explicitamente delineados pelo Seth, acima, e assim eliminar os sintomas. Não via como ela poderia realmente dar total liberdade à sua grande espontaneidade criativa, para realizar as coisas que eu sentia que ela tinha dentro dela.)

(Disse o que pensava, contando à Jane um pouco do que o Seth tinha dito. A minha má disposição alarmou-a.)

(Retomado às 22h55.)

Agora. Meus caros Joseph e Ruburt...

As tensões e pressões também criam os desequilíbrios que iniciam o esforço criativo. Da parte do Ruburt, as primeiras experiências religiosas também iniciaram a profunda busca por conhecimento interior que está por trás de todo o esforço criativo, e que serviu de impulso.

Os problemas particulares foram estabelecidos pelo eu interior como desafios e guias de aprendizagem. A personalidade resolve os problemas, não necessariamente da forma mais simples, objetivamente falando, mas da forma que mais beneficiará a personalidade como um todo.

A qualidade dos desafios é frequentemente um indício das alturas que são possíveis. No pano de fundo inicial de cada indivíduo, em cada vida, encontrarás o material para o desenvolvimento. O desenvolvimento a ser baseado em problemas ultrapassados e desafios aceites e conquistados.

Não dás problemas complicados a um idiota para resolver. Dás-lhe problemas simples.

Personalidades empenhadas em grandes empreendimentos muitas vezes impõem a si mesmas grandes problemas. Os problemas não são sem significado. São como exames. (*Longa pausa.*) Na situação do Ruburt no presente, ele está, nos teus termos, a libertar-se. Acabou de passar por um dos problemas mais difíceis que estabeleceu para si mesmo.

O próximo será usar as capacidades que então estará livre para usar, corretamente. Sem o desafio passado, ou um semelhante, os vários elementos da personalidade não estariam suficientemente unidos, fortes o bastante, para suportar as capacidades que estiveram latentes dentro dela.

Isto também se aplica a ti. Aplica-se muitas vezes àqueles cujas capacidades, nos teus termos, se manifestam mais tarde em vez de mais cedo na vida. (*Pausa.*) Não se trata de quão melhor teria sido se as capacidades tivessem amadurecido mais cedo. As capacidades, seja qual for o seu poder ou força, são parte de ti; não são algo objetivo que possuas. Nem as podes comparar às capacidades dos outros. Um jovem pode abusar e não compreender as suas próprias capacidades se forem mais fortes do que as outras estruturas de personalidade que compõem a sua identidade. Muitas das tuas próprias experiências fortaleceram as tuas capacidades. As tuas experiências não te impediram de usá-las — as capacidades — mais do que te ajudaram a formá-las.

Poderias ter escolhido não desenvolver essas capacidades latentes de todo. Poderias ter desenvolvido outras capacidades latentes em seu lugar. Decidiste a tua situação de vida particular com certos problemas e desafios em mente. Ao ajudares o Ruburt a libertar e usar a sua própria natureza espontânea e forte, também libertas o teu próprio eu espontâneo. Esse problema particular é também um desafio e uma via de desenvolvimento para ambos.

A situação, quando estiver resolvida, resultará talvez na melhor possível para ambos, de todos os pontos de vista, e tal não seria possível se tivesses seguido um caminho mais simples. A oportunidade de usar as tuas capacidades é, pois, maior. Os problemas que encontraste conduzem a um reconhecimento interior e a compreensões que acrescentam qualidade ao teu trabalho, e na verdade melhoram a natureza das próprias capacidades.

Agora, podes fazer a tua pausa ou encerrar a sessão, ou fazer perguntas se preferires.

(“O que pensas da série de sonhos da Jane, envolvendo o livro de sonhos?”

(Desde Fevereiro a Jane tem tido uma série de sonhos e experiências em tempo psicológico envolvendo o seu livro de sonhos, que está agora na Parker. Todas as experiências foram corretas até à data. Mostrou-me hoje um relato datilografado de três páginas deles. O mais recente, a 5 de Julho, mostrava o livro de sonhos como publicado.)

A Jane, como Seth, sorriu, olhos fechados.)

Agora. As tensões e pressões da personalidade. Os problemas pessoais aqui levaram a um aumento de espontaneidade no estado de sonho, e a mais provas de clarividência. As partes espontâneas do eu vieram em auxílio de outras partes. As reações nervosas resultaram na verdade num uso mais específico e detalhado da clarividência.

Uma necessidade foi satisfeita. No passado o Ruburt não teria permitido isto. A minha resposta diz-te, claro, que o último sonho foi também precognitivo.

Tenho uma nota: o saltar à corda faz-lhe bem, e ele deve continuar. Deve procurar movimento. Tens mais perguntas?

(“Não, já está a ficar tarde, acho eu.”)

Acredito que esclareci vários pontos esta noite, e dei-vos conselhos específicos, a ambos. Devem ser seguidos.

Os meus mais sinceros votos para vós ambos, e boa noite. O meu livro virá.

(Enfático e bem-humorado, batendo no braço da cadeira.)

(“Bom. Fico contente por ouvir isso. Boa noite, Seth.”)

(23h26. A Jane saiu do transe facilmente outra vez. Desta vez, disse, o transe tinha sido ainda mais profundo.)